

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA- DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA DO NORTE E NORDESTE DO BRASIL

**OS INTELECTUAIS DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS
E LETRAS – ASEL – E A INVENÇÃO DA CIDADE LETRADA
(1943-1973)**

Autor: Francisco Dênis Melo

ORIENTADOR: Dr. Durval Muniz de Albuquerque Junior

RECIFE

2013

FRANCISCO DÊNIS MELO

**OS INTELLECTUAIS DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E
LETRAS – ASEL – E A INVENÇÃO DA CIDADE LETRADA (1943-
1973)**

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História
da Universidade Federal de Pernambuco,
como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Doutor em História.

RECIFE

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Catlogação na fonte

Bibliotecário Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB-985

M528i Melo, Francisco Dênis.

Os intelectuais da academia sobralense de estudos e letras – ASEL – e a invenção da cidade letrada (1943-1973) / Francisco Dênis Melo. – Recife: O autor, 2013.

431 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Junior.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, 2013.

Inclui referência.

1. História. 2. Academia – Instituições e sociedades culturais. 3. Memória autobiográfica – Sobral (CE). I. Albuquerque Junior, Durval Muniz de. (Orientador). II. Título.

981 CDD (22.ed.)

UFPE(BCFCH2013-53)



ATA DA DEFESA DE TESE DO ALUNO FRANCISCO DÊNIS MELO

Às 9h. do dia 14 (quatorze) de outubro de 2013 (dois mil e treze), no Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para julgamento da defesa de Tese para obtenção de grau de Doutor apresentada por **Francisco Dênis Melo** intitulada "**OS INTELECTUAIS DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS - ASEL - E A INVENÇÃO DA CIDADE LETRADA (1943-1973)**", ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "**APROVADO**", em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Durval Muniz de Albuquerque Júnior (orientador), Regina Beatriz Guimarães Neto, Flávio Weinstein Teixeira, Márcia Almeida Gonçalves e Gleudson Passos Cardoso. A validade deste grau de Doutor está condicionada à entrega da versão final da tese no prazo de até 90 (noventa) dias, a contar da presente data, conforme parágrafo 2º (segundo) do artigo 44 (quarenta e quatro) da resolução Nº 10/2008, de 17 (dezessete) de julho de 2008 (dois mil e oito). Assinam a presente ata os professores supracitados, o Coordenador, Prof. Dr. George Felix Cabral de Souza, e a Secretária da Pós-graduação em História, Sandra Regina Albuquerque, para os devidos efeitos legais.

Recife, 14 de outubro de 2013.

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Prof^ª. Dr^a Regina Beatriz Guimarães Neto

Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira

Prof^ª Dr^a Márcia de Almeida Gonçalves

Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso

Prof. Dr. George Felix Cabral de Sousa

Sandra Regina Albuquerque

Em memória de Dr. João Ribeiro Ramos, organizador do mais substancial arquivo sobre a Academia Sobralense de Estudos e Letras.

Para Monsenhor Francisco Sadoc de Araújo, o Padre Sadoc, como é mais conhecido, em seus dias sem luz, ele que um dia me ensinou o amor aos livros.

AGRADECIMENTOS

Foram praticamente quase cinco longos anos de Doutorado, em que durante dois anos e meio foi construído este texto. Um ano inteiro morando em Recife, frequentando a UFPE, longe da família, longe de Sobral, de suas ruas tortuosas, seu bairrismo exacerbado e quase doentio. Um ano inteiro em Recife, reaprendendo a abrir portas e a morar sozinho, convivendo com outras pessoas, com outros mundos, caminhando por suas ruas aos sábados, a caminho da livraria predileta. Por tudo isso, tenho que agradecer a minha companheira de 16 anos de convivência, Clévia Melo, que segurou a barra, ficando em Sobral com nossas duas filhas, Beatrice Melo e Lua Clara Melo.

Agradeço ao colegiado do Curso de História da UVA, especialmente aos professores Agenor Soares Silva e Carlos Augusto Pereira dos Santos, coordenador e coordenador adjunto, respectivamente, que fizeram o possível para aliviar meu fardo de trabalho em 2010 quando, por um problema burocrático UVA, tive que voltar à sala de aula em plena escrita deste trabalho.

Agradeço a Gildácio Sá, que muito gentilmente digitalizou documentos fundamentais para esta pesquisa. A senhora Madalena Ponte, bibliotecária do Setor de Obras Raras da Biblioteca Menezes Pimentel e da Biblioteca da Academia Cearense de Letras, por sua disponibilidade e gentileza.

Agradeço aos professores da linha de pesquisa Cultura e Memória da UFPE, especialmente aos professores Antonio Paulo Rezende, Regina Beatriz e Jorge Siqueira, com quem convivi um pouco e aprendi muito.

Agradeço a FUNCAP-Ce, órgão de fomento à pesquisa que me possibilitou *incríveis* seis meses de bolsa durante todo o Doutorado.

Agradeço principalmente ao meu orientador, Prof. Durval Muniz de Albuquerque Junior pela orientação segura, palavra amiga e inspiração, qualidades estas que me permitiram chegar ao término deste trabalho. O prazer de trabalhar ao seu lado, de ter sido seu aluno, foi uma experiência muito preciosa para mim.

RESUMO

O presente trabalho trata da invenção da cidade de Sobral - CE como cidade letrada, enobrecida e intelectual, a partir das atividades da Academia Sobralense de Estudos e Letras - ASEL, fundada em 1943, no influxo das mudanças perpetradas na cidade quando de seu aniversário de centenário em 1941. Nosso recorte temporal compreende o período que vai de 1943, data inicial da ASEL, até 1973, data em que se comemorou o bicentenário de Sobral, evento organizado pela Academia.

Nesta perspectiva são analisados os fatores de construção do arquivo que enseja a invenção do que seria a cidade letrada, na confluência de textos literários tais como o romance *Luzia-Homem* (1903), de autoria de Domingos Olímpio, e históricos, como o livro de Monsenhor Fortunato Alves Linhares, *Notas históricas da cidade de Sobral - 1712-1922* (1945), que investe no sentido de estabelecer o lugar da Vila Distinta e Real de (1773) como um dos marcos da cidade intelectual. A estratégia visava fazer do passado o *lugar da história* de Sobral.

Dentro de uma concepção teórica e metodológica ligada a História Intelectual de caráter francesa, tratamos da análise das sociabilidades literárias, a organização dos intelectuais, o investimento na tentativa de entendimento dos seus modos de filiação, de seus interesses, manifestações e análise de discursos, nesse sentido a importância da utilização de autores como Jean-François Sirinelli, Helenice Rodrigues da Silva e Ângela de Castro Gomes, entre outros.

Com esta pesquisa pretendeu-se contribuir para a pluralização das interpretações sobre a história de Sobral, compreendendo essa história a partir das experiências letradas organizadas pela ASEL.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas letradas. Academia. História. Sobral.

ABSTRACT

The creation of the Academy of Research and Literature (Academia de Estudos e Letras de Sobral (ASEL)) in 1943 set forth the creation of the assumption that the city was a noble, erudite and intellectualized setting. Our investigations and reflections point out to the importance of the festivities and changes undergone during and subsequent to centenary of the founding of the settlement in 1941. In this particular work we have decided to concentrate in the period taken from the beginning of the ASEL's activities to the year of 1973 when it organized the commemorations of the Bicentenary of the elevation to Village (Town) status.

In this realm we analyze what come to compound the archive of this imagined literary and erudite city such as the romance of Domingos Olímpio, *Luízia-Homem* (1903), and the historical essays such as those written by Monsenhor Fortunato Alves Linhares, *Notas Históricas da cidade de Sobral – 1772-1922*, published in 1945. In this last piece we identify the elements that state to locate in the Vila Distinta e Real de Sobral of 1773 the marks that instate the intellectualized city. The strategy was to *locate* in the cities past its history.

Our theoretical and methodological paradigms reflect the influence of French Intellectual History School, as we analyze sociability's in the literary circles, how intellectuals organize themselves and the way they invest in the various filiations strategies according to their interests. In our own academic exercise we take on to understanding the phenomena through the analyses of their manifestations and to discourse analyzes as in Jean-François Sirinelli, Helenice Rofrigues da Silva and Ângela de Castro Gomes.

This investigation and its results strive to contribute to a more plural understanding and interpretation of the History of Sobral, taking the literary and intellectual experiences envisaged and organized by ASEL.

Key words: literary practices, academy, History, Sobral.

LISTA DE TABELAS

1 - Assuntos e autores publicados na Revista da Academia Sobralense de Letras ASL, em 1922.....	101
2 - Diretoria provisória da ASEL em 1945.....	127
3 - Diretoria provisória da ASEL e seus novos membros em 1943.....	130
4 - Membros fundadores da ASEL e suas respectivas profissões.....	133
5 - Sócios da ASEL e seus patronos.....	142
6 - Profissões liberais na cidade de Sobral na década de 1940.....	184
7 - Composição dos sócios no ano de fundação da ASEL em 1943.....	204
8 - Artigos e poesias publicadas no Boletim da ASEL.....	319

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1 - Revista da Academia Sobralense de Letras de 1922.....	99
2 - Brasões Imperiais (Museu Dom José).....	188
3 - Armaria Imperial (Museu Dom José).....	188
4 - Álbum O Cententenário – 1941.....	242
5 - Monsenhor Vicente Martins da Costa.....	290
6 - Brasão da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL.....	294
7 - Boletim da ASEL.....	316
8 - Revista da ASEL.....	355
9 - Inauguração do Monumento ao fundador da cidade Antônio Rodrigues Magalhães em 1973.....	405

LISTA DE SIGLAS

NEDHIS - Núcleo de Estudos e Documentação Histórica do Curso de História da UVA

ASL - Academia Sobralense de Letras

ASEL - Academia Sobralense de Estudos e Letras

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	
1 - Sobral e a invenção do arquivo da cidade letrada.....	22
2 - A cidade do desejo: Sobral, ou a formosa cidade intelectual e distinta.....	43
3 - Para além da cidade formosa e intelectual: Sobralenses, não! Cassacos.....	66
4 - Entre a fundação e a invenção da Academia Sobralense de Letras.....	87
5 - A Academia Sobralense de Estudos e Letras, entre a continuidade e a invenção....	117
CAPÍTULO 2	
1 - A historia local e a transubstanciação do passado em presente.....	146
2 - A Academia Sobralense de Estudos e Letras e o tênue fio das letras e as "catacumbas" da intelectualidade.....	171
3 - Os Estatutos da Academia Sobralense de Estudos e Letras e a miopia e a perplexidade dos iletrados.....	196
CAPÍTULO 3	
1- A Academia Sobralense de Estudos e Letras e seus homens de projeção.....	208
2 - A vida dos homens de projeção: entre a biografia e a apologia.....	223
3 - A Academia Sobralense de Estudos e Letras e os vultos de Sobral.....	231
4- A Academia Sobralense de Estudos e Letras e a "Teoria do expoente".....	246
5 - Uma Academia entre o local, o nacional e a vida de Dr. José Sabóia de Albuquerque.....	264
CAPÍTULO 4	
1 - " <i>EXIGI MONUMENTUM AERE PERENIUS</i> " - "Erigi monumento mais duradouro que o bronze".....	289

2 - Sessões da Academia Sobralense de Estudos e Letras: entre o ordinário e o extraordinário da história e da memória.....	298
3 - A Independência nacional e o aniversário da Academia.....	328
4 - A encenação do discurso de recepção aos novos sócios da Academia.....	337
5 - "Tiradentes, soldado, conspirador e mártir".....	348
6 - Entre homens e livros: A biblioteca da Academia Sobralense de Estudos e Letras.....	356
7 - Para a Academia "No passado o futuro era melhor"?.....	369
8 - A Academia Sobralense de Estudos e Letras e o futuro no presente.....	393
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	409
FONTES.....	413
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	415

INTRODUÇÃO

Articular história e tempo, “tornar inteligíveis os processos sociais parece ser a tarefa do historiador”¹ que, movendo-se incessantemente entre centros e periferias, atalhos e margens, constrói suas conclusões sempre provisórias. Mas o historiador também é gente, no sentido de estar produzindo suas tramas e enredos na carnadura de sua vida, no afã de seus desejos, na esperança de seus dias. E como historiadores, lançamos constantemente o olhar para fora dos livros, levantamos a cabeça, como sugere Italo Calvino, e vemos para além da página, do rodapé, da citação, da “cerca epistemológica” de nossos confrades, por isso arriscamos sempre imaginar que é possível pensar a história como um mergulho no prazer, como “uma arte de inventar o passado” reinventando o presente.

A escrita deste trabalho nasceu de um descaminho. Quando, em nossas deambulações pelo Arquivo Padre João Mendes Lira, disponível no Museu Dom José de Sobral², procurávamos postais da década de 1970 da cidade de Sobral, desejávamos juntar documentação, forjar argumentos, fazer arquivo para um futuro projeto para doutorado, quando nos deparamos com o livro de atas da Academia Sobralense de Estudos e Letras-ASEL, datado de 1943 a 1953. Tal livro havia sido retirado do acervo da Academia pelo padre, que era um de seus membros, numa data impossível de ser afixada. O fato é que, em meio a vasta documentação de seu arquivo, o livro de atas estava lá, dormitando entre papéis e documentos, respirando compassadamente, esperando em sua trama que um pesquisador lhe descobrisse as dobras, rugas e rugas. Foi assim, por acaso, entre buscas e desencontros que a ASEL surgiu mais concretamente para nós. Antes só conhecíamos a Academia de notícias fugazes no jornal sobralense *Correio da Semana* e de uma manifestação ocorrida em 2006, organizada por estudantes do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú

¹OLIVEIRA, Raimunda Ivoney Rodrigues. *Gustavo Barroso: a tragédia sertaneja. A criação do personagem popular – 1912-1959*. Coleção Nossa Cultura. Foz de Iguaçu: Secult, 2006. p. 21

² Quando do falecimento do padre João Mendes Lira em 2006, o seu arquivo pessoal, de acordo com o seu desejo, deveria ser doado ao Museu Dom José. Na ocasião era diretora do mesmo a professora Glória Giovana S. Mont’Alverne Girão, também professora do Curso de História da UVA, que decidiu dividir o arquivo em duas partes, ficando uma parte no museu outra no NEDHIS – Núcleo de Estudos e Documentação Histórica do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Apesar da boa vontade da diretora do museu, essa atitude trouxe muitos prejuízos para a totalidade do arquivo que, ao ser dividido, sofreu alguns danos irreparáveis, como a perda de anotações, pequenos textos, bilhetes, entre outros documentos digamos assim mais sensíveis. Outro problema, foi como proceder a escolha do que deveria ficar no museu e o que deveria ser enviado ao NEDHIS.

- UVA, que numa manhã de sábado, numa atitude iconoclasta, resolveram “enterrar” solenemente a ASEL. Aquele gesto carnavalesco, a procissão colorida pelo centro da cidade, a parada mais do que obrigatória na porta do prédio da ASEL, aparentemente não nos incomodaram, porque sentíamos a Academia muito distante de nossa realidade.

Ouvíamos falar da Academia, mas era uma voz que vinha de longe, que se quebrava ao vento, que resvalava entre folhas secas e nada mais. Encontrar o livro de atas, apenas isso, naquela manhã, foi um acontecimento inspirador. Folheamos o livro, lemos algumas atas, escritas em letra caprichada, legível. Lemos e sentimos uma possibilidade de pesquisa, de encontro com uma história, de sinal de um “tempo áureo” presente numa instituição literária que sinceramente não sabíamos divisar mais do que um vácuo. A partir de então abandonamos os postais (que temos guardados) e começamos a juntar outros materiais sobre a ASEL, tarefa difícil, muito difícil, pois apesar de seus 70 anos, completados agora em 2013, a Academia nunca prezou por resguardar seus documentos, seus arquivos, pelo contrário, os seus sucessivos presidentes de certo modo se apropriaram de parte de sua documentação, de modo que muita coisa ficou “perdida” entre os pertences pessoais dessas pessoas. Conseguimos, no entanto, achar alguns caminhos, iluminar trilhas, apontar começos, insinuar possibilidades. Cavamos um terreno duro, mas achamos água. A *fonte* brotou, ainda que parcamente. Foram gotas, mas suficientes para dessedentar um pouco nossa sede naquele momento. Assim, foi em arquivos pessoais e institucionais, como o já citado arquivo Padre Mendes Lira preservado no Museu Dom José e no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica da Universidade Estadual Vale do Acaraú, no setor de Obras Raras da Biblioteca Menezes Pimentel em Fortaleza, na Biblioteca da Academia Cearense de Letras, no arquivo pessoal de Dr. Ribeiro Ramos, ex-presidente da ASEL que encontramos os rastros que possibilitaram este trabalho.

Ao nos debruçarmos especialmente sobre os arquivos pessoais do Padre João Mendes Lira e do Dr. Ribeiro Ramos, nossa intenção foi “buscar iluminar o caráter construído dos arquivos, examinando as práticas e os discursos”³, ou seja, sua existência como um campo de força, em que se procurou discutir “sobre o lugar dos arquivos na produção do saber”⁴, e mais do que isso, sobre a produção do conhecimento histórico a

³ HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo. A construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012. p. 17.

⁴ *Ibidem*. p. 17.

partir desse espaço de acumulação e consignação, como sugere Jacques Derrida. E ainda, procurar entender como esse espaço “estoca por antecipação e pré-arquiva um léxico que a partir daí, deverá fazer a lei e *dar a ordem* contentando-se em nomear o problema, isto é, o tema”⁵. Portanto, para nós, os arquivos analisados são, fundamentalmente, espaços de nomeação de problemas, de busca e análise de um léxico muito específico, como intelectual, sobralense, distinção, academia, história e, principalmente, passado, que como veremos, construirá elementos de composição que darão um tom peculiar à narração da história da cidade de Sobral na ótica da ASEL e de seus intelectuais, acenando assim, em nossa análise, para as considerações sobre os usos políticos do passado e da memória.

Hoje, quando nos debruçamos sobre os arquivos, já temos em mente que estamos diante de um espaço que “é visto como agente na construção de “fatos” e “verdades”, e que o arquivo não é mais, como era entendido pelo Positivismo e por certo Cientificismo, “um espaço inerte que guarda a informação a ser explorada por aqueles que buscam a verdade dos fatos”⁶. A verdade não está mais depositada no arquivo, este, isto sim, “constitui a verdade que guarda e revela, assim como aquela que omite e silencia”⁷. Nesse sentido, pensar o arquivo na acepção de Michel Foucault, que o entende como “um jogo de relações que caracterizam particularmente o nível discursivo”, um “sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”⁸, foi um caminho teórico fundamental para que o arquivo fosse tratado por nós como um espaço para além de sua materialidade.

Trilharemos neste trabalho os caminhos da chamada História Intelectual. Sabemos da complexidade dessa temática, em vista mesmo das peculiaridades de cada país com relação a essa questão, por isso o horizonte é amplo e muitas vezes díspar. Nesse sentido,

Houve uma História Intelectual à maneira de Arthur Lovejoy, de Pierre Mesnard, de Lucien Febvre, de Sheldon Wolin, de Isaiah Berlin, da mesma forma que há uma História Intelectual á francesa – com destaque atual para os trabalhos de Jean-François Sirinelli, Michel Winock e Roger Chartier – assim, como há também uma História Intelectual ao sabor anglo-saxão, da qual são expressões

⁵ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo. Uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 17.

⁶ HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo*. Op. Cit. p. 23

⁷ *Ibidem*. p. 23.

⁸ Ver: FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

culminantes, atualmente, nomes dos dois lados do Atlântico, como os norte-americanos Robert Darton, Martin Jay, Dominique LaCapra e os ingleses Quentin Skinner, John Dunn e John Pocock⁹.

Em vista dessa “Babel de contrastes”, a tendência desse trabalho é seguir de mais de perto a perspectiva da História Intelectual de sabor francês, por isso o investimento na tentativa de entendimento das redes de sociabilidade, dos modos de filiação, dos interesses, manifestações e análise do discurso intelectual, nesse sentido a utilização de autores por exemplo como Jean-François Sirinelli, ao mesmo tempo em que citaremos autores nacionais que têm sua obra pautada por essa tendência historiográfica, tais como Helenice Rodrigues da Silva e mesmo Ângela de Castro Gomes. Nesse sentido nossas reflexões se encaminharão para o entendimento de uma concepção mais restrita do que seja intelectual, como sugere Gomes, tratando-o como intelectual como um agente da produção de bens simbólicos, em constante relação e tensão com a arena política, sendo capaz, por isso mesmo, de produzir “visões de mundo”¹⁰.

Como necessariamente todo historiador precisa fazer escolhas na confluência de suas escolhas teóricas e metodológicas, decidimos atravessar, interpolar nossa problemática, qual seja, a construção e invenção da cidade de Sobral como cidade letrada, intelectual e distinta, com passagens do romance *O vendedor de passados* (2004), de José Eduardo Agualusa, escritor angolano, cuja obra, em especial a obra em tela, procura reinventar memórias e assim abrir possibilidades para se repensar o passado, o presente e o futuro de Angola, estabelecendo a partir de sua obra um “pacto ficcional” com a história daquele país... Assim, quando problematizamos a ASEL como lugar de construção e manutenção de um bem articulado discurso sobre a História de Sobral, sobre o que seriam suas tradições intelectuais que implicavam, entre outras coisas, fomentar o passado da Vila Distinta e Real de Sobral (1773), a qual segundo esse discurso, era responsável pela criação de uma “civilização distinta” no Vale do Rio Acaraú, ou seja, na cidade de Sobral, entendíamos que muitas questões tratadas no romance poderiam nos ajudar a relativizar pontos como identidade, passado e memória, e assim procedemos, abrindo uma interlocução entre história e a literatura e entre a literatura e a história, interlocução saudável para as duas disciplinas.

⁹ LOPES, Marcos Antonio. *Apresentação à obra Grandes Nomes da História Intelectual*, organizado por esse autor em 2003.

¹⁰ Ver: GOMES, Angela de Castro Gomes. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

Consideramos ainda que Deleuze poderia nos encaminhar para algumas questões fundamentais, no contexto de nossas reflexões, na medida em que entende que “os conceitos devem intervir, com uma zona de presença, para resolver uma situação local”¹¹, de modo que conceitos como o de cidade intelectual pretendiam assim “intervir, com uma zona de presença” para tentar “resolver uma situação local”, no sentido de que era necessário forjar um conceito que abarcasse o fato de Sobral ter sido a única vila do Ceará a receber o pomposo título de Vila Distinta e Real de Sobral, e por isso, como consequência da presença de colonizadores considerados distintos, uma aura intelectual envolveria desde então a cidade.

Essa é a principal questão dos intelectuais: a Vila Distinta e Real de Sobral teve um passado que não poderia ser esquecido, nesse sentido refletimos que “se o passado esperasse um novo presente para constituir-se como passado, jamais o antigo presente passaria nem o novo chegaria”¹², de modo que os intelectuais que militaram e militam na ASEL procuram localizar o que seria uma força épica da história da cidade, naquele passado-presente. Eles não queriam basicamente “um novo presente”, mas o “mesmo passado”, pois de outro modo não teriam como marcar suas supostas origens e efetuar suas convicções.

Portanto, o passado não deveria passar. Em Sobral tudo estaria dado quase para sempre na Vila. Nesse sentido os conceitos construídos, intervindo em zonas opacas da história da cidade, como as tradições intelectuais, ou mesmo o conceito de enobrecimento, ganhariam força e legitimidade a partir de muitos discursos de acadêmicos e historiadores acadêmicos que lavraram sua escrita na confluência de um legado que seria diferenciado e deixado como promessa para os homens do presente e do futuro.

Outra “zona de presença” no discurso intelectual é a curiosa tendência de se cultivar trabalhos genealógicos, na perspectiva de um forte sentimento de enobrecimento que também se materializa e se manifesta em poesias, no hino da cidade, em várias peças do museu Dom José, na arquitetura, especialmente na Casa de Câmara

¹¹ DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2009. p. 17.

¹² *Ibidem*. p. 126.

e Cadeia, e em alguns rituais que não existem mais na cidade, como a Festa do Menino Imperador¹³ durante as festas do Espírito Santo.

Este trabalho também buscará responder a uma lacuna presente na historiografia local, desde a mais tradicional até mesmo a construída na seara universitária, na medida em que não existe nenhuma reflexão sobre a produção daqueles que são considerados intelectuais, mas que contraditoriamente são repetidamente citados em muitas obras e discursos, como veremos, são tratados de maneira tautológica, insistente, mas sem uma análise de fundo, sem a compreensão de que os chamados “intelectuais da terra” são figuras muitas vezes inventadas e legitimadas por um discurso que nascido nas forjas da ASEL, procura naturalizar a ideia de que Sobral é uma cidade intelectual. Nesse sentido, nos chamou muito atenção o fato de que, mesmo a produção da história oficial local sendo considerada fruto do trabalho de intelectuais e de gente tratada como distinta, essa historiografia, representada pelas obras de Monsenhor Fortunato Alves Linhares, Monsenhor Vicente Martins da Costa, Padre Francisco Sadoc de Araujo, Padre João Mendes Lira e memorialistas como Lustosa da Costa, praticamente nenhum espaço dedicou a essa questão.

Quando os autores elencados acima se referiam aos intelectuais da cidade, estavam muito próximos da perspectiva tradicional da chamada “história das ideias”, que se interessaria, no caso deles, por estabelecer minimamente uma crônica das ideias ao mesmo tempo em que construiria uma cronologia a respeito dos discursos e, fugindo dos textos políticos, enveredaria pela produção genealógica ou biográfica, questões que procuraremos analisar neste trabalho. Temos, nesse caso, a representação da “velha história intelectual”, considerada uma história descarnada, sem um chão social, por isso encontramos nessa escrita a exacerbação do que seriam a continuidade de uma história, a permanência de valores intelectuais naturalizados na produção da historiográfica local.

Este trabalho foi estruturado em quatro capítulos. No primeiro, trataremos da invenção do que seria o arquivo da cidade letrada, quando a cidade do desejo dos intelectuais assomará na virtualidade de sua origem e passado, quando praticamente

¹³ Esse ritual de cunho imperial começou a se realizar em Sobral a partir de 1811 e durou até 1918. Durante a Festa do Espírito, seguindo uma tradição que vinha de Portugal, quando a Rainha Santa Isabel fundou a Confraria do Divino Espírito Santo, concedendo aos juízes o título de Imperador. Em Sobral, feitas as devidas adaptações, o título era dado a crianças da elite da cidade, que ostentava assim, em meio a sociedade sobralense, a honraria de ter entre seus membros um Menino Imperador. A escolha era feita por sorteio, quando sete nomes eram colocados numa salva de prata, isso a pós o ritual, já determinando o novo Menino Imperador para o ano seguinte.

todas as referências dos discursos acadêmicos apontarão para a Vila Real e Distinta de Sobral (1773) e para a obra *Luzia-Homem* (1903) do escritor sobralense Domingos Olímpio, patrono da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Refletiremos sobre os esforços acadêmicos no sentido de se inventar um bem articulado discurso ligando a primeira Academia da cidade, a Academia Sobralense de Letras de 1922, a Academia Sobralense de Estudos e Letras - ASEL, esta fundada em 1943 e centro de nossas reflexões. Veremos como o jornal diocesano *Correio da Semana* foi importante nessa articulação. Ainda nesse capítulo abriremos espaço para relativizar a invenção da cidade intelectual, nascida partir de leituras da obra *Luzia-Homem*, confrontando essa obra com o romance de outro escritor sobralense chamado Cordeiro de Andrade, também patrono da ASEL, autor de *Cassacos* (1934), que será analisada por nós. Quando nos referimos à palavra invenção estamos querendo apontar para uma expressão que

[...] remete a uma temporalização dos eventos, dos objetos e dos sujeitos, podendo se referir tanto à busca de um dado momento de fundação ou de origem, como a um momento de emergência, fabricação ou instituição de algo que surge como novo. O termo invenção, portanto, também remete a uma dada ruptura, a uma dada cesura ou a um momento inaugural de alguma prática, de algum costume, de alguma concepção, de algum evento humano¹⁴.

No segundo capítulo, tentaremos dar conta de algumas reflexões sobre a produção e invenção da história local, com a análise de algumas obras estratégicas para o discurso de consagração do passado, especialmente da Vila Real e Distinta de Sobral, como *Notas históricas da cidade de Sobral – 1712-1922*, de autoria de Monsenhor Fortunato Alves Linhares, publicada em 1945, a partir da articulação da ASEL, sendo a primeira obra de fôlego sobre história local encerrada em livro na cidade de Sobral. Analisaremos também *História de Sobral*, publicado em 1952, de autoria de Dom José Tupinambá da Frota. Nossa estratégia será analisar como as duas obras foram apresentadas e dadas a ler, procurando constituir o que seria a “verdadeira história” de Sobral, inaugurando assim um lastro que terá vida longa na historiografia sobralense, qual seja a produção da história local a partir da escrita nascida nas forjas da Igreja Católica¹⁵. Não temos dúvidas em afirmar que será “nesta domiciliação, nesta obtenção

¹⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *História, a arte de inventar o passado*. Bauru-SP, 2007. p. 16-17

¹⁵ A produção de obras sobre a história local nasceu primeiro nas páginas da revista do Instituto do Ceará, com o texto do padre João Ribeiro Pessoa, *Notícias da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, de 1747*. Desde então, “padres-historiadores” como Monsenhor Fortunato Alves Linhares, Dom José Tupinambá da Frota, Monsenhor Vicente Martins da Costa, padre João Mendes Lira e padre Francisco Sadoc de Araújo foram responsáveis pela produção de vasta obra sobre as memórias locais. Todos são

consensual de domicílio, que os arquivos nasceram”¹⁶, os arquivos sobre a cidade letrada, procurando sintonia com a obra de Luzia-Homem e com a fundação e invenção da Vila.

Cuidaremos de refletir sobre o que seria uma *crise* sobralense a partir do que foi publicado na Revista Betânia, órgão do Seminário São José de Sobral, e que apontava para uma suposta deficiência intelectual na cidade, questão que só poderia ser resolvida pela Igreja Católica, o que demonstra para nós, uma das principais características intelectuais da cidade, no caso, a grande participação de padres em suas fileiras. Analisaremos os Estatutos da ASEL, procurando entender como se dava o acesso às cadeiras da Academia, bem como o que idealizavam com relação à existência daquela sociedade letrada. Aqui caberá uma reflexão sobre a distância intelectual que será estabelecida com relação ao que o discurso acadêmico chamava de “a miopia e a perplexidade do iletrado”, bem como com relação à presença de uma “safra de doutores”, de advogados em atividade em Sobral, como de outras profissões consideradas distintas, como médicos, juizes, maestros, entre outros profissionais liberais.

No terceiro capítulo, trataremos quase que inteiramente das biografias de alguns dos intelectuais da ASEL, que teve 40 sócios fundadores, mas foram poucos os que se dedicaram a Academia. Com a análise das biografias dos acadêmicos Monsenhor Vicente Martins da Costa, principal articulador da fundação da ASEL, Dr. João Ribeiro Ramos, presidente por 23 anos ininterruptos daquela associação de letrados e do Dr. José Sabóia de Albuquerque, procuraremos entender a princípio, a importância da Igreja Católica para a criação da ASEL, por isso a importância de se tratar a biografia de Monsenhor Vicente Martins. A ASEL foi lugar de efetuação da chamada “Teoria do expoente”, levada a efeito junto a Academia Brasileira de Letras e que em Sobral, terá na figura do Dr. Ribeiro Ramos o seu principal articulador. A vida do Dr. José Sabóia, mais do que a vida dos outros acadêmicos, servirá de mote para que possamos pensar as reverberações especialmente políticas advindas das injunções do Estado Novo em Sobral, tendo na figura do magistrado o seu vértice, questão importante porque relativiza um pouco alguns acontecimentos de âmbito nacional, como as tensões em

unânicos em afirmar as tradições enobrecidas e intelectuais da cidade de Sobral, advindas como consequência dos “colonizadores com ares de nobreza” que fundaram a Vila Real e Distinta de Sobral em 1773.

¹⁶ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo. Op. Cit.* p. 13.

torno da legitimação do Estado Novo e localizaremos esses mesmos acontecimentos em Sobral.

No quarto capítulo, trataremos de algumas das sessões ordinárias e extraordinárias da ASEL, tentando compreender como essas sessões contribuíram para a invenção da cidade letrada, nesse sentido será fundamental a análise dos discursos pronunciados numa sessão de recepção a novos acadêmicos. A ritualização dessas sessões, a aura intelectual que reverberava nesses eventos se revertia em dividendos para os acadêmicos, pois as sessões extraordinárias eram realizadas no principal clube de lazer da cidade, o *Palace Club* e a elas acorriam uma grande parcela da sociedade, que segundo a idealização dos intelectuais, compareciam a esses eventos de bom grado. O lema da ASEL: “*Exegi monumentum aere perennius*” ou seja, “Erigi monumento mais duradouro que o bronze”, funcionou como um discurso de arregimentação do que seria a continuidade das atividades letradas da Academia, que segundo esse discurso passou da Academia Sobralense de Letras para a ASEL. Neste capítulo trataremos da descontinuidade das atividades acadêmicas na cidade, a partir das mudanças analisadas especialmente entre as décadas de 1950 e começo da década de 1960. Ainda aqui, perceberemos algumas mudanças de sensibilidade de alguns intelectuais da Academia, isso no contexto das comemorações do Bicentenário da Vila Real e Distinta de Sobral no ano de 1973, quando o conceito de futuro começou a se insinuar entre os discursos acadêmicos. Pensava-se, desse modo, que o passado da cidade já estava assegurado, assim sendo o futuro era o desafio no horizonte de uma cidade envolvida com um ritual de comemoração. Podemos sugerir que essa mudança de perspectiva foi capaz de determinar “a estrutura do conteúdo arquivável em seu próprio surgimento em sua relação com o futuro”¹⁷. O arquivo da cidade letrada, nesse contexto, apontava para o futuro suas expectativas, por isso a importância da análise do discurso do padre Sadoc de Araújo durante as comemorações do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral. Desse modo, o convite está feito.

¹⁷ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo. Op. Cit.* p. 29.

1º CAPÍTULO

1 – SOBRAL E A INVENÇÃO DO ARQUIVO DA CIDADE LETRADA

Felix Ventura estuda os jornais enquanto janta, folheia-os atentamente, e se algum artigo lhe interessa assinala-o a tinta lilás com uma caneta. Termina de comer e então recorta-o com cuidado e guarda-o num *arquivo*. Numa das prateleiras da biblioteca há dezenas destes *arquivos*. Numa outra dormem centenas de cassetes de vídeo. Félix gosta de gravar noticiários, acontecimentos políticos importantes, tudo o que lhe possa ser útil um dia. As cassetes estão ordenadas por ordem alfabética, segundo o nome da personalidade ou do acontecimento a que se referem. (Grifos nosso)

José Eduardo Agualusa, *O vendedor de passados*.

Por onde começar? Riscar a página em branco e produzir sentido a partir de um emaranhado de documentos, fontes, riscos e rabiscos, pistas, vestígios e rastros produzidos ao longo de décadas sobre uma Academia de Letras? Começar em si, não é o grande problema, o problema são as escolhas, pois “Em história tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho”.¹⁸ (Grifos do autor) Por isso, no horizonte de nossas expectativas separamos, a princípio, da estante um livro, um romance que funciona para nós como “aquele “rio de documentos””, em que sua leitura assumiu em nós “tal volume, alimentado por tantos tributários, que seria uma pena deixá-lo esvair-se”¹⁹, por isso procuramos mergulhar em suas águas, tomar pé em sua fundura, como na passagem supracitada que demonstra com certa clareza como era o *método de trabalho* de *Félix Ventura*, personagem do romance *O vendedor de passados* (2004), escolhido por nós, para início de nossa conversa. Romance de José Eduardo Agualusa, escritor angolano que tem produzido no conjunto de sua obra importantes reflexões sobre a (des)construção da identidade do povo angolano, tendo na fabricação do que seria uma *memória literária* um elemento chave de arrumação do passado e possibilidades do presente. O que está em jogo em *O vendedor de passados*, é a fabricação controlada do passado na medida em que as escolhas do presente são

¹⁸ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. São Paulo: Forense Universitária, 2000. p. 81

¹⁹ PAMUK, Ohran. *O livro negro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 88

reordenadas e convocadas para tentar garantir certo futuro e “assegurar um passado melhor”, como o personagem mesmo sugere.

O trabalho de *Félix Ventura*, nós bem sabemos, é estranhamente envolvente e diferente: ele é um *vendedor de passados*. Ele fabrica o passado a partir do cabedal de seus documentos, na usina de seus *arquivos*. Por isso se esforça em folhear, juntar, separar, assinalar, gravar e guardar. Transformar em arquivo uma massa organizada de *documentos-monumentos*, porque “de fato o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal (...), quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”²⁰. Félix Ventura não é *historiador*. É, como ele mesmo diz, *genealogista*. Portanto, fica dito que o que ele faz não é história no sentido pleno do conceito, mas genealogia. Sabemos que “a genealogia exige (...) a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, exige paciência”²¹, por isso *Félix Ventura* tem guardado nas prateleiras de sua biblioteca dezenas de arquivos, que seriam fontes relativamente seguras para a invenção do passado de seus clientes. No entanto, ele mesmo, como o historiador, forja o seu *arquivo*, mas faz suas escolhas, remedia o passado e recria-o no presente, quase sempre distinto, sempre “cercado por questões que vive, alucinações da sua época, desejos e desencontros do seu tempo”²², tudo ao gosto do *freguês*, mesmo que saibamos que de fato “a genealogia é cinza”²³, que sua minúcia, que seu acúmulo, que sua linearidade é apenas mais uma face opaca da vida de alguém, uma mancha, uma miragem originária lançada como projeto de futuro ancorado em um dado passado, por isso ela pode ser uma invenção exterior que começa a inventar a si mesma, caso do personagem *José Buchmann*, que depois de ter seu passado refeito por Félix Ventura, começou a acreditar em sua própria invenção²⁴.

Sobre o romance de Agualusa temos algumas percepções, considerações e comparações a fazer que nos ajudarão a compreender e questionar a cerne de nossa pesquisa sobre *Os intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras e a invenção da cidade letrada – ASEL, 1943-1973*. Nesse sentido, o romance de Agualusa nos ajudará a pensar as “identidades como produções históricas e não como essências

²⁰ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas SP: Editora da Unicamp, 1996. p. 535

²¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995. p. 15

²² REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos. Histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife. Secretaria da Cultura-FUNDARPE, 1997. p. 13

²³ *Ibidem*. p. 15

²⁴ AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2007. p. 73

reificadas”, de modo que pensamos aqui a literatura “não como fonte histórica no sentido de manancial de informações (...), mas como lugar de boas perguntas acerca de um problema, como lugar de fecundação do pensamento”, por isso, nesse trabalho, estaremos pensando “com a Literatura e não contra ela”²⁵. Nossa problemática, portanto, reside no fato de que os intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras adotaram estratégias de construção e invenção de uma dada identidade letrada para a cidade de Sobral, ao mesmo tempo em que, na mesma perspectiva, construíram discursos que pontuavam a história da cidade como uma história distinta e exclusiva, capaz de garantir uma suposta tradição enobrecida advinda do passado do que teria sido a Vila Distinta e Real de Sobral. Dito de outra forma: queremos analisar, como em Sobral, determinados discursos, num dado momento, começaram a funcionar e foram institucionalizados como discursos intelectuais. Assim é que primeiro, pensando no romance, consideramos *Félix Ventura* um *intelectual*, um agente do discurso e do letramento. Por ser intelectual é que ele pode se assumir como genealogista, acreditamos. Por ser intelectual, por remexer na história das pessoas, é que ele pode considerar o passado como algo que não está morto, extático, acomodado no tempo como uma promessa que não se cumpre. O passado é um elo com o tempo, com a memória, com o presente, e enquanto tal, conjuga possibilidades de conjurar encontros e perdas. O cerne do trabalho de *Félix Ventura*, nesse sentido, se assemelha ao trabalho de muitos intelectuais da ASEL, muitos deles também *intelectuais-genealogistas* assumidos, sendo os casos mais emblemáticos, as obras *Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú*, em que o seu autor, o acadêmico Pe. Francisco Sadoc de Araújo, que também fabricou um engenhoso discurso com a finalidade de tentar explicar o que seria a exceção de uma história intelectual e distinta para a cidade de Sobral, e para tanto arregimentou o conceito de *Noosfera Sobralense*. Reinterpretando a obra do jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin²⁶, que também era filósofo, teólogo e paleontólogo, Araújo imaginou que uma atmosfera intelectual, como uma nebulosa, cobriria desde a

²⁵ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Prefácio à obra de ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História, a arte de inventar o passado*. Bauru SP. EDUSC, 2007.

²⁶ Pierre Teilhard de Chardin causou certo mal estar junto a Igreja Católica ao tentar conciliar ciência e teologia, de modo que para a Igreja Católica ele não estava fazendo teologia, e ao mesmo tempo, a para muitos cientistas, ele também não estava fazendo ciência. De todo modo, seu pensamento procurava dar conta da evolução do universo, nesse sentido forjou conceitos de Noogênese, que seria uma espécie de rede de inteligência que seria capaz de estender sobre a terra uma camada que foi chamada de Noosfera, que seria a esfera do pensamento ou do espírito humano. É na confluência desse conceito que Sadoc de Araújo articula o seu pensamento a respeito da Noosfera, uma esfera da inteligência a recobrir toda a história da cidade de Sobral.

colonização da Ribeira do Acaraú, espaço de fundação da Vila Distinta e Real de Sobral, a elevação da Vila a cidade, chegando até os dias de hoje. Para ele, os primeiros colonizadores em sua maioria seria formada por “intelectuais” a forjar e a marcar desde então uma espécie de *continuidade* intelectual na cidade, por isso uma de suas preocupações foi produzir a genealogia do que seriam, segundo ele, esses “nobres povoadores da Ribeira do Acaraú” o outro livro é *Notas históricas da cidade de Sobral*, do Monsenhor Fortunato Alves Linhares, na medida em que ambos acreditam na história como *acumulação* e no passado genealógico como possível de ser *restaurado* e também a genealogia como possível restauradora do passado, por isso Araújo enfatiza que,

Quanto à genealogia, procurei encarar seu estudo no conceito moderno de ciência auxiliar da História, vendo sua importância para a plena compreensão do povoamento desta região sertaneja, cuja formação social, política, e religiosa tanto depende de sua influência. Em seu estudo devem ser buscados, principalmente, os traços comuns familiares que criam e expandem os sentimentos de solidariedade, resistências e reações que explicam o processo de povoamento e da estrutura social de nossos atuais aglomerados urbanos²⁷.

Assim, na visão de Araújo, o estudo da genealogia seria para ele o caminho fundamental para o entendimento do povoamento do Vale do Acaraú, ao mesmo tempo em que revelaria a origem do que seriam as “boas linhagens” que supostamente habitaram e construíram a princípio a Vila Distinta e Real de Sobral (1773) e depois a cidade (1841). Araújo pensa a genealogia como uma espécie de encontro com o passado no presente, um acerto de contas com a possível distinção que, advinda supostamente dos primeiros povoadores da Vila, repercutiria na cidade, e como consequência destas, surge uma dada tradição, segundo o discurso dos acadêmicos, tradição essa inventada, que reverberaria na criação e organização da ASEL. Não temos dúvidas de que Araújo, sobre esse assunto, ainda que cite Câmara Cascudo e suas pesquisas sobre famílias-tronco, a grande influência que sofre é de Thomas Carlyle, escritor, crítico e historiador amador escocês do final do século XIX, que foi bastante apreciado no Brasil entre o final do século XIX e primeiros anos do século XX, quando os estudos históricos eram no fundo uma combinação entre a prática dos antiquários e de eruditos²⁸. Do escritor, um postulado tornou-se célebre e foi constantemente apontado por Araújo em algumas

²⁷ARAÚJO, Pe. Francisco Sadoc de. *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú*. Sobral: Gráfica Editora Cearense, 1991. p. 8

²⁸ Ver: ANDRADE, Débora El-Jacik. *Escrita da história e política no século XIX: Thomas Carlyle e o culto dos heróis*. In: História e Perspectivas, Uberlândia (35):211-246, jul.dez. 2006. p. 219

de suas obras como a base para a escrita da história: “[...] a vida social é a agregação de todos os indivíduos que constituem a sociedade: a história é a essência de inumeráveis biografias”. É essa a “lição” que Araújo carrega consigo na construção de suas principais obras²⁹, mas se por um lado ele procura seguir à risca o postulado de Carlyle, fazendo genealogia e assim construindo um lugar considerado relevante para os seus biografados no cenário da história da cidade de Sobral, por outro lado ele descarta de outro ensinamento do pensador, esse menos celebrado, o qual seria a história vista na perspectiva dos homens comuns, dos silenciados da história, da “infinidade de anônimos que tomaram parte nela, mas que foram relegados pelo tempo ao esquecimento”³⁰.

Encontraremos ao longo deste trabalho algumas reflexões sobre uma história genealógica construída por intelectuais da Academia sobre o que seriam as origens nobres das famílias-tronco da região, muitos deles segundo esse discurso, antecedentes dos membros da ASEL, as quais povoaram a região da Ribeira do Acaraú a partir do final do século XVII.

Como intelectual-genealógico, Félix Ventura transforma um *estrangeiro* em um cidadão angolano. Apaga possíveis diferenças, torna os começos solenes, lembrando Foucault, e instaura o que chamaremos aqui de *personabilidade*, ou seja, torna o estrangeiro o *mesmo*, uma pessoa possível de convivência com os seus *iguais*, os angolanos. Félix Ventura procura fazer de *Pedro Gouveia*, um albino, *José Buchmann*, um “típico cidadão de Angola”, ou seja, o que seria um negro. Quando nos debruçamos sobre os arquivos cultivados e inventados pelos intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras, para dar conta de uma suposta distinção intelectual e histórica para

²⁹ O hoje Monsenhor Francisco Sadoc de Araújo é um dos mais expressivos historiadores sobralenses, tendo produzido obras importantíssimas para o entendimento da história regional e local. Consideramos suas obras mais importantes: *Cronologia Sobralense* – 5 volumes (1974-1990). Trata da formação, e transformação sócio-cultural de Sobral, de 1604 até 1950. Obra fundamental para a historiografia local; *A Ciência Criadora* (1976), sua Dissertação de Mestrado em Teologia defendida em 1955 na Universidade Gregoriana de Roma, em que estuda o conceito tomista de Causalidade da Ciência Divina; *Raízes Portuguesa do Vale do Acaraú* (1990), onde estuda a contribuição dos portugueses na formação sociopolítica e religiosa da população da ribeira do Acaraú; *Padre Ibiapina*, o peregrino da caridade (1996), biografia; *Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*, biografia do primeiro bispo de Sobral; *Origem da Cultura Sobralense* (2005), em estuda varias facetas da cultura sobralense a partir de meados do século XIX até meados do século XX. Praticamente em todas as suas obras, encontramos capítulos dedicados a genealogia. Tem ainda vários artigos publicados em livros esparsos, em jornais locais e estaduais. É membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Sobralense de Estudos e Letras, sócio do Instituto do Ceará, do Instituto Genealógico Brasileiro e do Colégio Brasileiro de Genealogia.

³⁰ ANDRADE, Débora El-Jack. *Escrita da história e política no século XIX. Op. Cit.* p. 223

Sobral, encontramos um esforço que se assemelha ao esforço de Félix Ventura que busca o “melhor das origens”, pois o desejo dos acadêmicos é buscar o que seria o “sobralense típico”, genérico, como se fosse possível a generalização de um sujeito único narrado e representado num discurso pretensamente histórico que pretende unir o individual com o universal, de modo que, “sendo a história composta por inúmeras biografias, as biografias de alguns indivíduos sintetizam melhor a história de uma época”³¹. Por isso temos algumas obras acadêmicas dedicadas a biografias de “vultos sobralenses”³² que procuram, na visão de seus autores, sintetizar certo passado considerado por eles eleito, mas o que percebemos, no entanto, é que as biografias explicitam muito mais o presente dos autores das obras, do que propriamente o passado a que buscam se referir.

Mas quem é o *intelectual-genealogista* da ASEL? Como esses intelectuais acadêmicos se articulavam com o poder no cenário da cidade de Sobral, à medida em que eles se viam como os agentes esclarecidos da sociedade, procurando constituir uma identidade de grupo separada do conjunto da população?³³ Sabemos que na década de 1940, o intelectual brasileiro, “sentido-se consciência privilegiada do “nacional” (...) constantemente reivindicou para si o papel de guia, condutor e arauto”³⁴, e nesse sentido, a criação de academias literárias, instituições de saber, procurava conjugar as atividades letradas com a “alma nacional”, constituindo sociabilidades literárias que de algum modo modificavam “não apenas o teor do trabalho escrito, mas também a relação desses escritores com o meio da época”.³⁵ Por isso é fundamental que nos perguntemos: as atividades letradas da ASEL modificaram de algum modo as relações culturais na cidade de Sobral na década de 1940? E ainda mais, como pensar a história intelectual no âmbito das mudanças historiográficas mais recentes? Há bem pouco tempo atrás, como reconhece José Murilo de Carvalho, a história intelectual ou a história das ideias, quando estudada no Brasil, se limitava a duas abordagens. O primeiro caso, segundo o autor, de longa tradição no Brasil, aproximava-se das reflexões filosóficas, as quais tinham como objetivo primordial expor o pensamento de cada filósofo, acreditando

³¹ ANDRADE, Débora El-Jack. *Escrita da história e política no século XIX*. Op. Cit. p. 228

³² Estamos nos referindo aqui especialmente às obras *Homens e vultos de Sobral*, de autoria de Monsenhor Vicente Martins da Costa, primeiro presidente da Academia Sobralense de Estudos e Letras, e o *Álbum do Centenário da cidade*, de autoria de Craveiro Filho, que serão detalhados por nós oportunamente.

³³ VELLOSO, Mônica Pimentel. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Fundação Getúlio Vargas-CPDOC. Rio de Janeiro, 1987. p. 3

³⁴ *Ibidem*. p. 1

³⁵ EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade*. Rio de Janeiro: FGV Editora/FAPESP, 2000. p. 76

serem capazes de interpretá-lo com exatidão. Alguns autores mais preocupados procuravam situar o pensador dentro de um contexto social específico. Outros tentavam identificar “famílias intelectuais construídas em torno de certas correntes de pensamento”. Segundo Carvalho, “historias mais recentes combinam a análise de pensadores, de correntes e de contexto institucional”, procurando assim, vencer lacunas, encorpar as análises e constituir um cabedal interpretativo sólido.³⁶

O segundo caso, agrupava estudos que partiam mais das ciências sociais do que da história ou da filosofia. A base de análise desses estudos, como não poderia deixar de ser, partia “da sociologia do conhecimento tributária de Marx e Mannheim”. Percebe-se um esforço mais sistemático do que os estudos anteriores com base na filosofia, na medida em que se procura interpretar “as ideias como ideologias vinculadas a interesses de grupos e classes sociais, ou mesmo do Estado”³⁷.

Por isso a pergunta mais do que pertinente que, de certo modo, ainda anima a historiografia sobre os intelectuais: “O que seria uma história intelectual? A essa pergunta, as respostas continuam imprecisas e insuficientes. A dificuldade se apresenta no momento em que se tenta objetivar essa nova área de pesquisa, fluída, complexa”. E mais: “Quais seriam seus pressupostos?”³⁸

Terreno muitas vezes arenoso, tratar da História Intelectual é buscar caminhos de entendimento para um tipo de produção que, no entanto, sempre encontrou ressonância em praticamente todas as Ciências Humanas, mas estas só recentemente passaram a se interessar por essa temática, principalmente nas últimas décadas do século XIX e da primeira para a segunda metade do século XX. Sabemos que “o conceito de intelectual é uma especialidade e uma especificidade francesa (...), tendo um caráter polissêmico”³⁹, por outro lado, os problemas começam quando nos referimos ao próprio vocabulário e sua tradução, conceito escorregadio e reticente uma vez que, por trás de uma aparente e transparente palavra, há intermediações e mediações que nos conduzem muitas vezes para generalidades subjetivas. Não é possível afirmar sobre uma

³⁶ Ver: CARVALHO, José Murilo de. *História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura*. In: Topoi, Rio de Janeiro, nº 1. PP. 123-152. P. 123

³⁷ CARVALHO, José Murilo de. *História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura*. In: Topoi, Rio de Janeiro, nº 1. PP. 123-152. P. 124

³⁸ SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragments da história intelectual. Entre questionamentos e perspectivas*. São Paulo: Papyrus, 2002. P.11

³⁹ SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragments da história intelectual. Op. Cit.* p. 14.

certeza lexical quando o assunto é história intelectual. Nesse sentido a reflexão de Chartier é fundamental:

A história intelectual não deve cair na armadilha das palavras que podem dar a ilusão de que os vários campos de discursos ou de práticas são construídos de uma vez por todas, delimitando objetos cujos contornos, ou mesmo os conteúdos, não variam; pelo contrário, deve estabelecer como centrais as discontinuidades com se designam, se admitam e se avaliem, sob formas diferentes ou contraditórias, consoantes às épocas, os saberes e os atos.⁴⁰

Desse modo, a história intelectual não deve produzir um efeito de ilusão ao estabelecer discursos ou práticas “construídas de uma vez por todas”, como se ao delimitar o conceito numa perspectiva de continuidade e de permanência todos os problemas relativos ao vocabulário, tradução e significados no corpo de uma cultura fossem resolvidos. Sabemos, como salienta Chartier, que a discontinuidade impera nessa relação de força, “sob formas diferentes ou contraditórias”. Portanto é fundamental que esclareçamos a noção de intelectual que estaremos utilizando quando nos referirmos aos intelectuais da ASEL. Assim, a opção “foi adotar uma concepção mais restrita de intelectual, que privilegiasse a ideia do produtor de bens simbólicos”⁴¹, e em nosso caso particular, os bens simbólicos produzidos especialmente no tocante a História da cidade de Sobral. Essa história, que tem como lugar de produção a Academia, representa “a encenação de um contrato social “entre nós””. É um sujeito plural que “sustenta” o discurso”⁴², portanto, esse “entre nós”, esse “sujeito plural” que sustenta o discurso e produz o ensejo de “coisas extraordinárias”, se configura como a ação e a presença dos intelectuais da ASEL na urdidura da história da cidade.

Com relação aos “bens simbólicos” produzidos pelos intelectuais da ASEL, temos alguns valores ligados a “um projeto nacionalista e católico-espiritualista”⁴³, na esteira de uma Academia marcada por uma perspectiva católica, uma vez que a iniciativa de criação da mesma nasce entre os clérigos, que exercem grande influência em sua organização e nas questões discutidas nas sessões. Esse projeto nacionalista e católico-espiritualista se reveste de um patriotismo que caminha muito próximo de uma

⁴⁰ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. P. 65

⁴¹ GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996. P. 38

⁴² CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Op. Cit. P. 71

⁴³ GOMES, Angela de Castro. *Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso de Festa*. IN: *Revista Luso-Brazilian Review*, 41:1, 2004, of the University of Wisconsin System. p. 101

visão sacramentada do poder do Estado, em que o amor à pátria se transforma a princípio numa espécie de “religião cívica”, nesse sentido é que compreendemos que “toda sociedade tem os intelectuais que lhe convém”⁴⁴. Mas os valores da história local, como o suposto pioneirismo cultural dos colonizadores do Vale do Acaraú, o passado dito enobrecido da Vila, reforçam também o investimento na celebração do que chamaríamos de civismo municipal. Para uma Academia nascida nas forjas da Igreja Católica, não nos admira que os valores católicos estivessem na vanguarda de muitas decisões, conforme observamos nos Estatutos da ASEL, no capítulo 1º, inciso 2, que estabelece que os acadêmicos não deveriam “ (...) apresentar trabalhos opostos aos princípios católicos.”

Mas é possível dizer quem é certamente o intelectual da ASEL? O que defende? Que lugar ocupa no cenário complexo da cidade de Sobral na década de 1940, quando a cidade está em franca transformação? Acreditamos poder responder essas questões ao longo deste trabalho, mas antecipadamente podemos considerar que os intelectuais são em sua totalidade profissionais liberais muito bem situados em Sobral, como médicos, advogados, professores, também funcionários públicos do alto escalão, como promotores, juízes, pessoas que possuíam um renome e que, convidados a compor a ASEL, usavam os espaços especialmente das sessões extraordinárias para exercitar sua retórica, marcar seu lugar de intelectual e legitimar o seu saber profissional como um saber próprio de sua classe, fazendo das letras uma espécie de passaporte para uma maior dignidade intelectual e civilizacional. Enfim, o intelectual sobralense associado à ASEL convoca seus pares, a parcela letrada da sociedade sobralense, a acreditar no que seria a tradição de uma cidade intelectual, distinta e consagrada pela própria história que eles constroem. Esses intelectuais em sua maioria pertenciam a elite da cidade, ligada a princípio a grandes fortunas advindas da criação de gado e do comércio, de modo que podemos refletir que

As elites sobralenses do início do século XX pretendiam-se civilizadas. Essa qualificação, exaustivamente empregada na maior parte dos discursos, assumindo as formulações mais variadas, refere-se sempre ao valor conferido aos modelos culturais importados do Velho Mundo. Daí a presença do teatro, do gabinete de leitura e, sobretudo, das festas, onde o refinamento era indispensável. Nesse contexto, as regras de civilidade constituíam o coroamento do projeto

⁴⁴ BOBBIO, Norberto. *Intelectuais e vida política na Itália*. IN: BASTOS, E. R. & RÊGO, W. D. L. (Orgs). *Intelectuais e política: a moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho d'água, 1999, p. 157.

das elites, visando à aprendizagem de modos sofisticados observados nas altas esferas das sociedades europeias⁴⁵

As elites temperaram, ao longo de certo tempo, o que seria a sua civilidade em Sobral frequentando o *Gabinete de Leitura* (1877), o *Teatro São João* (1880), a *Academia Sobralense de Letras* (1922) e a *Academia Sobralense de Estudos e Letras* (1943), ao mesmo tempo em que, alguns deles, escreviam para jornais locais que desde 1860 começavam a circular na cidade, caso da *Gazeta de Sobral* (1881), e que funcionavam como instâncias de vigilância dos hábitos e costumes ditos civilizados na cidade, sendo que alguns deles, como *A Cidade* (1904), publicava regularmente uma coluna intitulada “A civilidade”, pretendendo adequar inclusive modos corporais de comportamento, até o uso da voz, explicitando:

[...] trechos de um livro em inglês, traduzido para o português pelo almirante carioca Saldanha da Gama, e traziam orientações desde as maneiras de andar na rua até as palavras de cumprimento que deviam ser dirigidas aos anfitriões por ocasião de uma visita. Formuladas para realidades distantes, essas prescrições sugeriam costumes que iam de encontro aos hábitos das elites sobralenses⁴⁶.

Sabemos que esses intelectuais organizados no âmbito da ASEL procuravam a civilidade dos gestos, do corpo, e não se restringindo apenas a isso, visto que outro dispositivo fundamental de civilidade, de expressão e de registro do seu lugar de sujeito intelectual, era a *escrita*. Mas o que estamos chamando de escrita aqui, aquilo que é praticado nos artigos, opúsculos e revistas publicadas pela ASEL, não é *Literatura*, no sentido clássico do conceito, “esse nome flutuante”, que deixa de ser um saber para se tornar seu objeto, ou seja, “a literatura se torna propriamente a atividade daquele que escreve”⁴⁷. A escrita produzida pelos intelectuais da ASEL geralmente não produz poemas, poesias, crônicas, contos (estilo jamais encontrados nos documentos da Academia), romances, etc., e quando produz, o faz de maneira acanhada. O que estes intelectuais escrevem é, na visão deles, *História*. O que encontramos amiúde são artigos sobre a história de Sobral. E pensando na força “milagrosa” da escrita como remédio contra o esquecimento da história da cidade, para esse grupo, é que refletimos que

Uma das razões pelas quais os escritos sobre os intelectuais, sobre sua função, nascimento e seu destino, sobre sua vida, morte e milagres,

⁴⁵ COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e cultura das elites sobralenses. 1880-1930*. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado, 2011. p. 124

⁴⁶ *Ibidem*. p. 125

⁴⁷ RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 23

são tão numerosos [...] é que uma das funções principais dos intelectuais, se não a principal, é a de escrever⁴⁸.

Escrever para não perecer, diríamos nós. A escrita como elo temporal capaz de situar o passado no presente num malabarismo intelectual, e o presente no passado, como pensavam os acadêmicos da ASEL. Mas outro dado importante gira em torno da questão da própria definição da história intelectual. Ou seja, qual a sua diferença com relação ao que convencionalmente chamamos de história dos intelectuais, de história cultural ou de uma história das ideias? Estamos lidando com uma nova disciplina ou com uma nova abordagem relativa a história das ideias?⁴⁹ Para Helenice Rodrigues da Silva a história intelectual é outra coisa que não a tradicional “história das ideias”, porque esta muitas vezes se restringe apenas “a uma crônica de ideias e a justaposição cronológica de resumos de textos políticos ou filosóficos”. Mas também não se assemelha a história cultural, aquela definida por Chartier, “no sentido de uma restituição das práticas culturais”. Mas se confunde de certo modo com a história dos intelectuais, mesmo com a existência de muitas diferenças de perspectiva. Assim, na história intelectual, “as abordagens oscilam, por um lado, entre análises hermenêuticas de discursos de textos, de obras e uma propensão à biografia”, um das questões fundamentais para o nosso trabalho e senda de nossas reflexões. E por outro lado, como uma “forma de descrições de redes, de filiações, de instituições, de configurações intelectuais”.⁵⁰ Nesse sentido, é que

A construção de espaços, instituições e rituais próprios de legitimação de seu discurso e de suas atividades é uma etapa decisiva para a consolidação do poder dos intelectuais na sociedade capitalista e para a própria consolidação da identidade intelectual⁵¹.

Nessa perspectiva é que a ASEL assume importância estratégica, pois será espaço fundamental de legitimação como lugar intelectual e ritualizado, o que ocorre desde a entrada desses intelectuais na Academia, até suas reuniões ordinárias, extraordinárias ou solenes, mas também de fundamentação de um determinado discurso sobre a História de Sobral que terá uma relação bastante especial com o passado da cidade, notadamente o que supostamente seria o “passado originário”, ou seja, o passado levado a cabo pelos primeiros colonizadores, que deixou, segundo esse

⁴⁸ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, 1996. P. 67

⁴⁹ VER SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragments da história intelectual*. Op. Cit. P. 10

⁵⁰ *Ibidem*. P. 24-25

⁵¹ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, 1996. P. 50

discurso, marcas indeléveis na história sobralense. Nesse sentido devemos nos perguntar por que a ASEL se transformou numa instância de produção de uma determinada memória local, impondo a cidade por escrito? Portanto, precisamos tratar a Academia como posição estratégica de construção da identidade de determinados intelectuais que a partir da ASEL lavravam a escritura da História de Sobral como a “instância épica de colonização no Ceará”. Isso porque reconhecemos que essa escritura é enunciada “a partir de uma posição de verdade”⁵², marcada, em sua análise *não só pelo lugar de onde se fala, pelo o que se fala ou quando se fala*, mas principalmente porque determinada *tradição* é colocada em ação para legitimar o discurso do intelectual. Tradição entendida “como sucessão de atos de ressignificação que garantem a atualidade dos bens culturais recebidos passados”⁵³. A ASEL se constitui dessa forma, desde sua criação, e até hoje, um espaço em que uma sucessão de atos especialmente cívicos ressignificam e garantem a atualidade dos bens culturais que se acredita deixados por certos antepassados dos “sobralenses”.

Portanto, nosso objetivo com relação a ASEL, como vimos enfatizando, é transitar “desde as chamadas cartografias dos intelectuais a uma hermenêutica da obra (...), a institucionalização do próprio intelectual”, procurando fazer uma “articulação entre o discurso competente e o *lugar* que o autoriza, lhe legitima e o faz circular: (...) institutos, academias, *corpus* de obras (...), revistas, escolas”⁵⁴.

A ASEL foi muito importante no processo de institucionalização da História da cidade de Sobral a medida em que produziu e publicou livros e artigos, a princípio junto a Revista do Instituto do Ceará, nos quais certo conceito de história oitocentista pretendia “definir canonicamente os procedimentos adequados para o tratamento do passado”, procurando “legitimar um presente em construção, através do ordenamento do conjunto de experiências humanas passadas”⁵⁵, deveria ser a base de argumento e forma de conhecimento sobre o que seriam as tradições históricas da cidade. Não por outra razão, seus mais reconhecidos membros, eram “historiadores” ou incursionavam pelo conhecimento histórico, tais como: o seu primeiro presidente, o Monsenhor Vicente

⁵² ALTAMIRO, Carlos. *Para um programa de história intelectual*. Buenos Aires: Siglo XXI. P. 20

⁵³ LACERDA, Sonia. KIRSCHNER, Tereza Cristina. *Tradição intelectual ou espaço historiográfico ou porque dar atenção aos textos clássicos*. In: LOPES, Marcos Antonio (org). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. P. 34

⁵⁴ ALTAMIRO, Carlos. *Para um programa de história intelectual*. *Op. Cit.* p. 88

⁵⁵ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Reinventando a tradição: antiquariado e escrita da história*. In: FILHO, João Ernani Furtado. RIOS, Kênia Sousa (orgs.). *Em tempo. História, memória, educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária-UFC, 2008. p. 73

Martins, Monsenhor Fortunato Alves Linhares, Dom José Tupinambá da Frota, este o terceiro presidente da ASEL, Monsenhor Gerardo Ferreira Gomes, “todo o passado de Sobral vivia em sua alma”, Francisco Braga Hardi, Tancredo Halley de Alcântara, Padre João Mendes Lira, padre Francisco Sadoc de Araújo, entre outros. Nesse sentido, concordamos com Paul Veyne, para quem “Escrever história é uma atividade intelectual”, não sendo “um conhecimento como os outros”.⁵⁶

Dos “historiadores” acadêmicos elencados acima, Monsenhor Vicente Martins, é sempre tratado como jornalista e genealogista, sendo um dos raros “historiadores” a escrever sobre história local que não nasceu em Sobral, mas em Fortaleza, tendo publicado em 1941 o livro *Homens e vultos de Sobral*. Monsenhor Fortunato Alves Linhares publicou seu livro *Notas Históricas da cidade de Sobral*, em 1945 sob os auspícios da Academia Sobralense de Letras, sendo a primeira obra de fôlego a ser publicada pela ASEL sobre a história local, procurando “analisar o papel do povoado, o papel da Igreja nessa evolução, as condições do território, bem como o extermínio dos indígenas”⁵⁷. Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo da cidade, ordenado em 1905, deixou uma obra de fôlego, *História de Sobral*, publicada em 1952. Os padres João Mendes Lira e Sadoc de Araújo, este já referido por nós, deixaram importantes obras sobre as supostas origens da *Vila Distinta e Real de Sobral*, bem como de suas tradições inventadas no âmbito da cultura letrada, especialmente na obra *Origem da cultura sobralense*, de Sadoc de Araújo. Os outros “historiadores” citados, Monsenhor Gerardo Ferreira Gomes, Francisco Braga Hardi e Tancredo Halley de Alcântara, foram professores de história em escolas da cidade assim como foram professores Monsenhor Fortunato Alves Linhares, Padre João Mendes Lira e Sadoc de Araújo, mas aqueles não deixaram nenhuma obra significativa escrita sobre a história da cidade.

Todos esses intelectuais se fizeram “historiadores” labutando em salas de aula do Seminário São José ou em salas de aulas das escolas laicas existentes na cidade, ou ainda no afã dos *arquivos* guardados na Cúria Diocesana, pois nenhum deles tinha formação específica.

⁵⁶ VEYNE Paul. *Como se escreve a história e Foucault revolucionou a história*. Brasília: Editora UNB, 1982. P. 67

⁵⁷ COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e cultura das elites sobralenses*. Op. Cit. P. 87

Sobre o que deveria ser a razão das atividades intelectuais, ou a missão do intelectual no Ceará no começo do século XX, Gustavo Barroso é bastante enfático quando reflete que

Porque não o temos ainda, precisamos criar o *culto de nossas tradições* [...]. Sem a *lição do passado e a lição dos feitos antigos*, não pode haver nacionalidade. *Amar a história é amar a terra*. (...) incutindo em todos os brasileiros *a religião do passado*, que é a alma mesma da pátria⁵⁸. (Grifos nosso)

Para Barroso, refletindo entre seu ciclo de letrados, num contexto da cidade de Fortaleza, mas que também pode ser pensado no contexto de Sobral, a população mais geral, ou seja, o povo, não cultua o passado do país, precisando, nesse sentido, ser educada nas lides do que seria o patriotismo. A história seria o espaço educativo dessa população, história, é bom que se diga, na visão de Barroso, “a religião do passado”. Mais uma vez encontramos nesse postulado de Barroso a afirmação do que seria a superioridade do intelectual com relação ao restante da população. Por outro lado, encontramos subjacente ao seu texto, a ideia mais geral defendida por diversas correntes de pensamento que “passam a identificar o Estado com o cerne da nacionalidade brasileira”⁵⁹, e é nesse sentido é que teremos assim a inserção dos intelectuais como agentes distintos nos embates político-ideológicos, filiando-se a partidos políticos, concorrendo a cargos eletivos ou mesmo participando da administração pública. Em Sobral, entre os intelectuais da ASEL temos exemplos claros dessa inserção dos intelectuais na máquina administrativa do município geralmente como prefeitos. Por isso, entendemos que “o substantivo “intelectual” surge para nomear, portanto, o que seria uma nova “classe” de pensadores e escritores”⁶⁰, mobilizados, num primeiro momento, à margem da sociedade, para posteriormente encontrar ressonância junto ao Estado.

Por isso mesmo, quando nos debruçamos sobre as atividades dos intelectuais no início do século XX, o que observamos é a condição do intelectual marcada por uma concepção de erudição que de certo modo o marginalizava⁶¹. O intelectual era o erudito que, limitado ao seu mundo, encerrado em sua “torre de marfim”, fora dos embates

⁵⁸ BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1940. p. 49.

⁵⁹ VELLOSO, Mônica Pimentel. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Op. Cit. p. 4

⁶⁰ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *De Amadores e Desapaixonados*. In: Trajetos. Revista de História UFC. Dossiê: Intelectuais e cultura letrada. Vol. 3. Nº 6. 2005. PP. 43-66. p. 45.

⁶¹ Ver: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

políticos, como queria, por exemplo, Machado de Assis, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, fazia da literatura o “sorriso da sociedade”, força telúrica, mas apenas estética e acadêmica, sem a força da derrisão ou da crítica social, características comuns à obra de Lima Barreto.

Durante o Estado Novo se processa uma reviravolta com relação ao postulado de que o intelectual estaria encerrado em sua “torre de marfim”, porquanto o regime constrói uma ampla e vigorosa rede de interlocução com a sociedade em que alguns intelectuais tiveram um papel estratégico, num contexto em que o Estado constituiu um projeto político-ideológico, com a intenção de popularizar e difundir a ideologia do regime⁶². Nesse sentido, foi montado um projeto educativo capitaneado pelo Ministério da Educação, com Gustavo Capanema, que previa que a educação tinha “poder de moldar a sociedade a partir da formação das mentes (...), sendo capaz de “levar a sociedade para rumos totalmente distintos, de salvação (...)”⁶³, interessando-se pela educação formal baseada numa cultura erudita; por outro lado, o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, com Lourival Fontes, “buscava, através do controle das comunicações, orientar as manifestações da cultura popular”⁶⁴, posto que, ao compor o seu núcleo com intelectuais centralistas e autoritários, como Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Cândido Motta Filho, o DIP “viria a imprimir um rígido controle nos meios de comunicação”⁶⁵. À vista disso precisamos refletir que nesse vasto e complexo contexto, a construção da identidade social do intelectual brasileiro pode ser articulada e pensada a partir de um ponto comum entre a possibilidade de renovação cultural e a perspectiva de reforma da sociedade⁶⁶. Assim, podemos considerar que:

A história intelectual, segundo a defesa de Helenice Rodrigues, investe na capacidade do locutor, na força elocucionária dos discursos, na capacidade do sujeito em situar-se como ator no mundo, como um agente ativo que se opõe a interlocutores reais, como um coeficiente de força que se quer atingir um alvo em sua existência histórica concreta⁶⁷.

⁶² VELLOSO, Mônica Pimentel. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Op. Cit. P. 4

⁶³ BOMENY, Helena Maria Bousquet. COSTA, Vanda Maria Ribeiro. CHHWARTZMAN, Simon (Orgs.). *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: EDUSP/PAZ E TERRA, 1985. P. 51

⁶⁴ VELLOSO, Mônica Pimentel. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Op. Cit. P. 5

⁶⁵ *Idem*. P. 5

⁶⁶ Ver: GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996. P. 98

⁶⁷ LOPES, Marcos Antônio. *Digressões acerca de um gênero controverso: a história intelectual entre afirmações e incertezas*. In: Tempo, Rio de Janeiro, nº 16. PP. 213-216. p. 213

Os intelectuais escrevem, produzem textos, utilizam-se especialmente dos jornais, procuram dessa forma ocupar o *lugar do sentido*. Mas o intelectual é também locutor, ele fala, discursa, ocupa o *lugar sensível da palavra*, do discurso “como um coeficiente de força” que seja capaz de lançá-lo para a vanguarda da sociedade, a partir de sua retórica, de seu discurso bem articulado, em franca relação com a sociedade de seu tempo. O intelectual, portanto, pode ser considerado também um criador, um articulador de conceitos, e é nesse sentido que Parsifal Barroso pensa a história do Ceará, inventando, com certa soberba, Sobral como a principal cidade do estado:

Poder-se-ia talvez sintetizar essa ordem de conceitos se mais um neologismo viesse envolver e condensar esse esforço coletivo e constante de valorização, que é apanágio do povo de Sobral: sobralização.

O Ceará deveria sobralizar-se, isto é, valorizar-se a todo custo, à base de um conhecimento cientificamente válido de sua realidade global, que também o afastasse do seu povo as velhas sombras e os antigos fantasmas que o impedem de ir ao encontro do destino que Deus lhe reservou, no seu próprio meio ambiente⁶⁸.

Mas o que faz o historiador diante da *ordem dos conceitos*? Que mundos, sentidos e representações o historiador move no afã de seu trabalho para entender, interpretar e analisar as sociedades do passado que, diferentemente de nós, acreditaram em outros valores, cultivaram outras esperanças, mas que também, relativamente muito parecidas com nós, tiveram medos e incertezas com relação aos anseios do futuro e aos acasos da história e que por isso mesmo inventaram conceitos para fundamentar uma interlocução com o mundo e com os outros? O conceito de *sobralização*, forjado por Barroso é um desses termos que procura inventar certa ordem atemporal, constituindo o que seria um lugar *perene* na história, de modo que o mesmo conceito seria sempre apresentado como homogêneo e inalterado ao longo do tempo, mas também naturalizado como uma espécie de destino reservado por Deus ao seu “povo escolhido”, por isso nos interessa refletir que “o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos”⁶⁹. Assim, o que se fabula quanto o que seria a fundação das Academias da cidade ou da Vila, é a “renovação dos fundamentos”, ou seja, a garantia de que sempre seria possível se referir a essas questões como elementos *fundacionais* da possível identidade da cidade.

⁶⁸ BARROSO, Parsifal. *O Cearense*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1953. P. 130

⁶⁹ FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. P. 6

Por conseguinte, este trabalho, entre outras questões da história, vai tratar de alguns conceitos inventados ou reinventados no cerne da ASEL: tais como *intelectual*, *sobralense*, *enobrecimento*, *fundação*, *identidade*, *tradição*, etc. Vai analisar também o conceito de *história* pensando no âmbito da Academia, com o objetivo de, entre outras coisas, sob a visão dos acadêmicos, “arregimentar os valores intelectuais da terra”. Procuraremos pensar que “a história de um conceito não é, de forma alguma, a de seu refinamento progressivo, de sua racionalidade continuamente crescente (...), mas a de seus diversos campos de constituição de validade”⁷⁰, de modo que a questão aqui será analisar como determinados conceitos inventados ou ressignificados pela ASEL, constituem validade, legitimidade. Esse trabalho vai mergulhar ainda nos neologismos já apresentados por nós, como *sobralidade*, *sobralização*. Nosso objetivo será atravessar certa ordem de conceitos e estabelecer parâmetros para a análise de certa tradição que, inventada nas lides da ASEL, pode ser rastreada em suas bases mais tênues em alguns textos ensaísticos relativos a história de Sobral, discursos acadêmicos, poesias, hino, romances, entre outros discursos que procuram construir um imaginário com relação à história local, e que inventam a história da cidade de Sobral como capaz de “criar uma tradição progressista e civilizadora”⁷¹.

Parsifal Barroso em *O Cearense*, como lemos em passagem supracitada, cria um conceito para tentar dar conta do que seria uma característica que só pertenceria à cidade de Sobral e que ele chamou de *sobralização*, e que mais tarde, seria transformada em *sobralidade*. O seu livro é uma tentativa de “conhecer a origem e a natureza da especificidade que marca a presença do cearense, identificando-o tão facilmente”⁷², de modo que sua intenção é buscar a origem e a evolução do Ceará, mas como percebemos pelas palavras utilizadas – *origem* e *natureza* -, Barroso trata essa história numa perspectiva *essencialista*, ou seja, ele trata o cearense, ou melhor, a *cearensidade*, outro neologismo que cria, como uma essência dita natural, auto-existente, e situa suas características como sendo a “designação do conjunto de sinais, gestos e traços de cultura, realmente singulares e inconfundíveis” no solo de uma história naturalizada e apascentada pela escrita do autor.

⁷⁰FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Op. Cit . p. 5

⁷¹BARROSO, Parsifal. *O Cearense*. Op. Cit. p. 128

⁷²*Ibidem*. p. 15

Assim, compreendemos que Barroso cria dois neologismos – *cearensidade* e *sobralização* para construir sua ideia de *história* e de *tradição*, e que em seu processo de fabricação dessa história, Sobral, assume condição privilegiada e destacada no cenário de busca pelo que seria uma suposta originalidade para o Ceará. Nesse sentido, para nós, “o que se interroga não é simplesmente a imagem (...), mas o lugar discursivo e disciplinar de onde as questões de identidade são estratégica e institucionalmente colocadas”⁷³. E o lugar institucional e ao mesmo tempo disciplinar em que a identidade é estrategicamente arregimentada, em nossa análise, é a Academia Sobralense de Estudos e Letras. Portanto nossa problemática, como já frisamos, girará em torno das implicações da construção no âmbito da ASEL de uma tradição que faz da história da cidade de Sobral, uma história distinta, intelectual, letrada e enobrecida. A questão é: como se inventa a partir da ASEL um princípio de acumulação, o *arquivo* de determinados conhecimentos sobre o que seria a cidade letrada que conjuga literatura e história, discursos e artigos, imagens e representações com a finalidade de fazer do *passado* da cidade⁷⁴, um lugar discursivo privilegiado de construção de uma dada *ordem* que deveria imperar no presente da Academia e gestar os rumos da história local?

Chamaremos esse *princípio de acumulação*, de *arquivo*. O esforço dos acadêmicos, desde aquilo que seria a fundação da Academia, ou melhor, das Academias da cidade, pois temos a primeira fundada em 1922, e a segunda em 1943, é garantir que o *presente* daquela fundação, estrategicamente montada, bem planejada, fosse resultado do passado, mas de um passado sempre dito, de um passado considerado no âmbito daquela associação de letrados, *bendito*. O que seria o passado assume no texto de alguns acadêmicos a marca de uma garantia, de uma espécie de sacralidade, de amparo contra o esquecimento. Luta-se, em muitos textos, para que o passado seja sempre um fundamento sem o qual o presente se tornaria vazio e fora de ordem. Assim pensa-se sempre na “aplicação da história”, entendida como “o conjunto de fatos que analisados,

⁷³ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. P. 81

⁷⁴ “A maior parte dos historiadores fala de uma “inundação humana” ocorrida nas margens do Acaraú, ocupadas quase inteiramente por fazendas de criação de gado. Esse período se intensifica no período que vai de 1637 a 1654, motivado, sobretudo pela necessidade de expulsar os holandeses fixados no Nordeste. Segundo os dados do censo de 1872, existiam 972 fazendas, das quais 105 se encontravam nas imediações de Sobral. Essa ocupação não se dera de maneira pacífica e sim à custa do sacrifício da população autóctone, isto é, dos indígenas que foram massacrados”. Ver: COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidade e cultura das elites sobralenses. 1880-1930*. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado, 2011. P. 25 Entre as 105 fazendas estava a Fazenda Caiçara, de propriedade do casal Antonio Rodrigues Magalhães e Quitéria Marques de Jesus, que seria o berço da Vila em 1773 e, conseqüentemente, da cidade em 1841. Ver também LINHARES, Monsenhor Fortunato Alves. *Notas históricas da cidade de Sobral. 1712-1922*. Sobral: Março de 1945.

julgados e encarnados no presente servem de lição para as realizações do homem”, de modo que, “por essa concepção podemos concluir o fim de que da história esperamos: ensinar”⁷⁵. A história portanto, deve ensinar, de forma que, sem os exemplos do passado, o presente perderia sua legitimidade, porque não teria um *fundo moral* em que se mirar, em que se espelhar, nem teria como *julgar*, como quer essa definição, os acontecimentos, “(...) pois já se compreende que as realizações baseadas no exemplo da história, vão ser dirigidas pelos apontamentos colhidos pela análise e do juízo”⁷⁶.

Sabemos que “O arquivo supõe o arquivista; uma mão que coleciona e classifica”⁷⁷, de modo que com relação a ASEL, temos alguns *arquivistas* que se esmeraram em resguardar as memórias da instituição, produzindo documentos como monumentos de uma dada história contada e recontada. Entre os *arquivistas* os mais significativos estava o acadêmico e historiador padre João Mendes, o mais metucioso “guardião da memória” não apenas da Academia, mas da história da cidade como um todo. Outro *arquivista* foi o acadêmico Dr. Ribeiro Ramos, apesar de grande parte de seu arquivo ter se perdido, na verdade expurgado como “papel velho” da casa de algum dos filhos, alguns documentos são importantes para a montagem, a conservação e difusão da história da ASEL. A maioria dos documentos analisados aqui foi encontrada nesses arquivos até então inéditos, sendo que o arquivo do Padre Lira encontra-se repartido entre duas instituições: o Museu Dom José e o NEDHIS – Núcleo de Estudos e Documentação Histórica da Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Sobral, enquanto o arquivo do Dr. Ribeiro Ramos, também dividido, está sob guarda de uma de suas filhas e de um de seus filhos. Só tivemos acesso ao arquivo sob responsabilidade de sua filha em Sobral.

Temos que os arquivos pessoais acenam para uma nova perspectiva de entendimento historiográfico em que se pretende “uma revalorização do indivíduo na história e, por isso, a uma revalorização da lógica de suas ações – pautadas em intenções que são escolhas em um campo de possibilidades” que apesar de apresentar limites, “oferece alternativas”⁷⁸ para o historiador compreender as malhas e as redes sociais e culturais em que esses sujeitos estão enleados, ao mesmo tempo em que indicam visões

⁷⁵ MEDEIROS, E. L. *A aplicação da história*. In: Revista Betânia – órgão do Seminário São José de Sobral. Setembro de 1946. p. 10

⁷⁶ *Ibidem*. p. 11

⁷⁷ FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009. p. 11

⁷⁸ GOMES, Angela de Castro. *Nas malhas do feitiço: o Historiador e os encantos dos arquivos privados*. Estudos Históricos. 1998. 21. p. 124

de mundo e escolhas sobre o que preservar e o que silenciar. No entanto, para nós, “A dificuldade teórica maior estaria em definir *onde* e *quando* começa o arquivo, por um lado, e *quem* comanda o arquivo, pelo outro”⁷⁹ (Grifos do autor). Ou seja, não estamos querendo dizer que a “história distinta” de Sobral começa nesses arquivos, e que ao mesmo tempo essa massa documental anuncia para nós a *autoridade* sobre o passado. Sabemos que esses arquivos nos apontam “correspondências entre (...) o índice, a prova e o testemunho”⁸⁰, ou seja, esses arquivos são indícios estabelecidos entre o que se pode “provar” e o que se pode testemunhar para a história da cidade de Sobral.

A análise e o juízo desses acadêmicos da ASEL tratam a história da Vila Distinta e Real de Sobral como o ápice da história local, o “marco zero” de uma suposta origem que desde então governaria os acontecimentos e garantiria um ordenamento e um controle sobre os acasos da história. Confiar no passado da Vila é, segundo os acadêmicos, saber que “recebemos de nossos antepassados uma grande herança intelectual, moral, econômica e religiosa”, já que “os nossos avós plantaram uma semente que foi regada com trabalho, o esforço, a dedicação e o sacrifício quase heroico de seus descendentes”⁸¹. Fora dessa referência, não haveria história, sentido e referência temporal qualificada e necessária.

A referência que a Academia sempre faz com relação ao passado, esse princípio de *evasão* que move grande parte da produção de sentidos de vários discursos, artigos, poesias, entre outros textos dos acadêmicos, nos faz pensar essa questão na perspectiva de Henri Bergson, para quem o “ser em si” do passado era para ele *virtual*. Em suas reflexões sobre a memória, a considera como uma instância de *virtualidade*, à medida que a memória corresponderia a uma fonte inesgotável de invenção de novos horizontes possíveis, contribuindo para a produção de variadas respostas a determinadas situações⁸². Portanto, para nós o passado sempre louvado e celebrado, a memória cultivada pelos acadêmicos não passa de *virtualidade*, mas uma virtualidade que vai “atualizando-se em função de situações e interesses presentes”⁸³, de modo que o

⁷⁹ BIRMAN, Joel. *Arquivo e Mal de arquivo: uma leitura de Derrida sobre Freud*. Natureza humana 10(1): 105-128, jan-jun. 2008. P. 114. Sobre essa questão consultar ainda: DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo. Uma impressão freudiana*. p. 11

⁸⁰ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo. Op. Cit.* p. 7

⁸¹ LIRA, João Mendes. *Nossa História*. Capítulo 223. Jornal Correio da Semana, 1973.

⁸² Sobre essa questão ver: BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

⁸³ FERRAZ, Maria Cristina Franco. Bergson hoje: *virtualidade, corpo, memória*. In: BORBA, Eric Lacerf Siomara. KOHAN, Walter. (Orgs.) *Imagens da Imanência. Escritos em memória de H. Bergson*. Belo Horizonte: Autentica, 2007. P. 52

passado aqui torna-se efeito e não causa, ao passo que os acadêmicos pensavam que a história da cidade estava sendo esquecida no cenário de uma cidade que lentamente modificava os seus espaços públicos e instaurava de certa forma um outro ritmo para a cidade com a abertura de algumas novas ruas e avenidas centrais.

Assim, temos o labor efetivo de uma associação de letrados que pensa a cidade de Sobral a partir de um horizonte de expectativas, ensaiando sempre a possibilidade de recontar sua história, refazer seus caminhos do presente para o passado, ansiando por fazer do exercício das letras um aporte para a construção de uma identidade homogênea e apaziguadora capaz de garantir as tradições supostamente originárias da cidade.

Nossas reflexões sobre o arquivo se darão, é importante que frisemos, a partir de documentos em sua maioria lavrados pelos próprios acadêmicos, ou seja, *documentos oficiais*, institucionalizados, de modo que estaremos caminhando sempre no fio da navalha, procurando analisar essa documentação sem se deixar contaminar por ela, tentando escapar as armadilhas que esse tipo de documento esconde, tarefa árdua que procuraremos levar a efeito, reconhecendo por outro lado, alguns possíveis percalços e desencontros entre o que queremos na verdade e o que o nosso texto às vezes mostrará... Algo como a cidade do desejo e a cidade desejada... Nesse sentido precisamos pensar que

O arquivo não é uma reserva na qual se sorveria por prazer, mas é permanentemente uma falta. Uma falta semelhante àquela de que falava Michel de Certeau a propósito do conhecimento ao defini-lo assim: “O que não para de se modificar por uma falta inesquecível”⁸⁴.

Por isso a dificuldade em apontar o começo desse arquivo e ao mesmo tempo indicar quem o comanda, porque a marca de sua existência é uma falta. Não estamos lidando com um arquivo completo, mas com um espaço lacunar, com escolhas e silêncios, mas que na visão de seus arquivistas, ele está completo, é homogêneo e representa a garantia de que o passado está lá, consumado, reservado e guardado, pronto a ser utilizado a qualquer momento, como veremos na sequência.

⁸⁴ FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo. Op. Cit.* P. 58

2 – A CIDADE DO DESEJO: SOBRAL, OU “A FORMOSA CIDADE INTELLECTUAL”⁸⁵ E DISTINTA

“(…) Logo, pode-se dizer que, em boa medida, a aproximação entre a *cidade letrada* (espaço de ação simbólica dos sujeitos que fazem uso da palavra escrita) e a *cidade real* (território das realizações materiais e institucionais), efetivou-se por conta desse seguimento dominante ter afirmado seus interesses no poder local, seja na administração pública, imprensa (...) ou em instituições de saber (...)” (Grifos nosso)

Gleudson Passos Cardoso.

Sobral⁸⁶, como foi apontado, é *cidade letrada*, *intelectual* e *distinta*, como quer fazer crer um discurso que se revigora sempre, e que tem como lugar de produção os mais diferentes sujeitos, tais como padres, memorialistas, jornalistas, historiadores, advogados, médicos, mas principalmente acadêmicos – acadêmicos das duas Academias da cidade de Sobral: a *Academia Sobralense de Letras – ASL*, fundada em 1922, hoje inativa, e a *Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL*, essa em plena atividade. Assim, esse discurso o qual se enreda em outros discursos semelhantes, nos diz enfaticamente que “*Sobral é um dos mais ricos mananciais de cultura do Estado do Ceará*”⁸⁷, (Grifos nosso) ou que “*a heráldica cidade e sua gente fidalga, acolhedora e culta*”⁸⁸, (Grifos nosso) representam o *ser sobralense*, uma espécie entidade genérica e homogênea, o qual seria uma “*unidade substantiva e imperativa*”⁸⁹, capaz de ser

⁸⁵ É dessa forma que Domingos Olímpio Braga Cavalcante, nascido em Sobral a 18 de setembro de 1850, se refere a Sobral no início do primeiro capítulo de sua conhecida obra *Luzia Homem*, romance que trata do drama da seca de 1877-79 na cidade e região. Essa colocação de Domingos Olímpio será consagrada como uma das mais “autorizadas expressões” sobre a identidade da cidade letrada. Em outras passagens de sua obra ele faz colocações semelhantes. O autor bacharelou-se em Direito na Faculdade de Recife em 1873. Faleceu no dia 6 de outubro de 1906.

⁸⁶ Sobral localiza-se na Zona Noroeste do Ceará, a 225 km de Fortaleza. Até meados do século XIX Sobral acumulava uma riqueza advinda especialmente da criação de gado e comércio de seus derivados, depois do algodão, sendo importante rota de entroncamento comercial para o Piauí e Maranhão, de modo que sua riqueza a situava em posição privilegiada em relação a Fortaleza, capital. Autônoma economicamente durante esse período, sem ligação direta com a capital, seu adensamento populacional superou aquela cidade. Foi somente no final do século XIX e início do século XX que Fortaleza consegue uma hegemonia econômica.

⁸⁷ ARRUDA, Francisco de Assis V. *Impressão*. *Impressão* é um dos textos de apresentação da obra *Sobral em reminiscência. Humor e saudade*, de autoria de João Barbosa de P.P. Cavalcante, publicada em 1999. O livro, que engrossa a vasta lista de livros memorialísticos sobre a cidade de Sobral, conta com 6 apresentadores, mais uma “mensagem do autor”. Arruda, é um dos mais conhecidos genealogistas da cidade. É escritor e membro da Academia Sobralense de Estudos e Letras.

⁸⁸ Ramos, João Ribeiro. *Amando Sobral nas páginas de um livro*. O texto é a segunda apresentação do livro *Sobral em reminiscência. Humor e saudade*.

⁸⁹ FREITAS, Nilson Almino de. *Astúcias da memória*. Rio de Janeiro: Editora Torre, 2012. P. 14.

preservada em sua generalidade, de modo que temos um discurso que pontifica uma possível tradição que encontra eco no que seriam as ações mais importantes da intelectualidade local. O que pretendemos neste item é analisar os discursos relativos à construção da cidade letrada, intelectual e distinta, procurando questionar o contexto de sua invenção e algumas narrativas que enfatizam com veemência essa “tradição intelectual e distinta” da cidade.

Temos então esse discurso, uma cidade intelectual, como espaço efetivo “de ação simbólica dos sujeitos que fazem uso da palavra escrita”, a converter a escrita em *escritura*, no sentido de um “documento autêntico”, de um contrato, de um registro memorável capaz de afiançar “a veracidade da letra” sob os saberes e fazeres da intelectualidade da cidade e de sua história, tentando representar assim, a ligação entre a “cidade letrada”, de fato “espaço de ação simbólica dos sujeitos que fazem uso da palavra escrita” e a “cidade real”, entendida aqui não apenas como “o território das realizações materiais e institucionais”, mas como a “cidade de passado nobre e distinto”, portanto a “cidade verdadeira”, “real”, heráldica; no entanto precisamos ressaltar com certa precisão, que “foi a distância entre a letra rígida e a fluída palavra falada, que fez da *cidade letrada* uma *cidade escriturária*, reservada a uma estrita minoria”⁹⁰(Grifos do autor) . É exatamente na perspectiva de “uma cidade escriturária” e de “uma estrita minoria” que precisamos pensar nessa história de Sobral quando imaginamos a construção ou invenção de suas tradições letradas e intelectuais. Cidade como “a grande moradia dos homens”⁹¹, mas fundamentalmente como a grande moradia da história, ou melhor, das histórias que impregnam suas ruas, alimentam seus devaneios e desejos, conjugam tempos e espaços, continuidades e rupturas.

Estamos tratando neste trabalho, de *discursos superlativos*, capazes de alçar a história da cidade a um patamar de distinção e diferença, como se não houvesse outra cidade no Ceará e até mesmo no Brasil, capaz de se igualar em seus *feitos*, por ser “a cidade central mais prospera e culta”⁹². Portanto, são *discursos superlativos*, sedimentando certo *passado*, fazendo do mesmo o lugar por excelência da história de Sobral, dado que o que é exatamente o lugar de fluxo do que seriam as “origens excelsas” da cidade e de seus intelectuais. Sobre esse passado da história de Sobral,

⁹⁰ RAMA, Angel. *Cidade das Letras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. P. 54.

⁹¹ REZENDE, Antonio Paulo. *Desencantos modernos*. Op. Cit. p. 21.

⁹² MARTINS, Padre Vicente. *Don José Tupynanbá. 1º Bispo de Sobral*. Revista do Instituto do Ceará. ANNO XL – 1926. P 97.

pensado e repensado especialmente pelos intelectuais das duas Academias citadas, podemos dizer que ele se transforma em “um advento, uma captura do presente”⁹³, pois o passado se transforma em instância visível das ações dos intelectuais, principalmente daqueles que se congregaram a princípio na Academia Sobralense de Letras.

Buscar o fio desse discurso passadista, dessa evasão, é caminhar por um emaranhado de textos que remontam por um lado à fundação da *Vila Distinta e Real de Sobral* em 1773 com sede na povoação da Fazenda Caiçara, berço da cidade. Consideramos esse fato político como o elemento catalisador e impulsionador de uma historiografia⁹⁴ que se esmerou em determinar o lugar privilegiado de Sobral no cenário do Ceará. Assim, para esse discurso, a instalação da vila depois transformada em cidade em 1841, “era a afirmação de Sobral como centro urbano, difusor de cultura em todo o norte cearense”⁹⁵. Consideramos que Sobral exerceria uma espécie de centralismo urbano e cultural “em todo norte cearense”, o que significa dizer que além de sua suposta distinção e cultura, Sobral representaria uma liderança em toda a região, de modo que a construção de certa *identidade intelectual* se daria não apenas por ser “distinta e real”, mas também porque influenciaria toda a região com sua cultura e intelectualidade. São esses os postulados, os desejos desses intelectuais que, ao dignificarem a história da cidade, dignificavam a si mesmos.

Mas porque pensar a história daquilo que seria a fundação da Vila de Sobral no final do século XVIII, como um elemento capaz de alimentar as tradições consideradas distintas da cidade no âmbito da ASEL no começo do século XX, entre elas a suposta nobreza de seus moradores e, como consequência disso o enobrecimento da cidade em 1841? A resposta para essa questão reside no fato de que para os acadêmicos, há uma *continuidade* entre a vila e a cidade, ou seja, sem o que seria a suposta nobreza de seus primeiros moradores, não poderia haver suas tradições letradas e progressistas, ou seja,

⁹³ SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 9.

⁹⁴ Consideramos, nesse sentido, como já frisamos, o romance *Luzia-Homem*, de autoria de Domingos Olímpio, publicado em 1903; a obra do Monsenhor Fortunato Alves Linhares, *Notas Históricas da Cidade de Sobral – 1712-1922*, publicada em 1945; *Homens e vultos de Sobral*, de autoria de Monsenhor Vicente Martins, publicada em 1941; *História de Sobral*, de Dom José Tupinambá da Frota, publicado em 1952, além da obra *Notas de Viagem*, de Antonio Bezerra, como os “marcos inaugurais” dos discursos superlativos sobre a história da cidade. Neste primeiro capítulo nossa escolha será analisar as duas primeiras obras citadas.

⁹⁵ GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. SOARES, Maria Norma Maia. *Sobral, história e vida*. Sobral: Edições UVA, 1997. P. 21.

aquele passado era “destinado a servir de signo heráldico”⁹⁶ para o presente dos acadêmicos e, conseqüentemente, da cidade de Sobral. Entendemos que a Vila é como uma miragem no horizonte da história funciona como um “começo, um princípio do coerência e os esboço de uma unidade futura”⁹⁷. Insistir na repetição do fato, portanto, era a tentativa de garantir uma história homogênea, capaz de ser recontada sempre da mesma forma e com os mesmos conteúdos.

A primeira informação de que dispomos sobre a fundação da Vila Distinta e Real de Sobral, organizada numa publicação consta de um texto escrito pelo acadêmico Monsenhor Fortunato Alves Linhares, que entre suas atividades de clérigo, somava-se a de político, tendo sido vereador e prefeito de Sobral de 1928 a 1930, texto publicado no Tomo LV, em abril de 1922 da Revista do Instituto do Ceará, intitulado *Notas Históricas da Cidade de Sobral*⁹⁸, nos informando que:

Com o nome de Villa Distincta e Real de Sobral o Ouvidor Carneiro de Sá erigiu, a 5 de Julho de 1773 em villa a primitiva povoação da Caiçara, que mais tarde foi elevada à cidade pela provincial nº 229, de 12 de janeiro de 1841, com o título de Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú, lei revogada pela de nº 244, de 25 de outubro de 1842, a qual restabeleceu a antiga denominação de Sobral.

Monsenhor Linhares, como lemos acima, é bastante lacônico com relação a fundação da vila, no sentido de explicar as razões de sua “distinção e realeza”, se limitando a, num parágrafo, falar da fundação da vila e da cidade. Essa lacuna, importante para o entendimento da “heráldica cidade e sua gente fidalga” só será resolvida com a publicação do livro *Raízes Portuguesa do Vale do Acaraú* publicado em 1ª edição em 1991, de autoria do Cônego Francisco Sadoc de Araújo, que nos relata o seguinte: “A nova vila, como sabemos, recebeu oficialmente o pomposo nome de “Vila Distinta e Real de Sobral”. Por que Distinta e porque Real?” E continua:

Distinta porque não tivera origem indígena, ou bárbara, como se dizia então. Nem fora sede de missões jesuíticas ou de outras congregações religiosas. Desde seus primórdios, fora colonizada por portugueses, ou seus descendentes diretos, e catequizados por padres seculares ou da Ordem de São Pedro, como eram então chamados (...). Vila criada de aldeias indígenas não recebia qualquer adjetivação. Era simplesmente vila ou vila nova, com o acréscimo do nome local. Vila mista,

⁹⁶ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. De Amadores e Desapaixonados. *Op. Cit.* P. 59

⁹⁷ FOUCAULT, Michel. Arqueologia do saber. *Op. Cit.* P. 26

⁹⁸ Posteriormente Monsenhor Fortunato Alves Linhares, publicará um livro com o mesmo título, mas acrescido de outros estudos, em março de 1945. Monsenhor Linhares é um dos fundadores da Academia Sobralense de Letras, em 1922 e também da Academia Sobralense de Estudos e Letras em 1943.

formada de habitantes simultaneamente brancos e índios, era real, mas não distinta. Vila formada de habitantes estritamente de origem portuguesa era distinta e real. Foi o caso de Sobral, exemplo único no Ceará⁹⁹.

Araújo é mais enfático em seu texto e apresenta as explicações para o fato da vila ser distinta, já que o adjetivo real era comum no período. Para ele o caso de Sobral era “exemplo único no Ceará”, de modo que a distinção advinha do fato de que a vila havia sido “formada de habitantes estritamente de origem portuguesa”, sem origem indígena. Araújo se esmera ainda em explicar “por que motivo foi dado o nome de Sobral” a cidade, negando assim a versão conhecida até então¹⁰⁰, que ele afirmou tratar-se de “fruto da fantasia”, e que apontava a origem do nome como sendo uma homenagem ao Ouvidor João da Costa Carneiro e Sá autoridade que assinou o termo de levantamento do Pelourinho na povoação da Fazenda Caiçara, e que havia nascido numa cidade de mesmo nome em Portugal. Segundo Araújo, “foi a povoação de Sobral da Lagoa, freguesia do Concelho de Óbidos” que deu nome à cidade, sendo isto sim, “a terra natal do sargento-mor Antônio Marques Leitão, pai de Quitéria Marques de Jesus, que foi mulher do capitão Antonio Rodrigues Magalhães, casal proprietário da fazenda Caiçara”¹⁰¹. O casal em questão doou 100 braças de terra em 1756 para a construção da Igreja Matriz da povoação, sendo desde então Antonio Rodrigues Magalhães considerado o fundador de Sobral. A historiografia da cidade passou a aceitar as explicações de Araújo como as mais razoáveis com relação a essas questões. Mas sabemos que

A criação da vila dos “brancos” foi regulamentada pela “Carta Real” de 27 de julho de 1766. A “Carta de Lisboa” estimulou a organização dessas vilas com vistas a vigiar os malfeitores que roubavam as vacas das fazendas da região¹⁰².

Assim, temos que a criação da Vila Distinta e Real de Sobral resvala da “narrativa grandiosa” e apaziguadora de Araújo para uma realidade digamos mais concreta, qual seja a vigilância aos malfeitores nem um pouco nobres que roubavam vacas pelas fazendas do sertão. Sobre esse dado Studart foi ainda mais preciso:

⁹⁹ ARAÚJO, Cônego Francisco Sadoc de. *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú*. Op. Cit. p. 29.

¹⁰⁰ Essa versão, de que o nome Sobral foi uma homenagem ao Ouvidor João da Costa Carneiro e Sá, nascido em Portugal numa cidade do mesmo nome, foi defendida especialmente por Monsenhor Linhares em sua obra *Notas Historicas para a Cidade de Sobral* e por Dom José Tupinambá da Frota, em seu livro *História de Sobral*.

¹⁰¹ ARAÚJO, Cônego Francisco Sadoc de. *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú*. Op. Cit. P. 26.

¹⁰² COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e cultura das elites sobralenses*. Op. Cit. p. 30-31.

Satisfazer uma urgente necessidade qual a de incubir a gentes de confiança a immediata execução das ordens emanadas do Capitão mor em regiões infestadas por *bandos de malfeitores e ociosos*, que, sem domicilio certo, escapavam a toda espécie de justiça e, portanto, de correção; como complemento della foi endereçada em data de 22 de julho de 1766 uma Ordem Regia ao Governador de Pernambuco estatuinto que os *vadios e faccinorosos*, que vivião a *vagabundear pela Capitania, se ajuntassem em povoações cíveis com mais de 50 fogos*, repartindo-se entre elles com justa proporção as terras adjacentes, sob de refractarios serem considerados *salteradores e inimigos communs* e como taes severamente punidos. Em virtude das disposições contidas nessa Ordem foi que se crearam as villas de Sobral, Quixeramobim, S. Bernardo de Russas, S. João do Principe¹⁰³. (Grifos nosso)

Portanto, a criação da Vila de Sobral, bem como a de outras vilas, pretendia disciplinar “os vadios e faccinorosos, que vivião a vagabundear pela Capitania”, e assim, mesmo sendo “distinta”, a vila havia sido emanada de uma Ordem Regia e não era muito distinta na perspectiva de sua execução, ou seja, pretendia no fundo “igualar” a Capitania no sentido de execução da justiça, de modo que a perspectiva de que a vila foi “colonizada totalmente por brancos portugueses ou seus descendentes com ares de nobreza”¹⁰⁴ sofre um revés, uma vez que a criação da vila se deu com a intenção clara de deflagrar a justiça real. Esse dado importante é sintomaticamente silenciado por todos os “historiadores oficiais” que estamos analisando nesta pesquisa, os quais escolhem silenciar essa questão deslocando-se “no terreno movediço das gêneses”, preferindo a versão mais “enobrecida” sobre a fundação da vila porquanto é uma forma de se enquadrarem também num contexto de distinção, de modo que, aquela origem, aquele passado, “estudado e sobretudo transladado ao presente, para ser filtrado, diferido e transformado em força”¹⁰⁵, fosse o modo de inserção desses autores numa “tradição distinta”, fazendo dos mesmos, membros das “famílias ilustres” e da intelectualidade da cidade. Outro exemplo é Dom José Tupinambá da Frota, que em sua obra *História de Sobral*, procura contradizer a informação de Guilherme Studart,

¹⁰³ STUDART, Dr. Guilherme. *Notas para a História do Ceará* (segunda metade do século XVIII). Lisboa: TYPOGRAPHIA DO “RECREIO”, 1892. p. 254.

¹⁰⁴ JUNIOR, Agenor Soares Silva e. “*Cidades sagradas*”: *A Igreja Católica e as transformações urbanas no Ceará (1870-1920)*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense em 2009. p. 176.

¹⁰⁵ RAMOS, Regis Lopes. *Passado sedutor: a história do Ceará entre o fato e a fábula*. In: FILHO, João Ernani Furtado. RIOS, Kenia Sousa. (Orgs.) *Em tempo. História, memória, educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária -UFC, 2008. p. 281.

querendo fazer crer que as famílias que haviam fundado a Vila “seriam todas de boa linhagem, não descendendo desses malfeitores”¹⁰⁶.

Estamos analisando a construção e invenção do que seria a “fulgente auréola de cidade intelectual”¹⁰⁷ e distinta, procurando problematizar os seus discursos de distinção, a partir das ações, atividades, sociabilidades e escritura de um “pequeno mundo intelectual” a verter sua narrativa na “república das letras” em sua grande maioria sob a perspectiva de uma escrita ligada à história da cidade de Sobral e que se inspira, em parte, no romance *Luzia-Homem*. Aqui, os intelectuais que lavraram a história local, que tentaram impor a cidade por escrito, não se congregaram em um Instituto Histórico, com exceção de Monsenhor Fortunato Alves Linhares e Monsenhor Vicente Martins¹⁰⁸, estes sócios correspondentes do Instituto do Ceará, publicaram alguns artigos na revista daquela instituição, mas tiveram sua vida intelectual praticamente centrada na *Academia Sobralense de Letras* e na *Academia Sobralense de Estudos e Letras* a partir de 1922, caso do Monsenhor Linhares, e na *Academia Sobralense de Estudos e Letras*, caso do Monsenhor Vicente Martins, a partir de 1943.

Estamos tratando de um discurso, de uma tessitura, daquilo que seria uma memória épica, na verdade de uma ampla rede que cobre uma acanhada produção literária e ainda historiográfica sobre a cidade de Sobral, essa mais alentada, e que a coloca num cenário de distinção social, civilizatória e intelectual, de acordo com esse discurso fabulador. Esse discurso é bom que se diga não parte apenas dos intelectuais locais. Em discurso proferido na Câmara de Vereadores de Sobral, quando recebia o título de Cidadão Sobralense, José Bonifácio Câmara, intelectual fortalezense reconhecido, faz a seguinte assertiva, que dá conta de como o “discurso da distinção” se disseminou de certa forma intensiva no cenário intelectual cearense, e desse modo era repetido geralmente em ocasiões solenes locais:

Conhecer é amar e foi prospectando vossa História que me capacitei da valia dos homens que estabeleceram, às margens do Acaraú, *uma*

¹⁰⁶ Ver: FROTA, D. José Tupinambá da. *História de Sobral*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará - IOCE, 1995. Ver ainda: COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e cultura das elites sobralenses. 1880-1930*. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado, 2011.

¹⁰⁷ Esse é o tom que o escritor Domingos Olímpio Braga Cavalcante dá a cidade em seu mais conhecido romance, *Luzia-Homem*, publicado em 1903.

¹⁰⁸ Monsenhor Vicente Martins da Costa chegou a Sobral em 1938. Foi um dos mais influentes padres da Igreja Católica em Sobral, tendo publicado importantes obras sobre a História de Sobral e seus “vultos mais importantes”. Seu livro *Homens e Vultos de Sobral*, publicado em 1941 representou um grande esforço do autor para marcar a “identidade da cidade letrada”.

*rica e progressista civilização, fundada na pecuária e no algodão, que forneceu ao País tantos luminares das letras jurídicas, da literatura, da vida política e eclesiástica. Deve ser um “gens” privilegiado este que veio para Sobral e aqui, já no século passado, fazia surgir uma intensa vida cultural que encantava os viajantes (...)*¹⁰⁹ (Grifos nosso)

José Bonifácio Câmara, em sua fala, assumia assim o que seria o “ser sobralense”, garantido por um “gens” especial, no momento em que era laureado na câmara. Para ele Sobral seria uma cidade diferente vista em sua perspectiva como incomparável, sendo um caso à parte, porque progressista. O que está em questão na fala de Câmara, é a identidade desejada, articulada a partir de uma história também desejada. Assim, podemos fazer eco ao pensamento de Deleuze que compreende a diferença como um elemento mediatizado pela identidade desejada¹¹⁰. Aqui, *ser sobralense* seria o mesmo que desejar uma identificação com certo passado dito único e didático, construído a partir de uma montagem seletiva de memórias e de imaginários. Por isso, em outras palavras, Sobral seria uma cidade distinta na obra de Domingos Olímpio, considerado um dos luminares da literatura da cidade, pois ele seria capaz de atualizar, por *ser sobralense*, ou seja, por envergar em seu nome e na força advinda de sua obra, uma ilusão de generalidade, ou dito de outro modo, por fazer parte de uma suposta tradição da cidade, ele foi capaz de juntar “o presente dos fatos passados”, para citar a famosa reflexão de Agostinho¹¹¹, ou seja, o autor condensaria em sua obra e em sua vida tudo o que seria a marca da “história antiga” de Sobral e de sua gente, dessa forma descrita:

Os homens desta terra nasceram como personificações de tudo quanto se devia conceber, dizer, fazer, sentir ou recordar. Um celebrizava-se pelo gênio, outro pela coragem, este pela erudição, aquele pela eloquência, muitos pelo estro, muitíssimos pelo bom senso, imensos pela virtude, todos pelo patriotismo e pela fé¹¹².

¹⁰⁹ CÂMARA, José Bonifácio. *Elogio a Sobral*. In: Revista da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Janeiro de 1979. P. 17.

¹¹⁰ Ver: DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2009. Pra Deleuze, “Repetir é comportar-se, mas em relação a algo único ou singular, algo que não tem semelhante ou equivalente”, de modo que a generalidade do que seria a identidade sobralense equivaleria a um dado atemporal, sem limites de tempo mas concentrado em um espaço que seria distinto: a cidade de Sobral.

¹¹¹ No XI livro Meditação sobre o Primeiro Versículo do Gênesis: “No Princípio Deus Criou...” que consta nas Confissões, Agostinho reflete magistralmente sobre o conceito de Tempo. No item 20 – nos diz que *Só de maneira imprópria se fala de passado, presente e futuro*, fazendo a seguinte reflexão; “(...) Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória (...)”. Consultamos a obra: AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Editora Paulus, 2002. p. 344-345.

¹¹² PONTE, Pe. José Linhares. *Discurso* pronunciado por ocasião da reinauguração do Teatro São João. In: Revista da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Janeiro de 1979. p. 73.

A forma como Ponte caracteriza ainda que de forma genérica o “grande sobralense”, aponta para a invenção na verdade de um sujeito sem rosto, genérico, impossível de existir de fato, na forma de um “imperativo categórico de que deve existir um tipo de passado [sobralense] a ser imortalizado, lembrado para sempre”¹¹³, e que acaba por reconhecer, como fez Câmara, que em Sobral um “gens” mais do que privilegiado conformou a elite letrada da cidade, a qual nasceu personificada, de modo que tínhamos assim uma cidade intelectual, capaz de bem escrever, bem falar, fazer, sentir e recordar, e entre os intelectuais citados, a figura de Domingos Olímpio sobre o qual Ponte em seu discurso por ocasião da inauguração do Teatro São João em 1880, nos diz que suas “palavras traduziam emoções”, ele que “celebrizava-se pelo gênio”, ocupa lugar central.

Por isso mesmo, outra vertente dessa *narrativa superlativa* parte sem dúvida do romance *Luzia-Homem*, publicado em 1903, pelo escritor sobralense Domingos Olímpio Braga Cavalcanti¹¹⁴, que será em parte analisado por nós em diálogo com a obra *Luzia-Homem, ontem e hoje*, de autoria do historiador e membro da ASEL, que ocupou a cadeira n.12, padre João Mendes Lira¹¹⁵. Nesse sentido,

Luzia-Homem, além de ser uma espécie da epopéia, pode ser considerado UM ROMANCE DE EXALTAÇÃO A SOBRAL. Sobral, situada na Região Centro-Norte do Ceará, foi o berço do grande escritor. Ele alimentava uma verdadeira veneração por esta sua terra natal. Forçado a migrar para o Pará e depois para o Rio de

¹¹³ FREITAS, Nilson Almino de. *Astúcias da memória*. Op. Cit. P. 51

¹¹⁴ Domingos Olímpio bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife em 1873. Fez parte de uma leva de sobralenses filhos de comerciantes ricos que foram estudar em Recife e dessa forma acumularam um “capital social e cultural” importante para galgar postos de comando na cidade. Domingos Olímpio foi promotor de justiça em Sobral.

¹¹⁵ Padre João Mendes Lira é um dos historiadores mais profícuos da cidade, tendo publicado uma vasta obra, entre elas podemos citar *De Caiçara a Sobral* (1971), *Nossa História* (1972), *Sobral, sua história documental e a personalidade de Dom José* (1975), *A vida e a obra de Domingos Olímpio* (1977), *A escravatura e a abolição dos escravos em Sobral* (1981), *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota* (1982), entre outras obras. Quando o padre Lira, como era conhecido faleceu em 2004, todo o seu vasto acervo que incluía além de suas obras, documentos originais, como livros de tombo, inventários, testamentos, manuscritos, mas também muitas peças arqueológicas, postais e fotografias antigas de Sobral, entre outros documentos, foi doado, segundo vontade da família, para o Museu Dom José Tupinambá da Frota em Sobral, onde ganhou uma sala bastante acanhada para expor parte desse acervo, pois a direção do museu achou por bem doar “metade” do mesmo para o NEDHIS, Núcleo de Estudos e Documentação Histórica do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú. De nossa parte reconhecemos que a divisão do material não fez bem ao mesmo, visto que no ato de esfacelamento do material, algumas coisas se perderam ou foram descontextualizadas, como pequenos papéis de anotação, cartões, entre outros pequenos documentos. Padre Lira possivelmente foi o intelectual mais profícuo da ASEL, tendo publicado uma coluna diária no jornal católico *Correio da Semana*, intitulada *Nossa História*, por mais de 10 anos, em que discutia preferencialmente as “origens nobres” da história de Sobral, procurando justificar o passado da cidade a partir de seus “grandes vultos”, entre eles, Domingos Olímpio, autor obsessivamente citado por Lira.

Janeiro, para onde fosse, carregava nos ombros a sua cidade como faziam os Gregos (...) Em qualquer parte onde se estabelecesse um grego, aí nascia uma pequena Grécia. Assim procedia também Domingos Olímpio. No seu romance, quando se refere a Sobral, não esconde esta exaltação à Princesa do Norte (...) ¹¹⁶ (Grifos do autor)

O escritor é reiteradamente apropriado pela elite letrada da cidade e transformado numa espécie de “patrono da intelectualidade” sobralense. Sua obra, e em especial *Luzia-Homem*, acende o estopim de um orgulho indisfarçado, de um potencial intelectual considerado desmedido, transformando a obra numa “espécie de epopéia”, como sugere Lira, mas sendo acima de tudo uma “exaltação a Sobral”, ou melhor, “à Princesa do Norte”, como a cidade é também cognominada. Por esse motivo Domingos Olímpio, carregava “nos ombros a sua cidade como faziam os Gregos”. A cidade seria dessa forma parte do todo, seria a sua bagagem sentimental e material, o espólio cultivado na distância, pois o romance foi escrito quando o romancista morava na cidade do Rio de Janeiro, então capital da nação.

Domingos Olímpio deste modo se transforma por esse discurso não só no grande escritor, mas acima de tudo no que seria supostamente o exemplar fiel do intelectual sobralense. Em razão de o autor “não era um escritor comum. Ele se aproximava muito do real, do humano, da genialidade (...)”. ¹¹⁷ Domingos Olímpio será assim o *simióforo* ¹¹⁸, o sinal de distinção de uma cidade, de uma sociedade, de modo que entendemos com Sirinelli, que “certos escritores passam mesmo a ser (...) símbolos das expectativas ou das sensibilidades de uma época” ¹¹⁹. Por isso, no cenário intelectual da cidade, Domingos Olímpio será sempre chamado às vistas, sendo o semióforo de uma

¹¹⁶ LIRA, Padre João Mendes. *Luzia-Homem, ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1983. P. 37

¹¹⁷ *Ibidem*. P. 7

¹¹⁸ Semióforo seria uma espécie de sinal distintivo que estabelece a diferença entre uma coisa e outra, sendo também um rastro ou vestígio deixado por algum animal ou por alguém, a relação entre um invisível e um visível (sendo “a obra literária” uma instância invisível, enquanto o livro, como objeto, seria a instância visível). Semióforo compreenderia, desse modo, a celebração de “algo comum a todos e que conserva e assegura o sentimento de comunhão e de unidade”. Funcionaria como algo que teria um valor muito mais simbólico do que material, sendo tudo aquilo que não deixa nunca de produzir várias significações. Ver: POMIAM, Krzysztof. História cultural, história dos semióforos. In: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. Para uma história cultural. Lisboa: Editora Estampa, 1998. Ver ainda CHAUÍ, Marilena. Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000. Nesse sentido, o livro, em nosso caso específico, *Luzia-Homem*, pode ser entendido como um sinal de distinção de uma elite letrada, uma espécie de “programa” a se converter, por esse discurso, numa espécie de “comportamento coletivo” intelectual, fazendo com que, ainda segundo Pomian, seja capaz de “substituir, completar ou prolongar uma troca de palavras, ou conservar-lhe, o vestígio, tornando visível o invisível e estável o que de outra forma ficaria evanescente (...)”.

¹¹⁹ SIRINELLI, Jean-François. *As elites culturais*. IN: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. Para uma história cultural. Lisboa: Editora Estampa, 1998. P. 267

determinada sociedade, o símbolo de certa expectativa sobre o passado e o futuro da cidade, “um objeto visível investido de significado”¹²⁰, a exemplo da ASL e da ASEL e de outros acontecimentos considerados relevantes da intelectualidade local, como o Gabinete de Leitura, o que fez com que o autor de *Luzia-Homem* em carta de 1903 a Álvaro Ottoni fundador do jornal “A Cidade”, proclamasse que “*Sobral não precisava do meu preito para afirmar a sua fulgente auréola de cidade intelectual, berço de brasileiros notáveis em todos os ramos da atividade humana*”.(Grifos nosso) Mas como veremos, a cidade precisou sim, do seu preito para afirmar sua auréola de cidade intelectual. Essa perspectiva será, desde então, o motor de um amplo discurso que de maneira geral ancorar-se-á muito mais no *nome* do que na obra do escritor, essa pouco lida e pouca conhecida entre a maioria dos intelectuais da Academia.

Não faremos uma análise do lugar do romance na história da Literatura Brasileira¹²¹. Também não estaremos em busca de sua estilística, de suas características Regionalistas ou Impressionistas como querem alguns autores. Não será nada disso. O romance é lugar importante para enxergar as representações intelectuais sobre a cidade de Sobral contidas em suas páginas. E, ao concordarmos com Deleuze, para quem “o livro imita o mundo”, buscaremos enxergar pelas letras os signos, representações e invenções de uma cidade que beira a “suntuosidade intelectual”. Entendemos com isso, a literatura, especificamente *Luzia-Homem*, não como criação do gênio, do homem excepcional, como sugere Ponte, de modo que entendemos a literatura como “evidência histórica objetivamente determinada, isto é, situada no processo histórico -, logo apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada”¹²², sendo isto uma inquirição sobre uma dada forma de tocar a realidade com a ponta afiada de um espinho. O romance em tela não será compreendido dentro de uma perspectiva de entendimento da nação, da construção de sua identidade, da percepção e construção de um passado histórico para o país, embora busque a “descrição de lugares, cenas, fatos,

¹²⁰ POMIAN, Krzysztof. *História cultural, história dos semióforos*. IN: *As elites culturais*. IN: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editora Estampa, 1998. p. 77.

¹²¹ Sobre essa questão ver: JUNIOR, José Leite de Oliveira. *O pictórico em Luzia-Homem*. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1994. O autor analisa o romance na perspectiva de suas características impressionistas, colocando-o ao lado de *Canaã* e *O Ateneu*. Lamenta ainda o autor pelo que chama de “o enigma ou – do infortúnio crítico”, quando chama atenção para a escassez de críticas à obra, o que faz com que Domingos Olímpio sofra, segundo ele, “de um injurioso infortúnio crítico”.

¹²² CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.) *A história contada. Capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998. p. 7.

costumes do Brasil”. Acreditamos que *Luzia-Homem* é um romance que, apesar das características que o ligam à história da literatura brasileira, quando inferido no contexto do Realismo-Naturalismo ou mesmo Impressionista, tenta em verdade explicar o que seria, na perspectiva do discurso acadêmico, a mais que genérica e inalcançável “*alma sobralense*”, construindo assim um elo de pertencimento a uma tradição inventada na história e que procura legitimar o *local* e não o *nacional*. A cidade no romance é muito mais do que o cenário de muitas narrativas. A cidade que surge para o leitor possui casas alinhadas, ruas extensas e largas, sendo para Domingos Olímpio o que ainda não era. Não era posto que apesar da existência de certa literatura a qual trata da suposta excelência da cidade de Sobral, tratava-se ainda de uma cidade bastante acanhada, sem casaria alinhada nem ruas extensas e largas. De fato temos em 1860 praticamente o primeiro plano de urbanização para Sobral, que estabelece entre outras considerações:

Dois pontos diretamente inerentes à cidade de Sobral e sobre os quais encarreguei-me de fazer algumas humildes considerações e estudos:

1 – Traçar o alinhamento ou o arruamento possível de fazer na cidade, utilizando-se a parte edificada da mesma.

2 – Apresentar a planta da cidade, traçando os melhoramentos adequados a seu futuro desenvolvimento. (...)

Do mesmo modo, a questão do nivelamento da cidade, tendo sido completamente esquecido em todos os preceitos da arte, resulta que já é difícilimo combinar os declives de maneira satisfatória para o esgoto da cidade nos dias de chuva, cuja dificuldade crescerá anualmente, se, desde já, se não tratar de estabelecer preceitos, pelo menos de alcance aproximado, que tendam a garantir a possibilidade de melhoramentos futuros¹²³.

Portanto, devemos imaginar que Domingos Olímpio então com dez anos de idade poderia ter assistido a tentativa de se organizar a topografia urbana de Sobral a partir das proposições do Dr. Raja Gabaglia, autor do projeto de intervenção? Não sabemos. Mesmo assim, aquela *cidade-cenário* de *Luzia-Homem* retratada a partir da grande seca de 1877, estava sendo transformada por grandes levas de retirantes que ocupavam o centro da cidade e se constituíam como novos sujeitos naquele espaço, abrindo por dentro a *cidade-conceito*, e instaurando a *cidade-chão*, praticada por novos agentes que traziam consigo novas experiências e novas sociabilidades, rompendo assim a suposta crosta civilizada e progressista da cidade. Não resta dúvida, é claro, que Sobral atraía grandes levas de imigrantes por sua posição hegemônica na região, já a

¹²³ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Origem da cultura sobralense*. Sobral: Edições UVA, 2005. P. 189-191.

partir da segunda metade do século XVIII. Com o cenário da grande seca a partir de 1877, a cidade começa a atrair retirantes que viam na cidade uma oportunidade para mudar os seus destinos. Não nos esqueçamos, por outro lado, que “desde o século XIX a literatura no Brasil encerrava dois outros discursos: o político e o do estudo da sociedade”¹²⁴. Nesse sentido, assim se refere o romance sobre essa questão:

Acertara a Comissão de Socorros em substituir a esmola depressora pelo salário emulativo, pago em ração de farinha de mandioca, arroz, carne de charque, feijão e bacalhau, verdadeiras gulodices para infelizes criaturas, açoitadas pelo flagelo da seca, a calamidade estupenda e horrível que devastava o sertão combusto.¹²⁵

É a sociedade flagelada que aparece no romance, vítima de um “sertão combusto”. É ela que o autor procurar abarcar em seu texto e explicar sua tragédia, *esta* aliviada já que os retirantes estão em Sobral. Os retirantes encontraram assim, um lenitivo para as suas dores. A cidade acolhia os estranhos, os “outros”, assim temos “uma cidade (...) construída segundo (...) as regras da arquitetura e [que] de repente [é] sacudida por uma força que desafia os cálculos”¹²⁶ de uma cidade urbanizada, dita “fidalga e civilizada”, neste caso os famintos e deserdados da seca.

Com relação ao Plano de Urbanização de 1860, o qual entre outras questões, lamentava que “foi com bastante surpresa nossa que em vários lugares houve necessidade de repetir as mesmas operações, porque os marcos ou mourões haviam sido arrancados”, ele não logrou grande efeito, já que “embora não tenha sido realizado totalmente, Sobral foi a primeira cidade do interior do Nordeste (...) a tentar possuir um plano de urbanização tecnicamente estudado”¹²⁷. Entendemos assim que a cidade de ruas largas e extensas presente no romance é a cidade supostamente presente no futuro, no desejo, pois é na distancia de sua cidade natal que Domingos Olímpio lavra o seu texto, funda sua *escritura*, e inclusive é esse o sentido que o seu livro veio a assumir no contexto intelectual da cidade¹²⁸ – uma verdadeira “*escritura*”, no sentido de um “texto

¹²⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana. São Paulo: Cortez Editora, 1999. p. 208.

¹²⁵ OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. Op. Cit. p. 8.

¹²⁶ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. V.1 Petrópolis: Vozes, 1990.

¹²⁷ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Origem da cultura sobralense*. Op. Cit. p. 192.

¹²⁸ É sintomático que n’*O Centenário* de Sobral, álbum organizado por Craveiro Filho, jornalista sobralense membro da Academia Sobralense de Letras de 1922 e da Academia Sobralense de Estudos e Letras de 1943, para comemorar o centenário da cidade em 1941, em que expõe uma extensa lista de intelectuais locais, o nome de Domingos Olímpio encabeça essa lista e estabelece o *pedigree*, o legado de uma cidade, segundo ele, eminentemente intelectual. *O Centenário* será analisado detidamente por nós em outro momento com relação as suas representações intelectuais sobre a cidade de Sobral.

sagrado”, intocável e irretorquível, a revelar para o mundo o que seria o gênio da obra e de seu autor.

Sobre a cidade de Sobral como um dos principais “personagens” do romance, João Clímaco Bezerra faz a seguinte consideração: “um fato comum destaca a biografia de Domingos Olímpio, posto em relevo por quantos estudaram a sua obra: a sua longa ausência do Ceará.” E mais adiante completa:

Aponta-se Luzia-Homem como reconciliação com a terra natal, esteira do exemplo de José de Alencar com Iracena ou de Eça de Queiroz com As Cidades e as Serras. E porque Luzia-Homem é o livro de saudade e homenagem, ainda que negativas, pois insiste na face feia do Ceará, *há uma verdadeira exaltação a Sobral*. Aquilo que Parsifal Barroso chamaria, mais tarde, em o Cearense, de “*sobralização*”, neologismo que traduz o culto dos filhos da cidade.¹²⁹ (grifos nosso)

Para Bezerra, *Luzia-Homem* “é o livro de saudade e homenagem”. Trata-se de um livro lavrado na distancia da terra natal, em que “há uma verdadeira exaltação a Sobral”, de modo que a cidade invisível ganha a dizibilidade e a visibilidade em um texto saliente, agudo, que a partir de então atravessará a densidade da história local e instaurará um sentido que aponta para a invenção de uma tradição de distinção que ganhará ainda mais fôlego quando da publicação de *O Cearense* obra já citada por nós, de Parsifal Barroso.

Sobral desponta no texto do romance como uma espécie de Canaã, de Terra da Promissão, e apesar de constantemente alguns personagens sonharem em partir para Camocim, lugar do mar, e “pensar que em cinco dias poderíamos estar na praia, livres deste inferno...”¹³⁰. Sobral é lugar de sossego e, contraditória e relativamente, de fartura: “- Aqui tem uma libra de carne fresca e um corredor, uma quarta de toucinho, afora a ração do governo. A farinha é meia grossa, mas tem muita goma. – Ninguém dirá, com semelhante fartura – gracejou Luzia – que somos retirantes”.¹³¹ A brincadeira de Luzia, assim, alivia o drama narrado no texto e ao mesmo tempo abre espaço para o gracejo furtivo que recoloca um pouco no lugar a humanidade aviltada pela seca. O gracejo, dessa forma, alivia a dor e aponta para o lugar do riso – a cidade de Sobral –, como um lugar de bem-aventuranças.

¹²⁹ BEZERRA, João Clímaco. Apud. LIRA, João Mendes. *Luzia-Homem ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1983. p. 9-10.

¹³⁰ OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem. Op. Cit.* p. 26.

¹³¹ *Ibidem.* p. 28.

Numa outra passagem temos mais uma vez de forma bastante clara o sentido que a cidade de Sobral assume no romance e no discurso da ASEL. Ela praticamente assume o lugar mítico de um oásis encontrado após uma longa peregrinação. Vejamos:

Cansado de resistir e lutar, aguardando, em vão, sinais de inverno, viu-se afinal, só; sem um amigo, um companheiro, um vizinho numa redondeza de dez léguas, exposto aos assaltos de bandidos, que enchiam a região, e resolveu emigrar. Arrumou em algumas malas o indispensável, a roupa da família e algum dinheiro, e enterrando todo o resto com a prataria, velha baixela e jóias numa brenha de serrotes ásperos e pedregosos. *Organizou o comboio com três burros, e outros tantos cavalos de sela, e partiu na direção de Sobral, a cidade intelectual, rica e populosa, empório do comércio do Norte da província, na qual o governo estabelecera opulentos celeiros.*¹³²
(Grifos nosso)

O texto acima é de grande densidade. Apresenta uma situação de desamparo, de desespero comedido que aponta para uma tranquila comisseração, para um saber esperar que chega ao limite de achar que se deve apenas esperar até a última condição. O fato de o personagem estar só, sem um amigo, um companheiro, um vizinho sequer, o faz tomar a grande decisão de sua vida: emigrar. Sair do seu lugar, do lugar em que conhece todo mundo, os vizinhos, os amigos. Deixar o lugar de sua vivência em nome da própria vida que se encontra em desamparo total, mas sem desespero. O que nos chama muito a atenção no romance é exatamente o desespero comedido dos personagens. Eles estão em situação de calamidade, mas não se desesperam, não perdem a fé, não lamentam pela vida em si, a vida de cada um, mas pela vida do outro que os acompanham, caso de Luzia, que sofre não pela vida que leva, mas pela vida que não pode dar à sua mãe idosa, ou a vida que leva Teresinha, sua melhor amiga. O ato, por outro lado, de arrumar seus “tesouros”, a prataria, jóias e a velha baixela e enterrar tudo “numa brenha de serrotes ásperos e pedregosos”, nos indica simbolicamente o desejo e a esperança de retornar e encontrar o que havia perdido. O “tesouro” enterrado era a certeza de que seria possível, depois de tudo, recomeçar a vida sobre o mesmo chão.

Ao deixar sua terra, ao enterrar seu “tesouro”, ao divisar na distância apenas a falta – falta de amigos, vizinhos, companheiros, e evidentemente de gêneros de primeira necessidade –, algo novo assoma diante daquele retirante que nada possui naquele momento, a não ser a certeza de que está partindo “na direção de Sobral, a cidade

¹³²OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem. Op. Cit.* p. 151.

intelectual, rica e populosa, empório do comércio do Norte da província, na qual o governo estabeleceria opulentos celeiros". O adjetivo *opulento* de tal forma pesa no texto de Domingos Olímpio, na passagem em questão, que tal expressão se torna quase sinônimo da cidade. Cidade opulenta não só porque tem ricos celeiros, mas principalmente porque seria uma cidade intelectual, faustosa e abastada. É uma cidade virtual, de suposta grandeza e esplendor. O fato de ser uma cidade intelectual, por outro lado, nos aponta para uma equação que o romance não assume explicitamente como seu, mas que impera de forma contundente naquilo que o romancista quis dizer sem dizer. É o fato de que somente aquela cidade de Sobral, por ser intelectual, rica e populosa, ser capaz de garantir diante de uma situação extremamente delicada naquele momento de grande seca, a alimentação para o corpo e para... a alma... Nesse sentido, por ser uma cidade intelectualizada, na perspectiva desse discurso, Sobral não seria a Canaã do Sertão?! Outro literato da cidade não pensava assim...

Um episódio importante na vida do escritor nos dá a dimensão de sua importância dentro do mundo intelectual da cidade. Trata-se da tentativa de eleição do autor para uma vaga na Academia Brasileira de Letras, em 1905.¹³³ Sobre essa questão assim considera Lira:

Domingos Olímpio, com a publicação de sua "obra prima" não conseguiu logo despertar o mundo intelectual brasileiro para seu primoroso romance. Os medalhões da intelectualidade nacional como que se assustaram com o nordestino que prometia disputar o páreo com eles. Armaram um bloqueio. Ele não podia entrar no número dos "imortais" (...) O prestígio de Domingos Olímpio, após a publicação de (...) *Luzia-Homem* começava a assustar (...) os "donos da literatura" que se sentiram abalados com um romance que tocava profundamente nos sentimentos de todos os brasileiros. A reação dos "grandes medalhões" da língua pátria foi sutil, ameaçadora e quase mortífera.¹³⁴

A citação de Lira é clara com relação ao lugar que deveria ocupar o autor de *Luzia-Homem* no cenário da literatura brasileira: a *imortalidade*. Para ele, a obra, sendo capaz de tocar profundamente todos os brasileiros, certamente causou um mal estar junto a *intelectualidade nacional*, que de acordo com o que se depreende das palavras de Lira, não tinha tido a mesma capacidade de produzir obras que fossem capazes de

¹³³ Ver: RODRIGUES, João Paulo Coelho de Sousa. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001. Nesta obra o autor discute de maneira bastante interessante as relações complexas e nem sempre explícitas entre literatura e política. Num capítulo em especial, *Mesquinhezias imortais*, o autor adentra o mundo pouco recomendado das mesquinhas, compadrios e conchavos nas eleições para a Academia.

¹³⁴ LIRA, João Mendes. *Luzia-Homem ontem e hoje. Op. Cit.* p. 8-9.

tocar a sensibilidade da nação. Na mesma passagem enxergamos nitidamente uma visão estereotipada e fatalista sobre o nordestino como um pária do Brasil¹³⁵. O autor entra no páreo para a disputa de uma “corrida” em que ele não é considerado como um “cavalo puro sangue”, isso pelos “outros”, os “donos da literatura”, apesar de sua obra magistral, na opinião supracitada. Domingos Olímpio, forjado pela prestigiosa Faculdade de Direito de Recife, no entanto, segundo esse discurso, parece não ter vez no Sul, pelo menos naquele contexto de disputa intelectual. Mas fazendo um trocadilho, podemos dizer que Domingos Olímpio na visão de Lira, era um autor *olímpico*, quase que sem concorrentes a altura, pelo menos entre “os medalhões da intelectualidade nacional”.

Os caminhos do romance nos apresentam os caminhos da cidade ideal, epifânica, sonhada e desejada pelo autor. A cidade é esquadrihada pelo romancista, de modo que encontramos entre outros espaços menores, o *Morro do Açougue*, onde está sendo construída a cadeia pública, lugar de trabalho dos retirantes, praças centrais, ruas, como a do Rosário, relativa a igreja pertencente aos escravos, lugar de grande fluxo, segundo núcleo urbano da cidade, rua da Gangorra, lugar do primeiro mercado e de trabalho escravo, bairros como o da Fortaleza, lagoas, igrejas, especialmente a Matriz e as margens do Rio Acaraú. “Tudo o que se referia a Sobral, de modo a exaltá-la, Domingos Olímpio colocou dentro de seu imortal romance¹³⁶”. A cidade tratada como faustosa continua sendo descrita pelo autor. Talvez mais do que isso: a cidade de Sobral continua seu périplo de distinção, e ganha no texto a autenticidade do que seria sua história, que encontra seu lugar em 05 de julho de 1773¹³⁷, de modo que o desejo do ritual solene em torno da data em questão, é “parar o tempo para permitir ao passado esquecido ou recalçado surgir de novo (...), e ser assim retomado e resgatado no atual”¹³⁸. As duas Academias Literárias da cidade serão lugar por excelência de “parar o tempo” a fim de permitir ao passado esquecido ou recalçado surgir de novo”, por esse motivo suas principais publicações, textos e discursos procurarão sobremaneira puxar o

¹³⁵Sobre a questão de invenção de um Nordeste de certo modo aviltado e esquecido, ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

¹³⁶ LIRA, João Mendes. *Luzia-Homem, ontem e hoje*. Op. Cit. p. 38.

¹³⁷ Vale considerar aqui que o aniversário de Sobral é comemorado oficialmente a 05 de julho e não a 12 de janeiro, data de elevação da Vila a cidade em 1841. Tão forte é o simbolismo da distinção da Vila – Vila Distinta e Real de Sobral, que essa suposta grandiosidade original é continuamente celebrada a cada aniversário da cidade, na realidade da vila, a cada 5 de julho de cada ano.

¹³⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.10.

fio de uma história que só faz sentido uma vez que é capaz de explicar o presente dos acadêmicos.

Na continuidade do romance encontramos a seguinte passagem: “A *salvação* estava em Sobral, na cidade formosa e opulenta, o oásis hospitaleiro anelado pelas caravanas de pegureiros esqueléticos¹³⁹” (grifos nosso). A noção de cidade formosa e opulenta assume quase que naturalmente no texto um ar de fabulação¹⁴⁰, de uma riqueza que seria facilmente identificada na própria topografia do lugar. E se a *salvação* estava em Sobral, isso só era possível dado que Sobral era diferente de todas as outras cidades. Essa diferença, é claro que não passa de uma invenção, ou melhor, de uma fabricação. O que percebemos com relação aos acadêmicos é que os mesmos advogam o que seria o pleno direito à invenção de um acontecimento no passado que seria determinante para o presente. Na sequência continua o autor: “(...) souberam que no subúrbio da cidade, poderiam encontrar um rancho, modesto abrigo, onde pudessem esperar dias menos aflitivos¹⁴¹”. O tom que encerra o sentido e descreve a cidade é sempre assertivo. A cidade de fato, pelo texto, é sempre a afirmação e a revelação de uma grandeza que impera sobre todo o estado e estabelece o lugar de efetivação de uma nova vida para os retirantes, um lugar “onde pudessem esperar dias menos aflitivos”. Assim, o romance considera Sobral uma cidade ideal, bem aventurada, capaz de resolver infortúnios e calar a miséria. O que nos parece digno de nota aqui, é que esse *discurso literário*, que essa invenção do escritor, se transforma no que chamaríamos de *discurso da história*, ou seja, os intelectuais da Academia, os memorialistas locais, entre outros letrados da cidade, acabam por assumir o texto do romance como se fosse o *testemunho da história*, no sentido em que seria a própria história, sem cogitar que *Luiza-Homem* é uma invenção de Domingos Olímpio, que essa narrativa é parte da *ficção* do autor.

Estamos considerando que os discursos que procuram estabelecer a cidade intelectual, cristalizando figuras como Domingos Olímpio, por exemplo, intentam criar “quadros de referência que sirvam como pontos de orientação para o presente e o

¹³⁹ OLÍMPIO, Domingos. *Luiza-Homem*. Op. Cit. p. 152.

¹⁴⁰ Sobre o fascínio que a cidade de Sobral exercia sobre a população das cidades circunvizinhas, o poeta Gerardo Melo Mourão, num discurso em agradecimento ao título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Estadual Vale do Acaraú, em 2002, conta de seu encantamento quando deixava sua cidade natal, Ipueiras, e vinha para Sobral. Para ele a cidade parecia um lugar de excepcional beleza e magia. Infelizmente não tivemos acesso ao discurso escrito.

¹⁴¹ OLÍMPIO, Domingos. *Luiza-Homem*. Op. Cit. p. 153.

futuro”¹⁴². Deste modo, esse quadro de referência é forjado no interior mesmo do grupo de intelectuais. E, em nosso caso particular, é no interior da ASL e da ASEL que foram criados quadros de referência, os quais além de procurarem garantir orientação para o presente e para o futuro, buscavam como subsídio para esse quadro, apropriar-se de certo passado, de modo que “o passado assume contornos estáveis e legíveis, cuja transparência se oferece, como livro aberto”¹⁴³. A estabilidade do passado é constantemente buscada, porque o passado é entendido como o vértice do presente e a possibilidade máxima de futuro, decerto que ambas as Academias se transformarão, a partir mesmo de sua criação, em guardiãs de uma dada memória e de certa história da cidade, ou seja, se transformarão, para citarmos as palavras de Philippe Lejeune, em “guarda-memória”.

Lira finaliza o seu livro com mais uma assertiva, conforme segue:

Domingos Olímpio, homem de grande cultura e profundo observador, compreendeu que podia *perenizar sua cidade natal*, que tanto a amava, descrevendo a vida social, sentimental, religiosa e econômica daqueles que participaram da construção desta Penitenciária numa circunstância tão trágica¹⁴⁴. (grifos nossos)

Mais uma vez chama atenção o fato de Lira reforçar a força intelectual do autor, que praticamente se confunde com a “perenidade da cidade”, e ao mesmo tempo considerar que os personagens do romance realmente construíram a cadeia pública. Para ele a literatura é um documento real sobre o que aconteceu. Em outra passagem considera que “Domingos Olímpio se aproximou muito de personagens reais”. Assim, para Lira a literatura aqui é entendida como parte inequívoca da realidade, e sabendo que o autor era promotor em Sobral durante a seca de 1877 a 1879, período em que se passa o enredo do romance, o texto assume um “efeito de verdade” inequívoco para ele. *Luzia-Homem* seria a experiência verdadeira de quem presenciou, testemunhou a história e, enquanto tal, estaria apto a dizer, explicar e considerar tudo o que aconteceu, podendo assim, “ser fiel aos fatos”. Sobre isso, vale destacar que:

O Nordeste é definido como “uma província literária”, legitimando não só a identidade do romance como nordestino, como a própria idéia de Nordeste, por “possuir uma literatura própria que é expressão de

¹⁴² SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Sobre as (f)utilidades de uma história oficial*. In: FILHO, João Ernani Furtado & RIOS, Kênia Sousa (org) *Em tempo. História, memória, educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária - UFC, 2008. p. 131.

¹⁴³ *Ibidem*. p. 120.

¹⁴⁴ LIRA, João Mendes. *Luzia-Homem, ontem e hoje. Op. Cit.* p. 67.

sua verdade”. A literatura seria a expressão de “espírito” de cada área. A literatura paulista era uma literatura de aventura e de conquista, assim como o “espírito bandeirante”; já o romance nordestino era “rústico, inculto e forte como aquela área.¹⁴⁵” (Grifos nossos)

O romance seria filiado a uma “tradição nordestina” alicerçada num certo “espírito” capaz de garantir que a literatura seria a “verdade” estabelecida, a ensinar e a enviar sinais percucientes sobre a realidade em todas as suas facetas. Lira não considera o romance uma ficção no “mau uso do termo”, ou seja, ficção como “mentira”, como “fingimento”. Para ele *Luzia-Homem* é parte da realidade porque a realidade retratada pode ser comprovada por quem viveu, ouviu falar ou por sua produção documental. Portanto, o romance existe como *história*, como fato, como acontecimento que deixou sua marca inclusive numa grande obra arquitetônica, no caso da Cadeia Pública construída durante a seca. Por isso mesmo, Lira faz questão de frisar que na “obra trabalharam diariamente 359 a 400 pessoas: homens, mulheres e meninos. Botaram ao pé da obra 28.202 pedras, 11.995 tijolos, 8.520 litros de cal, 1.520 de areia, 2.733 potes de água.¹⁴⁶” Os números relatados são relevantes e aquilatam um pouco a dimensão da obra, dando ainda mais veracidade ao romance, apesar de não haver no mesmo nenhuma referência nesse sentido. Chama nossa atenção, mais do que o número de tijolos e os litros de cal e areia, o número impressionante de 2.733 potes de água para os trabalhadores que enfrentavam um trabalho duro ao sol de uma grande seca. Claro que essas questões não querem trabalhar na contramão e fazer crer que de outro modo a literatura seria apenas ficção – nunca mentira –, mas ficção que seria resultado da imaginação mais do que da razão, portanto, uma causa da fantasia, mais do que da história. Nossa consideração é outra, pois concordamos que:

O romancista não apenas escreve; de fato, age mediante as palavras, move-se pelas ações que imagina, sofre nas personagens que retrata. Escrever, assim entendido, é uma forma de inscrever-se, pela ficção, na História.¹⁴⁷

O romancista seria um agente de ação mediante suas palavras. Escrever seria uma forma de inscrever-se, pela ficção, no movimento da História. Lira talvez tivesse essa mesma opinião, a diferença por certo reside precisamente no fato de que para ele,

¹⁴⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Op. Cit. p. 108. Nessa passagem Albuquerque Junior faz referência as obras de Roger Bastide, Brasil, Terra de Contrastos; Viana Moog e Rubens do Amaral com a obra “Testamento de uma geração”.

¹⁴⁶ LIRA, João Mendes. *Luzia-Homem, ontem e hoje*. Op. Cit. p. 66. Nessa passagem Lira faz referências às notícias veiculadas pelo Jornal local *O Sobralense*, de 28 de outubro de 1887. Ele transcreve literalmente para o seu livro o documento sobre o Lançamento da Pedra Fundamental da Cadeia Pública.

¹⁴⁷ JUNIOR, José Leite de Oliveira. *O pictórico em Luzia-Homem*. Op. Cit. p. 24.

segundo depreendemos, Domingos Olímpio lançando mão de um “argumento histórico”, traço comum da literatura da segunda metade do século XIX, buscava o registro e a fundação da cultura brasileira pela consagração de uma identidade nacional¹⁴⁸, procurava superar a escrita de ficção, entendida por ele como algo menor, pela escrita da história, sinônimo de verdade, e é dessa forma que Lira faz o romance “falar”. Para ele “não se pode concluir pura e simplesmente que se trata de uma obra de ficção sob pena de se estar incorrendo em um erro”. Aqui, na aparente calma da assertiva do historiador, se encontra o núcleo de uma discussão que alimentou e vem alimentando ao longo do tempo as discussões sobre as relações entre História e Literatura, a saber, a diferença entre fato e ficção¹⁴⁹. O romancista, desse modo, deveria “narrar tudo o que verdadeiramente ocorreu”, mesmo que para isso utilizasse de uma linguagem rica e exuberante, pois o que estava em jogo não era o uso estilístico da linguagem, mas a transparência da verdade presente na obra. Essa verdade transparente transforma a obra numa espécie de espelho a refletir a realidade “tal como ela é”. Albuquerque Júnior em reflexão sobre a obra de José Lins do Rego nos ajuda a pensar essas questões:

Os textos de José Lins do Rego, como todo texto literário no Ocidente moderno têm como primeira tarefa escrever a própria figura do sujeito-autor. José Lins se define como autor à medida que constrói sua obra. A ideia é que através da obra se poderia ler a própria subjetividade de quem a escreveu. (...) A literatura seria máscara, mas que deixava entrever os olhos e neles a alma de quem escreve.¹⁵⁰

É exatamente esse um dos objetivos e o tom do livro que estamos segundí no livro de Lira *Luzia-Homem ontem e hoje*. Ele busca o *sujeito-autor* pois entende que chegar a seu lugar, a sua representação, equivaleria a encontrar a cidade de Sobral. *Luzia-Homem* assim, mais do que uma metáfora, seria a metonímia da cidade. A obra seria uma máscara que revelaria, no entanto, sem na verdade querer esconder, o rosto de Domingos Olímpio e ao mesmo tempo a face calamitosa mas sublimada pela idealização da cidade de Sobral na obra durante a seca. O título *Luzia-Homem ontem e hoje* merece certamente uma reflexão. Trata-se de um opúsculo de capa verde em que

¹⁴⁸ Ver: BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Entre a barbárie e a civilização: o lugar do sertão na literatura*. In: SOUZA, Simone de (org) *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002. p.56-75.

¹⁴⁹ Ver: LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Consultar especialmente a Seção A: A escrita da história.

¹⁵⁰ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Nos destinos de fronteira. História, espaços e identidade regional*. Recife: Edições Bagaço, 2008. p. 358-359.

logo na apresentação o autor radiografa sua intenção: ‘Trazer o imortal romance de Domingos Olímpio – *Luzia-Homem* – para os tempos atuais é mostrar as Luzias-Homem de hoje que vivem indefesas. (...) é mostrar os Capriúnas modernos, sedentos de sexo (...)’ A opção do autor, como nos parece claro, é encontrar na década de 80 do século passado todas as “verdades” que Domingos Olímpio narrou em seu texto durante o período de seca que se inicia em 1877, e que de forma atemporal permaneceria praticamente inalterada em 1983. Alguns subtítulos da obra esclarecem ainda mais essa questão: “A Luzia-Homem descrita por Domingos Olímpio e as Luzias-Homem atuais”; “O Capriúna de 1877 e os Capriúnas Modernos”; “O ontem e o hoje em Sobral”; “Assuntos relacionados com a seca. Luzias-Homem de hoje”, entre outros.

Consideramos ainda que *Luzia-Homem* para além da construção da cidade idealizada, retomada constantemente pelos intelectuais da ASEL, o romance tem uma dimensão simbólica que não pode passar despercebida por nós, e que se refere à representação da masculinidade como uma força que se impõe sobre a história da cidade. *Luzia-Homem*, seria assim, a representação de um virago em forma de mulher, constituindo metaforicamente o lugar da *força* que impõe sobre a cidade a masculinidade, por isso de maneira geral uma história escrita por homens, para os homens.

Não temos dúvidas que de fato a literatura historicamente localizada diz do seu tempo, muitas vezes além do que a intenção do autor propõe, uma vez que acreditamos que determinadas obras literárias produzem testemunhos involuntários, conduzem o texto para o que chamaremos aqui de uma *reverberação contínua* sobre as possibilidades do que poderia ter sido e não foi. No caso de *Luzia-Homem*, temos uma escritura que converge para a cidade fabulando sobre sua topografia, seus “personagens reais”, suas tradições e religiosidades, e ao mesmo tempo em que é literatura, quer ser história pelo que testemunha e pelo que nomeia. Considerar a existência do jornal *Sobralense*, por exemplo, fundado a 03 de maio de 1874 e desaparecido em 1887, colocando o jornal nas mãos dos personagens para ser lido, enseja à obra mais uma característica “real”, querendo representar “aquilo que se passou realmente” e que deixou marcas, vestígios procurando assim demonstrar o que seria a realidade a partir de um “pormenor concreto”¹⁵¹, que encontra ressonâncias também, como já frisamos, na

¹⁵¹ Sobre essa questão nos diz Barthes que “é a categoria do “real” (...) (e não seus conteúdos contingentes) que é então significada; noutras palavras, a própria carência do significado em proveito só

existência da Cadeia Pública, local de trabalho para os flagelados da seca de 1877. Há testemunhos involuntários na obra quando percebemos o que o promotor e sua esposa fazem por *Luzia-Homem*: “o promotor recebeu Luzia com benevolência com que sempre lhe ouvia as queixas, as censuras, com ingênuo desembaraço feitas à morosidade da Justiça e das diligências (...)” (p. 57), e mais adiante: “- Sabe, Luzia – disse-lhe ele. – A senhora do promotor pediu-me que não lhe desse serviços braçais. Ela se interessa muito por você, como eu, como todos que a conhecem. Era também intenção minha deixá-la repousar (...)” (p. 97), porque o que está dito aqui é exatamente que a justiça, por lenta que seja, por incapaz que seja, é humana, dedicada e atenta ao sofrimento das pessoas. Que a justiça, para além da Justiça, ou seja, para além dos homens que comandavam a Justiça, também para além de sua inserção num mundo que não era o mundo de Luzia, que não era o mundo da seca de 1877, que não era o mundo da fome, o que sutilmente a descrição da roupa de Matilde, esposa do promotor, “formosa senhora, que, em adorável traje matinal, um roupão de cambraia e rendas, entrava no gabinete” (p.57) deixa claro, pelo lugar que ela, Matilde, ocupava, e o lugar destinado a Luzia, já que vai a casa do promotor para vender seus cabelos, que a Justiça, a Justiça dos “homens grandes” poderia ser vergada por uma boa dose de sentimento, de emoção, de desamparo... Assim, Domingos Olímpio descreve um promotor, no caso ele mesmo, manejando uma justiça que poderia ter sido e não foi... Mas também uma cidade opulenta que se torna miragem nas páginas de seu romance, e “verdade” nos discursos de intelectuais acadêmicos quando discorrem sobre a “formosa cidade intelectual”, já que, para essa narrativa assertiva, “diga-se de passagem, Sobral é a cidade do interior do Ceará que maior número de homens de letras tem dado”.¹⁵²...

Assim, temos a princípio a construção de um *arquivo* que procurava encontrar no descompasso do que seriam acontecimentos e documentos aparentemente díspares, descontínuos, os fios de uma memória, a composição de um enredo, de uma trama, porque os intelectuais da cidade acreditavam que, “tão carentes de um bom passado andamos nós todos”¹⁵³, de modo que seria necessário assim encontrar uma unidade na diversidade, procurando constituir uma memória homogênea, garantia de um passado único e exemplar. Mas o passado não está imóvel, inerte, ele se desloca, se ressignifica

do referente torna-se o significante mesmo do realismo: produz-se um “efeito de real” (...) Ver: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. P. 190

¹⁵² AMARAL, Alberto. *Para a História de Sobral*. Revista do Instituto do Ceará. 2ª parte. Anno LV – 1941. P. 123

¹⁵³ AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Op. Cit. p. 108

na confluência de suas múltiplas leituras e de sua vasta cadeia de interpretações. À vista disso não podemos abrir o *arquivo* da cidade letrada achando que ele é homogêneo, linear, sem espanto, sem manchas, isso porque, como veremos na sequência,

O arquivo mexe de imediato com a verdade e com o real: ele impressiona também por essa posição ambígua em que, ao se desvendar um drama, erigem-se atores que caíram na rede, cujas palavras ali transcritas talvez encerrem mais intensidade do que do verdade¹⁵⁴.

Capturamos nas malhas do arquivo da cidade letrada, outro autor que cuja obra, neste caso em seus romances, encerra a intensidade de uma cidade que de certo modo resvalou das características do romance *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio. Será sobre a intensidade da obra de Cordeiro de Andrade – os seus dois primeiros romances –, que refletiremos a partir de agora.

3 – PARA ALÉM DA CIDADE FORMOSA E INTELLECTUAL: SOBRALENSES NÃO! CASSACOS...

“Um dia espiei o passado. Quase quinze anos. Aí fui recordando e fui escrevendo. Quando dei fé, havia riscado uma porção de papel. Relendo as impressões fixadas às pressas, os flagrantes colhidos a esmo na confusão da memória, vi que tinha feito uma história. Feito, não! Copiado, si bem que infielmente. Coordenando tudo, depois, tentei um romance. Assim nasceu este livro.”

Cordeiro de Andrade, *Cassacos* (1934).

O jornalista e escritor José Cordeiro de Andrade¹⁵⁵, ou simplesmente Cordeiro de Andrade – C.A., conforme gostava de assinar em seus livros, a exemplo de Domingos Olímpio, foi *patrono* da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Mas para com aquele só guardou essa aproximação e, principalmente, o fato de ter escrito um

¹⁵⁴ FARGE, Arlete. *O sabor do arquivo*. Op. Cit. p. 32

¹⁵⁵ José Cordeiro de Andrade nasceu em Meruoca, distrito de Sobral em 1912, migrando em seguida para a sede. Jornalista e romancista. Fundou em 1930 um dos mais combativos jornais da cidade, chamado *O Debate*. Mudou-se para Fortaleza depois de responder a alguns processos judiciais perpetrados pelo Juiz Dr. José Sabóia, pelo crime de calúnia e difamação. Partiu em seguida para Recife, São Paulo, depois Rio de Janeiro onde fixou residência. É autor de *Primeiros versos* (1930), *Poeira das Ruas – crônicas* (1932) e dos romances *Cassacos* (1934), *Brejo* (1937), *Tônio Borja* (1940) e *Anjo Negro* (1946), este póstumo. Faleceu no Rio de Janeiro, a 7 de novembro de 1943.

romance em especial, *Cassacos*, publicado em 1934 no Rio de Janeiro e que tinha como temática a seca de 1919, enquanto *Luzia-Homem*, como sabemos, foi ambientado na seca de 1877. Mas, enquanto Domingos Olímpio foi louvado e tantas vezes celebrado pelos intelectuais da ASEL e pela elite letrada da cidade, a obra de Cordeiro de Andrade, essa bem mais vasta do que a de Domingos Olímpio, foi praticamente silenciada pelos membros da Academia. Encontramos em nossa documentação apenas quatro referências sobre o autor de *Cassacos*. A primeira referência, uma biografia, consta no livro já citado por nós, *Homens e vultos de Sobral*, publicado em 1941, de autoria do Monsenhor Vicente Martins. A outra consta na obra do Monsenhor Fortunato Alves Linhares, *Notas históricas da cidade de Sobral*, publicada em 1945, quando o autor cita o nome de Cordeiro de Andrade entre os intelectuais da cidade. As duas últimas, essas mais alentadas, foram escritas para o Álbum do Bicentenário Da Vila Distinta e Real de Sobral publicado em 1973, sendo uma delas a conferência pronunciada na Academia Sobralense de Estudos e Letras por Manuel Eduardo Pinheiro Campos, ou Eduardo Campos, intelectual cearense, contemporâneo do autor, cujo título *Cordeiro de Andrade, infância e sertão*, foi publicado no jornal O Povo de Fortaleza no dia 15 de junho de 1973.

As duas primeiras referências são muito simples, uma vez que, mesmo escrevendo a biografia de Cordeiro de Andrade, Monsenhor Vicente Martins é muito econômico em suas palavras e escreve uma biografia bastante sucinta, como todas as biografias presentes em sua obra. A segunda referência é ainda mais acanhada e se limita ao fato de Monsenhor Linhares citar o nome do escritor entre os intelectuais da cidade, de modo que a história de vida do romancista, suas vicissitudes não são apresentadas. Temos assim uma vida rasa, sem repercussão, sem o apelo que Domingos Olímpio representava para as tradições letradas da cidade.

A conferência pronunciada por Eduardo Campos no recinto da ASEL e posteriormente publicada no jornal O Povo, como já vimos, tenta analisar a obra de Cordeiro de Andrade na perspectiva da presença, para ele significativa, da infância em praticamente toda sua obra. Mas a pergunta que fazemos é por que nas comemorações do Bicentenário da Vila em 1973, o nome de C.A. foi lembrado e posto sob a luz? Acreditamos que a solicitação para que a Academia homenageasse C.A. tenha partido do acadêmico Dr. Damasceno Cordeiro de Andrade, sobrinho-neto do romancista. Consideramos essa hipótese porque o Dr. Damasceno, como ainda hoje é tratado no

âmbito da ASEL, é que detém os direitos de publicação de toda obra de Cordeiro de Andrade, já tendo procurado algumas vezes a reedição dessa obra sem sucesso. O fato de homenagear o escritor seria uma forma de dar visibilidade ao romancista que até então era praticamente um mero desconhecido na cidade.

Ambos os escritores, Cordeiro de Andrade e Domingos Olímpio, pretendiam em sua obra, “dizer a verdade”, testemunhar o drama da seca e, cada um à sua maneira, encarava o desafio de falar de um acontecimento histórico – a seca – a partir de um relato romanceado. Não por outro motivo, C.A., no item de introdução ao livro chamado *Lugar comum*, presente no romance *Cassacos*¹⁵⁶, e que utilizamos como epígrafe a este item do trabalho, reflete que sua escrita buscava a cópia que seria bem próxima da suposta verdade dos acontecimentos da seca de 1919. Mesmo reconhecendo as dificuldades de organizar as memórias de um menino de 10 anos de idade, C.A. acredita que o seu livro era testemunho histórico daquele acontecimento, mesmo que um testemunho infiel, sendo ao mesmo tempo cópia, mas para ele indispensável para o entendimento da história da cidade de Sobral durante aquela seca. Portanto, tanto Domingos Olímpio quanto Cordeiro de Andrade, enquanto romancistas, contam “histórias, colocando a História de cabeça para baixo. Afinal enquanto o mundo de um passado distante tem sua realidade própria”, percebemos que “a visão de um escritor é subjetiva, na medida em que seu próprio ponto de observação (...), do interesse (...) moldam o que discerne e, com isso, o que ele consegue escrever”¹⁵⁷. Os dois romances subvertem a realidade e instauram, muito mais em Domingos Olímpio do que em Cordeiro de Andrade, uma *cidade ideal*, fabricada pelo interesse de ambos, sendo que o autor de *Luzia-Homem* inventa uma cidade aristocrática, distinta e intelectual, seguindo as trilhas de seu ponto de observação, como sabemos, a elite da cidade. O autor de *Cassacos*, filho de emigrantes, vislumbra por trás da seca de 1919 uma cidade acanhada e de gente orgulhosa e insensível.

Teria sido por isso que o nome de Cordeiro de Andrade não gozou do mesmo prestígio de Domingos Olímpio, já que ambos, patronos da ASEL, tinham uma obra já conhecida na cidade, mais aquele e menos este? A resposta está, quem sabe, no fato de

¹⁵⁶ Cassacos eram como genericamente ficaram conhecidos os trabalhadores das frentes da seca. O nome é uma referência a um marsupial bastante resistente à estiagem, comum na região.

¹⁵⁷ JÚNIOR, José Luiz Foureaux de Souza. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo: notas acerca de um (certo) parricídio*. in: ASSIS, Angelo Adriano Faria de. PEREIRA, Mabel Salgado. (Orgs.) *Religião e religiosidade. Entre a tradição e a modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 209

como cada um se inseriu no cotidiano da cidade, dos seus laços de família e de suas formações, mas principalmente como cada um deles tratou a cidade de Sobral em seus romances. Mas no caso de Cordeiro de Andrade, o seu ostracismo foi provocado também pelas grandes polêmicas que travou com Dr. José Sabóia de Albuquerque, segundo presidente eleito da Academia Sobralense de Estudos e Letras e um dos homens mais poderosos e influentes da cidade de Sobral, que se tornou politicamente inimigo do escritor, manifestando seu desagravo com relação ao mesmo, nas páginas de seu jornal conservador, a *Ordem*. Domingos Olímpio, por outro lado, filho de família abastada da cidade, formado em Direito em Olinda, uma das faculdades mais prestigiadas do Brasil, conseguiu ascender ao cargo de Promotor na cidade de Sobral, e mesmo antes disso, tendo gozado de prestígio como advogado, como sugere o texto do jornal *O Sobralense*:

Satisfazendo o que lhe incubira a Camara na Sessão de hontem apresentou o Procurador uma proposta do Bacharel Domingos Olímpio Braga Cavalcante, em que declara advogar todas as causas da Camara mediante o honorário de dusentos mil reis para lhe serem pagos no dia 31 de Dezembro, independente da verba. Foi aceita essa proposta, e actuado o procurador a promover a cobrança das multas até o fim do anno¹⁵⁸.

Como percebemos acima, Domingos Olímpio teve sua proposta de advogar em nome da Câmara de vereadores da cidade apreciada, e para isso deveria receber o valor de 200 mil réis, independente da verba, o que significa dizer que o seu pagamento deveria acontecer de forma prioritária. Outro documento, esse da *Coleção de Ofícios e Mais Papeis pertencentes a Câmara de Vereadores de Sobral*, também do ano de 1875¹⁵⁹, que foi apresentado na sessão de 9 de outubro daquele ano, Domingos Olímpio propõe a Câmara advogar todas as suas causas, como sugere o texto de *O Sobralense*, o que foi aceito, como lemos na notícia do jornal. Em um documento extraído do *Livro da Caixa da Câmara de Sobral*, rubricado por seu então presidente, o Cel. Joaquim Ribeiro, temos mais uma demonstração da inserção do escritor nas malhas de poder na cidade, quando o mesmo trabalhou na confecção do Código de Postura da cidade, conforme segue:

Caixa Geral a cargo do Procurador João Bonifacio de Oliveira.
Novembro 30. 1876. Pago ao Dr. Domingos Olympio Braga

¹⁵⁸ *O Sobralense* de 4 de outubro de 1875 – NEDHIS – Núcleo de Estudos e Documentação Histórica do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

¹⁵⁹ Documentação que se encontra no NEDHIS – Núcleo de Estudos e Documentação Histórica do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

Cavalcante a gratificação por seu trabalho na confecção do Código de Postura¹⁶⁰

Cordeiro de Andrade não teve educação formal praticamente nenhuma, tendo recebido as primeiras letras em sua casa, com sua própria mãe. Em seguida teria frequentado as aulas particulares com o professor Francisco Tomás da Frota, jovem egresso do seminário Diocesano, pelo menos é o que ele quer fazer crer em seu romance *Brejo*, de 1937, quando afiança: “Eu estava dando o quinto livro de Felisberto de Carvalho, arithmetica de Trajano, grammatica de João Ribeiro, quando abandonei a escola”.¹⁶¹ Assim, ainda que reconheçamos que C.A. tenha idealizado sua trajetória, reforçando as dificuldades e enaltecendo os méritos, sua educação, se comparada com a de Domingos Olímpio, foi muito mais acanhada e sem a projeção social daquele.

Já conhecemos todos os adjetivos que marcam as características da cidade de Sobral na obra de Domingos Olímpio, e como esses adjetivos permearam a história de Sobral, especialmente a história que estamos analisando neste trabalho. O contraponto a *monumentalização* da cidade presente em Domingos Olímpio nós encontramos nos romances *Cassacos* e *Brejo*, de Cordeiro de Andrade, como veremos a partir de agora, em diálogo entre a conferência de Eduardo Campos, já citada por nós, o livro do acadêmico Francisco Sadoc de Araújo, intitulado *Cordeiro de Andrade, jornalista perdido na ficção*, publicado 1985, uma exceção dentro da produção intelectual da Academia, e os dois romances supracitados.

Eduardo Campos menciona em sua conferência a convivência rápida que teve com Cordeiro de Andrade em Fortaleza, no ano de 1942, quando o escritor morou próximo à casa de um tio seu, quando esclarece que na ocasião:

Atestavam-lhe os truncamentos de ordem física, as deformações impostas por insidiosa enfermidade. A mão com que me ofertou Tônio Borja, emperrava, trôpega, nas breves linhas que, hemiplégico, pretendeu manifestar afeto e saúde¹⁶².

Assim, temos um escritor já abatido pela doença em rápida passagem por Fortaleza, onde procurava alento para a sua enfermidade, a hemiplegia que lhe paralisava a metade do corpo. Eduardo Campos é reconhecido intelectual cearense, com uma obra literária e memorialística muito importante para o entendimento da vida

¹⁶⁰ Livro da Caixa da Câmara de Vereadores de Sobral de 1876 – Nedhis – Núcleo de Estudos e Documentação Histórica.

¹⁶¹ ANDRADE, Cordeiro de. *Brejo*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1937. p. 22

¹⁶² CAMPOS, Eduardo. *Cordeiro de Andrade, infância e sertão*. Jornal O Povo, Fortaleza, 1973. p. 6

cultural da cidade de Fortaleza no começo do século XX. O seu desafio em sua conferência foi perceber como o sertão e a infância “compõem de modo indissolúvel o binômio que entaipa as recordações mais palatáveis desse romancista”¹⁶³. Eduardo Campos faz referências às recordações do escritor, porque praticamente toda sua obra é usinada em suas memórias, especialmente *Cassacos* e *Brejo*, quando C.A. faz amplas considerações sobre sua infância em Sobral, mas precisamos frisar que, no caso dos dois romances citados, as lembranças para Cordeiro de Andrade correspondem a sua verdade pessoal, ou seja, o ato de lembrar o seu passado representa para ele a confirmação de sua existência passada tal como ela “foi de fato”, nesse sentido talvez possamos pensar com Walter Benjamin, que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas a chave para tudo o que veio antes e depois”¹⁶⁴, isso porque a produção dos dois romances em tela são guiados pelas lembranças dos autores que reconstruem a cidade de sua infância no presente de seu exílio, no caso de C.A. obrigado a deixar a cidade de Sobral por decisão judicial perpetrada pelo Juiz Dr. José Sabóia, em 1932, depois de um acordo com o seu acusador, indo primeiro para Fortaleza, para onde retornaria em 1942, como vimos, e depois para o Rio de Janeiro isso em 1933. É, portanto, na distância de sua cidade, assim como Domingos Olímpio, mas abalado pelo longo processo judicial que lhe exilou, que Cordeiro de Andrade escreveu os dois romances em análise.

Quando reflete sobre os primeiros romances de Cordeiro de Andrade, *Cassacos* e *Brejo*, Eduardo Campos manifesta uma opinião que possivelmente seria a opinião da grande maioria dos intelectuais da ASEL a qual girava em torno da figura celebrada de Dr. José Sabóia. Para o ensaísta, C.A. seria “revoltado nos seus primeiros livros diante dos ricos, por circunstâncias adversas mais do que pelas ideias marxistas que julgava defender”¹⁶⁵. Pelos indícios que temos sobre a vida de C.A. no Rio de Janeiro, poderíamos pensar de maneira *naturalizada* que o romancista flertou com ideias comunistas em voga na cidade, especialmente quando sabemos de sua amizade com Jorge Amado, para quem, aliás, dedica *Cassacos*. Nesse sentido, o romance tem um personagem de nome Hormino, farmacêutico que costuma publicar artigos socialistas num jornal da cidade, conforme nos apresenta uma passagem em tom panfletário da seguinte forma:

¹⁶³ CAMPOS, Eduardo. *Cordeiro de Andrade, infância e sertão*. Op. Cit . p. 6

¹⁶⁴ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1996. P. 37

¹⁶⁵ CAMPOS, Eduardo. *Cordeiro de Andrade, infância e sertão*. Op. Cit. 6

[...] E os braços empolgados pela miséria ambiente, romperão os últimos elos das convenções burguesas, declarando guerra de morte ao capital. Aí serão inúteis as mediações tendentes a harmonizar estas duas forças antagônicas, porque o ódio reprimido do operariado, surgirá com o ímpeto das grandes avalanches, para marcar a derradeira página de uma tragédia coletiva¹⁶⁶.

A passagem acima faz parte do artigo publicado pelo farmacêutico n' *A Gazeta Operaria*, e que gerou muitas polêmicas na cidade, refletindo sobre o que seria uma revolta do operariado contra o capital, representado na fábrica pelo patrão, que em Sobral, é bom que se diga, se corporificava na figura do Dr. José Sabóia, que além de juiz, era dono da maior indústria da cidade, a Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano. O problema foi tão sério a ponto do delegado “chamar ele à delegacia, dar uns conselhos, expondo a situação, mandar s’imbora, mas ficar vigiando, ali no piso”¹⁶⁷. Até o prefeito da cidade se mostra surpreendido com o artigo, argumentando: “Que pena... Um rapaz tão bem procedido, doutor formado, dar uma cabeçada destas...”¹⁶⁸. Fica dito para nós que Cordeiro de Andrade ao inventar um personagem com ideais socialistas de certo modo estava procurando subverter os preceitos especialmente católicos da cidade de Sobral, essa sim vigiada pela presença nada complacente de seu primeiro bispo, Dom José Tupinambá da Frota, bem como colocar sob suspeita a forma como os operários eram tratados na Fábrica do Dr. José Sabóia.

Em outra passagem do romance, Cordeiro de Andrade volta a carga e faz a seguinte assertiva:

Tomara que venha é um tal de doutô Comunismo, que falam por aí, protetor de pobre, só de pobre, a ver si a gente tem trabalho, sem aturar as ingrisias dos brancos relaxados. É um doutô de fora que faz tudo que os pobres precisam, de fé que nem pai (...) Eu sei que o vigário e os brancos, são mal com êle, mas não m’importo. Quero bem a ele e não négo, quero, de coração¹⁶⁹. (Grifos nosso)

Cordeiro de Andrade escreve o seu romance em 1934, nesse período, como sabemos, ele já residia no Rio de Janeiro e mantinha relações muito próximas com Jorge Amado, reconhecidamente comunista. Sabemos que em 1930 é deflagrado o Golpe *de* 1930 que coloca no poder Getúlio Vargas, à frente do “Governo provisório”, depois de uma complexa eleição em que o candidato apoiado por Washington Luis, Julio Prestes derrotou o candidato oposicionista Getúlio Vargas. O libelo de C.A. sobre o

¹⁶⁶ ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos*. Rio de Janeiro: Andersen Editores, 1934. p. 65.

¹⁶⁷ ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos*. *Op. Cit.* p. 89.

¹⁶⁸ *Ibidem*. p. 88.

¹⁶⁹ *Ibidem*. p. 22-23.

Comunismo como o protetor dos pobres e inimigo declarado da Igreja e dos *brancos*, adjetivo que para nós é uma representação da elite da cidade, das autoridades constituídas, poderia soar estranho para aquele que conhece os percalços do escritor em sua atividade inicial de jornalista na cidade de Sobral, uma vez que em seu jornal *O Debate*, fundado em 1931, ele combateu ardorosamente o comunismo, como lemos na passagem seguinte:

A impraticabilidade do comunismo no Brasil está provada de modo peremptório, eloqüente. De onde se deduz que os pruridos, as investidas audaciosas dos agentes russos é um estado de degeneração psíquica, de exaltação excessiva do cérebro. É uma comédia de cotação ínfima (...) Profliguemos e repudiemos o comunismo, por não se adaptar à nossa índole tradicionalmente religiosa (...) livrando a nação do profissionalismo político e das garras aduncas dos agentes russos que tentam, por todos os meios, consumir a nossa eterna desgraça e a infelicidade do Brasil¹⁷⁰.

O texto acima, publicado no jornal *O Debate* datado de 1931, portanto, três anos antes da publicação de *Cassacos*, nos mostra um Cordeiro de Andrade arredio a ideia do comunismo, questão facilmente percebida quando sabemos que um dos programas do *Debate* era combater o comunismo e o fascismo, e nisso não se diferenciava do jornal católico *Correio da Semana*.

O que nos interessa aqui, muito mais do que perceber as contradições com relação a vida de Cordeiro de Andrade, mesmo que essas contradições sejam indícios de mudanças e da complexidade social do período, que passaria supostamente de anticomunista para comunista arraigado em *Cassacos*, é perceber como ele traz para o cenário de seu romance algumas questões que passam longe de todas as questões levantadas por Domingos Olímpio em sua *Luzia-Homem*, que apresenta uma sociedade fustigada pela seca e que é socorrida pelos poderes públicos e pela liberalidade e bondade de um promotor público da cidade, ou seja, Domingos Olímpio trata a questão da seca numa perspectiva paternalista, em que os flagelados não têm praticamente voz ativa na construção de qualquer argumento com relação aos problemas vivenciados. Com Cordeiro de Andrade temos a presença de um discurso que nomeia os problemas e contra-argumenta com relação a seca, vista como um problema político e social, como vemos na passagem seguinte:

O Dr. Eduardo Siqueira fez uma cara de nojo:

¹⁷⁰ Jornal *O Debate*, 19 de fevereiro de 1931. Biblioteca Menezes Pimentel. Setor de Microfilmagem.

- Que mal é este, hein, seu doutor, me diga. Coisa horrível...

Hormino respondeu, simplesmente, sem afetação:

- A pior de todas as moléstias. A Doença Social...¹⁷¹

Sobre essa questão, Eduardo Campos considera a maior deficiência do romance, pois entende tratar-se de “citações levianas (...), construções de frases ingênuas”, mas entende que de certo modo essas deficiências “não chegam, no entanto, a comprometer o talento, a contribuição criadora do autor que, a todo instante, está nos remetendo à constituição do ambiente rural¹⁷². De todo modo, temos um autor que produz uma obra que inquieta os intelectuais da ASEL, pois toca em assuntos que escapam a construção e invenção da cidade idealizada, monumentalizada, e considerada intelectualizada.

O nome do jornal criado por Cordeiro de Andrade, *O Debate*, foi uma alusão a um outro importante jornal da cidade, chamado *O Rebate*, onde trabalhou, fundado em 1907 por Vicente Loyola, considerado o mais significativo jornalista da história de Sobral. *O Rebate* acolhia as inquietações do Partido dos Democratas e “suas matérias eram sempre críticas dirigidas às política local e nacional, publicadas regularmente nas primeiras páginas”¹⁷³. Sabemos que Cordeiro de Andrade teve como “escola” a tipografia dos dois mais importantes jornais da cidade de Sobral, *O Rebate* e *A Lucta*, este fundado por Deolindo Barreto. Foi na seara da imprensa que C.A. forjou suas inquietações e construiu sua visão crítica e as vezes impiedosa sobre as tradições elitistas da cidade de Sobral. Considerado por muitas pessoas na cidade, como *louco*, temos um testemunho de um amigo de infância, Austragésilo Medeiros, que se manifestou dessa forma nas páginas do jornal *A Ordem* de 7 de fevereiro de 1931:

Conheço-o desde a infância. Brincamos juntos. Lutamos juntos. E unidos nos rebelamos contra os desmandos e os crimes dos conspiradores que então nos açambarcavam impunemente. Sofremos as conseqüências de nossa atitude e, no meio em que nascemos, éramos tidos como loucos.

Esse “louco” tinha 22 anos quando fundou *O Debate*, e em consequência do teor de seus artigos, sua visão crítica com relação à política local e regional, o jornal foi recebido com suspeita e desconfiança pelos colegas de imprensa e por parte da população letrada da cidade. Quando *O Debate* começou a circular na cidade, já circulavam quatro jornais, sendo três semanários e um bissemanal, o *Correio da*

¹⁷¹ ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos. Op. Cit.* p. 50.

¹⁷² CAMPOS, Eduardo. *Cordeiro de Andrade, infância e sertão. Op. Cit.* p. 6.

¹⁷³ COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e cultura das elites sobralenses. Op. Cit.* p. 65.

Semana, da Diocese, dirigido pelo padre José de Lima, *A Ordem*, jornal do Partido Republicano Conservador, dirigido por Craveiro Filho, *A Imprensa*, órgão do Partido Democrata, cujo diretor era José Passos Filho e, *A Comarca*, este independente, de propriedade de Batista Fontenele, tendo como diretor Edgar Monteiro. A desconfiança com relação a proposta do jornal pode ser muito bem aquilatada a partir de seu primeiro editorial, conforme segue em parte:

Falando ao Povo. Tudo no mundo tem um destino a cumprir, desde o homem ao verme, desde a argila grosseira à luz, disse o grande jornalista que foi Vicente Loyola. E aqui estamos a constatar a gloriosa apóstrofe do saudoso homem de imprensa, atirando aos quatro ventos, à mercê da sorte, o primeiro número do nosso semanário.

É escabrosa a missão; é espinhosa e rude a jornada; é ouriçada a estrada de dificuldades e canseiras (...) o nosso ingente sacrifício, o nosso máximo esforço para a salvação integral da nacionalidade. O povo já está desiludido dos homens e das coisas... (...) Criticar os atos públicos dos nossos governantes, sem paixão partidária, sem eiva de parcialidade, eis um dos nossos imperiosos deveres (...). Seremos irreverentes, mas sinceros; violentos, mas leais. A vós, ó inimigos do Brasil, ó criminosos de lesa-pátria, ó cafajestes nos fastígio, ó bestas no cio, o nosso desprezo – arma poderosa dos fortes – e a nossa compaixão. E a vós, ó povo nobre que desejais a grandeza da Pátria e de quem seremos o arauto das aspirações e sentinelas avançadas dos interesses, antecipadamente, pela generosa acolhida que esperamos de vós, o nosso muito obrigado¹⁷⁴.

Ficam muito claros os objetivos de *O Debate*: cultivar e honrar o que seria a nacionalidade, nesse sentido o jornal aponta o caminho da crítica aos poderes constituídos como um elemento de *integridade* da pátria, ou seja, Cordeiro de Andrade pensa a pátria numa perspectiva de unidade nacional, por isso a vigilância e a críticas eram sempre necessárias, além de uma pitada de irreverência, outra marca sensível do jornal. A outra questão relativa a nacionalidade que fica explícita na proposta do jornal, é que a pátria não estaria atendendo aos anseios do “povo oprimido”, conforme se pronuncia: “Durante a nossa jornada, só carregaremos, em triunfo, uma bandeira – a bandeira do povo oprimido. (...) Queremos demonstrar que o povo não bebe mais o fel dado por Judas a Cristo. (...) Confiai, povo sobralense, no idealismo que nos encoraja nesta luta titânica”¹⁷⁵.

¹⁷⁴ ANDRADE, Cordeiro de. Apud. ARAÚJO, Francisco Sadoc de Araújo. *Cordeiro de Andrade, jornalista perdido na ficção*. Fortaleza: Associação Cearense de Imprensa/Banco do Nordeste do Brasil, 1985. P. 66-67

¹⁷⁵ *O Debate*, 19 de fevereiro de 1932. Biblioteca Menezes Pimentel. Setor de Microfilmagem.

O Debate circulou de 19 de fevereiro de 1931 a 13 de setembro de 1932, perfazendo sessenta números publicados semanalmente, com algumas pequenas interrupções por dificuldades financeiras. Sobre a sua existência C.A. esclareceu o seguinte: “Sonhamos com a fundação de um jornal que, de qualquer forma de proceder, viesse satisfazer às necessidades do povo e de uma cidade que, no interior do Estado, recebe os primeiros fluxos da civilização”¹⁷⁶. C.A. dedica o primeiro editorial de seu jornal ao povo de Sobral, expressão evidentemente genérica, na medida em que não encontramos o rosto desse “povo”, que em sua grande maioria não sabia ler ou escrever, mas por outro lado, mesmo genericamente, a linha editorial de *O Debate* expunha uma faceta da cidade que os outros jornais em circulação não reconheciam: a face da cidade pobre, sem a presença dos poderes públicos municipais e estaduais, sem a distinção intelectual e a formosura a que Domingos Olímpio se refere. Isso só foi possível, porque “Desenhando-se no interior das novas práticas e modos de viver na cidade em expansão, constituindo-se como campo de experimentação e afirmação das novas formas de dizer e contar da vida urbana”¹⁷⁷, alguns jornais mais liberais tentavam passar a história das cidades a limpo.

A proposta de pensar a cidade e um pouco a região numa perspectiva mais popular, digamos assim, fez com C. A. em várias edições do jornal, se colocasse ao lado dos anseios da nacionalidade, representada segundo ele, pelos que sofriam desmandos e humilhações, por isso encontramos a seguinte passagem publicada no dia 5 de dezembro de 1931: “(...) Foi daqui destes sertões adustos e esquecidos, que lançamos o nosso grito de rebeldia cívica (...)”, o que para nós demonstra o teor de seu discurso e apanhado de suas escolhas, quais sejam, fustigar e duvidar dos que estavam à frente dos poderes públicos ou quem, mesmo não fazendo parte da máquina pública, exercia influência na cidade, como foi o caso do embate que o jornalista e romancista travou com Vilebaldo Aguiar, líder do Partido Democrata em Massapê, cidade bem próxima a Sobral, inimigo declarado do maior protetor do jornal, o Cel. João Pontes, que havia cedido as máquinas para o funcionamento de *O Debate*. C.A. não foi nem um pouco polido nesse embate e no dia 5 de dezembro de 1931 estampava no jornal o seguinte: “O vil e baldo de ontem e o Vilebaldo de hoje”. C.A. não poupa o adversário e mais à frente acusa seu oponente: “Meia dúzia de elementos decaídos (...), tendo como arma

¹⁷⁶ *O Debate*, 26 de fevereiro de 1931. Biblioteca Menezes Pimentel. Setor de Microfilmagem.

¹⁷⁷ CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta. Periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000. p. 94

exclusiva a politicalha malsã, cujo comandante em chefe é o célebre Vil e Baldo, perturba a pacatez proverbial daquela cidade, pondo entrave a administração exemplar do Sr. Francisco Rocha (...). Como lemos, Cordeiro de Andrade não mede as palavras e, construindo seu texto a partir do trocadilho *vil*, de baixo preço, vulgar, ataca Vilebaldo Aguiaro qual fazia oposição ao prefeito Francisco Rocha, este pertencente ao grupo político do Cel. João Pontes. A disputa, como não poderia deixar de ser, acabou nos tribunais de Sobral e a partir de então a vida do escritor e a existência do jornal mudaram de rumo.

O Sr. Vilebaldo Aguiar entra com uma representação contra o jornal, na pessoa de Cordeiro de Andrade, esclarecendo que “Nesta data constitui advogado e o responsável pela publicação injuriosa e caluniosa à minha pessoa responderá em juízo pela sua leviandade”¹⁷⁸, o que de fato aconteceu no começo de junho, quando o processo é aberto junto ao foro de Sobral, processo que não foi encontrado em nenhuma instituição da cidade. Mas antes de ser pronunciada a sentença, Cordeiro de Andrade ainda teve tempo para fazer duras críticas a seus colegas de jornalismo da cidade que, pressionados pelo juiz da cidade, o Dr. José Sabóia, não queriam vender papel para que *O Debate* fosse impresso, por isso temos

(...) uma longa nota contra Sr. Craveiro Filho, diretor de “A Ordem”, que é chamado de “Catão de fancaria”. Surgem também ataques ao Sr. Batista Fontenele, diretor de “A Comarca” e ao jornal “Combate”, de Massapê, por lhe terem também negado a venda do papel. O diretor de “A Comarca” é chamado de “rabiscador analfabeto, atrevido despeitado”¹⁷⁹

O tom contundente é a marca dos textos de Cordeiro de Andrade durante esse período. O *Debate* foi impedido de ser publicado por curto espaço de tempo, a princípio, não por uma decisão judicial, mas por falta de condição financeira de seus organizadores que não tinham dinheiro para comprar papel e por isso pediam ajuda aos outros jornais da cidade que, como vimos, se negaram. Algum tempo antes, C.A. havia escrito um editorial com o título “Á Justiça de Sobral”, em que faz o seguinte apelo:

“Faça a justiça de Sobral um estudo da vida e da ação do “autor” e da vida e da ação do “réu” e achará impossível estabelecer um paralelo entre os dois”, pois o primeiro “é réu de polícia e perturbador da

¹⁷⁸ ARAÚJO, Francisco Sadoc de Araújo. *Cordeiro de Andrade, jornalista perdido na ficção*. Fortaleza: Associação Cearense de Imprensa/Banco do Nordeste do Brasil, 1985. p. 73

¹⁷⁹ ANDRADE, Cordeiro de. Apud. Francisco Sadoc de Araújo. *Cordeiro de Andrade, jornalista perdido na ficção*. Op. Cit. p. 75

ordem pública, enquanto o outro, um simples jornalista que, desprezando as comodidades do lar, rejeitando as conveniências e interesses que a muitos servem de elo, fundou um jornal com o único objetivo de zelar pelos interesses do povo”¹⁸⁰

A justiça de Sobral não fez o que Cordeiro de Andrade sugeriu em seu editorial, e ele continuou sendo “réu” de um processo que corria celeremente em vista das forças políticas envolvidas na questão, especialmente porque sabemos que o magistrado da cidade, o Dr. José Sabóia via com muita desconfiança a figura nada complacente do jornalista que não media as palavras quando era para fazer a crítica aos poderes constituídos. Temos assim que o nº 53 de *O Debate*, de 18 de junho de 1932 foi todo dedicado à transcrição e comentário da sentença expedida pelo Dr. José Sabóia de Albuquerque, que “condenou Cordeiro de Andrade, na qualidade de diretor do “O Debate”, à pena de quatro meses de prisão celular e multa de um conto de réis por crime de injúrias impressas”.¹⁸¹ Mas Cordeiro de Andrade não ficaria preso, pois o “autor” do processo, Vilebaldo Aguiar mandaria arquivar o processo desde que C.A. fechasse o jornal e fosse embora da cidade, desse modo, estaria selada sua condição de escritor menor, já que “teve que deixar a terra natal, levando consigo, até o fim de sua curta vida, tremenda carga de revolta e profunda descrença na justiça dos homens, e havia de destilar, na literatura ficcional de denúncia e contestação”, o que seriam “as incuráveis mágoas da derrota e das humilhações sofridas”.¹⁸² O acordo foi feito e Cordeiro de Andrade deixou a cidade de Sobral no dia 3 de julho de 1932 indo para Fortaleza, mas antes de sua partida o jornalista deixou um texto que seria publicado no dia 30 de julho de 1932, contra o juiz Dr. José Sabóia, nos seguintes termos:

O ouro, o prestígio e o poder a serviço de uma causa. Desta vez é o Sr. José Sabóia que pretende nos isolar do convívio dos homens de bem, porque dissemos a verdade (“...”) juiz parcial, politiqueiro, desrespeitador das normas do direito e prepotente”¹⁸³.

O tom é mais uma vez contundente e dessa vez ataca o juiz da cidade que, diga-se de passagem, processou o jornalista por calúnia. Os intelectuais da cidade ou mesmo de Fortaleza que analisaram a obra de Cordeiro de Andrade, especialmente *Cassacos*,

¹⁸⁰ ANDRADE, Cordeiro de. Apud. Francisco Sadoc de Araújo. *Cordeiro de Andrade, jornalista perdido na ficção. Op. Cit.* p. 74

¹⁸¹ ARAÚJO, Francisco Sadoc de Araújo. *Cordeiro de Andrade, jornalista perdido na ficção. Op. Cit.* p. 76.

¹⁸² MARTINS, F. Magalhães. *Ídolos, heróis & amigos*. In: Abdias Lima e sua irresistível vocação literária. Rio de Janeiro: Fundo Editorial AAFBB, 1982. p. 117.

¹⁸³ ARAÚJO, Francisco Sadoc de Araújo. *Cordeiro de Andrade, jornalista perdido na ficção. Op. Cit.* p. 77.

são praticamente unânimes em afirmar que o jornalista e escritor era um “revoltado”, que sua obra não passaria, com algumas exceções, do grito desesperado de um *condenado*. Mas não é essa a nossa análise, porque entendemos que Cordeiro de Andrade, por ter sua vida praticamente toda vivida em Sobral, militando nos dois mais significativos e combativos jornais da cidade, *A Lucta* e o *Rebate*, jornais ativos nas críticas aos costumes e as tradições da cidade, escolheu enxergar a Sobral a partir de outro ponto de vista que não aquele construído em meio aos homens letrados da cidade, que tinham como ponto de observação cargos públicos ou algumas profissões liberais, como juízes e promotores por exemplo. Os romances *Cassacos* e *Brejo* nos mostram uma cidade em nada exuberante. As descrições não apresentam a epifania de uma cidade, mas procuram enxergar o lamento de uma população pobre que sofre as agruras da seca, e nesse sentido, compreende o autor que a seca é um “produto” de uma elite da cidade, ou seja, que a seca é alimentada pelos “brancos” de Sobral, como ele os nomeia em *Cassacos*.

Entendemos assim, “que não se pode separar a prática social da criação textual”¹⁸⁴, de modo que temos em *Cassacos*, refletindo e muitas vezes reinventando a seca, uma sociedade citadina descrita que em sua maioria é colocada como alheia ao problema da falta de chuva, o que faz com que se estabeleça uma séria hierarquia, não tão somente entre pobres e ricos, ou entre flagelados e não flagelados, mas entre os que autor chama de “brancos” ou “brancas” e os não brancos ou não brancas. Os adjetivos tecem o argumento e levantam os postulados da divisão social na cidade marcada pela estiagem: “(...) ficaram arranchadas ali por detrás do Prado, na rua dos Tamarindos. Era uma tentação de menina. Tinha quinze anos. Mas valia por muitas *moças brancas* deste Sobral...”¹⁸⁵ (Grifos nosso). Cordeiro de Andrade está se referindo a uma menina de nome Etelvina que foi violentada sexualmente por um comerciante da cidade que não tem *nome*, mas adjetivo: *branco*. Numa cidade ciosa de seus *nomes próprios*, de sua descendência e ascendência, C.A. não chama pelo nome a elite da cidade, se limitando ao genérico do termo *branco* ou *branca* que, não resta dúvida, tem muito peso, mas que ainda assim não alcança o que seria a legitimidade dos “brasões sociais”, postulados que supostamente colocariam a elite especialmente letrada da cidade, como protagonista da história sobralense.

¹⁸⁴BENEDETTI, Thais Lima. BOVO. Cláudia Regina. *As vozes literárias na construção da Idade Média*. Revista Brathair, 2 (2), 2002

¹⁸⁵ ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos*. Op. Cit. P.24

Temos assim com relação a personagem Etelvina que, ao sair pelas ruas da cidade pedindo esmola para alimentar sua mãe faminta, quando “a coitada ganhou a Fortaleza [região mais a oeste da cidade], foi andando (...), areiando, quando topou uma bodega na esquina”, e assim

Contou a história e pediu chorando, ao menos uma nargada de farinha, pro caldo da velha. O *branco descarado*, que eu bem conheço – chega me incha! – começou a iludir a menina com isto e com aquilo, dava tudo que ela pedisse, mas só queria um beijinho, um só, nada mais... Precisão é precisão, e a carne reina... O resto foi depressa, ali mesmo em riba do balcão. Desgraçou a infeliz por uma vez e nem chamado foi, *só porque é branco*¹⁸⁶. (Grifos nosso)

O romance *Cassacos* está repleto de cenas de estupro, de violências cometidas contra jovens sertanejas que, no auge da fome, cedem aos caprichos e artimanhas dos “brancos” da cidade que violentavam as moças e que deixavam atrás de si um rastro de dor e “mancha social e moral” à medida em que as moças “usadas” sexualmente perdiam qualquer referencial de garantia de sua dignidade no meio social de uma cidade cheia de “moças brancas”. Esses *brancos*, geralmente eram todos aqueles que não sofriam com a estiagem. Em *Brejo*, romance de 1937, e que diferentemente de *Cassacos*, é todo ambientado durante o inverno, quando a cidade é invadida pelo rio Acaraú, temos uma cena semelhante ao estupro de *Cassacos*: “– O Dr. Manoel de tal, chegou a ser governador da província, foi quem buliu commigo. Eu já era mulher feita, andava perto dos meus vinte e oito janeiros”¹⁸⁷. A generalidade *branco* do adjetivo procura silenciar, em nossa análise, o que seriam as tradições dos “grandes nomes” da história da cidade, por outro lado, *o dr. Manoel de tal*, sem o sobrenome, resvala de maneira irônica para a possível constatação de que para o autor, a força do *sobrenome* poderia não querer dizer nada, na medida em que *o de tal*, não queria dizer ninguém. Talvez aqui possamos relativizar Agualusa, quando pergunta: “- E o nome? Afinal, muadiê disse-te com força. Ninguém é um nome! – Pensei com força. – Ninguém é um nome! – Respondeu Félix”¹⁸⁸. Por que percebemos em Sobral, para os discursos dos intelectuais, alguns nomes têm força, imprimem uma marca sensível no que se tece sobre a história oficial da cidade. Em Sobral muitas pessoas eram um nome e um sobrenome!

¹⁸⁶ ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos. Op. Cit.* p. 25-26

¹⁸⁷ ANDRADE, Cordeiro de. *Brejo. Op. Cit.* p. 106

¹⁸⁸ AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados. Op. Cit.* p. 89.

Numa outra passagem do romance temos uma referência à personagem Dona Mariana que morava numa fazenda nos arredores de Sobral e que por necessidade teve que viajar até a cidade, nos deixando o seguinte comentário desconfiado: “Contasse as novidades que ela tinha chegado de fora, de Sobral, onde passára vinte dias, á força bruta, presa nem criminoso, no meio de uma gente esquisita”¹⁸⁹. Essa gente esquisita, que de maneira geral se colocava à frente a suposta tradição de um nome e de um sobrenome, era considerada esquisita para a população pobre da cidade, os iletrados, e pessoas de fora, pois entendiam que essa elite se esmerava em cultivar uma identidade afetada que se pretendia exclusiva e privilegiada, por isso temos que:

Na Capital cearense, por exemplo, principalmente entre a elite local (jornalistas, intelectuais, empresários e outros), a referência ao sobralense é constituída, boa parte das vezes, por ironias. Uma delas refere-se à denominação “United States of Sobral”, ligada à representação do “estrangeiro”, “diferente” e “desvinculado” do restante do Ceará e do Nordeste. (...) Por extensão, outras imagens (...) são criadas e vinculadas ao sobralense. O “esnobismo”, o “porte aristocrático” no comportamento e vestimenta são algumas delas (...)¹⁹⁰

O que compreendemos da leitura de *Cassacos* e um pouco da de *Brejo*, é que Cordeiro de Andrade coloca em questão o que seria essa gente esnobe e supostamente aristocrática, dando mais visibilidade em sua obra aos deserdados que perambulam pela cidade, isso independentemente da estiagem, pois em *Brejo* não temos seca, mas cheia, e ainda assim temos uma cidade opressora e excludente. A ironia que aponta acima a denominação do estrangeirismo para o nome da cidade acena para a perspectiva do grupo que se julga diferente, único, isso diante do estado e da região. A presença dos pobres, dos *sem nome*, fica claro quando o autor em *Cassacos* faz referência ao fato de que “enquanto se verificava este horrível fato, a dois passos dali, a burguezia, banqueteara-se... Ouvia-se mesmo o ruído dos talheres de prata, num clube de dança, onde era homenageado um desses senadores glutões...”¹⁹¹ Aqui temos a burguesia se banquetear à revelia dos pobres e famintos que comiam “raiz braba. Uns caldos de massa de capemba. Maniçoba”.¹⁹² Parece-nos que a intenção do autor, ao se referir ao banquete e os talheres de prata, é abrir uma cisão na cidade e colocar cada grupo social

¹⁸⁹ ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos. Op. Cit.* p. 31.

¹⁹⁰ FREITAS, Nilson Almino de. *Sobral, Opulência e Tradição. Sobral: Edições UVA, 2000. P. 33.*

¹⁹¹ ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos. Op. Cit.* p. 48.

¹⁹² *Ibidem.* p. 49.

de um lado, situando espacialmente o lugar dos ricos – burguesia –, o clube, e o dos pobres, a rua. Questão que C.A. retoma em *Brejo*, quando:

Um do grupo opinava:

- Esses ricos são umas pestes. Só fogo! (...)

- O pobre não póde nem morrer mais... Pra que Deus bota pobre no mundo? Só si é porque tem gosto de judiar com os outros... Devia se mandar tocar um signal.

- Não falo em signal dobrado, porque isso é pros ricos. Um signalzinho singello que fosse, era sem tempo...¹⁹³

A ironia do autor se volta aqui para o fato de que ao morrer, o pobre não tinha direito nem mesmo ao dobre de sinos, anúncio de sua morte, prerrogativa dos ricos que tinham direito inclusive ao sinal dobrado, repicado pelos sinos da Catedral. Por isso o pobre era um deslocado mesmo depois de morto. Essas reflexões de Cordeiro de Andrade, de certo modo representando outra cidade possível nos dois romances supracitados, para além do que idealizou Domingos Olímpio, como já frisamos, não foi compreendido como algo “positivo”, mas como uma deficiência de seu trabalho, conforme segue:

Os livros de Cordeiro de Andrade cultuam insucessos. Mesmo quando o autor deixa a aspereza da seca, permutando-a pela paisagem rejuvenescida à força das chuvas copiosas, as reações que explora são acerbas. (...) À proximidade da análise proclama-se “Tônio Borja” o melhor momento da criação do ficcionista sobralense. Já aí o marxista de arrebatamento impulsivo mas ingênuo cede ao simples discordante de ricos, posição compreensível e decorrente do destino cruel que enfrentou. O autor é agora outro tipo de revolucionário atenuado, diga-se a bem da verdade, sem a veemência testemunhada em “Cassacos” e “Brejo”. Já não funcionam as referências desprimorosas a brancos – confundidos, por analogia e propositadamente, a ricos -, nem os remoques, a refutação às intenções das autoridades: “cadê justiça? Justiça é uma pinóia. pobre não ver a cor dela, não.”¹⁹⁴

Eduardo Campos, ao fazer referência a suposta característica marxista de Cordeiro de Andrade, se limita a entender o marxismo numa perspectiva vulgar que se materializa num confronto entre ricos e pobres, ainda que o trate como ingênuo. Portanto, para Eduardo Campos, Cordeiro de Andrade, por ingenuidade, estabelecia um conflito social entre os ricos – os brancos – que se beneficiavam da estiagem, e os pobres, os flagelados que sofriam os seus efeitos. Mas lembramos que essa também era,

¹⁹³ ANDRADE, Cordeiro de. *Brejo. Op. Cit.* p. 17.

¹⁹⁴ CAMPOS, Eduardo. *Cordeiro de Andrade, infância e sertão. Op. Cit.* p.8

grosso modo, a opinião mais geral dos intelectuais da ASEL. Para Araújo, Cordeiro de Andrade, em sua vasta obra foi marcado muito mais pela influência do meio – no caso particular, as secas –, do que por pretensas ideias marxistas. Por isso enfatiza que “A diversidade de comportamento reativo diante do fenômeno pode ser resumida em três tipos principais: sublimação, resistência e rebeldia”, nesse sentido “a resistência, quase sempre heroica, molda o caráter e retempera a índole. A rebeldia reprimida ou aberta, leva a expressões de rancor e a explosões de valentia”¹⁹⁵. Para Araújo, Cordeiro de Andrade, em sua obra, foi um rebelde com causa: a seca. Em nenhum momento Araújo ou Eduardo Campos põem em discussão as condições sociais representadas no romance, que são vistas por ambos, de certa forma como naturais.

Ao lidarmos com a análise dos romances aqui tratados, não estamos considerando essa literatura como a “verdade sobre o que aconteceu”. Domingos Olímpio, Cordeiro de Andrade ou mesmo qualquer outro autor de ficção, mesmo projetando uma escrita como *verdadeira*, como vimos em *Cassacos*, o que temos diante de nós é uma *transfiguração do real*, um recondicionamento dos sentidos produzidos em sua pluralidade, de modo que não tratamos a literatura como o lugar em que a sociedade se vê, mas o lugar fundamental em que a sociedade transvia os seus sentidos, fabula a realidade, condensa seus desejos e exprime poeticamente suas dores, portanto, a literatura não é o lugar em que a sociedade se reflete e muito menos se reproduz. Por isso é muito mais importante para nós pensar a questão seguinte: “Como situar a literatura na base do conjunto de discursos que uma sociedade produz e recebe?”¹⁹⁶ Desse modo, temos o postulado da diferença quando analisamos a obra de Domingos Olímpio e os primeiros romances de Cordeiro de Andrade, pois o lugar de produção das duas obras põe em relevo as escolhas efetuadas por cada autor. Assim, quando Domingos Olímpio resolve fazer crítica à sociedade letrada da cidade, é sempre cuidadoso, polido, como sugere na seguinte passagem:

-Qual!... Neste mundo tudo se move a peso de dinheiro... Doutô é como padre que não diz missa sem dinheiro... O saber é a foice e o machado deles... – Não são todos – observou Luzia – O promotor é um doutô muito bom... Tem feito o que pode pelo pobre que está penando naquele inferno... Amanhã... Amanhã...¹⁹⁷

¹⁹⁵ ARAÚJO, Francisco Sadoc de Araújo. *Cordeiro de Andrade, jornalista perdido na ficção*. Op. Cit. p.33

¹⁹⁶ CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p. XI.

¹⁹⁷ OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. Op. Cit. p. 50.

Talvez a passagem acima seja a mais contundente crítica feita pelo autor em seu romance com relação ao que seria o cotidiano da cidade durante a seca, crítica essa que se dirige aos “donos do saber” na cidade, neste caso os padres e os doutores, que usam o seu conhecimento como foice, portanto, como arma de corte, entendido aqui enquanto “cortes de direitos”, digamos assim. Mas essa crítica de Domingos Olímpio é logo remediada por *Luzia-Homem* que afirma que os doutores não são todos iguais, que o promotor – para muitos estudiosos, o *alter ego* de Domingos Olímpio – era diferente, como já vimos em nossa análise do romance anteriormente. Por isso temos que “O promotor recebeu Luzia com benevolência com que sempre lhe ouvia as queixas, as censuras, com ingênuo desembaraço feitas à morosidade da Justiça (...)”¹⁹⁸. Cordeiro de Andrade é mais enfático e mais recorrente às críticas feitas a sociedade letrada da cidade, que para ambos os autores, era sinônimo de clérigos:

Não penetrava mais como outrora, na biblioteca de meu padrinho, donde subtraía alguns livros repostos após a leitura que fazia aos meus companheiros. Que importava. O convívio daquela gente soffredora ensinava-me muito coisa que os livros de padre Mello não contavam. A Bíblia, por exemplo. Nunca achara coisa tão ôca, tão insípida, tão sem sentido. Os camaradas não supportavam aquella monotonia. João Grande gostava era de “Paulo e Virgínia”, Zé Manso e Gonzaga discutiam “Romeu e Julieta”, A “Gamiani”, de Musset, foi que fez um barulho damnado no meio da tropa¹⁹⁹.

Na passagem acima temos uma crítica a sociedade letrada da cidade, que supostamente se mirava nos livros, alguns deles vistos como ocos pelo autor, caso da Bíblia. Ao citar as Escrituras como uma obra sem sentido e sem sabor, Cordeiro de Andrade estava fazendo, no fundo, a conjugação entre saber e Igreja Católica, equação que sempre será considerada no cenário intelectual da cidade letrada. Por outro lado, a sua crítica é relativizada, mas não na perspectiva que faz Domingos Olímpio com relação aos doutores, mas pelo fato de que, ao mesmo tempo em que crítica o vazio da sociedade letrada, coloca livros “clássicos” nas mãos de personagens pobres da cidade, que estão vivendo os infortúnios da exploração social. Talvez tenhamos aqui a tentativa de igualar os homens não pela fortuna, mas pelo saber, pelo conhecimento, sinal não de distinção, mas de igualdade social.

Temos, em *Cassacos*, portanto, designações genéricas sobre os “sobralenses” que, ou são os “brancos” sem rosto e sem nome, ou são os *cassacos*, ou seja, homens-

¹⁹⁸ OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. Op. Cit. p. 57.

¹⁹⁹ ANDRADE, Cordeiro de. *Brejo*. Op. Cit. p. 58.

animais, “povo sem sexo. Eram, apenas, os cassacos. Esfarrapados, os olhos compridos de fême, engulindo cuspo, mastigando vento (...)”²⁰⁰, que sofrem as calamidades da seca e que arrastam atrás de si a marca tênue de uma não-identidade. Temos assim duas obras que relativizam a cidade de Sobral como cidade intelectual, lugar de gente supostamente distinta e bem nascida. C.A. estilhaça a suposta tradição que inventou a cidade na obra de Domingos Olímpio e vocifera: “Eu bem dizia que a peste deste Sobral não valia um xenxén. Cadê serviço prós pobres? Cadê fartura?”²⁰¹ Sobral, desse modo, escapa à opulência descrita por Domingos Olímpio, já que para C.A, “Este Sobral não presta. Qualquer mérdinha que aporta estas bandas, da noite pro dia, se faz gente”²⁰². E, se Domingos Olímpio se esmera em descrever a cidade, em construí-la quase intocada pela seca, sem praticamente nenhum desvio em sua linearidade, em sua exatidão geométrica, como na passagem na primeira página do primeiro capítulo, conforme segue:

No cabeço saturado de sangue, num e árido, destancando-se do perfil verde-escuro da Serra Meruoca, e dominando o vale, onde repousava, reluzente ao sol, a formosa cidade intelectual, a casaria branca alinhada em ruas extensas e largas, os telhados vermelhos e as altas torres dos templos, rebrilhando em esplendores abrasados, surgia, em linha severas e fortes, o castelo da prisão, traçado pelo engenheiro João Braga, massa ainda informe, áspera e escura, de muralhas sem reboco, enleadas em confusa floresta de andaimes a esgalharem e crescerem, dia a dia, numa exuberância fantástica de vegetação despida de folhas, de flores e frutos²⁰³.

Essa descrição da cidade que abre o romance não deixa dúvidas sobre o que pretende o seu autor: imunizar a cidade com relação a presença dos retirantes da seca. Sobral enquanto espaço físico, mas também enquanto espaço simbólico, porque mesmo sendo invadida por uma multidão de famintos, a cidade mantém sua aura de cidade intelectual e aristocrática. Bem diferentes são as descrições da cidade contidas em *Cassacos*, porquanto o autor procura enxergar a cidade atomizada, a cidade dos becos lamacentos, das ruas tortuosas, assim, o que temos logo no início do romance é a descrição, ainda que rápida, de um dos principais espaços de sociabilidade da cidade: “(...) no boeiro da praça do Mercado, atulhado de pacotes de escremento humano e ratos em adeantado estado de decomposição”²⁰⁴. Temos dessa forma no romance uma cidade

²⁰⁰ ANDRADE, Cordeiro de. *Brejo. Op. Cit.* p. 53.

²⁰¹ ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos. Op. Cit.* p. 52.

²⁰² *Ibidem.* p. 148.

²⁰³ OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem. Op. Cit.* p. 7.

²⁰⁴ ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos. Op. Cit.* p. 12

que é sacudida pela presença dos *cassacos* que reconstroem a história da cidade “ao rés do chão, com passos”, como sugere Certeau, trazendo para o seu texto uma “linguagem ordinária”, visto que ela partiria desse contingente populacional que, em sua grande maioria, era habitante dos arredores da cidade, moradores das inúmeras fazendas que cercavam Sobral em sua zona rural, mas era uma característica também dos moradores da cidade. A linguagem de Domingos Olímpio é mais polida, clássica, limpa e exata. Seria, para citarmos Italo Calvino, a imagem do *crystal*, representando a invariância, a regularidade, definição geométrica que denota solidez, exatidão, tudo o que de fato a cidade não é, muito menos a tradição. *Cassacos* seria, nessa perspectiva, a imagem da *chama*, representando agitação, vivência e fluidez²⁰⁵. Temos em *Cassacos* uma cidade fluída, constante, porém agitada, febril e volátil, como a se desmanchar em suas formas e conteúdos.

Assim, temos em Cordeiro de Andrade um autor que racha as coisas, que racha as palavras²⁰⁶, que desnaturaliza a ideia de uma cidade culta, formosa e intelectual, que de certo modo subverte a perspectiva de um *arquivamento* linear do que seriam as tradições da cidade, por isso entendemos que em *Cassacos* encontramos margens que “poderão construir outras formas de compreensão, que desnaturalizem a relação ou a representação que procurava associar de forma unívoca o objeto ou a coisa à palavra”²⁰⁷, intenção clara quando nos debruçamos sobre *Luzia-Homem*, pois a cidade, nesse romance associa e representa de maneira natural a cidade à intelectualidade, como farão posteriormente os intelectuais da ASEL com relação a Academia Sobralense de Letras e a Academia Sobralense de Estudos e Letras. Por isso a necessidade de fabular e inventar a fundação das primeiras duas Academias da cidade, em que se procura estabelecer uma continuidade, apagando as diferenças e homogeneizando dois acontecimentos completamente díspares, como veremos em seguida.

²⁰⁵ CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

²⁰⁶ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34. p. 109

²⁰⁷ MONTENEGRO, Antonio Torres. *Rachar as palavras. Ou uma história a contrapelo*. In: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXII, n. 1, Junho, 2006. p. 47

4 – ENTRE A FUNDAÇÃO E A INVENÇÃO DA ACADEMIA SOBRALENSE DE LETRAS

“Felicitamos Sobral pelo importante acontecimento que veio marcar na história desta Terra, uma verdadeira página de luz”.

Correio da Semana, junho de 1922

De acordo com o jornal Correio da Semana de junho de 1922, o que foi a invenção da fundação da Academia Sobralense de Letras - ASL representava para a história de Sobral, “uma verdadeira página de luz”, conforme lemos acima. Por quê? Por que a ASL é inventada no cenário da cidade a partir da constituição de um ritual de fundação que parte do mais conhecido jornal local, o Correio da Semana, até os discursos e textos dos próprios acadêmicos? Qual a “originalidade” sobralense com relação a produção literária do estado em que a literatura era tão “original”? O que havia de tão especial numa Academia de letras numa cidade que se orgulhava de ser supostamente a cidade do interior do Ceará em que havia mais letrados? Em que contexto a ASL foi inventada em sua fundação na cidade e quais foram os seus intelectuais mais significativos? Como se organizou a sua primeira e única revista? O que estaremos chamando de *fundação* aqui, é algo como que “a demarcação de um centro, de uma origem, de uma cena primitiva”²⁰⁸, portanto, de um marco a balizar o tempo e justificar e fabricar uma dada memória. Será esse o tom de algumas das questões que procuraremos discutir ao longo deste item. E ainda: será mesmo a partir da ASL que os intelectuais da cidade começarão a construir com mais empenho o *arquivo* da cidade letrada, pois sendo uma instituição letrada, era mais simples para eles fazerem crer que havia na cidade uma continuidade nas lides literárias, como veremos.

O sentido do *arquivo* organizado pelos intelectuais da ASEL aponta, em nosso entender, para a etimologia da palavra, como sugere Jacques Derrida, quando estabelece que “Arkê (...) designa ao mesmo tempo o *começo* e o *comando*. Este nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história”, sendo que para o autor, o arquivo é “onde as coisas começam (...) mas também o princípio da lei

²⁰⁸ SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 35.

ali onde os homens e os deuses comandam, ali onde se exerce a autoridade, a ordem social”²⁰⁹, de modo que entendemos que a ASEL procura organizar um *princípio* para e comandar e de exercer a autoridade sobre o próprio conhecimento pro que seria a história da cidade, ao mesmo tempo em que vislumbra a perspectiva doduzido, encaminhando assim o passado da cidade para o presente dos acadêmicos, mesmo que essa intenção não seja totalmente possível. E esse princípio de comando escolhido é, como já frisamos, a história da Vila. De modo que refletimos que esse princípio estabelece o duplo sentido das tradições inventadas na cidade: a de que essa tradição é da ordem da natureza e da ordem da história, sendo assim, era *natural* o desenvolvimento intelectual da cidade, comprovado pela autoridade e tradição de sua história.

Sabemos que com relação as duas Academias da cidade, o jornal *Correio da Semana* foi muito importante para a difusão e tentativa de naturalização da ideia da existência dessas agremiações literárias na cidade, à medida em que em Sobral “a imprensa era um importante meio de expressão das diversas frações das camadas dominantes”, e para tanto, “através dos jornais, elas procuravam legitimar, no campo das idéias, suas práticas, comportamentos e atitudes”²¹⁰, por isso o jornal será um meio de difusão dos valores da sociedade letrada da cidade que, escrevendo ainda que esporadicamente em suas páginas, fazia dessa prática mais um cabedal simbólico na luta pela afirmação de seus valores intelectuais, de modo que o *Correio da Semana* será mais um dos elementos a compor o *arquivo* da cidade letrada. Assim, para o historiador, escolher, selecionar e se debruçar sobre jornais é uma tarefa valiosa em seu caminho de pesquisa, especificamente em nosso caso, quando buscamos a construção e fabricação da fundação da ASL e da ASEL como marcos do que seria uma tradição culta de Sobral. O jornal, entendido como documento hoje, já apascentado pela faina dos historiadores que a partir da abertura de novas frentes de trabalho e desafios de pesquisas, com a multiplicidade de temáticas e variadas concepções teóricas, agora livres da suspeição de que sua utilização pelos historiadores não fazia sentido na medida em que, contendo “registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões”²¹¹, não poderiam servir à objetividade e muito menos à

²⁰⁹ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo. Uma impressão freudiana. Op. Cit.* p. 11

²¹⁰ COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidade e cultura das elites sobralenses. Op. Cit.* p. 84

²¹¹ LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos.* In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes históricas.* São Paulo: Contexto, 2005. P. 112

verdade da história, e desse modo, não deveriam ser vistos com seriedade pelo historiador.

Em vista disso agora é possível nos debruçarmos sobre as páginas do Correio da Semana *farejando carne humana*, sabendo que o jornal é um desses lugares em que as experiências sociais são inscritas, e que em suas páginas encontraremos sentidos e sentimentos, produções de acontecimentos, invenções sobre a realidade, quando nem sempre o que está escrito no jornal e ganha muitas vezes suas páginas mais respeitáveis, não foi de fato “o que aconteceu”, mas aquilo que um pequeno grupo desejava e esperava que acontecesse. A nossa *caça*, com relação a ASEL, é a invenção da notícia, o *desejo do acontecimento*, a ânsia no sentido de que, ao se escrever sobre a Academia, ela se tornaria mais *real*, mais *verdadeira*. E em Sobral, os jornais foram as “nuvens de gafanhotos de escrita”, como sugere Benjamin, que cobriram o horizonte da cidade, já que desde “1875 até os anos 40 do século passado, a cidade teve mais de 100 jornais. Esse veículo de comunicação constituía na época (...) uma importante via de transmissão de valores”²¹², decerto que o Correio da Semana viria a ser, especificamente no contexto das duas Academias literárias, antes da publicação de suas revistas, o principal meio informacional e comunicativo dos desejos e expectativas das duas associações literárias, e também a forma mais concreta de *consumo* dos ideais dessas sociedades letradas.

No entanto Sobral conheceu, pelo menos é o que lemos na mais conhecida e consistente obra de Sadoc de Araújo, *Cronologia Sobralense*, escrita em cinco tomos, algumas experiências letradas interessantes antes da criação de sua primeira Academia, agremiação institucionalizada na cidade, caso de uma sociedade literária que se reunia ao ar livre, nos arredores de Sobral, conforme segue:

21 DE ABRIL (5ª feira): é criada a “Caravana Errante” sociedade literária informal com a finalidade de “cultivar todos os ramos da literatura indígena”. A iniciativa foi de um grupo de amantes das letras composto de Craveiro Filho, Lauro Menezes, Deusdet Mendes e Braga Hardi. Não havia estatuto, nem ata, nem arquivo ou outra qualquer formalidade. As reuniões realizavam-se ao ar livre, geralmente nas cercanias da Lagoa da Fazenda.²¹³ (Grifos do autor)

²¹² COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e cultura das elites sobralenses*. Op. Cit. P. 55

²¹³ ARAÚJO, Pe. Francisco Sadoc de. *Cronologia sobralense*. Volume V – 1911-1950. Sobral: Imprensa Universitária – UVA, 1990. p. 112

A Caravana Errante, criada em 1921, como o próprio nome sugere, errava pelos arredores da cidade, em reuniões informais, mas apenas diletantes, pelo que compreendemos da citação de Araújo. Não havia preocupação em registrar tais reuniões, *arquivar*, mas por outro lado, dois dos membros daquela sociedade bem pouco tempo depois estariam organizados e institucionalizados em torno da Academia Sobralense de Letras, fundada um ano depois, em 1922, no caso o jornalista Craveiro Filho, um dos mais reconhecidos intelectuais de Sobral, que também participará da fundação da ASEL em 1943, e Lauro Menezes, poeta. Fazia parte dos fundadores da Caravana Errante outro poeta e jornalista reconhecido na cidade, no caso Deusdet Mendes, que não figurará entre os membros da ASL um ano depois.

Com relação a ASL, “uma verdadeira página de luz”, como sugere a citação do jornal, não era de se estranhar que isso acontecesse, pois o próprio Ceará seria lugar também de suposta excelência, já que:

A febre de associações e academias tinha, fatalmente, de contagiar, como de fato contagiou, o Ceará. Aliás, - seja dito de passagem -, verifica-se, logo, que é notavelmente superior, em relação ao das científicas, o número de sociedades literárias, no que confirma a afirmação de José Veríssimo de que, depois do Rio, é o Ceará a terra do Brasil onde é menos apagada a vida literária e maior a sua produção²¹⁴.

A citação acima de certa forma quer sacramenta uma tradição que não deixa de ser original e que no Ceará produziu associações literárias conhecidas, sendo o caso mais emblemático, a fundação em 30 de maio de 1892, em uma mesa do Café Java, na Praça do Ferreira, centro de Fortaleza, da *Padaria Espiritual*, com seu jornal O Pão e seus Padeiros²¹⁵. Mas a febre de associações e academias vinha um pouco mais de longe, mais precisamente com a Academia Francesa²¹⁶ que começou suas atividades a partir de 1872 e desde a década de 1810 com os Oiteiros²¹⁷. O fato é que Dolor Barreira em seu texto sobre os Oiteiros na Revista do Instituto do Ceará, já podia sutilmente falar

²¹⁴ BARREIRA, Dolor. *Associações literárias e científicas no Brasil, e particularmente no Ceará – Oiteiros*. In: Revista do Instituto do Ceará. Anno LVII- 1943. p. 148

²¹⁵ Ver: CARDOSO, Gleudson Passos. *Padaria Espiritual, biscoito fino e travoso*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado, 2006.

²¹⁶ A Academia Francesa, criada em 1871, com a participação de “cearenses ilustres”, como Capistrano de Abreu e Thomás Pompeu Sobrinho. Participaram ainda Tristão de Alencar Araripe Júnior, João Lopes Ferreira Junior, Antonio José de Melo, Domingos Olímpio, entre outros. A Academia Francesa deixou de se reunir em 1875.

²¹⁷ Os Oiteiros eram um grupo de poetas que versejava em homenagem ao Governador Sampaio, isso na antiga Vila de Fortaleza de N. S. da Assunção, por volta de 1815. O versos declamados eram de louvor ao Governo, seguindo os preceitos básicos da poesia neo-clássica.

e idealizar uma tradição que *fatalmente* contagiaria o Ceará, com quantidade razoável de sociedades literárias, “notavelmente superior, em relação ao das científicas”. Temos assim que, “a criação do Instituto do Ceará, Academia Cearense de Letras e Centro Literário aponta, dessa forma, para a preocupação que estes sujeitos tiveram em afirmar o seu saber, bem como demarcar sua esfera de atuação”²¹⁸, com ação mais incisiva em Fortaleza. O “clima literário” no Ceará nessa perspectiva discursiva era de certo modo empolgante. Sobre isso, somos informados que “visitando o Ceará, no começo do século [XX], Aderbal de Carvalho anotava com certo exagero: “Nesse Estado a literatura já chega a ser uma mania. Não há um cearense que não rabisque o seu conto.””²¹⁹. Estava dada assim a senha para a legitimação em Sobral, para além da suposta tradição enobrecida e letrada da cidade, da criação de academias literárias e um gabinete de leitura.

Mas no caso de Sobral, o que seria esse “contágio” vinha mais ou menos do mesmo período da Academia Francesa, pois a atividade literária organizada começou quando

No ano de 1872, veio residir em Sobral, sua terra natal, o Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, mais tarde Barão de Sobral (...) Sua presença em Sobral foi benéfica pelo incentivo que deu às letras, à educação e à construção da Estrada de Ferro de Sobral e do Teatro São João (...) por sua iniciativa, foi criado o Gabinete de Leitura de Sobral, a 18 de fevereiro de 1877. Funcionava no andar térreo da Casa de Câmara de Cadeia; possuía uma boa biblioteca, tendo recebido livros diretamente da França e da Inglaterra. Com isso nasceram vocações literárias como Domingos Olímpio, e o gosto pela arte dramática, que se concretizou na construção do Teatro São João, continuação natural do Theatro Apollo (...) O Gabinete mantinha também uma escola primária, como forma de extensão dos serviços que prestava à comunidade²²⁰.

O Gabinete de Leitura fundado pelo Barão de Sobral, assim noticiado pelo jornal *O Sobralense*: “Terá logar hoje a instalação do Gabinete Sobralense de Leitura nesta cidade; é de esperar que esta útil instituição encontre nos sobralenses o apoio que merece”²²¹, é um das primeiras referências oficiais da cidade letrada, a converter um acontecimento considerado um feito significativo, que sempre terá um caráter de

²¹⁸ CARDOSO, Gleudson Passos. *Literatura, imprensa e política (1873-1904)*. In: NEVES, Frederico de Castro. SOUSA, Simone de. *Intelectuais*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002. P. 51-52

²¹⁹ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação.s/d. P. 62

²²⁰ GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. SOARES, Maria Norma. *Sobral história e vida*. Op. Cit.p.87-88

²²¹ Biblioteca Menezes Pimentel, *O Sobralense*, Sobral, 18 de fevereiro de 1877.

fundação na perspectiva de alguns dos discursos oficiais da intelectualidade sobralense, inclusive por supostamente fomentar vocações literárias, caso citado de Domingos Olímpio Braga Cavalcante. Chama nossa atenção o fato de “naturalmente” o Gabinete de Leitura ter incentivado vocações literárias e gosto pela arte dramática na cidade, como se as “vocações” estivessem guardadas, naturalizadas no temperamento de um povo, a espera da melhor hora para aflorar. O gabinete mantinha uma escola primária e uma biblioteca, essa a primeira a ser franqueada para a população da cidade, funcionando no primeiro piso da Câmara Municipal. O mesmo foi fechado durante a seca de 1877-79, sendo reaberto apenas em 25 de abril de 1886. Essas elucubrações se tornaram paradigmáticas, representativas de uma identidade forçosamente culta, no entanto, estamos lidando com uma “ilha de letrados” uma “estrita minoria” que manejando muito bem os seus discursos em que “se constrói um texto. Fragmentos ou materiais lingüísticos são tratados (usinados, poder-se-ia dizer) neste espaço, segundo métodos explicáveis e de modo a produzir uma ordem”²²², se fabula uma história em que não há lugar para nada que não seja excepcional e distinto, assim era que essa “ilha de letrados”, parte da elite, estava sempre ocupando posições estratégicas nas malhas da burocracia ou em atividades liberais de destaque na cidade.

Quando se referem a construção do Teatro São João, considerado mais um dos símbolos da cidade letrada, a partir de 1875, fomentado segundo esse discurso, “o gosto pela arte dramática”, as autoras apenas naturalizam a história, louvam o fausto da construção grandiosa, mas não comentam que “as obras continuaram, porém morosamente, até que, pela verba dotada para socorros públicos na seca de 1877, tomaram impulso, sendo dessa época quase todo o arcabouço”²²³, ou seja, temos uma instituição particular recebendo dinheiro que deveria ser carreado para obras públicas contra as secas, beneficiando um grupo de letrados que procurava a efetivação de “espaços nobres e civilizados” na cidade, o que significa dizer mais claramente, que esse espaço considerado nobre seria um espaço de exclusão, por parte de sua intelectualidade com relação ao restante da população.

Mas o que seria a pretensa cidade intelectual, é o próprio Domingos Olímpio que idealiza o perfil desse lugar e aponta para o principal espaço de sociabilidade de sua

²²² CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 225

²²³ FROTA, D. José Tupinambá da. *História de Sobral*. 3ª edição. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE, 1995. P. 497

elite letrada no final do século XIX e início do XX, período em que escreveu JULES VERNE (A Caverna de Ubajara), inspirado no livro daquele autor francês, “Viagem ao Centro da Terra”. Domingos Olímpio organizou uma “caravana (...) o Sergio Saboya, o José Figueira, o Domingos Deocleciano, meu irmão Antonio Raymundo, e partimos a caminho da Ibiapaba²²⁴, na direção de São Benedicto”, e observando a gruta localizada na cidade de Ubajara, escreveu um interessante texto sobre o assunto. Sobre a intelectualidade local, escreveu outro texto bastante esclarecedor:

Havia em Sobral, um *epicurista das letras*, que acumulara, pacientemente, num *trabalho erudito*, numa bella vivenda do subúrbio da cidade, *os notáveis productos da intelligencia humana*. As novidades do mundo intellectual chegavam pontualmente, em livros, em revistas, em jornaes à *bibliotheca do dr. Thomaz Antonio de Paula Pessoa*, escondida naquele recanto de amor, de paz, de felicidade, dos formosos sertões cearenses, como *um oásis da arte e do pensamento*. Era a casa do Thomaz o foco dos intellectuais de Sobral: ali se reuniam para quebrarem a monotonia patriarchal da vida sertaneja, em palestras adoráveis, em *communicações de idéas, de impressões, o Conselheiro Rodrigues Junior, João Adolpho Ribeiro da Silva, Paula Pessoa Filho, José Júlio de Albuquerque Barros e o jurisconsulto Vicente Alvez de Paula Pessoa*, quando podiam emergir, fugitivo do seu extenuante trabalho para *arejar o espírito numa atmosphera de emanações mais suaves que as do ambiente das leis, dos direitos, dos avisos*. Nessa bibliotheca encontrei a “Viagem ao Centro da Terra”.²²⁵(Grifos nosso)

Esse “epicurista das letras”, dono de vasta biblioteca, como escreve Domingos Olímpio, pertencia a uma das mais importantes e influentes famílias estabelecidas na cidade, os *Paula Pessoa*. Sabemos que a maioria desses livros chegava pelo porto da cidade de Camocim e embarcava de trem rumo a Sobral. Pelos dados recolhidos por Girão²²⁶, ficamos sabendo que entre 1847 e 1856, os livros eram o terceiro produto nos itens de importação oriundas da França. Dr Tomaz Antonio de Paula Pessoa era magistrado, tendo iniciado seu curso em Recife e terminado pela faculdade de São Paulo em 1858. Era filho do Senador Francisco de Paula Pessoa, e nasceu no dia 31 de outubro de 1834 em Sobral. Seu pai, o Senador Paula Pessoa nasceu na cidade de Granja, a 115 quilômetros de Sobral, mas veio residir muito cedo na cidade onde fez

²²⁴ Ibiapaba é conhecida como Serra Grande, abrigando em sua extensão mais de 6 cidades como Tianguá, Ubajara, Viçosa do Ceará, Ibiapina, entre outras, está distante de Sobral 150 km.

²²⁵ OLÍMPIO, Domingos. *JULES VERNE (A Caverna de Ubajara)*. IN: CRAVEIRO FILHO, O Centenário . Álbum Histórico comemorativo do 1º Centenário da cidade Sobral. 1941. PP.85-86

²²⁶ GIRÃO, Gloria Giovana Saboya Mont’Alverne. *As transformações socioculturais em Sobral (1870-1920)*. 2001. Dissertação Mestrado em História apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco-Recife. p. 106. O primeiro item era o de Tecidos (algodão, seda, lã); o segundo era o de couros trabalhados.

fortuna criando gado, sendo inclusive chamado pejorativamente por seus adversários, de “O Senador dos Bois”, numa referência aos seus poucos estudos. Dr. Thomaz de Paula Pessoa também se dedicou à vida pastoril, mantendo praticamente a mesma fortuna do pai e seu renome, de modo que poderia facilmente comprar livros importados para a sua biblioteca que tanto impacto causou no jovem Domingos Olímpio. Segundo Monsenhor Vicente Martins, “somente em 1878 aceitou o cargo de Juiz Municipal de Sobral, que exerceu até 1884, quando foi nomeado Juiz de Direito de São Benedito, sendo aposentado ilegalmente em 1889, no Governo Provisório da República”.²²⁷ Assim, temos indícios que apontam no final do século XIX uma cidade que certamente vivia o fluxo do consumo e leitura de livros, principalmente nas bibliotecas particulares das pessoas bem situadas econômica, política e socialmente em Sobral, mas no final do século XIX, pois no início do século seguinte, mais precisamente em 1933, temos outra realidade, essa mais pública, digamos assim, pois temos que “a imprensa local lamenta a aversão do sobralense ao livro. Algumas livrarias foram abertas e fecharam, porque ninguém na cidade compra livro”²²⁸. Como explicar essa aversão citada pela imprensa? De que “sobralense” se está falando? E como fica a representação da ASL, inativa nesse período? E ainda: qual o sentido dessa notícia no corpo da imprensa local?

As notícias que vão sendo divulgadas no *Correio da Semana* procuram legitimar a Academia Sobralense de Letras, apresentá-la como uma obra da intelectualidade e das tradições letradas da cidade, por isso temos nesse sentido a seguinte informação sobre o que seria a oficialização da ASL, nos seguintes termos:

Com a *presença do que tem de mais selecto*, realizar-se-á no próximo dia 7 corrente, a inauguração oficial da “Academia Sobralense de Letras”, *associação que está destinada a prestar ao nosso meio intelectual os mais valiosos serviços e o concurso mais decidido a favor das letras patricias*. O acto da inauguração está marcado para as 20 horas daquelle dia, em dos salões do “Gremio Recreativo Sobralense”. Já foram distribuídos diversos convites nesta cidade, como também a varios gabinetes literários desta zona. Desde já, antecipamos os nossos parabéns à sociedade sobralense por mais este avanço no campo do progresso de nossa Terra²²⁹. (Grifos nosso)

A ASL era espaço seletivo, não temos dúvidas disso. Suas reuniões eram abertas a poucos, o que precisamos entender e discutir é se esses poucos poderiam se

²²⁷MARTINS, Monsenhor Vicente. *Homens e Vultos de Sobral*. 2ª Edição. Fortaleza: Edições UFC/Stylus, 1989. p 336.

²²⁸ ARAUJO, Pe. Francisco Sadoc de. *Cronologia sobralense*. Op. Cit. P. 199.

²²⁹ Biblioteca Menezes Pimentel, *Correio da Semana*, 3 de junho de 1922. p. 2.

diferenciar daqueles “sobralenses” que tinham aversão ao livro, conforme Araújo. Talvez a Academia tendesse a ser o refrigerio para essa situação, pois estava idealmente “destinada a prestar ao nosso meio intelectual os mais valiosos serviços”, contribuindo assim para fortalecer as “letras patricias”, o que poderia significar, pelo caráter da instituição, o incentivo à leitura e a posse de livros. A ASL pretendia ser um “avanço no campo do progresso de nossa Terra”, pelo menos é dessa forma que o Correio da Semana constrói a notícia, mas sobre a concretização desse desejo, não temos muitos indícios de sua efetivação, pois não temos informações sobre a existência da biblioteca da Academia, do seu fluxo de leituras, a não ser por sua primeira revista, como veremos.

Em outra passagem o Correio da Semana continua dando visibilidade e de certo modo procurando naturalizar a existência da ASL na cidade, quando noticia em longo texto um evento realizado intitulado “A Festa da Academia”, em que detalha a forma como a ASL realizava suas sessões magnas:

Como foi anunciado, realizou-se quarta feira, 7 do corrente no salão nobre do “Gremio Recreativo Sobralense”, a *sessão Magna da Academia Sobralense de Letras*, em que tomaram posse dos seus respectivos lugares, os sócios daquela sociedade literária. As 8 horas da noite, presentes os Exmo Sr. Bispo diocesano, Sr. Prefeito Municipal, Mons. Vigário Geral do Bispado, vários sacerdotes, todos os membros da academia, *padre Leopoldo Fernandes* declarou instalada a sessão, e mandou que o secretario procedesse, nominalmente a chamada dos senhores sócios, que sob vibrantes salvas de palmas, tomaram posse de suas cadeiras, patrocinadas por distintos intelectuais cearenses já falecidos.

Logo após o padre Leopoldo passou a presidência ao Exmo Sr. D. José Tupinambá da Frota que recebeu prolongados aplausos. O padre Leopoldo Fernandes em seguida, pronunciou um discurso de saudação aos presentes, e agradeceu aos seus consócios sua eleição para presidente da ilustre assembléia de letras. Foi dada a palavra, logo depois, ao orador oficial *Dr. Clodoveu de Arruda* que, como sempre, *fez vibrar o auditório com magnífico discurso sobre a renascença intelectual que ora se opera na Terra sobralense.* O acadêmico Lauro Menezes recitou *A Jangada*, mimosa poesia de sua lavra. Lida a acta da sessão pelo secretario *Craveiro Filho*, foi a mesma assignada por todos os presentes. Uma magnifica orchestra, fazia-se ouvir nos intervalos. Seguiu-se depois animada palestra entre as pessoas presentes, a qual se prolongou até as 10 horas. *Felicitemos Sobral pelo importante acontecimento que veio marcar na história desta Terra, uma verdadeira página de luz*²³⁰. (Grifos nosso)

²³⁰ Biblioteca Menezes Pimentel, *Correio da Semana*, 10 de junho de 1922. P. 2

Interessante perceber na citação acima que encontramos o primeiro bispo da cidade, D. José Tupinambá da Frota, então sócio honorário da ASL, e que na ASEL em 1943, será seu presidente de honra, presidindo aquela Sessão Magna, o que por si só já seria motivo para a publicação da notícia no jornal. Essa referência é muito importante, pois o bispo raramente participava desse tipo de reunião, apesar da Academia realizar sessões em sua homenagem. O orador oficial da sessão, o Dr. Clodoveu de Arruda, juiz de direito, também foi, digamos assim, um dos (re)fundadores da Academia em 1943, ao lado de Craveiro Filho, e continuará aquele, a discursar nas sessões magnas e solenes agora da ASEL. A nota do jornal enfatiza a presença de D. José, mas também de “vários sacerdotes” e “todos os membros da academia”, significando assim que para o jornal católico, os padres eram as principais figuras da intelectualidade sobralense, e não por acaso, eles continuarão a ocupar as fileiras da ASEL. E chama nossa atenção ainda o fato de que a Academia representava “*a renascença intelectual que ora se opera na Terra sobralense*”, essa observação pode ser entendida, em nossa análise, de duas formas: primeiro, no sentido mais literal da palavra – a cultura intelectual renascia com a Academia, assinalando que até então ela estaria “morta”; segundo, o “renascimento” poderia ser entendido numa perspectiva mais simbólica, ou seja, que aquela sociedade de letras era formada por homens de certo valor intelectual, por homens ilustrados, que estariam renascendo na cultura, sendo por mesmo, o que havia de “mais selecto” na cidade. O jornal, portanto, será um instrumento vital para as pretensões das duas Academias da cidade, qual seja, legitimar e tentar fundamentar certa tradição letrada, jornal que em Sobral era lido por uma estrita minoria. Sobre essa questão, o censo de 1940 nos dá o seguinte indicativo: Em Sobral, tínhamos o número de 17.834 homens e 18.953 mulheres, totalizando 37.787 pessoas com idade entre os 5 e os 39 anos, sendo que desse total, 1.630 homens estavam recebendo instrução, enquanto o número de mulheres era de 1.200, assim temos que 1.284 homens sabiam ler e escrever para o total de 888 mulheres. Quando mudamos a idade para 7 e 14 anos, para o número de 1.064 homens e 803 mulheres, sendo que 799 homens sabiam ler e escrever para o total de 553 mulheres²³¹. Temos por esses indicativos os números mais ou menos exatos de homens e mulheres que sabiam ler e escrever na cidade, números que nos apontam que as mulheres eram um pouco menos instruídas do que os homens na década de 1940.

²³¹ Censo Demográfico – Sobral. *Recenseamento Geral do Brasil. Setembro de 1940. Série Regional – Parte VI – Ceará – Tomo 1.*

No entanto, sobre a Academia Sobralense de Letras, – ASL, a referência mais conhecida e também aquela considerada mais legítima, é a sua própria Revista, publicada a 7 de setembro de 1922 em Sobral, pela tipografia do Correio da Semana, e que durou apenas um número, e que não deixa de ser também um espaço de idealização e de monumentalização da Academia .

O Correio da Semana nos apresenta um texto com o título “Revista da Academia Sobralense de Letras” em que discorre sobre a publicação da mesma, conforme segue em parte:

Recebemos o primeiro número da Revista da Academia Sobralense de Letras, recentemente instalada. Essa edição, comemorativa do centenário da Independência, estampa os “cliches” dos presidentes da República e do Estado, do Bispo de Sobral, juiz de direito e prefeito daquela cidade, afora os de vários ilustres membros da referida sociedade de letras. Publica a excelente revista copiosa matéria de redação e colaboração dos membros da Academia (...) temos o prazer de felicitar a Academia Sobralense de Letras pela ótima iniciativa que teve, para mais brilhante comemoração do centenário.²³²

A Academia Sobralense de Letras se insere no amplo contexto das comemorações do centenário da Independência que reverberaram em todo o país, fazendo da criação da revista uma materialidade dessa comemoração, sendo “magnífica na parte intelectual”, como salienta o jornal, e lugar dos mais conhecidos letrados da cidade, mas as comemorações em Sobral foram além disso, pois houve uma ampla mobilização para os festejos na cidade capitaneados pela ASL, de modo que a publicação da revista da Academia apesar de ser noticiada pelo Correio da Semana, não gozou do mesmo prestígio de outros eventos planejados, já que em

Sobral sempre soube festejar as datas cívicas, compreendendo que isto redundava no fortalecimento do sentimento de Pátria, Nação e Povo. Para melhor se integrar no verdadeiro sentido de independência, o povo de nossa terra fez construir um obelisco comemorativo ao centenário da Independência, à Praça de S. Francisco a qual naquele momento em diante ficou sendo chamada “Praça da Independência”, mas que infelizmente mudaram para outro nome²³³.

De acordo com Lira, a construção do monumento, um obelisco na Praça da Igreja de São Francisco, centro da cidade, foi uma forma que o “povo de Sobral” encontrou para participar das comemorações relativas a independência do Brasil

²³² Biblioteca Menezes Pimentel, *Correio da Semana*, 8 de outubro de 1922. p. 2.

²³³ LIRA, Padre João Mendes. *Nossa Historia*, capítulo XIX: O Centenário da Independência em Sobral – 1922 – Correio da Semana, 1973

naquele contexto. Lira se esforça bastante para atrelar a história da cidade de Sobral a uma tradição ligada a fortes sentimentos “de Pátria, Nação e Povo”, aliando o local com o nacional, numa equação fundamental para ele, no sentido de entendimento do passado da cidade como parte de um passado maior. Para ele o que seria o passado nobre de Sobral estava sendo esquecido e aviltado no presente. Evidentemente que a ideia da construção do monumento nasceu entre os letrados da ASL e não entre o “povo” da cidade. Todas as vezes em que se escreve sobre esses intelectuais, aliás, estamos falando de uma espécie de “*auto-escrita*”, ou seja, de intelectuais que escrevem sobre si mesmos, tem-se a clara intenção de fazer de suas virtudes cívicas e intelectuais, as virtudes cívicas da própria cidade como *entidade*, como *sujeito*.

Mas o principal espaço de divulgação, de escritura e, principalmente, de *monumentalização* do que seria a identidade da ASL foi sem dúvida a sua revista. Sabemos que “uma revista é uma publicação que, como o nome sugere, passa em revista diversos assuntos o que (...) permite um tipo de leitura fragmentada, não contínua, e por vezes, seletiva”²³⁴. Apresentaremos a revista para que possamos dimensionar os sentidos que foram produzidos pelos intelectuais da ASL naquele ano de 1922. Mas sobre a questão da publicação de revistas na década de 1920, geralmente sabemos que

Com sua linguagem ágil e em movimento, uma revista buscava dar conta de um mundo em mutação, de uma sociedade que vivia a fluidez da modernidade através das reformas na cidade, dos avanços tecnológicos e das mudanças políticas.²³⁵

²³⁴ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. São Paulo: EDUSP/Fapesp. Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 21

²³⁵ MONTEIRO, Evelyn Morgan. *A Revista: modernismo e identidade fluminense (1919-1923)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da PUC-Rio, 2000. p. 8.

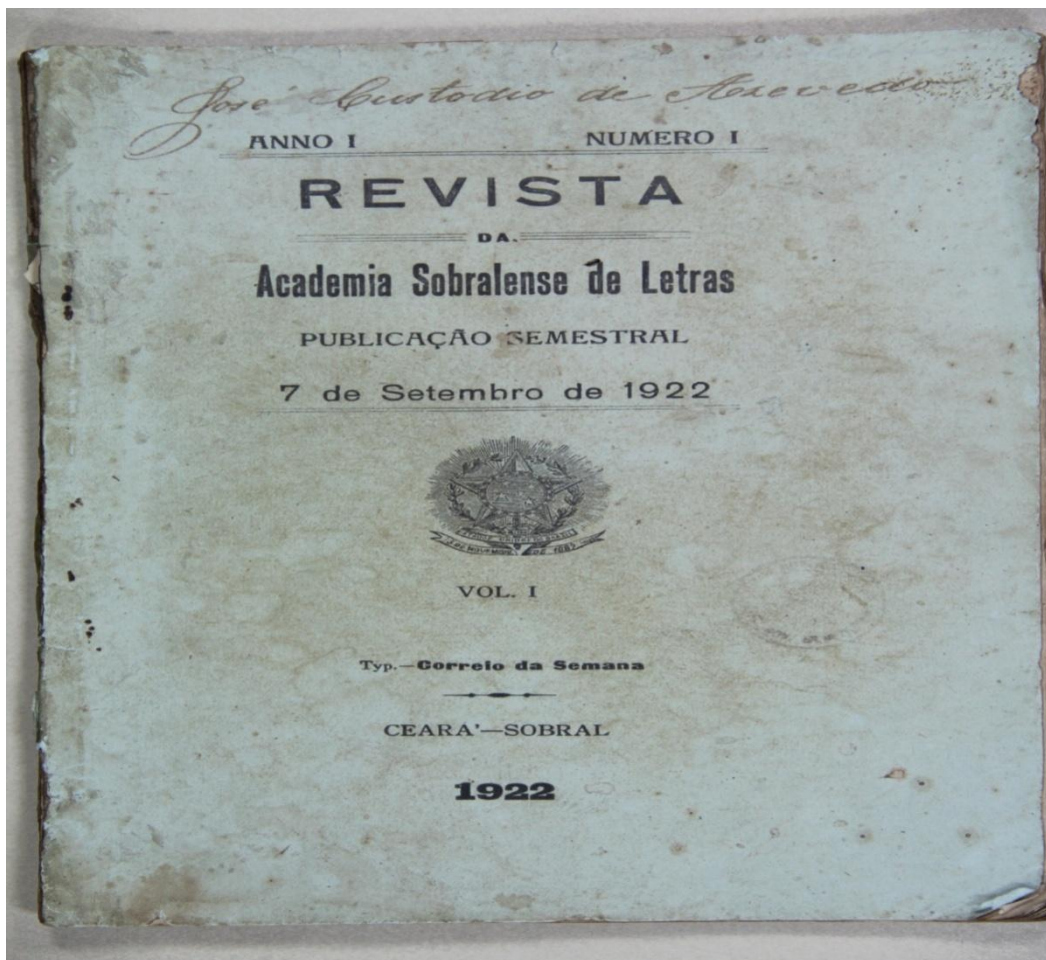


Figura 1 Fonte: Arquivo do Autor

Quando se refere a história da ASL e menciona a sua publicação, Dr. João Ribeiro Ramos²³⁶ é bastante enfático quando diz que “saiu uma única e reduzida edição, em 1922”. A afirmação parece verdadeira quando constatamos depois de longa procura, que só existem dois exemplares hoje, um na posse da Academia Sobralense de Estudos e Letras - ASEL, exposta numa vitrine do *Memorial do Ensino Superior da Universidade Estadual Vale do Acaraú - MEES*, mesmo prédio em que provisoriamente funciona a ASEL. O outro exemplar está guardado no *Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública Menezes Pimentel* em Fortaleza. O exemplar da Biblioteca Menezes Pimentel, apresentado acima, não está, como se percebe, em boas condições, estando o

²³⁶ Dr. João Ribeiro Ramos, farmacêutico, nascido na Serra de Guaramiranga em 1906, tendo falecido no ano de 2000, em Fortaleza. Viveu a maior parte de sua vida em Sobral. Escritor, poeta e ativador cultural. Membro fundador da Academia Sobralense de Estudos e Letras - ASEL, foi um dos mais importantes e influentes membros da ASEL, sendo o presidente que ficou mais tempo à frente daquela instituição, num total de 23 anos.

seu interior, em várias páginas, bastante danificado. O outro exemplar guardado no MEES está em ótimas condições. A revista da ASL, assim, tem as características de seu tempo,

(...) pois como periódico modernista, propunha a volta ao civismo, ao resgate da história, à valorização dos tipos brasileiros e dos processos de modernização vividos na cidade para pensar a identidade do estado, e a nacional²³⁷.

A revista traz em sua contra-capa um grande retrato oval do Presidente da República “Dr. Epitácio Pessoa”, com a seguinte apresentação: “Glorioso presidente nacionalista, invicto defensor da legalidade, o eminente salvador do Nordeste merece um culto de grande admiração e religioso respeito, de todo brasileiro que ama acima de tudo a sua Pátria generosa e opulenta”. Na página seguinte temos uma foto menor, retangular, do “Dr. Justiniano de Serpa”, “Brilhante tribuno de áureo renome, estadista luminoso, o emérito presidente da terra de Iracema é também o presidente de honra da Academia Sobralense de Letras”. Depois da apresentação da revista, que tem como título *Assomando...*, escrito certamente pelo seu presidente, padre Leopoldo Fernandes, temos uma grande fotografia quadrada, tomando a página praticamente toda, de um jovem “D. José Tupynambá da Frota”, que “ornando a nossa Revista com o retrato do Exmo e Revmo. Snr. D. José Tupynambá da Frota, move-nos o delicado sentimento de justiça de prestar ao conspícuo sócio honorário da “Academia Sobralense de Letras”, que é também um dos espíritos mais luminosos do Ceará, o preito sincero de nossa homenagem e reverencia”. Como lemos, Dom José assume um caráter quase divino no discurs acadêmico. Sua presença, sempre memorável, na perspectiva da intelectualidade local, demonstra a relação íntima que a ASEL mantinha com a Igreja e que posteriormente, acontecerá a mesma coisa com a ASEL.

Assim, a revista, que contém 119 páginas, abre os seus trabalhos procurando legitimar a sua própria existência exibindo em suas páginas algumas imagens consideradas canônicas de autoridades republicanas, símbolos da civilização e do progresso da nação, do estado e da cidade. Como podemos observar pela imagem de capa da revista, ela traz o Brasão da República, que em 1922 comemorava cem anos de independência, sendo a fundação da ASL naquele ano também uma representação mais do que cívica de celebração da data, inclusive a data de publicação da revista – 7 de

²³⁷ MONTEIRO, Evelyn Morgan. *A Revista: modernismo e identidade fluminense (1919-1923)*. Op. Cit. p. 26.

setembro –, é mais do que sintomático do contexto que o país estava atravessando naquele ano. Traremos na sequência os nomes dos autores e os títulos de todos os trabalhos apresentados na revista.

AUTOR	TÍTULO
Assomando...	Padre Leopoldo Fernandes Pinheiro
Um século de Independência	Dr. Clodoveu de Arruda Coelho
Em voz alta (Médicos e Curandeiros)	Dr. Benjamim Hortencio
Pela instrução pública	Atualpa B. Lima
Um caso banal	Luiz Viana
Supostas antinomias...	Padre Leopoldo Fernandes Pinheiro
Notas históricas da Cidade de Sobral	P. Fortunato Alves Linhares

Quadro 1 – Assuntos e autores publicados na Revista da Academia de Letras, 1922.

Além dos artigos citados, a revista traz várias sessões dedicadas à poesia. Chama nossa atenção o fato de que autores como Paulo Aragão, bancário e poeta, e padre Fortunato Alves Linhares, historiador, também estarão presentes como autores na primeira publicação do Boletim da ASEL em 1943. A diferença é que em 1943, quando da publicação do Boletim, o padre Fortunato Alves Linhares já é monsenhor, Monsenhor Linhares, mas o teor do artigo publicado em 1922 – *Notas históricas da cidade de Sobral*, que inclusive dará título ao seu livro publicado em 1945, e o artigo de 1943, *Apontamentos para a História e Corografia do Município e Cidade de Sobral*, é

praticamente o mesmo, a história de Sobral. Paulo Aragão publicará em 1943 também poesias.

A publicação traz ainda outra fotografia, também quadrada e quase de página inteira de um também jovem “Dr. José Saboya de Albuquerque”, considerado “Membro honorário da Academia Sobralense de Letras e ilustrado Juiz de Direito desta comarca”. Precisamos destacar que Dr. José Saboya enquanto em 1922 foi membro honorário da ASL, em 1943, ele será membro efetivo, sendo o segundo presidente da ASEL e o seu principal e único mecenas.

A revista apresenta um poema de Lauro Menezes, um dos membros fundadores a deixar a cidade de Sobral para morar e trabalhar na cidade de Tianguá, e que Ramos considera “poeta primoroso e boêmio”. O poema tem como título “Jangadas”. Um poema de autoria de Paulo Aragão, cujo título é “Dentro do passado”, e trata do “descobrimento do Brasil”, em que o sentido de história se vincula a perspectiva de que o Brasil era um pássaro tímido que foi despertado pela presença de Cabral, que “aos tropheus da Corôa, a guia-colosso prende, acorrenta, aguilhoa”, de modo que o seu sentido aponta para o Brasil sendo “abençoado” por Portugal, como sinal de civilização. Vale a pena citar parte do poema:

Era o Brasil um ninho, em cujo seio
Verde, havia um pássaro tímido, deitado,
A pipilar
Quasi que um gorgueio;
Talvez uma oração
Sagrada:
Esse ninho era o Brasil – essa terra abençoada;
Essa ave, uma águia – a Civilização.
E contente, Cabral, aos tropheus da Corôa,
A guia-colosso prende, acorrenta, aguilhoa.

A revista tem uma sessão chamada *Notas Acadêmicas* em que expõe acontecimentos da vida social e intelectual da cidade. Nessa sessão há uma nota – Academia Cearense de Letras –, que trata, como diz o próprio título, da fundação

daquele sodalício, ocorrida na dia 15 de agosto de 1894, sendo a mais antiga academia instalada no Brasil. A última página da revista é dedicada a Directoria, que é assim constituída:

Presidente de honra: Dr. Justiniano de Serpa.

Membros honorários:

D. José Tupynanbá da Frota, bispo da Diocese.

Dr. José Saboya de Albuquerque, juiz de Direito desta comarca

Coronel Henrique Rodrigues, prefeito Municipal desta cidade.

Presidente – Padre Leopoldo Fernandes Pinheiro

Vice-Presidente – Dr. Benjamim Hortencio

Orador – Dr. Clodoveu de Arruda

Secretario – Craveiro Filho

Bibliotecario – Claudio Nogueira

Thezoureiro - Dr. Luiz Vianna

Comissão Technica

Dr. Rui Monte, Padre Fortunato Linhares e Dr. Clodoveu de Arruda.

Com relação aos Membros honorários da ASL, Dom José Tupinambá da Frota, Dr. José Sabóia e Coronel Henrique Rodrigues; na ASEL, Dr. José Sabóia, será seu segundo presidente, após a morte de Monsenhor Vicente Martins em 1948, e Dom José será seu Presidente de Honra. O Coronel Henrique Rodrigues não participará da ASEL.

Consideramos importantes algumas reflexões sobre a apresentação da revista, escrita por seu presidente Padre Leopoldo Fernandes Pinheiro, também diretor do Correio da Semana²³⁸. Diz-nos o autor em seu tom efusivo e gongórico, marca inclusive do próprio título da apresentação:

Com este louvável commettimento, temerário na sua objectivação, edificante nos seus propósitos, grandioso na sua essência, temos

²³⁸ Desde a sua fundação todos os diretores do jornal Correio da Semana foram padres, e esse dado prevaleceu pelo menos até o final da década de 1980, quando a direção do jornal, especialmente a redação, começou a ser ocupada por jornalistas profissionais, sendo o caso mais exemplar o Sr. Carlito Gomes, jornalista, atual diretor do jornal que ocupa esse cargo desde o começo da década de 80 do século passado.

demonstrado, no anno precioso commemorativo da independência política do Brasil, que neste abençoado rincão da terra cearense, também gastamos energias na faina incruenta do melhor esforço espiritual, para a gloriosa ascensão da escarpa dourada da Intelligencia, fugindo às águas estagnadas da rotina esterilizante e regressiva.

Padre Leopoldo procura, na apresentação da revista sintonizar a cidade de Sobral com os acontecimentos nacionais de 1922, no caso o centenário da Independência política do Brasil, já que “o centenário da independência seria um momento-chave” para que se pensasse “a interpretação do passado e a projeção do futuro”,²³⁹ como ele mesmo sugere. E uma forma de estar em sintonia com o seu tempo, é exatamente demandar esforços para a conquista do movimento e da ação em nome da pátria. E a ação da Inteligência capaz de combater as “águas estagnadas da rotina esterilizante e regressiva”, estava na criação da revista da academia. Sua intenção é fazer crer que em Sobral, no interior do Ceará, uma pequena cidade pensava o centenário da independência, ou seja, o patriotismo e o civismo seriam por isso, duas características importantes cultivadas pelos intelectuais da Academia. E continua o autor:

A nossa Revista representa, assim, o élo forte e inquebrantável, ligando as conquistas do pretérito aos avanços do presente e aspirações do futuro, estratificando o nosso progresso, num supremo ideal de Arte, que, alem, se nos entremostra, em claros dias porvindouros, nos cimos illuminados e magestosos da alcandorada montanha espiritual, que nos décimos a galgar.

Já em 1922, com a criação da ASL, como também veremos com a ASEL em 1943, só que com mais ênfase, a Academia se autorrepresenta como o lugar de fermentação e ligação entre os tempos passado, presente e futuro. Portanto, estava mais do que claro que a Academia representava a invenção de um surto que pretendia ser o despertar portentoso de uma inteligência dita fulgurante, aliás, característica mais do que eminente do sobralense, especialmente nas letras, segundo a invenção desse discurso. Na década de 1920, Sobral vivia a sua *belle époque*, tendo na ligação pelo trem via porto da cidade de Camocim, o encontro da elite da cidade com livros, roupas, modas, costumes e fascínios do Rio de Janeiro, então capital do Brasil e também da Europa, por isso, “presenciava-se a firmação de Sobral como centro urbano transformador (...), alterando o “modus vivendi” de parte de sua população, que a partir

²³⁹MONTEIRO, Evelyn Morgan. A Revista: *modernismo e identidade fluminense (1919-1923)*. Op. Cit. p.36.

do primeiro quartel do século XX, adquiriu padrões de comportamento europeizado.”²⁴⁰ É assim que a elite de Sobral, enxerga a cidade enxergando a si mesma. Não se pode perder de vista que para esse discurso pensava com certa *naturalidade* na Academia Sobralense de Letras, no Gabinete de Leitura, na Caravana Errante e, posteriormente, na ASEL, como agentes dessa tradição. O que está dito dessa forma, é que Sobral é uma cidade intelectual, e que às vezes é necessário apenas reatualizar essa intelectualidade, caso da ASL que foi reatualizada depois pela ASEL, conforme esse discurso acadêmico explicitado entre outros lugares, nas páginas do Correio da Semana.

Na continuidade do texto, padre Leopoldo é ainda mais enfático, quando nos diz que:

Rebusquemos, porém, na paradoxal lógica dos contrastes, o melhor incentivo para a continuidade de nossa acção, em prol do alevantamento e restauração do meio intellectual ambiente. Terçando as armas brancas e fecundas da imprensa, no libérrimos cambio das Idéas, ora nos apresentamos com a nossa Revista, portadora das primícias da Academia Sobralense de Letras.

A Academia teria como um de seus objetivos, pelo discurso acima, soerguer a intelectualidade da cidade, garantindo o seu lugar no que seriam as suas tradições letradas. Para tanto, segundo o autor, era necessário misturar suas ações com “as armas brancas e fecundas da imprensa”, refletindo assim a tradição da cidade ligada a produção de vários jornais, como já frisamos, pois sendo Sobral “celeiro de homens cultos e ilustrados, não podia deixar de cultivar a Imprensa, e de fazer jornalismo, como os povos de outras latitudes, como as gentes de outras paragens”²⁴¹, mas também percebemos de maneira implícita que pensava-se na “boa imprensa”, na utilização do jornal como espaço doutrinário e combativo do Catolicismo na cidade contra doutrinas adversas ou contrários a religião, caso do comunismo, da maçonaria, do Rotary Clube, do protestantismo, etc.

Num período em que o Brasil atravessava com grande euforia mudanças e se construía novas interpretações para a nação, a ASL procurava se insinuar em meio a um cenário também novo vivido na cidade de Sobral, o que de certo modo refletia um contexto maior, já que:

²⁴⁰ GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. *As transformações sócio-culturais em Sobral. Op. Cit.* p. 33.

²⁴¹ RAMOS, Ribeiro. *Sobral, Imprensa e Jornalismo. Álbum do Bicenténário da Vila Distinta e Real de Sobral.* Obra mimeografada. p. 419.

Os anos 20 são de mudanças. Também são simbólicos na história política e cultural brasileira, por inaugurarem a gênese do Brasil Moderno (...) é justamente nos anos 20 que a decepção quanto à possibilidade de a República realizar o ideal de uma sociedade nova torna-se absolutamente explosiva. Particularmente para os intelectuais, a década de 1920 será de questionamentos inéditos, até então, e que permaneceram em pauta pelas próximas décadas. Não apenas concepções tradicionais são atacadas, mas também as instituições republicanas – identificadas com uma legalidade que não tem correspondência no real -, elevando o *pathos* de ruptura, trazendo à tona novos atores e a problemática dos direitos de participação²⁴².

Por outro lado, não há na revista nenhum artigo que discuta de forma clara questões relativas à modernidade na cidade. O que há são indicações especialmente no artigo do Dr. Clodoveu de Arruda, *Um século de Independência*, quando o mesmo reflete de maneira mais genérica e atemporal até, escrevendo que “adaptamos ao nosso progresso as prodigiosas conquistas das correntes galvanicas da eletricidade, que, sob suas multiplas e polymorphicas modalidades, assoberbam o mundo inteiro”. A eletricidade na década de 1920 era muito precária na cidade, funcionando a partir de dois geradores movidos um a lenha e outro a diesel, adquiridos por Oriano Mendes, investidor local, este membro da ASL, que eram acionados às 18h e desligados às 22h. Enfatiza ainda Dr. Clodoveu de Arruda:

As vias-ferreas, o sulco vermelho e profundo das estradas de rodagem, a profusa rêde telegraphica serpenteiam aqui e alhures, furando e galgando as collinas, atravessando os rios, avassallando as esplanadas, varando as cordilheiras, unindo os centros ruraes dominados pela machinas agrárias, aproximando as distancias e acordando as populações sertanejas para a vida intensa e rumorosa da actividade productora das industrias e do comercio²⁴³.

Assim, o progresso salientado é, digamos assim, um “progresso mais universal do que local”. É o progresso da ferrovia e das estradas ainda de terra, mas que de certo modo eram progressistas porque recebiam os automóveis. Sobral já contava com sua estrada de ferro desde o final do século XIX, que era ponta de lança da cidade com relação a outros centros mais importantes do país, mas mesmo assim, o progresso relativo da ferrovia precisa ser pensado na perspectiva principalmente de quem se servia dela para forjar suas representações e visões de mundo. O suposto progresso na cidade seria símbolo do *novo* como resultado da Modernidade, sendo que “A associação do

²⁴² LAHUERTA, Milton. *Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização*. IN: COSTA, Wilma Peres da. LORENZO, Helena Carvalho de. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. p. 93.

²⁴³ ARRUDA, Clodoveu de. *Um Século de independência*. In: Revista da Academia Sobralense de Letras. Vol. 1. Anno 1. Número 1. Ceará-Sobral, 1922. p. 18.

moderno com o **novo** é, portanto, histórica, na perspectiva de sua genealogia e de sua invenção”²⁴⁴ (Grifos do autor), portanto em Sobral encontramos uma reflexão que distoa desse postulado, e que por isso associa progresso e modernidade, de modo que o “império do progresso” fosse visto como sinal de civilização, ou seja, o progresso seria entendido como algo *em si*, sem uma produção de sentido por trás de sua definição, sendo resultado todavia de um “discurso de incorporação aos destinos do progresso, como uma fatalidade histórica”²⁴⁵.

Nesse sentido é que entendemos as contradições entre a modernização e a modernidade, uma vez que a modernização se fazia presente nas inovações especialmente técnicas implantadas nas cidades, como a melhoria dos serviços de infraestrutura urbana, conforme acontecia em Sobral e no crescimento do comércio, enquanto a modernidade ultrapassava tal perspectiva, pois tinha como expressão fundamental as manifestações culturais, clarificados no cotidiano da vida urbana²⁴⁶. Mas *modernidade* nunca foi um conceito apascentado, bem assentado no campo historiográfico, por isso a dificuldade de conceituação e de periodização, mas entendemos com Resende que:

Para chegar a pensar em modernidade indo mais longe do que a cultura e os sintomas culturais (arte, poesia, linguagem), foi preciso somente um método: descobrir contradições, compreender a contradição ou as contradições essenciais²⁴⁷.

Assim, a associação ou dissociação entre moderno como “novo”, e o “velho” como tradição, não é suficiente para determinar o lugar dos conceitos, porque a *contradição* seria o vértice mais efetivo para o entendimento e desconstrução do conceito de modernidade, pois “A modernidade é contraditória e paradoxal... é um conjunto de elementos tecnológicos e arcaicos”²⁴⁸. Sobral não escapou a essa contradição, de modo que ao mesmo tempo em que tínhamos o trem, elemento envolvente do progresso e da modernidade, por outro lado não tínhamos luz elétrica efetiva na cidade. Assim, em Sobral, podemos refletir que “O orgulho urbano é feito da

²⁴⁴ REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos. Op. cit.* p. 107

²⁴⁵ *Ibidem.* p. 121.

²⁴⁶ GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. *As transformações socioculturais em Sobral (1870-1920). Op. Cit.* p. 66.

²⁴⁷ REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos. Op. cit.* p.111.

²⁴⁸ MAFFESOLI, Michel. Conferência pronunciada na Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 1998. Apud. GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. *As transformações socioculturais em Sobral. Op. Cit.* p. 75-76.

imbricação entre a cidade real e a cidade imaginada, sonhada por seus habitantes e por aqueles que a trazem à luz, detentores de poder”.²⁴⁹

No artigo escrito em 1922 pelo padre Fortunato Alves Linhares, em um item chamado *Monumentos*, o padre considera de maneira esquivada, sobre a “modernidade na cidade” fazendo a seguinte consideração:

A cidade, posto que prospera e florescente, é pobre de monumentos concernentes a factos históricos. Conta, apenas, o Pelourinho, symbolo da fundação da Villa, erecto a 5 de julho de 1773; dele só restam os alicerces. Há na praça do Patrocínio um outro padrão commemorativo do eclipse total do Sol a 26 de maio de 1919, alli mandado erigir pelo Astrônomo Dr. H. Morize, chefe da comissão brasileira de observação (...) Sobral é berço de grande número de homens notáveis: 58 sacerdotes; 88 bachareis; 20 médicos; 20 engenheiros; 10 pharmaceuticos.

O padre Fortunato lamenta o fato de a cidade, segundo ele, ser pobre com relação a monumentos relativos a *factos históricos*. Cita apenas as ruínas do Pelourinho, localizado na Praça da Igreja Matriz dedicada a Nossa Senhora da Conceição, e primeiro núcleo urbano da vila. Cita ainda outro monumento, mas que representa “outro padrão commemorativo”, pois faz referência ao eclipse total do sol em 1919, ocasião em que foi comprovada a Teoria da Relatividade. O monumento ao eclipse de 1919 é de outro padrão de comemoração talvez porque não se refira a história construída por agentes locais, sendo outra forma de lembrar, porque a memória é de um feito digamos assim, “alienígena”. E quando enfatiza que “Sobral é berço de grande número de homens notáveis”, e enumera a presença de 58 padres; 88 bacharéis; 20 médicos; 20 engenheiros e 10 farmacêuticos, começamos a refletir que a cidade de Sobral possuía um grande número de profissionais liberais em atividade, especialmente bacharéis, em número de 88 e padres, com 58 no total. A grande presença de bacharéis e de padres na cidade se refletirá na composição da ASEL em 1943, representando a maioria de seus membros.

No entanto, para a historiografia local, a referência mais autorizada sobre a fundação da ASL, posto que rápida, ainda não é a sua revista, mas consta na obra do agora Monsenhor Fortunato Alves Linhares, ele mesmo membro daquele sodalício, *Notas Históricas da Cidade de Sobral* (1945), na segunda parte intitulada *Apontamentos para a História e Geografia do Município de Sobral – 1690-1945*, e que servirá de

²⁴⁹ LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades – Conversação com Jean Lebrun*. São Paulo: UNESP, 1988. p. 119.

modelo para tudo o que será publicado posteriormente a respeito de “Sobral e de sua primeira academia”, como também sobre Sobral e sua história digamos oficial e autorizada. A historiografia oficial sobralense, desse modo, de maneira geral, ou bebe na fonte de Monsenhor Linhares ou bebe na fonte de Dom José, considerando que Dom José bebeu na fonte de Monsenhor Linhares, e assim copia literalmente os dois autores sem nenhum constrangimento, construindo desse modo uma “historia cumulativa”, uma história que se repete e se completa. Imaginamos que a cópia dessas obras é considerada por quem a realiza, como uma “virtude” e não como um “defeito”, afinal de contas tratam-se de dois dos mais considerados historiadores de Sobral, e Dom José, especialmente, é citado além do mais, como o “maior benfeitor da cidade”. Copiá-lo, assim, é uma virtude, pois a sua obra é legitimamente portadora do que deveria ser a *verdade histórica* sobre a cidade de Sobral.

Num subitem da segunda parte da obra, chamado de “*os primeiros emigrantes: Rio G. do Norte, Paraíba e Pernambuco. A eugenia da raça. Os mestiços. O Padre Católico. A formação da cidade. Homens Ilustres*”, Monsenhor Linhares traça um perfil segundo sua visão, da intelectualidade local e a importância do passado, dado relevante, pois antecede o item sobre a fundação da Academia. Sobre o assunto ele imagina que:

*Em regra, o sentir de nosso povo é o mesmo de nossos antepassados: amor à Pátria, à Religião e às tradições que nos legaram nossos maiores, não deixando, contudo de aspirar ao Maximo desenvolvimento da cultura moderna. Prova-o o grande número de intelectuais sobralenses que se têm distinguido em todos os departamentos da atividade nacional.*²⁵⁰ (Grifos nosso)

A alusão aos “nossos maiores” equivale a uma referência àqueles que seriam os intelectuais mais conceituados da cidade. Os maiores que são maiores também porque sentem amor à Pátria, à Religião e às tradições, estavam sempre aspirando ao desenvolvimento da cultura moderna. O intelectual para o autor seria patriota, católico e tradicional. Na sequência do texto Monsenhor Linhares utiliza uma estratégia que tem vida longa na historiografia oficial da cidade, que é o elenco dos intelectuais presentes em vários espaços e ramos de saber como na Igreja, na Medicina, no Direito, na Engenharia, no Exército, na Agronomia. Cita educadores, veterinários, capitalistas e agricultores, na verdade fazendeiros. E continua citando os intelectuais da Pintura e da Música. E mais adiante esclarece que:

²⁵⁰ LINHARES, Monsenhor Fortunato Alves. *Notas históricas da cidade de Sobral. Op. Cit.* p. 62.

Entre outros intelectuais devemos citar: Dr. Frota Pessôa, *Cordeiro de Andrade*, Vicente Alves Linhares Filho, que com Fausto Domingues e outros fundou em Fortalêsa “O Retirante”, jornal este que tão relevantes serviços prestou aos flagelados durante o calamitoso período da seca de 1877-1879. Foi um dos fundadores do Gabinete de Leitura Cearense; Vicente Getúlio de Andrade Pessôa – poeta primoroso²⁵¹. (Grifos nosso)

O que nos chama atenção nos itens citados pelo Monsenhor é o fato do mesmo não abrir um tópico relativo aos escritores da terra. Quando cita outros intelectuais, não cita Domingos Olímpio, considerado por grande parte da historiografia oficial da cidade, o “intelectual-mor” de Sobral. O silêncio com relação ao autor de *Luzia-Homem* talvez se explique, contraditoriamente, pelo sucesso do mesmo, uma vez que Monsenhor cita entre os outros intelectuais a figura praticamente desconhecida e de certo modo indesejada de Cordeiro de Andrade, diferentemente de Domingos Olímpio que é insistentemente citado e apropriado por outros autores, como já vimos, reverenciado pela intelectualidade da cidade como o aquele que seria o padrão de intelectual e de sobralense.

A referência a ASL está restrita ao subitem da segunda parte, intitulado *Profissão. Instrução. Academia. Dr. Moraes Barros. Dr. Charles W. Constock. O homem do Nordeste*”. Em passagem rápida assim se refere ao acontecimento de fundação da Academia:

A Academia Sobralense de Letras – fundada solenemente nesta cidade a 7 de junho de 1922 sendo a seguinte a sua diretoria:

Presidente - Pe. Leopoldo Fernandes Pinheiro

Orador – Dr. Clodoveu de Arruda

Secretario – Craveiro Filho

Bibliotecário – Claudio Nogueira

Tezoureiro – Dr. Luiz Viana

A Academia se compunha de doze sócios que eram: Pe. Leopoldo Fernandes Pinheiro, Dr. Benjamim Hortêncio, Pe. Fortunato Alves Linhares, Dr. Atualpa Barbosa Lima, Dr. Luiz Viana, Dr. Clodoveu Arruda, Paulo Aragão, Claudio Nogueira, Lauro Menezes, Craveiro Filho, Dr. Rui Monte e Oriano Mendes.

²⁵¹LINHARES, Monsenhor Fortunato Alves. *Notas históricas da cidade de Sobral*. Op. Cit. P. 66

Teve vida efêmera; durou um ano apenas, ficando extinta pela dispersão dos sócios.²⁵²

A referência a ASL é bastante simples e direta e à primeira vista não parece algo extraordinário na constelação dos acontecimentos considerados mais importantes presentes na história da cidade. Chama atenção a divergência com relação a data relativa à ASL, pois Girão e Soares (1997) citam a data de 03 de maio, enquanto para Monsenhor Linhares a data é de 07 de junho de 1922. Acreditamos que a data mencionada por Monsenhor Linhares esteja mais próxima da correta. Mas tudo seria muito simples se essa referência não estivesse no capítulo relativo ao subitem relacionado com as profissões e instrução. A ASL é tratada como um acontecimento que resulta do cenário de instrução “bastante difundida (...) na área urbana”, de modo que:

Podemos computar em mais de 6.000 a população escolar desta cidade e município. Assim, *Sobral, que é a sede do município e da diocese, vem gozando desde muitos tempos o nome de cidade intelectual, atraindo para seus colégios alunos de outros municípios e dos Estados vizinhos.*²⁵³ (Grifos nosso)

Sobral é uma cidade intelectual, pelo que depreendemos da citação, em consequência também de sua educação, capaz de atrair para seus colégios alunos de outros municípios e até de outros estados. Vale ressaltar ainda sobre a invenção da fundação da ASL que cinco dos doze sócios, estiveram na construção da Academia Sobralense de Estudos e Letras em 1943, sendo o Pe. Fortunato Alves Linhares, Monsenhor Linhares, Dr. Clodoveu de Arruda, orador da ASL e um dos artífices dos estatutos da ASEL, Paulo Aragão, Oriano Mendes e o jornalista Craveiro Filho.

Sobre o acontecimento de inauguração da ASL, Araújo concorda com Monsenhor Linhares, mas destaca que:

A primeira sessão de inauguração foi realizada no dia 7 de junho, data oficial da criação. Ficando paralisada por alguns anos, foi reinaugurada a 7 de setembro de 1943 por Mons. Vicente Martins da Costa, com o nome de “Academia Sobralense de Estudos e Letras.”²⁵⁴

Para Araújo a ASEL é herdeira da Academia Sobralense de Letras de 1922, pois aquela foi reinaugurada a 7 de setembro de 1943 por Monsenhor Vicente Martins, seu primeiro presidente, portanto, como a Academia de 1922, esta nascia sob os auspícios da Igreja Católica da cidade de Sobral. E aqui reside um ponto importante de nossa

²⁵² LINHARES, Monsenhor Fortunato Alves. *Notas históricas da cidade de Sobral. Op. Cit.* p. 102

²⁵³ *Ibidem.* p. 102.

²⁵⁴ *Ibidem.* p. 119.

análise e que se refere a consideração dos intelectuais da ASEL de que essa Academia é herdeira da Academia de 1922. Busca-se assim construir a legitimidade de uma instituição de letrados pela legitimidade passada de outra instituição de letrados que, na visão dos acadêmicos de 1943, era legítima e, por congregar os intelectuais da cidade, deveria ser, na perspectiva desse discurso, um dos “começos” mais autorizados da ASEL. Assim, a tentativa de se forçar as relações de uma Academia com a outra, nos faz refletir que esse “passado [é o lugar] de onde emanam e que se dilui”²⁵⁵, ou seja, esse passado é fluidez, é virtual, como já frisamos.

E ainda Girão e Soares (1997) acrescentam que naquele período idealizada pelas autoras, “Sobral vivia momentos de justificado júbilo vendo concretizar-se o acalentado ideal de uma cidade que viveu sempre o sonho de um grande desenvolvimento”. Sede da nova Diocese, enfatiza que “confrontando-se, então, aqueles dias de glória com as esperanças e previsões do passado, mais ainda se acentua o proclamado “bairrismo” da terra...” As autoras sublimam a história, e podemos dizer que tratam o passado como a se a gênese do presente fosse resultado quase único das previsões e provisões do passado. O passado seria, nesse sentido, para as autoras, providencial. Sobre essas questões temos o seguinte:

Em 1915 foi criada a Diocese de Sobral. Nessa época já havia na Cidade bibliotecas, colégios e cinemas. A população contava com vários órgãos de comunicação impressa, em circulação. Com forte tradição jornalística, Sobral teve no “Tabyra” o seu primeiro periódico em 1864, e nos anos 1920, já havia publicados quase 100 títulos. Sobral já dispunha de um fotógrafo profissional: Antônio Ipyrajá. O clima de euforia pelo desenvolvimento da cidade acentuou-se a partir de 1915, quando foi anunciada a criação da Diocese.²⁵⁶

A cidade de Sobral na década de 1920 vivia a euforia de mudanças que se processavam em praticamente todas as grandes cidades do Brasil, não que Sobral fosse uma grande cidade naquele momento, não o era certamente, mas não restava dúvida que a cidade vivia sua *belle époque* e produzia discursos ufanos sobre o seu passado, o seu presente e ansiava por um futuro que fosse reflexo das supostas glórias desse mesmo passado, ligado a Vila, sendo uma das marcas de sua modernidade, a presença de um “fotógrafo profissional: Antonio Ipyrajá” na cidade. E temos ainda que o progresso e o desenvolvimento da cidade estariam atrelados a criação da Diocese em 1915 que,

²⁵⁵ FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Op. Cit. p. 7.

²⁵⁶ GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. *As transformações socioculturais em Sobral (1870-1920)*. Op. Cit. p. 81-82.

contraditoriamente, não era um dos símbolos da *modernidade* na cidade, mas do conservadorismo. Nesse sentido, um acontecimento foi significativo para reforçar o que seria lugar de Sobral no cenário do desenvolvimento, do progresso e da modernidade:

Um acontecimento que passou a reforçar o “mito da sobralidade triunfante” foi a comprovação da Teoria da Relatividade ter sido em Sobral, por ocasião do eclipse de 1919. A chegada de três comissões científicas – Inglesa (Greenwich), Americana (Washington) e Brasileira (Rio de Janeiro) à Cidade fez que a rotina fosse alterada completamente. Os sobralenses entraram em contato pela primeira vez com um carro que circulava pelas ruas, com aparelhagem sofisticada e ainda com cientistas de outras nacionalidades.²⁵⁷

Na década de 1920 os discursos da elite letrada de Sobral tratavam a cidade como lugar de progresso e de modernidade, no entanto essa modernidade era muito mais de caráter estético e cultural do que uma modernidade decorrente do progresso técnico²⁵⁸. A presença das três comissões científicas não pode ser considerada como a inauguração do advento da técnica na cidade, uma vez que fora de um restrito número de intelectuais, a maioria da população da cidade viu tudo aquilo com um olhar de espanto e de dúvida. Sobre a presença das comissões científicas e a presença “tecnológica” do automóvel na cidade, o escritor Cordeiro de Andrade faz a seguinte referência em *Cassacos*:

O povo assanhado, em reboição pelas ruas, tonto. Um fusuê doido, prá espisar de perto os homens da Comissão Científica, que haviam chagado a Sobral, prá apreciar o eclipse solar (...). Primeiro armaram umas barraquinhas de pano, na praça do Siebra, perto do estavento. Depois, instalaram-se na praça do Figueira. Eram homens rosados como camarão cosido. Um barbas não sei de que tamanho, ruivas, que serviam de brinquedo ao vento. Fazia até medo à gente (...) Os primeiros automóveis que a cidade viu, os dos astrônomos. Dois fórdisinhos, com jeito de gafanhôto de jurema. Três caminhões, cobertos à lona. Motocicletas gasguitos. Animação boa. Muito melhor que a festa de Nossa Senhora da Conceição. Nem se comparava. (...) Quando um carro passava, numa rua, businando, as janelas ficavam batendo assim... (...) As mães aflitas: - Passa prá dentro, Manéco! Olha que o diabo deste bicho não te pise. Capaz de errar o caminho e fazer uma arte.... (...) Ai foi que a lenda do fim do mundo tomou vulto. A terra iria pegar fogo. Esperava-se que os Anjos do Senhor anunciassem a hora, com toques de corneta, lá do céu.(...) Das duas, uma: ou os homens de ciência eram enviados de Deus, a converter os

²⁵⁷ GIRÃO, Glória Giovana S. Mont'Alverne. *As transformações socioculturais em Sobral. Op. Cit.* p. 82-83.

²⁵⁸ *Ibidem.* P. 64.

hereges, ou eram os Anticristos, anunciados pelos livros sagrados, que viriam desviar o povo do bom caminho²⁵⁹.

O povo assanhado e em rebulição representa uma metáfora maravilhosa para dar conta da agitação que parte da cidade, especialmente aquela residente próxima a praça da Igreja do Patrocínio, local em que a comissão se instalou, passou a viver com a chegada das três comissões científicas em seu espaço urbano em 1919. Refletimos assim que o progresso representado por equipamentos, automóveis e outros objetos de ciência, não chegavam à cidade para representá-la em sua aparente virtualidade para a maioria da população que não sabia se os cientistas eram anjos ou anticristos. Aquele progresso representado pela ciência naquele contexto era um dado exterior a cidade, mesmo que saibamos que o trem já em trânsito por Sobral representava desde o final do século XIX, símbolo de um progresso avassalador, pois

A chegada da ferrovia, simbolicamente, representava a associação do progresso com a assistência governamental. Pelo trabalho que proporcionou às classes menos favorecidas, pela revitalização do comércio e contato com outros modos de vida, as ferrovias promoveram a integração regional, permitindo que Sobral se desenvolvesse isoladamente de Fortaleza, atuando como se fosse a “capital” da zona norte²⁶⁰.

O trem é, possivelmente, a maior e mais bem sucedida metáfora da modernidade na sociedade ocidental, e em Sobral não foi diferente, mas essa modernidade composta de hábitos, modos e figurinos, na esteira da influência francesa, pois “Paris (...) não só estava em moda como ditava modas para o mundo ocidental, estabelecendo modelos e figurinos a serem seguidos para se poder estar em dia com os novos tempos”²⁶¹, chegou a elite da cidade, por isso “encomendas de roupas, chapéus, sapatos, espartilhos, leques, perfumes, eram feitos a quem viajasse de navio ao Rio de Janeiro ou a outras capitais e principalmente à Europa”²⁶², de modo que na década de 1920 em Sobral a modernidade era bem mais visível nos lares da elite do que na própria cidade.

Outra referência importante sobre a construção do acontecimento da criação da ASL está no Álbum do Bi-Centenário da Vila Distinta e Real de Sobral²⁶³, no caderno

²⁵⁹ ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos*. *Op. Cit.* p. 149-150

²⁶⁰ GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. *As transformações socioculturais em Sobral*. *Op. Cit.* p. 52.

²⁶¹ PONTE, Sebatião Rogério. *Fortaleza belle époque*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigral Ed. Ltada. 1993. p. 145.

²⁶² GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. *As transformações socioculturais em Sobral (1870-1920)*. *Op. Cit.* p.107.

²⁶³ Precisamos enfatizar que Sobral comemorou em 1941 o centenário da cidade, pois a Vila foi elevada a categoria de cidade em 1841. Em 1973 comemorou-se o bi-centenário da Vila Distinta e Real de Sobral,

6, em texto escrito pelo acadêmico Dr. Ribeiro Ramos, um dos criadores da ASEL em 1943, organizador e principal autor do álbum. Em um item chamado “*Sobral e sua primeira Academia*”, Dr. Ramos menciona a criação da mesma, reconhecendo que o livro *Notas Históricas da Cidade de Sobral*, do Monsenhor Linhares foi a principal fonte de seu conhecimento sobre a ASL, por isso não se constringe em dizer, “data vênua, transcrevo, tal e qual ali está escrito”. E assim o faz, transcreve literalmente o texto presente na obra do Monsenhor. O fato de Dr. Ramos transcrever a passagem escrita pelo Monsenhor soa para nós como uma homenagem. Após transcrever na íntegra o texto, faz o seguinte acréscimo, deixando seu texto resvalar para fora do texto do Monsenhor:

Gostaríamos de acrescentar algo sobre a breve existência da Primeira Academia de Letras que Sobral possuiu, e bem assim sobre os seus componentes. A Academia publicou uma revista, da qual saiu uma única e reduzida edição, em 1922. Nessa revista, ao que sabemos saiu um artigo do Dr. Benjamim Hortencio de Medeiros, médico, que logo se transferiria para a cidade de Crateus, onde clinicou durante muitos anos antes de mudar-se para Fortaleza, onde se dedicou ao comércio de farmácia, de sociedade com os irmãos. (...) Médicos eram também o Dr. Luiz Viana e o Dr. Rui de Almeida Monte, os quais não tardariam a deixar a terra natal, o primeiro com destino a Minas Gerais (se não laboramos em equívoco) e o segundo para a Capital do Estado, Claudio Nogueira, analista, mudou-se para Crateus (...) Lauro Menezes, poeta primoroso e boêmio, transferiu-se para Tianguá, onde publicaria “Cambarás em Flor”, que o imortalizou. O Padre Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro, que foi vigário da paróquia do Patrocínio e redator do “Correio da Semana”, também deixaria Sobral e a Diocese, para fixar-se na Arquidiocese de Fortaleza e posteriormente no Crato²⁶⁴.

Dr. Ramos preenche a lacuna deixada pelo Monsenhor Linhares que ao final de seu texto sobre a ASL, nos diz que a mesma “Teve vida efêmera; durou um ano apenas, ficando extinta pela dispersão dos sócios”, ao traçar os destinos de todos os sócios que deixaram Sobral. Acreditamos que a extinção da Academia não se deu apenas pela dispersão dos sócios, mas porque aquela instituição letrada fez parte das comemorações do Centenário da Independência, de modo que depois das comemorações, ela também se diluiu. Ramos também faz menção a publicação da revista da Academia editada em 1922, mas pela forma como escreve, temos a impressão que ele não conhecia a mesma. Analisando o texto de Monsenhor Linhares e o de Ramos sobre a dispersão dos

elevada em 1773. O aniversário da cidade é comemorado exatamente na data de elevação da Vila: a 05 de julho.

²⁶⁴RAMOS, Ribeiro. *Sobral e sua primeira Academia*. IN: Álbum do Bi-Centenário da Vila Distinta e Real de Sobral. Obra mimeografada, 1973. pp. 427-428.

acadêmicos, compreendemos que a migração foi um fenômeno muito comum em Sobral entre as décadas de 1920 e 1940, o que nos faz pensar que a cidade de Sobral, apesar de todos os discursos que pregavam o seu progresso e desenvolvimento, tanto na década de 20 quanto na de 40, era uma cidade acanhada para atender um grande número de profissionais liberais, já que os membros que migraram eram médicos, sendo um deles padre, outro analista e outro poeta. Na continuação do texto, Ramos nos apresenta os membros que permaneceram em Sobral e que posteriormente se filiaram a nova academia em 1943:

Presos à gleba nativa ficaram Mons. Fortunato Alves Linhares, Paulo Aragão, aquele insigne historiador e este poeta de fina sensibilidade, escritor, jornalista e cronista dos maiores, e o Dr. José Clodoveu de Arruda Coelho, chamado com justiça “o príncipe da oratória sobralense”. Craveiro Filho também aqui ficará até os idos da década de 40, quando encerrando as lides jornalísticas na “Ordem”, transferiu-se para Fortaleza, onde também foi residir o nosso querido amigo Paulo Aragão. Oriano Mendes também foi outro que permaneceu fiel às suas origens e não deixou a terra natal²⁶⁵.

Para Ramos os membros da ASL que permaneceram na cidade, ficaram porque foram fiéis à suas *origens*. Aqui sutilmente encontramos mais uma vez a referência à *origem* como a base de uma identidade. Origem aqui, claro, para nós soa como uma *vertigem*, uma *virtualidade* que, no entanto, alimenta a possível *sobralidade*, ou seja, a suposta capacidade de *ser sobralense* e exceder a própria cidade, caso exemplar de Domingos Olímpio, que como vimos, foi embora também de Sobral, mas levou a cidade dentro de si para decantá-la em seu principal romance, como sugerem alguns intelectuais da ASEL. Alguns dos intelectuais citados permaneceram na cidade até a década de 1940, mas tiveram tempo de participar da ASEL, caso de Craveiro Filho e Paulo Aragão, e ainda Dr. Clodoveu de Arruda, chamado de “o príncipe da oratória sobralense”, não por outra razão, orador da ASL. Os seus estatutos não são mencionados em nenhum dos livros que tratam de sua existência efêmera. Sempre que se fala na ASL a intenção clara é ligá-la a existência da ASEL, com o nem sempre claro objetivo de sugerir que as atividades intelectuais da cidade de Sobral sempre tiveram uma continuidade, por isso enfatiza-se que “após algum tempo de atividade literária, a Academia passou por uma fase de paralisação de seus trabalhos, retornando na década

²⁶⁵ RAMOS, Ribeiro. *Sobral e sua primeira Academia*. Op. Cit. p.429.

de 1940, como Academia Sobralense de Estudos e Letras”²⁶⁶. Araújo investe no mesmo sentido e nos diz:

7 de SETEMBRO (3ª feira): Fundação da “Academia Sobralense de Estudos e Letras”, iniciativa do Mons. Vicente Martins da Costa. É uma reinauguração, já que a primeira fora criada a 7 de setembro de 1922 e permaneceu inativa durante vinte anos.²⁶⁷

Há, portanto, de acordo com esses autores citados, uma interrupção que de fato apenas arrefece o movimento, mas que o mesmo tem uma continuidade. Em outras palavras, Academia literária em Sobral, desde que é fundada em 1922, arrefece mas não se extingue. Chama nossa atenção na citação de Araújo, a data que ele estabelece para a fundação: 7 de setembro. Na verdade na data de 7 de setembro de 1922 foi publicada a revista da Academia, tendo sido a mesma fundada em 07 de junho de 1922. Desse modo, a ASL é consagrada pela memória oficial da cidade de Sobral como mais uma instância estratégica de construção do que seria a cidade intelectual, questão que reverberará, como não poderia ser diferente, na historiografia local.

Apesar da maioria dos discursos acadêmicos procurarem construir um elo entre a ASL e a ASEL, as duas agremiações literárias são diferentes, existiram em cidades diferentes, “já que as cidades locais mudam de conteúdo”²⁶⁸, ainda que em Sobral tenhamos o esforço para determinar a suposta *continuidade* do que seria uma história intelectual única e exemplar, como reflete os discursos intelectuais, procurando assim dar um conteúdo homogêneo ao passado, como veremos na sequência.

²⁶⁶ GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. *Sobral, História e Vida. Op. Cit.* p. 88.

²⁶⁷ ARAUJO, Pe. Francisco Sadoc de. *Cronologia Sobralense. Op. Cit.* p. 231.

²⁶⁸ SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo. Globalização e meio técnico informacional.* São Paulo: Hucitec, 1996. p. 148.

5 – A ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS ENTRE A CONTINUIDADE E A INVENÇÃO

“(…) os peregrinos da Academia Sobralense de Estudos e Letras, que se envaidece de ser a Pioneira da Cultura, como entidade constituída e organizada, lá, em Sobral e na Zona Norte do Estado (...)”

Dr. João Ribeiro Ramos

A Academia Sobralense de Estudos e Letras é, possivelmente, o marco mais importante na organização e construção do *arquivo* da cidade letrada. A redundância é a marca desse arquivo, desse arrazoado de sentidos e signos que compõe o imaginário a respeito da cidade das letras. Mas para nós, “O arquivo, oferecendo sempre o mesmo, o outro e o distinto, complexifica a abordagem do problema, sublinha oposições, obriga a refletir de forma sustentada sobre o paradoxal”²⁶⁹. Por isso, a busca pelo entendimento de como em que contexto se deu a invenção da fundação da Academia Sobralense de Estudos e Letras será valioso para o nosso trabalho. Que tensões e paradoxos ocorreram? Como alguns de seus acadêmicos apresentam e constituem um imaginário sobre essa fundação? Como arregimentou seus sócios e formou sua diretoria? Que sentidos sobre o passado da cidade foram produzidos no contexto de fundação da ASEL? A fundação da ASEL, nesse contexto de reflexão, nos anima a pensar que o que se funda é, muito mais do que uma academia de letras, sendo “a memória (...) a síntese fundamental do tempo que constitui o ser do passado (o que faz passar o presente)”²⁷⁰.

De maneira geral, como já analisamos, alguns discursos acadêmicos que se referem a Academia Sobralense de Estudos e Letras estabelecem uma ligação direta, na verdade uma espécie de continuidade entre a ASL e a ASEL, de modo que a intenção é postular certa continuidade letrada na cidade, legitimando assim uma Academia pela outra, sendo a segunda uma espécie de influência direta da primeira, fundamentando uma dada tradição intelectual, que procura homogeneizar o tempo, apagar as diferenças, idealizando-se por isso que:

²⁶⁹ FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. Op. Cit. p. 45.

²⁷⁰ DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Op. Cit. p. 124.

A Academia Sobralense de Estudos e Letras era mais um elo da grande cadeia que unia os sobralenses na preservação de seu patrimônio histórico-cultural e na vontade de afirmar Sobral como cidade intelectual²⁷¹.

Nesse sentido a ASEL foi e continua a ser lugar de escrituração, invenção e reinvenção da História da cidade de Sobral, um elo entre o presente e o passado, lugar de preservação e confirmação do que seria ma dada tradição da cidade, mas não foi “a Pioneira da Cultura”, como Dr. Ramos escreve. Mas foi ali, indicamos, na ASEL, sobre a qual temos muito mais dados do que a Academia de 1922, como lugar de confluência e organização de intelectuais, que Sobral foi transformada na cidade intelectualizada, a cidade das letras, numa “ilha de letrados”, conformada em seu passado sempre atualizado, sempre a emitir sinais para o presente, quando a história da cidade de Sobral se transfigurou em memória e praticamente se institucionalizou enquanto escritura dita verossímil sobre o que “um dia foi” e que poderia “voltar a ser” exatamente pelo ofício das letras, das virtudes cívicas e municipais, uma vez que ser membro da ASEL equivalia a ser investido de determinada *identidade sobralense*, identidade essa na verdade fluída e sem a solidez que o discurso acadêmico quer fazer crer. Em outras palavras, ser um peregrino da Academia Sobralense de Estudos e Letras, certamente significaria ser parte ativa das supostas tradições intelectuais da cidade, quer dizer, representaria assumir a *sobralidade*, e pertencer mesmo que fosse por *filiação*. A escrita, assim, assume seu peso conformador e consolador. Ela inscreve o destino de uma cidade numa condição atemporal em que o passado faz da História um lugar exponencial de lembrar, de modo que “(...) a evocação do passado parece conferir legitimidade e status às ações do presente”²⁷². Assim, o passado em si é sempre o protagonista da história sobralense, é sempre o seu filão...

Apesar da intenção quase sempre recorrente para associar a ASL com a ASEL, a diferença entre as duas instituições era significativa. A ASL teve vida efêmera, como já vimos, criada em 1922, foi símbolo do momento de comemoração do centenário da independência e dos influxos da Semana de 1922, servindo muito mais para posicionar a cidade de Sobral nas trilhas da modernidade e daquela comemoração. Editou uma única revista para publicar textos dos acadêmicos todos, em sua grande maioria, em

²⁷¹ LIRA, Padre João Mendes. *Nossa História. A Academia Sobralense de Estudos e Letras*. Correio da Semana, 30 de abril de 1974. p. 7.

²⁷² ABREU, Regina. *A fabricação do imortal. Memória, história e estratégia de consagração no Brasil*. Op. Cit. p. 55.

sintonia com os simbolismos da data de 1922, nesse sentido, “aproveitando o domínio das mais propícias disposições moraes, que o decorrer desta heroica data nos desperta, esforcemo-nos por cultivar sempre o verdadeiro e bem orientado patriotismo”²⁷³. Desse modo a ASL é inventada para comemorar a data da independência em Sobral, apostando no patriotismo como um elemento de identidade também sobralense. A sua inserção na cidade foi de certo modo muito limitada, apesar da presença dos intelectuais mais visíveis como seus membros, especialmente clérigos, e nesse ponto a semelhança com a ASEL era constatada. A ASEL, por outro lado, se diferencia da ASL em primeiro lugar pela longevidade, pois criada em 1943, continua em atividade até hoje, com um pequeno hiato na década de 1960. A motivação para a constituição da mesma foi de ordem mais local, pois nascida nos influxos das comemorações do centenário da cidade em 1941, apesar de ter sido instalada solenemente no dia 15 de novembro data simbólica da proclamação da República, sua intenção maior era manter “as suas mais valiosas tradições, o amor as letras”²⁷⁴, questão muito mais reforçada na ASEL do que na ASL. Outra diferença básica é que a ASEL era “de Estudos e Letras”, ou seja, o acesso a essa Academia dependia dos *estudos* dos seus pretendentes, não necessariamente da publicação de alguma obra mais densa. Aqui os *estudos* eram entendidos como qualquer reflexão que envolvia algum tipo de erudição e que fosse de algum modo explicitado pelas páginas dos jornais ou mesmo que fosse lido em público.

Sobre a ASEL, a exemplo do que foi dito sobre a ASL, cuja informação mais antiga publicada por um membro da Academia, consta no livro do Monsenhor Linhares, *Notas históricas da cidade de Sobral*, primeira obra histórica publicada a inventar os arroubos sobre as tradições intelectuais da cidade, do mesmo modo a informação mais antiga sobre a ASEL consta na mesma obra. Mas para o Monsenhor, contrariamente a grande maioria dos autores que fizeram referência a ASEL, ele a considera outra Academia, que “por iniciativa de Mons. Vicente Martins da Costa e outros intelectuais, foi fundada nesta Cidade”²⁷⁵. Acreditamos que a seu juízo o Monsenhor reconhecia que a ASL por ter sofrido grande paralisação, todos os seus membros foram dispersos, de forma que possivelmente nada tenha restado da mesma, a não ser sua revista. Monsenhor Vicente Martins foi o principal articulador da Academia, seu primeiro

²⁷³ Revista da Academia Sobralense de Letras. Ano I Número1. Sobral: Typ. Correio da Semana, 7 de setembro de 1922. p. 19.

²⁷⁴ BOLETIM da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Ano I, Sobral-Ce, setembro de 1944, Nº 1. p. 2.

²⁷⁵ LINHARES, Monsenhor Fortunato. *Notas históricas da cidade de Sobral. Op. Cit.* p. 2.

presidente. De fato, com Monsenhor Vicente Martins a Academia ganhou certa ebulição e novos sócios, além do mesmo de certa maneira contribuir para facilitar a entrada dos novos membros, visto que não era mais necessária, como se comenta ainda hoje sobre a Academia de 1922, a publicação de nenhuma obra para ser candidato em potencial a uma cadeira na imortalidade daquele sodalício, bastava ter publicado uma crônica, um pequeno texto, uma poesia nas páginas dos muitos jornais em circulação na cidade. Mas é evidente que a questão não era apenas de “produção literária”. Assim, “(...) num espaço de articulação entre grupos sociais diversos, funcionando como uma instância que Bourdieu denominou mercado de bens simbólicos”²⁷⁶, a ASEL se transformou num espaço agregador da elite de profissionais liberais da cidade.

A aproximação da ASEL com o poder local ocorre em duas frentes: A primeira procura se aproximar de Dom José, bispo da cidade e principal força da Igreja Católica, fazendo do mesmo “Presidente de Honra” da Academia, questão delicada na época, pois um dos membros fundadores da instituição, o Dr. José Sabóia era desafeto do bispo e já havia protagonizado com o mesmo desavenças grandiosas pelo jornal católico *Correio da Semana*, chegando às barras dos tribunais²⁷⁷. Por outro lado, o convite reiterado para que os gestores municipais se filiassem ou participassem das Sessões Extraordinárias da ASEL e presidissem a solenidade, era recorrente. Por isso a presença de prefeitos era uma tônica nas reuniões especialmente nas comemorativas. Essa relação entre os intelectuais da ASEL com gestores municipais e mesmo com deputados e governadores, foi possível porque algumas condições, digamos assim, preliminares, foram atendidas, no sentido em que

os intelectuais constituam ou creiam constituir, em determiando país, uma categoria à parte [e] que essa categoria de pessoas tenha ou creia ter uma função política própria, que se distinga de todas as outras categorias ou classes componentes daquela determinada sociedade²⁷⁸.

²⁷⁶ ABREU, Regina. *A fabricação do imortal*. Op. Cit. p. 186.

²⁷⁷ A desavença começou quando o então padre Jose Tupinambá da Frota decidiu fazer uma rifa para obter recursos para a construção da Santa Casa de Misericórdia em 1913. A rifa foi impedida de correr pelo juiz, que argumentou que se tratava de uma infração penal, deixando à polícia a tarefa “de prevenir às transgressões da lei”, determinando “que sejam recolhidos os bilhetes já emitidos”. O clima entre os dois doutores tornou-se delicado, ao ponto de Dr. José Sabóia ter sido expulso da Irmandade do SS. Sacramento por Monsenhor Olavo Passos, então dirigente máximo da irmandade. A expulsão de Dr. José Sabóia repercutiu mal, tendo outros “membros ilustres” se desligado da entidade em solidariedade ao magistrado. Posteriormente o Monsenhor Olavo Passos foi afastado da direção da irmandade pelo próprio Dom José. Além dessa questão, outras ligadas a disputas políticas entre a UDN do magistrado e a Ação Católica do bispo, agravaram a situação entre os dois homens mais importantes e poderosos da cidade.

²⁷⁸ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. Op. Cit. p. 31.

Portanto, a ASEL procurava se aproximar do poder “assim na terra como no céu”. Evidentemente que a ASEL, como já frisamos, é lugar por excelência de arregimentação da elite local, agregando os *bens nascidos* e os *estrangeiros* bem posicionados no contexto social, político e econômico da cidade, mas não podemos limitar a importância da Academia apenas a sua força política indiscutível. A ASEL é muito mais do que um “lugar de poder” porque “lugar de saber”. A Academia é lugar de “predominância de uma concepção ética da História. A História, como *mestra da vida* onde exemplos são retirados do passado com o objetivo de ensinar, transmitir ou afirmar valores no presente”²⁷⁹. O que essa constatação faz da ASEL uma Academia diferente de outras? A transformação das academias em “templos da memória”, certamente não é novidade no intrincado mundo das academias literárias. A diferença da ASEL com relação a suas congêneres, é que a Academia sobralense produziu muito mais do que uma “obra literária”, uma “obra histórica” com características locais mais do que nacionais, alimentada por uma cuidadosa historiografia nascida especialmente nas lides eclesiásticas, como sabemos, e que no período de criação da ASEL, na década de 1940, estava sendo alimentada pelas obras de Monsenhor Linhares e de Monsenhor Vicente Martins, ambos grandes conhecedores da história local oficial e seus principais artífices no período. Acreditamos que exatamente por isso a ASEL ganhou força na década de 1940, isso porque os dois monsenhores produziram duas importantes obras, já mencionadas por nós, sobre a história da cidade. Enquanto Monsenhor Vicente Martins pensa a história, na perspectiva em que “A história toda – disse Emerson na sua *Filosofia Americana*” – se reduz por si mesma com facilidade à biografia de alguns indivíduos fortes e apaixonados”²⁸⁰ (Grifos do autor), Monsenhor Linhares conclui que a história é a busca pelos “fatos memoráveis”, pela “origem insigne” de seus acontecimentos.

Sem o balizamento dessas duas obras que na cidade quando do lançamento das mesmas, e mesmo depois, chegando em alguns casos aos nossos dias, tiveram grande influência sobre a construção de determinadas memórias da cidade, a ASEL teria sido frágil e passageira. Por que pensamos assim? Porque de fato Sobral não tinha uma tradição letrada como era apregoado aos quatro cantos, mas sim uma tradição ligada a produção da história local, que começa a ser escrita em 1767, com *Notícias da*

²⁷⁹ ABREU, Regina. *A fabricação do imortal*. Op. Cit. p. 170.

²⁸⁰ MARTINS, Mons. Vicente. *Homens e vultos de Sobral*. Op. Cit. p. 7.

Freguezia de N. S. da Conceição da Caissára, de autoria do padre Dr. João Ribeiro Pessoa, e publicada na Revista do Instituto do Ceará, ano II, em 1888. Naquela obra o padre João Ribeiro passa em revista todas as capelas e fazendas que compõe a geografia do Vale do Acaraú em que está localizada a Fazenda Caiçara, considerada berço da cidade, ao mesmo tempo em que discorre sobre o cotidiano dos moradores das fazendas e seus costumes religiosos e culturais.

E continua Monsenhor Linhares a nos informar sobre os passos que levaram ao nascimento da ASEL. Esses dados são importantes para nós porque nos colocam em contato com os movimentos da Academia e os processos que esta construiu para fundamentar sua invenção como lugar intelectual:

A 5 de setembro de 1943, na residência do Revmo. Pe. Gonçalo Eufrásio, à Rua Menino Deus nesta cidade de Sobral, realizou-se a 1ª sessão preparatória de fundação dessa Agremiação que tomou a denominação de Academia Sobralense de Estudos e Letras; sendo nesta sessão organizada a comissão para elaborar os estatutos, composta dos Snrs. Dr. José Clodoveu de Arruda Coelho, Dr. Tancredo Alcantara. Mons. Vicente Martins da Costa e Pe. José Gerardo Ferreira Gomes, e aclamada uma diretoria provisória assim constituída: Presidente – Mons. Vicente Martins da Costa; Secretário Professor Maurício M. Moreira e Tezoueiro Dr. João Ribeiro Ramos²⁸¹.

A reunião ocorrida na casa do Pe. Gonçalo Eufrásio, localizada à rua Menino Deus, centro da cidade, para tratar da preparação da criação dessa agremiação, contou com a participação de outros sujeitos, além daqueles nomeados acima por Monsenhor, tais como Pe. José Aloísio Pinto, Antonio Joaquim Rodrigues de Almeida, Raimundo Aristides Ribeiro e Luiz Jácome Filho, “grupo (...) heterogêneo, quanto a origem dos mesmos, pois nem todos eram sobralenses”, de modo que aqueles intelectuais apontavam idealmente que “Sobral a esse tempo iluminava, aquecia e fecundava as inteligências”²⁸². Mas ao contrário do que escreve Monsenhor Linhares, a reunião não foi de tanta calma como seu texto sugere. O convite foi feito por um grupo “idealizador de um centro de estudos e letras”, e não de uma Academia literária. Já nessa reunião preparatória o professor Maurício Mamede Moreira, futuro secretário da ASEL, e autor de 95 das 96 atas escritas entre 1943 a 1953, “leu um trabalho seu em que expôs a ideia de serem arrematados os valores intelectuais da terra, formando

²⁸¹ LINHARES, Monsenhor Fortunato. *Notas históricas da cidade de Sobral. Op. Cit.* p. 103.

²⁸² LIRA, João Mendes Lira. *Nossa História. Academia Sobralense de Estudos e Letras. Op. Cit.* p. 6.

uma atmosfera de estudos e letras”²⁸³. Depois das palavras de Maurício Mamede, “o Rvemo. Pe. Gerardo Ferreira Gomes apresentou como primeiro ponto a ser discutido, a escolha de um nome que melhor se adaptasse à denominação dessa entidade”, pois

Se-bem-que já houvesse o projeto com a designação de centro, nesta ocasião, o Rvemo Mons. Vicente Martins da Costa solicitou que lhe fosse permitido fazer a leitura dos estatutos de um plano seu a respeito da fundação de uma academia, aqui, tendo sido isto concebido por ele, em anos anteriores, conforme se verificava pela cor esmaecida do papel e da tinta evanescente²⁸⁴. (Grifos do autor)

As atas escritas pelo professor e poeta Maurício Mamede Moreira representam para nós gotas d’água no imenso oceano da palavra. Ele não diz tudo, não poderia dizer tudo, é claro, numa ata, por isso somos levados a abrir flancos, investir contra a aparente dureza e imobilidade da palavra, pois a escrita ensejada por ela é motor-contínuo, queima a língua que roça suas estrias, cega os olhos que seguem sua pretensa linearidade. O professor Maurício escreve muitas atas “sem querer dizer”, a impressão que temos é que todas elas foram escritas longe do calor da hora, fora do campo de tensão, feitas de cabeça, juntando pedaços de lembranças, querendo encontrar ângulos, tessituras que foram ditas e vividas, ansiando harmonizar e naturalizar o evento. As atas, portanto, são caminhos tortuosos para o entendimento de parte da vida da Academia, mas por certo são também os documentos mais *verossímeis* da ASEL à medida em que são especialmente lugares de testemunhos diretos e involuntários. Nesse aspecto reside a força e a importância das atas, pois cabe “ao historiador (...) descobrir e detalhar com igual afinco tanto as condições de produção de uma página em livro de atas, ou de um depoimento em processo criminal (...), conto, crônica ou outra peça literária”²⁸⁵. Cabe a nós, desse modo, detalhar o as condições de produção das atas escritas da Academia que eram sempre lidas a cada reunião, buscando acertar o passo com o “não dito”, sendo assinadas pelos presentes, cuidadosamente anotada em caderno rubricado pelo presidente da ASEL. Pelo que é narrado na passagem citada, já havia um projeto de criação de um centro. Maurício Mamede não diz a princípio de quem é a autoria do projeto, por isso somos tentados a princípio a imaginar que a proposta nasceu no lado secular dos idealizadores, ou seja, talvez entre Dr. Tancredo Halley Alcântara, Dr. João

²⁸³ ATA DA SESSÃO PREPARATÓRIA DE FUNDAÇÃO DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS – ASEL, NO DIA 5 de setembro de 1943.

²⁸⁴ ATA DA SESSÃO PREPARATÓRIA DE FUNDAÇÃO DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS – ASEL, NO DIA 5 de setembro de 1943.

²⁸⁵ CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs) *A história contada. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998. P. 8.

Ribeiro Ramos e o próprio Maurício Mamede e quem sabe o professor Antonio Ferreira Porto, que tendo sido convidado, não compareceu a reunião, mas que era intelectualmente influente na cidade. Mas logo saberemos que a ideia do nome partiu do clero. Enfim, a princípio são apenas conjecturas, já que a ata é reticente com relação a isso. Mas um pouco adiante temos mais uma pista sobre a questão:

Após uma primeira votação, venceu nesse pleito a maioria dos que se batiam pelo termo centro, visto que este não só se harmonizava à sonoridade do título, porém ainda exprimia uma idéia mais ampla, enquanto que os epítetos de academia e instituto repugnavam porque o primeiro indicava escolha, seleção, e o segundo, embora sem restrição numérica, confundia-se com outros similares. Enfim, era o menos inclinado à feição que lhe pudesse proporcionar uma vitória²⁸⁶. (Grifos do autor)

Assim, houve votação para a escolha do nome para a instituição, vencendo o termo *centro*, com a justificativa de que “exprimiam uma idéia mais ampla, enquanto que os epítetos de academia e instituto repugnavam porque o primeiro indicava escolha, seleção, e o segundo (...) embora sem restrição numérica, confundia-se com outros similares”. Ficamos sabendo assim que foi cogitada a criação de algo como um *instituto*. Também não sabemos de onde partiu essa ideia. Sabemos isto sim, que o termo *academia* foi pensado pelo Monsenhor Vicente Martins, isto vai sendo esclarecido pouco a pouco na ata, pois como lemos, o mesmo solicitou permissão para “fazer a leitura dos estatutos de um plano seu a respeito da fundação de uma academia”, e que segundo Maurício Mamede, tratava-se de um documento antigo, pois isso era visível “pela cor esmaecida do papel e da tinta evanescente”. Não sabemos até onde Maurício Mamede idealiza essa questão, pois ao citar a cor do papel talvez estivesse querendo dar ao mesmo um valor que ele talvez não possuísse, ou seja, não sabemos até onde o professor ao escrever sobre esse dado aparentemente simples, não estaria querendo privilegiar o lugar do Monsenhor Vicente Martins dentro da futura agremiação literária. Utilizando a metáfora da *tinta evanescente*, podemos considerar que aqueles intelectuais da cidade, escolhidos a dedo em meio a uma grande quantidade de profissionais liberais, que trabalhavam e moravam na cidade, estavam querendo “resgatar” uma “cultura evanescente”, restituindo assim os caminhos da cidade letrada, que enfrentava o primeiro obstáculo, digamos assim interno, em torno da escolha da

²⁸⁶ ATA DA SESSÃO PREPARATÓRIA DE FUNDAÇÃO DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS – ASEL, NO DIA 5 de setembro de 1943

melhor designação – *centro, instituto, academia* – para o que eles queriam criar. Houve um impasse que o relator da ata ameniza bastante. O fato de Monsenhor Vicente Martins ter levado pronto os estatutos de uma Academia que ele pretendia criar, nos faz pensar que em outro momento, quem sabe em outro lugar, pois não dispomos de dados para concluir que isso poderia ter acontecido em Sobral, ele tentou criar uma instituição nesse sentido. A cor esmaecida do papel e a tinta evanescente procuram dar a ideia de que o documento não era recente, pelo menos é que nos dizem as atas. De qualquer modo, naquele dia 5 de setembro de 1943 ele voltava a carga, dessa vez obtendo sucesso em sua empreitada, pois

Havendo ainda discordância e como se formassem novas opiniões, deliberaram outra votação, sendo esta secreta. Dêse escrutínio resultou a decisão final, saindo vitoriosa a denominação – ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS. (Grifos do autor)²⁸⁷

Chama nossa atenção na segunda votação o fato de a mesma ter sido secreta. Estavam presentes àquela reunião 14 pessoas. Não sabemos quantos haviam votado anteriormente na denominação *centro*, nem quantos votaram na segunda eleição, na denominação *academia*. O certo é que cogitamos que a influência pessoal do Monsenhor Vicente Martins tenha sido fundamental para a escolha de sua preferência. Portanto, quando Monsenhor Linhares em seu livro *Notas histórico da Cidade de Sobral*, escreve a respeito da ASEL como sendo um acontecimento linear, como citamos, sem aparente questionamento, compreendemos que sua intenção foi, à primeira vista, fazer saber que a criação da Academia foi um momento de consenso e de reafirmação dos “valores intelectuais da terra”. Assim, a maioria dos intelectuais optou pelo caminho da *escolha* e da *seleção* para o acesso aquela instituição, de certo modo limitando e ao mesmo tempo abrindo um leque de possibilidades de filiação. Depois de resolvido o problema inicial, “foi organizada uma comissão para elaborar os estatutos e da qual fizeram parte os snrs. Dr. Clodoveu de Arruda Coelho, Dr. Tancredo Halley Alcântara, Mons. Vicente Martins e Pe. Gerardo Ferreira Gomes”. Não dispomos, infelizmente, do suposto documento de cor esmaecida e tinta evanescente que o Monsenhor Vicente Martins leu no dia da reunião. Eram, possivelmente, os estatutos de uma Academia. Não sabemos até onde os Estatutos da ASEL, foram influenciados pelo

²⁸⁷ ATA DA SESSÃO PREPARATÓRIA DE FUNDAÇÃO DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS – ASEL, NO DIA 5 de setembro de 1943.

texto do Monsenhor. Sabemos que ele influenciou na criação dos Estatutos da Academia, uma vez que o mesmo participou na comissão que tratou desse assunto. O mais provável é que o documento lido pelo mesmo tenha servido de modelo para o que foi produzido pela comissão. Foi determinado ainda naquela reunião que o número de candidatos seria de quarenta, “ficando, todavia, sujeito a alteração”. O que não aconteceu. Foi aclamada uma diretoria provisória constituída da seguinte forma:

Presidente	Monsenhor Vicente Martins da Costa
Secretário	Maurício Mamede Moreira
Tesoureiro	Dr. João Ribeiro Ramos

Quadro 2: Diretoria provisória da ASEL

Na continuidade da reunião ficou acordado “que se deveriam convidar outros elementos, como fundadores, afim de que houvesse número suficiente para a aprovação dos estatutos”. A reunião seguinte foi marcada para o dia 7 de setembro, ou seja, dois dias depois, no mesmo lugar, ou seja, na casa do Revmo Gonçalo Eufrásio, “sede provisória da referida Academia”, sendo que a reunião seguinte não aconteceu em sua casa.

A visão sobre a reunião preparatória de criação da ASEL, na perspectiva de Dr. Ribeiro Ramos, é muito semelhante ao que escreveu Monsenhor Linhares, nesse sentido percebemos de forma muito clara que as pessoas envolvidas na criação da ASEL sempre se esforçaram bastante para condicionar a criação da mesma a um clima de camaradagem, acordo e tradição, conforme transcrevemos:

A 5 de setembro de 1943, a convite do saudoso Monsenhor Vicente Martins da Costa, um santo homem da Igreja de Deus e de pensamento, um grupo de intelectuais de nossa cidade reunia-se na residência do Padre Gonçalo Eufrásio de Oliveira, à rua Menino Deus, para trocar idéias sobre a criação de uma entidade de caráter cultural, que congregasse os valores mentais de Sobral, e que tivesse espírito associativo. O grupo reunido era bastante numeroso e houve uma ampla troca de ideais, num ambiente da mais estreita camaradagem.

Todos foram unânimes no sentido de que a entidade a ser criada o fosse pelo padrão máximo – a Academia Brasileira de Letras.²⁸⁸

Ramos diz-nos que o grupo reunido era bastante numeroso, o que não condiz com o que está posto na ata preparatória, em que consta o nome de 14 pessoas. Enfatiza ainda que tudo transcorreu num clima de “estreita camaradagem”, o que também de certo modo destoa do que está dito na ata, que anuncia sutilmente certa tensão no momento de escolha da denominação para a entidade. Ramos ameniza as contradições e reforça o caráter associativo da entidade. Na distância de 1943, escrevendo em 1973, em homenagem ao Bi-Centenário da Vila Distinta e Real de Sobral, Ramos reconhece a importância da Academia pelo que foi capaz de associar: um grupo de intelectuais de nossa cidade, capaz de congregar “os valores mentais de Sobral”. Na sequência de seu texto Ramos pergunta: “Vaidade? Pretensão? Estultice? E ele mesmo responde: “Não. Absolutamente não. Apenas seguíamos nós os mesmos passos já percorridos por todos aqueles que fundaram instituições semelhantes em todos os Estados da Federação, e não somente nas capitais (...)”²⁸⁹. Essas palavras anunciam, acreditamos, uma outra tensão, que seria a opinião mais geral na cidade com relação a criação de uma agremiação literária, vista como vaidade, pretensão, tolice e estupidez, quebrando um pouco a linearidade da suposta tradição letrada da cidade, que tinha como um de seus lastros, a Academia Sobralense de Letras, “a segunda academia de Letras que surgiu no Ceará”²⁹⁰. Sobre esses impasses ocorridos em Sobral, vale ressaltar importante reflexão sobre a ABL, no contexto nacional, pois:

É preciso aceitar que se forma, muitas vezes à revelia do discurso, uma prática mais fluída e dinâmica do que as aparências nos fazem imaginar, o que nos leva a questionar a imagem estável que a ABL construiu e constrói para si.²⁹¹

Foi essa exatamente a intenção de Monsenhor Linhares e de Ribeiro Ramos ao escrever sobre a preparação para a criação da ASEL, ou seja, mostrar uma “imagem estável” da Academia, livre de arestas, sem nenhum tipo de choque, sem paradoxo, lugar seguro e pouso fundamental para os intelectuais da cidade, seguindo, como vimos pela citação anterior, o “padrão máximo: a Academia Brasileira de Letras”. Ainda que na sequência de seu texto, Ramos aponte o “pai” da ideia de recorrer ao termo *academia*, o seu tom é conciliador, quando nos diz que:

²⁸⁸RAMOS, Ribeiro. *O Silogeu Sobralense. Op. Cit.* p. 295.

²⁸⁹Ibidem. p. 295.

²⁹⁰LIRA, José Luís. *Academia Sobralense e a Cadeira de nº 24.* Sobral, 2008. p. 4.

²⁹¹RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras. Op. Cit.* p. 29.

Para satisfazer alguns companheiros que recalcitravam em aceitar o nome de Academia, por muito pomposo, e, por proposta do então padre José Gerardo Ferreira Gomes, batizou-se a agremiação cultural que nascia, com o nome de Academia Sobralense de Estudos e Letras, sob aplausos gerais. (Grifos do autor)²⁹²

Não entendemos como poderia haver “aplausos gerais” numa situação de recalitração mais ou menos complexa, que fez com que a nova votação para escolha do termo para a agremiação cultural, fosse secreta. Por isso é claro para nós o sentimento de conciliação estabelecido por Ramos que, farmacêutico conhecido, e intelectual consagrado na cidade de Sobral, era também um homem bastante religioso, sendo muito próximo da hierarquia da Igreja Católica da cidade.

Dois dias depois, ou seja, a 7 de setembro de 1943 foi fundada oficialmente a Academia Sobralense de Estudos e Letras, numa reunião sem nenhuma pompa, conforme nos diz a ata que, ao refletir o acontecimento, não primou pela consagração do momento, o que só ocorrerá quando a notícia ganhar as páginas do Correio da Semana:

No dia sete de setembro do ano de mil novecentos e quarenta e três, nesta cidade de Sobral, em sessão realizada na residência do acadêmico Francisco Ferreira Costa, também sede do Instituto dos Comerciantes, à esquina da praça Barão de Sobral, - foi fundada a Academia Sobralense de Estudos e Letras.²⁹³

Pelo exposto acima percebemos que a sessão, ocorrida na casa do acadêmico Francisco Ferreira Costa, foi muito simples e serviu muito mais para completar a Diretoria da ASEL e para registrar de forma bastante objetiva a associação daqueles intelectuais, que já tinham tomada a decisão mais importante dois dias antes, a 05 de setembro, quando realizaram a sessão preparatória de criação da Academia. Dois novos dados são colocados para arregimentar a ASEL a partir daquela data: primeiro, a escolha dos outros membros da Diretoria; segundo, foi criada uma comissão, composta pelos acadêmicos Monsenhor Vicente Martins, Dr. Arnaud Ferreira Baltar e o Sr. Pedro Mendes Carneiro, para fazer contato com D. José, e comunicá-lo de que havia sido aclamado Presidente de Honra da mesma, o bispo que em 1922 era Sócio-honorário da ASL.

Sobre os novos membros da Diretoria e, conseqüentemente, da ASEL, temos que:

²⁹²RAMOS, Ribeiro. *O Silogeu Sobralense. Op. Cit.* p. 295.

²⁹³ATA DE FUNDAÇÃO DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS, NO DIA 07 DE SETEMBRO DE 1943.

Foram aplaudidos os acadêmicos Dr. Arnaud Ferreira Baltar, para Vice-Presidente da Diretoria provisória; o Dr. José Maria Mont'Alverne, para segundo secretário, e o professor Raimundo Aristides Ribeiro, para o cargo de Bibliotecário

E para legitimar ainda mais a Academia e ao mesmo tempo torná-la pública, em nota o *Jornal Correio da Semana* também registrou a posse da primeira diretoria da ASEL, enfatizando os nomes dos acadêmicos que discursaram na ocasião, o sentido de seus discursos, além de entender a criação da ASEL como uma marca do que seria o progresso da cidade, monumentalizando assim o evento, tornando-o público, conforme segue:

Efetuuou-se no dia 15 do corrente, às 20 horas, nos amplos e luxuosos salões do Palace Club, a sessão solene da posse da primeira Diretoria da Academia Sobralense de Estudos e Letras (...). Proferiram empolgantes discursos: Dr. José Clodoveu de Arruda Coelho, sobre a finalidade da Academia, Dr. Arnauld Ferreira Baltar, saudando a Bandeira, Sr. Artur Benevides, em nome da Faculdade de Direito do Ceará e Monsenhor Vicente Martins da Costa agradecendo a todos que colaboraram para as solenidades daquela importante sessão. E encerrando esta nota (...) nossos calorosos aplausos e nossos sinceros parabéns por inaugurarem em Sobral uma Academia Sobralense de Estudos e Letras, concorrendo destarte mais e mais para o sempre crescente progresso desta terra, com os melhores votos para que a instituição em apreço marche de vitória em vitória²⁹⁴.

Assim, “foi fundada a dita Academia com 40 sócios acadêmicos”, e escolhidos, como já dito, os novos membros da Diretoria provisória, escolhida entre os intelectuais locais, que ficou dessa forma:

Presidente	Monsenhor Vicente Martins da Costa
Vice-Presidente	Dr. Arnaud Ferreira Baltar
1º Secretario	Prof. Maurício Mamede Moreira
2º Secretario	Dr. José Maria Mont'Alverne
Tezoureiro	Dr. João Ribeiro Ramos
Bibliotecário	Prof. . Raimundo Aristides Ribeiro

Quadro 3: Diretoria provisória da ASEL e seus novos membros em 1943

²⁹⁴ NEDHIS – Núcleo de Estudos e Documentação Histórica – *Correio da Semana*, 19 de novembro de 1943.

Pela composição da Diretoria, mesmo provisória ficamos sabendo da característica que marcará a ASEL durante quase toda a sua trajetória: a presença maciça de professores, advogados e padres. Percebemos ainda que profissionais liberais, principalmente de advogados, ocupavam quase todas as cadeiras da ASEL. Naquele ano de criação, a importância de Monsenhor Vicente era indiscutível, bem como de todos os padres que participaram daquela realização, ainda que alguns tenham desistido da empreitada, isso significa para nós que o poder aglutinador da Igreja se fazia sentir especialmente pela escolha de Dom José como seu presidente de honra. Sobre a força da Igreja e de seu primeiro bispo na cidade, temos uma importante reflexão que nos questiona:

Será que é preciso falar da influência do altar sobre o lar, da paróquia sobre a comuna, da diocese sobre a cidade, nesta Sobral indelevelmente marcada pela figura do maior dos seus filhos – Dom José Tupinambá da Frota?

Cabe-nos aos sobralenses (...) manter acesa a lâmpada que a Igreja acendeu em nossa terra, pronunciando, é certo, *a louvação dos fastos e brasões*, continuando, porém, o poema concreto do bem querer, gravado, não só no bronze que o tempo corroi, mas na alma de um povo que não para.²⁹⁵ (Grifos nosso)

Consideramos, na confluência dos textos e discursos analisados até aqui, que os discursos apontam e constroem a ASEL como a espécie de lâmpada que a Igreja acendeu na “escuridão” da cidade. Claro que essa assertiva é uma visão interna da Academia e da Igreja, ou seja, estamos refletindo na quadradura do espelho o que a ASEL pensava de si mesma naquele momento, que significava também o pensamento da Igreja. De qualquer modo a importância da Igreja Católica, sua legitimidade e força atrativa podem ser sentidas ainda hoje com a presença dos mais conhecidos padres em suas fileiras. Quando Vieira nos pergunta se é necessário “falar da influência do altar sobre o lar, da paróquia sobre a comuna, da diocese sobre a cidade”, ele está querendo justificar que em Sobral a Igreja Católica foi de fundamental importância para a organização social, religiosa, cultural e até mesmo espacial da cidade, com forte influência em quase toda Região Norte do Estado do Ceará, área de abrangência da Diocese²⁹⁶.

²⁹⁵ VIEIRA, Walfrido Teixeira. *Duzentos Anos...* In: Album do Bi-Centenário da Vila Distinta e Real de Sobral. Obra mimeografada, 1973. Vol. 1. P.18.

²⁹⁶A Diocese de Sobral no período destacado de nossa pesquisa abrangia 18 paróquias, mais três em Sobral, somando 21 paróquias na região, com sede nas seguintes cidades e distritos: Cidades de Acaraú,

Sabemos que a Igreja Católica no Ceará exerceu uma forte influência sobre a organização dos intelectuais do estado, isso porque “O argumento é que a Igreja Católica ocupou com competência os espaços de fraqueza das elites tradicionais, sendo um peso de equilíbrio”²⁹⁷, se inserindo entre a força modernizadora de uma elite técnica que foi constituída no combate às secas e uma elite política mais conservadora. No Ceará, fugindo as influências mais liberais do Seminário de Olinda, nascida sob influência de Azeredo Coutinho, sendo aqui marcada pelo processo de Romanização tendo à frente a figura conservadora de Dom Luís Antonio terceiro bispo do Ceará que, seguindo os ditames de Roma, exigiu de forma dura a obediência dos padres mais liberais, caso exemplar do Padre Ibiapina que em suas peregrinações pelos sertões do Nordeste, criava Casas de Caridade, construía açudes e expandia em meio ao povo uma Igreja mais popular e menos conservadora.

Assim é que a Igreja se esmerou em formar uma elite em condições de combater as forças adversas, como a Maçonaria, o Comunismo, O Modernismo, por exemplo, nesse sentido a organização e funcionamento do *Seminário da Prainha*, em Fortaleza, no ano de 1864 foi fundamental para esse intento de formação do clero e de uma elite intelectual ativa e influente. Em Sobral, padres como Vicente Martins da Costa e Fortunato Alves Linhares são egressos daquela instituição eclesiástica. Entendemos desse modo que:

A formação de quadros era a estratégia da Igreja naquela conjuntura: o Ceará, um estado em formação e próximo da Europa em relação aos estados do sul, com um surto de desenvolvimento econômico devido à Guerra da Secessão americana, junto com São Paulo, Rio de Janeiro, Minas e Rio Grande do Sul, tornou-se um local estratégico para essa formação²⁹⁸.

Temos assim que no Ceará a Igreja Católica construiu instrumentos sofisticados para organização e formação de uma elite conservadora, desde a fundação de “partidos” políticos, a criação de jornais, instrumentos capazes de salvaguardar valores católicos e ao mesmo tempo transitarem nas trilhas de uma modernidade conservadora. Em Sobral, já no século XX, a elite intelectual e clerical foi formada no *Seminário São José*, criado por Dom José em 1925, tendo militado nas duas Academias literárias da cidade, sendo

Bela Cruz, Cariré, Coreau, Cruz, Frecheirinha, Ipu, Marco, Martinópole, Massapê, Meruoca, Morrinhos, Mucambo, Reriutba, Santana do Acaraú, Santa Quitéria e Senador Sá. Completando temos a Sé de Sobral, a paróquia de Fátima e Aracatiçu, distrito de Sobral.

²⁹⁷PARENTE, Josénio C. *A fé a razão na política. Conservadorismo e modernidade das elites cearenses*. Fortaleza/Sobral: Edições UFC/Edições UVA, 2000. p. 76.

²⁹⁸ *Idem*. p. 81

que os padres foram sempre maioria tanto na Academia de 1922, quanto na Academia de 1943. Por isso Francisco Alves de Andrade em 1947 foi capaz de sentenciar com certa pretensão que “os altares, os púlpitos, as igrejas são cátedras de ensinamentos que descem e vão até o povo. São a única escola que teve o selvagem e continua tendo o analfabeto”²⁹⁹. Nesse sentido, quando da criação da ASEL os intelectuais da cidade entre leigos e clérigos, estavam exercendo o seu poder de ensinamento e de prestígio, pois tinham na legitimidade do seminário uma das bases da erudição desses intelectuais.

Sobre o número de acadêmicos nas sessões, na ata da sessão preparatória de criação da ASEL, percebemos que 14 foi o número de participantes daquela reunião de 05 de setembro de 1943, mas que 40 pessoas assinaram a ata posteriormente, tornando-se assim seus fundadores oficiais, de modo que a ASEL adotou “a partir de então, o modelo francês, qual seja o da Academia Francesa de Letras, composta por quarenta cadeiras, tendo cada qual o seu patrono que simbolicamente seria o primeiro ocupante e o fundador, em regra, escolhe o patrono”³⁰⁰.

Foram os seguintes os 40 sócios fundadores da ASEL e suas respectivas profissões:

NOME	PROFISSÃO
Dr. Adauto Araújo	Advogado
Antonio Craveiro Filho	Jornalista
Dr. Antonio Custódio de Azevedo	Advogado
Antonio Ferreira Porto	Professor
Dr. Antonio Guarani Mont'Alverne	Médico
Antonio Joaquim Rodrigues de Almeida	Tabelião/Professor/Jornalista
Antonio Sabóia Barbosa	Professor

²⁹⁹ ANDRADE, Francisco Alves de. *O Seminário de Fortaleza e a Cultura Cearense*. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1947, Tomo LXI, p. 266.

³⁰⁰ LIRA, José Luís. *Academia Sobralense e a Cadeira de nº 24*. Sobral, edição do autor, 2007. p. 5.

Arimatéa Monte Silva	Advogado
Arnaud Ferreira Baltar	Advogado
Artur Borges	-----
Expedito Lopes	Padre
Fortunato Alves Linhares	Monsenhor/Historiador/Professor
José Barreto	Médico
Francisco Ferreira da Costa	Comerciante
José Gerardo Ferreira Gomes	Padre
Gonçalo Eufrásio	Padre
João Alencar Melo	Advogado/Prefeito
João Ribeiro Ramos	Farmacêutico
José Aloísio Pinto	Padre
José Clodoveu de Arruda Coelho	Promotor
José Gil de Carvalho	Advogado/Promotor
José Maria Mont'Alverne	Advogado e Industrial
José Modesto Ferreira Gomes	Político
José Osmar Carneiro	Padre
José Sabóia de Albuquerque	Promotor
Luiz Jácome Filho	Professor
Maurício Mamede Moreira	Professor
Manuel Marinho de Andrade	Médico
Olavo Passos	Monsenhor

Oriano Mendes	Industrial
Paulo Aragão	Bancário/Poeta
Paulo Sanford	Advogado
Pedro Mendes Carneiro	Tabelião
Raimundo Aristides Ribeiro	Professor/Político
Sabino Loiola	Padre
Tibúrcio Gonçalves de Paula	Padre
Tancredo Halley Alcântara	Advogado
Tomaz Aragão	Médico
Vicente Martins da Costa	Monsenhor
Manuel Pinto Filho	Professor

Quadro 4: Membros fundadores da ASEL e suas profissões

Como percebemos pelo quadro acima, foram vários os profissionais liberais que atenderam ao chamado dos primeiros acadêmicos e chegaram ao número pensado: 40 sócios, como a Academia Francesa e, evidentemente, como a Academia Brasileira de Letras, máximo exemplo para a ASEL como já vimos. De todos os nomes, apenas em um caso não conseguimos descobrir a profissão. Pela lista evidenciada, percebemos claramente onde a Academia é mais forte, ou seja, na presença maciça de advogados, padres e professores. Mas não foram todos os intelectuais que assinaram a ata de fundação que continuaram a frequentar as reuniões da Academia. Alguns deles foram chamados para fortalecer a instituição em face de sua legitimidade junto a sociedade sobralense, caso exemplar de Antonio Sabóia Barbosa, professor de matemática inclusive no Seminário Diocesano e que gozava de credibilidade na cidade. Outro caso é o do Dr. Tomaz Aragão, médico conceituado, reconhecido em suas pesquisas relativas ao calazar em todo o Brasil e que apenas emprestou seu nome para legitimar a Academia naquela sessão. De todos os nomes citados na lista dos 40 sócios fundadores,

poucos conseguiram “carregar a academia literalmente nas costas”, caso do Monsenhor Vicente Martins, Dr. Ribeiro Ramos, Dr. José Sabóia e o professor Mauricio Mamede Moreira.

Temos, na representação da lista dos membros da ASEL o sentido elitista que haveria de marcar a existência da ASEL desde sua fundação. Advogados, clérigos, tabeliães, industriais, professores, médicos, promotores e um comerciante abastado, esse muito bem relacionado com Dom José Tupinambá da Frota, o senhor Francisco Ferreira da Costa, pai do memorialista Lustosa da Costa, compunham aquele círculo de letrados. Quase no mesmo período, na cidade de Fortaleza, temos experiências mais democráticas com relação as atividades letradas “(...) entre indivíduos de modestos perfis profissionais”, que construíram um projeto letrado que

Em grande parte se deu na esfera dos projetos pessoais daqueles estudantes das escolas noturnas, empregados do comércio, operários gráficos, artistas que participaram direta ou indiretamente das rodas de debates, em maioria situadas na Praça do Ferreira³⁰¹.

Essas experiências letradas ocorridas em Fortaleza no começo do século XX aconteceram quase todas nas dependências do Café Java, principal centro aglutinador da intelectualidade fortalezense, que juntava, como lemos acima, os mais variados e diferentes intelectuais da cidade. Podíamos encontrar numa das mesas do Café, um intelectual respeitado como Leonardo Mota, até um escritor inicial, caixeiro viajante, nascido na cidade de Granja, Livio Barreto, que mais tarde comporia o cardápio daquela que seria a mais interessante experiência literária do Ceará, a Padaria Espiritual. Outra experiência que destoou bastante da ASEL, foi o grupo de letrados alunos da Escola de Comércio Phênix Caxeiral, que fundou a Revista Phênix Caxeiral, sendo “a Revista (...) eficaz estratégia de difusão do saber, de demonstração no meio local do esforço dos jovens moços do comércio”, sendo todos “empregados de balcão e de outros estabelecimentos comerciais e partícipes do projeto associativo”³⁰².

Por isso em Sobral a busca pela legitimidade da fundação da Academia, é uma tarefa sempre levada a efeito, nesse sentido, como já frisamos, o Correio da Semana se

³⁰¹ CARDOSO, Gleudson Passos. “*Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos*”. *Produção literária de Trabalhadores em Fortaleza na Primeira República*. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da UFF, em 2009. p. 122.

³⁰² OLIVEIRA, Francisco de Assis Santos de. *A Revista Phenix: “Letras que vivem no trabalho e do trabalho”*. In: FILHO, João Ernani Furtado. RIOS, Kênia Sousa. (Orgs.) *Em tempo. História, memória, educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária-UFC, 2008. p. 221.

transformou em seu principal veículo, conseqüentemente as notícias sobre a ASEL eram comuns, como a insistente nota com o título de Academia Sobralense de Estudos e Letras:

No dia 7 do corrente foi fundada uma sociedade cultural com a denominação de Academia Sobralense de Estudos e Letras. *Esta idéia que já foi posta uma vez em realidade e depois se extinguiu, agora reaparece vigorosa, vicejante, dominando. A primeira existência, fora, sem dúvida, a influência de um galvanismo passageiro, e ora ressurgindo da tumba, o ideal adquiriu outros atributos, revestindo-se de forma verdadeira, tornando-se transcendente e imortal.* Rolaram-se a pedra do sepulcro espíritos não menos esclarecidos e ardorosos que os da primeira tentativa, os quais numa expressão de trabalho e denodo se distinguem como músculo propulsor de grande obra. *Esta concreção iluminada de inteligências lúcidas, vem, com efeito, arregimentar a nossa intelectualidade dispersa, tirá-la dessa inatividade, desse marasmo em que jazia como outro sol parado num milagre de Josué.* Era uma ampla nebulosa que hoje reacende as suas constelações, transformando-se em astros que continuam o seu sideral e hão de deixar o seu rastro de luz no céu da história sobralense.³⁰³ (Grifos nosso)

Em primeiro lugar devemos ressaltar a data de publicação da notícia no jornal: 17 de setembro de 1943, ou seja, dez dias após a criação da ASEL. Se levarmos em conta que o jornal é semanal, o tempo para dar a notícia foi relativamente curto. Mas o curioso é que alguns dos sócios fundadores, especialmente Dr. Ribeiro Ramos, tinham coluna esporádica no mesmo jornal. Não encontramos notícias sobre a criação da ASEL em sua coluna. Chama bastante atenção o fato de o articulista citar que “esta idéia já foi posta uma vez em realidade e depois se extinguiu, agora reaparecendo vigorosa, vicejante, dominante”. A referência faz alusão a Academia Sobralense de Letras. A ideia de uma Academia agora, segundo essa idealização, era vigorosa e tomava todas as mentes intelectuais, sendo nessa perspectiva que interpretamos a palavra *dominando*, uma ação a ocupar todas aquelas mentes. Nos diz o articulista que a primeira Academia foi resultado da “influência de um galvanismo passageiro”, portanto, a ASL foi “vítima” de uma teoria que não deu certo, que não dominou, nesse sentido, como quer fazer crer a notícia, a ideia ressurgiu fortalecida como espaço de imortalidade de seus membros. E fica claro também na notícia que o articulista não considerava a ASEL herdeira direta da ASL. Os outros atributos talvez tenham a ver com mais um clima de forte sentimento de progresso que a cidade atravessava na década de 1940, isso no sentido material e que de algum modo se refletia naquele contexto, na concepção da ASEL. Mas precisamos

³⁰³ NEDHIS- *Jornal Correio da Semana*, de 17 de setembro de 1943, P. 2.

reconhecer também que Sobral vivia mergulhada numa contradição entre a modernidade e a precariedade, que apesar de sutil, deixava marcas nos textos dos acadêmicos e nas páginas dos jornais e revistas, caso da Revista Betânia e do jornal Correio da Semana.

Encontramos na nota, na verdade recorrente, relativa a criação da ASEL referência sobre uma espécie de “crise” que assolava o meio intelectual da cidade. A sensação de desamparo, marcada pelo contexto da Segunda Grande Guerra, terminada em 1945, marcava de forma concreta os acadêmicos em 1943. Mas sabemos que o sentimento de “crise” era resultado não apenas do contexto de presença da guerra, mas necessariamente da acomodação das forças sociais e culturais implicadas naquele período do Estado Novo. O articulista assim considera que a ASEL teria condições de arregimentar “a nossa intelectualidade dispersa, tirá-la dessa inatividade, desse marasmo em que jazia como um outro sol parado num milagre de Josué”. Mais uma vez chama nossa atenção o fato de o articulista considerar a intelectualidade dispersa, inativa e mergulhada num marasmo. Há um impasse aqui que marca a contradição que Sobral atravessa durante praticamente todos os anos desta pesquisa. A cidade tem uma Academia relativamente ativa no período, publica livros e revistas, atrai para a sua órbita as principais personalidades de Sobral, realiza sessões extraordinárias no principal clube da cidade, o *Palace Club*, atraindo grande quantidade de pessoas, comemora e celebra heróis nacionais, publica artigos no Correio da Semana. O que falta? Para nós, a “crise cultural” que a cidade atravessa e que é reiteradamente exposta pelos próprios acadêmicos em suas reuniões, nas páginas do Correio da Semana ou Betânia, trata-se muito mais de uma tentativa de legitimar ainda mais o lugar que os acadêmicos ocupavam na ASEL e na sociedade do que uma realidade objetiva a se estabelecer de forma decisiva na cidade.

Por isso temos na Ata de preparação da ASEL, mais um diagnóstico do que seria a crise da cultura intelectual sobralense, que por certo acaba também por legitimar aquela Academia, conforme segue:

Iniciando, o professor Maurício Mamede Moreira leu um trabalho seu em que expôs a idéia de serem arregimentados *os valores intelectuais da Terra*, formando *uma atmosfera de estudos e letras*. Mostrou a necessidade que tanto se ressentia o nosso ambiente. E, em seguida,

concitou a todos para que pusessem logo em realidade o objetivo a que se propunham³⁰⁴. (Grifos nosso)

Assim nos diz a ata que o ambiente sobralense se ressentia com uma “crise”, que segundo acreditamos, era uma “crise” para ser “resolvida” pela ASEL. A Academia, sendo lugar de ação dos intelectuais da cidade, poderia supostamente condensar os meios para formar um clima propício as atividades letradas.

Sobre o progresso da Academia que é associado ao progresso da cidade, temos mais uma matéria do Correio da Semana intitulada *Moderna Casa Fotográfica*, que nos diz muito:

A iniciativa particular tem dado a Sobral várias realizações de vulto: um luxuosíssimo cine-teatro, belas vivendas, *modernas* vitrines existem em nossa cidade, mostrando àqueles que por aqui transitam o seu grau de *progresso*. Mas havia uma lacuna: não possuíamos uma casa fotográfica condigna com nosso *desenvolvimento* sócio-econômico cultural. Agora, graças ao espírito empreendedor de Ihsan Ismael, inaugurar-se brevemente, à praça 5 de julho um “atelier” dos mais *modernos* do gênero, que dotado de instalação elétrica própria, com um completo serviço de lâmpadas refletoras, cenários artísticos e amplos e adequados salões, está à altura do *progresso* e do conceito que, merecidamente, desfruta Sobral em todo o Estado.³⁰⁵ (Grifos nosso)

Sobral vivia na década de 1940, como já tivemos oportunidade de colocar, uma “modernidade conservadora” bem estabelecida pelo bispo Dom José. O bispo pregava o modernismo, mas não os seus excessos, presentes em roupas decotadas de mulheres ou em associações liberais, como a maçonaria, o Rotary Clube, por exemplo. Por isso o Correio da Semana estampou a breve inauguração da Moderna Casa Fotográfica pertencente a Ihsan Ismael, já que a fotografia como símbolo material da modernidade e muito mais do que isso: símbolo insinuante de uma burguesia mergulhada em grandes cidades em transformação, precisava ter lugar também na cidade de Sobral, que se não era uma grande cidade como Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro, Paris ou Londres, também experimentava o progresso a partir do ponto de vista da ASEL sendo resultado entre outros fatores, das viagens e trocas comerciais de seus filhos bem nascidos, que tomando o trem em Sobral, atravessavam o sertão rumo ao litoral e, no porto da cidade de Camocim, embarcavam geralmente para Recife, Rio de Janeiro ou Paris.

³⁰⁴ ATA DE PREPARAÇÃO DE FUNDAÇÃO DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS, 1943.

³⁰⁵ NEDHIS- *Jornal Correio da Semana*, de 8 de outubro de 1947. p. 8.

Na sequencia de suas informações sobre a criação da ASEL, Monsenhor Linhares nos faz sabedor de uma questão que poderia ter fragilizado a Academia, quando nos diz:

Com a saída de alguns entraram: Arsenio da Cruz Flexa, Paula Viana e Edson Moura. Residem na cidade, além do Exmo. Revmo. D. José Tupinambá da Frota, ultimamente agraciado pela Santa Sé como o título de “Conde Romano” e que é considerado um dos vultos mais eminentes do Episcopado Brasileiro, - mais sete sacerdotes, doze bacharéis, sete médicos, quatro farmacêuticos, três agrônomos, jornalistas, professores, cinco cirurgiões dentistas.³⁰⁶

Monsenhor Linhares nos informa da entrada de novos membros na Academia, mas não nomeia os sócios que pediram desligamento. Mas na ata do dia 30 de abril de 1944, temos o seguinte:

Iniciado os trabalhos, e feita a leitura da ata da reunião anterior, S. Excia. apresentou uns ofícios que lhe foram dirigidos, um pelo Dr. José Clodoveu de Arruda Coelho, com data de dezanove de Abril do corrente ano; outro pelo Dr. Arnaud Ferreira Baltar, datado de vinte e sete do mesmo mês e ano; e outro mais do Dr. Paulo de Almeida Sanford, do dia vinte e oito, mês e ano supra, nos quais pediam suas exclusões da Academia.

Portanto, temos que os doutores Clodoveu de Arruda Coelho, muito importante também para a legitimação da Academia, pelo prestígio que gozava, Arnaud Ferreira Baltar e Paulo Sanford, pediram exclusão da ASEL em abril de 1944, permanecendo na instituição por menos de um ano. Sabemos que Dr. Arnaud Baltar foi morar e trabalhar em Fortaleza, ele que era o vice-presidente da ASEL, seguindo o mesmo caminho o Dr. Paulo de Almeida Sanford, somando-se os dois ao número de migrantes que deixaram Sobral em busca de melhores condições de vida e trabalho. Já o Dr. Clodoveu de Arruda Coelho, nascido em 1886, bastante idoso no período, provavelmente resolveu se recolher. Na ata do dia 28 de maio de 1944 novos ofícios com pedidos de exclusão foram encaminhados, conforme segue:

(...) outros dirigidos pelo Revmo Pe. Sabino Loiola, em data de vinte oito de Dezembro do ano passado; pelo Revmo Pe. Expedito Lopes, em trinta e um de janeiro do corrente ano, e pelo Revmo Mons. Olavo Passos em primeiro de fevereiro também deste ano, e mais um do Snr. Luiz Jácome Filho, com data de dez de Maio próximo passado, nos quais pediam sua exclusão da Academia.

³⁰⁶ LINHARES, Monsenhor Fortunato Alves. *Notas históricas da cidade de Sobral. Op. Cit.* p. 10.

Como vimos 4 importantes padres e um importante jornalista, inclusive diretor do jornal Correio da Semana pediram seu afastamento da ASEL. Sabemos que o padre Expedito Lopes foi transferido para a Paraíba e que provavelmente a idade tenha feito Monsenhor Olavo Passos também se recolher. Não sabemos o motivo do pedido de exclusão do padre Sabino Loiola, mas sabemos que Luiz Jácome Filho permaneceu em Sobral como diretor do Correio da Semana. O fato é que essa mesma ata nos traz os nomes dos novos sócios, corroborando com o que já havia nos dito Monsenhor Linhares:

Foram apresentados e aceitos como sócios efetivos os snrs. Arsênio da Cruz Flexa, Edson Moura e Paulo Viana. E como sócios correspondentes, os snrs. Manoel Nicodemos de Araújo, Francisco Everton de Sales Lopes, em Acaraú, e o cônego Lauro França. Os dois primeiros foi por proposta do acadêmico Dr. João Ribeiro Ramos e o último pelo Revmo. Mons. Vicente Martins, Presidente.

Talvez o entendimento para os pedidos de exclusão dos sócios que permaneceram em Sobral como o do jornalista Luiz Jácome, tenha a ver com o funcionamento mesmo da Academia. ASEL de certo modo funcionava precariamente na casa de um de seus membros, não conseguindo aglutinar todos os seus fundadores, se limitava a reunir alguns intelectuais mais idealistas. Sabemos que na ata do dia 29 de outubro de 1944, o padre José Osmar Carneiro pediu seu desligamento da ASEL, ele também foi transferido mas para a Serra da Ibiapaba.

O Dr. Ribeiro Ramos completa a lista de novos sócios, mas não estabelece uma cronologia. Todos os nomes são citados “de memória”, ou seja, cita os nomes das pessoas que vieram à sua lembrança especialmente que tomaram posse na década de 1940, conforme segue:

Podemos citar! Arsênio da Cruz Flexa, Paulo Augusto Viana, Edson Moura, Targino Cesar da Fonseca Filho, Carlos Ernesto Sabóia de Albuquerque, Expedito Gerardo de Vasconcelos, Jones Pompeu de Sabóia Magalhães, Júlio Álvaro Coêlho, Gerardo Rodrigues de Albuquerque, Adonias Rodrigues, Ataliba de Araújo Moura, João Frederico Ferreira Gomes, Raimundo Pinto, José Gurgel do Amaral Filho, Plínio Pompeu de Sabóia Magalhães, João Alves Teixeira e outros, cujos nomes me escapam no momento em que escrevo³⁰⁷.

Dos novos acadêmicos citados, Expedito Gerardo de Albuquerque, Jones Pompeu de Sabóia Magalhães, Gerardo Rodrigues de Albuquerque, João Frederico

³⁰⁷ RAMOS, Ribeiro. *O Silogeu Sobralense*. p. 111.

Ferreira Gomes e Raimundo Pinto, tomaram posse entre 1946 e 1950. Os outros membros tomaram posse entre 1960 e 1970.

Com a partida do Dr. Arnaud Ferreira Baltar, a vice-presidência da Academia ficou vaga, até que em maio do mesmo ano, mais precisamente no dia 28 na sede provisória da ASEL, “teve lugar naquele momento, a aclamação unânime do nosso ilustre acadêmico Dr. José Sabóia de Albuquerque para Vice-Presidente da Academia”³⁰⁸, juiz aposentado. Assim, a Academia passa a ter em sua vice-presidência um dos homens mais ricos e influentes da cidade, ele que era um dos sócios fundadores que entre outras coisas oferecerá uma sala em um de seus imóveis no centro da cidade para nova sede daquele sodalício, o que de certo modo deu mais estabilidade a ASEL.

Trataremos em seguida dos 39 sócios-fundadores da ASEL e seus respectivos patronos, dos 40 sócios elencados como fundadores da Academiã, lista que acompanha a ata da sessão inaugural da ASEL em 1943, juntamente com os nomes e uma pequena biografia dos mesmos. Nos limitaremos aqui a citar apenas os acadêmicos e seus patronos.

SÓCIO	PATRONO
Dr. Adauto Araújo	Não consta
Snr. Antonio Craveiro Filho	Transferiu-se de Sobral antes da posse
Dr. Antonio Custódio de Azevedo	Dr. Eduardo Salgado
Prof. Antonio Ferreira Porto	Adolfo Caminha
Dr. Antonio Guarany Mont’Alverne	Dr. Antonio Domingos da Silva
Snr. Antonio Joaquim Rodrigues de Almeida	Cons. Antonio Joaquim Rodrigues Júnior
Prof. Antonio Sabóia Barros	Tristão de Alencar Araripe Júnior
Dr. Arimatéa Monte e Silva	Dr. José Cardoso de Moura Brasil

³⁰⁸ ATA DA 1ª SESSÃO ORDINÁRIA DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS, NO DIA 28 DE MAIO DE 1944.

Dr. Arnaud Ferreira Baltar	Mons. José Leone Menescal
Snr. Artur da Silveira Borges	Antonio Bezerra de Menezes
Pe. Expedito Lopes	Júlio César da Fonseca Filho
Mons. Fortunato Alves Linhares	Dr. Manuel do Nascimento Alves Linhares
Snr. Francisco Ferreira Costa	Dr. Justiniano de Serpa
Pe. Gerardo Ferreira Gomes	D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho
Pe. Gonçalo Eufrásio	Pe. Dr. João Augusto da Frota
Dr. João Alencar Melo	Não consta
Dr. João Ribeiro Ramos	Pe. Antonio Tomas
Pe. José Aloísio Pinto	D. Jerônimo Tomé da Silva
Dr. José Barreto Araújo	Dr. Jerônimo Martiniano Figueira de Melo
Dr. José Clodoveu Arruda Coelho	Prof. Vicente Ferreira de Arruda
Dr. José Gil Carvalho	General Antonio Tibúrcio Pereira de Souza
Dr. José Maria Mont'Alverne	Dr. José Júlio de Albuquerque Barros
Snr. José Modesto Ferreira Gomes	D. Quitino Rodrigues de Oliveira e Silva
Pe. José Osmar Carneiro	Pe. Dr. Antonio Pereira Ibiapina
Dr. José Sabóia de Albuquerque	Dr. Vicente Candido Figueira de Sabóia
Prof. Luiz Jácome Filho	Dr. Tomaz Pompeu de Souza Brasil
Dr. Manuel Marinho de Andrade	Dr. João Marinho de Andrade
Prof. Manuel Pinto Filho	Antonio Sales

Prof. Maurício Mamede Moreira	Dr. Domingos Olímpio Braga Cavalcante
Mons. Olavo Passos	Pediu exclusão antes da posse
Snr. Oriano Mendes	Desembargador Antonio Firmino Figueira de Sabóia
Snr. Paulo Aragão	Dr. Guilherme Stuart
Snr. Pedro Mendes Carneiro	Dr. José Pedro Soares Bulcão
Prof. Raimundo Aristides Ribeiro	João Capistrano de Abreu
Pe. Sabino Loiola	Pediu exclusão antes da posse
Dr. Tancredo Halley Alcântara	José Cordeiro de Andrade
Pe. Tibúrcio Gonçalves de Paula	Dr. Raimundo de Farias Brito
Dr. Tomaz Aragão	Dr. José Lima da Justa
Mons. Vicente Martins da Costa	D. José Lourenço da Costa Aguiar

Quadro 5: Sócios e seus Patronos em 1943

Pela lista acima que funciona como uma espécie de anexo para a ata da sessão inaugural da ASEL, ficamos sabendo que há uma ausência com relação as assinaturas que constam naquela ata: trata-se de Paulo Sanford, também advogado e ex- prefeito da cidade em 1932. Ele mudou da cidade, seguindo o fluxo de migração que se abria naquele momento entre Sobral e Fortaleza. Os patronos, de acordo com os estatutos da Academia, devem ser escolhidos pelos sócios, e acreditamos que as escolhas em sua maioria refletem as leituras e preferências dos acadêmicos, no entanto, da lista de 39 sócios, seis deles, a saber, o tabelião Antonio Joaquim Rodrigues de Almeida, Monsenhor Fortunato Alves Linhares, Dr. José Clodoveu de Arruda Coelho, Dr. José Sabóia de Albuquerque, Dr. Manuel Marinho de Andrade e Monsenhor Vicente Martins da Costa, escolheram como seus patronos, membros de sua família, seus antepassados considerados ilustres, citados na sequência: Conselheiro Antonio Joaquim Rodrigues Junior, Dr. Manuel do Nascimento Alves Linhares, Professor Vicente Ferreira de

Arruda, Dr. Vicente Cândido Figueira de Sabóia, Dr. João Marinho de Andrade e D. José Lourenço da Costa Aguiar. Apenas dois sócios são citados sem patrono, respectivamente os doutores Aduino Araújo e João Alencar Melo. O jornalista Craveiro Filho mudou-se também para a Fortaleza, antes de tomar posse para trabalhar na imprensa daquela cidade.

Assim, procurou-se fazer da fundação da ASEL um acontecimento capaz de repercutir em praticamente todos os setores intelectuais da sociedade sobralense, de modo que a Academia passou a ser construída principalmente a partir das páginas do Correio da Semana como um elemento de progresso para a cidade, constituindo-se dessa forma no espaço privilegiado de exposição e legitimação da elite letrada de Sobral que encontrou na Academia o potencial civilizatório capaz de fazer daquela instituição o lugar do passado da cidade, que é facilmente vislumbrado quando analisamos parte da historiografia oficial da cidade de Sobral, nascida nas lides da Igreja Católica, como veremos no próximo capítulo.

2º CAPÍTULO

1 – A HISTÓRIA LOCAL E A TRANSUBSTANCIAÇÃO DO PASSADO EM PRESENTE

Não sou historiador. Historiador foi Monsenhor Linhares, o velho e iluminado cego da Rua da Aurora, hoje Domingos Olímpio. Foi Dom José, muito embora seja obra escrita inferior à gigantesca obra social, arquitetônica, educacional que nos legou. E, ainda o Padre João Mendes Lira que recheou seus livros de documentos preciosos. Grande historiador é o Padre Sadoc, Francisco Sadoc de Araújo, que, ao lado de formação superior excelente, adquirida aqui e no exterior, é pesquisador criterioso e cuidadoso dos fatos de nosso passado.

Lustosa da Costa, *Sobral que não esqueço*.

Na citação acima, do jornalista e memorialista Lustosa da Costa, com uma vasta obra memorialística sobre a cidade de Sobral, encontramos um desejo, muito mais do que uma condição, isso porque nenhum dos “historiadores” elencados por ele foram de fato historiadores. O fato de fazer a ressalva de que ele não era historiador, por outro lado, pretende contraditoriamente legitimar a sua obra, uma vez que dessa forma ele não teria que “apresentar provas”, seguir “método rigoroso”, apostar numa “verdade possível” sobre o passado lembrado na maioria de seus livros³⁰⁹. Lustosa escreve sobre o passado da cidade a partir da década de 1940, especialmente o passado do que seriam seus “grandes vultos”, caso exemplar de D. José, Dr. José Sabóia, juiz, padre Palhano, filho adotivo de D. José, e ex-prefeito da cidade, Chico Monte, “último coronel” da cidade, entre outros considerados “heróis fundadores” de Sobral. Ao citar Monsenhor Linhares, o considera um “historiador iluminado”, mas quando se refere a D. José, o considera também “historiador”, mas reconhece que sua obra foi “inferior à gigantesca obra social, arquitetônica, educacional”, de modo que Costa reconhece, sem explicitar, que D. José, em sua obra foi apenas um rigoroso copista de autores já reconhecidos, como Raimundo Girão, Euzébio de Sousa, João Brígido e o próprio Monsenhor Linhares, como já citamos, entre outros autores menos consagrados. O bispo durante a vida inteira copiou metodicamente documentos, como ofícios da

³⁰⁹ Algumas obras memorialísticas de Lustosa da Costa, que têm a cidade de Sobral como principal cenário são: *Sobral do meu tempo* (1982), *Cartas do Beco* (1983), *Clero, nobreza e povo de Sobral* (1987), *Vida, paixão e morte de Etevlino Soares* (1995), *O Senador dos bois* (2000), *Sobral, cidade das cenas fortes* (2003), *Sobral que não esqueço* (2010).

Câmara de Sobral, inventários, cartas, atas e também outras obras literalmente, além de citar “fontes orais”, quando se refere a tradição do “ouvir dizer” dos moradores idosos da cidade, contemporâneos seus quando da escrita de sua obra na década de 1950.

A referência a Padre João Mendes Lira e a Padre Francisco Sadoc de Araújo, no entanto é mais generosa. Não trataremos diretamente desses autores neste item, porque nossa escolha aponta para as duas obras dos outros autores supracitados como as bases iniciais de uma historiografia dita por nós oficial, nascida nas lides da ASEL e da Igreja Católica, e que tinha

uma preocupação constante (...) em evidenciar uma linhagem nobre aos povoadores da ribeira, como também ressaltar a religiosidade destes enquanto fator determinante ao tipo de povoamento e fundação de algumas localidades, apontando os proprietários das fazendas que construíram capelas e igrejas como fundadores³¹⁰.

Neste item discutiremos algumas questões relativas às apresentações das duas obras, no caso *Notas Históricas da Cidade de Sobral I* (1945) de autoria de Monsenhor Fortunato Alves Linhares e *História de Sobral* (1952), de D. José Tupinambá da Frota, dois outros aportes do *arquivo* da cidade letrada. Nossa intenção é discutir como esses livros são apresentados e considerados como fundamentos da história local, “certidões de autenticidade” das supostas “origens nobres” e intelectuais de Sobral, ao mesmo tempo em que os apresentadores dos livros legitimam os seus autores, legitimando ao mesmo tempo a história que escrevem e o lugar desses autores social e culturalmente. Essas obras representam concretamente ainda

Os indícios mais visíveis da cultura de elite em Sobral (...) manifestação de ostentação, pelas quais esses grupos querem exprimir sua participação no mundo social. A produção da memória local constitui o primeiro desses indícios (...). Aqueles que se debruçaram sobre a história da cidade tiveram a preocupação de apresentá-la como fonte de uma cultura sofisticada e distinta.³¹¹

Nesse sentido, o passado é certamente o vértice de praticamente todas as discussões relativas a História de Sobral perpetrada por esses autores e de maneira geral pelos intelectuais das duas Academias da cidade. A “volta ao passado”, ou ao “futuro do passado”, para citarmos Koselleck, o retorno contínuo ao sentido do que seria considerado “a História” de Sobral move os textos de muitos membros dessas instituições, que buscam desse modo a virtualidade da “fonte de uma cultura sofisticada

³¹⁰ JUNIOR Agenor Soares e Silva. “*Cidades sagradas*”: *Op. Cit.* p. 166.

³¹¹ COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e Cultura das Elites Sobralenses*. *Op. Cit.* P. 85-86.

e distinta”. Assim considerado, o passado *transubstanciado*, retomado, ou desejado, assume perspectivas de *invenção* à medida em que constantemente é entendido e sentido como alimento crucial para as faltas do presente. Passado aqui não é aquilo que passou e deixou rastros tênues, fagulhas de instantes que rebrilham e que somem. Passado é movimento que a historiografia elencada por nós até aqui, faz sobre si mesma. É um dobrar-se sobre si mesma, em que camadas de memória e tempo são removidas não como representações de um passado distante e que não existe mais, mas como possibilidade de que o que passou não pertence ao que não mais existe, mas deve ser instaurado enquanto permanência. Passado pode e deve ser o presente considerado como herdeiro do que passou. As reflexões que são feitas sobre a história local a partir das apresentações dos livros de Monsenhor Linhares e Dom José podemos dizer, parafraseando Benedict Anderson, que essa história pode ser compreendida como uma “localidade imaginada”, gerando assim um processo de naturalização de uma entidade local praticamente imutável no tempo. Chama-nos atenção ainda o fato de que há uma simbiose sutil, pelo menos nas apresentações das obras que mencionamos, entre quem escreve, o que se escreve e sobre o que se escreve. Assim, Monsenhor Linhares é facilmente cotejado à própria cidade de Sobral. Dom José assume por seu turno o “espírito da cidade de Sobral”, a ponto de ser considerado o seu “segundo fundador”. Sobre essas questões iremos discorrer neste item, começando com o livro *Notas históricas da Cidade de Sobral*. Para nós, entretanto, o que seria a história local é fundamental para o entendimento de nossa problemática, porque

O recorte do local propicia outros efeitos de conhecimento que, nas suas diferenças e especificidades, deslocam hierarquias e sobreposições entre o *nacional* e o *regional*, recortes tradicionalmente utilizados pelas narrativas acadêmicas (...) A história local pode viabilizar uma outra escrita para a história do Brasil, pondo em xeque a própria construção da categoria Brasil como unidade territorial, política, nacional³¹². (Grifos do autor)

Assim, o entendimento da Historiografia sobre a História Local de Sobral, abre uma perspectiva de história que escapa a construção da “categoria Brasil” como uma unidade, como realidade posta sem contrastes e conflitos, encerrando assim uma pretensa identidade também única e inviolável, mas local.

³¹²GONÇALVES, Márcia de Almeida. *História Local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância*. IN: GASPARETO, A.M. MAGALHÃES, M.S. MONTEIRO, A.M. Ensino de História. Sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Editora Mauad- FAPERJ, 2007. P. 181-182.

Temos na Ata da 9ª sessão ordinária da ASEL, no dia 26 de novembro de 1944 há uma passagem referente ao livro do Monsenhor Linhares:

O acadêmico Dr. João Ribeiro Ramos apresentou a idéia da Academia prestar o devido apôio ao trabalho que o *notável acadêmico e venerando Mons. Fortunato Linhares* pretende publicar sobre Sobral, conseguindo a mesma, com a Prefeitura, o patrocínio material desta, na consecução do referido fim. Para entendimento com Sr. Prefeito, no tocante, foi nomeada a comissão composta dos seguintes acadêmicos: Dr. João Ribeiro Ramos, Sr. Arsênio Cruz Flexa e Pe. José Aloísio Pinto. (Grifos nosso)

Na citação acima temos a primeira referência na ASEL à obra do Monsenhor Linhares, mas a sua faina como historiador vinha de período anterior, dado que em abril de 1922 já havia publicado um texto alentado que seria posteriormente o título de seu primeiro livro, *Notas Históricas da Cidade de Sobral*, na Revista do Instituto do Ceará, e que seria publicado, em parte, na Revista da Academia Sobralense de Letras em 1922, como vimos. O livro do Monsenhor é a primeira obra sobre a história de Sobral enfeixada em livro, abrindo assim uma frente de interpretação dessa história que reverberará em toda a produção oficial posterior. A solicitação do acadêmico Dr. Ribeiro Ramos, que posteriormente seria um dos autores da apresentação do livro, para que a ASEL apoiasse a iniciativa do Monsenhor, é um parâmetro para que possamos pensar o sentido que a História assumirá nas lides da Academia. A reflexão sobre a História, História no sentido universal, iluminista do termo, será uma tônica fundamental das Academias, daí a atenção dada com certa veemência à busca e qualificação de um dado passado da cidade. Sobre isso podemos considerar, a partir dos estatutos da Academia:

1º Sessões ordinárias em que sejam apresentados trabalhos de feição literária, conferências, dissertações, sobre temas da *história*, ciências, filosofia e moral;

2º Reuniões extraordinárias, em comemoração a *datas históricas* e para outros casos a critério da Diretoria³¹³. (grifos nosso)

As escolhas da Academia são muito claras: fazer daquele lugar, o lugar da história. Na citação acima temos dois dados importantes: nas sessões ordinárias da instituição seriam apresentados trabalhos literários, conferências, dissertações sobre temas das ciências, da filosofia, da moral e da *história*. Nessas sessões eram realizadas

³¹³ TRANSCRIÇÃO DOS ESTATUTOS DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS – ASEL, OS QUAIS FORAM APROVADOS EM SESSÃO NO DIA NOVE DE OUTUBRO DE MIL NOVECENTOS E QUARENTA E TRÊS.

homenagens a intelectuais brasileiros, cearenses, sobralenses e os chamados vultos da história nacional e local, como a sessão ordinária do dia 28 de novembro de 1943 que fez referência ao falecimento de Nina Rodrigues, segundo consta, cantora talentosa, da seguinte forma: “Com a palavra o acadêmico Manoel Pinto Filho pediu inserção em ata, de um voto de pesar, pelo falecimento de Nina Rodrigues que foi, em vida, um elemento de projeção artística da sociedade sobralense”. Foram várias as sessões ordinárias que serviram como espaço para celebrar os “homens de projeção”, na expressão de Monsenhor Vicente Martins. Com relação ao item 2º, que trata das reuniões extraordinárias, elas deveriam acontecer “em comemoração a datas histórica e para outros casos a critério da Diretoria”.

Em outra passagem da ata do dia 4 de março de 1945, temos mais uma referência a obra do Monsenhor Linhares:

A comissão encarregada de se entender com o Sr. Prefeito Municipal sobre a publicação do livro do acadêmico Mons. Fortunato Linhares, comunicou ao Sr. Presidente que já se havia desincumbido de seu encargo, tendo o Sr. Prefeito acolhido com simpatia tão louvável idéia, e pedido que lhe fosse apresentado um orçamento sobre as despesas.

Praticamente 4 meses depois de lançada a ideia na sessão de 26 de novembro de 1944, a comissão parece encontrar guarida junto ao prefeito municipal João Alencar Melo, membro da ASEL, que pede orçamento para avaliar as possibilidades de patrocinar o livro. Tudo parece que foi encaminhado pela comissão, pois na ata do dia 24 do mês de fevereiro de 1946 temos o seguinte: “(...) lembrou o ilustre de ser dirigido um ofício ao Sr. Prefeito Dr. João Alencar Melo, agradecendo-lhe o patrocínio pela publicação do trabalho do acadêmico Mons. Linhares”. O prefeito em questão será um dos apresentadores da obra. A referência ao livro é de 1946, mas o livro foi publicado em 1945, mais precisamente em março.

O livro *Notas Históricas da Cidade de Sobral – 1712-1922* é pequeno, medindo 21 cm por 15 cm. Não é uma obra alentada, tem apenas 110 páginas, e como o próprio título sugere, são notas que procuram, no entanto, abarcar o longo período de 1712 a 1922, ou seja, do começo do século XVIII ao começo do século XX. Se compararmos com o livro de D. José, *História de Sobral*, que tem 629 páginas, a diferença é imensa. Mas ambos os livros orquestram os mesmos sentidos para a história local. Ambos partem do que seria o *principio*, buscam as supostas origens da cidade de Sobral,

alimentam representações e símbolos da cidade religiosa e intelectual. Ambos cinzelam um bem organizado e concentrado discurso em torno da idealização da grandeza da cidade, consequência de seus primeiros povoadores, por esse motivo as apresentações dos livros carregam esse peso e procuram autenticar a obra pelas “coisas ditas uma vez e que se conservam”. Não por acaso Monsenhor Linhares faz referência as duas Academias da cidade, a de 1922 e a de 1943. Dom José não faz referência alguma a Academia. Abaixo do nome de Monsenhor Fortunato Alves Linhares, está a indicação entre parênteses de que o autor é “da Academia Sobralense de Estudos e Letras”, detalhe que não pode passar despercebido já que aquela instituição seria o lugar por excelência de produção de saber e abrigo confiável da intelectualidade capaz de narrar a história da cidade. O livro, pelo grande respeito que o autor conquistou e pela importância da obra, conta com quatro apresentadores, começando por um pequeno texto de D. José Tupinambá da Frota, seguido por outro do prefeito de Sobral João de Alencar Melo, depois Leonardo Mota, para finalizar com texto de Dr. Ribeiro Ramos.

O texto do bispo não tem título, é encimado apenas com o Brasão Episcopal com os dizeres *Bispado de Sobral*, que assim começa:

Monsenhor Fortunato Linhares, *alma ardente de patriota, amante, como ninguém mais, do torrão natal*, brinda agora a nossa litteratura com um interessante estudo da história sobralense. Consultando alfarrábios, desencavando documentos, colligindo tradições, pode colligir apreciável material para descrever os factos mais importantes dos primórdios da nossa existência civil e religiosa, illustrando a vida e ação daqueles *varões extraordinários, e clarividentes*, que nestas plagas da Caissara *vieram implantar a civilização cristã* e souberam preparar, mediante a esmerada educação dos filhos, *o brilhante surto da nossa intelectualidade*. (Grifos nossos)

Para D. José, como patriota, o Monsenhor, pelo que compreendemos do que não é dito, já se legitima para escrever História, e por ser amante da cidade, se legitima ainda mais para escrever sobre a História de Sobral. Monsenhor no período era o decano da diocese, portanto, gozava de um imenso respeito por parte de todo o clero da cidade e região, a ponto de “quando na rua, deixava ver a calça que usava, o que, nos outros padres, era motivo de repreensão do bispo, o qual perdoava seu confessor, que era cego”³¹⁴. Assim, Monsenhor gozava do privilégio de ser o confessor do bispo. Suas incursões principalmente pela história garantiram atrelar a seu nome uma atmosfera de

³¹⁴COSTA, Lustosa da. *Sobral, cidade das cenas fortes*. Rio-São Paulo-Fortaleza: Editora ABC, 2003. P. 112.

erudição e competência. Ao mencionar que “consultando alfarrábios, desencavando documentos, colligindo tradições, poude colligir apreciável material para descrever os factos mais importantes dos primórdios da nossa existência civil e religiosa”, D. José autoriza o autor e alça a história que o mesmo escreve, ao seu suposto lugar: o lugar das origens, os “primórdios da nossa existência civil e religiosa”. E continua de forma assertiva o bispo:

(...) ilustrando a vida e acção daquelles *varões extraordinários, e clarividentes*, que nestas plagas da Caissara vieram implantar a *civilização christã* e *souberam preparar, mediante esmerada educação dos filhos, o brilhante surto da nossa intellectualidade.*(Grifos nosso)

Para o bispo, como constantemente será dito, os colonizadores da Ribeira do Acaraú eram “varões extraordinários e clarividentes”, portanto, muito próximos de “heróis civilizadores”. Há um dado muito importante na citação, que seria o “normal” de todo herói: a *clarividência*, quer dizer, a clareza de visão, a capacidade para enxergar mais longe, diríamos nós. Portanto, D. José não estava falando de pessoas comuns, de homens e de mulheres, mas unicamente de Homens, do gênero masculino. Homens considerados extraordinários. D. José fala em surto intelectual, entendemos por isso que Sobral, quase que “repentinamente” na década de 40 do século passado, segundo o seu discurso, assomava como espaço de grande progresso. Ao considerar o período da década de 1940 na perspectiva de surto intelectual, social e religioso, podemos refletir que esse discurso constrói o sentido de que:

A década de quarenta foi marcada principalmente pelo centenário da cidade e pelo I Congresso Eucarístico, em que o Bispo comemorou seus vinte e cinco anos de bispado e recebeu o título de Conde Romano. As festas de comemoração foram intensamente divulgadas e incentivadas através das páginas do seu periódico *Correio da Semana*, que mais uma vez mostrou a sua força de persuasão e de seu papel ordenador dos costumes da cidade³¹⁵.

Assim, em 1941, Sobral completava cem anos de fundação da cidade. A cidade durante a década de 40, portanto, estava em festa, pois respirava com ansiedade as possibilidades de completar cem anos vivendo também o que foi chamado de um surto de progresso e desenvolvimento. Como fruto das comemorações do evento, foram produzidos dois importantes discursos fundadores de acontecimentos narrados como

³¹⁵FERREIRA, Luciana de Moura. *Memória social, imaginário e representação no Álbum do Centenário de Sobral – 1941*. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, 2010. p. 39.

singulares. O primeiro foi a publicação do *Álbum O Centenário* (1941) de autoria do jornalista Craveiro Filho, um dos participantes da Academia Sobralense de Letras de 1922 e membro também da ASEL em 1943. Craveiro Filho organizou uma obra na qual conta a história, como ele diz, “de ontem e de hoje” da cidade, traz muitas fotografias dos principais espaços públicos, todos localizados basicamente no centro da cidade, e, sem sua perspectiva, seus principais intelectuais, comerciantes, advogados e juízes.

Outro importante acontecimento da década de 1940 foi o I Congresso Eucarístico em que se comemoraram os 25 anos de bispado de Dom José Tupinambá da Frota e seu título como Bispo Conde. Sobre o Centenário da cidade e o I Congresso Eucarístico, no sentido do progresso e desenvolvimento da cidade, o jornal *Correio da Semana* é muito enfático na invenção de uma cidade em mudança:

Quem percorre as ruas desta cidade percebe, desde logo, a vibração intensa da alma sobralense que se prepara alacremenente para as festas do centenário e, principalmente, para o futuro congresso eucarístico de Sobral. (...) Novas praças se ajardinam quer sob iniciativa particular quer sob a administração imediata do Sr. Prefeito municipal, que muito se empenha por dotar a nossa urbe de um novo logradouro público, que tomará o nome segundo ouvimos de “Praça das Crianças”, e onde provavelmente serão celebradas as sessões públicas da grandiosa solenidade do Congresso Eucarístico.³¹⁶

A cidade se preparava para comemorar dois acontecimentos considerados relevantes para a história oficial de Sobral. Pela leitura do *Correio da Semana* compreendemos que o Centenário era uma data importante, mas não mais do que o I Congresso Eucarístico. Compreendemos também que a cidade idealizada repercutia na notícia, acenando também para a união entre a prefeitura e a diocese na construção e manutenção de uma realidade fabricada em papel e tinta. Numa outra passagem sobre o mesmo assunto no jornal, temos a seguinte nota:

Nossa cidade receberá milhares de pessoas que virão assistir as festas religiosas do congresso bem como assim as festas do centenário. Faz-se mister que nossa terra se apresente à altura dos nossos ilustres convidados. *A sua roupagem antiga vai ser substituída por roupa de gala.*³¹⁷ (grifos nosso)

A cidade, na concepção do jornal, que era considerado a “voz de D. José”, fazendo repercutir evidentemente a “voz da Diocese”, e que tinha como lema: “*Defesa*

³¹⁶ *Jornal Correio da Semana*, 20 de set. de 1940. P. 1 – NEDHIS - Núcleo de Estudos e Documentação Histórica – Curso de História-UVA.

³¹⁷ *Jornal Correio da Semana*, 18 de abr. de 1941. P. 2 – NEDHIS – Núcleo de Estudos e Documentação Histórica-UVA.

da moral e dos bons costumes”, esperava que a cidade se despidesse de sua velha roupa e começasse a usar roupa nova, roupa de gala, roupa de festa. A cidade precisava corresponder as expectativas dos seus visitantes. Esperava-se, desse modo, uma cidade progressista e desenvolvida, mas conservadora, apta a receber os convidados com toda gala e esplendor. Mas a cidade real rompia muitas vezes impiedosamente o corpo da cidade ideal, da cidade projetada como desejo pelo grupo de intelectuais que estiveram à frente, para nós, especialmente da organização do Álbum *O Centenário*. Nesse sentido temos a seguinte opinião da Revista Betânia:

Apesar de nos faltar água e luz – problemas que breve serão resolvidos – a vida própria que constitui o singular âmbito comercial e urbano de Sobral, é a prova cabal do que, afirmou o Mons. Fortunato Linhares – “Sobral pelas origens ilustres dos seus primeiros povoadores, pelas suas artes, atividade comercial, riquezas, cultura, construção, merece sem dúvida a primazia entre as cidades cearenses”³¹⁸.

A *Revista Betânia*, órgão pertencente ao *Seminário Diocesano* São José, fundado por D. José, e que “constituía, por assim dizer, um ponto de honra no programa mínimo de realizações episcopais”³¹⁹, coloca em tensão a epifania da cidade ideal ansiosamente construída pela intelectualidade local, enfatizando a falta de água e de luz, fundamentais para garantir a modernidade da mesma. Chama nossa atenção que a *Revista Betânia* também pertencia a Diocese, mas isso não a impediu de enxergar a cidade a partir de outro ponto de vista. Mas mesmo assim, mesmo detectando e reconhecendo graves problemas, não deixa de ser clarividente: “merece sem dúvida a primazia entre as cidades cearenses”, perspectiva advinda da pena de Mons. Linhares. Nessa mesma linha, só que três anos antes, nos diz o *Correio da Semana*:

Precisamos de água encanada, luz melhor e mais prolongada, pavimentação moderna nas ruas e praças, de meios de locomoção através da cidade, que pelas suas dimensões e intenso movimento já poderia ter algum ônibus, subsidiados pela Prefeitura Municipal, para melhor servir a população etc. etc. Tivéssemos logo isso, e o aspecto da cidade seria outro. Esperemos.³²⁰

Como podemos perceber acima, as reivindicações eram as mesmas em 1943: água e luz. E fica claro também que a cidade moderna e progressista ainda estava por

³¹⁸ *Revista Betânia*. Órgão trimestral do Seminário São José de Sobral. Ano VII, março de 1946. Tipografia Correio da Semana. p. 12-13.

³¹⁹ MICELI, Sergio. *A Elite Eclesiástica Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. P. 152

³²⁰ NEDHIS: Núcleo de Estudos e Documentação Histórica: *Jornal Correio da Semana*, 6 de agosto. De 1943. p. 2.

ser esperada em 1946, data da crítica feita na Revista Betânia. Chama atenção o fato de o articulista terminar seu “lamento”, pedindo aos leitores paciência: “Esperemos”. A cidade ideal se perdia em meio as ruas sem pavimentação moderna, sem meios de locomoção eficientes, sem água suficiente e luz mais prolongada, uma vez que a Usina de Luz e Força que fornecia energia para o centro da cidade deixava de funcionar após as 22 horas. E “quando a luz permanecia acesa por mais tempo, já se sabia que alguém influente da cidade havia falecido ou estava gravemente enfermo”.³²¹

O surto intelectual e progressista a que se refere o bispo talvez se relacionasse também com a inauguração do novo mercado público no centro da cidade, em 1941, centro de atração e convivência social e marca talvez palpável do que era considerado a modernidade ansiada na década de 1940. Precisamos considerar também que, apesar do bispo ansiar e pedir uma cidade *moderna* pelas páginas do Correio da Semana, sua relação com a dita modernidade era contraditória, visto que por um lado a modernidade poderia se materializar em obras de pedra e cal, como a construção de “moderna avenida”, “modernas escolas para moças e outra para rapazes”, por outro lado o bispo procurava controlar o comportamento de seus paroquianos, principalmente de suas paroquianas, prescrevendo modos de vestir, de se divertir, de viver em família, vivendo assim uma perspectiva modernista e não moderna³²². Ele seria o portador do que chamaríamos de “modernidade conservadora”, nesse sentido, “a face conservadora da Igreja cearense é, portanto, reflexo da postura do Vaticano naquele momento em que a hierarquia eclesiástica cearense assumia as suas funções no Ceará”³²³, e que será

³²¹ MONT’ALVERNE, José Ronaldo. *Antonio Guarany Mont’Alverne – 1912-1978 – O homem e sua época*. Fortaleza, 2012. p. 87.

³²² Podemos refletir que “o modernismo é a mais vazia de todas as categorias culturais ao contrário dos termos gótico, renascentista, barroco, maneirista, romântico ou neoclássico. Ele não designa nem um objeto possível de descrição por si mesmo; carece completamente de qualquer conteúdo positivo”. Ver ANDERSON, Perry. Apud REZENDE, Antônio Paulo. *A modernidade e o modernismo*. In: Revista Clio, 1993, UFPE, p. 19. De outro modo, “as múltiplas faces da modernidade são suportes teóricos para que se entenda a modernidade vivida em Sobral na virada do século, especialmente no início do século XX, quando a Cidade foi assim vista pelo cientista Paul Johnson em relação ao eclipse de 1919, que comprovou a Teoria da Relatividade, de Albert Einstein (...) Segundo Johnson: “A história do mundo moderno se iniciou com as expedições para a observação do eclipse de 1919”. Ver GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. *As transformações socioculturais em Sobral (1870-1920)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da UFPE em 2001. P. 81. A autora acredita, ao citar o cientista Paul Johnson, que é possível encontrar uma “cidade moderna” a partir da presença das equipes americana, inglesa e brasileira na cidade, todas arrematadas para observarem o eclipse de 1919, pois a cidade foi local privilegiada para a observação do evento. No entanto, como estamos discutindo, essa modernidade foi apenas técnica, e praticamente não deixou frutos na cidade, a não ser o monumento construído para comemorar a data, e que o historiador local Monsenhor Linhares considerou um “monumento alienígena”.

³²³ PARENTE, Josénio C. *A Fé e a Razão na Política. Conservadorismo e Modernidade das elites cearenses*. Op. Cit. p. 78.

caracterizada por bem articuladas ações de enquadramento da Igreja Latino-Americana aos ditames de Roma, e que ficarão conhecidas como processo de *Romanização*.

Assim, Dom José termina o seu texto de “apresentação” do livro do Mons. Linhares, enfatizando mais uma vez que “sente-se, todavia, nestas páginas palpitar o nobre coração de um filho que ama estremecidamente a terra natal. (...)” E é por amor, compreendemos a partir do que escreve Dom José, que Monsenhor Linhares escreve.

Analisaremos agora a “segunda apresentação” do livro do Monsenhor, na verdade um “Trecho da Exposição de motivos enviada ao Conselho Administrativo do Estado do Ceará sobre “NOTAS HISTÓRICAS DA CIDADE DE SOBRAL””, de autoria do então prefeito da cidade, João de Alencar Melo.

O prefeito começa sua exposição de motivos da seguinte forma:

Prefaciado pelo Exmo. E Revdmo. Sr. D. José Tupinambá da Frota, DD. Bispo de Diocesano de Sobral, Mons. Fortunato Alves Linhares, membro da Academia Sobralense de Estudos e Letras e decano do clero sobralense, oferece à publicidade “NOTAS HISTÓRICAS DA CIDADE DE SOBRAL”, trabalho interessante e que constitui um repositório valioso de informações fidedignas sobre a origem, formação e evolução da cidade e Município de Sobral.

Chamar ao texto a figura do Revdmo. Bispo Dom José Tupinambá da Frota como prefaciador do livro, por certo é já estabelecer a dignidade e legitimidade da obra diante da cidade, como se desejava. Por outro lado, ligar o nome do autor à Academia Sobralense de Estudos e Letras é filiá-lo sem dúvida nenhuma ao rol dos mais legítimos intelectuais da cidade. A busca pelas *origens* é uma obsessão que acompanha a produção de todos os historiadores locais elencados nesta pesquisa. A origem assume nessas narrativas a conformação da cidade a um passado, futuro e destino considerados distintos, nesse sentido podemos falar com Marc Bloch, no “ídolo das origens”, no fato de que “a explicação do mais próximo para o mais distante dominou [esses] estudos às vezes até a hipnose³²⁴”. O que seria a origem, origem nobre geralmente, funda a continuidade de uma suposta tradição que repercute em ações e lugares e que hipnotiza esses historiadores.

E continua o prefeito enfatizando o prestígio, a dignidade sacerdotal e a erudição do Monsenhor. Garante que as informações contidas no livro eram até aquela data

³²⁴ BLOCH, Marc. *Apologia da história ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 56.

totalmente desconhecidas, o que por certo garantiria um valor ainda maior a publicação.

E segue:

Por todos esses motivos, depois de manusear o original autografado de “NOTAS HISTÓRICAS DA CIDADE DE SOBRAL”, foi que, ao receber ilustrada Comissão da Academia Sobralense de Estudos e Letra que solicitava o patrocínio do Município à edição do livro, esposei a idéia de que é interessante à Municipalidade a sua publicação e difusão, já como excelente veículo de propaganda dando a conhecer a origem da formação da cidade e sua evolução desde séculos atrás, já por achar razoável e proveitoso proporcionar o Município o amparo necessário à produção intelectual de um de seus mais ilustres filhos.

Na passagem o prefeito menciona a presença em seu gabinete da “ilustrada Comissão” da ASEL para tratar da publicação do livro do Monsenhor. Entende o prefeito que o livro publicado, seria muito útil para servir como alimento para as tradições letradas e históricas da cidade. Para ele, tratava-se de uma “obra de propaganda”, ou seja, portadora de conhecimentos que deveriam ser propagados, mas também propaganda não só da história da cidade, mas principalmente de sua gestão. João Alencar Mota era presença constante nas sessões extraordinárias da Academia, e patrocinar o livro talvez servisse também para demonstrar o padrão intelectual do prefeito. O texto escrito pelo prefeito é exatamente o texto que o mesmo envia para o Conselho Administrativo do Ceará, por resolução de 25-4-45 para aprovação do patrocínio para a publicação, por isso esclarece: “tenho a honra de submeter à elevada apreciação desse Augusto Conselho, o incluso projeto de decreto-lei que autoriza a Prefeitura Municipal a fazer editar o livro”. E conclui seu arrazoado:

(...) si o projeto merecer a aprovação deste Ínclito Conselho, terá proporcionado à Administração Municipal os meios necessários à edição da obra indicada no projeto, que, além do mais, servirá de incentivo e estímulo à inteligência, erudição e cultura sobralenses, sem falar nos proveitos que advirão para o Município da divulgação do livro.

O projeto foi aprovado pelo conselho, e a apresentação do prefeito foi mais uma garantia de que a obra estaria em sintonia com as tradições da cidade, tradições forjadas dentro da Academia, nas páginas do Correio da Semana, nas revistas da ASEL, entre outros suportes de inscrição, e não é por outro motivo que na parte *Abolição. Os Partidos políticos. Associações religiosas. Festas populares. Dias feriados. A República*, na página 77 Monsenhor enxerte a seguinte passagem sobre sua administração:

No dia 12 de fevereiro de 1944 assumiu o Governo do Município o ilustre Sr. Dr. João de Alencar Melo, que reside com sua família em Sobral desde o ano de 1935, para onde veio assumir as funções do cargo de Administrador da Meza das Rendas Estaduais, funções que exerceu até o ano de 1940, quando se demitiu para advogar.

Os proveitos que adviriam para o município nesse sentido parece-nos que ficou muito claro nessa passagem, afinal de contas o Monsenhor enxerta essa narrativa que aparentemente não tem nenhuma ligação com os subtemas tratados, mas que assegura, por outro lado, o lugar da Academia nos espaços de poder administrativo na cidade. E continua no mesmo percurso:

A seu respeito vejamos o que diz o “Correio da Semana” de 10 de fevereiro do corrente ano: “A gestão do novo prefeito tem agradado a todos pelo impulso que soube dar aos diversos setores das atividades inerentes a seu espinhoso cargo. Promoveram-se os serviços de inadiável necessidade - a arborização pública, o calçamento urbano, o embelezamento da praça do mercado e outros empreendimentos”.

A propagação é muito clara e enaltece a figura do prefeito e as suas realizações. O prefeito, é importante que se diga, além de assíduo frequentador da Academia, é também assíduo participante das celebrações eucarísticas oficiadas por Dom José. Para completar sua intenção, Monsenhor cita todos os planos de realizações do prefeito para o seu primeiro ano de mandato. Na letra Z temos um dado importante: “Concessão do auxílio pecuniário de \$2.000, 00 para a 2ª edição do livro “O Ceará” de autoria dos Drs. Raimundo Girão e Antonio Martins Filho”. Atemo-nos nesse item pois Raimundo Girão, um dos mais consagrados historiadores do Ceará e Martins Filho, o principal fundador da Universidade Federal do Ceará, participaram em datas diferentes, de sessões extraordinárias da ASEL.

O livro do Monsenhor desse modo foi publicado em 1945 pelo “estabelecimento tipográfico Comercial Gráfica”, que propôs “executar o trabalho de impressão com o indispensável esmero e caprichosa tiragem”.

O terceiro “apresentador” é Leonardo Mota³²⁵. Trata-se de um texto sobre o Jubileu Presbiterial de Mons. Linhares, e que é antecedido no livro pelo título

³²⁵Leonardo Mota, cearense, foi muitas pessoas em uma, polígrafo, escritor, professor, advogado, promotor de justiça, tabelião, e jornalista. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito do Ceará em 1916. Membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará. Publicou “Cantadores” (1921), “Violeiros do Norte” (1925), “Sertão Alegre” (1928), “No Tempo do Lampião” (1930), “Prosa vadia” (1932) e “Padaria Espiritual” (1938). Leonardo Mota contribuiu bastante ainda para a história do clero no Ceará, à medida que escreveu inúmeros artigos especialmente para o jornal cearense *O Nordeste*, mas também para o *Correio do Ceará* e para o *Correio da Semana* de Sobral, em que publicava

“Publicações sobre o autor desta Obra”. Leonardo Mota começa seu texto sendo bastante enfático:

A cidade de Sobral e a Diocese de Sobral estão em festa, hoje, comemorando o cinquentenário da ordenação sacerdotal de Mons. Fortunato Alves Linhares, *um dos luminares do clero do Ceará em todos os tempos*. (Grifos nosso)

Para Leonardo Mota, folclorista reconhecido, considerado um dos intelectuais mais consagrados do Ceará, e que esporadicamente escrevia artigos para o jornal sobralense *Correio da Semana* sobre a história do clero cearense, questão a que se dedicou por longo tempo, justificando assim a escolha de um de seus artigos para apresentar a obra, Mons. Linhares era “um dos luminares do clero do Ceará em todos os tempos”. Não se trata, portanto, de uma comemoração qualquer da cidade e da Igreja. São cinquenta anos de ordenação sacerdotal de um dos mais eruditos clérigos da Igreja Católica sobralense, em sua visão. Leonardo continua seu texto trazendo à baila a ascendência familiar do Monsenhor, narra seu ingresso no seminário aos 18 anos de idade na cidade de Fortaleza. Cita sua vinda para Sobral em 1894 e nos diz mais; “Até 6 de março de 1908, foi cumulativamente, coadjutor de sua freguesia natal e encarregado de Aracati Assú, distrito de Sobral. Deixando o exercício da coadjutoria, continuou como auxiliar particular do Vigário Pe. Dr. José Tupinambá da Frota, de 1911 até a criação do Bispado” que ocorreu em 1915. Foi professor do Seminário de Sobral, desde a fundação até 1935. Lecionou também no Ginásio Sobralense. Jornalista, “foi colaborador efetivo do “Sobralense”, “Itacolomi”, “A Ordem” e outras folhas regionais”. Diz-nos “que é autor de interessantíssimo estudo histórico da cidade e do município de Sobral a cuja Câmara presidiu, por 2 vezes, tendo exercido interinamente, em 1922, o cargo de prefeito”.

Leonardo Mota se esforça bastante para inserir o Monsenhor em muitos campos de ação na cidade de Sobral, de modo que não haja dúvidas sobre a importância do mesmo para a cidade e para a Igreja, por isso enfatiza que como jornalista ativo, “pugnou por numerosas obras de interesse econômico do Estado, a exemplo de açudes e rodovias que servem aquela zona”. Sobre essa questão, no entanto, sabemos o seguinte

esporadicamente. Seus artigos versavam sobre história da fundação de curatos, aniversários e mortes de padres, relação dos primeiros padres de vários curatos, visitas pastorais, história de fundação de igrejas, entre outros assuntos.

fato jocoso que se atribui ao Monsenhor e que relativiza um pouco a seriedade das palavras de Leonardo Mota:

Por haver lutado, e muito, pela construção do Açude Ayres de Sousa, quiseram dar seu nome ao reservatório. Ele recusou, terminantemente: - Quero não. Daqui a pouco vão dizer: Monsenhor Linhares está enchendo; está sangrando. Ou então: o Monsenhor Linhares está arrombando. Quero não.³²⁶

Leonardo Mota faz questão de dizer também que “Mons. Linhares figurou entre os intelectuais que fundaram a Academia Sobralense de Letras e seu monsenhorato datou de 1928”, observação é importante, pois sabemos que “numa época em que os institutos e estabelecimentos científicos eram vistos como um viés primordial de produção intelectual, e seus integrantes, como homens ilustres e respeitados (...)”³²⁷, a ASL seria sem sombra de dúvidas o lugar de identidade e de legitimidade para os seus membros.

O autor da apresentação termina seu texto enfatizando que “aos setenta e três anos de idade, será consolador ao ilustre e venerando sacerdote voltar-se para o passado, no dia de hoje”. Repensar 50 anos de sacerdócio seria realmente uma tarefa importante, ainda mais para o Monsenhor, “que teve sempre a cercá-lo uma aureola de respeito, admiração e benquerença: - respeito, por suas virtudes, admiração, por sua inteligência, benquerença, pela envolvente acessibilidade de seu coração”. Tudo caminha em seu texto para a celebração de uma vida forjada nas lides da Igreja, mas também com forte presença na vida política da cidade, tendo sido vereador e prefeito, como sabemos, no entanto, essa faceta do Monsenhor é bem pouco explorada. Parece que os seus companheiros de Academia e de Igreja, temiam que sua vida política, bastante ativa na cidade, eclipsasse sua vida religiosa, essa bem mais importante na perspectiva deles.

O quarto “apresentador” da obra, Dr. Ribeiro Ramos fez parte da “ilustrada Comissão da Academia Sobralense de Estudos e Letras” que foi até o prefeito solicitar apoio para a publicação da obra. Ribeiro Ramos era tesoureiro da Academia e um dos mais assíduos frequentadores das reuniões ordinárias da ASEL, tendo faltado uma única sessão de 1943 a 1953, período que cobrem a produção das atas da Academia. O texto que consta no livro do Monsenhor foi retirado do Correio da Semana do dia 20 de agosto de 1946, e como o texto anterior, não trata exatamente do livro, mas serve de

³²⁶ COSTA, Lustosa da. *Sobral, cidade das cenas fortes*. Op. Cit. p. 112.

³²⁷ EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade*. Op. Cit. p. 14.

mote para o entendimento da vida e das obras do Monsenhor, aquilatando o seu valor como clérigo e como intelectual.

Ribeiro Ramos começa o seu texto fazendo referência a data do cinquentenário da ordenação da ordenação do Monsenhor, tema também do texto de Leonardo Mota, fazendo saber que “está bem viva ainda na memória do povo desta heráldica cidade”, tão importante data. Diz-nos que tem o propósito de relembrar a data, já passados alguns meses do acontecimento, para ter “o prazer de acordar na alma de cada um dos amigos de Mons. Linhares aqueles doces sentimentos de amizade que todos lhe tributaram naquele festivo dia”. E continua seu texto:

Inteligência aprimorada, espírito lucidíssimo, extremamente culto, a palestra do venerando sacerdote, prende e encanta a quantos teem a satisfação de ouvi-lo, naquelas tertúlias agradabilíssimas, no interior amigo de sua casa acolhedora, e que se prolongam pela noite a dentro, sem que seus ouvintes se apercebam do decorrer das horas.

O texto de Ribeiro Ramos, desse modo, não menciona a obra que está sendo publicada com forte apoio da ASEL, seu intento é louvar o Monsenhor, é apresentá-lo como detentor de uma legitimidade praticamente única dentro do clero sobralense. Mas é claro que suas palavras publicadas junto ao livro justificam ainda mais a obra, porquanto aqui não há propriamente uma separação entre autor e obra. As excelsas qualidades do Monsenhor na perspectiva de Ramos, *naturalmente* deveriam se espriar pela obra publicada. O que mais seria preciso para legitimar autor e obra? E continua, dessa vez fazendo referência as qualidades do Monsenhor como professor de história:

Professor emérito de História e Geografia, duas ciências em que é profundo. Mons. Linhares foi Mestre querido e acatadíssimo de muitas gerações de moços, que se espalham por muitos recantos do Brasil, e que lhe bendizem o nome e lhe exaltam o saber e elevada cultura.

Ribeiro Ramos reforça muito em seu texto e reconhece com muita simpatia, a condição do Monsenhor como professor de História. Talvez por conhecer de perto sua condição de historiador, Ramos tenha apresentado a Academia a ideia de prestar apoio a publicação do livro do clérigo. Faz-nos sabedor da moléstia ocular que acometeu Monsenhor Linhares que não lhe permitiu mais “gozar da companhia insubstituível de seus livros”, mesmo assim, faz questão de idealizar que “o Mestre, no entanto, não perdeu o acendrado amor às matérias que por tanto tempo ensinou”. Assim como “professor emérito de História”, não poderia o Monsenhor publicar senão “informações

fidedignas sobre a origem, formação e evolução da cidade e Município de Sobral”, carreando para sua obra “copiosas informações até hoje desconhecidas”, como sugere o texto do prefeito de Sobral, João de Alencar Melo. Reforçando ainda mais a erudição do Monsenhor e o poder de sua palavra, reconhece que “preso à palavra do ilustre sacerdote a gente percorre outras terras e outros mundos, admirando os costumes de outros povos ou as maravilhas que Deus acumulou no universo imenso”. Compreendemos que para Ramos, pensando na confluência com o autor, a história só é História enquanto for universal, conforme seja capaz de exemplificar pelo que passou, em qualquer lugar e tempo passado, que a História é depositária também do Homem, este universal e a caminho do aperfeiçoamento moral e social.

Ribeiro Ramos termina seu texto reforçando o lugar do Monsenhor Linhares não só concernente à Igreja, mas também ao universo intelectual da cidade, afinal de contas “ele é um cérebro, é uma inteligência, é uma ilustração que dignifica o nosso Clero, engrandece Sobral e honra o Ceará e o Brasil”. Outra inteligência, outro cérebro, assim considerado e elaborado nos meandros da ASEL é Dom José.

O livro de Dom José Tupinambá da Frota, *História de Sobral*, publicado em primeira edição em 1952, é uma obra densa com praticamente 630 páginas, sendo a referência mais acabada de uma historiografia local marcada sensivelmente pelo lugar de produção da obra, no caso o lugar de bispo e chefe local da Igreja Católica de Sobral, obra que até pelo menos a década de 90 do século passado, quando o Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú, a partir dos cursos de História e Ciências Sociais³²⁸, começou a produzir novas interpretações para a História Local, traçava os rumos da memória e da história local. A grande produção de padres historiadores³²⁹ talvez se explique pelo fato de a Igreja guardar na Cúria Diocesana, uma vasta documentação, como inventários, testamentos, memórias, cartas, relatórios,

³²⁸No final dos anos de 1990, alguns professores da Universidade Estadual Vale do Acaraú produziram dissertações de mestrado enfocando novas abordagens sobre a história de Sobral, rompendo assim a crosta pesada da Historiografia Religiosa Sobralense. Podemos citar o trabalho de Raimundo Nonato de Sousa, *A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRJ, em 1998, em que apresenta uma face de Sobral como uma “cidade negra”, relativizando assim a “tradição branca” de que se ocupava, por exemplo, a obra História de Sobral, de Dom José da Frota. Em 1999 foi apresentada junto ao Departamento de Ciências Sociais da UFC, a dissertação do professor Nilson Almino de Freitas, intitulada *Sobral, opulência e tradição*, em que discute demoradamente as “tradições gloriosas da cidade de Sobral”, entre elas o fato de que a cidade possuía, segundo o autor, uma “identidade triunfante”, que ele procura desconstruir.

³²⁹Estamos discutindo ao longo deste trabalho uma substancial historiografia desses padres historiadores, tais como Monsenhor Fortunato Alves Linhares, Monsenhor Vicente Martins da Costa, Dom José Tupinambá da Frota, Padre João Mendes Lira, Cônego Francisco Sadoc de Araújo.

jornais e outros documentos que foram fundamentais para essas produções. Também a docência na Universidade Vale do Acaraú ajudou nessa construção, uma vez que a produção dos discentes era comumente utilizada para a feitura de livros, caso de alguns livros de Padre João Mendes Lira. O livro traz a seguinte dedicatória que marca o caráter religioso e cívico da obra:

A Virgem Imaculada – Nossa Senhora da Conceição – Padroeira da cidade e da Diocese de Sobral, com reverente e filial afeto, dedico este documentário relativo à História de Sobral, o qual desejo seja pelos sobralenses considerado como testemunho do grande amor que consagro à minha terra e à minha gente.

A dedicação da obra feita a Virgem Imaculada, Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Diocese e da cidade de Sobral, deixa claro que o bispo era devoto da santa, por isso a reverência filial e o afeto. Entendemos também que a dedicatória coloca em primeiro lugar a “definição religiosa”, os “desígnios de Deus” para a história que se estará contando. Em sua obra o bispo faz menção a santa e sua importância da seguinte forma: “Com os portugueses que povoaram a ribeira do Acaraú, veio-nos a devoção à Virgem Santíssima, sob invocação da Imaculada Conceição, Padroeira do Reino de Portugal e suas colônias, desde 1646”. E um pouco adiante contextualiza a devoção:

Várias capelas foram erigidas em honra de N.S. da Conceição no território vastíssimo do Curato do Acaraú. Assim, em 1718 Félix da Cunha Linhares construiu na sua fazenda “São José”, hoje Patriarca; depois veio a de Caiçara, hoje Sobral e sede do Curato. Outras foram edificadas na primeira metade do século XVIII, como de Santa Cruz, hoje Bela Cruz, a de Tucunduba, a de Beruoca (Meruoca), a de Almofala, onde viviam os índios Tremembés³³⁰.

Ao rastrear a presença da santa no território do Curato do Acaraú, especialmente junto a Fazenda Caiçara, berço da cidade de Sobral, D. José estabelece uma ligação entre a história da cidade e a devoção à santa, de modo que é possível supor que a história religiosa que se narrou praticamente desde o livro do Monsenhor Linhares, *Notas Históricas da Cidade de Sobral*, na qual a história da cidade é apresentada como resultado do “surto civilizatório” advindo com os brancos portugueses ou seus descendentes para a Sobral, seria uma história ética e moralmente religiosa, à medida em que qualificava o povoamento do Vale do Acaraú com características cristãs. E para reforçar ainda mais a importância da devoção, explica-nos que:

³³⁰ FROTA, D. José Tupinambá da. *História de Sobral*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1995. p. 77.

A devoção à SS. Virgem como ainda hoje, era intensa no seio das famílias de então. A maior parte das mulheres chamava-se Maria; pela madrugada toda família reunia-se junto ao oratório das Imagens para a reza alternada do Ofício de N. Senhora, e à noite, antes de dormir, todos rezam o Terço em comum. Geralmente acrescentavam as mulheres ao nome de batismo o cognome “da conceição”, costume esse que ainda se observa em nossos dias, sobretudo entre a gente mais humilde³³¹.

D. José fala sob a ótica de seu tempo, reconhecendo que “ainda hoje” era intensa a devoção a Virgem Imaculada. Referindo-se a Igreja, evidentemente precisaríamos de outros caminhos para alcançar a devoção testemunhada por ele, inclusive presente nos nomes das mulheres que acrescentavam “da Conceição”, mas não é esse o nosso objetivo, obviamente. Mas por outro lado fica claro que ao dedicar sua obra escrita à Nossa Senhora da Conceição, ele estava apenas enfatizando que de fato a obra era *dela*, como a Diocese, como a própria cidade de Sobral. Por isso a legitimidade da dedicatória. Mas vamos a apresentação do livro, feita pelo Monsenhor Linhares. Não devemos nos esquecer que o primeiro apresentador da obra do Monsenhor foi justamente D. José, de modo que a princípio temos aqui uma “troca de favores” e de louvores, no sentido de que ao comentar a obra um do outro, o que estava em questão era justamente a importância da História de Sobral, como uma História a ser explicada a partir de suas origens brancas e cristãs.

O texto do Monsenhor tem o seguinte título: “À GUIA DE PRÓLOGO. História de Sobral Por sua Excia. D. José Tupinambá da Frota”. (Grifos do autor) O título não deve nos enganar, pois apesar de sua pretensa intenção de apenas querer ser um “prefácio”, o texto pesa todo para o lado daquilo que aqui estamos a analisar: a cidade culta e intelectual, ao tempo em que pesa para o lado do bispo. Por isso começa seu texto da seguinte forma:

S. Excia. D. José Tupinambá da Frota acaba de enriquecer a nossa literatura histórica, oferecendo ao público a interessantíssima obra que *trata de nossas gloriosas tradições e da índole e caráter forte e indomável de nossos antepassados.* (Grifos nosso)

Mais uma vez encontramos numa obra sobre história local, a incessante busca por justificar o passado como o núcleo indomável do presente e móbil do presente e das supostas tradições gloriosas da índole de um povo. Claro está para nós que o “povo” aqui não é a parte pelo todo, ou seja, quando dizemos *povo*, não estamos querendo dizer

³³¹ *Ibidem.* p. 78.

a sociedade sobralense como um todo, mas apenas a “ilha de letrados” que manejando e manifestando em seus escritos, principalmente, no âmbito da ASEL, as suas origens, se filiavam a uma provável tradição distinta e enobrecida. Tradição que precisa ser pensada por nós como um dado que “autoriza reduzir a diferença característica de qualquer começo, para retroceder, sem interrupção, na atribuição indefinida da origem”³³², de modo que ao se falar em tradição em Sobral, se está falando em origem, ou de uma dada origem emblemática e enfática. E nesse sentido é o *Correio da Semana* que vem nos dizer:

(...) Sobral tem origem pernambucana. Constitui desse modo, a antiga comuna poderoso traço da união entre as duas províncias que sempre viveram unidas em função da grandeza nacional. Mas não estou aqui para escrever a crônica desta centenária cidade. Eu quero apenas frisar a oportunidade magnífica que esse centenário, este ano celebrado, oferece aos sobralenses de boa vontade. E os há, aqui, da melhor estirpe pelo nascimento ou pela integração em sua vida social.³³³

Ao atrelar a origem da cidade de Sobral a Pernambuco, o que se buscava, não resta dúvida, era justificar ainda mais o desenvolvimento e suposto brilhantismo da cidade naquela data de seu centenário, visto que Pernambuco gozava de imenso prestígio no âmbito da intelectualidade local. Nós sabemos que desde a metade do século XIX os filhos da elite sobralense iam estudar em Recife e de lá retornavam com seus títulos a abrir canais de participação no poder público, como promotores ou juízes, ou ainda como “profissionais liberais”, advogando em escritórios próprios. Sobre isso temos o importante caso de Domingos Olímpio que antes de assumir o posto de promotor na cidade, propunha advogar todas as causas da Câmara Municipal de Sobral, como já vimos anteriormente.

O articulista, na citação anterior, fala a respeito dos sobralenses de boa vontade, reforçando que eles existem e são “da melhor estirpe pelo nascimento ou pela integração em sua vida social”, o que nos faz refletir que a estirpe poderia ser temperada pela integração na vida social da cidade. Ou seja, era perfeitamente possível “ser sobralense” atentando-se para alguns rituais, conforme acontecia com relação a filiação de não-sobralenses a ASEL, ou seja, eles acabam por se tornar “sobralenses” conforme se integram à sua vida social, pois pertencer a Academia é adquirir status social, como estamos vendo nas referências a Monsenhor Linhares como membro da ASEL, ou seja,

³³² FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. *Op. Cit.* p. 25.

³³³ NEDHIS-, *Jornal Correio da Semana*, de 24 de jan. de 1941. p.1.

a Academia acabava por “situar os grupos em relação às suas tradições”³³⁴. Claro que é preciso pensar na perspectiva de “tradições inventadas”³³⁵, quando sentidos universais sobre intelectualidade, progresso, civilização e história são constituídos enquanto o que poderíamos chamar de “sujeitos da memória”, à medida em que passado era construído na perspectiva do que seriam as práticas ligadas a intelectuais, como Domingos Olímpio, D. José, Monsenhor Linhares, ou sujeitos mais genéricos, como “os primeiros colonizadores” da Ribeira do Acaraú. Sobre as tradições intelectuais da cidade, podemos considerá-la como uma “memória autobiográfica”³³⁶, porque arma-se uma rede em que um intelectual fala do outro, sendo que a intelectualidade de um justificaria o discurso sobre o outro. D. José quando apresentou o livro de Monsenhor Linhares considerou o religioso um “erudito auctor”, e na mesma confluência, o Monsenhor considera D. José um “perquiridor infatigável e inteligente”.

Na sequência da apresentação nos diz Monsenhor Linhares:

Trabalho de grande fôlego e de paciência beneditina, soube inteligentemente colher de velhos alfarrábios o quanto de interesse e importância nas suas mínimas particularidades diz respeito à nossa História. Para isso teve que recorrer a *antigos documentos*, dificilmente encontrados nos arquivos e bibliotecas de Fortaleza, Recife e Bahia, não poupando despendendo avultadas quantias. (Grifos nosso)

A obra de D. José é de fôlego, e sabemos que ele despendeu longos anos de sua vida na compilação da mesma. A referência feita a “velhos alfarrábios” procura justificar as escolhas e ratificar a importância do livro, afinal de contas os documentos consultados são velhos, possibilitando uma busca por “acontecimentos antigos”, portanto “originários”. Por isso teve que recorrer a documentos que não estavam à disposição em qualquer lugar, visto que nem em Fortaleza, Recife ou Bahia, estavam à disposição do autor. Ao citar Fortaleza, Recife e Bahia, Monsenhor Linhares estava elencando algumas “mecas” do saber, lugares de legitimação e ordenamento dos saberes naquele contexto, especialmente Recife. Assim, D. José teve que gastar avultadas quantias, somas consideradas grandes, mas que para o bispo, na visão do Monsenhor, eram apenas a confirmação de sua vocação para o estudo da História e o amor à sua terra natal.

³³⁴ FRENTESS, James. *Memória social: Novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Ed. Teorema, 1992. p. 42 .

³³⁵ Sobre essa questão ver: HOBSBAW, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

³³⁶ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2006. p. 73.

E continua o apresentador a nos dizer que D. José analisa “com muita psicologia e saber a evolução de nosso povo desde os nossos silvícolas até o homem supercivilizado dos tempos modernos”. Enfatiza a importância da igreja que “enviando (...) missionários e padres aos nossos índios e bárbaros sertões de então para a catequese e civilização do gentio antropófago e cruel (...) estendera ela (...) seus domínios e influência”, de modo que logrou êxito um trabalho de civilização em benefício da “vasta extensão das opulentas, ubertosas e dilatadas terras brasileiras”. Ficamos cientes de que a obra de D. José, seu livro de História, era mais uma “página da igreja” em seu trabalho em benefício da civilização no Vale do Acaraú e que Sobral, por consequência, é resultado da providência divina, que sua existência se deve a Igreja. Não deixa de ser, nessa perspectiva, uma *obra exemplar*, apresentando os fatos e feitos dos “sobralenses” como etapas evolutivas até uma civilização mais qualificada.

Monsenhor Linhares menciona que o autor nos diz “da formação étnica de nossa gente – misto de portugueses, indígenas e africanos, resultando daí uma sub-raça fortemente mestiça de que se compõe quase a totalidade do povo cearense”. Essa passagem é bastante interessante para nós que estamos, pelo movimento da pesquisa, saindo e voltando ao livro constantemente, no sentido em que não encontramos na obra a expressão – sub-raça, na perspectiva que o Monsenhor quer dar em sua apresentação. O fato de considerar que essa sub-raça, resultado da miscigenação de portugueses, indígenas e africanos, “compõe quase a totalidade do povo cearense”, poderia legitimar sua assertiva, no entanto o que compreendemos disso é que essa interpretação é muito mais do Monsenhor do que da obra que ele está apresentando. Dom José se afasta de qualquer indício que coloque em dúvida a existência de famílias brancas e enobrecidas no Vale do Acaraú. Ele fala em famílias de boa linhagem como sendo a base de formação dos fundadores de Sobral enquanto Vila e enquanto cidade.

Na sequência sintoniza seu texto com a obra e nos diz:

Não se esquece S. Excia, de falar-nos com admiração e amor daqueles *grandes homens, sacerdotes ou leigos*, que tanto cooperaram com seu esforço e boa vontade para a *formação desta nossa bela urbe*: Lino Correia, Antonio Rodrigues Magalhães, Padre João Ribeiro Pessoa – o edificador de nossa formosa Catedral, o capitão-mor José Xerez Furna Uchoa – o 1º introdutor do café no Ceará, Francisco Ferreira da Ponte – o 1º presidente de nossa Edilidade, José Inácio Gomes parente – Deputado às Cortes de Lisboa, Visconde de Sabóia – cientista e filósofo, José Júlio de Albuquerque Barros – Barão de Sobral,

Domingos Olímpio e tantos outros são nomes dignos de serem imitados pela mocidade sobralense. (Grifos nosso)

Para D. José, portanto, no ensejo do pensamento de Monsenhor Linhares, a história é a dos “grandes homens”, e não poderia ser diferente pois sua visão da História a coloca numa perspectiva pragmática, ou seja, só poderia haver História como a ação de homens que constroem assim uma grande história. Ao citar “sacerdotes ou leigos, que tanto cooperaram com seu esforço e boa vontade para a formação desta nossa bela urbe”, D. José considerava a História como uma “posse” de um grupo restrito de homens que haviam alcançado, segundo o apresentador do livro, o estágio “super-civilizado”. São “super-homens”, criadores de uma cidade única, forjada numa tradição considerada invencível e épica para esse discurso. Reconhecemos ainda que a visão do Monsenhor sobre a obra de D. José, e mesmo sobre sua própria obra, assume uma dimensão romântica da História, uma vez que entendia que “a História estava em toda parte, inclusive fora do discurso histórico formal: estava na literatura, nos romances, ou mesmo em todo conhecimento prático que constituía uma *História Indireta*”³³⁷. (Grifos do autor) Mas o que parece contraditório para nós é que mesmo que reconheçamos essa dimensão romântica na escrita da história de D. José e de Monsenhor Linhares, por outro lado forçosamente reconhecemos também que mesmo a História estando em toda parte, ela só seria entendida e localizada no tecido social por alguns “homens especiais”.

E prossegue o Monsenhor construindo o lugar de valor do religioso no cenário da cidade, pois para ele a “maestria, entusiasmo e acendrado patriotismo”³³⁸ de D. José que o faz, além de sobralense ilustre e amoroso, um brasileiro exemplar, pois, ao reivindicar uma experiência temperada pela cepa de homens que seriam excepcionais, o bispo faz da história praticamente um dever. E continua:

Descreve ele o evoluir e o desdobramento de nossa formosa cidade, desde os tempos da velha Caiçara, ainda semi-bárbara, até a atual Sobral com sua Catedral, Igrejas, Seminários, Santa Casa, Abrigo, Colégios, Museu, Fábricas, Telégrafos, Estradas de ferro e rodagens, Academia de Letras, Teatros, Cinema, Palacetes, belos edifícios, passeios públicos, seu extenso comércio, Bancos, a atividade febril de seus habitantes, a produção dos campos e de suas fazendas.

Entendemos que se é possível contar a história da cidade a partir da fabricação, invenção e eleição de uma história contada e recontada a partir do que seriam os seus

³³⁷ ANDRADE, Débora El-Jaick. *Escrita da história e política no século XIX. Op. Cit.* p. 222.

³³⁸ CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito. Religião civil e comemoracionismo.* NUDOC-UFC. Museu do Ceará. Secult-Ce, 2005. p. 69.

vultos, também é possível e até necessário, pelo menos no entendimento do Monsenhor, descrever o “evoluir” e o desdobramento dessa cidade idealizada a partir da enumeração de obras, tais como o *Museu*, esse organizado e idealizado pelo bispo, a *Catedral*, *Seminário*, construído também pelo bispo, *Colégios*, os principais colégios responsáveis pela educação da elite da cidade também foram fundados pelo bispo, rodagens, teatros, e, uma *Academia de Letras*. Ao mencionar a Academia, Monsenhor Linhares se insinua no texto mais diretamente e anuncia o lugar de onde ele fala. Ao considerar “os tempos da velha Caiçara, ainda semi-bárbara”, o Monsenhor atrela o fim de uma época considerada de barbárie pela efetiva realização de obras de pedra cal, ou sejam de monumentos que garantiriam uma organização espacial capaz de, “naturalmente”, possibilitar a organização social. Monsenhor atrela a história as ações e feitos do bispo, pois para ele “a (...) história de Sobral é o coroamento de tudo quanto fez para o levantamento do nível religioso, moral e cívico desta nobre cidade tão merecidamente apelidada PRINCESA DO NORTE”. (Grifos do autor) Sobral é assim uma cidade ordenada pelo toque de Midas do bispo, no sentido em que tudo o que ele tocava se transformava em obra de suas mãos, inclusive consideramos que Sobral nesse sentido será regida “por uma razão ordenadora que se revela em uma ordem social hierárquica transposta para uma ordem distributiva geométrica”, em que se “tornou indispensável a ordem dos signos”³³⁹. Essa ordenação se torna clara para nós quando visualizamos o espaço geográfico da cidade, visto que encontramos uma cidade sitiada por igrejas que se localizam nos quatro quadrantes de seu território e que funcionam como símbolo do poder ordenador da igreja que ainda hoje é face visível em Sobral, já que “havia no início do século XX uma preocupação da Igreja em envolver-se nos planos de urbanização da cidade, a qual é percebida através da relação cidade e modernidade”³⁴⁰.

Monsenhor Linhares termina sua apresentação enfatizando que “a História não é só a narração fastidiosa dos acontecimentos e fatos de um povo”, e esclarece que:

A História é pois, compreender e traduzir ao povo o caráter e a inteligência das gerações passadas e o quanto contribuíram elas para a civilização e bem estar das gerações presentes. S. Excia. assim o fez magistralmente em sua HISTORIA DE SOBRAL, que ama deveras, com toda intensidade de amor e afeto, como provam as grandes obras por ele edificadas, merecendo, por isso mesmo, o cognome de 3º fundador de SOBRAL.

³³⁹ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Op. Cit. p 26.

³⁴⁰ FERREIRA, Luciana de Moura. *Memória social, imaginário e representação no Álbum do Centenário de Sobral- 1941*. Op. Cit. p. 39.

A história é, nesse sentido, a tradução “de vidas passadas”, vidas edificantes, capazes de se transformar em exemplo para as gerações futuras. D. José, por ligar os tempos, por apresentar a tradução e a seleção dos fatos passados para as gerações do presente, mas também por dotar a cidade de vários equipamentos urbanos, como hospital, asilo, seminário, museu, banco, colégios, pode ser considerado, por merecimento, como sugere o Monsenhor, “o cognome de 3º fundador de SOBRAL”, sendo o primeiro fundador o doador da fazenda que dará origem a cidade, Capitão Antonio Rodrigues Magalhães, e o segundo, o padre João Ribeiro Pessoa, o construtor da catedral. No entanto, alguns discursos colocam o bispo como o “2º fundador de Sobral”, tomando assim o lugar do Padre João Ribeiro Pessoa.

Temos assim na apresentação das obras supracitadas, mecanismos discursivos que procuram legitimar a História Local pela legitimidade de quem a escreve. Do mesmo modo temos a legitimação de certo passado a partir de quem supostamente o viveu como experiência, campo de saberes e fazeres desse mesmo passado, por isso a citação de nomes de sobralenses ou não, que na concepção dos dois autores dos livros e mais ainda na concepção de quem apresenta as obras, souberam engrandecer a dita história da cidade e, conseqüentemente, garantir no passado um futuro melhor. Com relação a essa produção, precisamos refletir também que:

O exame das biografias desses historiadores mostra várias similitudes entre eles. Suas trajetórias pessoais, por exemplo, são profundamente ligadas à história da própria cidade (...) Eles gozavam de certo prestígio, ocupavam cargos muito elevados, respeitados e disputados na administração local. Todos pertenciam à famílias consideradas de boa linhagem e faziam parte da elite da cidade. Exaltavam as origens, relatando fatos gloriosos, eles estavam também valorizando suas próprias trajetórias³⁴¹.

Portanto, esses ditos historiadores lavraram uma historiografia com características exemplares, com fortes conotações genealógicas, à medida em que como está referenciado acima, esses historiadores se diziam parte integrante das famílias de boa linhagem que ocuparam o Vale do Acaraú, fundaram a Vila, depois a cidade e, na confluência de uma linearidade que procura convencer pela suposta continuidade, pelo encontro da “origem”, entendida como “um princípio de unidade e de explicação, a soberania de uma consciência coletiva”³⁴², conforme os intelectuais da Academia viam-

³⁴¹ COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e Cultura das Elites Sobralenses – 1880-1930*. Op. Cit. p. 93.

³⁴² Foucault, Michel. *A arqueologia do saber*. Op. Cit. p. 26.

na como parte intensiva dessa mesma origem. Assim é que se produz uma historiografia aditiva, a se desenrolar continuamente na quadradura de um tempo estático, em que uma dada exemplaridade histórica escapa também ao rigor do tempo³⁴³.

Assim, a história, ciência, e a literatura pensadas nas páginas da principal revista editada na cidade, seriam a representação de um tempo vazio saturado de *ontens*, um tênue fio, quebradiço, constantemente ligado pelas mãos vacilantes dos intelectuais da ASEL, como veremos no próximo item.

2. – ASEL E O TÊNUE FIO DAS LETRAS OU AS “CATACUMBAS” DA INTELLECTUALIDADE

“A Ciência, a Literatura mesma, estão como sob uma perseguição pacificamente estratégica – foram refugiar-se nas “catacumbas” que lhes ofereceram o Clero, o Seminário, parte da advocacia e das classes médicas e raros diletantes, onde aliás, vez por outra surge um livro ou qualquer cousa assim que não deixa romper-se o tênue fio das nossas letras”.

Revista Betânia, março de 1946

O que se entendia por Ciência e Literatura nas páginas da Revista Betânia, publicação trimestral do Seminário São José de Sobral, material lido pelos intelectuais, e qual sua relação com a intelectualidade local? Quais profissionais liberais ocuparam maior espaço na ASEL? Por que a Revista Betânia fala com relação a cultura letrada da cidade, que ela representava um fio tênue, quase invisível no contexto sobralense? Por que, apesar da existência da ASEL, que é louvada em muitas narrativas, inclusive naquela Revista, se pensava numa cidade em crise cultural? Estas são algumas das questões que procuraremos responder nesta parte do trabalho.

Sobral, inserida na modernidade escrituraria e esclarecida, construiu espaços privilegiados de exercícios letrados, em que “as demandas de recepção, apropriação, distribuição e exibição são importantes na produção moderna de *lugares, praticas e*

³⁴³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2006. p. 276.

textos”³⁴⁴ (grifos do autor), espaços para práticas e textos que tinham a história da cidade, ou melhor, a perspectiva de passado da cidade como elemento chave de transposição de certo tempo, fundamentando uma “operação escriturária que produz, preserva, cultiva “verdades” não perecíveis”³⁴⁵, de modo que a história levantada no afã da Academia fosse sempre, por essa “operação escriturária”, uma “verdade imperecível”.

A citação acima da Revista Betânia, órgão do Seminário São José de Sobral, este fundado pelo bispo D. José, tendo suas obras iniciadas em 1918, sendo inaugurado a 15 de fevereiro de 1925, traz algumas considerações bastante interessantes para que possamos refletir sobre a cidade de Sobral. Para o articulista, a Ciência e a Literatura estavam sob uma perseguição pacífica, uma perseguição estratégica, que ele não esclarece, não nomeia, não diz de onde parte e por que razão, o que nos leva a entender que isso resultaria num desprestígio e descuido com relação a essas duas práticas. Diante das dificuldades, porém, a Ciência e a Literatura foram se refugiar nas “catacumbas” oferecidas pelo Clero, o Seminário, e entre os advogados e a classe médica. Mas por que citar apenas a Ciência e a Literatura? E o que o articulista queria dizer quando escreveu Ciência e Literatura? O fato das palavras estarem escritas com maiúscula indica ainda mais a importância que o autor quer considerar sobre os significados que pretende demonstrar. Estando a Ciência e a Literatura sofrendo perseguição na cidade de Sobral, o que restaria? O texto citado é de março de 1946, portanto, três anos após a criação da ASEL. E porque o articulista cita apenas a Ciência e a Literatura, isso nos leva a pensar que para o autor ciência e literatura poderiam ser englobados dentro de um mesmo sentido, ou seja, ambos teriam como um de seus fundamentos básicos, determinar, narrar as verdades dos acontecimentos e produções da sociedade.

O fato de o articulista considerar que o lugar seguro para a Ciência e a Literatura foi oferecido em primeiro lugar pelo Clero e pelo Seminário, mesmo que em suas “catacumbas”, coloca para nós uma questão que precisamos mais uma vez reforçar e analisar e que se refere a presença de clérigos na criação da Academia.

³⁴⁴ CARVALHO, Vilmar Antonio. *Letrados e ufanos: O Club Litterario de Palmares (1882-1910)*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, 2008. p. 19.

³⁴⁵ CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2000. p. 214.

Pelas atas ficamos sabendo que a ASEL foi resultado da organização exatamente daquele grupo de pessoas esclarecidas, onde a Ciência e a Literatura foram se refugiar – entre clérigos e doutores principalmente, entendidos aqui genericamente, porque englobariam os formados em Direito, mas também médicos, farmacêuticos, prefeitos e ex-prefeitos, que talvez fossem integrados ao grupo dos diletantes, ou em outras palavras, homens de letras. Mas como pensar esse intelectual letrado? Carvalho, citando Rama, faz importante consideração, compreendendo:

O letrado enquanto conjunto ou classe de atores sociais que circula, opera e habita uma configuração de focos e circuitos localizados principalmente no centro das cidades modernas. Comportam-se (...) como os principais construtores, distribuidores, administradores e guardiões da linguagem e discursos (...) ³⁴⁶

Os letrados da ASEL serão os guardiões dos discursos mais percucientes sobre a construção da História Local da cidade de Sobral como já sabemos. Arregimentarão suas forças e legitimidade em torno dos significados construídos para fundamentar o que eles chamam de tradição da cidade, e que testemunha o que seria a originalidade de uma cidade, que será temperado pela retórica e erudição dos acadêmicos da ASEL, que entendiam que na Igreja estava resguardado o potencial intelectual e civilizacional da cidade, por isso o principal agente da Igreja Católica da cidade, considerado agente civilizador dos costumes, tornava-se Presidente de honra sem nunca ter frequentado uma única reunião daquele silogeu. Não é à toa que Costa faz a seguinte assertiva:

Sobral é fruto da pecuária, do boi, como salientou João Brígido, e também da ação civilizadora de seu clero, tendo à frente a figura exponencial de homem público Dom José Tupinambá da Frota, verdadeiro ícone, figura máxima da ação civilizadora da Igreja ³⁴⁷.

Para Costa a Igreja Católica, capitaneada na cidade por seu primeiro bispo, foi espaço importante de civilização, centro irradiador dos bons costumes. De modo que entendemos dessa assertiva que ser católico, nessa condição, era o mesmo que ser civilizado e intelectual. Era o mesmo que pertencer a produção da Ciência e da Literatura, seara por excelência do homem de letras da ASEL.

Mas resta-nos perguntar qual o sentido de Ciência e de Literatura que o articulista da Revista Betânia queria expressar em seu texto? Por Ciência passamos, na perspectiva do articulista, a entender algumas formas de forjar a vida social, econômica,

³⁴⁶ CARVALHO, Vilmar Antonio. *Letrados e ufanos*. .Op. Cit. p. 32.

³⁴⁷ COSTA, Lustosa da. *Sobral que não esqueço*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010. p. 17.

cultural e política. Seria uma espécie de experiência capaz de produzir explicações “verdadeiras” sobre a vida social em suas mais amplas manifestações. Podemos considerar que os saberes que informavam a narrativa do articulista da Revista Betânia, sustentavam-se “no pensamento social do século XIX”, de modo que estavam

eivadas de uma análoga intenção de presciência e tinham a vantagem de dar uma ainda maior visibilidade à “vontade de poder” da episteme moderna, já sintetizada por Francis Bacon no célebre aforismo: saber para prever, prever para prover³⁴⁸.

Assim, estava em jogo uma visão de mundo em que as explicações para a realidade fossem supostamente “verdadeiras”, confiáveis, em outras palavras. Sabendo que os portadores dessa ciência naturalista seriam justamente os homens da elite ligados as profissões liberais como médicos, advogados, juízes, professores entre outros, sujeitos do discurso da ASEL. Tínhamos desse modo uma “vontade de poder” que fosse capaz de “prever para prover”. Com relação ao sentido dado à Literatura, compreendemos que o seu significado estava também vinculado as explicações científicas do século XIX, quando “a literatura participava desse momento, imbuindo-se de “espírito investigativo” que se caracterizava por escrever sobre coisas locais; descrição de lugares, cenas, fatos, costumes do Brasil”³⁴⁹. Este, por exemplo, é o caso do romance *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio e *Cassacos* de Cordeiro de Andrade, como já vimos. Esses autores acreditavam que estavam fazendo “ciência”, enquanto seus objetivo e efeitos de sua literatura eram documentar a realidade, expor suas mazelas, no caso as secas de 1877 e de 1919, escrevendo literatura ao mesmo tempo em que faziam ciência, esperando com objetividade, “prever para prover”, sustentando seu texto, desse modo, numa premissa básica de que o testemunho ocular dos acontecimentos estaria apto a dizer e narrar a verdade.

Para o articulista da revista, apesar dos problemas relativos a Ciência e a Literatura, que o mesmo não menciona, ainda era possível desfrutar dessas produções porque a Igreja havia se transformado em seu depositário fiel. A Igreja e alguns profissionais liberais. Falava assim de um “tênue fio”, de certo limite que colocava em questão a suposta tradição cultivada longamente e que queria fazer de Sobral, cidade letrada. Cidade intelectual, talvez, e se sim, pelo trabalho e organização da Igreja

³⁴⁸ ALTAMIRO, Carlos. *Para um programa de história intelectual*. Op. Cit. P. 80.

³⁴⁹ BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Entre a barbárie e a civilização: o lugar do sertão na literatura*. Op. Cit. p. 58.

Católica. Era o que o articulista estava querendo dizer. A própria Revista Betânia fazia parte da estratégia da Igreja em construir canais de intervenção cultural no cenário da cidade em mudança na década de 40 do século passado, uma vez que naquele período a cidade estava se transformando para celebrar seu centenário, abrindo avenidas, construindo praças, entre outras realizações. Por isso “os altos dignitários do clero se empenharam em preservar e expandir a presença da Igreja em áreas estratégicas como o sistema de ensino, a produção cultural, o enquadramento institucional dos intelectuais”³⁵⁰. A criação da Revista Betânia e do Jornal Correio da Semana querem também permitir o direcionamento da sociedade nas questões religiosas e morais, mas se transformando quase sempre em via de mão única para efetivamente fazer saber de seu pensamento, normas e prescrições sociais e culturais.

Sobre a fragilidade das letras na cidade, a ata do dia 15 do mês de fevereiro de 1945, nos diz o seguinte:

Levado pelo entusiasmo comunicativo que saturava o ambiente, pediu a palavra o acadêmico Dr. Tancredo Halley Alcântara que, com a natural habilidade de saber manejar as idéias, *fez uma inteligente apreciação do estado em que se acha, quase relegada, a cultura intelectual*. Comparou este desinteresse ao interesse das outras formas e perquirições do espírito nas indústrias, nas artes, nas ciências, nos laboratórios. E na presença dizimada dos elementos da Academia naquela solenidade, mostrou ele um exemplo patente da sua asserção. *Disse, todavia, que Sobral, consorte às suas tradições, e graças a rigidez de um núcleo trabalhador e irreduzível, mantinha acêso o foco sublime, que se projetava, em realizações como a fundação daquela escola. Exaltando, pois, a cultura intelectual, dirigiu a todos um apelo para uma atitude de reação contra o descaso votado a esta manifestação de inteligência.* (Grifos nosso)

A assertiva é longa e recorrente e merece algumas considerações fundamentais para o nosso trabalho, uma vez que é possível detectar que a suposta tradição intelectual da cidade estava sendo relegada. Devemos esclarecer primeiro que se trata da Sessão Inaugural da Escola Ernesto Deocleciano, escola noturna fundada e mantida pela ASEL, especialmente para os trabalhadores da Fabrica de Tecidos Ernesto Deocleciano, industrial, pai do acadêmico Dr. José Sabóia, e que pretendia, entre outras coisas, resguardar o operariado do “perigo comunista”. A sessão ocorreu em prédio de

³⁵⁰ MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL, 1979. p. 51.

propriedade do Dr. José Sabóia e contou com a presença de número significativo de acadêmicos, e parte da sociedade sobralense. Na ocasião foi procedido “a chamada dos alunos matriculados, então, em número de cinquenta e dois, tendo comparecido trinta e nove”. O prefeito municipal foi convidado a presidir a solenidade, que contou com a participação de dois oradores oficiais, sendo o primeiro o professor Manoel Pinto Filho, depois tomou a palavra Arsênio Flexa. Em seguida foi franqueada a fala, tomando a palavra o Presidente da Academia que leu “acurado” trabalho “em que discorreu, com grande conhecimento de causa, sôbre a fundação da Escola e a influência que esta iria ter nos destinos do operariado”. Em seguida Dr. José Sabóia, filho do homenageado, “trouxe os seus agradecimentos, em acentos comovidos, pelas referências que foram feitas à sua pessoa, notadamente pelas que se dirigiram ao passado de Ernesto Deocleciano”. É exatamente depois da fala de Dr. José Sabóia que pede a palavra, “levado pelo entusiasmo comunicativo que saturava o ambiente”, o Dr. Tancredo Halley de Alcântara.

A apreciação que Dr. Tancredo Halley faz sobre a cultura intelectual da cidade, não é muito diferente da que foi feita por outro acadêmico, Maurício Mamede, anteriormente e pelo articulista da Betânia, pois para ele essa cultura encontrava-se “quase relegada”, e era bem menor do que “outras formas de perquirições do espírito nas indústrias, nas artes, nas ciências, nos laboratórios”. Precisamos lembrar mais uma vez, que essa visão sobre uma “crise na cultura”, se processa praticamente em âmbito nacional, pois “o sentimento de crise não advinha apenas da conflagração mundial (...). Depois da efervescência dos anos 20, em que se deram a Semana de Arte Moderna, a fundação do PC, movimentos sociais”, resultando disso, uma “recessão da atividade crítica”, e enfatizando que “a sensação é de abandono, de crise”.³⁵¹ Mas depois de reconhecer os problemas relativos a cultura intelectual e com sua “natural habilidade de saber manejar as idéias”, reconhece, “todavia, que Sobral, consorte à suas tradições, e graças a rigidez de um núcleo trabalhador irredutível, mantinha aceso o foco sublime, que se projetava, em realizações”, e cita como exemplo, a fundação da escola que estava sendo inaugurada. E o que aparentemente parece contraditório, isto é reconhecer que a cultura intelectual estava praticamente relegada na cidade, e por outro lado destacar que Sobral “mantinha aceso o foco sublime, que se projetava em realizações”, não é nada mais do que o reconhecimento de que a cultura intelectual estava com problemas

³⁵¹ MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. São Paulo: Editora 34, 2008. p. 123-124.

exatamente porque seu lugar de produção se restringia unicamente a um pequeno núcleo de intelectuais concentrados na ASEL.

O texto da Betânia vai produzindo estrias, rugas na pele sensível de uma cidade ideal que se alimentava de um determinado passado elevado a condição de núcleo de toda diferença que marcava a sua história, especialmente sua força intelectual, no dizer de uma vasta tradição memorialística e historiográfica locais e que se reproduz continuamente.

O texto é muito claro na mobilização de estratégias retóricas com o objetivo de garantir à fala o lugar de sua própria justificativa. Afirmar que a Ciência e Literatura se refugiaram nas “catacumbas” da Igreja talvez signifique simbolicamente para nós que em tempos difíceis a Igreja poderia representar um porto seguro, um lugar de resguardo e de manutenção da cultura e da ciência, no entanto, ao escolher a palavra “catacumbas” para possivelmente significar esse lugar de resguardo, o articulista lança mão de uma imagem no mínimo contraditória, posto que, desse modo a Ciência e a Literatura estariam como que “prisioneiras” na escuridão, no lugar mais baixo e frio, sem encontrar dessa forma, a “luz” do dia representada aqui pela Igreja, como quer sugerir o texto.

Dr. Tancredo Halley termina sua fala, “exaltando, pois, a cultura intelectual”, dirigindo “a todos um apelo para uma atitude de reação contra o descaso votado a essa manifestação de inteligência”. Dr. Tancredo falava do interior da Academia, o lugar de produção de seu discurso era a ASEL, e a Academia exigia dele e de seus confrades naquele momento de inauguração de uma escola noturna para trabalhadores da fiação, uma atitude de “engajamento” em torno de melhores dias para a cultura intelectual. Mas o que seria essa *cultura intelectual*? Mesmo reconhecendo, “contudo, como assinala Mauss que “os indivíduos podem representar coletividades inteiras que se abrigam mutuamente”³⁵², os alunos da Escola Ernesto Deocleciano seriam participantes dessa cultura intelectual? Ou, podemos afirmar que seria essa cultura intelectual que iria influenciar “nos destinos do operariado”? Dr. Tancredo falava em nome de uma coletividade que se abrigava mutuamente, mas essa coletividade não englobava a escola, mas unicamente seus confrades, conseqüentemente essa suposta cultura

³⁵² ABREU, Regina. *A fabricação do imortal. Memória, história e estratégia de consagração no Brasil. Op. Cit.* P 33.

intelectual era um atributo de poucos. No Projeto de Regulamentação da Escola Ernesto Deocleciano, aprovado em sessão de 25 de março de 1945, não temos nenhum esclarecimento sobre os programas oferecidos aos alunos, todos eles adultos. Temos o Artigo II, Dos Cursos e Programas que nos esclarece apenas que:

A Escola compreenderá um curso preliminar e outro fundamental, ambos obedecendo aos programas dos cursos de educação de adultos, aprovados de acordo com o Decreto nº 7.507, de 17 de maio de 1943, da Prefeitura do Distrito Federal.

No Artigo III, Da Diretoria e atribuições, é estabelecido que “O Presidente da Academia será o Diretor da Escola, uma vez que esta é, em tudo, subordinada àquela”. Portanto, temos na fundação da escola uma ação da ASEL no sentido de manter em atividade a cultura na cidade, mas precisamos duvidar da boa vontade dos acadêmicos quando nos referimos ao sentido de cultura que eles apregoam. Claro estava que naquele momento “(...) as elites assumiam messianicamente o papel de condutores de um processo civilizatório destinado a redimir os povos (...)”³⁵³. Os operários da fábrica de tecido assim deveriam ser redimidos pelos intelectuais, e mais do que isso, não resta dúvida de que nessa perspectiva o “homem ordinário”, no sentido defendido por Certeau, deveria ser tutelado e civilizado pelos letrados, pelos portadores de uma cultura intelectual. Se vislumbramos na fundação da escola uma “ênfase na cultura letrada como possibilidade de progresso”³⁵⁴, podemos entender assim os intelectuais da ASEL como “condutores de um processo civilizatório”. Eles são capazes, portanto, de garantir a sociedade e no caso particular dos operários da fábrica de tecidos, longe de qualquer influência comunista, diga-se de passagem, um futuro que seria melhor porque adequado conforme é “a instrução, a educação que “liberta” o homem”³⁵⁵. Mas não seria a liberdade de uma condição social específica, mas sim a libertação de certo modo de sua própria ignorância. Compreendamos com isso que:

Esse lugar tão especial atribuído à cultura e ao intelectual está vinculado à crença, muito compartilhada na época, na força transformadora da educação. Assim, se os projetos eram muitos e muito diversificados, todos concordavam quanto ao potencial das

³⁵³ ABREU, Regina. *A fabricação do imortal... Op. Cit.* p. 106.

³⁵⁴ OLIVEIRA, Raimunda Ivoney Rodrigues. *Gustavo Barroso: A tragédia sertaneja. A Criação do Pensamento Popular – 1912-1959*. Fortaleza: Secult, 2006. P. 98.

³⁵⁵ *Idem.* P. 107.

atividades “pedagógicas”, fossem elas implementadas por médicos, engenheiros, professores, literatos, artistas (...) ³⁵⁶

A ASEL, dessa forma estava colocando em prática um dos projetos gerais capitaneados por intelectuais que durante as primeiras décadas do século XX se organizavam em busca da produção de sentidos para o entendimento de que a cultura, compreendida como uma prática letrada, mais ligada à figura ainda do erudito, poderia construir representações e práticas mais “civilizadas” sobre a sociedade. Não é por acaso também que a produção histórica da Academia dispunha a História como uma possibilidade educadora da sociedade que, ao legitimar o passado como o fundamento do que seria certa tradição, legitimava a sua escrita e o seu conhecimento. Conhecer a História, portanto, uma história voltada para o passado, equivaleria a preparar e ajustar o presente vivido. O lugar especial atribuído ao intelectual torna-se importante também porque “a vida intelectual constitui um importante sinal da capacidade e diferenciação social de uma determinada sociedade” ³⁵⁷.

Retomando o pensamento do articulista da Revista Betânia, ele garante que a cidade de Sobral conseguiu organizar-se de forma diferenciada, especialmente sob o ponto de vista da cultura intelectual, visto que:

Sob o ponto de vista intelectual, Sobral está atualmente, quase materializado. A Academia S. de E. e Letras é uma “avis rara”, o exemplar duma raça semi-extinta. A cultura mediana dos comerciantes e os estudos superficiais dos bacharéis hodiernos são um verniz colorido, aplicado à essência fraca da nossa intelectualidade ³⁵⁸.

No mesmo artigo o articulista fala de maneira ufânica da cidade de Sobral na década de 1940, tom usual quando se escreve sobre a história local no período, nos dizendo que “É- nos impossível desfarçar, ao percorrer hoje em dia, as ruas de Sobral, uma admiração espontânea e razoável, provocada pelo progresso e pelas benéficas transformações operadas na cidade”. E mais à frente, referindo-se ao comércio de exportação afiança que o mesmo “trouxe-nos um impulso providencial, que afastou de nós aquela ameaçadora apatia moderna de cidade morta”. Sobral foi um dos maiores exportadores de chapéus de palha do Nordeste, e grande produtor de algodão, e esse tipo

³⁵⁶ GOMES, Angela de Castro. *Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso de Festa Op. Cit.* p. 83.

³⁵⁷ OLIVEIRA, Almir de Leal. *Universo letrado em Fortaleza na década de 1870*. In: NEVES, Frederico de Castro. SOUZA, Simone (orgs). *Intelectuais*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002. p. 14.

³⁵⁸ SOUZA, Eliezer Beny. *Sobral, fatos e opiniões*. In: Revista Betânia. Órgão trimestral do Seminário São José de Sobral. Ano VII, março de 1946. p. 13.

de comercio fez algumas fortunas na cidade. E continua nos dizendo que “ninguém, percorrendo, hoje os trechos centrais da cidade, simétricos, nivelados, pavimentados e limpos, lembrar-se-á do que eram eles outrora tortuosos, esburacados e sórdidos”. E o articulista continua suas assertivas louvando o prefeito da cidade “que soube compreender, interpretar e executar as aspirações do público sobralense”. O autor faz todo esse arrazoado para tentar dirimir qualquer dúvida de que intelectualmente a cidade estava bem servida em vista da existência da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Portanto, mesmo construindo uma visão sobre uma cidade ideal, reconhecendo que a cidade estava mudando, que as ruas alinhadas e niveladas eram uma maravilha para os olhos, mesmo apontando a cidade recém-saída de uma apatia modorrenta, a inauguração do novo mercado público, com um prefeito “realizando as expectativas da população”, ainda assim, Sobral estava materializando pouco a pouco o seu progresso, e que apesar de tudo isso, os problemas existiam, como a falta de água e luz por exemplo. A Academia Sobralense de Estudos e Letras seria responsável por essa façanha. Mas por que o articulista usa a expressão “quase materializado”? Por que mesmo não querendo deixar nenhuma dúvida, ela permanece? A ASEL já existia há três anos. A academia já havia publicado pelo menos uma de suas revistas, no caso um boletim. Havia contribuído sobremaneira em 1945 para a publicação do livro do acadêmico Monsenhor Linhares, *Notas Históricas da Cidade de Sobral*, e que foi fundamental para firmar a importância da Academia no cenário intelectual da cidade. O que estava faltando então? Que falta detectava o articulista para colocar ainda que numa posição de destaque a ASEL, mas sem, contudo, firmar o seu lugar? A ASEL estaria ligada as supostas tradições letradas da cidade, já que:

Desde os seus primórdios, em Sobral houve sempre a preocupação da educação dos filhos. Podemos afirmar que quase todas as famílias os mandavam para as Academias e Seminários do país, donde o número avultado de médicos, engenheiros, juristas, bacharéis, sacerdotes, muitos dos quais se notabilizaram nas suas respectivas carreiras. E assim temos a elevação do nível cultural em quase todas as famílias antigas de Sobral.³⁵⁹

É exatamente sobre essa tradição inventada que estamos falando até aqui, e que D. José enfatiza como uma tradição que remonta aos primeiros tempos da cidade, tempos quase míticos. Quando menciona que “quase todas as famílias os mandavam para as Academias e Seminários do país”, estava claramente se referindo a um pequeno

³⁵⁹ FROTA, Dom José Tupinambá da. *História de Sobral. Op. Cit.* p. 503.

núcleo de comerciantes, industriais ou fazendeiros ricos. Nesse sentido chamou nossa atenção, já na Ata de aprovação dos Estatutos da Academia em 1943, o grande número de doutores, que evidentemente passaram pelas academias, e de padres, que frequentaram seminários, e que por isso se constituíram enquanto agentes intelectuais da cidade, a manejar um bem organizado “capital social” capaz de garantir um espaço de atuação para essa elite.

A presença de Doutores era bastante significativa na cidade de Sobral e no Brasil, já que “o bacharelado tornou-se uma instituição nacional”³⁶⁰. No lastro da tradição de estudos criada com as faculdades de Olinda e São Paulo, a cidade mandou os filhos da elite para as academias, a princípio em Olinda – Recife, principal centro de formação de uma elite regional – Domingos Olímpio e Dr. José Sabóia, por exemplo, fazem esse percurso – e depois na Faculdade de Direito do Ceará³⁶¹, onde o Dr. Clodoveu de Arruda Coelho, juiz da cidade e importante membro das duas Academias, se formou. Mesmo assim, com o número avultado de bacharéis, o articulista da Revista Betânia não deixou de criticar essa cultura, como já vimos, nos dizendo que os “estudos superficiais dos bacharéis hodiernos são um verniz colorido, aplicado à essência fraca da nossa intelectualidade”. Talvez o grande número de bacharéis em Sobral tenha causado a impressão de saturamento dessa profissão na cidade. Sobre essa questão, temos a seguinte notícia com o sugestivo e irônico título *Safra de doutores*:

De ano para ano as nossas Academias abrem suas portas para dar saída a centenas de doutores. Hoje em dia quase todo mundo é doutor. Não é preciso defender tese nem ser médico (...) Com tão enorme safra de doutores, o pai sertanejo que dispõe de recursos, não quer o filho para o campo. Com a sua vaidade muito natural, com grandes sacrifícios consegue colocar no dedo do filho o anel de doutor³⁶².

A nota do articulista, impressa de forma destacada na página 2 do jornal é bastante irônica com relação a “safra de doutores” que infesta as cidades da região, especialmente em Sobral e em cidades da Serra da Ibiapaba, maciço montanhoso e sede de várias cidades na Região Norte do Ceará. Sua atenção reside na falta de braços para a lavoura. Na sequência da nota, nos diz “(...) seja nos permitido citar o abandono em que se encontra a serra da Ibiapaba, tão fértil, e guardando sempre as suas terras, a direção

³⁶⁰ OLIVEIRA, Raimunda Ivoney Rodrigues. *Gustavo Barroso: A tragédia sertaneja*. Op. Cit. p. 49.

³⁶¹ A Faculdade de Direito do Ceará foi fundada no dia 21 de fevereiro de 1903, sendo a primeira instituição de ensino superior do Ceará.

³⁶² NEDHIS: Jornal Correio da Semana, 5 de fev. de 1943. p. 2.

segura dos entendidos em agronomia”³⁶³. Sabemos que praticamente no mesmo período se fazia uma defesa em prol da construção de escolas agrícolas, ao mesmo tempo em que se levantava forte crítica ao bacharelismo predominante no país, de modo que

A ideologia do progresso e da modernização também impregna a formação de doutores da agricultura, que vêem nas ciências a forma mais sofisticada para recuperação dos solos já cansados e a mecanização da lavoura, enfim, uma agricultura mais racional.³⁶⁴

Para o articulista, portanto, os agrônomos, que não gozavam da mesma legitimidade dos doutores, eram mais importantes para a região do que os “doutos advogados”. Assim, em Sobral da década de 1940, de certo modo se observa uma cultura letrada bacharelesca, a exemplo da elite imperial, quando os “bacharéis em Direito (...) formavam parcela significativa da elite dirigente do País”³⁶⁵.

O bispo D. José sem dúvida nenhuma é um dos inventores mais entusiasmados da condição de Sobral como uma cidade voltada para o desenvolvimento cultural de sua gente, entenda-se aqui elite católica, que para ele deveria ocupar os postos de comando da sociedade. Por isso constantemente volta a carga e fabrica a imagem da cidade num cenário que seria de expressão intelectual. Assim nos diz que:

Até hoje conserva Sobral a sua tradição de *cidade aristocrática*, devido ao zelo que sempre demonstravam as famílias para educação e instrução dos filhos e no cuidado de conservar o rigor da moralidade e dos costumes públicos.³⁶⁶ (Grifos nosso)

D. José fala-nos de uma tradição que parece não ter fim, enquanto traz para o seu tempo – tempo de escritura do livro, ou seja, em 1952, a sua conservação. Sobral como cidade aristocrática teria, segundo ele, a ver com o zelo que as famílias demonstravam com relação a educação e instrução dos filhos. Reforça a ideia de que as famílias conservavam “o rigor da moralidade e dos costumes”, e para isso contribuiu sem dúvida nenhuma a figura do professor, ou melhor, dos professores de latim, que “interessavam-

³⁶³ Vale a pena refletir que a Escola de Agronomia do Ceará foi encampada pela Universidade Federal do Ceará, quando de sua criação em 1954 e implantação em 1955, mas a escola já existia desde a década de 1920, o que nos leva a pensar na dificuldade efetiva de qualificação da mão de obra localizada na Serra da Ibiapaba. Quando a nota é divulgada no Correio da Semana, sobre a “safra de doutores”, certamente o acesso a Escola de Agronomia era ainda mais complicada, pois não se tratava de uma instituição eminentemente pública, apesar de sabermos que de início buscava-se a formação dos filhos das classes menos favorecidas da sociedade, e além do mais o curso estava localizado em Fortaleza.

³⁶⁴ CASTELO BRANCO, Uyguciara Veloso. *A construção do mito do “Meu Filho Doutor”*. *Fundamentos históricos do acesso ao Ensino Superior no Brasil*. Paraíba-João Pessoa: Editora da UFPB, 2005. p. 125.

³⁶⁵ OLIVEIRA, Almir Leal de. *Universo letrado em Fortaleza na década de 1870*. *Op. Cit.* p. 19.

³⁶⁶ FROTA, D. José Tupinambá da. *História de Sobral*. *Op. Cit.* p. 503.

se não só pelo adiantamento literário dos alunos como principalmente esforçavam-se em formar-lhes o caráter e despertar-lhes no coração o desejo de serem úteis ao Brasil e a religião³⁶⁷. Assim, compreendemos na confluência de um texto que desata sentidos inerentes ao lugar de produção da obra, que ser professor naquele contexto de que fala o bispo, era exercer uma espécie de “sacerdócio” em nome da Pátria e da Religião Católica.

Na sequencia traremos uma tabulação muito importante para que possamos dimensionar entre outros profissionais, a “safra de doutores” em atividade na cidade de Sobral na década de 1940, bem como a existência de padres, muitos deles cerrando fileiras junto a ASEL, de professores, maestros, médicos, militares, bem como de outras profissões encapadas pela elite da cidade, “segundo a situação de residência”.

³⁶⁷ *Ibidem.* p. 504.

Profissão	Total		Migrante/ Falecido		Residente em Sobral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
01. Advogado/juiz	95	24,1	78	28,2	17	14,8
02. Oficial Militar	48	12,2	48	17,3	—	—
03. Comerciante	42	10,7	12	4,3	30	26,1
04. Padre	37	9,4	25	9,0	12	10,4
05. Medico	31	7,9	24	8,6	7	6,1
06. Engenheiro	25	6,3	22	7,9	3	2,6
07. Oficial da Gda. Nacional	14	3,6	12	4,3	2	1,7
08. Jornalista	10	2,6	8	2,9	2	1,7
09. Contador	10	2,6	3	1,1	7	6,1
10. Agrônomo	9	2,3	6	2,1	3	2,6
11. Farmacêutico	8	2,9	4	1,4	4	3,5
12. Maestro	8	2,9	3	1,1	5	4,3
13. Professor	7	1,8	1	0,4	6	5,1
14. Fazendeiro	7	1,8	3	1,1	4	3,5
15. Dentista	6	1,5	3	1,1	3	2,6
16. Poeta	5	1,3	4	1,4	1	0,9
17. Industrial	5	1,3	1	0,4	4	3,5
18. Banqueiro	4	1,0	3	1,1	1	0,9
19. Funcionário Público	3	0,8	3	1,1	—	—
20. Agrimensor	2	0,5	2	0,7	—	—
21. Tabelião	2	0,5	1	0,4	1	0,9
22. Guarda-Livros	2	0,5	1	0,4	1	0,9
23. Veterinário	1	0,3	1	0,4	—	—
24. Piloto	1	0,3	1	0,4	—	—
25. Desenhista Técnico	1	0,3	—	—	1	0,9
26. Não Declarado	9	2,3	8	2,9	1	0,9
	392	100,0	277	100,0	115	100,0
	(100%)		(70,7%)		(29,3%)	

Quadro 6 - Fonte: Martins, 1942. (Tabulação da professora Teresa Maria Frota Haguette-UFC)

A tabulação acima, organizada pela professora de Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, Teresa Maria Frota Haguette, foi feita a partir do livro *Homens e Vultos de Sobral*, de autoria do Monsenhor Vicente Martins³⁶⁸, como

³⁶⁸ HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *As elites sobralenses na década de 40*. IN: Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza. Vol. 105, ano CV. 1991. p. 399.

sabemos. *Homens e Vultos de Sobral*, foi publicado em primeira edição em 1941, em homenagem ao Primeiro Centenário da Fundação da Cidade de Sobral (1841), e também a Dom José Tupinambá da Frota, pelo 25º aniversário de sua Sagração Episcopal e inauguração da Diocese (1916-1941). O livro utilizado é a 2ª edição da obra publicada pelo Núcleo de Documentação - NUDOC-UFC, em 1989. Discutiremos na continuidade a tabulação feita por Haguette para que possamos fazer uma reflexão sobre a presença de doutores na cidade, bem como de outros profissionais que ajudaram a manter o “fio tênue de nossa cultura” e buscaram consagrar assim Sobral como cidade intelectual³⁶⁹.

O artigo do Correio da Semana sobre a “safra de doutores”, citado anteriormente, apesar da ironia e mordacidade do mesmo, é para o historiador um sintoma que certamente poderia apontar para um “corpo doente”. Os doutores tinham origem especialmente nas famílias abastadas da cidade e região, eram, filhos de uma elite ligada a terra, ao comércio, ou a indústria nascente da cidade³⁷⁰. Vários fazendeiros eram também comerciantes em Sobral e exerciam atividades de exportação, e essas atividades também proporcionaram grandes dividendos para várias famílias da cidade e região.³⁷¹ Não por acaso João Brígido havia escrito no jornal *A Cidade* em 1900, a respeito de Sobral, que “aqui o boi fez o homem”, e que a cidade deveria ser chamar

³⁶⁹ Segundo o Censo Demográfico do IBGE – Recenseamento Geral do Brasil em Sobral para o ano de 1940 para Pessoas de 10 anos ou mais que possuem curso completo ou diploma de estudos por sexo e grau de ensino, para uma população total de 56,067 habitantes, temos que em Sobral, do total de 747, temos que 352 eram homens, e 395 mulheres. Com o Grau elementar temos o total de 447, sendo 187 homens e 260 mulheres. Com o Grau Médio temos o total de 219, sendo 104 homens e 115 mulheres. Mas quando o censo faz referência ao grau superior, a disparidade entre homens e mulheres continua a prevalecer, só que dessa vez em favor dos homens, pois temos o total de 52 homens contra apenas 3 mulheres, e isso se reflete, de certa forma, na composição da ASEL que só passou a ter mulheres entre seus membros na década de 1980. Fonte: Censo Demográfico – Sobral. Recenseamento Geral do Brasil, setembro de 1940. Série Regional – Parte VI – Ceará – Tomo 1.

³⁷⁰ O comércio fez fortunas na região. “As atividades mercantis sempre foram dominantes nesta região próxima ao rio Acaraú”. Temos assim, já em 1920 a criação da Associação Comercial de Sobral, e em 1921 foi criada a Associação dos Empregados do Comércio. Atividade industrial era bastante limitada. Havia uma fábrica de tecidos importante no Ceará, duas usinas de beneficiamento de algodão e óleo e uma de beneficiamento de oiticica, uma fábrica de mosaicos, duas de bebidas, uma de gelo e duas de sabão. Havia também a Companhia Industrial Luz e Força de Sobral responsável pelo fornecimento de energia elétrica a parte considerável da população. Ver: HAGUETTE, Teresa Maria Frota. As elites sobralenses na década de 40. Revista do Instituto do Ceará. Vol. 105, ano CV. 1991.

³⁷¹ “A criação de gado nas fazendas era muitas vezes associada a atividades ligadas ao comércio. A abundância da carnaúba na área propiciou o desenvolvimento do artesanato de palha de carnaúba, especialmente os chapéus, que eram comercializados através das firmas atacadistas e grande parte exportados para o Sul do País e exterior. Na década de 40 existiam em Sobral oito casas que comercializavam o chapéu de palha, como José Modesto F. Gomes, Júlio Aragão, Valdemar Lira, Moacir Mendes, Raimundo Pontes, Henrique Fernandes, Pedro Carneiro e Vicente Custódio. Ver: HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Elites sobralenses na década de 40. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza. Vol. 105, ano CV. 1991.

“Pecuária” e não Sobral. Temos dessa maneira uma cidade com relativos problemas de desenvolvimento econômico, mas com a presença de um comércio relativamente forte, com uma bem montada rede bancária na cidade, com a presença de 4 bancos, entre eles o Banco do Brasil, o Banco de Crédito Comercial S/A, o Banco de Crédito Popular de Sobral S/A e a Casa Bancária Frota Gentil de Sobral Ltda. A criação destes bancos se deveu, em parte, as necessidades de “restabelecimento da economia abalada (...) pela seca de 1915 e pela devastação do algodão nos anos de 1930 que levaram ao surgimento de várias Cooperativas Agrícolas no Estado”³⁷².

Sobre a presença das famílias abastadas da cidade na década de 40 do século passado, especialmente da que se convencionou chamar de “a dinastia do gado”, é possível encontrar seus vestígios visitando o Museu Dom José, órgão do Diocese e que foi organizado praticamente durante toda a vida do primeiro bispo da cidade. Lá estão em salas muito bem iluminadas os objetos caros e refinados como cristais da Bohemia, porcelana da China, tapetes persas e bibelôs franceses, importados pelo porto da cidade de Camocim³⁷³, porta de saída do estado e de entrada para a Europa. Sobre o museu temos as impressões de um acadêmico da ASEL muito importante:

Mobílias antigas, relógios, pratarias, baixelas, broches, anéis, brincos, pulseiras, terços, enfim, jóias e adornos usados pelas elegantes de épocas passadas, todo um riquíssimo acervo foi pacientemente arrecadados. Fabulosa é a coleção de imagens, esculpidas por artistas famosos, nacionais e estrangeiros, e em tal quantidade que elas por si só dariam para formar um museu de arte sacra³⁷⁴.

O museu e a figura do primeiro bispo, D. José, se confundiam plenamente. Assim como a figura do bispo era apresentada rotineiramente numa simbiose com a cidade e sua história, de modo que um justificaria o outro. Ramos idealiza ainda quando nos diz que “entre as monumentais obras deixadas por D. José, nenhuma de maior porte, no setor cultural do que o Museu que hoje, com muita justiça, leva o seu nome”. Citar o Museu Diocesano, depois Museu D. José no corpo desta pesquisa equivale a encontrar mais uma faceta da invenção de uma identidade estrategicamente nascida no seio da classe abastada da cidade, ainda que o museu num primeiro momento esteja deslocado na cidade como espaço heterogêneo, rosto estranho; espaço multiconservador de Sobral, sendo mais um dos lugares de manutenção e reverberação do que seria a identidade de

³⁷² HAGUETTE, Maria Teresa Frota. *As elites sobralenses na década de 40*. Op. Cit. p. 394

³⁷³ A estrada de ferro em atividade desde o final do século XIX, foi desativada em 1977 o que paralisou as atividades no porto.

³⁷⁴ RAMOS, João Ribeiro. *O Museu D. José*. Álbum do Bicentenário de Sobral. Sobral, s/d, 1973. P. 22

uma cidade heráldica, temperada pela inteligência e progresso de uma classe supostamente distinta. Num segundo momento o museu é exatamente o “lugar de memória” dessa classe abastada. Mas em sua origem encontramos em Sobral certo descaso para com a obra de coleção do bispo, por isso

O Museu Diocesano só começou a despertar maior interesse, não só por parte dos sobralenses como pela gente culta do Estado, após a visita do Acadêmico Gustavo Barroso, então Diretor do Museu Nacional, e museologista douto, que aqui esteve a convite de D. José, em novembro de 1955. O eminente homem de letras, depois de visitar demoradamente o museu, quase que peça, por peça, não conteve a sua admiração ante as inúmeras preciosidades do acervo ali guardado, estranhando que tudo aquilo permanecesse quase amontoado, em espaço estreito e sem a devida catalogação. De volta ao Rio de Janeiro, Gustavo Barroso fazia divulgação sobre o Museu de Sobral, classificando-o como o terceiro do Brasil em importância. D. José exultou com a notícia e os sobralenses passaram a orgulhar-se do seu Museu, hoje de renome nacional, já que é um dos primeiros do país.³⁷⁵

Como ficamos sabendo pela citação acima, supostamente o museu não tinha muita repercussão na cidade e no estado. Mas depois da visita de Gustavo Barroso, então Diretor do Museu Nacional em 1955, a convite de D. José, os olhos da cidade e do estado se abriram para o museu, pelo menos é o que diz Ramos. Precisamos reconhecer de um lado que o Museu D. José é um dos mais importantes museus em arte sacra e decorativa do Ceará e do Nordeste. O fato de Gustavo Barroso considerá-lo como “o terceiro do Brasil em importância”, talvez tenha a ver com o espírito do mesmo, que de certo modo tinha certa proximidade com o Museu Nacional, já que tanto aqui como lá, “a aparente diversidade deixava entrever a disposição hierárquica dos objetos, que traziam a aura de seus possuidores. Deles emanavam hábitos considerados civilizados”³⁷⁶. A grande maioria das peças expostas no Museu D. José, desse modo, acendem um fio de memória considerada faustuosa que procura alcançar a cidade distinta, com uma história forjada sob os lastros da invenção de uma “gente culta e enobrecida”, “gente fidalga com ares de nobreza”. O museu conserva vários objetos ligados a monarquia e celebra a ligação da cidade do presente com o passado considerado fidalgo da terra. Esses objetos são vários exemplares da bandeira do Império, várias armas com as iniciais de Pedro II, especialmente, como constatamos abaixo:

³⁷⁵ RAMOS, João Ribeiro. *Museu D. José. Op. Cit.* p. 23.

³⁷⁶ ABREU, Regina. *A fabricação do imortal. Op. Cit.* p. 187.

Figura 2 – Brasões Imperiais



Fonte: Museu Dom José



Figura 3 - Armaria do Império

Fonte: Museu Dom José

Em interessante estudo sobre as elites cearenses Josênio Parente defende que “as elites cearenses oscilaram do conservadorismo – na década de 1930 – para a modernidade – na década de 1990”, considerando que:

A aparente contradição entre a debilidade (...) das elites políticas cearenses e o seu fortalecimento naqueles momentos significativos aconteceram devido a vários fatores, mas ligados a momentos de integração da sociedade e da economia cearenses a uma realidade estruturalmente maior.³⁷⁷

³⁷⁷PARENTE, Josênio C. *A Fé e a Razão na Política. Op. Cit.* p 21.

Oscilando entre o conservadorismo e a modernidade, as elites cearenses forjaram as suas ações a partir das necessidades impostas pelas mudanças de caráter nacional. O fortalecimento dessa elite se dá exatamente quando a economia cearense se integra ao mercado internacional, especialmente quando suas exportações de algodão – o “ouro branco” – cresceram com a Guerra da Secessão americana, o que permitiu essa integração ao mesmo tempo em que lançava para a vanguarda da sociedade uma elite comerciante que também refinava seus modos a partir mesmo de suas grandes moradias construídas nos arrabaldes de Fortaleza, e em Sobral, especialmente no centro da cidade. Defendemos que a elite sobralense também oscila entre o conservadorismo e a modernidade, notadamente porque a influência do bispo Dom José era bastante significativa em todos os quadrantes e cenários de Sobral, estendendo seu “manto episcopal” sobre a cidade, disseminando sua forma de encarar a vida religiosa e secular, o bispo pregava, como já frisamos, uma modernidade conservadora e exigia fidelidade a Igreja e à sua palavra, encontrando muitas vezes resistência que abriam flancos na cidade conservadora, e como exemplos podemos citar os embates entre o bispo e o juiz Dr. José Sabóia, ou entre o bispo e protestantes que começavam a chegar à cidade.

Sobre as elites locais na década de 40 temos a informação importante sobre o seu lugar de moradia:

As elites sobralenses da década de quarenta habitavam no perímetro urbano que envolve não só o centro comercial que era também residencial como tinham suas casas ao redor das inúmeras igrejas da cidade que se constituíam como praças: Praça da Sé, Praça do Patrocínio, Praça do Rosário, Praça do Menino Deus, Praça São Francisco. Outras igrejas antigas como a de Santo Antonio (reconstruída em 1955), Nossa Senhora das Dores (1872) e Senhor do Bonfim (1922), anexo ao Seminário Menor do Bairro da Betânia, também foram núcleos aglutinadores de residências de classe média. As residências se moldavam no estilo português, muitas delas assobradadas³⁷⁸.

É parte dessa elite que compõe a lista de intelectuais e profissionais liberais que ocuparam cadeiras na ASEL. Vamos refletir um pouco sobre o número de alguns desses profissionais na tentativa de compreender a relação deles com criação da ASEL e com sua existência dentro de Sobral. Chama-nos atenção logo de início, o grande número de alguns desses profissionais, como a presença de 10 jornalistas, sendo que desses 10, 3 migraram ou faleceram. Claro que se pensarmos no número de jornais que a cidade já

³⁷⁸ HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Elites Sobralenses*. Op. Cit. P.396-397

teve, o número talvez signifique pouco, no entanto, se levarmos em conta que a maioria dos jornais, com algumas exceções, foram de vida curta, então o número de jornalistas é consideravelmente grande. A presença de 10 jornalistas na cidade enfatiza entre nós a importância do jornal, pois “já no final do século XIX, a construção da cidade, a hierarquização dos espaços urbanos e a diferenciação social dos bairros expressa-se no movimento de expansão da imprensa periódica.³⁷⁹” Sobre o jornalismo na cidade assim se refere Araújo:

A partir de 14 de agosto de 1864, dia em que circulou o primeiro número do jornal **Tabira**, periódico político liberal, Sobral começou a participar das lides da imprensa. Seu proprietário, Manuel da Silva Miragaia, natural de Teresina, montou sua tipografia na rua da Vitória.(...) Durante o século dezenove, Sobral possuiu 29 periódicos.³⁸⁰ (Grifo do autor)

A existência de 29 jornais no final do século XIX aparentemente poderia indicar que parte significativa da população sabia ler e escrever, que a educação na cidade era relativamente considerável. Nesse sentido, Haguette menciona em seus dados a presença de 7 professores, apontando o falecimento ou migração de apenas 1, e que 6 moravam em Sobral. O que nos chama atenção aqui é que a Ata de Aprovação dos Estatutos da ASEL em 9 de outubro de 1943, 8 professores assinaram, sendo que alguns deles tiveram vida ativa na Academia, entre eles Maurício Mamede Moreira, secretário da ASEL, Francisco Braga Hardi e Antonio Ferreira Porto.

Outro dado que é digno de nota é a presença de 8 maestros na cidade, sendo que 3 faleceram ou migraram. De qualquer modo temos o indício do refinamento de uma classe abastada e que se refletiu como analisaremos mais adiante, nas impressões de Antonio Bezerra em suas Notas de Viagem que ouvia “os sons do piano por toda parte”, quando de sua passagem pela cidade em 1884.

Ficamos sabendo com Araújo que “no ano de 1813, Eugênio José da Silva abre uma escola particular de música, desenvolvendo o gosto pela arte musical, apesar da falta de instrumentos adequados que o obrigava a se restringir ao ensino do solfejo e ao ensaio de cantos sacros”³⁸¹. Não encontramos nas atas da ASEL a presença de nenhum maestro da cidade, sendo que a participação de alguns deles se restringia a tocar em algumas das sessões extraordinárias da Academia. A presença de maestros e de suas

³⁷⁹ CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta. Op. Cit.* p. 117.

³⁸⁰ ARAÚJO, Pe. Francisco Sadoc de. *Origem da cultura sobralense. Op. Cit.* p. 91-92.

³⁸¹ *Ibidem.* p. 131.

bandas era tão forte na cidade, que a música acabou servindo para demarcar espaços políticos entre liberais e conservadores:

Em 1886, estabeleceu-se em Sobral o português Antonio Fortunato Moura, musicista integrante de uma companhia dramática que visitava a cidade. Como a banda do maestro Galdino Gondim era composta de elementos do Partido Liberal, a liderança do Partido Conservador resolveu contratar o maestro Moura para organizar a sua, que se chamou “Euterpe Sobralense”. A rivalidade entre ambas, se por um lado fomentava intrigas e até cenas de pugilato em praça pública, como aconteceu por mais de uma vez, por outro, concorria para aprimorar a qualidade, já que cada uma deseja superar sua rival. Cada partido político fundou também seu próprio clube recreativo, cujas festas eram animadas pelas respectivas bandas de música. O “Recreio Sobralense” pertencia aos liberais e o “Cassino”, aos conservadores.³⁸²

A presença significativa de maestros, portanto, reflete de certa forma os modos e práticas recreativas refinadas. Para Araújo, foi graças ao maestro Galdino José Gondim, vindo da cidade de Canindé para Sobral no ano de 1844 que se intensificou o gosto musical em Sobral, “a partir desta data, dezenas de pianos foram adquiridos pelas famílias sobralenses que enchem de música suas ruas provincianas”³⁸³, de modo que certamente Antonio Bezerra ao ouvir “os sons de piano por toda a parte, o rumor e atividade nos estabelecimentos comerciais”³⁸⁴ não conseguiu divisar a importância da música na cidade, para além de sua beleza melodiosa. Temos ainda uma importante referência musical da cidade que,

Seguindo a tradição sobralense de famílias dedicadas à arte musical, destaca-se a iniciativa de Vicente Barbosa de Paula Pessoa, inaugurando em sua residência, situada no Boulevard Pedro II, O *Music-Hall*, no ano de 1956, tendo como atração principal uma orquestra formada por seus filhos, todos com indiscutível talento musical, sob orientação do Dr. Amauri de Paula Pessoa.³⁸⁵

Outro dado que chama nossa atenção, se refere ao número de poetas na cidade, num total de 5, mas no entanto, 4 migraram ou faleceram. Interessante que nos dados que temos sobre os nomes de todos os intelectuais que assinaram as atas de preparação e de fundação da ASEL, consta o nome de apenas dois poetas, o jornalista Craveiro Filho e o Sr. Paulo Aragão, sendo este último bancário. Eles foram elencados por Monsenhor Vicente, o que significa dizer que eles pertenciam a elite da cidade e certamente

³⁸² ARAÚJO, Pe. Francisco Sadoc de. *Origem da cultura sobralense*. Op. Cit.. p. 88.

³⁸³ *Ibidem*. p. 145.

³⁸⁴ BEZERRA, Antonio. *Notas de viagem*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965. P. 306.

³⁸⁵ GIRÃO, Glória Giovana Mont’Alverne . SOARES, Maria Norma Maia. *Sobral, história e vida*. Op.Cit. p. 126.

praticavam versos como uma atividade recreativa. Temos 10 contadores, 9 agrônomos, número razoável que certamente poderiam suprir as necessidades das cidades da Serra da Ibiapaba, motivo do artigo citado anteriormente por nós, sobre a “safra de doutores”. Sobre o número de oficiais militares, 48, temos um dado muito interessante, visto que dos 48 oficiais elencados, exatamente 48 haviam migrado ou falecido, de modo que não tínhamos nenhum residente em Sobral. Temos o número também significativo de 42 comerciantes, sendo que 12 deles haviam migrado ou falecido. A classe dos comerciantes era muito importante na cidade, como vimos anteriormente. Temos ainda o número de 31 médicos, sendo que 24 haviam migrado ou falecido, com apenas 7 residindo em Sobral, sendo que dois médicos assinaram a ata de fundação da ASEL, no caso os doutores Antonio Guarani Mont’Alverne e Tomaz Aragão.

Com relação ao número de padres, temos o número de 37, sendo que 25 haviam migrado ou falecido, de modo que tínhamos residindo na cidade 12 padres. Na ata de aprovação dos estatutos da Academia constam o número de 9 padres, sendo que muitos que assinaram a ata, a exemplo de Monsenhor Olavo Passos, padre José Aloísio Pinto, padre José Osmar Carneiro, padre Expedito Lopes, não continuaram a frequentar as reuniões da Academia e por certo ofereceram o seu nome em virtude do prestígio do idealizador e fundador da ASEL, Monsenhor Vicente Martins.

Mas o que mais chama atenção na tabulação de Haguette é precisamente o número de advogados e juízes na cidade: num total de 95, 78 haviam migrado ou falecido, de modo que tínhamos morando em Sobral o número de 17 entre advogados e juízes. Lembramos que 13 doutores assinaram a ata de aprovação dos estatutos da Academia e que a maioria foi assídua às reuniões da ASEL. Assim temos que Dr. Tancredo Halley Alcântara, Dr. João Alencar Melo, prefeito da cidade e Dr. José Sabóia de Albuquerque, foram os principais doutores frequentadores das reuniões da Academia. Segundo Haguette, “observamos em primeiro lugar, que, do total de 392 biografados somente aproximadamente um terço (29,3%) residia em Sobral no início da década de 40 do nosso século”³⁸⁶.

Monsenhor Linhares, contemporâneo de Monsenhor Vicente Martins também nos informa sobre o número de doutores na cidade, em seu livro, como segue:

³⁸⁶ HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *As elites sobralenses na década de 40*. Op. Cit. p. 400.

Residem na cidade, além do Exmo. Revmo. D. José Tupinambá da Frota, ultimamente agraciado pela Santa Sé com o título “Conde Romano” e que é considerado um dos vultos mais eminentes do Episcopado Brasileiro, - mais dezessete sacerdotes, doze bacharéis, sete médicos, quatro farmacêuticos, três agrônomos, jornalistas, professores, cinco cirurgiões dentistas”³⁸⁷.

Com relação a tabulação de Haguette, os dados de Monsenhor Linhares destoam um pouco. Para Monsenhor Vicente Martins o número de padres que reside na cidade é de 17, enquanto para Monsenhor Linhares é de 37, sendo que apenas 12 moravam em Sobral no período. Devemos lembrar que há uma diferença temporal mínima entre as duas obras, visto que o livro *Notas Históricas da Cidade de Sobral* foi publicado em 1945, enquanto *Homens e Vultos de Sobral*, em 1941. A diferença de 5 padres morando em Sobral entre um dado e outro, talvez não seja explicado pela diferença temporal de 4 anos, mas sim pela perspectiva de escrita de ambos os monsenhores. Monsenhor Linhares escreve uma história centrada numa suposta identidade exclusiva do sobralense, Monsenhor Vicente também, a diferença entre um e outro é que *Homens e Vultos de Sobral* é um livro que constrói a história da cidade pela vida do que ele chama de “homens de projeção”, o que faz com que, especulamos, a lista de Monsenhor Vicente seja mais seletiva.

Sobre a tabulação analisada por nós até aqui, Haguette conclui sua reflexão da seguinte forma:

(...) salta aos olhos a participação aparentemente desmesurada de profissões como advogados, oficiais militares, padres, médicos, engenheiros e oficiais da Guarda Nacional, em uma sociedade que, como já tivemos oportunidade de constatar (...) não exibia uma estrutura econômico-social capaz de absorver uma mão-de-obra qualificada do quilate da que se nos apresenta³⁸⁸.

De fato é digno de nota o grande número de profissionais qualificados em Sobral, o que comprova a existência de uma “safra de doutores” em plena atividade na cidade e influenciando em sua vida política, já que três doutores membros da ASEL, a princípio, foram prefeitos de Sobral, no caso Dr. João Alencar Melo (1944-1945), Dr. Arnaud Ferreira Baltar (1945), Dr. João Alencar Melo novamente (1946) e Dr. Paulo de Almeida Sanford (1955-1959), mesmo que saibamos que apenas um terço desses profissionais residisse na cidade durante o período, o que denota a incapacidade da cidade absolver toda essa mão de obra qualificada. Segundo Haguette, “a migração

³⁸⁷ LINHARES, Mons. Fortunato Alves. *Notas históricas da Cidade de Sobral*. Op. Cit. p. 103.

³⁸⁸ HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *As elites sobralenses na década de 40*. Op. Cit. p. 400.

maciça se orientava em duas direções: Fortaleza com 17,1% e outros estados da Federação que atraíram 31% dos sobralenses”, destaca ainda “o poder de atração do Rio de Janeiro, à época capital da República, que acolheu 18,2% dos migrantes, superando até Fortaleza”³⁸⁹. Sobre o tipo de ocupação principal da elite sobralense no período, temos algumas considerações fundamentais para o seu entendimento, conforme segue:

Percebemos que as ocupações numericamente mais comuns são aquelas que correspondem às exigências do tipo da sociedade sobralense da época, cuja força da economia residia nas atividades comerciais (32,2%), na prestação de serviços ligados à saúde, justiça e construção (29,6%) e aqueles vinculados à cultura de modo geral, à educação e à religião (22, 5%) e que perfazem um total de 84,3%, e com uma participação bem reduzida para o setor agropecuário (6,1%) e o industrial-financeiro (4,4%)³⁹⁰.

Portanto, os comerciantes e os “serviços ligados à saúde, justiça e construção” ocupavam a maior parte das elites da cidade de Sobral. Mas era possível encontrar na figura de um só dos membros da elite, várias ocupações que demonstravam sobremaneira a sua importância e influência dentro da cidade, caso exemplar é do Dr. José Sabóia, “juiz respeitado e líder político do antigo PSD, continua com suas atribuições de juiz, de agropecuarista e parceiro da próspera indústria têxtil, Companhia de Fiação Ernesto Deocleciano”, ainda conforme Haguette em suas considerações. No entanto, a presença de doutores era também digna de nota e contribuiu de certa forma para legitimar ainda mais a história de Sobral como lugar de ação do grupo de letrados.

Sobre a migração para Fortaleza, capital do estado, que abarcou 17,1% do total de migrantes, sabemos que até pelo menos o final do século XIX e início do século XX, cidades como Aracati, Icó, Sobral e Crato exerciam forte influência econômica, política e cultural em toda extensão do Ceará. Somente na década de 1940, período que coincide com a instalação em Sobral da ASEL, que Fortaleza começa a exercer certo domínio e influência com relação as cidades até então dominantes, e isso fica claro quando verificamos o crescimento populacional de Fortaleza, pois temos que “os resultados censitários, a partir de 1940, demonstram o rápido crescimento da população de Fortaleza”, o que fez com que o Recenseamento de 1950 apresentasse um “acréscimo populacional de 49,9% em relação à década anterior”³⁹¹. Sabemos que “A cidade de Aracati, cabia o comando da faixa litorânea; a Icó, o sertão jaguaribano; a Sobral, o

³⁸⁹ HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *As elites sobralenses na década de 40*. Op. Cit. P. 401.

³⁹⁰ *Ibidem*. p. 401.

³⁹¹ Ver: SOUZA, Maria Salete de. *Uma análise da estrutura urbana. Fortaleza*, 3º Encontro Nacional de Geógrafos – AGB. 1978. P. 65.

Vale do Acaraú e a região da Ibiapaba; enquanto ao Crato cabia o Cariri”.³⁹² Foi com o advento das charqueadas no Ceará que essas cidades alcançaram pujança econômica, a princípio Aracati, “que se tornou o mais movimentado e rico centro da capitania do Ceará”³⁹³, sendo depois sobrepujada por Sobral que exportava sua carne salgada pelo porto da cidade de Acaraú. Nesse sentido é que “entre 1860 e 1880, Sobral rivalizava com Fortaleza (...) Sobral era o empório comercial do norte cearense, com grandes casas que mantinham negócios com todo o Piauí, através de seus viajantes”³⁹⁴.

Foi com o desenvolvimento da lavoura algodoeira e a exportação desse produto para o mercado internacional pelo porto de Fortaleza, que a cidade começou a se projetar como centro urbano entre as cidades cearenses. Por outro lado, com as secas periódicas na região, um dos motivos para a desarticulação das fazendas de criar que fizeram a riqueza das cidades no interior, com “a abertura de estradas e construção de rodovias, ligando a capital aos municípios mais distantes do interior e a outros estados, muito contribuíram para que Fortaleza se transformasse (...) em pólo de atração”³⁹⁵. Com o fluxo de uma vasta população para a capital, a princípio devido as secas, a cidade precisou constituir “um reforço das funções urbanas da cidade, que (...) expande sua área de influência, requalifica sua condição de centro de atividades e polo gerador de desenvolvimento”³⁹⁶.

Portanto, na década de 1940, quando da criação da ASEL o número de profissionais liberais que deixou a acanhada cidade de Sobral no período, estava em busca de melhores condições de vida e de espaço para exercer suas atividades de forma mais rentável e dinâmica. O excessivo número desses profissionais, como vimos, não tinha de fato espaço no cenário de uma cidade que segundo o censo de 1941, tinha 57,871 habitantes, sendo 21 mil na sede e o restante nos distritos, mas que mesmo assim, constantemente, a partir dos intelectuais da ASEL, se reinventava enquanto cidade progressista e culta, mas que de fato não tinha espaço para todos, e certamente por isso, pela busca de melhores oportunidades em centros mais desenvolvidos é que

³⁹² SILVA, José Borzacchiello da. *A cidade contemporânea no Ceará*. In: SOUZA, Simone. (Org). Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002. p. 229

³⁹³ *Idem*. P. 227

³⁹⁴ GIRÃO, Glória Giovana Mont’Alverne. SOARES, Maria Norma. *Sobral, história e vida*. Op. Cit. p. 29.

³⁹⁵ SILVA, José Borzacchiello da. *A cidade contemporânea no Ceará*. Op. Cit. P. 230

³⁹⁶ *Ibidem*. p. 230.

18,2% dos migrantes sobralenses escolheram também o Rio de Janeiro, então capital da República, para tentar exercer suas atividades.

Consideramos a Academia Sobralense de Estudos e Letras uma projeção do desejo de uma elite intelectual que fez daquela sociedade letrada um caminho para a tentativa de efetivação de uma tradição culta para a história de Sobral. Para fazer funcionar esse desejo, foi necessário constituir os seus Estatutos, caminho teórico para condicionar o acesso e as expectativas dos letrados, conforme veremos em seguida.

3 - OS ESTATUTOS DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS, “A MIOPIA E A PERPLEXIDADE DO ILETRADO”

Sessões ordinárias em que sejam apresentados trabalhos de feição literária, conferências, dissertações sobre *temas de história*, ciência, filosofia e moral.

Estatutos da ASEL

O que foram os Estatutos da Academia Sobralense de Estudos e Letras no contexto de idealização da Academia? Como se dava o acesso dos postulantes a uma cadeira na ASEL? Que regras os estatutos estabeleciam para esse acesso? Como os estatutos da ASEL prescreviam os modos de agir e de se organizar da Academia? Que importância é dada a História a partir do que idealizam os seus estatutos? O que propõe para fortalecer e incentivar as atividades culturais na cidade? Estas são questões que procuraremos discutir nesse item.

Na ata da sessão preparatória de criação da ASEL do dia 5 de setembro de 1943, conforme já analisamos em outro momento deste trabalho, sabemos que Monsenhor Vicente Martins “solicitou que lhe fosse permitido fazer a leitura dos estatutos de um plano seu a respeito da fundação de uma academia” (grifo do autor). Não sabemos o teor desses estatutos, inclusive tratavam-se mesmo de estatutos, no sentido estrito da palavra, ou seja, de regras que regem ou governam determinada associação, no caso, uma Academia de Letras. Na mesma ata somos informados que “foi organizada uma comissão composta naquele dia 5 de setembro de 1943 formada pelos mais ilustres

fundadores da academia para elaborar os estatutos” da ASEL, composta pelo próprio Monsenhor Vicente Martins, Dr. Clodoveu de Arruda Coelho, Dr. Tancredo Halley Alcântara e Pe. Gerardo Ferreira Gomes. Os estatutos compostos por 35 artigos e muitas dezenas de parágrafos, seriam assim idealmente o norte para a Academia, ou seja, as prescrições, os modos de gerir, de ser e de se conviver no âmago da ASEL.

No dia 9 de outubro de 1943 ocorreu reunião para aprovação dos Estatutos da ASEL, de acordo com a ata, conforme segue:

Já, em reuniões anteriores, tendo sido confiada a revisão dos mesmos aos acadêmicos Dr. José Clodoveu de Arruda Coelho, Sr. Pedro Mendes Carneiro e professor Antonio Ferreira Porto, naquele dia, tiveram aprovação definitiva, as emendas apresentadas pela ilustre comissão acima.³⁹⁷

Outra comissão, diferente da comissão de elaboração dos estatutos foi composta, dessa vez para fazer revisão dos mesmos. Essa comissão mantinha Dr. Clodoveu de Arruda, agora na companhia de Pedro Mendes Carneiro e do professor Antonio Ferreira Porto. Foram propostas algumas emendas para os estatutos, mas não ficamos sabendo onde e em que partes houveram mudanças no texto. As mudanças ocorreram, no entanto, sendo todas aprovadas. Como não dispomos dos Estatutos da Academia Sobralense de Letras de 1922, ficamos sem saber se havia alguma semelhança estatutária entre uma e outra.

Podemos levantar a hipótese de que o Monsenhor Vicente Martins conhecia os estatutos do Cassino Sobralense, redigidos em 1886 e que determinava as regras de convívio social da elite da cidade naquele espaço. Esses estatutos são interessantes à medida em que postulam em primeiro lugar, no Art. 1, que “Nos salões do Cassino serão observados religiosamente todas as regras de civilidade”, e que seria “expressamente proibido”, no recinto do mesmo, “1. Discussões políticas, conversações calorosas, agitadas, emprego de expressões ofensivas aos sócios, família ou convidado”, e que não seria permitido 3. Fumar e cuspir nos salões”³⁹⁸. Ao conhecer os estatutos desse clube recreativo, com sua regras de convivência e de civilidade, como transcrevemos acima, o Monsenhor tinha um parâmetro para pensar as relações intelectuais em um ambiente que mesmo sendo diferente em sua finalidade, certamente

³⁹⁷ ATA DA APROVAÇÃO DOS ESTATUTOS DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS – dia 9 de outubro de 1943.

³⁹⁸ GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. *As transformações socioculturais em Sobral (1870-1920)*. Op. Cit. p. 79-80.

agregaria os membros da elite. Igualmente ao Cassino Sobralense o qual era uma instituição seletiva no cenário da cidade, a ASEL também acabaria por ser um espaço de segregação, ou melhor, de seleção, como já foi frisado por nós.

Fica claro que a ASEL pretendia incentivar a atividade cultural de seus sócios e não apenas isso, mas também contribuir culturalmente com o seu meio. Esse pequeno detalhe explícito no *Capítulo Primeiro dos Estatutos* nos indica possivelmente que incentivar o meio seria o mesmo que trabalhar na possibilidade de se construir intervenções fora das reuniões ordinárias e extraordinárias da ASEL. Incentivar o meio seria também uma forma de se anunciar que a Academia teria como uma de suas tarefas fazer das sessões extraordinárias uma forma de influenciar a sociedade sobralense, ou seja, o lado de fora da Academia, fazendo com que as atividades da ASEL fossem de modo geral públicas, ou seja, que não houvesse distância entre os acadêmicos e a população, mas sem prescindir da diferença que certamente haveria de se destacar entre os de “dentro e os de fora”. De qualquer modo a tarefa estava posta e veremos até que ponto essa proposta foi levada a efeito.

A ASEL era dirigida por uma Diretoria constituída pelo Presidente, Vice-presidente, 1º e 2º Secretários, Tesoureiro e Bibliotecário, todos com mandato de um ano. Competia ao Presidente “presidir e dirigir as sessões, propor matéria de deliberação, subscrever os diplomas dos sócios, nomear dois oradores para cada sessão, nomear a comissão de redação da revista, composta de cinco (5) membros e que será renovada anualmente”, sendo que para a primeira publicação da ASEL, tal comissão foi composta pelo padre Gerardo Ferreira Gomes, Tancredo Halley Alcântara e Raimundo Aristides Ribeiro. Além dessas competências, cabia ainda ao Presidente “designar, cada ano, uma comissão de três (3) membros para dar parecer sobre os trabalhos, a que se refere o artigo seis”. O artigo seis, muito importante para a Academia, nos diz o seguinte: “Os sócios efetivos devem ter um título de Escola Superior do País, ou de Curso de Ciências Eclesiásticas, ou ainda, exercer profissão liberal”. Assim, a ASEL determinava de maneira bastante clara as condições de acesso aos seus quadros, estabelecendo a necessidade de um diploma de Curso Superior, Curso de Ciências Eclesiásticas, ou seja, Teologia, ou ainda, e aqui a Academia sutilmente abria suas portas para o máximo de pessoas possíveis, “exercer profissão liberal”. Evidentemente que esse “máximo de pessoas possíveis” correspondia a um grupo seletivo de comerciantes, industriais, fazendeiros e alguns profissionais liberais diletantes.

Mantinha-se a “ilha de letrados” e ampliava-se o raio de ação da Academia. Essa estratégia de tornar a ASEL acessível para quem não tivesse diploma de curso superior ou curso de teologia, fica mais evidente no Parágrafo 1º do Artigo 6º que estabelece que “na falta de qualquer dos títulos mencionados, deverão os candidatos apresentar um trabalho impresso ou datilografado, ficando, porém, dependente a aceitação destes, como daqueles, do juízo da Academia, em sessão ordinária”. Eis porque a importância da comissão para avaliar os trabalhos apresentados, portas de acesso a imortalidade da Academia, driblando, de certa forma, a necessidade de se “sacramentar a sociedade diplomada”, mas que ainda assim manteve o seu prestígio. Sobre a eleição de toda Diretoria, deveria se realizar no terceiro domingo de Agosto, a cada ano. Sendo que todos os membros da Diretoria seriam reelegíveis

Precisamos pensar, no entanto, que a exigência de título de uma Escola Superior do País e ainda do Curso de Teologia, explicita bem o que seria o desejo da ASEL, formada em sua grande maioria, como já vimos, por uma “safra de doutores”, advogados, padres e professores, homens de diploma, afinados com o ideal de que

*O homem capaz deve efetivamente ser chamado aos postos da direção, não só como uma recompensa ao labor que pôs em adquirir os conhecimentos que ostenta, como por uma necessidade, pois a complexidade da vida administrativa moderna, não se coaduna mais com a miopia e a perplexidade do iletrado*³⁹⁹. (Grifos nosso)

A citação acima representa de certa forma o espírito da ASEL e ao mesmo tempo procura corporificar a tradição intelectual da cidade. Essa sociedade supostamente dos melhores, digamos assim, personifica também uma visão de que o letrado era capaz de realizar “tarefas concretas”, que não haveria nenhuma incompatibilidade entre o homem de conhecimentos e a administração pública, por exemplo. Gomes ao enfatizar que os homens de letras deveriam ser chamados aos postos de comando da sociedade, estava de certo modo legitimando o caminho que ele mesmo seguiria, sendo o candidato vencedor a prefeitura de Sobral em 1977. Outro dado importante de seu discurso está em o mesmo reconhecer que os letrados deveriam dirigir a sociedade não só porque sabem, mas principalmente porque os outros não sabem, ou seja, “por necessidade, pois a complexidade da vida administrativa moderna não se coaduna mais com a miopia e a perplexidade do iletrado”. A metáfora do

³⁹⁹ GOMES, José Euclides Ferreira. *Discurso de saudação na Sessão Solene da Academia Sobralense de Estudos e Letras*. In: RAMOS, João Ribeiro (org) *Álbum do Bicentenário da Vila Distinta e real de Sobral*. Sobral. Vol. 7. Obra mimeografada. 1973. p. 173

iletrado⁴⁰⁰ como uma pessoa perplexa representa para nós a imagem do homem que não consegue realizar tarefas concretas, coisa que o intelectual, o letrado, era bastante capaz de fazer. Sobre essa questão somos levados a refletir ainda sobre o que vemos nessa suposta competência

A atitude paternalista dos letrados brasileiros demonstra uma concepção de sociedade de mentalidade senhorial que estabelece rígidos controles dos papéis sociais a serem exercidos. Nesta hierarquia, as atividades de liderança são reservadas àqueles nos quais confluem as qualidades do letramento e a cor branca da pele. Aqueles que são capazes de fazer história⁴⁰¹.

De certo modo os Estatutos da ASEL se colocam o tempo todo contra a *sociedade iletrada*, perplexa, admirada com um mundo que precisa ser gerido, administrado, lido com competência pelos supostos construtores do saber e suas qualidades do letramento. E mesmo de certo modo facilitando a entrada de novos acadêmicos na ASEL, o que prevalecia era a sociedade letrada, era mover o mundo do texto para o mundo da ação, pois o mundo moderno não admitia miopia, ou seja, enxergar longe era uma tarefa do “homem capaz”. E Sobral, nesse sentido, seria idealmente terra de homens capazes, por isso era

terra de passado ilustre, onde as letras eram tão prezadas que o sobralense Domingos Olímpio, pioneiro da literatura do Nordeste, chamou-a de cidade intelectual, terra também onde se estuda, se trabalha e se produz, e onde fumegam em escala crescente as chaminés das fábricas, e onde pulsam com a mesma intensidade, corações tanto por Sobral, quanto pelo Ceará e o Brasil⁴⁰².

Gomes discursa para seus confrades na Academia, mas também para uma plateia seleta, já que naquela data, a cidade comemorava o bicentenário da vila e tendo a ASEL organizado todos os eventos, compreendemos que Gomes falava ao mesmo tempo de si mesmo. Ou melhor, falava da Academia Sobralense de Estudos e Letras, lugar de homens de especulação, mas também de homens práticos, pois

⁴⁰⁰ Com relação a década de 1940, quando da criação da ASEL, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE para Sobral em 1940, Série Regional, Parte IV, Tomo1, a seguinte condição de pessoas com instrução e de pessoas sem instrução na cidade, dividida entre homens e mulheres: Pessoas com 5 anos ou mais de instrução declarada, num total de 11, 257 mil, temos 5.765 homens e 5.492 mulheres que sabiam ler e escrever. E num total de 33,904 mil pessoas que não sabiam ler nem escrever, o total de 15,938 eram homens e 17, 966 eram mulheres. Temos ainda 990 pessoas que não declararam instrução alguma, sendo que desse total 460 eram homens e 530 eram mulheres.

⁴⁰¹ OLIVEIRA, Raimunda Ivoney Rodrigues. *Gustavo Barroso: A tragédia sertaneja*. Op. Cit. p. 95.

⁴⁰² GOMES, José Euclides Ferreira. *Discurso de saudação na Sessão Solene da Academia Sobralense de Estudos e Letras*. Op. Cit. p. 175.

VV. Excias. são homens que formam na linha daquelas individualidades, forradas de vastos e sólidos conhecimentos literários e culturais, e são por igual homens práticos, empresários distintos, cidadãos prestantes, combatentes da primeira linha das causas da nacionalidade, em suma pessoas que palmilhando o terreno da especulação, caminham por igual com segurança na senda do concreto, do objetivo (...)⁴⁰³

O discurso de Gomes estabelece de maneira muito nítida uma hierarquia ao mesmo tempo em que procura preservar certa ordem. Para ele, como para os acadêmicos de modo geral, não é a população que faz a cidade, mas os intelectuais, os homens capazes. O sentido produzido pelo passado da cidade é claramente segundo esse discurso, o da excelência de uma casta que tem qualidade e competência para gerir os destinos da cidade, não só intelectualmente, mas politicamente também. Para exemplificar melhor essa questão, devemos ressaltar que na Sessão Solene em que discursou Gomes, o então governador do Ceará, Cesar Cals de Oliveira Filho, presidiu a sessão. Estava presentes à mesma ainda o senador João Calmon, que segundo Gomes, “o nome do nobre Senador também evoca a luta pela Educação da gente brasileira, em sua memorável campanha intitulada a Década da Educação”. Assim, o salão nobre do *Palace Club*, local em que se realizavam as sessões solenes da ASEL, era palco de exacerbação e reinvenção da ideia de que a ASEL era lugar fundamental dos “homens capazes”, no caso, dos homens letrados.

Quando os estatutos estabeleceram que a Academia tivesse como objetivo “incentivar sob todos os aspectos, a atividade cultural de seus sócios e do meio”, foi determinado que para atingir “tal finalidade, promoverá”:

- 1º - *Sessões ordinárias* em que sejam apresentados trabalhos de feição literária, conferências, dissertações sobre *temas de história*, ciência, filosofia e moral;
- 2º - *Reuniões extraordinárias*, em comemoração a *datas históricas* e para outros casos, a critério da Diretoria;
- 3º - A publicação de uma revista semestral;
- 4º - A organização de uma Biblioteca;
- 5º - A formação de um círculo de estudos para os acadêmicos e a juventude estudantil.⁴⁰⁴ (Grifos nosso)

⁴⁰³ GOMES, José Euclides Ferreira. *Discurso de saudação na Sessão Solene da Academia Sobralense de Estudos e Letras*. Op. Cit. p. 171.

⁴⁰⁴ ESTATUTOS DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS APROVADOS NO DIA 9 DE OUTUBRO DE 1943.

O que chama logo atenção nas determinações das ações da Academia é a importância da História no âmago dessa instituição. As reuniões extraordinárias serviriam exatamente para comemorar datas históricas. Com relação a formação de um *círculo de estudos* para acadêmicos e a juventude estudantil da cidade, não encontramos nas atas ou em qualquer outro documento relativo a Academia, maiores informações sobre o assunto. Nenhuma das 96 atas escritas entre 1943 e 1953, faz menção as atividades desse grupo de estudos, o que nos faz considerar que de fato ele não foi concretizado.

Os estatutos também estabelecem regras de convivência que na verdade representavam a força da Igreja Católica em sua criação e organização, uma vez que o Artigo 2º determinava que “Os acadêmicos, no recinto da Academia, se comprometem: 1º - A evitar discussões de caráter partidário; 2º - A não apresentar trabalhos opostos aos princípios católicos”. Assim, a Academia de certo modo procurava, entre outras coisas, se resguardar do “perigo protestante” que rondava Sobral na década de 1940, com a presença de missionários e missionárias que pregavam em toda região. Sobre essa questão a Igreja Católica preparou e distribuiu na cidade em 1946 um panfleto cujo título, *Católicos de Sobral*, que pretendia ser um alerta aos católicos, nos seguintes termos:

Estão hospedados há vários dias na Pensão Nova, de propriedade do Sr. Mansueto Mesquita, duas senhorias que vieram a Sobral vender livros PROTESTANTES. O produto líquido da venda desses livros destina-se a propaganda do protestantismo no Brasil. Depois de advertido não é lícito ao católico consciente de seus deveres para com a Igreja, auxiliar de qualquer modo a difusão da heresia LUTERANA. Faze-lo seria meter-lhe armas nas mãos para combater a fé católica que professamos, no qual queremos viver e morrer. Não demos esmolas para obras protestantes. Alerta, pois, contra a propaganda sutil do protestantismo heterogêneo. (Grifos do autor)

A primeira observação que devemos fazer sobre a nota acima, é que a mesma não foi publicada no Correio da Semana, mas distribuída em forma de panfleto pelas ruas da cidade, especialmente pelas ruas do centro, próximo a Pensão Nova, o que pode significar que, se tivesse sido publicada no jornal, não teria tido o alcance que imaginamos que atingiu da forma como foi distribuída? Outra observação é com relação ao fato da nota considerar esmola o dinheiro pretensamente utilizado para comprar os livros, o que de certo modo procura desqualificar o material e ao mesmo tempo a ação de compra. Uma conclusão a que chegamos lendo a nota é que as missionárias

encontraram católicos dispostos a comprar os livros, livros esses proibidos na perspectiva da Igreja Católica.

Com relação as discussões de caráter político, a regra era apenas uma questão de convivência com a diferença, de tal sorte que apesar da Igreja Católica militar na LEC – Liga Eleitoral Católica, fundada em 1932, instalando-se em Sobral a 22 de novembro do mesmo ano, tendo à frente a figura nada complacente de Dom José Tupinambá da Frota, na embocadura da ASEL, a admissão de Dr. José Sabóia, juiz emérito da cidade, como sócio fundador, vice-presidente e depois presidente da Academia de 1948 a 1950, quando de sua morte, que foi filiado a princípio ao PSD e depois a UDN, colocava a instituição no fio da navalha, posto que tendo Dom José como Presidente de Honra da ASEL, a convivência entre ambos era praticamente impossível, mas pelo menos se procurava evitar a reprodução das disputas políticas locais no interior daquela associação de letrados. Porém, o fato é que os dois nunca se encontram em nenhuma das reuniões ordinárias ou extraordinárias da Academia, e não conhecemos nenhuma discussão de caráter político ocorrida no recinto daquele sodalício. Assim, temos que:

Os estatutos (...) estão, por isto, marcados nesta perspectiva intelectual da chamada Ilustração brasileira. Logo, tratam o sócio leitor como alguém civilizado, que deseja “melhorar-se pela educação” e instruir-se na “boa” literatura depositada e disponibilizada na biblioteca, mantida para uso exclusivo dos sócios⁴⁰⁵.

A ASEL quer ser decerto espaço de efetivação de uma classe de letrados que enxerga em suas ações – praticamente insignificantes no cenário geral da cidade, uma vez que suas atividades eram muito mais comemorativas do que efetivas na consecução do que seria uma sociedade intelectual, de modo que mesmo que a Academia tenha enfatizado que o seu objetivo principal seria “incentivar sob todos os aspectos, a atividade cultural de seus sócios e do meio, onde se projeta a sua atuação”, não encontramos efetivamente atividades mais sólidas além de suas revistas, das reuniões ordinárias e extraordinárias, que objetivavam, principalmente as reuniões extraordinárias, comemorar as datas históricas, a publicação de livros sobre história local. No entanto, a ASEL é importante para que possamos compreender como se veicula um poderoso imaginário capaz de construir uma “comunidade imaginada” e buscar assim a garantia de certo passado capaz de arregimentar o presente e o futuro da cidade, na perspectiva dos acadêmicos, é claro.

⁴⁰⁵ CARVALHO, Vilmar Antonio. *Letrados e ufanos: O Club Literário de Palmares*. Op. Cit. p. 86.

Com relação ao capítulo dos “sócios e dos seus Deveres”, temos que a Academia “compor-se-á de *sócios efetivos, honorários, beneméritos e correspondentes*”. Os sócios efetivos seriam em número de 40 “e todos com residência na sede social”, ou seja, todos moradores de Sobral. No parágrafo 2º do Capítulo Segundo, está dito que “consideram-se, desde esta data, sócios efetivos todos aqueles que participaram da Fundação da Academia”.

Com relação a composição dos sócios temos a seguinte descrição no ano de fundação da ASEL em 1943:

SÓCIO	CONDIÇÃO DE ACESSO	NÚMERO DE SÓCIOS EM 1943
EFETIVO	Em número de 40, todos com residência em Sobral. Deverão apresentar um título Superior ou de Curso de Ciências Eclesiásticas. Na falta de um desses títulos, deveria apresentar um trabalho datilografado, ou ainda ser profissional liberal.	40
HONORÁRIO	É aquele que por sua notável cultura for merecedor do título, a critério da ASEL.	-----
BENEMÉRITO	É aquele que fizer à Academia doação de vulto ou que, pelos benefícios prestados a esta corporação, mereça tal investidura.	-----
CORRESPONDENTE	É aquele que, não residindo na sede, mantém, todavia, com a Sociedade Acadêmica intercâmbio cultural.	-----
	TOTAL DE SÓCIOS	40

Quadro 7: Composição dos sócios no ano de fundação da ASEL em 1943

Os sócios tinham deveres bem estabelecidos nos estatutos, entre eles, participar das sessões ordinárias, dever nem sempre cumprido, uma vez que poucos sócios

frequentavam as reuniões ordinárias, que deveriam ser públicas segundo os estatutos, ocorrendo sempre na última quinta-feira do mês, sempre às dezenove horas. Deveriam desempenhar as incumbências solicitadas pela Diretoria; pagar a joia de cinquenta cruzeiros e a mensalidade de dez cruzeiros por mês. A “joia”, uma espécie de “taxa de adesão”, era paga uma única vez, geralmente no começo do ano. O sócio efetivo deveria escolher um patrono dentre os que figuravam na relação organizada pela Academia, já que no ato de criação desta, foi formada uma comissão exatamente para selecionar intelectuais como patronos para a ASEL. Todos os sócios receberiam um diploma assinado pelo Presidente, Secretário e Tesoureiro da academia. O Artigo 11º trata das exclusões, conforme segue:

1º - O sócio efetivo que mudar definitivamente de residência, podendo, no entanto, passar a sócio correspondente;

2º - O que deixar de assistir as sessões ordinárias, ou se atrasar no pagamento das mensalidades, por mais de seis (6) meses;

3º - O que for condenado criminalmente por sentença irrecorrível, ou tiver praticado qualquer ato grave que o diminua no conceito público, tudo a juízo da Academia.

O sócio efetivo em caso de mudança definitiva da cidade de Sobral poderia continuar na Academia, mas na condição de *sócio correspondente*. Deveria ser excluído o sócio que não assistisse as sessões ordinárias ou que não pagasse as mensalidades por mais de seis meses. Essa prescrição não encontrou ressonância na Academia, pois encontramos casos em que sócios assinaram a ata de fundação e nunca mais frequentaram uma única sessão ordinária e que mesmo assim nunca foram excluídos de suas hostes. Deveria ser excluído ainda o sócio que fosse condenado criminalmente de maneira irrecorrível, ou que praticasse ato grave que o diminuísse no conceito, deixando ver de maneira muito clara, a perspectiva de fundo moral que marcava também a existência da ASEL.

Com relação as vagas disponíveis deveriam ser “preenchidas mediante proposta de um dos sócios ou solicitação dos candidatos, juntando estes a prova dos títulos que justifiquem a sua admissão, conforme o dispositivo do artigo seis”⁴⁰⁶. A Academia havia instituído uma comissão para avaliar esse material e levar a efeito a “prova dos títulos”. Não encontramos nenhuma menção a prática efetiva dessa comissão, apesar de

⁴⁰⁶ ESTATUTOS DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS APROVADOS NO DIA 9 DE OUTUBRO DE 1943.

encontrarmos muitas solicitações, a partir de sócios, para o preenchimento de alguma vaga aberta. Somos levados a imaginar que o fato de alguém ser previamente indicado por um sócio efetivo da ASEL já garantia ao candidato uma legitimidade que dispensava essas formalidades. Por outro lado, as atas são muito evasivas com relação a posse dos novos sócios, não detalhando bem pouco o ritual fundamental de recepção aos novos imortais. Com relação a admissão dos novos acadêmicos, podemos refletir que

Deveria articular-se primeiro à volta da tríade recrutamento-reconhecimento-estratificação. (...) o recrutamento é essencial porque determina a morfologia das elites culturais numa dada data e, ao mesmo tempo, o funcionamento da comporta é causa de acesos debates de interpretação entre investigadores. Quanto a noção de reconhecimento, pudemos observar a que ponto ela era igualmente determinante, na medida em que serve amplamente de base ao estatuto de membro da elite⁴⁰⁷.

Portanto, a tríade recrutamento-reconhecimento-estratificação, marca de maneira indelével as condições de acesso dos intelectuais as lides da Academia Sobralense de Estudos e Letras, e de maneira geral, a todas as associações literárias ou históricas do país. Com relação a ASEL a questão do recrutamento é muito clara: intelectuais letrados, portadores de diplomas universitários ou com curso de teologia nas instituições católicas, ou ser profissional liberal, ou seja, ser portador de um capital cultural e econômico que o distinguiria entre os demais. Os profissionais liberais, vistos enquanto letrados, e os letrados com diplomas universitários ou padres, eram, portanto, reconhecidos no cenário de uma cidade que, parafraseando Benjamim, possuía “um tempo saturado de ontens”, uma vez que alimentava o seu passado como lugar de suposta grandeza de uma cidade intelectual. O reconhecimento advinha, não apenas dos conhecimentos possuídos, mas também, e talvez principalmente, pelo cabedal simbólico que poderiam dispor, já que “por tão categóricas razões é justíssima a nossa ufania em sermos filhos desta cidade e pertencermos a esta comunidade de tão gloriosos antecedentes”⁴⁰⁸, o que nos faz pensar que os intelectuais idealizavam um suposto passado sendo para eles a base para a agregação dos mesmos no presente da Academia. Com a forma de recrutamento e de reconhecimento dos intelectuais, produzia-se uma estratificação que primava pela manutenção de uma hierarquia que fazia do intelectual,

⁴⁰⁷ SIRINELLI, Jean-François. *As elites culturais*. Op. Cit. P. 275.

⁴⁰⁸ ARAGÃO, Paulo. *Duzentos anos de esplendor*. RAMOS, Ribeiro. (org) Álbum do Bi-Centenário da Vila Distinta e Real de Sobral. Vol. 6. Obra mimeografada. 1973. p. 411.

ou melhor, fazia do membro da ASEL, uma classe distinta na mesma proporção que a cidade de Sobral.

Com relação aos sócios honorários, beneméritos e correspondentes, serão admitidos ou excluídos mediante aprovação da Academia. Durante todo o ano de 1943 a ASEL não terá nenhum sócio correspondente, que só começarão a participar da Academia em 1944. Com relação ao sócio honorário, só poderia ser “aquele que por sua notável cultura for merecedor de tal título”. Não encontramos ao longo de todo o período dessa pesquisa nenhum sujeito merecedor de tal honraria, portanto, a instituição não teve sócio honorário, pelo menos no período pesquisado. Do mesmo modo não encontramos sócio benemérito, ou seja, “aquele que fizer à Academia doação de vulto ou que, pelos benefícios prestados a esta corporação, merecer tal investidura”.

Os estatutos determinavam que os mesmos não fossem “reformuláveis antes de cinco (5) anos e, após este período, só se dará reforma com a aquiescência de dois (2) terços de sócios efetivos”. A questão é que a reforma nunca aconteceu, pelo menos as nossas fontes não apontam para nenhuma reforma ou mesmo conduzem para qualquer indício nesse sentido. Acreditamos que de certo modo o *bom funcionamento* da Academia no período dessa pesquisa, não colocou no cenário a necessidade de se reformular seus estatutos.

Os estatutos nos oferecem uma radiografia ideal da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Ideal pois muitos artigos e parágrafos não se concretizaram, foram letra morta. Ainda assim nos oferecem os caminhos das expectativas dos acadêmicos com relação as suas propostas, desejos e possibilidades, por isso tornam-se um documento importante para que possamos refletir na confluência do que poderia ter sido e não foi. Não foi porque como os estatutos em sua grande parte, como supomos, tinham como inspiração possivelmente os estatutos de outras agremiações literárias, especialmente da Academia Brasileira de Letras, a Academia a ser imitada, como já vimos, eles se limitavam a propor o que já estava sendo proposto por outras agremiações, sem necessariamente se preocuparem com os mecanismos para efetivar o que estava sendo pensado.

3º CAPÍTULO

1 - ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS E SEUS “HOMENS DE PROJEÇÃO”

Um nome pode ser uma condenação. Alguns arrastam o nomeado, como as águas lamacentas de um rio após as grandes chuvas, e, por mais que resista, impõem-lhe um destino. Outros, pelo contrário, são como máscaras: escondem, iludem. A maioria, evidentemente, não tem poder algum (...)

José Eduardo Agualusa, *O vendedor de passados*.

A construção de biografias de intelectuais sobralenses, escritas especialmente por membros da ASEL é uma das facetas mais recorrentes das narrativas sobre a cidade letrada e representam as principais produções dos acadêmicos. Esses intelectuais compõem m universo no qual Sergio Miceli vai localizar o que chama de passagem do intelectual oligárquico, tradicional, para o intelectual moderno no Brasil, no período de 1920 até 1945⁴⁰⁹. De modo que esses letrados, educados e geralmente bem formados, compartilhavam a ideia de que era “necessário que a sociedade demonstrasse interesse pelas letras e pelas artes, de um modo geral, para ela se tornar civilizada”⁴¹⁰. Analisaremos algumas dessas biografias na perspectiva de entendimento da ASEL como lugar estratégico de construção e manutenção da intelectualidade local numa cidade tida por eles como moderna. E mais: essas biografias nos ajudarão a entender a construção interna da ASEL, como um pensar sobre si mesma, como a sua monumentalização, numa idealização constante, imaginada por seus próprios membros, num jogo de palavras e discursos, sempre reforçando que para esse discurso, a “vida verdadeira” desses sujeitos só fazia sentido nas lides da ASEL.

Mas discutiremos, em primeiro lugar, como outros discursos, como o hino da cidade, e algumas poesias, procuram fazer da história de Sobral uma história distinta porque é resultado da ação de “homens de projeção”, na expressão do Monsenhor Vicente Martins da Costa.

⁴⁰⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *De Amadores e Desapaixonado*. Op. Cit. p. 61.

⁴¹⁰ OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. *As ideias científicas do século XIX no discurso do club literário*. In: NEVES, Frederico de Castro. SOUZA, Simone de. (Orgs) *Intelectuais*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002. p. 74.

Certo discurso recorrente em forma de poesias e músicas, como o hino de Sobral, procura distinguir a história da cidade como supostamente heráldica, em que se procura sempre um passado dito nobiliárquico, construindo assim Sobral como uma “terra de singularidades”⁴¹¹, em constante fabulação com relação as invenções relativas a sua história. Precisamos, nesse sentido, mais uma vez pensar nas relações e imbricações entre literatura e sociedade. Entendemos assim, “que não se pode separar a prática social da criação textual”⁴¹², de modo que na perspectiva literária “a cidade parece ser material inesgotável, sempre passível de novas abordagens – mesmo porque (...) a cidade se renova a cada dia”⁴¹³. Outra questão muito importante diz respeito ao sentido da obra literária para os historiadores, enquanto entendemos a literatura como uma possibilidade de se pensar, de se repensar, de construir ou e de desconstruir o *real* a partir de um discurso específico e polifônico. Desse modo entendemos que

Qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada – isto é, situada no processo histórico - logo apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada. Em outras palavras, embora qualquer teoria ou explicação do processo histórico possa ser proposta, são comprovadamente falsas todas as teorias que não estejam em conformidade com as determinações das fontes, literárias ou não.⁴¹⁴

Assim é que essa cidade imaginada pela literatura como distinta, e aqui falamos de “distinção (...) no sentido bourdieano (...) que pode implicar, tanto no pertencimento, como na exclusão”⁴¹⁵, pode ser vislumbrada no hino da cidade, composto no final do século XIX, com poesia de José Esmeraldino Vasconcelos e música do maestro Antônio Gondim, conforme citamos em seguida:

Nasceu Sobral entre sobreiros verdejantes
 À margem esquerda do lendário Acaraú
 Velha Caiçara, com suas vacas ruminantes
 Oh! Meu Sobral quão altaneira foste tu!

⁴¹¹ BORRALHO, José Henrique de Paula. *Uma Atenas Equinocial. A literatura e a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro*. São Luís: Edfunc, 2010. p. 130

⁴¹² BENEDETTI, Thais Lima. BOVO. Cláudia Regina. *As vozes literárias na construção da Idade Média*. *Op. Cit.* p. 2.

⁴¹³ MENEZES, Marco Antonio de. *Baudelaire: o poeta da cidade moderna*. I Seminário Arte e Cidade. Salvador, maio de 2006. p. 7.

⁴¹⁴ CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo de M. (org) *A história contada*. *Op. Cit.* p. 17.

⁴¹⁵ ACHUGAR, Hugo. *Culpas e memórias nas modernidades locais. Divagações a respeito de “O Flâneur” de Walter Benjamin*. In: MARQUES, Reinaldo. SOUZA, Eneida Maria de. (Orgs.) *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009. p. 16.

Oh! Meu Sobral! Oh! Meu Sobral!
 Linda Princesa cá do Norte do Ceará
 Oh! Meu Sobral! Oh! Meu Sobral!
Cidade luz da terra de Tupã
 No farfalhar das carnaúbas que te rodeiam
 Ouve-se a voz do Acaraú a murmurar.

Filhos ilustres construíram tua grandeza
Que te oferece galardão excepcional
 E a natureza te emprestou tanta beleza
 Que te levou a ser Princesa, oh! Meu Sobral.

Hoje, ostentando majestoso casario
Alto comércio, povo ordeiro e varonil
E retratando teu perfil na água do Rio
És meu Sobral uma das glórias do Brasil.
 (Grifos nosso)

Assim, a construção da história da cidade procura operar com o conceito de *pertencimento* – os intelectuais, apenas eles, pertenciam a uma tradição distinta, os discursos apontam nesse sentido, mas também com o conceito de *exclusão*, já que os iletrados não pertenciam ao seletivo grupo de imortais acadêmicos que supostamente faziam a história da cidade. Quanto ao hino de Sobral, é praticamente desconhecido da maioria da população da cidade que tem outra poesia musicada, chamada *Cidade da Esperança*, composta em homenagem ao bicentenário da vila em 1973 e bastante conhecida, como se fosse o seu hino. O fato é que o hino apesar de ser tocado obrigatoriamente em solenidades oficiais da cidade, de certo modo causa até hoje descontentamento em parte da elite intelectual que enxerga algumas incompatibilidades entre a poesia e a dita história de Sobral⁴¹⁶. Uma das razões dessa suposta

⁴¹⁶ Somente em 2011 é que o hino de Sobral passou a ser tocado obrigatoriamente em solenidades públicas municipais na cidade de Sobral, conforme o Art. 1º da Lei Nº 1093 de 21 de setembro de 2011, que determina que “As escolas da Rede Pública de Ensino do Município de Sobral promoverão cerimônias cívicas, todo início semestral do período letivo, que incluirão obrigatoriamente a execução do

incompatibilidade tem a ver com alguns versos que não apresentariam a cidade letrada, como deveriam.

Estamos nos referindo em primeiro lugar a passagem em que o autor fala na “*Velha Caiçara com suas vacas ruminantes*”, de certo modo insinuando que Sobral não seria mais tão altaneira quanto foi. Mesmo que se saiba que a história da cidade tem em sua gênese uma fazenda – Fazenda Caiçara -, numa aparente contradição com relação às grandes mudanças construídas ao longo do século XIX na cidade, ligadas principalmente as fortunas advindas da pecuária, é dito por essa elite que “Sobral abriu faz muito tempo as porteiras da fazenda⁴¹⁷”, numa clara alusão ao fato de que Sobral já havia se distanciado de qualquer relação com uma possível Sobral acanhada, agreste, ou seja, já havia se distanciado da “*Velha Caiçara, com suas vacas ruminantes*”, “bárbara”. Referir-se a Sobral como tendo aberto “as porteiras da fazenda”, também pode significar que era preciso esquecer certo passado que não engrandeceria sua história, passado esse possivelmente desligado dos seus “nobres povoadores”, como é enfatizado. Outra passagem da poesia que não agrada é a referência que faz a “*Cidade luz da terra de Tupã*”. Sabemos que os discursos que apontam a origem da cidade marcam a presença portuguesa como elemento fundante de certa identidade sobralense. É supostamente o povo português, principalmente aquele responsável pelo enobrecimento da Vila Distinta e Real de Sobral, e da cidade de Sobral em 1841, segundo esse discurso. Os moradores “ordinários”, os “facinorosos”, os índios, por exemplo, não contam nessa história, não somam, não constituem efetivamente esse discurso.

Aqui certamente podemos refletir com Homi Bhabha, no sentido em que a demanda por certa identidade, aquela construída pela ASEL, a demanda por uma identidade pretensamente letrada, nobre e intelectual, é algo que deixa uma marca insistente, que quer resistir a outras leituras possíveis, e que constitui uma estratégia discursiva que interroga a vontade de *ser* e de *permanecer* como uma construção do

Hino Nacional Brasileiro, Hino do Estado do Ceará e Hino do Município de Sobral e o hasteamento das bandeiras Nacional, do Estado e do Município, por alunos e professores”. A lei foi sancionada pelo prefeito José Clodoveu de Arruda Coelho Neto.

⁴¹⁷A Frase faz parte de um extenso pronunciamento feito em 2004 pelo então secretário de Cultura do Município de Sobral Clodoveu de Arruda Coelho Neto, hoje prefeito da cidade, por ocasião da inauguração da Escola de Artes e Ofícios de Sobral.

desejo, de modo que a identidade construída exclui o diferente, o indesejado, o outro que é descentralizado na narrativa⁴¹⁸.

Como sugere esse discurso, a elite que hoje está se revezando na administração política na cidade de Sobral⁴¹⁹ representada na pessoa do prefeito Clodoveu de Arruda Coelho Neto, neto do acadêmico Dr. Clodoveu de Arruda Coelho, de quem herdou o nome, já havia aberto as porteiras da fazenda, atravessando assim o “portal civilizacional” do campo para a cidade. Encontramos nesse discurso presente no hino da cidade, nas passagens positivadas pela elite local, como as astúcias da memória e da história são convocadas para legitimar “verdades” sobre as tradições letradas e heráldicas de Sobral, no sentido em que prevaleça uma única perspectiva de história e de passado.

A outra música, chamada *Cidade da Esperança* que a maioria dos sobralenses tem na conta de hino da cidade, é uma música composta por uma “sobralense de adoção” como se diz, de nome Regina da Justa Feijão em 1973, natural de Fortaleza, residindo em Sobral, onde exercia o magistério desde 1946, sendo diretora das Escolas Reunidas Monsenhor José Ferreira, e que consegue enfatizar a cidade de Sobral e sua suposta história de distinção:

Sobral, cidade abençoada

Morena muito queimada

Por esse sol tropical

Sobral, terra da esperança

De mulheres de pujança

Beleza e porte real.

Teu rio Acaraú passa ligeiro

E banha teu pé trigueiro

Sobral, garbosa mulher

Do Cristo Redentor a gente avista

⁴¹⁸ Ver: BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Op. Cit. P. 83-84.

⁴¹⁹ A eleição de Cid Ferreira Gomes em 1997 e sua reeleição em seguida, em 2002, seguido por Leônidas Cristino e depois Clodoveu de Arruda Coelho, este último eleito em 2012, garante desde então aos Ferreira Gomes a hegemonia política na cidade e praticamente no Ceará, pois hoje Cid Gomes é governador do Estado do Ceará, já em segundo mandato.

Esta cidade bonita
Cheia de graça e esplendor.

A Meruoca azulada
Como eterna namorada
Vive a ti embelezar
Na paisagem colorida
Oferece amor e vida
Em seu clima salutar.

Com orgulho e muita fé

Embalaste Dom José

Em teus braços, com calor
Ele que lutou na vida
Por esta terra querida
Que tanto, tanto amou.

Apesar de a autora ter personificado a cidade, transformando-a numa “Morena muito queimada”, quando fazemos essa ressalva, estamos pensando numa história construída no interior da Academia a partir de um discurso marcadamente branco e masculino, essa música é bastante conhecida e toca regularmente nas rádios locais. A mesma enfatiza características que de certa forma o hino da cidade atesta, mas não há como negar que a força da *Cidade da Esperança* reside no fato de atualizar uma dita história de Sobral, sendo uma cidade abençoada e de “beleza e porte real”, mas principalmente porque embalou Dom José. A música, assim, ao citar Dom José, que o hino silencia, procura englobar, a história da cidade pela tradição considerada uma das mais pomposas, e que gira em torno do bispo, de modo que, subentende-se que não haveria cidade sem o bispo, ou melhor, o que de melhor poderia haver na cidade estaria centrado na figura do religioso, o que pode à primeira vista assustar quem não conhece de perto a força da religião católica na história da cidade, pois ao sublinhar sua importância, a autora da composição estava não apenas procurando legitimar o discurso que dava conta da influência que o bispo pretendia exercer sobre os rumos da cidade,

mas ao mesmo tempo em que procurava legitimar o seu lugar de artista católica na cidade de Sobral.⁴²⁰

Pensar a princípio no hino da cidade e na música *Cidade da Esperança*, é mais uma forma de chegarmos ao discurso que liga a história da cidade a uma visão heráldica e enobrecida, não por acaso temos outra poesia, com o título de *Ave Sobral*, escrita também em 1973 para o Álbum do Bicentenário, pensado e produzido pela ASEL em homenagem ao bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral (1773), de autoria da acadêmica e poetisa Dinorah Tomás Ramos, sendo um dos discursos mais eficientes, conhecidos e explícitos sobre a suposta “nobreza sobralense” e sua intelectualidade, conforme segue em parte:

AVE SOBRAL

*Majestosa e heráldica cidade,
De uma estirpe real, nobre Princesa,
Repousada ao sopé da Meruoca,
Tonta de sol, soberba de beleza.*

No entanto, minha velha Caiçara,
Nem sempre foste tu quem hoje és,
Somente o amor, que tudo pode e vence
Fez-te Princesa, ao oscular teus pés.

Alguém, que já morreu – um grande Príncipe
De ti se enamorou, perdidamente,
E empenhando os seus bens doou-te tudo,
Nos arroubos viris de um amor nascente.

Para dar-te o saber, criou colégios,

⁴²⁰ Na década de 1970 ver um homem tocando violão pelas ruas da cidade era motivo de desconfiança, pois era um instrumento considerado comum nas mãos de boêmios e vagabundos. Regina Justa Feijão, empunhando seu violão, quebrou paradigmas na cidade, a ponto de ter sido a primeira mulher a receber da Câmara Municipal de Sobral, o título de cidadania sobralense. O instrumento aceito pela elite sobralense era o aristocrático piano.

E da Fé, as centelhas mais divinas
 Fez reviver em Igrejas e Hospitais,
 Seminários, Abrigos e Oficinas.

Este Príncipe da Igreja, soberano,
 Que na frente te pôs coroa real,
 O teu nome ilustrou e deu-te um cetro
 - foi D. José, o Bispo de Sobral.

Não sei se bem contei a tua história:
 Não pode a síntese abranger grandeza,
 Nem pode um pobre verso estropiado
Cantar os fulgores de uma Realeza.
 (Grifos nosso)

Dinorah Thomaz Ramos⁴²¹, assídua frequentadora das reuniões da ASEL a partir do final da década de 1940, foi a segunda mulher a entrar na Academia Sobralense de Estudos e Letras, depois da Dra. Gizela Nunes, ex-juíza da Comarca de Sobral isso apenas na década de 1980. A sua poesia é consagrada em Sobral como um espaço simbólico de reafirmação das tradições letradas e nobres da cidade testemunhada pela sutileza da poesia. A poesia é repetida à exaustão em livros didáticos, jornais da cidade, em revistas, especialmente em datas comemorativas de Sobral, notadamente no aniversário da vila.

Por outro lado, a poesia se esforça apenas em distinguir o lugar do bispo na cidade, mas em nenhuma passagem, mesmo da canção citada anteriormente, a autora reflete sobre o que a cidade ofertou ao bispo em sua longa atividade religiosa à frente do bispado, porque é mais do que claro que Dom José soube como nenhum outro se apropriar das benesses da cidade, gozando de imenso prestígio, sendo exaltado por parte

⁴²¹Dinorah Thomaz Ramos, professora, poetisa, juíza e vereadora na cidade de Sobral, nasceu na cidade de Santana do Acaraú em 1906. Mulher que exerceu certa influência junto aos intelectuais da ASEL que, sendo esposa do Dr. Ribeiro Ramos, tinha livre trânsito em suas reuniões. Faleceu em Fortaleza no dia 29 de agosto de 1990.

da elite letrada de Sobral, recendo homenagens e honorarias, como o título de presidente de honra da ASEL, como já sabemos.

Por isso mesmo, outro dado que “enobrece” a poesia de Dinorah Thomáz Ramos é que, as intenções da autora são bastante claras, o texto pretende apreender a importância de Dom José para a história da cidade dada a presença maciça do bispo nos meandros da cidade, por conta do processo de “estadualização” da Igreja, nas primeiras décadas do século XX⁴²², que recebeu da Santa Sé, inclusive, o título pomposo de *Bispo-Conde*, contribuindo assim para alimentar ainda mais a aura de nobreza da cidade, de modo que podemos considerá-lo como outro *semióforo* a alimentar e reinventar as tradições da cidade, incidindo sobre ele uma força discursiva que só encontra paralelo na figura do romancista Domingos Olímpio e em Dr. José Sabóia.

Em Sobral, portanto, encontramos um discurso vigoroso que impinge à cidade uma aura de nobreza e distinção, mas que de fato não encontramos de maneira clara “a” origem, uma vez que é muito difícil para nós ultrapassarmos as brumas do tempo e desfiar o novelo da construção dessa suposta identidade, mas de qualquer modo a massa discursiva construída em torno da invenção da fundação da vila pelos intelectuais da ASEL, nos leva a acreditar nessa “origem oficial” para os discursos de distinção da cidade, e é nesse sentido que estamos encaminhando nossas reflexões.

Outra questão que precisamos mencionar é o fato da poesia de Dinorah Thomaz Ramos também fazer referência a “velha Caiçara”, a mesma Caiçara que no hino da cidade mantinha, suas porteiras fechadas: aqui a entonação e o lugar de produção do texto é outro, pois nascido de certo modo no interior da Academia que naquele ano de 1973 chamou para si a tarefa de produzir um álbum sobre a data do bicentenário, de modo que a poesia ganhou, pelo prestígio da ASEL e pelo respeito devido a autora,

⁴²²“A “estadualização” da política expansionista adotada pela Igreja contribuiu tanto para o estreitamento dos vínculos entre os bispos e o Vaticano, como para o acirramento da concorrência entre os próprios prelados. (...) O referido processo de “estadualização” converteu a Igreja em um espaço de encenação das solenidades de legitimação e ostentação do poder oligárquico, que por ocasião das festividades (dia do (a) padroeiro (a), procissões, te-déus etc.) inscritas no calendário religioso, quer através de rituais de serviço com o timbre eclesiástico (batizados, casamentos, enterros, posses, formaturas, jubileus etc.). Os bispos atuantes foram se tornando figuras de primeiro plano na divisão do trabalho oligárquico, tendo por vezes tomado parte ativa nos principais momentos de crise política em seus respectivos estados. Nesse cenário “estadualizado” de atuação, as autoridades eclesiásticas foram aos poucos dilatando suas pressões de influência, juntando às funções institucionalizadas de consagração do poder oligárquico a formulação de doutrinas nacionalistas e a prática de atos cívicos”. Ver: MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Sobre o bispado de Dom José Tupynambá da Frota, ele durou 43 anos, entre 1916 e 1959.

outro status, outra posição no cenário nada apaziguador de uma cidade que buscava peremptoriamente a sua história considerada distinta e sem contradição, nesse sentido, a autora simbolicamente abria as porteiras da fazenda....

A busca enfática por essa cidade nobre e heráldica, a buscar seus “brasões sociais”, para usar uma expressão de Certeau, e legitimar sua história, se configura noutro cabedal discursivo que procura situar essa diferença a partir de determinados *títulos e honrarias*⁴²³ que consagraram alguns sobralenses que “honram sua terra pela intelectualidade”, como se idealizava, de modo que por isso mesmo “pode se avaliar o elevado nível de alguns sobralenses agraciados com títulos dessa natureza”⁴²⁴, como sugere esse discurso oficial.

A lista é sempre citada e procura dimensionar a importância que assume para o discurso sobre a cidade o fato de ter tido em sua história alguns sobralenses agraciados com títulos nobiliárquicos e honoríficos, consagrando ainda mais o que chamavam de heráldica cidade. Nenhum dos agraciados pertenceu a ASEL, com exceção de Dom José, mas esses títulos e honrarias não deixaram de alimentá-la no sentido de se transformarem em uma das explicações para a decantada e inventada grandeza da história da cidade. O que a explicitação dessa lista quer deixar claro é que Sobral pode se vangloriar de seus intelectuais, já que a distinção da vila, reverberando na cidade, acende a chama da suposta distinção histórica de Sobral e assim de maneira sutil, permitiria ligar constantemente “o presente dos fatos passados” da cidade, que na idealização de Monsenhor Fortunato Alves Linhares, “Sobral, pelas origens ilustres de seus primeiros povoadores, pelas suas artes, atividade comercial, riquezas, cultura, instrução, merece sem dúvida neste Estado a primazia entre as cidades cearenses”⁴²⁵, reafirmando assim uma *memória afortunada* que busca de maneira incessante a

⁴²³ Sabemos que os títulos nobiliárquicos e as chamadas graduações honoríficas eram outorgados, durante o regime imperial, a partir dos seguintes critérios: dignidade de saber (nobre de sangue direto); disposição real; serviços prestados; e feitos de guerra. Sabemos ainda que as ordens honoríficas eram destinadas a notabilizar os serviços prestados na guerra por tropas de terra ou mar, distinguindo também servidores públicos, literatos, artistas, sábios, arquitetos ou ainda navegadores com grandes descobertas.

⁴²⁴ GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. SOARES, Maria Norma. *Sobral história e vida. Op. Cit.* p. 98.-99. O afã com relação a essas distinções faz com a lista dos agraciados seja bastante citada. Como exemplo nomeamos alguns desses homens que “honraram sua terra pela intelectualidade”: Dr. Antonio Firmo Figueira de Saboya: Cavaleiro da Ordem da Rosa; Major João Mendes da Rocha: Comendador da Ordem da Rosa; Vicente Candido Figueira Saboya: Visconde de Saboya; Dom José Tupynambá da Frota: Conde de Sobral; Dr. José Júlio de Albuquerque Barros: Barão de Sobral; Dr. João Ernesto Viriato de Medeiros: Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz; José Moreira da Rocha: Comendador da Ordem da Rosa.

⁴²⁵ LINHARES, Monsenhor Fortunato Alves Linhares. *Notas históricas da cidade de Sobral. Op. Cit.* p. 109.

afirmação dos valores principalmente intelectuais, fazendo desses valores, valores absolutos de identificação da cidade.

Assim é que essa cidade tradicional tem nas narrações em torno da figura de seu primeiro bispo – o Bispo Conde -, uma de suas mais reiteradas representações. Não por outro motivo a Sobral de tantos nomes⁴²⁶, também ficou conhecida como “Sobral de Dom José”.

Mas para esse discurso a “Sobral de Dom José”, no entanto, é também a “Sobral de Domingos Olímpio”. Não há incompatibilidade entre as duas cidades. Não estamos tratando aqui de cidades iguais, o que seria impossível, mas de cidades que se homogeneízam em nome de uma suposta tradição que parte ora de um nome, ora do outro, de modo que as duas cidades se completam, dialogam, se buscam. A “formosa cidade intelectual”, do autor de Luzia-Homem é a mesma que será idealizada em suas referências ao bispo, de modo que alcançou

“o auge” em desenvolvimento, elaborando uma reorganização urbana a partir das construções por ele pensadas e realizadas. Representante de uma igreja em transformação que procurava se adequar aos novos problemas produzidos pela relação com o Estado laico, nas primeiras décadas do século XX, Dom José Tupinambá da Frota imprimiu à cidade intervenções arquitetônicas de inspiração neoclássica, *acentuando o ar aristocrático*, modificando a estrutura urbana, produzindo um caráter “moderno” aos espaços⁴²⁷. (grifos nosso)

Assim, a dita cidade intelectual, soma-se a cidade com ar aristocrático que o bispo desejava acentuar e cultivar a partir de suas intervenções. Dom José assume assim um lugar ímpar na história da cidade. Domingos Olímpio também assume lugar de destaque nos embates em torno das memórias locais. Quando nos referimos aos embates da memória, estamos querendo dizer que a luta pela invenção da cidade intelectual e aristocrática se dá “estruturada pela linguagem, pelo ensino, pela observação, pelas idéias coletivamente assumidas e por experiências partilhadas com os outros⁴²⁸”, de modo que se pretendeu construir uma memória social solidificada e refinada

⁴²⁶ Sobral já foi Vila Distinta e Real de Sobral, Nossa Senhora da Expectação da Vila de Sobral, Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú; a “Pérola do Sertão”, a “Campinas do Norte”, “formosa cidade intelectual”, a “Georgia do Ceará”, a “heráldica cidade”, “Metrópole do Sertão”, “Estados Unidos de Sobral”, “Princesa do Norte”, este último mais atual.

⁴²⁷ JUNIOR, Agenor Soares. “*Cidade sagrada*”. *Op. Cit.* p. 156.

⁴²⁸ FENTRESS, Hames & WICKMHAM, Chris. *Memória social, Novas perspectivas sobre o passado*. *Op. Cit.* p. 20.

constantemente pelos intelectuais locais, especialmente aqueles bem localizados social e culturalmente na cidade e que eram geralmente capitaneados para o interior da ASEL.

Por outro lado, a busca e construção de uma origem nobre para a cidade de Sobral, segundo essa tradição, fez com que os chamados historiadores locais, especialmente os que citamos até aqui – Dom José Tupinambá da Frota, Monsenhor Linhares, Monsenhor Vicente Martins, Padre Francisco Sadoc de Araújo e Padre João Mendes Lira –, produzissem no corpo de sua obra genealogia relativa a troncos familiares ditos “originários” que seria colonização da região⁴²⁹, mas essa estratégia de enobrecimento não foi apanágio apenas desses historiadores, mas de memorialistas locais, jornalistas e outros acadêmicos da ASEL, nesse sentido, construindo enfaticamente “a genealogia do povo escolhido desempenhava uma função de máxima relevância”⁴³⁰, pois estabelecia filiações, tradições e apanágios. Em outras palavras, davam lugares sociais bastante estratégicos para os descendentes das chamadas “grandes famílias” da cidade de Sobral. Precisamos ressaltar que todas as obras procuram de certo modo não uma “ruptura e sim uma continuidade com o passado imperial”⁴³¹, buscando assim manter “o paradigma europeu” para os colonizadores da Ribeira do Acaraú.

A obra local mais conhecida sobre esse assunto, e sobre a qual já nos referimos, é *Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú*, de autoria do padre Francisco Sadoc de Araújo, que escreve genealogia e observa que não estuda o assunto “com a vaidosa intenção de encontrar traços de nobreza nos antepassados, visão distorcida que leve à veleidade da vanglória, em detrimento da verdade da história”⁴³², aqui se diferenciando de Felix Ventura. Enfatiza que “na realidade, a ribeira do Acaraú foi povoada por

⁴²⁹ Uma visada rápida sobre esse tipo de produção nos indica que praticamente toda a produção do jornalista e memorialista Lustosa da Costa consta de notas genealógicas. O historiador Sadoc de Araújo também enveredou por esse caminho, e os livros *Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú*, *Origem da cultura sobralense* e *Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*, são um bom exemplo. Parte significativa da obra do padre João Mendes Lira também é genealógica, caso do livro sobre os *Traços Biográficos de Dom José Tupinambá da Frota*, *Homens e vultos de Sobral*, de Monsenhor Vicente Martins. Outras obras como *Relíquias de uma vida*, de Expedito Gerardo de Vasconcelos, *A família Sanford no Ceará*, de Paulo de Almeida Sanford, *Laços de família – os Vianas e os Demétrio*, de Yolanda Viana Demétrio, *Sociedade Sobralense – vultos em destaque*, de Arnaud de Holanda Cavalcante, *Sobral, minha família, minha vida*, de Raimundo Monte Frota, *Genealogia Sobralense – os Gomes Parente*, em cinco volumes, de Francisco de Assis Vasconcelos Arruda, *Os Arrudas e os Ferreira da Ponte*, também de Assis Vasconcelos Arruda, Aguiar, de praia, cidade e sertão, de José Maria Aguiar, entre outras obras, testemunham a predileção por obras dessas natureza na historiografia e memorialística local.

⁴³⁰ GIRÃO, Raimundo. *Notas para uma introdução à Genealogia Cearense*. Revista do Instituto do Ceará. Anno LXI, 1947. p. 131.

⁴³¹ OLIVEIRA, Raimunda Ivoney Rodrigues. *Gustavo Barroso: A tragédia sertaneja*. Op. Cit. p. 42.

⁴³² ARAÚJO, Cônego Sadoc de Araújo. *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú*. Op. Cit. p. 8.

humildes lavradores, vaqueiros e pescadores oriundos em sua grande maioria de vilarejos rurais”, e continua nos dizendo que “se alguns deles enobreceu ou enriqueceu foi aqui, pelo esforço diuturno de suas mãos calejadas no amanho da terra, no arranjo do gado ou na conquista do mar costeiro”⁴³³. Apesar da boa vontade de Araújo, o que ele produz em seu livro é a *genealogia* de famílias consideradas por ele ilustres da cidade de Sobral, tais como *os Linhares*, ascendentes e descendentes de nosso conhecido Monsenhor Linhares; *os Frotas*, ascendentes e descendentes de Dom José Tupinambá da Frota; *os Rodrigues Lima*, ascendentes e descendentes de uma das mais influentes famílias sobralenses; e *os Araújo Costa*, ascendentes e descendentes exatamente do autor da obra, padre Francisco Sadoc de Araújo que, a exemplo de Felix Ventura, quer assegurar a alguns filhos da cidade, um passado melhor. Portanto, não encontramos os humildes lavradores, os vaqueiros ou pescadores em meio a sua lista de tronco familiares.

Em uma passagem da mesma obra, num item intitulado *O Adão do Vale do Acaraú*, Araújo nos diz o seguinte:

O português Manuel Ferreira Fonteles foi o antigo povoador mais prolífico da ribeira do Acaraú. No ano de 1987 transcorreu o tricentenário de seu nascimento, motivo suficiente para que seu nome seja lembrado pelos milhares de descendentes, entre os quais estou incluído, e a oportunidade para que se aprofundem os estudos sobre as origens históricas da formação das primeiras famílias que se estabeleceram nesta parte do Ceará, que tem atualmente a cidade de Sobral como pólo de desenvolvimento. Sua primeira fixação na região e a enorme descendência de que é origem o caracterizam como o verdadeiro Adão do Vale do Acaraú.⁴³⁴ (Grifos nosso)

O título do capítulo nos diz muito, pois acena para o pioneirismo e a suposta origem nobre do povoador mais antigo da ribeira do Acaraú. O português Manuel Ferreira Fonteles, seria assim, “o verdadeiro Adão do Vale do Acaraú”. Isso nos leva a pensar em algumas questões. Primeiro, que o fato de Araújo nomear Manuel Ferreira como o *verdadeiro Adão do Vale do Acaraú*, significava dizer sem meias palavras, que ele seria o primeiro branco da região, e não apenas isso, responsável por grande descendência, incluindo o próprio Araújo, e também que seria responsável pela identidade branca do lugar. E sendo *Adão*, teria poder para nomear, qualificar, explicar e narrar sobre sua própria existência e existência do lugar e dos outros. Em outras

⁴³³ ARAÚJO, Cônego Sadoc de Araújo. *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú*. Op. Cit. p. 8.

⁴³⁴ *Ibidem*. p. 61.

palavras, a região viveria em função dele, e não o contrário. É como se Araújo quisesse dizer que o Vale do Acaraú só passou a existir a partir do momento em que Manuel Ferreira Fonteles veio morar em suas terras. Ainda sobre essa questão do branco colonizador e civilizador, vale refletir que:

No caso de terras recém-descobertas ainda sem nome, o sujeito, “eterno Adão” de fato não pertence a elas, mas caberia a ele dar nome ao que vê, dar a partida para a inscrição de tais locais no “mundo dos brancos”, dos mapas, do tempo histórico. Sua chegada marcaria a origem dessas ilhas aos olhos do Ocidente e sua mudança de um estado de “pura natureza” para uma corrida em direção ao que este viajante entendesse por “civilização”, semente a ser lançada por ele nessa terra que crê, paradisíaca ou infernalmente, em branco⁴³⁵.

A citação acima é bastante significativa para redimensionar o texto de Araújo porque é exatamente o português Manuel Ferreira Fonteles que será responsável, pelo que depreendemos do texto de Araújo, por inscrever o vale no “mundo dos brancos”. E também por superar o estado de “pura natureza” e semear a civilização na região. Essa presença branca no vale é superdimensionada na historiografia que estamos analisando aqui. Sobre isso Araújo é bastante confiante:

Qualquer pessoa branca oriunda do Vale do Acaraú que se der ao trabalho de levantar sua própria árvore genealógica ascendente, recolher-se-á descendentes de um desses avoengos comuns. Na realidade, toda a população desta região está ligada por laços de parentesco e constitui uma só imensa comunidade familiar. Apesar da diversificada colateralidade posterior, intensificada nos tempos atuais pela grande mobilização social provocada pelos modernos meios de transporte, o Vale do Acaraú ainda conserva a admirável homogeneidade de sua população⁴³⁶.

Fica claro na passagem citada que para Araújo há uma genealogia que perpassa as principais famílias da região, no caso famílias brancas, e o que é mais surpreendente, que “conserva admirável homogeneidade de sua população”. Assim, eram todos brancos, que continuaram sendo brancos, e o mais importante, eram todos descendentes de um mesmo tronco. Os sobrenomes dos avós dos brancos “nos tempos atuais” foram citados por Araújo e são: Almeida, Álvares, Amarante, Azevedo, Bandeira, Barcelos, Bastos, Braga, Cardoso, Chaves, Coimbra, Cunha, Feijão, Feijó, Ferreira, Fialho, Figueira, Fonteles, Frazão, Freire, Guimarães, Lago, Lima, Linhares, Madeira, Matos, Mesquita, Monte, Moura, Nogueira, Oliveira, Paiva, Peniche, Peixoto, Pereira, Pinheiro, Ponte, Portela, Porto, Prado, Ribeiro, Sá, Sampaio, Teixeira, Vale, Viana, Vieira, Vilar.

⁴³⁵ SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. Op. Cit.* p. 13.

⁴³⁶ ARAÚJO, Conego Francisco Sadoc de. *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú. Op. Cit.* p. 213.

Muitas famílias em Sobral ainda ostentam alguns desses sobrenomes. Mas o mais significativo na obra *Raízes Portuguesas do Vale do Acaraú* está reservado ao Apêndice do livro, onde o autor procura provar por amostragem “como são freqüentes os casamentos endogâmicos entre os descendentes destes primeiros grupos familiares que povoaram a ribeira do Acaraú”, e para tanto, Araújo escolhe o estudo de sua própria ascendência⁴³⁷, o que para nós significa que com essa escolha ele estaria legitimando o lugar desses primeiros avoengos, pela legitimidade de seu próprio nome. Assim, o autor nos traz os seguintes itens para “provar” a existência de casamentos endogâmicos e ao mesmo tempo, sutilmente, a nobreza de sua própria ascendência: “De como descendo de Domingos da Cunha Linhares. De como descendo do Capitão José de Araújo Costa. Como descendo de Manoel Ferreira Fonteles (não nos esqueçamos, que Manuel Ferreira Fonteles foi o “Adão do Vale do Acaraú”). De como descendo de Mateus Mendes de Vasconcelos. De como descendo de Pedro Araújo da Costa. De como descendo do Cap. Vicente Lopes Freire.” Em cada um dos itens elencados, Araújo destaca todos os seus ascendentes, que vai desde Amaro de Menduiña, espanhol de Aldán, passando por Domingos de Araújo, português, natural de Camposinhos, João Velho, também português, Diogo Mendes, português, Domingos da Costa, também português, Domingos Freire, natural de Lagos, Portugal e Manuel da Frota, português. Todos os nomes citados correspondem ao início de cada ascendente para cada item elencando por Araújo, que busca suas origens mais originais, para sermos redundantes como o autor. Sobre essa problemática refletimos da seguinte forma:

A obsessão pela origem o que traz consigo? Possíveis romances familiares. Alguns imensos, em vários tomos. Árvores, genealogias insaciáveis, com raízes firmes e em contínua, vertiginosa multiplicação de ramos exemplares. Alguns menores, passíveis de cortes abruptos, fins de linha ou linhas duplas⁴³⁸.

Nessas construções genealógicas não faltam “romances”, páginas épicas de conquistas e vitórias sobre a “terra selvagem” e também sobre alguns de seus “selvagens moradores”. Não falta também a essa narrativa a multiplicação de ramos exemplares⁴³⁹. No entanto, percebemos que o trabalho dos genealogistas “ao se depararem com a realidade de que descendem de um povo inteiro, percebem que não há origens a serem encontradas. Existem no máximo alguns “começos” mais próximos.

⁴³⁷ Ver: ARAÚJO, Conego Francisco Sadoc de. *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú*. Op. Cit. p. 213.

⁴³⁸ SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem*. Op. Cit. p. 11.

⁴³⁹ A genealogia dos Arrudas comporta até agora 4 volumes. O primeiro e o segundo volume foram publicados em 1ª edição em 1980, enquanto o terceiro volume veio a lume em 1988, e o quarto em 2012.

Não há possibilidade de se chegar a Adão e Eva”⁴⁴⁰. A origem talvez não tenha nome, e por mais que Araújo deseje provar sua ascendência nobre portuguesa, o que ele enxerga entre névoas do passado, é no máximo alguns “começos”, que certamente procuram apontar para Adão ou para Eva, ou seja, para um possível começo que se vislumbra como desejo e necessidade de se manter uma dada identidade abrangente e homogênea. Por isso os intelectuais da Academia não deixaram de buscar entre os seus “clientes”, “um bom passado”, “Resumindo: um nome que ressoe a nobreza e a cultura”⁴⁴¹, como veremos em seguida.

2 – A VIDA DOS HOMENS DE PROJEÇÃO: ENTRE A BIOGRAFIA E A APOLOGIA

A história de um povo não se escreve somente pela narração dos fatos memoráveis, que se realizaram em uma época ou tempo determinado, mas se escreve, também, pela descrição da vida dos homens de projeção, que, em seus feitos, atuaram na vida social, quer intelectual, quer política, quer econômica e constituem a representação de um povo e por isso centralizam sua história.

Monsenhor Vicente Martins da Costa

Outra vertente considerada importante pelos intelectuais a respeito da construção da cidade letrada se dá a partir de algumas biografias construídas sobre a vida de seus intelectuais, escritas e publicadas por acadêmicos. Desse modo, questionaremos nesse item como a ASEL construiu a vida de alguns dos homens considerados de projeção da cidade? Quem são esses homens? Quais são as características dessas biografias? Como relacionam a ASEL e o biografado? Como diferentes autores pensaram o mesmo biografado? E qual a relação desses homens e vultos, como escreve Monsenhor Vicente Martins, com as tradições consideradas heráldicas e letradas da cidade? Essas são algumas das questões em discussão neste item.

Para Monsenhor Vicente Martins, os “homens de projeção” centralizam a história, porque são autores de feitos significativos, e sem esses feitos, segundo ele, não

⁴⁴⁰ FERREIRA, Sérgio Luiz. *Transmissão de sobrenomes entre luso-brasileiros: uma questão de classe*.

⁴⁴¹ AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. *Op. Cit.* p. 17.

poderia haver vida social, intelectual, política ou econômica. A história, nesse sentido, como lugar do memorável, portanto, é mais bem representada quando centralizada na vida de alguns intelectuais. É exatamente essa a intenção de praticamente todas as biografias que foram escritas sobre a vida de membros da ASEL, no sentido de ligar suas realizações as supostas tradições intelectuais da cidade, ou seja, garantir uma memória afortunada desses homens, de modo que certo passado da cidade na perspectiva da ASEL, não fosse simplesmente reconstituído num texto, numa biografia, de sorte que o que estivesse em jogo nessa ampla produção biográfica sobre os intelectuais da ASEL, fosse uma perspectiva mais engenhosa, e que “deve ser entendida como um processo dinâmico da própria rememoração”⁴⁴², ou seja, o que interessa a essa produção é a força rememorativa que ela procura encerrar em cada biografia. Muito mais do que contar ou recontar a história intelectual da ASEL ou da cidade, muito mais do que memorizar, o que interessa é rememorar, pois essa ação procura garantir sentidos e significações, reinventando continuamente o lugar desses sujeitos na trama da história local⁴⁴³.

Assim é que no ano de 1988, a acadêmica Gizela Nunes da Costa, então diretora de Pesquisa da ASEL, que não tinha uma definição muito clara sobre suas ações, departamento esse que não existe mais, organizou em forma de homenagem um opúsculo com artigos do acadêmico professor Antonio Ferreira Porto, nascido em 1893 na cidade de Granja, tendo mudado para Sobral no ano de 1925, sendo um dos fundadores daquela agremiação, artigos a princípio publicados no Correio da Semana. Trata-se de uma edição preparada em Sobral pela própria Academia, provavelmente impressa na tipografia daquele Jornal. A obra encerra artigos publicados entre os anos de 1965 e 1966. Esse trabalho nos interessa visto que dois dos artigos tratam da questão biográfica, um intitulado *Biografia de Dom José*, de 18 de setembro de 1965, em que questiona o fato de, segundo ele, “certa gente que, não tendo outros assuntos a explorar, deu agora de lamentar, vez que outra, a “desídia” dos sobralenses não terem ainda feito um trabalho sobre a vida e os feitos de nosso saudoso Dom José”⁴⁴⁴. Devemos lembrar que quando o professor Porto escreve o seu artigo, Sobral conhecia praticamente uma única biografia alentada do bispo, escrita exatamente pelo Monsenhor Vicente Martins e

⁴⁴² DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica Memória, identidade e representação*. Bauru. SP. EDUSC, 2002. P. 112.

⁴⁴³ *Ibidem*. p. 112.

⁴⁴⁴ PORTO, Antonio Ferreira. In: COSTA, Gizela Nunes da. (Org.) *Artigos de Antonio Ferreira Porto*. Sobral: Academia Sobralense de Estudos e Letras, 1988. P. 16.

publicada na Revista do Instituto do Ceará, talvez por isso a referência a negligência e preguiça dos “sobralenses” que não tinham publicado nada substancial, segundo ele, sobre o primeiro bispo de Sobral. Sua crítica reside no fato de “certa gente” não avaliar bem a situação, pois para ele, os biógrafos que exploram a vida do bispo dão “prova inconclusa de maturidade de pensamento (...) que agem com a cabeça”, pois não cedem aos apelos banais e intempestivos, de modo que sua intenção é *dizer* que para se escrever uma biografia, especialmente uma biografia de Dom José, é preciso tempo e paciência, esclarecendo que:

O que essa gente não sabe ou finge não saber ainda, é que o povo de Sobral não ignora que uma biografia é um subsídio para a história e esta, para ser perfeita, requer delongas, isto é, não se faz no tempo, mas com o tempo.⁴⁴⁵

Assim, o professor Antonio Ferreira Porto reconhece na biografia uma forma de subsidiar a história. Portanto, a biografia como parte da história, se realiza com o tempo, na forja da passagem dos anos, como sinal de sua veracidade, pois o tempo ensina, dá exemplos. A visão de Porto sobre a biografia do bispo segue “uma tradição biográfica estabelecida (...) com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas”⁴⁴⁶. A propósito, esse é também o tom que cerca a fabricação da biografia de Monsenhor Vicente Martins e de todos os acadêmicos biografados neste capítulo. Tratam-se de homens superficiais, coerentes e estáveis, sem incertezas, sujeitos lineares pretensamente a engrandecer a cidade e seus destinos.

O outro artigo que nos ajudará a pensar as relações entre a biografia e a história, chama-se *Biografia e Apologia*, e foi publicado também em 1965. Nesse artigo bastante interessante, Porto vai fazer uma distinção entre o que ele considera *biografia* e o que considera *apologia*, insistindo no fato de que “muita gente, pouco afeita à semântica, ainda confunde biografia com apologia”. E enfatiza num tom bastante empolgante que:

Biografia, como o próprio nome indica, é a descrição da vida de uma pessoa, suas lutas, suas vitórias e fracassos, uma revivescência, em suma, de seu passado, com todo um acervo de fatos que a impuseram à consideração ou ao desprezo das massas. É a fotografia moral do indivíduo⁴⁴⁷.

⁴⁴⁵ PORTO, Antonio Ferreira. Op. Cit. p. 16.

⁴⁴⁶ LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: AMADO, J. FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2010. P. 169.

⁴⁴⁷ PORTO, Antonio Ferreira. *Biografia e Apologia*. Op. Cit. P.18.

Biografia, para Porto, é uma espécie de “revivescência”, ou seja, uma forma de se reviver, de “ressuscitar o passado”, a vida da pessoa biografada. Isto é, a biografia para o professor é um jeito de se recolocar o passado como uma possibilidade de se reviver novamente as lutas, vitórias, fracassos de um indivíduo, de modo que tenhamos o passado como um acontecimento possível de ser revivido em toda sua força e peculiaridade, sendo, outrossim, um “passado que não quer passar”. Biografia ainda é, para Porto, “a fotografia moral do indivíduo”, ou seja, deve ser lugar da “verdade” sobre a sua vida, já que entendemos aqui que a metáfora da fotografia soa para nós como uma referência a biografia como uma cópia “fiel” da vida, como um espelho a refletir a existência “real” do biografado.

Assim, Porto ensaia mesmo que as vezes inconscientemente, uma discussão que relaciona biografia e história, e que tem uma longa tradição de debate no Ocidente, já que “a fronteira que separa biografia e história sempre foi bastante imprecisa”⁴⁴⁸, de modo que desde Plutarco, passando por Políbio, chegando aos nossos dias, a relação tensa com o gênero biográfico cintilava nas discussões e colocava no centro do debate as supostas incompatibilidades entre o que seria a história narrada como uma “síntese geral” e a vida vivida, subjetiva, singular e pessoal da “gente comum”. De qualquer modo estava em jogo uma dada forma de interpretar os acontecimentos à luz “da realização pessoal daqueles considerados grandes protagonistas” que, imbuídos de uma experiência considerada mais universal, ditavam os rumos da história. O professor Porto, assim, atualizava a partir das páginas do Correio da Semana, uma ampla discussão que no Ocidente colocava praticamente em campos opostos o *Homem*, exemplar único, grandioso e eloquente, e o *homem*, gênero ordinário, limitado, “pequeno” e seguindo geralmente “às cegas o seu destino”. Por outro lado, autores consagrados e lidos por membros da ASEL, como Thomas Carlyle, consideravam que “a história é a essência de inúmeras biografias”, de certo que desse modo a história seria um “feito” de alguns, e não a vivência de muitos.

A biografia, como “gênero impuro”, no dizer de François Dosse, vem alimentando um campo historiográfico em que o desafio de escrever uma vida soa a princípio, a “um horizonte impossível”, mas que mesmo assim vem despertando especialmente desde o final do século XX, um clima de cuidado e investimento

⁴⁴⁸ LORIGA, Sabina. *A biografia como problema*. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998. P. 225.

historiográfico nessa perspectiva de entendimento da vida dos homens no tempo. Nesse sentido o desafio maior acontece porque “a biografia, como a história, escreve-se primeiro no presente, numa relação de implicação ainda mais forte quando há empatia por parte do autor”⁴⁴⁹. As biografias escritas pelo acadêmico Craveiro Filho para *O Centenário*, e por Monsenhor Vicente em *Homens e vultos de Sobral*, as duas obras mais importantes nessa perspectiva de escrita, sem dúvida nenhuma representam entre outras questões, a implicação de uma empatia dos autores com relação à maioria dos sujeitos biografados, e que pretendiam “ser um mostruário do perfil dos homens que construíram”⁴⁵⁰, legitimando a suposta distinção da cidade. Craveiro Filho se deixa possuir por seus biografados, e apesar de nos apresentar um texto rápido e lacunar, objetivo e límpido quanto a seu desejo, que é didatizar e marcar o lugar do biografado na cidade, sua filiação e sua atuação pública, em que as biografias se inserem num conjunto articulado cuja força reside exatamente no que seria a *qualidade* e a *quantidade* dos intelectuais biografados. Entendemos essas biografias como mais um dos *arquivos* inventados da cidade letrada, ou seja, certidões de autenticidade da intelectualidade local, e nesse sentido, entendemos que esse arquivo “opera no campo da memória, como aquilo que se guarda, que resiste ao fluxo do desaparecimento, que por alguma razão permanece, se entesoura, se cultiva, se preserva”⁴⁵¹. É esse *tesouro* que é cultivado sistematicamente na seara da ASEL, como a clara intenção de garantia e razão de sua vitalidade e eficiência no cenário da cidade de Sobral.

As biografias selecionadas por nós se inserem em um discurso em que “a seleção de fatos significativos iria acentuar o caráter exemplar e tipológico das biografias, privilegiando a dimensão pública em vez da dimensão privada”⁴⁵² dos indivíduos, de modo que temos uma sucessão de ações públicas dos biografados, e sua vida privada se resume a sua filiação. O que interessa aos biógrafos, a princípio, é mostrar as *origens* familiares legítimas, contextualizando o biografado numa cadeia de acontecimentos relevantes e públicos para fabricar o engrandecimento do passado da história da cidade. Essa obsessão pelas origens, nos faz refletir com Jeanne Marie Gagnebim, pensando Benjamim, que “a origem não designa somente a lei “estrutural” de constituição e

⁴⁴⁹ DOSSE, François. *O desafio biográfico. Escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009. p. 11.

⁴⁵⁰ BORRALHO, José Henrique de Paula. *Uma Atenas Equinocial*. Op. Cit. p. 129.

⁴⁵¹ ARFUCH, Leonor. *A Auto\Biografia como (Mal de) arquivo*. In: MARQUES, Reinaldo. SOUZA, Eneida Maria de. *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009. p. 371.

⁴⁵² LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. Op. Cit. p. 172.

totalização do objeto”, sendo também “o indício da totalidade e marca notória da sua falta”, considerando ainda que “nada garante o cumprimento desta promessa como nada garante nem o final feliz da história nem a redenção do passado”.⁴⁵³ Refletimos assim, que essa *origem* ao invés de redimir o passado, como é o desejo da ASEL, expõe diante de nós uma *falta*, ou seja, acena para o que chamaríamos aqui de *um tempo que falta*, uma incompletude que não pode mais ser recuperada, mas que os autores das biografias acreditam recuperar nas páginas de suas obras.

No artigo de Porto, ele faz ainda uma diferenciação entre a *apologia*, inserida por ele na perspectiva de *panegírico*, e a biografia, conforme segue:

O panegírico é obra do pensamento, ao passo que a biografia é filha da pesquisa cuidadosa e do recurso às fontes insuspeitas de informações. A biografia implica trabalho, ao passo que a apologia requer imaginação e nada mais. À biografia dos santos dá-se o nome de Hagiografia. Nesta, como naquela, se considera, não só a parte positiva, mas também a negativa do indivíduo⁴⁵⁴.

Porto considera o panegírico como *pensamento*, e enquanto tal, pelo que depreendemos, quando compara com a biografia, que para ele “é filha da pesquisa cuidadosa e do recurso às *fontes insuspeitas* de informações” (Grifos nosso), é uma forma menor de se narrar a vida de alguém, porque é fruto da ficção. Como obra do pensamento, o panegírico é, portanto, uma obra que não se pauta pela seriedade de uma pesquisa junto “às fontes insuspeitas”, como a biografia, o que lhe garantiria veracidade. Visto que enquanto a biografia requer esforço, trabalho, a apologia necessita apenas de imaginação e nada mais do que isso. A diferença entre pesquisa e pensamento, está inserida assim a partir da diferença entre trabalho e imaginação, ou seja, abarca e encena também uma luta ocidental entre a razão e a imaginação. A imaginação ao produzir o panegírico, produz também o seu próprio *des-valor*, ou seja, sua condição de gênero menor. A biografia assim é fruto do conhecimento “científico”, enquanto a apologia seria uma forma de “arte” comparável à literatura⁴⁵⁵, sem o mesmo apelo de “verdade” que deve marcar também a história, nas considerações de Porto.

Nesse sentido podemos pensar novamente com Felix Ventura, que procura, em seu trabalho, costurar “a realidade com ficção, habilmente, minuciosamente, de forma a

⁴⁵³ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narrativa em Walter Benjamin*. Op. Cit. p. 14.

⁴⁵⁴ PORTO, Antonio Ferreira. *Biografia e Apologia*. Op. Cit. p.18.

⁴⁵⁵ BORGES, Vavy Pacheco. *Grandezas e misérias da biografia*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 205.

respeitar datas e factos históricos”⁴⁵⁶. O que à primeira vista parece incongruente, sem nexos, guarda um fino traço de união, uma teia de sentidos mediada fundamentalmente pela narrativa. *Fato e ficção*, entendendo, a princípio, a história como fato e a literatura como ficção, são narrativas, discursos que produzem efeito de sentido e jogam com possibilidades de representação. Um e outro são formas privilegiadas de construção da realidade no tempo ou, dito de outra forma, são invenções sobre a realidade, sendo a própria realidade entendida aqui enquanto discurso. Não que a realidade seja palavra, discurso, linguagem. A realidade é construção de palavras, discursos, linguagens, o que é muito diferente. Ainda assim precisamos pensar que:

A distinção entre fato e ficção, que separou o discurso historiográfico do discurso literário, foi transcendida pela Literatura modernista ao romper com o par referente\representação, ao tornar explícito o caráter de fabricação do próprio significante. Joyce, Pound, Proust fizeram emergir o caráter demiúrgico da escritura. Em seus livros o passado é uma construção, uma invenção feita durante a própria escrita. A memória como a História, são uma escritura sem fim, nem origem⁴⁵⁷.

Assim, nossa discussão não deve se limitar a considerar como antagônicos os discursos da História e da Literatura, e assim a construção das biografias dos intelectuais da ASEL, como também não devemos sugerir que são discursos homogêneos, sem diferença, arrumados e formuladores dos mesmos sentidos. Precisamos considerar a especificidade de cada discurso, mas sem eliminar de forma pré-concebida o diálogo entre ambos, já que a grande questão para nós é que devemos “abordar a relação entre a História e a Literatura sem adotarmos (...) posição defensiva, sem procurar pensar contra a Literatura ou apesar dela, mas com a Literatura”⁴⁵⁸. Pensar com a Literatura, em nosso caso, é considerar o tecido narrativo, o discurso, como um elemento estratégico de construção dos acontecimentos e sentidos sociais, entendendo assim que a linguagem é densa, tem profundidade e jamais será transparente, óbvia. Ao produzir o seu romance, Agualusa faz de sua narrativa mais um elemento de discussão a respeito da identidade de seu país, considerando a literatura, desse modo, como tribuna significativa para reler sua história e fundamentar novos referenciais sobre a fabricação do passado. A atividade de genealogista de Felix Ventura com relação a José Buchmann, vai “pouco a pouco enchendo de predicados variados destinados a fundá-lo como uma *pessoa*, provida de plenitude psicológica (...) Assinalar-se-á aqui uma forma

⁴⁵⁶ AGUALUSA, José Eduardo. *Op. Cit.* p. 139.

⁴⁵⁷ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *História. A arte de inventar o passado. Op. Cit.* p. 63

⁴⁵⁸ *Ibidem.* p. 44.

particular desse “preenchimento”⁴⁵⁹. Preencher a vida de José Buchmann, fazer dele uma “pessoa”, dotá-lo de personalidade, de “predicados variados”, mas, no entanto, o maior dos predicados liga-se fundamentalmente ao “novo passado” construído e de certa forma canonizado. É o que veremos com relação as biografias que analisaremos, quando os intelectuais serão construídos de “predicados variados”, tendo suas vidas preenchidas e dotadas de sentidos arregimentados pelas supostas tradições letradas de Sobral.

Quando nos debruçamos sobre a biografia de alguns acadêmicos da ASEL, levando em conta que estamos tratando de narrações construídas integralmente pelos próprios acadêmicos, no caso das biografias que escolhemos para as nossas reflexões, estamos diante de textos com peso tanto do panegírico quanto do caráter biográfico, na perspectiva de definição do professor Porto, uma vez que os textos são uma forma acabada de inserir aqueles sujeitos nas tradições letradas da cidade, pelo louvor à história local através do louvor às suas vidas narradas, ou seja, estamos diante de narrativas em que a biografia e o panegírico caminham paralelamente, sem a distância que preconiza Porto em seu artigo, pois:

Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de um ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo.⁴⁶⁰

Com as biografias dos acadêmicos, certa ordem estava sendo dada, uma organização social, cultural e intelectual estava sendo posta, uma ordem que estabelecia inclusive uma organização cronológica que marcava o lugar do tempo de invenção da Sobral intelectual a partir das vidas do seus biografados, de modo que esses intelectuais reforçavam “o elemento de distinção social por condição de notoriedade como qualidade de pertencimento a uma elite”⁴⁶¹, como veremos a seguir.

O que faremos a partir de agora, será pensar a Academia numa perspectiva que remete à sua invenção como espaço da elite letrada, e para isso analisaremos a vida de Monsenhor Vicente Martins da Costa. Nossa intenção também será tentar compreender mais detidamente, a princípio, a importância da Igreja Católica para a constituição da

⁴⁵⁹ BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Op. Cit. p. 168.

⁴⁶⁰ BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. AMADO, J. FERREIRA, M.M. (orgs) Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2010. p. 184.

⁴⁶¹ BORRALHO, José Henrique de Paula. *Uma Atenas Equinocial*. Op. Cit. p. 127.

ASEL, bem como a idealização levada a efeito pela Academia com relação a importância intelectual do clero considerado de maneira mais genérica, e para isso tomaremos ainda como base de análise a construção da biografia de Monsenhor Vicente.

Uma característica atravessa praticamente toda existência da ASEL: a presença de profissionais liberais considerados intelectuais na cidade, geralmente membros da magistratura, padres e professores. Nesse sentido pensaremos a ASEL como lugar de prática da “teoria do expoente”, seguindo para tanto a vida de Dr. Ribeiro Ramos. Por fim, trataremos da vida do Dr. José Sabóia de Albuquerque, e através de sua biografia refletiremos sobre a Academia como espaço de visibilidade de embates políticos nacionais e estaduais. Mas por que em meio a algumas dezenas de acadêmicos escolhemos apenas três? Porque os três acadêmicos, em diferentes momentos foram as principais referências e bases de apoio para a instituição, sendo os três acadêmicos as figuras mais citadas no âmbito da ASEL.

3 - ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS: OS HOMENS E OS VULTOS DE SOBRAL

“Posso saber o seu nome?”

José Eduardo Agualusa, *O Vendedor de Passados*.

“O que há no nome?”, pergunta Shakespeare em uma de suas mais conhecidas obras: *Romeu e Julieta*. Por que, nesse sentido, é tão importante saber o nome? E em nosso caso, o que o *nome próprio* implica em significado para a construção da identidade social e, especificamente, acadêmica em Sobral? Nesse caso, o peso de um nome reforça uma perspectiva de pertencimento a determinado lastro cultural, o que equivale a ter uma referência estabelecida, uma raiz intelectual, porque “bem sabemos que”, como sugere Derrida, “de modos diferentes e complicados, os nomes próprios e as assinaturas contam”. Os nomes próprios contam porque estabelecem uma espécie de reconhecimento, pois o nome próprio segundo Ziff, é “um ponto fixo num mundo que se move (...)”, o que certamente se transforma em garantia de que algo permanece, de que algo resiste em meio a movência dos acontecimentos, de algo como uma *assinatura*,

uma marca que não poderia passar. Porque o nome é o elo de uma cadeia que alimenta uma série de sentidos e definições, pois “por essa forma singular de *nomeação*”

que é o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como *agente*, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis. É o nome próprio (...) com a individualidade biológica da qual ele representa a forma socialmente instituída, que assegura a constância através do tempo e a unidade através dos espaços sociais dos diferentes *agentes* sociais que são a manifestação dessa individualidade nos diferentes campos (...) ⁴⁶²
(Grifos do autor)

O *nome próprio* seria a garantia de que o *passado* estaria a salvo do esquecimento, *arquivado*, pronto para ser utilizado sempre que necessário. E mais do que isso: o passado manifestado no nome seria, em Sobral, o lastro da tradição, o reservatório apto a resolver os problemas de falta de constância dos acontecimentos no tempo. A ASEL seria o lugar, nesse sentido, dos chamados “homens de projeção”, homens aptos a garantir a constância temporal de uma suposta tradição intelectual, como veremos.

Há uma frase bastante repetida pelos membros mais antigos da ASEL: “*Prefiro morrer nos braços da Academia a vê-la morrer em meus braços*”. Esta frase é atribuída ao primeiro presidente da ASEL, Monsenhor Vicente Martins da Costa, que seria, segundo a tradição, o *primeiro nome* da Academia, e coube bem em sua biografia, pelo menos na perspectiva em que foi construída. A frase ao mesmo tempo revela a teimosia de quem acreditava naquilo que fazia. Quando de sua criação, Monsenhor Vicente, nascido em Fortaleza em 1880, estava com 63 anos, portanto, com idade relativamente avançada. Ele, que havia sido ordenado em 1903, na região Norte do Ceará passou antes pela cidade de Granja, realizando seu trabalho à frente de um pequeno distrito daquela cidade que, depois de certo tempo de sua transferência para Sobral em 1936, emancipou-se e recebeu o nome de *Martinópolis*, de Martins, em homenagem ao Monsenhor. Assim, permaneceu na Academia até sua morte, ocorrida em 1948, na cidade de São Paulo. Portanto, a Academia não morreu em seus braços, mas ele morreu nos braços da Academia, teimosamente.

Na ata do dia 29 de fevereiro de 1948, temos uma notícia sobre o Monsenhor, presente na sessão, mas antes as palavras do vice-presidente, Dr. José Sabóia, dão o tom

⁴⁶² BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. Op. Cit. p. 186.

delicado da reunião, quando “propõe (...) uma moção de agradecimento ao Monsenhor Martins, pelo muito que fez, no sentido de que fosse votada a subvenção para a Academia”. Na mesma ata temos informações detalhadas sobre essa subvenção, pois o próprio Monsenhor Vicente

propõe um voto de gratidão ao Deputado Raimundo Aristides Ribeiro, autor do Projeto-lei, e que foi aprovado pelo Presidente do Estado – Decreto nº 125 de 19/2/48, concedendo à Academia uma subvenção de vinte mil cruzeiros; também ao Doutor José Sabóia de Albuquerque por ter conseguido junto ao Desembargador Faustino, a sanção da referida lei.

Pela citação acima podemos aquilatar a influência política dos membros da Academia, pois o deputado Raimundo Aristides Ribeiro um dos sócios-fundadores da ASEL e que, agora como homem público, com mandato político pelo PSD – Partido Social Democrático, fazia força junto ao governo estadual para votar projeto de lei para subvenção de 20 mil cruzeiros à Academia. A outra ponta da articulação, o Dr. José Sabóia, com seu prestígio e suas amizades, fez com que o projeto fosse sancionado pelo desembargador Faustino, futuro governador do estado, apoiado exatamente pelo magistrado.

Monsenhor Vicente Martins da Costa quando chegou à cidade de Sobral, transferido da cidade de Granja, em 1936, segundo a idealização de Ramos, “precedido de justa fama de sacerdote de grandes virtudes, inteligente e culto, de intelectual de muitos méritos, escritor com várias obras publicadas, além de jornalista militante da Ação Católica”⁴⁶³, já trazia na bagagem muitos trabalhos publicados especialmente sobre História, Biografia e de combate ao Comunismo ⁴⁶⁴. A produção do mesmo se insere em um princípio no qual:

⁴⁶³ RAMOS, Ribeiro. *O Jubileu de Ouro da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Breve comentário*. In: Revista da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Número especial comemorativo do Cinquentenário de Fundação. 7 de Setembro (1943-1993). Nº 10. Sobral-Ce. 1994. p. 12.

⁴⁶⁴ Monsenhor Vicente Martins da Costa é autor de “Notícia Histórica – Corografia da Comarca de Granja – Revista do Instituto do Ceará – Tomo XXV, ano 1911 – Tomo XXVI, Ano 1912 – Tomo XXIX, Ano 1915; Pessoa Anta (Biografia) – Revista do Instituto do Ceará – Tomo XXXI, Ano 1917; Notas Biográficas do Clero Sobralense – Revista do Instituto do Ceará – Tomo XXXIV, Ano 1920; D. José Tupinambá da Frota – 1º Bispo de Sobral (Biografia) – Revista do Instituto do Ceará – Tomo XL, ano 1926; O Comunismo e sua finalidade – Tip. “Correio da Semana”- Sobral – 1932; O Paraíso Soviético ou A Escravidão do Proletariado – Tip. “Correio da Semana” – Sobral – 1932; A Rússia dos Sovietes, com prefácio de Soares d’Azevedo – Estabelecimentos de Artes Gráficas – C. Mendes Júnior – Rio de Janeiro – 1933; Capela Milagrosa de Nossa Senhora do Parasinho – Histórico – Tip. Minerva de Assis Bezerra – Ceará – Fortaleza – 1928; Capela de Nossa Senhora da Saúde – Histórico – Tip. “Correio da Semana” – Sobral – 1939; A Família, o Divórcio e a Eugenia – com prefácio de Luiz Sucupira – Editora Vozes Ltda. – Petrópolis – 1941; Notas Biográficas do Clero Sobralense – Segunda Parte – Revista do Instituto do

A massa considerável de documentação acessível a respeito do clero, mormente sobre os integrantes da alta hierarquia, foi produzida pelos próprios membros da organização eclesiástica ou por intelectuais católicos especializados no trabalho de propaganda e celebração. Uma parcela das biografias é de autoria de padres com pretensões (e chances objetivas de acesso ao episcopado, ou, como se diz no interior da Igreja, de “candidatos à mitra”).⁴⁶⁵

Das doze obras escritas pelo Monsenhor Vicente Martins, todas de feição estritamente conservadora, oito delas foram publicadas quando o mesmo ainda não havia sido transferido para Sobral. Mas algumas delas denotam que o mesmo tinha trânsito pela cidade, uma vez que três delas – *O Comunismo e sua finalidade*, *O Paraíso Soviético ou A Escravidão do Operariado* e *Capela de Nossa Senhora da Saúde*, esta última traça a história de uma pequena capela de Sobral, foram publicadas pela tipografia do Correio da Semana de Sobral, a princípio, tendo o mesmo posteriormente adquirido uma pequena tipografia instalada em sua própria casa em Sobral com capacidade de produzir opúsculos. Além disso, ele havia produzido duas importantes obras sobre o clero sobralense – *Notas biográficas do Clero Sobralense* em duas partes. E, mais do que isso, havia produzido uma alentada biografia de Dom José Tupinambá da Frota em 1926, ambos publicados na Revista do Instituto do Ceará. Desse modo, Monsenhor Vicente Martins estava bastante inserido nos ditames da Igreja Sobralense. Assim, de certo modo avaliamos a importância de suas obras na configuração de sua transferência para Sobral, sem dúvida nenhuma a mais importante Diocese de toda a Região Norte do Ceará, pois “os dividendos desse tipo de operação publicitária revestiam em favor dos autores, que assim viam ampliar-se as possibilidades (...) de remoção para dioceses mais prestigiosas”⁴⁶⁶, o que de fato ocorreu com o Monsenhor.

Dr. Ribeiro Ramos no artigo “O jubileu de ouro da Academia Sobralense de Estudos e Letras em 1993”, faz uma homenagem ao Monsenhor Vicente Martins da Costa, e escolhe para tanto, fazer uma referência ao centenário de Sobral em 1941, por um motivo considerado importante para ele:

Sobral comemorou com grandes festas o primeiro centenário da cidade – 5 de julho de 1941 – e recebeu fidalgamente os seus numerosos convidados e ilustres filhos da terra que havia anos não visitavam o berço natal. Todos adentrando a cidade engalanada

Ceará – Tomo LIV – Ano LIV – Editora Fortaleza – 1940”, e *Homens e vultos de Sobral*, sua obra mais conhecida, lançado em 2ª edição pela editora da Universidade federal do Ceará/Stylus, em 1989, mas cuja 1ª edição foi lançado em Sobral em 1941.

⁴⁶⁵ MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Op. Cit. p. 39.

⁴⁶⁶ Ibidem. p. 39.

tiveram os olhos voltados para o alto do Morro da Estação Ferroviária, onde a imagem do CRISTO REDENTOR os acolhia de braços abertos. O suntuoso monumento tem 28 metros de altura e a imagem é de cinco metros. O monumento, inaugurado em maio de 1938, foi construído à custa de donativos e com bastante antecedência, por Monsenhor Vicente Martins da Costa⁴⁶⁷. (Grifos do autor)

Dr. Ramos resolve homenagear o Monsenhor narrando alguns dos seus trabalhos e não narrando a sua vida, numa biografia linear. Entendemos que ao narrar sobre as obras do Monsenhor, Ramos está, ao mesmo tempo, querendo narrar sua vida. Por isso considera importante começar fazendo referência a construção do *Cristo Redentor*, uma imagem que apesar de ter apenas cinco metros, estando encimada por um pedestal de 28 metros, está localizada no ponto mais elevado da cidade, no antigo Alto do Cruzeiro das Missões, atualmente Alto do Cristo, periferia da cidade, de modo que pode ser vista a partir de alguns bairros de Sobral. Assim, nesse caso como em alguns outros, “a biografia se apresenta como exposição dos caminhos da realização, segundo uma teleologia que faz (...) um indivíduo dotado, desde o berço, de todas as qualidades exigidas para se tornar um criador excepcional”⁴⁶⁸.

Dr. Ribeiro Ramos, considera em seu artigo outro trabalho importante de Monsenhor Vicente, com relação a criação da ASEL, em longa citação:

Perfeitamente integrado no movimento religioso e sócio-educacional-cultural da cidade, Monsenhor Vicente Martins teve a feliz idéia de criar uma associação de homens de letras e amantes da cultura. Pensando alto, convidou e reuniu numa manhã de domingo, em sua casa à Rua Coronel Joaquim Ribeiro (onde instalara uma tipografia para publicação de seus trabalhos), crescido número de intelectuais da cidade, todos devotados amigos seus, aos quais expôs a idéia que tivera, falando dela com indizível entusiasmo. O assunto foi debatido com muito interesse, e dali saímos todos motivados e cheios de entusiasmo. Voltamos a nos reunir, por várias vezes, sempre aos domingos, em outras casas amigas e acolhedoras com o fito único de concretizar o movimento nascente. Assim, fomos recebidos, sucessivamente pelos confrades Dr. Clodoveu de Arruda Coelho, Monsenhor Fortunato Alves Linhares, Francisco Ferreira Costa e Padre Gonçalo Eufrásio de Oliveira. Em casa deste, a 7 de setembro de 1943, foi por fim fundada esta ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS, nome proposto pelo Padre Gerardo Ferreira Gomes, ante uma última objeção por alguém presente: seria por demais pomposo para nós uma Academia Sobralense de Letras. E o regozijo foi geral, houve troca de cumprimentos e abraços, e

⁴⁶⁷ RAMOS, Ribeiro. *O Jubileu de Ouro da Academia Sobralense de Estudos e Letras*. Op. Cit. p. 12.

⁴⁶⁸ DOSSE, François. *O desafio biográfico. Escrever uma vida*. Op. Cit. p. 85.

Monsenhor Martins foi aclamado Presidente da novel instituição.⁴⁶⁹
(Grifos do autor)

A citação de Ramos converge para outro de seus textos, dessa vez escrito para o *Álbum do Bicentenário da Vila*, e que já analisamos, em que enfatiza a criação da Academia. Mais uma vez é importante relatar o *mito de origem* da ASEL, sempre com o intuito de explicar aquilo que, na visão dos acadêmicos, seria o resultado *natural* das tradições intelectuais da cidade, enquanto inventa o Monsenhor como uma espécie de *São João Batista* da Academia. Mas no texto supracitado, ele detalha um pouco mais o que havia escrito anteriormente, já que o texto para o *Álbum do Bicentenário* foi escrito em 1973, enquanto o texto acima, publicado na revista da ASEL, é de 1994. Ramos acha importante frisar que Monsenhor Vicente Martins estava inserido no movimento religioso, educacional e cultural da cidade, pois do contrário, imaginamos, não poderia compartilhar sua “ideia de criar uma associação de homens de letras”. Portanto, sem estar praticamente inserido nas principais instancias organizadas naquele contexto pela Igreja Católica, e sem ser um *intelectual* já consagrado, o Monsenhor não poderia pensar nesse tipo de associação. É claro para nós que o artigo citado procura legitimar um acontecimento considerado importante: a invenção e fundação da ASEL. As palavras, o vocabulário, como afirmar que o Monsenhor estava *perfeitamente* integrado à cidade, que os intelectuais convidados eram *devotados amigos*, indicam para nós um caminho discursivo que se insere numa rede peculiar a todos os que escrevem ou falam sobre a Academia: algo digno de nota, insubstituível, aconteceu em 1943 na cidade de Sobral.

Assim, precisamos tratar tudo o que se escreveu sobre a ASEL como *monumento*, como forma e modo de lidar com uma instituição que apesar de não ser original no sentido de sua formatação e mesmo de sua fundação, em Sobral ganhava foros de excepcionalidade, apesar de algumas objeções é de se pensar que poderia ser pomposa demais a fundação de uma Academia Sobralense de Letras. Entendemos assim que, com relação ao empenho de Monsenhor Vicente Martins sobre a criação de uma Academia, “os discursos e pronunciamentos aparecem, então, como forma de intervenção, de participação nas decisões que levam a história a um dado desfecho”⁴⁷⁰.

⁴⁶⁹ RAMOS, Ribeiro. *O Jubileu de Ouro da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Op. Cit.* p. 12.

⁴⁷⁰ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Discursos e pronunciamentos. A dimensão retórica da historiografia*. In: LUCA, T. R. & PINSKY, C. B. (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 228.

Monsenhor Vicente Martins assim teria sido importante para que a história daquela invenção tivesse um desfecho favorável.

O que precisamos pensar é que Ramos constrói a ideia de um *tempo monumental* e exemplar, idealizando sobre a criação da ASEL e a participação de Monsenhor Vicente Martins nessa empreitada, de modo que prevaleça uma visão homogênea e linear de um acontecimento sobre o qual os documentos de que dispôs para escrever seu texto, eram apenas fragmentos, e não uma totalidade instituinte, como ele desejava e queria fazer crer em seu artigo.

A biografia do Monsenhor Vicente Martins da Costa publicada, em *O Centenário*, não difere muito da biografia construída pelo Dr. Ribeiro Ramos. Essa biografia se insere no item do álbum *Intellectuales Sobralenses (Biographias)* em que são elencadas a biografia de grande número de intelectuais da cidade e, diferentemente das escolhas de Dr. Ribeiro Ramos, Craveiro Filho, autor do álbum, constrói um texto linear, que procura apresentar sua vida como “o domínio e a visão totalizante daquilo que ela foi durante sua carreira”⁴⁷¹.



Figura 4 - Álbum O Centenário – 1941. Arquivo do autor

O Álbum *O Centenário* é comemorativo do 1º centenário da cidade de Sobral em 1941. Funciona como mais uma das invenções do *arquivo* da cidade letrada. Possui

⁴⁷¹ DOSSE, François. *O desafio biográfico. Escrever uma vida. Op. Cit.* p. 96.

o formato de 37cmx27cm, com capa dura e título em bronze, possuindo um total de 200 páginas. A capa, como podemos ver acima, traz várias fotografias da cidade na década de 1940, entre elas, o monumento idealizado pelo Monsenhor, no caso a fotografia do Cristo Redentor, mais à direita da capa. Mostra ainda uma pequena fotografia do autor Craveiro Filho, mas embaixo, à esquerda. Na extremidade direita temos alguns itens que marcam os assuntos tratados no álbum, indicado pelo termo *O PRESENTE – 1941*, onde temos o assunto: *I – A cidade no presente*. Mas é claro que o álbum cuida também do PASSADO, em que trata de itens como *A Posse da Terra, Povoação da Caiçara, Villa*, até chegar a *cidade em 1841*. Sobre a produção de álbuns fotográficos, temos que:

A produção de álbuns fotográficos remonta á segunda metade do século XIX. Através deles, as cidades apresentavam o que acreditavam ser relevante para caracterizá-las como cidades modernas; enaltecer sua história e fortalecer seus mitos. Tradição em voga até a primeira metade do século XX. Na sua maior parte, os álbuns, além de fotografias, traziam textos que acompanhavam as imagens.⁴⁷²

O Centenário foi resultado praticamente da faina de Craveiro Filho⁴⁷³, jornalista sobralense de vasta experiência em vários jornais pelo país. Craveiro Filho abre literalmente o álbum com uma imagem extremamente simbólica: um mapa do Brasil atravessado por um livro aberto que traz uma biografia do “Dr. Getúlio Vargas”. A imagem procura convencer, entre outras coisas, de que a vida de Getúlio Vargas, ocupante daquela “suprema investidura em virtude do acto governamental de 10 de novembro de 1937”, “cabe” em todo Brasil, que seu governo é um governo esclarecido e aberto, basicamente construtor da nação. Em seguida temos o item *Dois Palavras*, em que o autor apresenta a obra aos seus leitores. Sobre a circulação do álbum imaginamos que todos os biografados que estavam vivos receberam um exemplar, pois a cópia de que dispomos está assinada por José Maria Mont’Alverne, acadêmico e advogado biografado na obra, com a data de junho de 1941. Existe um exemplar também no arquivo do Padre Mendes Lira, disponível no NEDHIS – Núcleo de Estudos e Documentação Histórica do Curso de História da Universidade Estadual Vale do

⁴⁷² FERREIRA, Luciana de Moura. *Memória social, imaginário e representação no Álbum do Centenário de Sobral*. Op. Cit. p. 70.

⁴⁷³ Craveiro Filho exerceu muitas atividades, por isso tinha certa influência principalmente intelectual na cidade. Segundo *O Centenário*, foi “adjunto de promotor. Substituto do Juiz de Direito da Comarca. Professor de Stenographia e Escripuração Mercantil do “Lyceu Sobralense”. Professor da Mathematica do antigo “Collegio Diocesano”. Escrivão da Colletoria Federal de Sobral. Fiscal Federal da Escola de Commercio “Dom José”. Membro do Conselho Escolar de Sobral. Membro da Academia de Letras Sobralense. Diretor da Cultura Artística de Sobral. Sócio benemérito do “Club Artístico Sobralense”. Sócio honorário do “Gremio Recreativo Sobralense”. Delegado do Archivo Público do Estado”.

Acaraú. Outros exemplares existem como já tivemos oportunidade de ver na posse de cidadãos de Sobral. Na apresentação Craveiro Filho expõe para os leitores características que seriam, segundo ele, peculiares a Sobral, e que foram importantes para fortalecer a sua mitificação, quando diz:

Sobral.

Invicta Princesa dos Sertões Cearenses.

Reverente como o teu mais humilde Vassalo, curvo-me á tua *heráldica realeza*, para neste dia inesquecível de tua História, prestar ás tuas *tradições gloriosas*, á memória de teus *grandes filhos* que tão alto emergiram o teu nome, o preito profundo, com que um mortal poderia honrar a *memória dos Bons, a Virtude dos Puros e o Heroísmo dos Bravos!*⁴⁷⁴ (Grifos nosso)

Craveiro Filho é mais um acadêmico que procura construir e dar forma a um “sobralense genérico” que não existe de fato, mas que os acadêmicos da ASEL se acham no direito de postulá-lo à sombra da Academia, porque ela seria o lugar da generalidade e da legitimidade da história intelectual da cidade. Assim ele termina sua apresentação considerando a importância histórica da obra, pois “o futuro historiador desta grande terra encontrará neste trabalho todo o material de que irá precisar para a construção do Edifício Histórico da Cidade de Sobral”⁴⁷⁵. As suas palavras finais soaram como uma espécie de profecia, pois aquilo que estamos chamando neste trabalho de Historiografia Oficial da cidade de Sobral, exatamente por manter uma escritura voltada para a perspectiva de que Sobral teve um passado glorioso que justificaria a grandeza e nobreza de uma cidade intelectual, bebeu na fonte de *O Centenário*, sendo o caso mais exemplar o livro História de Sobral, escrito por Dom José, como já vimos.

O que nos interessa no álbum a princípio é a sua perspectiva de organização de biografias dos intelectuais da cidade. O autor divide as biografias em 10 categorias, a saber: *Corpo Médico de Sobral*, em que elenca 06 nomes; *Intelectuais Sobralenses*, com 47 nomes, compondo o maior número das biografias da obra; *Biografias*, com 05 nomes; *Sentinelas da Pátria*, 07; *Sobralenses Notáveis*, com 15 nomes; *Justiça de Sobral*, 03 nomes; *Cultores da Economia*, 02 nomes; *Pioneiros do Comércio*, 04; *Defensores do Direito*, 03 nomes de advogados, enquanto no item *Justiça de Sobral*, ele traz os nomes de juizes; *Clero Sobralense*, com 09 nomes. Há ainda três biografias que

⁴⁷⁴ FILHO, Antonino Craveiro. *Álbum O Centenário*, 1941. p. 3.

⁴⁷⁵ *Ibidem*. p. 3

não se encaixam em nenhum dos itens, sendo os seguintes: Manoel Rodrigues Farias, enfermeiro, Cel. José Ferreira Gomes, 1º prefeito republicano e o professor Luiz Phillipe da Silva. Todos os nomes são, evidentemente, escolhas do autor, como foi escolha sua abrir a lista dos Intelectuais Sobralenses com a figura de Domingos Olímpio Braga Cavalcante, e o que todos procuram testemunhar é a “tendência natural da cidade” para a intelectualidade. Outro objetivo do álbum, é mostrar a cidade de Sobral evoluindo no tempo, por isso temos várias fotografias que variam do final do século XIX até a década de 1940. A biografia do Monsenhor Vicente Martins da Costa, se insere no item “Intellectuaes Sobralenses” e não no “Clero Sobralense”. Essa escolha de Craveiro Filho já esclarece o teor de seu texto e sua intenção: demonstrar a importância intelectual do Monsenhor dentro de uma cidade intelectual. O início da biografia é uma justificativa que tem uma importância imensa na inserção do Monsenhor, nascido na cidade de Fortaleza a 19 de julho de 1880, entre os intelectuais sobralenses. Vejamos:

O illustrado Paroco da Freguesia de N. Senhora do Patrocínio, de Sobral, Monsenhor Vicente Martins da Costa quer pela importante e dignificante missão que exerce no seio da população sobralense, quer pelos relevantes serviços que vem prestando à cidade, ao seu povo à sua cultura e à sua fé, merece o lugar que lhe destinamos neste trabalho, porque o consideramos um illustre filho adoptivo desta gleba⁴⁷⁶.

Monsenhor Vicente é tratado como um homem ilustrado, ou seja, como um intelectual, no sentido de que sua inteligência é sinal de sua importância no cenário da cidade de Sobral. Ilustrado, como escreve Craveiro Filho, pode ser sinônimo também de erudição. Não por outro motivo o Monsenhor foi adotado como filho ilustre da cidade, se inserindo assim em sua história e contribuindo para as suas tradições letradas.

Ele nos apresenta a filiação do Monsenhor, sendo o mesmo filho do Tenente Coronel João Martins da Costa, comerciante e D. Ursulina Martins da Costa. Matriculou-se no Seminário de Fortaleza no dia 1º de março de 1893. Enquanto esteve no seminário lecionou as seguintes matérias: português, latim e geografia do Brasil. Mais adiante Craveiro Filho indica o lugar social e político que a família do mesmo ocupava em Fortaleza, pela explicitação de seus padrinhos:

Recebeu a ordem do Presbiterato das mãos de Dom Joaquim Jose Vieira, na Cathedral de Fortaleza, a 28 de março de 1903, onde cantou

⁴⁷⁶ FILHO, Antonino Craveiro. *Álbum O Centenário. Op. Cit.* p. 142.

a sua primeira missa, sendo seus paranymphos o Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly e o Barão de Dr. Guilherme Studart⁴⁷⁷.

Foram seus padrinhos dois dos homens mais influentes da política e da cultura do Ceará, respectivamente Nogueira Accioly⁴⁷⁸ e Barão de Studart⁴⁷⁹. Sobre esse apadrinhamento poderoso podemos imaginar que, primeiro, possivelmente a família de Monsenhor Vicente Martins era bastante considerada dentro do contexto da cidade de Fortaleza, e por outro lado, que ambos, pela projeção social e intelectual que tinham, eram regularmente escolhidos como padrinhos pela população mais pobre da cidade, como uma forma de buscar proteção e projeção. Temos que considerar também que a presença de Nogueira Accioly e Barão de Studart como padrinhos denota ainda a influência e o trânsito de ambos pelas lides da Igreja Católica Cearense. E segue Craveiro Filho nos indicando os caminhos percorridos por Monsenhor Vicente antes de sua transferência para Sobral:

Nomeado coadjutor da Freguesia de Granja a 21 de Abril de 1903 e Vigário da Freguesia de Camocim a 11 de Fevereiro de 1904, sendo depois tranferido para a Freguesia de Granja, a 7 de Fevereiro de 1905, onde estacionou 30 anos.⁴⁸⁰

Vemos que menos de um mês depois de sua ordenação, ocorrida a 28 de março de 1903, estava em plena atividade na cidade de Granja, depois em Camocim e novamente em Granja, cidade localizada a 135 km de Sobral e sob sua influência econômica e cultural, mas principalmente religiosa por estar subordinada a Diocese de Sobral no período, onde permaneceu por mais de 30 anos. Não é difícil para nós entendermos a relação próxima que o então padre Vicente Martins mantém com a Igreja Católica em Sobral, visto que Sobral era a cidade mais importante da região e sede do bispado desde 1916. Além disso, foi em Sobral, como já vimos que Monsenhor Vicente encontrou condições para publicar muitas de suas obras e alcançar prestígio e

⁴⁷⁷FILHO, Antonino Craveiro. *Álbum O Centenário. Op. Cit.* p.142.

⁴⁷⁸ Nogueira Accioly, advogado, foi promotor público antes de enveredar pela política. Foi eleito para a Câmara dos Deputados em 1880 e senador em 1889. Governou o Ceará durante 20 anos, de 1892 até 1902, após a vitória do movimento político encabeçado por Floro Bartolomeu. Foi chefe político de uma das mais consistentes oligarquias do Ceará.

⁴⁷⁹ Guilherme Chambly Studart, o Barão de Studart, nasceu em Fortaleza em 1856 e morreu nessa mesma cidade em 1938. Foi médico, historiador, com obra de destaque no cenário do Ceará. Foi membro de várias instituições intelectuais, como a Academia Cearense de Letras, o instituto do Ceará, escrevendo para outros Institutos Históricos em vários estados. Sendo católico militante, por seus recursos financeiros, pode se dedicar a obras assistenciais, por isso, por motivo de reconhecimento, o bispo do Ceará, D. Joaquim Vieira solicitou ao papa Leão XIII o título de Barão da Santa Sé, outorgado ao mesmo em 1900.

⁴⁸⁰ FILHO, Antonino Craveiro. *Álbum O Centenário. Op. Cit.* p. 142

credibilidade junto à hierarquia da Igreja local e assim cerrar fileiras junto aos intelectuais da cidade.

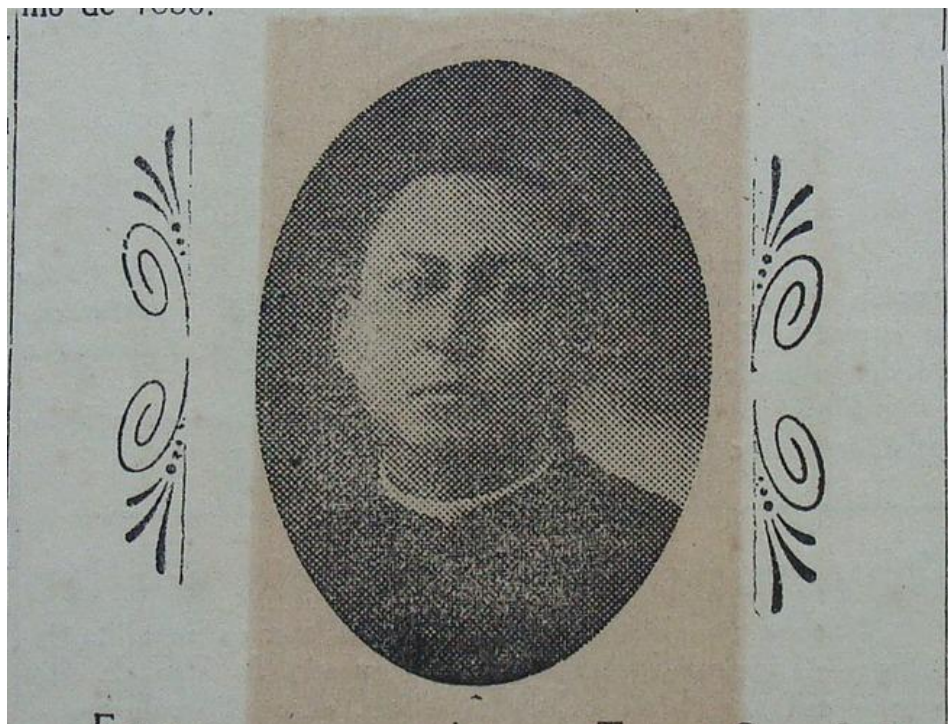


Figura 5 - Monsenhor Vicente Martins, fotografia em O Centenário - Arquivo do autor.

Monsenhor Vicente na cidade de Granja fundou e foi redator do jornal “A Crença”, jornal católico que circulou de 1910 a 1916, portanto, bem antes da criação do jornal católico sobralense *Correio da Semana*, fundado em 1918 e em circulação até nossos dias. Colaborou assiduamente com artigos e resenhas de livros no jornal “A Cidade”, fundado por Alvaro Ottoni do Amaral e na “A Tribuna”, do jornalista Carlos Rocha, ambos de Sobral, o que demonstra mais uma vez a inserção do Monsenhor no cenário intelectual da cidade. Relata-nos ainda Craveiro Filho que o Monsenhor “foi agraciado por Dom José Tupinambá da Frota com o título de Monsenhor *Camareiro Secreto do Summo Pontífice Pio XI*, a 22 de Abril de 1930”⁴⁸¹ E enfatiza o autor que Monsenhor

É sócio do Instituto Histórico do Ceará, em cuja Revista tem publicado diversos trabalhos históricos. Tem publicado muitos outros trabalhos, destacando-se: - “A Rússia dos Sovietes”, “A Família, o Divórcio e a Eugenia”, com prefácio de Luiz Sucupira (Edt. Vozes

⁴⁸¹ A Igreja Católica, ao longo de sua história, para melhor organizar suas ações, criou uma plêiade de servidores específicos para servir aos bispos, arcebispos, cardeais e ao Papa. Entre os servidores do Papa destacam-se os “Cardeais Palatinos”, componentes da “Antecâmara secreta”, “Camareiros Pontifícios”, “Camareiro Secreto ou Camareiro Particular de sua Santidade”, entre outros servidores. Esses servidores constituem o que se chama a “Família Pontifícia”.

Ltd.Petrópolis 1940) e vários dramas que são subscritos com o pseudônimo de Victor Mery e adaptação das seguintes obras de H. Perez Escrich: “O Cura da Aldeia”, “A Esposa Martir”, “O Amor dos Amores” e “A Filha do Exilado”⁴⁸².

Craveiro Filho faz questão de citar a filiação de Monsenhor Vicente Martins ao Instituto Histórico do Ceará, um dos símbolos importantes de sua condição de intelectual, uma vez que os institutos históricos no Brasil faziam “parte de um projeto mais vasto das elites políticas comprometidas em forjar simbolicamente a Nação e que incluía outras iniciativas, como o Arquivo Nacional e o Colégio Pedro II”⁴⁸³, sendo que Monsenhor toma para si a tarefa de também construir e inventar as tradições letradas da cidade de Sobral, com a escrita de sua obra *Homens e Vultos de Sobral* publicado em 1941. A ligação do Monsenhor ao Instituto do Ceará o qualifica ainda mais no cenário da cidade de Sobral, porque tal instituição é centro difusor da intelectualidade cearense e ali se pratica uma história que mesmo no começo do século XX, ainda respira os ares da “História como parte central da cultura dos oitocentos”, como ressalta Guimarães, de modo que temos uma escrita histórica em que além de se pensar a história enquanto espaço de formação e de construção da “alma nacional”, é também um exercício literário e retórico, procurando “evocar o prazer estético, da mesma ordem que a poesia (...) que ao mesmo tempo satisfaça à imaginação como ao pensamento”⁴⁸⁴.

Encontramos tanto no texto de Ramos quanto no texto de Craveiro Filho a tentativa de marcar o lugar do Monsenhor no cenário intelectual da cidade. Por certo entendemos sobre essas biografias que “tanto o indivíduo concreto como o indivíduo imaginário, mostra-se aqui como construção de uma época”⁴⁸⁵.

Reconhecemos nas biografias dos intelectuais da ASEL, esses “nomes-símbolos”⁴⁸⁶, um campo fértil para o entendimento da Academia como lugar de guardar e divulgar não apenas a história dita tradicional da cidade, mas a memória de seus intelectuais, nesse sentido é que podemos considerar tanto as biografias citadas no *Álbum do Centenário*, como no livro *Homens e vultos de Sobral*, como *arquivamento*,

⁴⁸² FILHO, Antonino Craveiro. *Álbum O Centenário*. Op. Cit. p.142.

⁴⁸³ GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. *Reinventando a tradição: sobre antiquariado e escrita da história*. Op. Cit. p. 57.

⁴⁸⁴ *Ibidem*. p. 54-55.

⁴⁸⁵ BARROS, José D’Assunção. *O campo da história. Especialidades e abordagens*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. p. 202.

⁴⁸⁶ Ver: BORRALHO, José Henrique de Paula. *Uma Athenas Equinocial*. Op. Cit., especialmente a parte I.

sendo este “o lugar onde a ordem é dada, a partir de um princípio, o qual pode ser histórico, ontológico”, pois:

O arquivo é então espaço de acumulação. Um espaço singular atravessado pela temporalidade: constituído no passado se projeta até o porvir. Seu presente é sempre uma construção, visto que é ativado pela leitura, pelas atualizações sucessivas, pela forma do olhar, pela descoberta súbita ou pelo retorno obstinado⁴⁸⁷.

Podemos pensar nesse sentido na história da cidade constantemente considerada pelos intelectuais da ASEL, como “espaço de acumulação”, como um *arquivo* que se lança para o futuro, de modo que temos uma história que se obstina em ser reatualizada e ritualizada especialmente pela Academia. Nesse sentido, “em vez de ser uma dimensão do tempo, o passado é a síntese do tempo inteiro, de que o presente e o futuro são apenas dimensões”⁴⁸⁸, ou seja, os intelectuais da Academia pensam no passado da cidade como um “tempo total”, infinito, conforme recuperado e serve de quadro para o presente, mais se legitima enquanto instância do que seria o real imaginado pelos intelectuais na perspectiva da ASEL.

Outra biografia inserida no subitem “Intellectuais sobralenses” é a do acadêmico e magistrado Dr. Clodoveu de Arruda Coelho⁴⁸⁹, tendo ele figurado na criação das duas Academias existentes na cidade. Sobre a vida do Dr. Clodoveu de Arruda encontramos cinco pequenas biografias, todas escritas por confrades seus. A mais antiga consta em *O Centenário* e acreditamos que foi a fonte principal para tudo que foi oficialmente escrito sobre sua vida. Escolhemos não tratar da vida do magistrado por entendermos que o mesmo não teve uma inserção significativa nas lides da ASEL. Sua participação mais significativa na Academia, como já vimos, deveu-se a redação de seus Estatutos. Depois disso sua participação foi praticamente nenhuma.

O número relativamente elevado de pequenos textos biográficos sobre a vida do Dr. Clodoveu demonstra a importância intelectual, política, social e cultural que os magistrados e os advogados possuíam de maneira geral no imaginário da cidade letrada e, conseqüentemente, na ASEL. Por isso o Dr. Clodoveu de Arruda e o Dr. José Sabóia

⁴⁸⁷ ARFUCH, Leonor. *A Auto\Biografia como (Mal de) arquivo*. *Op. cit.* p. 170.

⁴⁸⁸ DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. *Op. Cit.* p. 126.

⁴⁸⁹ Dr. José Clodoveu de Arruda Coelho nasceu em Sobral em 15 de setembro de 1884 e faleceu na mesma cidade em 1972. Estudou no Liceu do Ceará, este fundado em outubro de 1845, representando importante espaço de formação educacional de uma elite cearense. Bacharelou-se em direito em 8 de dezembro de 1905 na Faculdade de Direito do Ceará, fundada em fevereiro de 1903. Dr. Clodoveu fez parte de uma leva de filhos da elite sobralense que a partir do começo de século XX trocou a Faculdade de Direito de Recife pela Faculdade de Direito do Ceará.

foram os magistrados mais biografados na seara da ASEL, sendo que a vida do Dr. José Sabóia foi sempre marcada, quando analisada na perspectiva da ASEL, como sendo uma vida de distinção dentro da Academia, enquanto o Dr. Clodoveu participou de forma muito tímida da vida da Academia Sobralense de Estudos e Letras.

Já a biografia sobre a vida do Dr. Ribeiro Ramos, construída a princípio por membros de sua própria família, busca também alimentar a seara intelectual da ASEL, confundindo a vida dele com a própria existência da Academia. Nossa intenção é analisar como sua biografia foi construída por sua família e por alguns de seus confrades, atentando para a forma como foi inventada a sua imagem de intelectual dedicado e devotado a ASEL e a vida intelectual da cidade, bem como o principal agente a fazer da Academia um espaço para a elite letrada e econômica da cidade de Sobral. Mas curiosamente Dr. Ramos, como era conhecido, não tem uma ampla biografia escrita. Analisaremos um panfleto produzido e publicado pela família de Dr. Ramos por ocasião de seu centenário de nascimento ocorrido em 2006 que traz a construção de sua biografia e dados profissionais e que procura legitimar um perfil consagrado sobre sua vida, entendida como muito próxima da Igreja Católica e com gestos de dedicação e solidariedade. Trataremos também de dados sobre sua vida contidos num discurso de saudação à Academia Cearense de Letras, publicado em 1986 pela Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, de autoria de seu confrade padre Sadoc de Araújo. Também analisaremos em parte um discurso pronunciado por Tereza Ramos, sua filha, também acadêmica da ASEL, por ocasião da outorga da Medalha Acadêmico Dr. Ribeiro Ramos em abril de 2010.

4 – ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS E A “TEORIA DO EXPOENTE”

“Enfim, o que pretendo é que me consiga o contrário daquilo para que habitualmente o contratam. Quero que me dê um passado humilde. Um nome sem brilho. Uma genealogia obscura e irrefutável. Deve haver tipos ricos, sem família e sem glória, não? Gostaria de ser um deles.”

José Eduardo Agualusa. *O Vendedor de Passados*.

Felix Ventura foi visitado certo dia por um homem com ar de nobreza e rosto largo, cabelo grisalho, cortado rente, mas “um tanto rude”. Esse homem diz que não tem rosto, ou melhor, que lhe roubaram o rosto, pois o largaram em um hospital depois de uma cirurgia plástica. Mas ele tem posses, tem acesso a contas depositadas no exterior que lhe garantem uma vida tranquila, sem problemas financeiros, mas o que ele não tem, é aquilo que Feliz Ventura pode lhe dar: um novo passado. Mas esse homem sem nome e sem rosto, não quer aquilo que geralmente os clientes do genealogista querem, ou seja, um passado enobrecido. O homem quer “um passado humilde. Um nome sem brilho. Uma genealogia obscura e irrefutável”⁴⁹⁰, e nesse sentido esse pedido deixa Felix Ventura transtornado. O que essa passagem do romance tem a nos dizer? A partir de agora seremos “visitados” por uma construção narrativa que pretende construir um passado humilde para Dr. Ribeiro Ramos, ex-presidente da Academia Sobralense de Letras e um dos construtores mais entusiastas do arquivo da cidade letrada. Esse passado humilde, ciosamente fabricado a princípio pela família, no entanto é temperado o tempo todo pela condição, segundo esse discurso, de intelectual do acadêmico, que nesse sentido, diferentemente do homem sem rosto que visita Felix Ventura, tem um nome e um rosto que brilham como veremos.

Quem se debruça sobre as atas da ASEL, entre os anos de 1943 e 1953, perceberá que um rosto, que um acadêmico se destaca por sua presença constante na Academia: Dr. João Ribeiro Ramos, homem de múltiplas facetas, mas como idealiza sua família, “um sábio homem bom”, tendo sido o primeiro tesoureiro daquele sodalício e também um de seus maiores incentivadores, culminando por ocupar a presidência da ASEL por 23 anos⁴⁹¹. Dr. Ramos não apenas frequenta as reuniões, ele propõe, discute, sugere nomes de sócios efetivos e de sócios correspondentes, além de escrever muito, especialmente cartas para confrades seus em outras regiões do estado e do país. Cartas desaparecidas, segundo seus familiares. Sobre essa sua característica, assim se expressa Araújo em discurso de recepção ao mesmo na Academia Cearense de Letras: “O novo acadêmico é infatigável no esporte e na arte de escrever. O grande destaque de sua

⁴⁹⁰ AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Op. Cit. p. 186.

⁴⁹¹ Foram presidentes da ASEL, na ordem: Monsenhor Vicente Martins da Costa, de 1943 a 1948; Dr. José Sabóia de Albuquerque, 1948 a 1950; Monsenhor José Gerardo Ferreira Gomes, de 1950 a 1972; Dr. João Ribeiro Ramos, 1950 a 1993; Professor José Portela Ferreira Neto, 1993 a 1996; Professor Evaristo Linhares Lima, de 1994 a 2008; Dr. João Edison de Andrade, 2007 a 2010. O presidente atual da ASEL é o Dr. José Luis Lira. Foram presidentes da ASEL, respectivamente, dois monsenhores, dois advogados, dois professores e um farmacêutico, no caso o Dr. João Ribeiro Ramos.

produção de escritor é a enorme quantidade dos escritos”⁴⁹². Na ata do dia 28 de maio de 1944, temos alguns nomes de novos sócios sugeridos por Dr. Ramos:

Foram apresentados e aceitos como sócios efetivos os srns. Arsênio da Cruz Flexa, Edson Moura e Paulo Viana. E como sócios correspondentes os srns. Manoel Nicodemos Araújo, Francisco Everton de Sales Lopes, em Acaraú, e o cônego Lauro França, vigário de Propriá, Estado de Sergipe. Os dois primeiros foi proposta do acadêmico Dr. João Ribeiro Ramos e o último pelo Rvmo. Mons. Vicente Martins, Presidente.

Temos acima um dos exemplos de nomes que seriam ilustres sugeridos por Dr. Ramos e aceitos para compor os quadros da ASEL. Não temos dúvidas de que o espaço mais importante para o entendimento da Academia como lugar de visibilidade da “teoria do expoente”⁴⁹³, está nas indicações e escolhas dos sócios efetivos e sócios correspondentes, em que se buscava geralmente levar em conta a posição social e a profissão estratégica no contexto da cidade, e nesse sentido Dr. Ramos foi fundamental.

Assim, a primeira informação biográfica a respeito de Dr. Ribeiro Ramos, é o fato do mesmo ter encarado a Academia como um lugar da elite letrada e econômica da cidade de Sobral a princípio, ocupante especialmente da magistratura. Sobre essa questão, as palavras de um acadêmico, o Dr. Djalma Soares, advogado, convidado por Dr. Ribeiro Ramos para compor a ASEL é bastante esclarecedora: “(...) quando em certo dia, sem prévio aviso, disse-me que me havia proposto para sócio da Academia Sobralense de Estudos e Letras desta magna sociedade, desta tradicional sociedade (...)”⁴⁹⁴. A citação claramente demonstra que em muitos casos, os convidados eram avisados de sua indicação abruptamente, sem uma consulta prévia.

Essa teoria, também chamada de “teoria da superioridade” procurava carrear para a Academia Brasileira de Letras prestígio e reconhecimento. Muitas vezes não se levava em conta a produção do convidado a ocupar uma de suas cadeiras, mas efetivamente a sua posição social estratégica. Alguns nomes indicados por Nabuco,

⁴⁹² ARAÚJO, Francisco Sado de. RAMOS, João Ribeiro. *Discurso de saudação*. In: Discursos. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986. p. 12.

⁴⁹³ A “Teoria do expoente” faz parte das reflexões do pernambucano Joaquim Nabuco (1849-1910), um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Essa teoria foi exposta da seguinte forma por Nabuco: “A minha teoria já lhe disse, devemos fazer entrar para a Academia as superioridades do país (...) A Marinha não está representada, nem clero, nem as artes, é preciso introduzir as notabilidades dessa vocações que também cultivem as letras. E as grandes individualidades também”. Ver: EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 81-85.

⁴⁹⁴ SOARES, Djalma. *Discurso*. In: Revista da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Ano III, Sobral (Ceará), setembro de 1946. N. 5. p. 30.

como Quintino Bocaiúva, Carvalho Monteiro, Barão de Jaceguai, que recusou o convite, entre outros, procuravam, de certa forma, abrir caminho em meio a sociedade republicana e garantir par a ABL reconhecimento que ela ainda procurava conquistar.

Em Sobral, Dr. Ramos leva a cabo essa teoria e entende literatura em sentido lato, ou seja, levando em conta a produção esporádica e rápida de alguém junto as páginas do Correio da Semana, que resolve publicar uma poesia, por exemplo, sem grandes planos, mas que dependendo do lugar social dessa pessoa, ela era rapidamente convidada a compor a ASEL.

Quanto ao panfleto biográfico, ele foi inventado pela família de Dr. Ramos sendo alusivo ao Centenário de seu nascimento em 2006. A capa traz uma fotografia do mesmo com seu nome e uma inscrição que o qualifica como “Um sábio homem bom”, sendo uma “homenagem da Família **Thomaz Ramos** ao Patriarca Dr. **João Ribeiro Ramos** quando do transcurso de seu centenário de nascimento. 1906-2006”. (Grifos dos autores). Precisamos considerar que a família de Dr. Ramos cercou o panfleto de um simbolismo que pretende construir a imagem do homenageado, de modo que temos um texto dividido em quatro partes, assim constituídas: *A Vida, O Farmacêutico, O Jornalista e o Mestre, e O Homem de Letras*. Temos assim um homem dividido entre a profissão de farmacêutico, o jornalismo e a literatura, não tendo a família pudor em chamar o seu patriarca de Mestre. Assim, a própria família ajuda a inventar a imagem de Dr. Ramos como um intelectual cristão. Não é por acaso que uma citação bíblica faz parte da contracapa do panfleto, “*Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim*”, retirada de João, 13, 1, sacramenta o que se pretende expandir como sendo “a vida de Dr. Ramos”. Diz-nos o documento que Dr. Ramos nasceu a 10 de abril de 1906, em Guaramiranga, Serra de Baturité, no Ceará. E segue: “VIVEU: Praticando a Caridade; na RIBEIRA fecunda do Acaraú (Santana do Acaraú, Sobral); nas PRAIAS dos Verdes Mares (Acaraú, Fortaleza) (Grifos do autor)”⁴⁹⁵.

A citação acima está localizada na primeira página do panfleto, exatamente ao lado da fotografia de Dr. Ramos. Devemos ressaltar que o texto é baseado em outro panfleto de 1996, que prestava homenagem também a Dr. Ramos, dessa vez sob os auspícios do Colégio Geo Sobralense, hoje extinto, mas que foi uma das instituições de

⁴⁹⁵ Panfleto organizado pela família de Dr. Ribeiro Ramos por ocasião de seu Centenário de Nascimento em 2006.

ensino mais conhecidas de Sobral, durante a Semana de Arte e Cultura daquele estabelecimento de ensino. O que muda de um texto para o outro é que a foto presente no panfleto de 1996 mostra um Dr. Ramos bastante jovem, certamente para representá-lo melhor junto a juventude do colégio, enquanto a fotografia de 2006, dez anos depois, mostra um Dr. Ramos já idoso. Outra mudança significativa é o começo do texto de 1996, que se inicia nos dizendo de “João Ribeiro Ramos, uma vida de amor ao irmão carente; um trabalho de construção da Cultura, Saúde e Educação no Ceará”⁴⁹⁶. Sendo o restante do texto rigorosamente igual. Compreendemos essa narrativa no contexto de homenagem do colégio, por isso o reforço na imagem vivida de Dr. Ramos como “um trabalho de construção da Cultura, Saúde e Educação no Ceará”, uma vez que a homenagem foi feita durante a SAC – Semana de Arte e Cultura. Mas encontramos de forma clara no texto o dedo da família do mesmo, que fica patente no começo da frase que considera que viveu “uma vida de amor ao irmão carente”.

A parte dedicada ao que os autores chamam de *A Vida* traça a biografia limpa e linear de Dr. Ramos, ou seja, aquele texto biográfico em que se vislumbra “a descrição tradicional, linear, e a ilusão de uma identidade específica, coerente, sem contradição”⁴⁹⁷. Pesa evidentemente no texto a face moral do homem, sua coerência considerada exemplar e sua capacidade de trabalho:

João Ribeiro Ramos, filho do Capitão Francisco Ramos dos Reis e de Joaquina Ribeiro Ramos, nasceu em Guaramiranga, na Serra de Baturité – Ce, em 10 de abril de 1906. Em 1919, já como prático em manipulação, mudou para Fortaleza, onde estudou e trabalhou, até colar grau em Farmácia pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará em 1925⁴⁹⁸.

Vemos que Dr. Ramos tem uma vida construída com o objetivo sutil de estabelecer que desde muito jovem, com apenas 18 anos, já trabalhava como prático em manipulação, e que muito cedo também deixou sua pequena cidade de Guaramiranga, região sul do Ceará, para enfrentar a capital Fortaleza, onde colou grau em Farmácia em 1925, aos 24 anos de idade. Da forma como a biografia está escrita, não podemos deixar de perceber um toque *heróico* e *santo* na trajetória de Dr. Ramos, pois “o herói cristaliza

⁴⁹⁶ Panfleto organizado pela família para ser utilizado no Colégio Geo Sobralense em homenagem a Dr. João Ribeiro Ramos em 1996.

⁴⁹⁷ LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. Op. Cit. p. 173.

⁴⁹⁸ Panfleto organizado pela família de Dr. Ribeiro Ramos por ocasião de seu Centenário de Nascimento em 2006.

em si uma simbolização coletiva”⁴⁹⁹, de modo que é como se ele encarnasse a moralidade e a virtude de todos os cristãos e, especialmente, de sua família, e depois da própria ASEL.

A transferência para a cidade de Acaraú, em 1927, cidade localizada na Região Norte do Ceará, e posteriormente o casamento com Dinorah Tomás Ramos são assim dois marcos na vida de Dr. Ramos, mas os dois acontecimentos na verdade encerram um único: o casamento com a professora e poetisa. Não resta dúvida que principalmente por seu talento como poetisa, por ser casada com Dr. Ramos, mas mais ainda por ser sobrinha do consagrado poeta cearense Pe. Antônio Tomás, “1º Príncipe dos Poetas do Ceará”, sua projeção era muito grande junto aos membros da ASEL, tendo ela, mesmo sem ainda fazer parte da Academia, representado essa agremiação no *I Congresso Cearense de Escritores* ocorrido em Fortaleza no ano de 1946, conforme ata do dia 29 de setembro de 1946, quando nos diz: “(...) continuando com a palavra o nobre acadêmico exaltou as qualidades literárias de dona Dinorá Ramos, esposa do acadêmico João Ribeiro Ramos, a qual, tendo comparecido a quase todas as sessões do Congresso, brilhou pelo seu valor intelectual, que se refletiu na intelectualidade representativa de Sobral”, conforme aquela ata.

A parte dedicada A Vida de Dr. Ramos, termina nomeando outro acontecimento considerado relevante por sua família: “Na Terra de Dom José, Sobral, Dr. Ramos viveu por 50 anos com participação ativa na vida sócio-educacional, cultural e política da cidade”. Ou seja, outra conquista de Dr. Ramos foi ter vivido por 50 anos em Sobral, onde participou ativamente, segundo esse discurso, da vida da cidade praticamente em todos os setores da mesma, tendo se destacado, o que por si só representa algo significativo por não ser uma “cidade qualquer”. Sobral, pelo que entendemos, é parte das vitórias de Dr. Ramos, pois sua vida “na RIBEIRA fecunda” produziu bons frutos. Nesse sentido assim se expressou Tereza Ramos Fonteles em discurso de outorga da Medalha Acadêmico Ribeiro Ramos:

É justiça reconhecer em Ribeiro Ramos toda a claridão que o saber e a cultura dão ao homem. É generosidade fazê-lo pulsar, ainda que morto, ao compasso do coração idealista, criativo e também sincero amante de Sobral e de sua gente, de Mons. Sadoc de Araújo. Apondo-se a efígie de um sobre o peito vivo do outro, faz-se a confirmação da imortalidade acadêmica, o que ufana da mais doce alegria os corações

⁴⁹⁹ DOSSE, François. *O desafio biográfico. Op. Cit.* p. 151.

de todos nós outros, os 38 ora encadeirados à sombra deste silogeu sobralense, “qual bandeira desfraldada na alma” deste povo rico de sua “sobralidade”⁵⁰⁰

Dr. Ramos pelo que é construído acima, foi um homem dedicado a Sobral e a sua gente, por isso encontramos o seu nome associado a *sobralidade*, ou seja, temos o nome de Dr. Ramos associado a um dos maiores símbolos da suposta tradição distinta de Sobral, que desse modo torna-se uma identidade que constrói a si e aos outros, quer dizer, aos não sobralenses, desse modo pensamos com Todorov que “[...] pode-se descobrir os outros em si mesmo, [...] eu é um outro”⁵⁰¹, sendo Dr. Ramos, nesse sentido, um “outro” sobralense. Além do mais, Ramos possuía “toda a claridão que o saber e a cultura dão ao homem”, assim, não estamos lidando com um “estrangeiro”, mas com um “sobralense” por inteligência, dedicação e adoção, a exemplo de Monsenhor Vicente Martins. Chama ainda atenção na passagem acima, a conexão que a filha de Dr. Ramos procura estabelecer entre Dr. Ramos e Monsenhor Sadoc de Araújo, são dois corações pulsando num só, segundo Fonteles.

A parte seguinte da biografia é dedicada à sua profissão, por isso é chamada de *O Farmacêutico*. Neste item são elencadas as cidades e as farmácias em que trabalhou Dr. Ramos, entre 1919 e 1988:

FORTALEZA: Menino ainda, trabalhou nas Pharmácias Normal, Francesa, Globo e Meton (1919 a 1925).

ACARAÚ: Formado pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, estabeleceu-se como Farmacêutico com a Pharmácia Acaraú (1927 a 1938).

SOBRAL: Farmacêutico das Pharmácias Monte, Adjofre, Salu e Dr. Ramos (1938 a 1988) (Grifos dos autores).

O item é finalizado com uma citação que tem autoria coletiva, no sentido de procurar representar uma coletividade, mas que representa de forma muito clara a imagem que a família desejou construir de Dr. Ramos e sua profissão: “De pé, o dia inteiro, no balcão da farmácia, ele distribuía solidariedade, ofertava instrução, repartia afeto, plantava amizade e confiança”. Portanto, a intenção é construir a imagem de um homem abnegado, generoso, solidário, afável e sempre pronto a receber o “outro”, a distribuir justiça e benevolência.

⁵⁰⁰ FONTELES, Tereza Ramos. *Discurso* para a 1ª outorga da Medalha Acadêmico Ribeiro Ramos, concedida ao Mons. Francisco Sadoc de Araújo pela Academia Sobralense de Estudos e Letras, em 28 de abril de 2010. P. 3.

⁵⁰¹ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Sobre a sua ida para Fortaleza em 1919, Dr. Ramos nos dá um importante depoimento sobre uma cidade desenvolvida e atrativa, que está em sua memória e que se acha em lugar de destaque em suas próprias memórias e definições:

Naquele já distante ano de 1919 chegava eu a esta Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção, a então pacata e acolhedora cidade de Fortaleza – a Loura desposada do Sol dos belos versos de Paula Ney -, dos bondes da Light, das alegres rodas de calçadas, das maravilhosas serenatas ao luar e dos “pregões matinais” – Oh meu Deus que saudades! Menino ainda, muito menino, vinha eu exercer o meu segundo emprego e todo cheio de inocente orgulho por me considerar um prático de farmácia. A cidade, provinciana e tranqüila, era enorme aos meus olhos de menino. Todo mundo se conhecia e se cumprimentava; os homens usavam severos trajes escuros, completos; *os senhores do comércio e funcionários* trajavam ternos comuns, cobriam a cabeça com chapéu de massa ou palhinha e nos pés os indefectíveis borzeguins e como complemento a bengala; *as senhoras e as moças*, que só saíam à rua acompanhadas, usavam longos e pesados vestidos cobrindo os pés, calçados com elegantes botinas, e jamais eram vistas sem chapéu, enquanto isso os *desembargadores*, os *juizes e altas autoridades* eram sempre vistos envergando fraque e cartola. *Os padres* usavam batina, chapéu e colarinho eclesiásticos e traziam no braço o inseparável guarda-chuva, o mesmo utilíssimo chapéu-de-sol dos dias de verão, e os *monsenhores* se distinguiam pela veste talar preta e severa como a dos padres, diferenciadas pelos enfeites e torsais vermelhos, que era também a cor das meias, e os sapatos de entrada baixa eram ornados por uma fivela de metal prateado.⁵⁰² (Grifos nosso)

As palavras de Ramos são bastante interessantes pelas descrições que trazem. Os detalhes das roupas que menciona são uma preciosidade e apontam para a sua perspectiva de mundo, como que por uma espécie de estranha contradição, o homem que foi humilde a vida inteira segundo sua família, tem o olhar voltado sobremaneira para os homens importantes da cidade, como desembargadores, juizes, altas autoridades, padres e mosenhores. É verdade que ele enxerga funcionários e senhores do comércio, mas apenas para enfatizar que usavam “ternos comuns”, sem destaque. Parece-nos que Dr. Ramos só enxergava os homens que manejavam muito bem a palavra falada e principalmente escrita, por isso, “uma consequência desse prestígio da palavra escrita, dessa crença mágica no poder das idéias, seria o bacharelismo, a fascinação com o título de doutor”⁵⁰³, que de modo geral fascinou Dr. Ramos e acompanhou a vida inteira da

⁵⁰² RAMOS, João Ribeiro. *Discurso de posse*. Discursos. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986. p. 31-32.

⁵⁰³ CARVALHO, José Murilo de. *História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura*. Op. Cit. P. 129.

ASEL. Sabemos, nesse sentido, que “O bacharelado era uma condição essencial para o exercício da sociabilidade dos setores dirigentes⁵⁰⁴.”

A passagem mais alentada do panfleto tem como título *O Homem de Letras*. Não resta dúvida para esse discurso, que paralelo ao “homem bom”, cristão e solidário, estava o literato, o homem que seria apaixonado pela literatura, ou melhor, pela escrita:

Pioneiro do movimento em favor da criação da Faculdade de Filosofia D. José de Sobral, nascedouro de nossa UVA (1960), Dr. Ramos também participou da fundação da Academia Sobralense de Estudos e Letras (1943) e, em Fortaleza, da Academia Cearense de Farmácia (1980). Pertenceu a 28 Instituições Socioculturais do país como efetivo e a 25 outras como sócio correspondente⁵⁰⁵.

Abrir o item *O Homem de Letras* com sua participação junto ao movimento de criação da Faculdade de Filosofia D. José em 1968, é uma forma sutil de atrelar o nome de Dr. Ribeiro Ramos a uma das mais conhecidas criações da elite letrada e da Igreja Católica da cidade de Sobral, de sorte que desde então a Faculdade de Filosofia se tornaria um centro de formação da elite da cidade, de tal forma que “a história da Universidade Estadual Vale do Acaraú está, em seus primórdios, muito ligada à Diocese de Sobral (...) e ainda, parte de seus cursos e professores são os da Faculdade de Filosofia, também pertencente àquela instituição eclesial”⁵⁰⁶, isso durante a década de 1990. Ligá-lo a criação da Academia Sobralense de Estudos e Letras é legitimar ainda mais a intelectualidade de Dr. Ramos, é localizá-lo num tempo mais pretérito, de modo que participar da fundação da UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú, foi “parte natural” da vida ativa do mesmo. Por outro lado, enfatizar que participou de 28 instituições socioculturais como sócio efetivo e de mais “25 outras como sócio correspondente”, num claro exagero, estando entre elas a Academia Cearense de Letras, Academia Cearense de Farmácia, o Instituto do Ceará, a ASEL, entre outras, procurando reforçar o seu lugar de intelectual, por isso refletimos nesse contexto que:

O intelectual, no caso, o intelectual artista (...) precisa ser encarado como um doublé teórico da cultura e de produtor de arte, inaugurando

⁵⁰⁴ OLIVEIRA, Raimunda Ivoney Rodrigues. Gustavo Barroso: *A tragédia sertaneja*. Op. Cit. p. 45.

⁵⁰⁵ Panfleto organizado pela família de Dr. Ribeiro Ramos por ocasião de seu Centenário de Nascimento em 2006.

⁵⁰⁶ GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne. SOARES, Maria Norma Maia.. *Sobral história e vida*. Op. Cit. P. 101. No começo da década de 1990 era visível a ampla participação de padres entre os professores da universidade.

novas formas de expressão e refletindo sobre as funções e desdobramentos sociais que tais formas guardariam⁵⁰⁷.

Assim, Dr. Ramos pelo muito que fez, de acordo com a biografia construída por sua família e de certo modo sacramentada e confirmada por parte da intelectualidade da cidade de Sobral, era esse *doublé da cultura*, capaz de inaugurar novas formas de expressão e capaz também de ser plural em suas atividades, abarcando o maior número de atividades possíveis – Professor, Farmacêutico, Jornalista, Radialista, Literato, Cronista e Poeta. Dr. Ramos era assim, idealizado por sua família, como uma “usina de criação”, sempre ávido por iniciativas as mais variadas.

E segue o panfleto nos informando que “publicou livros e opúsculos: “Consumindo Luas”; “Um Mestre e um Poeta”; “Dois Homens em Meu Caminho”; “O Príncipe Padre Antônio Thomaz”; “Eu sou aquele que Serve”, entre outros”. Traz, para finalizar o item, as maiores homenagens que foram feitas a Dr. Ramos:

Emprestou seu nome para:

Escola Dr. João Ribeiro Ramos (Acará); Escola de 1º Grau João Ribeiro Ramos (Sobral); Unidade Dermatológica Dr. João Ribeiro Ramos, na Santa Casa de Sobral; Núcleo de Estudos da Saúde Dr. João Ribeiro Ramos, na Universidade Estadual Vale do Acaraú; Centro de Estudos Dr. João Ribeiro Ramos, da Associação dos Farmacêuticos da Zona Norte do Ceará,⁵⁰⁸ em Fortaleza

Foram sem dúvida muitas homenagens, especialmente com nomes de escolas, como citado acima, e também abarcando suas atividades ligadas a prática farmacêutica. O texto termina reforçando o caráter humilde de Dr. Ramos, pois “guardou com humildade e carinho dezenas de Placas, Diplomas e Títulos de Honra ao Mérito, outorgados por Instituições Culturais de Saúde, Benéficas do Nordeste do País”, numa clara contradição com aquele que procurou fazer da Academia o lugar dos “homens de projeção” da cidade, economicamente e intelectualmente. Mas, ao avaliarmos o que diz sua família, a grande homenagem a Dr. Ramos parte da Academia Sobralense de Estudos e Letras que em 2010 criou a *Medalha Acadêmico Ribeiro Ramos*, a ser oferecida aos intelectuais sobralenses mais destacados, e não por coincidência, o primeiro intelectual a ser homenageado, foi o Monsenhor Sadoc de

⁵⁰⁷ GOMES, Angela de Castro. *Os intelectuais cariocas, o Modernismo e o nacionalismo: o caso de Festa. Op. Cit.* p. 82.

⁵⁰⁸ Panfleto organizado pela família de Dr. Ribeiro Ramos por ocasião de seu Centenário de Nascimento em 2006.

Araújo, exatamente o intelectual atualmente mais festejado e mais representativo da Academia, considerado intelectual erudito e o mais importante historiador da cidade.

A impressão que o panfleto organizado pela família de Dr. Ramos nos traz, é da construção de uma biografia que se mostra como aquilo que *resta*, ou seja, seria uma representação daquilo que fica do tempo da vida, do que permanece, como vibração, como uma energia, quando se abandona para sempre um lugar, uma posição⁵⁰⁹. O texto soa para nós como a marca daquilo que foi, ou seja, Dr. Ramos, a partir dessa homenagem de sua família, surge para nós como aquilo que poderia ser dito sobre uma vida que já não é, como aquilo que desprende uma energia que apenas se apresenta como aquilo que perdeu o seu lugar, lugar que de certa forma a família procura ocupar novamente a partir de sua memória.

O Dr. Ramos, “O Homem de Letras” é o teor da biografia que o acadêmico da ASEL e da Academia Cearense de Letras, Monsenhor Francisco Sadoc de Araújo, constrói em seu discurso de recepção ao mesmo na Academia Cearense de Letras. Suas escolhas incidem aquilo que seria a “qualidade ímpar” de Dr. Ramos, ou seja, a sua qualidade exemplar de escritor, mas não de um grande escritor no sentido pleno da palavra, mas de alguém que vivia para escrever. Por isso é enfático quando afirma que:

Se me for lícito comparar figuras da literatura universal com vultos da cearense, diria que o acadêmico João Ribeiro Ramos pareceu-me apresentar certas semelhanças com os dois Hermes, pois, como ambos, fez-se três vezes atleta no incansável afã de escrever. Escreveu com maestria como jornalista amador, como farmacêutico profissional e como professor inato. O que mais chama atenção em sua vida é o estar quase sempre a escrever. É o impulso mais forte e manifesto de seu temperamento⁵¹⁰.

Para Araújo, portanto, Dr. Ramos cuja vida, desse modo, era a tessitura de uma escrita que parecia não ter fim, representava o afã de fazer de sua vida um texto em gestação. Escrever era a sua ação cotidiana, e sobre essa virtude, Araújo continua a fazer referência de forma agora muito bela:

Durante mais de quarenta anos escreveu para imprensa, sua magia; durante mais de meio século escreveu receitas na farmácia, sua alquimia; durante mais de quatro lustros escreveu lições no quadro-negro, sua astrologia. E nessa tríplice atividade assemelhou-se ao

⁵⁰⁹ ARFUCH, Leonor. *Antibiografias? Novas experiências nos limites*. In: MARTINS, Anderson Bastos *Et all.* (Orgs.) *O futuro do presente*. Arquivo, gênero, discurso. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2012. p. 23.

⁵¹⁰ ARAÚJO, Francisco Sado de. RAMOS, João Ribeiro. *Discurso de saudação*. *Op. Cit.* p. 12.

Hermes Trismegisto. Escreveu à máquina, seu tridente; escreveu com a pena, sua espada; escreveu com o giz, sua lança. E nisso pareceu com o Hermes dos romanos.⁵¹¹

Pelo que escreveu Araújo acima, percebemos o fascínio que Dr. Ramos exercia sobre os intelectuais da cidade, mas esse fascínio não se dava pela possibilidade de grandeza do escritor que “não é homem de aprimorar o estilo com palavras bem ajustadas ou construir períodos com excessiva pureza de linguagem”⁵¹². O que fascinava na figura calma, de paletó branco e gravata borboleta, a caminhar pelas ruas da cidade em direção à farmácia onde trabalhava, à missa ou a sede da ASEL, era a capacidade de agregar, de chamar seus pares para empreitadas literárias. O fascínio era por alguém que fazia da escrita o seu *pharmakon*, o seu remédio cotidiano, sua dose diária de palavra escrita, manipulada sob o signo da linguagem. Dr. Ramos cintila no texto de seus confrades como o importante intelectual da Academia, o grande escritor pelo muito que escreveu e não pelo muito que deixou escrito, numa clara contradição, mas sobre isso, assim nos esclarece Araújo:

O irreprimível ímpeto para o manejo ininterrupto da pena, talvez, explique a preferência por não reunir em livros a abundante produção. Estes exigem tamanho reduzido na página e volume não muito espesso na brochura. Tais limites não se coadunam com a largueza do desejo de muito escrever, porque estreitos demais para conter a exuberância das frases que lhe povoam a mente. As maiores dimensões das folhas dos jornais atraíram sua simpatia, pelo que antepôs a imprensa periódica ao livro intermitente⁵¹³.

De forma quase obsessiva, pelo que inferimos da citação, Dr. Ramos manejava sua “espada”, ao esgrimir seu talento para a palavra escrita, por isso os livros, quando acanhados no número de páginas e no volume, não suportavam os seus escritos. Não por acaso, foi homem de jornal, ou seja, escreveu, como já frisamos, semanalmente para o Correio da Semana, porque o jornal, maior no tamanho mas menor no volume, certamente era superior no alcance. Assim, Dr. Ramos é um representante típico do intelectual que, forjado sob o impacto da organização, difusão e efetivação da imprensa escrita, no “rastros da técnica”, com sugere Flora Sussekind, teve o seu espectro de ação dilatado, uma vez que:

Ampliando socialmente seus circuitos de difusão, renovando sua linguagem e seu estilo, a imprensa ganha a cidade. Fazer imprensa vira moda e, com os limites impostos por uma sociedade ainda

⁵¹¹ ARAÚJO, Francisco Sado de. RAMOS, João Ribeiro. *Discurso de saudação*. Op. Cit. p. 12.

⁵¹² *Ibidem*. p. 13.

⁵¹³ *Idem*. p. 13.

basicamente iletrada, parece que todos devem imprimir e tudo deve ser impresso.⁵¹⁴

A imprensa escrita, podemos dizer, é filha da cidade. A imprensa evoluiu na mesma proporção em que as cidades se transformaram e mudaram a sua fisionomia urbana e, principalmente, técnica. E devemos considerar ainda sob essa pretensa “falta de fôlego” de Dr. Ramos para o livro, a falta de tipografias especializadas na cidade. Sabemos que Monsenhor Vicente Martins passou a imprimir alguns de seus opúsculos numa pequena tipografia que havia comprado e instalado em sua residência, mas esse equipamento não tinha capacidade para imprimir materiais mais densos. A tipografia mais importante da cidade era a do Jornal Correio da Semana, que inclusive também funcionava como livraria, e era, sem sombra de dúvidas, a livraria mais importante de Sobral, mas ainda assim os custos eram relativamente altos e impediam Dr. Ramos de publicar obras mais alentadas. Mas mesmo assim para ele tudo deveria ser impresso, especialmente nas folhas do Correio da Semana, jornal católico, e que por isso mesmo era de certo modo o principal espaço de invenção da ASEL pelo menos até a publicação de sua primeira obra coletiva. Ainda sobre a participação ativa de Dr. Ramos nas páginas dos jornais, podemos destacar como fundamental que:

O jornal e a revista, que se expandem vertiginosamente no início do século [XX], são os principais canais de divulgação, não só de notícias, mas de estilos como a crônica e o ensaio, envolvendo textos de conteúdo literário, histórico, antropológico, etc. (...) Numa época em que a institucionalização dos saberes na área de humanidades caminhava ainda lentamente, os autores-historiadores são louvados como publicistas e polemistas, sendo destacada a harmonia de todas essas manifestações.⁵¹⁵

Dr. Ramos participou ativamente da vida da cidade de Sobral a partir de sua coluna fixa no Correio da Semana chamada *Crônica da Semana*, da metade da década de 1940 até o começo da década de 1980, mas também publicou textos esparsos, apontando problemas e refletindo sobre assuntos espirituais, filosóficos, éticos, estéticos, e com tudo isso, não deixou de ser publicista e polemista, como nos informa a seguinte ata da ASEL:

Com a palavra o acadêmico Manuel Pinto Filho propôs para membros da Academia, os juízes de Comarca doutores Luiz Bezerra e Vicente Bessa, os quais foram aceitos. Com a palavra o acadêmico João Frederico Gomes solicitou uma menção de solidariedade para o

⁵¹⁴ CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta. Op. Cit.* p. 81.

⁵¹⁵ GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores. Op. Cit.* p. 48.

acadêmico João Ramos, em face da polêmica dêste, pela imprensa, com o Dr. Jacinto Antunes⁵¹⁶.

Vemos acima mais uma demonstração da presença exacerbada de doutores na ASEL e como mais uma vez a “teoria do expoente” se manifesta no convite para sócios efetivos feito a dois juízes de Comarca, convites evidentemente aceitos. Mas encontramos ainda, quase de passagem, a solicitação de “uma menção de solidariedade para o acadêmico João Ramos, em face da polêmica deste, pela imprensa, com o Dr. Jacinto Antunes”. Pelos jornais da época ficamos sabendo que a polêmica girou em torno da construção da Igreja dedicada a São Francisco, e que abrigaria também o convento dedicado aos Frades Capuchinhos que cuidariam da igreja, a construção praticamente atingiu um quarteirão inteiro da Boulevard João Barbosa, no centro da cidade, de modo que a igreja passaria a ser ligada ao convento por um viaduto, questão que Ramos discordava, por achar que tal obra obstruiria a passagem para automóveis. Dr. Jacinto era prefeito de Sobral, Dr. Ramos então candidato derrotado a prefeito da cidade isso na década de 1950. O viaduto foi construído e efetivamente não obstruiu a passagem para automóveis no local.

Em abril de 1943, Dr. Ramos escreveu em sua coluna um texto chamado *Uma vitória da Bôa Imprensa*, em homenagem aos 25 anos do Correio da Semana, em que explicita os objetivos do jornal, sua posição de católico, ao mesmo tempo em que relaciona a Igreja com a intelectualidade local, conforme segue em parte:

Um quarto de século marca nesta data a Ampulheta do Tempo, desde o dia memorável em que o “CORREIO DA SEMANA” surgiu à luz maravilhosa desta terra bem dita, sob a égide honrosíssima da Diocese de Sobral (...) Não menos duras hão sido as lutas pelo alevantamento do nível intelectual, cultural e moral da terra que serviu de berço. (...) Seria ocioso enumerar aqui as vantagens que soe trazer para uma cidade sertaneja um jornal que nela se edite, basta apenas que destaquemos duas coisas: É um índice de progresso, é um índice de elevação intelectual. (...) Como velho amigo do “correio”, sinto-me feliz em congratular-me com os seus dirigentes, pela efeméride de hoje, que me fala de perto ao coração de católico, porque esta efemeridade é uma vitória da Bôa Imprensa e é uma vitória da Igreja. (Grifos do autor)

O pequeno texto do Dr. Ramos, colocado no alto da página sete do Correio da Semana, é uma homenagem aos 25 anos do jornal. Dr. Ramos procura articular sentidos em torno do jornal, da Igreja Católica, da intelectualidade e do progresso, de modo que

⁵¹⁶ATA DA 2ª SESSÃO ORDINÁRIA DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS NO DIA 1º DE ABRIL DE 1951.

temos aqui, a construção da “terra bemdita”, lugar de intelectuais, de progresso e de moralidade cristã. Pelo menos nas palavras do articulista, o jornal, como fará depois a ASEL, será, nessa idealização, uma arma no esforço “pelo alevantamento do nível intelectual, cultural” da cidade de Sobral, sendo também, como não poderia deixar de ser, “uma Vitória da Bôa Imprensa”.

Mas é Araújo que explicita o que seria a sina de obsessivo escritor de Dr. Ramos, nos dizendo que:

Ribeiro Ramos começou a escrever regularmente para o público na cidade de Acaraú, onde se fez redator do quinzenário local durante doze anos, tempo em que publicou incontáveis artigos, contos e crônicas. Foi o começo fecundo, em plena juventude, de seu jornear de jornalista amador (...) Diga-se mais que é assíduo escrevedor de cartas, sendo proverbial a pontualidade em enviá-las e respondê-las. É grande a correspondência assídua que mantém com entidades e homens de letras de todo o Brasil⁵¹⁷.

Chama nossa atenção o fato de Araújo mencionar a relação epistolar que Dr. Ramos mantém “com entidades e homens de letras de todo o Brasil”, porque esse detalhe aparentemente simples é sinal de sua suposta qualificação, uma vez que não estava “isolado” na cidade de Sobral, dando a entender que sua influência ultrapassava as barreiras da cidade e do estado, pois Araújo idealiza que:

Ribeiro Ramos não se limita a escrever, mas também procura levar os outros a fazê-lo. Foi por seu estímulo que conseguiu colaborações que reuniu em vários números da Revista da Academia Sobralense de Estudos e Letras e da Revista da Academia Cearense de Farmácia, entidades culturais que preside. Também com a participação de vários escritores organizou e publicou os livros “O Centenário de Dom José à luz da Academia” e “Um mestre e um Poeta – dois homens no meu caminho”, florilégios em que presta homenagem a Dom José Tupinambá da Frota, Pe. Antonio Tomás e José Waldo Ribeiro Ramos. Preparou ainda, com a cooperação de diversos autores o “Álbum do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral” e “Subsídios para a História da Farmácia no Ceará”, dois excelentes espicilégios que aguardam publicação⁵¹⁸.

Talvez a palavra mais próxima de Dr. Ramos na citação acima, seja – espicilégio⁵¹⁹ –. Por sua capacidade metódica de organizar sua vida de escritor e missivista. Por colecionar, mesmo despretensiosamente, como sugere Fonteles, medalhas e títulos. Por “coleccionar” amigos e muitos documentos com relação a prática

⁵¹⁷ ARAÚJO, Francisco Sado de. RAMOS, João Ribeiro. *Discurso de saudação*. Op. Cit. p. 13.

⁵¹⁸ *Ibidem*. p. 14.

⁵¹⁹ Do latim spicilegiu. Substantivo masculino. Refere-se a alguém que coleciona metodicamente documentos, diplomas, medalhas, cartas, etc.

intelectual na cidade de Sobral. Dr. Ramos sabia agregar, como é constantemente enfatizado e idealizado por seus confrades e familiares. E por colecionar também documentos relativos a ASEL e a história de Sobral. O discurso que constrói a sua imagem sempre procura garantir que era capaz de gerar um clima de ebulição intelectual que sempre resultava em algo concreto, como se dizia, fosse um convite para um novo sócio efetivo ou correspondente, como um opúsculo publicado ou a afixação de uma placa ou um busto para marcar a vida de algum intelectual da ASEL e da história da cidade. Dr. Ramos é construído assim como alguém que “costura a realidade (...) habilmente, minuciosamente, de forma a respeitar datas e factos históricos”⁵²⁰. Ainda sobre seu temperamento e outra de suas publicações, talvez a mais importante, assim nos diz Araújo:

Várias de suas brilhantes conferências foram enfeixadas em “EU sou aquele que serve”, pequeno livro onde o leitor descobre o esforço que empreendeu para sugerir soluções a problema comunitários das cidades em que residiu e para a defesa de muitas campanhas beneficentes que participou. E por falar em servir, seja dito que fez do exercício profissional de farmacêutico um autêntico sacerdócio. É raro um sobralense que não lhe deva favor, como fruto da caridosa assistência no balcão da farmácia, verdadeira Piscina de Siloé, onde tantas dores foram mitigadas e tantas enfermidades remediadas (...) É proverbial em Sobral a lhaneza do trato com que se relaciona com as pessoas que o procuram, incontável clientela de fiéis amigos que ele escreveu no livro do coração sob a denominação afetuosa de “caríssimos”⁵²¹.

O título da obra citada, *Eu sou aquele que serve*, representa bem, na perspectiva de sua família, de seus confrades, especialmente de Araújo, a imagem que se pretendia construir do homem e do intelectual. Por isso a dedicação ao trabalho em sua farmácia. Desse modo, Araújo, considera ainda que “são seus lazeres prediletos a prática da oratória, o exercício da literatura e a arte de fazer amigos. No pasto da mesa que lhe alimenta o espírito há três iguarias que nunca estão ausentes: falar, escrever, conversar”⁵²². Procura-se desse modo, inventar a figura de Dr. Ramos a partir da construção de um bem articulado panegírico. Sobre sua retidão e suas virtudes, outro confrade seu assim se expressou:

Soubeste sobretudo conviver, e quem privou contigo, que se escude com o seu exemplo, a face a te rever. Busque seguir-te o brilho da virtude, nas Letras, na Ciência, eleições tuas. João, não tiveste um

⁵²⁰ AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Op. Cit. p. 179.

⁵²¹ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. RAMOS, João Ribeiro. *Discurso de saudação*. Op. Cit. P. 14.

⁵²² Idem. p. 14.

desempenho parco, nem andaste apenas “Consumindo luas”. És um varão insigne de Plutarco, fizeste só o bem, e assim flutuas por prêmio do Alto, sobre o nosso barco⁵²³.

Os depoimentos de confrades sobre Dr. Ramos abundam no sentido de também apresentá-lo “como um sábio homem bom”. A vida narrada de Dr. Ramos assim torna-se, para citarmos Certeau, a expressão “de uma comunidade eclesial”. A Eclésia aqui, representa certamente a Academia Sobralense de Estudos e Letras. Podemos refletir também que a biografia apresentada resvala no sentido de compor uma espécie de “hagiografia” em que o biografado é revelado como *ser*, sem aparente tensão com o *parecer*, questão que incide com relação a biografia⁵²⁴. Talvez o professor Antônio Ferreira Porto, encontrasse na vida de Dr. Ramos o exemplo farto de como uma biografia pode resvalar para uma hagiografia, de como uma vida se acha “sublime e cheia de graça” praticamente desde sua suposta origem, teor essencial da hagiografia. Sobre esse aspecto de sua vida, assim nos informa José Jarbas Gurgel:

Homem de fé inabalável em Deus dedicou sua vida ao propósito do bem servir, seja no exercício profissional, no vasto círculo de amizades que plantou em todos os níveis sociais, seja no recôndito do lar ou por onde passou sem passar, porque por onde andou deixou muito de si. “Eu sou aquele que serve” é o título de uma de suas obras e é também a afirmação de seu viver por 94 anos tão profícuos⁵²⁵.

Portanto, os testemunhos são basicamente os mesmos: tratava-se da invenção de um homem realmente humilde, sábio e bom, pronto a servir e a escrever. Quando nos perguntamos a razão desse discurso, possivelmente encontramos resposta na forma como Dr. Ramos conduziu a ASEL, abrindo suas portas para todos os supostos intelectuais locais. Assim, consideramos que se processava uma espécie de troca, uma vez que ao mesmo tempo em que Dr. Ramos abria as portas da imortalidade para esses intelectuais, o seu nome era, no âmbito da ASEL, é bom que reforçemos esse dado, relativamente louvado e consagrado. Por esse discurso era dito, que escrever também era a sua maneira de servir, e que sua vida deveria ser entendida como a de alguém que servia para escrever. O próprio Dr. Ramos faz questão de construir sua autoimagem, querendo ratificar o discurso de seus confrades, como um homem ligado intimamente a literatura e ao hábito de escrever, por isso mesmo em discurso considera o seguinte:

⁵²³ FILHO, Linhares. Apud. FONTELES, Tereza Ramos. *Discurso para a 1ª outorga da Medalha Acadêmico Ribeiro Ramos. Op. Cit. P. 7.*

⁵²⁴Ver: DOSSE, François. *O desafio Biográfico. Op. Cit. P.138-139.* Observar especialmente o capítulo segundo, *A Idade Heróica*, em que apresenta um subitem intitulado *A hagiografia*.

⁵²⁵ GURGEL, José Jarbas Studart. *Homenagem ao centenário de Ribeiro Ramos. Apud. FONTELES, Tereza Ramos. Discurso para a 1ª outorga da Medalha Acadêmico Ribeiro Ramos. Op. Cit. p. 5.*

Sou um literato na lata acepção do honroso título e minha bagagem literária está bem distante daquela de que é feliz portador o consagrado acadêmico João Cabral de Melo Neto, quando dizia numa entrevista: - “Meus livros? São tão finos que somente todos juntos poderão ficar em pé”... Sou, no entanto, um devotado e fiel amante da literatura, amando, cultuando, lendo, admirando os poetas e escritores. Invejando-os também, confesso, sem pejo. E faço isso desde menino (...)⁵²⁶

Pela palavra escrita, mas também pela palavra falada, Dr. Ramos se fez sentir e agir junto aos seus, na perspectiva de Araújo, de modo que podemos pensar que “o que está em jogo nesses textos é uma cumplicidade mais essencial entre um modo do discurso e um modo da comunidade”⁵²⁷, ou seja, Dr. Ramos representa por seus ideais, por suas iniciativas, seu fervoroso valor atribuído a literatura, a palavra escrita, o que deveria ser a marca mesmo da Academia, por isso seus textos valem muito mais pela “comunidade de sentido” que representam, no caso específico, a ASEL. O seu modo de discurso pode ser considerado como um modo de pronunciamento à medida em que pretende causar algum tipo de efeito, algum tipo de acontecimento”⁵²⁸. Entendemos que considerar Dr. Ramos como um intelectual, é tomar a parte pelo todo, ou seja, ele representava a própria Academia, o próprio ensejo de um importante acontecimento para a cultura local, que só poderia ser medido na análise de suas atitudes e de suas produções, pelo menos na perspectiva de sua família e de alguns de seus confrades.

Dr. Ramos morreu em 12 de maio de 2000, aos 94 anos de idade na cidade de Fortaleza, “nas PRAIAS dos Verdes Mares”, como nos diz o panfleto biográfico analisado. Assim, “MORREU distribuindo Esperança e Fé”, ou seja, morreu, segundo esse discurso, como “um sábio homem bom”. Assim, a família do Dr. Ramos e alguns intelectuais da ASEL construíram para o mesmo de certo modo “um passado humilde. Um nome sem brilho”, idealizando a figura do acadêmico, que ao mesmo tempo em que era humilde foi o principal articulador da ASEL como lugar da elite considerada distinta, econômica e intelectual da cidade de Sobral.

Trataremos a partir de agora da construção da biografia de outro acadêmico, Dr. José Sabóia de Albuquerque, magistrado e intelectual sobralense, sendo vice-presidente, depois presidente da ASEL. Dr. José Sabóia é celebrado como possivelmente o mais representativo intelectual da ASEL junto com Domingos Olímpio,

⁵²⁶ RAMOS, João Ribeiro. Discurso de posse. In: Discursos. *Op. Cit.* p. 21.

⁵²⁷ RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita. Op. Cit.* p. 15.

⁵²⁸ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A dimensão retórica da historiografia. Op. Cit.* p. 225.

especialmente por sua importância social, econômica, cultural e por ter dedicado parte de seu tempo considerado atarefado àquele sodalício, seu nome muitas vezes foi legitimado como o mais importante acadêmico da ASEL. As suas biografias, portanto, celebram sua importância que se torna mais efetiva, segundo a ASEL, por sua participação naquela agremiação literária. Nós temos praticamente sete biografias sobre sua vida, uma vez que mesmo os discursos de homenagem, acabaram construindo também a sua vida. Não analisaremos todas, nos limitando a analisar as mais conhecidas, no caso as que foram publicadas no livro *Homens e vultos de Sobral*, em *O Centenário*, e outros discursos biográficos presentes no Álbum do Bi-Centenário da Vila Distinta e real de Sobral de 1973, que serviram de base para praticamente tudo o que foi escrito sobre o magistrado, inclusive o opúsculo em homenagem ao centenário do juiz.

A vida de Dr. José Sabóia nos servirá de mote para que possamos repensar o lugar de Sobral com relação aos que se passava no Brasil, especialmente com relação ao Estado Novo, de modo que possamos relativizar os acontecimentos em sua perspectiva macro, entendendo como em uma pequena cidade do norte do Ceará, acontecimentos políticos nacionais reverberaram entre os seus intelectuais, e nesse sentido a vida do Dr. José Sabóia será fundamental.

A Academia publicou um opúsculo intitulado "José Saboya de Albuquerque, em memória de seu centenário de nascimento – 6 de agosto de 1871". Impresso pela Editora Correio da Semana e tendo como um de seus organizadores Dr. Ramos, que escreve um dos discursos biográficos do juiz, sendo uma homenagem da ASEL em 1971. O opúsculo apresenta além dos três discursos biográficos, um de autoria de acadêmico Plínio Pompeu e outro do Monsenhor José Gerardo Ferreira Gomes terceiro presidente da ASEL, dois discursos do próprio homenageado, um pequeno texto de autoria da professora Anahid de Andrade, trechos do discurso sobre Dr. José Sabóia proferido no Senado e na Câmara por Fernandes Távora, ex-governador do estado, e ainda declarações de seu genro Dr. José Maria Alverne quando da chegada dos restos mortais de Dr. José Sabóia a Sobral no dia 21 de maio de 1955, cinco anos após a sua morte. A última biografia do magistrado foi publicada em 2004, de autoria do acadêmico Arnaud de Holanda Cavalcante, que escreveu um curioso livro chamado *Sociedade Sobralense, vultos em destaque*, que é quase uma cópia do livro *Homens e vultos de Sobral*, do Monsenhor Vicente Martins, com a diferença de que o livro de

Arnaud de Holanda trabalha mais com biografias de sobralenses, ou melhor, de “vultos em destaque” da atualidade, sendo poucos os biografados já falecidos, com exceção dos “clássicos”, como o próprio Dr. José Sabóia, Dr. Clodoveu de Arruda, Dr. Ribeiros Ramos, finalmente lembrado em livro, entre outros. Outra diferença da obra com relação ao livro do Monsenhor Vicente, é que a maioria das biografias que constam no livro de Arnaud de Holanda, na verdade foram autobiografias escritas pelos próprios homenageados vivos, os que não estavam vivos, tiveram suas biografias praticamente copiadas daquela obra. Nós não analisaremos essa biografia, pois a mesma é cópia fiel do que já havia escrito Craveiro Filho e Monsenhor Vicente Martins.

5 – UMA ACADEMIA ENTRE O LOCAL, O NACIONAL E A VIDA DE DR. JOSÉ SABÓIA DE ALBUQUERQUE

"(...) gostaria de ter um avô com o porte ilustre de um Machado de Assis, de um Cruz e Sousa, de um Alexandre Dumas (...)"

José Eduardo Agualusa. *O Vendedor de Passados*.

Dr. José Sabóia, para o discurso mais geral da Academia, era um homem de porte ilustre, hierático, carregava o peso e a significância de um dos nomes considerados mais legítimos diante das tradições inventadas da cidade enobrecida e distinta. Ele seria uma espécie de “avô” ilustre da Academia, não tinha, no entanto, o porte ilustre de Machado de Assis, mas era reiteradamente considerado culto, erudito, sendo capaz de lavrar sentenças que para os seus biógrafos, eram páginas literárias de beleza e distinção.

Ficamos sabendo da participação mais efetiva de Dr. José Sabóia pela ata da 1ª sessão ordinária da ASEL ocorrida no dia 28 de maio de 1944 que nos diz: “Teve lugar naquele momento, a aclamação unânime do nome do ilustre acadêmico Dr. José Sabóia de Albuquerque para Vice-Presidência da Academia”. A primeira diretoria da ASEL tinha na presidência, Monsenhor Vicente Martins da Costa, e na vice-presidência, Dr. Arnaud Ferreira Baltar, que teve que se ausentar de Sobral, indo advogar e residir em

Fortaleza, de modo que a vice-presidência ficou vaga, sendo aclamado por unanimidade, aquele magistrado. Precisamos destacar que através das atas da ASEL podemos acompanhar a vida acadêmica “imortal” do mesmo. A vida fora daquele sodalício, encontramos nas biografias já mencionadas por nós. No entanto, a eleição que instituiria o seu nome como vice-presidente só aconteceria em agosto daquele ano, conforme segue:

Feita a votação, S. Excia. nomeou uma comissão composta pelos acadêmicos Snrs. Pedro Mendes Carneiro, professor Monoel Pinto Filho e Pe. Gonçalo Eufrásio, a fim de fazerem a apuração, cujo resultado foi o seguinte: Para Presidente: Mons. Vicente Martins da Costa com sete votos e Dr. José Sabóia de Albuquerque – três; para Vice-Presidente: Dr. José Sabóia de Albuquerque com seis votos, Mons. Vicente Martins da Costa – dois e Pe. Gerardo Gomes – dois; para Primeiro Secretário: Maurício Mamede Moreira com nove votos e Snr. Antonio Joaquim Rodrigues de Almeida – um; para Segundo Secretário: Dr. José Maria Mont² Alverne com nove votos e professor Manuel Pinto Filho – um; Para Tesoureiro; Sr. João Ribeiro Ramos com nove votos e professor Antonio Ferreira Porto – um; para Bibliotecário: Professor Raimundo Aristides Ribeiro com nove votos e professor Manoel Pinto Filho – um⁵²⁹.

Pela passagem acima somos apresentados a alguns aspectos interessantes de uma eleição para a Diretoria da ASEL. Vemos o fato de que Dr. José Sabóia recebeu três votos para presidente, o que significa dizer que a escolha de um nome para determinado cargo, não determinava efetivamente a não escolha de outro. O juiz foi o segundo nome a receber mais votos, uma vez que todos os outros acadêmicos que foram votados e que não foram eleitos para os outros cargos, receberam, todos eles, menos de três votos. Ficamos sabendo também que Monsenhor Vicente Martins, até então construído como voz uníssona na Academia, recebeu dois votos para vice-presidente, enquanto Dr. José Sabóia recebeu seis votos. O fato é que Dr. José Sabóia mostrou nessa eleição o seu prestígio, pois juntamente com Monsenhor e o professor Manoel Pinto Filho, foi o único a ser votado para dois cargos. A diferença entre eles é que o professor Pinto Filho não foi eleito para nenhum dos dois cargos em que foi votado.

Temos outra informação importante da movimentação de Dr. José Sabóia junto a ASEL, numa ocasião muito especial, pois:

⁵²⁹ ATA EM 2ª CONVOCAÇÃO PARA ELEIÇÃO DA DIRETORIA DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS DURANTE O ANO DE 1944 E 1945, EM 27 DE AGOSTO DE 1944.

O acadêmico Dr. José Sabóia de Albuquerque, num gesto que repercutiu simpaticamente pôs à disposição da Academia de Estudos e Letras de Sobral, a *sala principal* de um prédio de sua propriedade, à Praça Barão do Rio Branco, a fim de nela terem lugar as sessões ordinárias da Academia, sala essa onde igualmente funciona a Legião Brasileira de Assistência. O snr. Presidente aceitando a generosa oferta se confessou agradecido em nome da Sociedade de Letras. (Grifos nosso)⁵³⁰

Para que o seu gesto seja bem avaliado, basta sabermos que a Academia Sobralense de Estudos e Letras funciona até hoje em local provisório, ou seja, desde 1943 a ASEL funciona em sede provisória. A princípio funcionou em casa dos próprios acadêmicos, como a residência do padre Gonçalo Eufrásio. Quando a oferta foi feita, a Academia passou a se reunir num local fixo, o que de certo modo deu certa segurança aos acadêmicos ao mesmo tempo em que reforçava a figura de Dr. José Sabóia como o maior mecenas da Academia, o que pode ser comprovado também com relação a escola noturna para os funcionários da Fábrica de Tecidos de sua propriedade, que foi fundada pela ASEL, pois na sessão inaugural da Escola Ernesto Deocleciano, conforme ata de reunião do dia 15 de fevereiro de 1945, Monsenhor Vicente Martins “agradeceu ao acadêmico Dr. José Sabóia de Albuquerque a generosa oferta que este fizera à Escola, dando-lhe um prédio confortável para o seu devido funcionamento”.

Mas na ata da 6ª sessão ordinária da ASEL no dia 26 de março de 1950 temos uma importante informação sobre Dr. José Sabóia, já que relativa a sua saúde, pois foi sugerido pelo Dr. Ribeiro Ramos que fosse “dirigido ao acadêmico Dr. José Sabóia de Albuquerque, que se achava no Rio de Janeiro, em tratamento de saúde, um telegrama de visita, desejando-lhe um breve restabelecimento”. Portanto, Dr. José Sabóia estava no Rio de Janeiro procurando tratamento para um problema de saúde. No dia 30 de abril de 1950 é realizada uma sessão extraordinária na ASEL exclusivamente para anunciar solenemente entre seus pares, o falecimento do magistrado. Na verdade toda a cidade já sabia do seu falecimento, o fato da Academia realizar uma sessão extraordinária se dava na perspectiva das homenagens que seriam prestadas ao agora ex-presidente da ASEL e também com a intenção clara de marcar o lugar da Academia como o lugar do magistrado. Por isso temos que:

Ouvida a opinião dos presentes, ficou deliberado que as cerimônias teriam lugar no dia 26 de maio próximo, contando de exéquias

⁵³⁰ ATA DA 10ª SESSÃO ORDINARIA DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS, EM 30 DE DESEMBRO DE 1944.

celebradas na Sé, às 6 horas, e à noite, no Palace Club local, às 20 horas, seria realizada uma sessão fúnebre. Para esta, foram designados oradores os acadêmicos Antônio Ferreira Porto, Júlio Álvaro Coêlho e João Ribeiro Ramos.

A “vida mortal” do magistrado, essa bem mais rica e sugestiva do que aquela vivida na imortalidade, proteção e “neutralidade” da ASEL, como já vimos pelas atas citadas até agora, nos apontam outras perspectivas para o entendimento dos acontecimentos políticos nacionais que repercutiam naquele momento em Sobral e que, segundo o discurso construído pela Academia, tinham o magistrado como centro.

A biografia analisada por nós consta no Álbum *O Centenário*. A mesma faz parte do item *Sobralenses Notáveis*, que soma um total de 15 nomes. Dr. José Sabóia é o único biografado considerado *notável* a fazer parte da ASEL, pelo menos na perspectiva de *O Centenário*. O texto segue o mesmo padrão de todas as outras biografias presentes no álbum, ou seja, é um texto rápido, que procura dar conta da filiação, das ações e saberes do biografado, sem nenhuma perspectiva espetacular. Mas o magistrado merece um texto mais emotivo, mais forte com relação a ligação do mesmo com as supostas tradições da cidade, por isso temos que:

O conspícuo sobralense com que abrimos esta galeria de *Homens Notáveis* nascido nesta invicta cidade, é filho do Coronel Ernesto Deocleciano de Albuquerque e de Da. Francisca Saboya de Albuquerque. Nasceu a 6 de agosto de 1871⁵³¹. (Grifos do autor)

Para Craveiro Filho, autor da biografia, Dr. José Sabóia seria possivelmente o mais importante *Homem Notável* nascido em Sobral, por isso o mesmo é escolhido para abrir a lista dos 15 sobralenses notáveis. A biografia ocupa praticamente um lado da página 145, o que é muito pouco se lembrarmos que as páginas do álbum são divididas em três partes. Por outro lado refletimos que o tamanho da biografia não condiz com o “tamanho” do magistrado, pois sendo o mesmo idealizado como “Vulto de larga projeção social é, não há dúvida, um *legítimo representante das gloriosas tradições desta terra*. É uma personalidade que se projeta em todo o Estado”⁵³² (Grifos nosso), e mereceria em tese uma biografia mais alentada. Ainda assim precisamos refletir que Craveiro Filho e seu irmão Newton Craveiro foram os dois principais articulistas do jornal *A Ordem*, fundado em 1897, de propriedade do Dr. José Sabóia, mas tendo aquele jornal em 1919 assumido abertamente sua posição ao lado do PRC – Partido

⁵³¹ FILHO, Craveiro. *Álbum O Centenário*. Op. Cit. p. 145.

⁵³² Idem. p. 145.

Republicano Conservador, partido a partir de então defendido pelo magistrado, os dois irmãos deixaram o jornal, de modo que apesar da reverência do texto de Craveiro Filho ao escrever a biografia do juiz para o Álbum *O Centenário*, a exiguidade do texto talvez nos faça entrever um testemunho involuntário em nossa fonte, uma vez que se especulou em 1919, quando da saída do jornal dos irmãos Craveiro, que os mesmos estariam se perfilando ao lado de Deolindo Barreto, jornalista combativo, fundador do jornal *A Lucta* em 1919, e que tinha forte conotação liberal, e que decidiu ficar do lado de Dom José quando do embate entre o mesmo e o juiz, devido ao problema da loteria, já mencionado por nós. Deolindo Barreto foi assassinado em plena Câmara Municipal de Sobral em 1924. O jornal *A Lucta* junto com os jornais *O Rebate* de Vicente Loyola e *O Debate* de Cordeiro de Andrade foram os periódicos mais combativos da cidade e, sintomaticamente, os três jornalistas sofreram muitos reveses perpetrados pelo magistrado que mantinha uma relação bastante tensa com praticamente todos os jornais locais, especialmente com os três citados, o que relativiza a visão construída dentro da Academia a respeito da vida dita sempre linear e tranquila do magistrado. Desse modo, sendo Dr. José Sabóia um dos homens mais visíveis da cidade, Craveiro Filho, supostamente perfilando-se ao lado dos liberais de feição democrata, se limitou a marcar o lugar do magistrado no álbum, sendo convincente nas palavras, não foi efetivo no desejo de mostrar o que seria aquele homem de projeção...

Todos os indícios apontam para alguma incompatibilidade entre o juiz e os irmãos Craveiro. Interessante notar que a biografia que Craveiro Filho escreve do jornalista Deolindo Barreto é marcada por um sentimento de mais proximidade, da mesma forma é a que escreve sobre Vicente Loyola, os dois jornalistas mais citados judicialmente pelo magistrado. O que aparentemente parece contraditório, colocar no mesmo espaço o juiz e os dois jornalistas, na verdade os três, pois Craveiro Filho também escreve a biografia de Cordeiro de Andrade, apenas testemunha a princípio a intenção da obra, que era apresentar uma cidade centenária a partir de seu desenvolvimento econômico, social e cultural, e nesse sentido seria inconcebível pensar numa cidade moderna sem elencar os homens da magistratura e os principais jornais publicados até aquela data e os principais jornalistas da cidade, e não temos dúvidas de que os jornalistas mais importantes, combativos, irônicos e destemidos, foram os três citados. Basta imaginarmos a epígrafe do jornal *A Lucta* para que tenhamos uma ideia

das intenções de seu editor: “Diga-se a verdade na terra embora desabem os céus”; e “Conte-se o caso como o caso foi, o cão é o cão e o boi é o boi”. Assim, temos que:

Dr. José Sabóia sempre manteve relações difíceis com a imprensa da terra. Quando rompe o século XX, está em guerra com Álvaro Ottoni, de *A Cidade*. Mais tarde, Vicente Loyola, de *O Rebate*, teve de depor perante ele, moribundo, apesar de atestado médico, fornecido por seu irmão, Massilon Sabóia, dando-o como inválido, o que teria apressado sua morte. Deolindo Barreto, de *A Lucta*, que o elegeu alvo de seus ataques, terminou mal seus dias, executado, em plena luz do dia, no prédio da Câmara Municipal. Cordeiro de Andrade, o romancista de “*O Anjo Negro*”, foi por ele colocado diante do dilema: fechar *O Debate* ou ir para a cadeia. Preferiu se mandar, levando, pela vida afora, até a morte precoce, a amargura do exílio.⁵³³

Por outro lado, a referência a essa questão envolvendo o juiz e os principais jornalistas da cidade, não nos desvia de nosso foco, porque, em primeiro lugar, demonstra para nós a força e a importância dos jornais para a cidade de Sobral, refletindo, aliás, um movimento nacional que a partir d’*A Revista da Semana* (1900), publicada no Rio de Janeiro, e que circulava regularmente em Sobral, sendo assinada pela elite da cidade a partir de anúncios publicados no jornal *A Lucta*, produziu-se um surto de periódicos e de revistas ilustradas em praticamente todo o Brasil. Por outro lado não podemos negar que nas primeiras décadas do século XX os jornais, múltiplos e variados em Sobral, eram os principais espaços de discussão, informação, divulgação de ideias, tribuna ideológica e política, sendo exemplos muito claros como já citamos, *A Lucta*, periódico de feição liberal, e *A Ordem*, periódico do Dr. José Sabóia, de feição mais conservadora. Encontramos assim, Sobral respirando os ares das mudanças perpetradas pela modernidade, digamos tipográfica, enquanto afirmando-se como ambientes letrados da cidade, as tipografias e/ou casas editoras passam a assumir, na maioria das vezes de forma simultânea, a edição, impressão e distribuição desses jornais (...)⁵³⁴. É o caso em Sobral da tipografia Correio da Semana que publica o jornal de mesmo nome, opúsculos e também funciona como a principal livraria da cidade, como já sabemos, embora venda com mais intensidade obras de autores católicos. Sobre esse dado, temos a seguinte notícia importante:

Livros recentes à venda na “Empresa Editora Correio da Semana”:

- D. José Gaspar – Tavares Pinhão; A U.R.S.S. do Deão – Ildefonso Albano; O culto da regra; Vultos eminentes do Clero; Lança de Davi

⁵³³COSTA, Lustosa da. *Clero, Nobreza e povo de Sobral*. Fortaleza: ABC, 1997. p. 76-77.

⁵³⁴CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo de papel e tinta. Op. Cit.* p. 89.

(para soldados); Vivendo por um ideal – Teda Belmonte; Bôa vontade – Pe. José Sehryvers; A introdução à Suma Teológica; O poder do amor; O médico católico – C. Zawisch; O zelo das almas – Pe. José Mach; O exercício da presença de Deus.⁵³⁵

Vemos claramente que todas as obras anunciadas à venda são ligadas aos postulados católicos, abrangendo assuntos relacionados a leitura e entendimento de obras clássicas do catolicismo, como a *Suma Teológica de Tomas de Aquino*, reflexões sobre a União Soviética, até uma curiosa obra, *Lança de Davi*, para leitura dos soldados, todos evidentemente com intenção sectária ou de doutrinação principalmente contra o comunismo.

Craveiro Filho termina a biografia destacando a importância de Dr. José Sabóia, e de forma respeitosa nos diz tratar-se de

Magistrado de grande valor, *manteve-se no seu magistério acima de todos os interesses pessoais*, tendo unicamente em vista, nas altas funções de seu cargo, a aplicação da justiça plena, serena, integral. (...) É detentor de grandes propriedades. *Grande industrial. Grande Fazendeiro. Sobral muito lhe deve do seu progresso material e social. É um nome que atravessará os tempos, iluminado pelo resplendor de seus méritos próprios*⁵³⁶. (Grifos nosso)

O autor conclui a biografia reforçando a visão que se tinha, ou melhor, que se procurava construir cotidianamente na cidade de Sobral: a de que o magistrado era uma pessoa de grande valor, sem interesses pessoais, mas unicamente preocupado em aplicar serena e integralmente a justiça. Claro que estamos diante de uma construção, uma vez que a vida do juiz foi sempre marcada por polêmicas e contradições. Mais uma das polêmicas que cercaram a vida do Dr. José Sabóia se relaciona com sua vida de “Grande industrial”. Aliás, chama nossa atenção o fato de Craveiro Filho ter mencionado o juiz como “Grande” na indústria e como Fazendeiro. A frase em maiúscula para nós quer reforçar a *grandeza* do juiz, que se torna praticamente “grande em tudo o que faz”. Mas a polêmica girou em torno de um documento apócrifo distribuído pelas ruas da cidade e atribuído a alguns funcionários de sua fábrica de tecidos que reclamavam que eram tratados como “escravos” pelo magistrado, devido as excessivas horas de trabalho. Posteriormente outro documento, agora um abaixo-assinado, com a assinatura de praticamente todos os funcionários da mesma fábrica rebatendo o documento anterior,

⁵³⁵ NEDHIS- Núcleo de Estudos e Documentação Histórica, Jornal Correio da Semana, de 1º de julho de 1947. p. 3

⁵³⁶ FILHO, Craveiro. *Álbum do Centenário. Op. Cit.* p. 145.

desmentindo tudo o que havia sido escrito. Tal abaixo-assinado foi organizado pelo Dr. José Maria Mont'Alverne, genro do Dr. José Sabóia e então diretor da fábrica e publicado no Correio da Semana.

A biografia escrita pelo Monsenhor Vicente Martins em seu livro *Homens e vultos de Sobral*, é mais um texto que compõe o arsenal textual que trata da vida do magistrado. Ninguém sabe, na verdade, quem copiou quem, mas o fato é que as duas biografias – a escrita por Craveiro Filho e a outra pelo Monsenhor Vicente Martins -, trazem praticamente o mesmo texto.

Como as duas biografias são praticamente as mesmas, seguem os mesmos caminhos narrativos e têm praticamente as mesmas intenções, quais sejam projetar o nome de Dr. José Sabóia, o texto do Monsenhor Vicente não nos apresenta novidades, por isso não nos referiremos a ele. Portanto, especialmente a vida do Dr. José Sabóia, bem como a vida de Domingos Olímpio e do próprio Dom José Tupinambá da Frota, alguns dos personagens ditos estratégicos do enredo dessa história de Sobral como cidade letrada e intelectualizada, se enquadram dentro da perspectiva em que “escrevem-se sem cessar as mesmas vidas, realçam-se as mesmas figuras”⁵³⁷, de modo que temos também, na perspectiva biográfica, uma história cumulativa, arregimentada como suporte para uma dada identidade capaz de sedimentar passado e presente, procurando unir o tempo numa sequencia linear e naturalizada.

Quanto ao opúsculo em homenagem ao Dr. José Sabóia, não tem apresentação. O primeiro e longo discurso é de autoria do Dr. Ribeiro Ramos, então presidente da ASEL. Estaremos analisando a partir de agora discursos que foram escritos para serem lidos diante dos acadêmicos e familiares do magistrado numa sessão magna realizada mais uma vez no principal espaço de lazer da elite letrada de Sobral, o *Palace Club*. Portanto, estamos diante de um discurso em que a cadência da fala é que deu o tom emotivo ou dramático ao texto. Quando o discurso ganhou letra de forma e foi encerrado no opúsculo, assim como os outros dois discursos, o texto já se adensou de outra forma e o ritmo de nossa análise já será outro.

Dr. Ramos começa o seu discurso enfatizando o lugar de onde fala, a emoção que envolve sua fala, questões fundamentais para o seu discurso:

⁵³⁷ DOSSE, François. *O desafio biográfico*. Op. Cit. p. 11.

Nenhum motivo mais grato a esta Academia e que mais de perto falasse ao coração de cada um de nós que a fazemos, do que aquele que motiva esta magna sessão: a comemoração do 1º centenário de nascimento do Dr. José Sabóia de Albuquerque, sócio fundador da Casa, ocupante da Cadeira Nº 25 e da qual é patrono o ilustre Visconde de Sabóia, Dr. Vicente Cândido Figueira de Sabóia, e seu presidente durante um lustro⁵³⁸.

Encontramos nessa passagem do discurso uma indicação do sentido das reuniões extraordinárias da Academia: a realização de uma *reunião cívica*. Encontramos também a tentativa de se criar uma simbiose entre aquela instituição e a cidade, entre Academia e inteligência, entre Academia, civismo e gente culta, temas recorrentes em praticamente todos os discursos acadêmicos que envolvem algum tipo de comemoração.

E continua Dr. Ramos o seu discurso e nos diz que:

No período de 16 de julho de 1916 a 31 de dezembro de 1918, *exerceu as elevadas funções de Secretário do Interior e Justiça, no Governo do Dr. João Tomé de Sabóia e Silva*, convindo notar que *foi esta a única vez que o Dr. José Sabóia arredou pé de Sobral, rejeitando, por mais de uma vez, o convite para ser desembargador, como rejeitaria outros e mais outros cargos eletivos*⁵³⁹. (Grifos nossos)

A passagem acima é mote recorrente em vários discursos e biografias sobre a vida do magistrado, ou seja, sempre se reforça o fato de que o magistrado preferia ficar na cidade a ter que ocupar cargos importantes fora de Sobral. Ele “arredou pé de Sobral” apenas uma vez, como destaca Dr. Ramos, exatamente para exercer “as elevadas funções de Secretário do Interior e Justiça, no Governo de Dr. João Tomé de Sabóia e Silva” (UDN), primo de Dr. José Sabóia, diga-se de passagem, e eleito graças à efetiva força política do magistrado, pois foi candidato de consenso, e que governaria o Ceará entre 1916 e 1920.

Pende sempre para o lado do juiz, na perspectiva desse discurso, essa vontade de permanecer na cidade, de trabalhar por ela, de engrandecer o seu nome. Interessante notar que essa mesma característica se acha na vida do primeiro bispo da cidade, Dom José Tupinambá da Frota, que tendo sido convidado várias vezes para assumir o bispado em outras cidades, conforme esse discurso, precisou se esforçar bastante para permanecer em Sobral. O que é dito é que Sobral deveria ser entendida como cidade significativa pela presença do magistrado e do bispo. Sem ambos, é o que os discursos

⁵³⁸ RAMOS, Ribeiro. *Discurso*. In: José Sabóia de Albuquerque. Em memória do centenário de seu nascimento. 06 de agosto de 1871. Sobral: Editora Correio da Semana, 1971. p. 11.

⁵³⁹ *Ibidem*. p. 12.

querem fazer crer, Sobral não teria a mesma importância. Com relação a Dom José, o caso mais citado diz respeito a possibilidade de sua transferência para a cidade mineira de Uberaba em 1923. É o próprio Dom José que nos informa sobre essa questão:

Houve um momento em que parecia poder ser sustada essa transferência. Em OUTUBRO RECEBI INSTRUÇÕES DO SR. NÚNCIO APOSTÓLICO PARA A POSSE DO MEU NOVO CARGO. Foi quando o Dr. José Sabóia telegrafou ao seu irmão Vicente Sabóia de Albuquerque, residente no Rio de Janeiro, no sentido de, por meio dos seus amigos diplomatas, obter da Santa Sé a minha permanência em Sobral (...). Em Dezembro dirigi-me diretamente ao Santo Padre Pio XI, apresentando as razões que justificavam a minha súplica no sentido de permanecer em Sobral, e foi assim que Sua Santidade julgou benignamente acceder aos meus pedidos⁵⁴⁰. (Grifos do autor)

A passagem acima é mais um exemplo que envolve a relação complexa e ambígua travada entre o bispo e o magistrado. O fato de Dom José ter se dirigido diretamente ao Papa, suscitou por parte do Padre João Mendes Lira, algumas dúvidas, já que o mesmo considera a possibilidade de Dom José ter usado esse artifício para minimizar a participação de Dr. José Sabóia em sua permanência em Sobral.

Com relação ao magistrado, a sua permanência em Sobral também alimenta certo discurso que também o liga, como fez com o bispo, aos destinos da cidade de Sobral. Nesse sentido temos que:

Até se conta que, certa vez convidado insistentemente, para ocupar uma das cadeiras do Tribunal de Justiça do Estado, teve essa saída – tão própria da sua ironia oceana –: Aceitarei sim, se vocês mudarem o Tribunal para Sobral!!⁵⁴¹

Apesar do tom de pilhéria da citação acima, ela dimensiona também a relação que o magistrado, segundo a invenção desse discurso, mantinha com a cidade, de forma que Sobral era como se fosse marca da constituição da identidade do juiz, ao mesmo tempo em que a cidade era constituída por ele. Ele seria, nesse sentido, a figura mais representativa de Sobral que, sem a sua presença, perderia seu lastro hierático e tradicional. É muito claro para nós que Sobral é muito mais do que esse discurso constrói, ou seja, ela não é singular, é plural, alimenta muitas histórias, diversas narrativas que não têm um centro específico, como os discursos acadêmicos idealizam. Por isso é importante para nós que reflitamos sobre “Como é realmente a cidade sob

⁵⁴⁰ FROTA, Dom José Tupinambá da. *Meu Diário*. Apud. LIRA, João Mendes. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota, Primeiro Bispo de Sobral*. 1882-1982. Centenário de seu nascimento. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1982. p. 48-49.

⁵⁴¹ RAMOS, Ribeiro. *Discurso. Op. Cit.* p. 12.

esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde”⁵⁴², de modo que possamos relativizar o discurso acadêmico e sua pretensa homogeneidade. Saber “o que contém e o que esconde” uma cidade é fundamental para que possamos permitir outras versões para a história e multiplicar suas vertentes explicativas.

Nesse sentido uma questão aflora nessa suposta relação de amor e identificação que Dr. José Sabóia e Dom José Tupinambá da Frota mantinham com a cidade, a ponto de renunciar repetidas vezes cargos mais importantes e em cidades mais desenvolvidas, para não ter que sair de Sobral. O que há por trás desses dois discursos de amor e entrega? O que esses discursos escondem? Percebemos nitidamente como um determinado discurso procura construir uma relação de pertencimento entre uma cidade e seus dois homens mais influentes, de modo que um represente o outro, sendo que a vontade de permanecer na cidade de um e de outro, soa para nós como a confirmação de que eles viviam na “melhor das cidades”, ao mesmo tempo em que acena para uma sutil disputa entre os discursos de construção da vida dos dois. Todas as vezes que um autor reafirma em seu texto biográfico sobre a vida dos dois homens, que ambos preferiam ficar em Sobral, renunciando assim a cargos e posições, está dito que Sobral é de fato uma cidade *diferente*, pois é capaz de acolher homens como Dr. José Sabóia e Dom José Tupinambá da Frota. Por outro lado, pensamos que no caso de terem optado pela saída da cidade, teriam que conquistar o espaço que já estava solidificado em Sobral. Partir, entendemos assim, representaria de certo modo começar tudo de novo, o que demandaria por parte de ambos, novas adequações e estratégias de conquista, que talvez os dois não quisessem arriscar, já que viviam uma vida bastante próspera e reconhecida em Sobral, pois certamente o *amor* dos dois era correspondido pela cidade, já que era naquele contexto que ambos retiravam todo prestígio e reconhecimento.

Dr. Ramos continua seu discurso, se referindo uma vez mais sobre o desmedido amor do magistrado à cidade, mas que:

Por uma dessas singularidades do destino que ninguém sabe porque e como acontece, o Dr. José Sabóia, que jamais quis sair de Sobral, por desmedido amor à terra do berço, que ele tanto serviu e dignificou quer como cidadão, quer como magistrado, quer como político de visão e quer como industrial e proprietário, viria a falecer em terra estranha, longe do rincão querido, longe da família, longe dos amigos dedicados, longe do seu céu. Efetivamente, viajando para o Rio de Janeiro em busca de recursos médicos para a sua saúde,

⁵⁴² CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 18.

profundamente abalada, ali cerraria os olhos à luz da vida, a 26 de abril de 1950⁵⁴³.

Já mencionamos a partir das atas da ASEL a situação grave de saúde do magistrado, que no caso teve que viajar para o Rio de Janeiro para tentar se recuperar, o que não aconteceu, pois o mesmo faleceu na Capital Federal, no dia 26 de maio de 1950, sendo que para cumprir seu pedido, seus restos mortais foram trasladados para Sobral mas em maio de 1955. O seu genro Dr. José Maria Mont'Alverne fez a seguinte declaração ao Correio do Ceará, jornal de Fortaleza, no dia 21 de maio de 1955:

É oportuno lembrar que o Dr. José Sabóia, plantou no seu sítio na Serra da Meruoca um cedro, que segundo ele deveria fornecer as tábuas, para seu caixão mortuário. Efetivamente a árvore já adulta e frondosa foi abatida e de suas grossas tábuas o marceneiro sobralense José Avelino Gomes executou o esquife mediante modelo fornecido pelo próprio Dr. José Sabóia. Cumprindo assim o seu desejo, a sua família fará o sepultamento definitivo no caixão por ele idealizado.

Assim, Dr. José Sabóia teve os seus restos mortais trasladados para Sobral, cinco anos após a sua morte, para cumprir seu último pedido que era ser enterrado no esquife que ele havia idealizado, das tábuas de um cedro plantado em sua propriedade na Serra da Meruoca. Estamos percebendo que na existência do magistrado tudo se encaminha para que a cidade de Sobral seja a *moldura* de sua vida, o seu chão querido e harmonioso, sua última morada. A história da cidade para nós se transforma assim numa usina de símbolos e de significados, no arquivamento da imaginação e da invenção em torno da vida do magistrado. A vida de Dr. José Sabóia, assim como a vida dos acadêmicos selecionados por nós, sedimenta uma história que se torna cada vez mais significativa à medida em que é recontada sempre, é reafirmada como o laço que une tempo, espaço, tradição e continuidade.

Em outra passagem Ramos atenta, inclusive como testemunha ocular, para um acontecimento nacional que reverberou em Sobral a partir da inserção do magistrado numa questão em âmbito local e regional:

Eu fui testemunha ocular: José Américo de Almeida, com o lançamento de seu histórico manifesto abala os alicerces da ditadura getuliana. Em todo o país as forças políticas se arregimentaram para fazer voltar o império da Lei. Sobral, à frente o Dr. José Sabóia, entra na liça. A UDN empolga com o Brigadeiro Eduardo Gomes, as forças democráticas da Nação. Anuncia-se um comício à Praça Dr. Antonio Ibiapiana, com o amparo da Lei, através do Ministério da Justiça. Um

⁵⁴³ RAMOS, Ribeiro. *Discurso. Op. Cit.* p. 13.

oficial de polícia, delegado militar aqui, vai a mando impedir o comício, que é transferido para o interior do Cine-Teatro São João. Iniciados os trabalhos com José Sabóia na presidência, este levanta-se e suas primeiras palavras são de protesto contra a arbitrariedade policialesca. E inicia o seu discurso com essas palavras:

- Estamos num país livre. Essa gente que aí está no poder arroga-se o direito de gritar: “Queremos Getúlio! Queremos Getúlio!” É direito nosso gritar também: “Não queremos Getúlio! Não queremos Getúlio!”⁵⁴⁴

Ramos destaca um importante momento político do Brasil, quando a ditadura Vargas é colocada em cheque especialmente pela entrevista concedida por José Américo de Almeida ao jornal *Correio da Manhã* em que o escritor, político e ensaísta fez duras críticas a ditadura Vargas, apesar de ter sido ministro do regime e comandado a “revolução” no Nordeste. A entrevista de grande repercussão serviu para desfigurar censura implementada como arma de combate por Getúlio Vargas através do DIP- Departamento de Imprensa e Propaganda. Ramos faz referência ainda ao Brigadeiro Eduardo Gomes então candidato da UDN - União Democrática Nacional, herói dos 18 do Forte e patrono da Força Aérea Brasileira. O Brigadeiro gozava de certo prestígio e representou as forças sociais e políticas do país que naquele contexto abrigava, a princípio, uma frente ampla de oposição a Vargas. Em Sobral, Dr. José Sabóia, “udenista desde a zero hora do partido, jamais se afastou das fileiras da UDN, que lhe reconhecia o prestígio e as superiores qualidades de político nobre e sincero”⁵⁴⁵, apoiou de forma contundente a campanha do Brigadeiro, tendo inclusive que buscar mandato judicial para realizar comício numa praça central da cidade, mas que se viu impedido de assim fazer também por uma ordem judicial, tendo que realizar o comício nas dependências do Cine-Teatro São João, lugar mais acanhado. Ramos também faz referência ao *Queremismo*, movimento encabeçado por Hugo Borghi e que postulava uma nova “Constituição com Getúlio”, para depois se pensar efetivamente numa eleição. Nesse sentido o protesto de Dr. José Sabóia, “Não queremos Getúlio!”, demonstra bem o teor do que foi dito naquele dia, ao mesmo tempo em que procurava arregimentar na cidade as forças udenistas em prol daquela candidatura.

Sobre essa questão nacional que repercutiu em Sobral a partir das ações de Dr. José Sabóia, nos informa Plínio Pompeu da seguinte forma:

⁵⁴⁴ RAMOS, Ribeiro. *Discurso. Op. Cit.* p. 14.

⁵⁴⁵ *Ibidem.* p. 15.

Aventada a candidatura de Eduardo Gomes à Presidência da República, foi ele um dos primeiros políticos do Ceará a se entusiasmar por ela, com ardor de um espírito jovem, que via naquele herói de Copacabana a imagem viva da fé, da coragem, e que o sacrifício de sua vida não seria em vão, pois daria frutos para o início de uma política decente. Lançada essa candidatura, foi receber o seu candidato em Fortaleza que veio acompanhado de Otavio Mangabeira, Prado Kelly e outros expoentes máximos da política nacional⁵⁴⁶.

Dr. José Sabóia era um dos políticos mais prestigiados do Ceará, e seria responsável, em Sobral, pelo adensamento no poder de uma elite ligada a pecuária e a indústria, capaz de, no entanto, se fortalecer junto aos profissionais liberais urbanos, aliás, uma das características marcantes da própria UDN que em suas fileiras congregava intelectuais, médicos advogados, engenheiros, professores, entre outros profissionais urbanos. No entanto, a liderança de Dr. José se dava muito mais por sua forte personalidade e por seu prestígio, do que por uma questão de fidelidade partidária, pois torna-se

Curioso notar que no norte cearense, ao contrário do sul, onde havia maior unidade das elites, detectavam-se mais defecções oligárquicas, não ocorrendo fidelidade partidária e muito menos familiar. Assim é que, além de Sabóia, existia a liderança de Olavo Oliveira, do PSP, e de Francisco de Almeida Monte. Este era filho de família tradicional sobralense, mas não quis estudar; achou mais divertido cuidar de suas fazendas. Famoso pelas ações violentas que praticava pessoalmente, foi iniciado na vida política pelas mãos de José Sabóia de Albuquerque, com quem em seguida rompeu e se tornou inimigo radical⁵⁴⁷.

Assim, Dr. José Sabóia compunha um cenário em que as elites estavam mais divididas e ao mesmo tempo mais adensadas, pois figuras como Francisco de Almeida Monte ou simplesmente Chico Monte, político local, exerciam forte apelo popular, a ponto de, com seu prestígio e influência em todo o estado, eleger para governador seu genro Parsifal Barroso em 1958.

Sobre o comício realizado em Fortaleza sobre a candidatura de Eduardo Gomes, o discurso do magistrado é bastante contundente, conforme segue:

Mas nesta fase histórica que ainda vivemos, quando a nação sofria humilhada, toda a ignomínia da ditadura que se abateu sobre nós o vulto impar e predestinado de Eduardo Gomes, no impulso irresistível da alma coletiva, emergiu entre as bênçãos do povo para se constituir o grito de redenção pela liberdade e pela Democracia. Esse grito foi o

⁵⁴⁶ POMPEU, Plínio. *Discurso*. In: *José Saboya de Albuquerque. Em memória de seu nascimento*. 06 de agosto de 1871. Sobral: Editora Correio da Semana, 1971. p. 29.

⁵⁴⁷ FARIAS, Airton. *História da sociedade cearense*. Fortaleza: Edições Ao Livro Técnico, 2004. P. 390

brado de alarma partido dos mais diversos campos alertando a nação e dizendo-lhe, como num toque de clarin, que era chegado o momento de substituir a prepotência que se instalara no Catete, pelo retorno da liberdade, que sempre foi nosso apanágio e o lábaro que nos guiava nas lutas políticas⁵⁴⁸.

Não deve nos escapar o fato de que a UDN nasceu entre os opositores do Estado Novo, na verdade entre intelectuais que tinham uma atuação mais à esquerda, representando num primeiro momento, uma forte coalização entre grupos de direita e de esquerda, interessados em combater o governo de Vargas. Quando o nome do Brigadeiro Eduardo Gomes foi articulado entre as hostes da UDN, a esperança era de que o tenente herói “restaurasse” a democracia e a liberdade no país, apesar de sabermos claramente que o Tenentismo foi um movimento bastante contraditório e elitista, sem uma postulação ideológica clara.

Dr. José Sabóia, assim, trabalhou com empenho na eleição do Brigadeiro, inclusive viajando até Fortaleza para recepcioná-lo, realizando também na cidade um comício em prol de sua candidatura, como já vimos. Mas a sua inserção política também se deu, é claro, em âmbito estadual, pois:

É bem conhecido aquele outro episódio com marcante significado na política do Estado: com o pleno apoio de José Sabóia as forças políticas udenistas escolhem o Desembargador Faustino de Albuquerque como candidato à governança do Estado, e José Sabóia é indicado para fazer a comunicação oficial ao candidato. Um dia após, políticos profissionais com prestígio dentro da facção brigadeirista, encetam um movimento para queimar a candidatura Faustino, e procuram o apoio do Dr. José Sabóia, que os ouve atento e para logo depois dizer firme e com aquela força que lhe vinha do caráter ilibado:

- Eu fui o último a apoiar essa candidatura. Serei também o último a deixá-la!

A firmeza de José Sabóia salvou o desembargador e, com isso, garantiu a vitória da UDN nas eleições⁵⁴⁹.

A escolha do Desembargador Faustino Albuquerque não foi como vimos acima, tão tranquila assim, pois o Coronel Machado Lopes, Interventor do Estado, para tentar uma conciliação com outros grupos políticos, resolveu substituir Faustino de Albuquerque, previamente escolhido, pelo Coronel Landry Sales, nome aceito pelo Partido Social Democrático, que não tinha candidato próprio. Dr. José Sabóia não

⁵⁴⁸ ALBUQUERQUE, José Sabóia de. *Discurso sobre a candidatura Eduardo Gomes*. IN: José Saboya de Albuquerque. Em memória de seu nascimento. 06 de agosto de 1871. Sobral: Editora Correio da Semana, 1971. P. 47.

⁵⁴⁹ RAMOS, Ribeiro. *Discurso. Op. Cit.* p. 15.

concordou com a troca. Sobre essa questão, temos a seguinte descrição do que teria sido uma suposta conversa entre Machado Lopes e o magistrado, testemunhada por Plínio Pompeu de Sabóia, genro do Dr. José Sabóia:

- Sabe o Sr. que já falei com o Senador Fernandes Távora, que está de acôrdo e me disse que o Coronel Landry é udenista e seu amigo? - É ainda mais meu, e filho de um velho amigo e correligionário; ficaria satisfeito com a sua candidatura mas não posso revogar aquele compromisso.

- Declaro, Dr. José Sabóia, que o Sr. ficará só e que demitirei todos os seus prefeitos que não me acompanharem.

- Fico ciente e, além dos prefeitos, V. Excia. pode demitir os delegados de polícia que foram indicados por mim.

- Depois de longo silêncio, o Dr. José Sabóia disse: Penso que está finda a nossa entrevista e peço permissão para me retirar⁵⁵⁰.

A candidatura Faustino foi mantida “e venceu por grande margem de votos”. As eleições de 1947 tiveram os seguintes números, demonstrando assim, a força de Dr. José Sabóia que se manteve ao lado de Faustino Albuquerque:

Foram estes os resultados: para governador, venceu Faustino Albuquerque (UDN), com 54% dos votos contra 45% do general Onofre Muniz; para senado elegeu-se Fernandes Távora (UDN); para o legislativo estadual, o PSD elegeu 19 deputados, a UDN, 16, o PSP, 7, o PRP, um e o PCB, dois (o médico José Pontes Neto e o Pedreiro José Marinho de Vasconcelos).⁵⁵¹

A diferença entre um candidato e outro, de 9 pontos, não representou, como salientou Pompeu, tão “grande margem de votos”, mas não resta dúvidas que demonstrou o prestígio que o magistrado exercia junto a UDN, pois isso temos que “a maioria dos partidos locais girava não com base em princípios ideológicos, mas em torno do prestígio e brilho de grandes “caciques”, como Menezes Pimentel, Francisco Monte e Antonino Gil do PSD, Fernandes Távora, José Sabóia e Paulo Sarasate da UDN (...).⁵⁵²

Uma questão importante que é silenciada por Craveiro Filho e Monsenhor Vicente Martins, é quando os dois falam da aposentadoria compulsória do magistrado ao completar 64 anos, mas não entram em pormenores. Pompeu traz informações detalhadas e excessivamente idealizadas sobre essa questão e nos diz que:

⁵⁵⁰ POMPEU, Plínio. *Discurso*. In: José Sabóia de Albuquerque. Em memória de seu nascimento. *Op. Cit.* p. 31.

⁵⁵¹ FARIAS, Airton. *História da sociedade cearense*. *Op. Cit.* p. 404.

⁵⁵² FARIAS, Airton. *História da sociedade cearense*. *Op. Cit.* p. 395.

Ele não poderia caber dentro dessa política tão estreita. Era demasiado grande em compostura, honradez, moralidade e justiça; padrão esse bem diferente dos que venciam as eleições, mesmo com contagem de um voto de maioria.

Era preciso afastá-lo do Juizado, pois só assim julgavam que noutra eleição a maioria não seria tão escassa. Organizaram o dispositivo constitucional, que mandava aposentar, compulsoriamente, o magistrado que atingisse a idade de 65 anos. Discutido e aprovado nas suas discussões, verificaram que a certidão obtida de seu batistério não coincidia com a data de seu aniversário, há pouco divulgado pela imprensa, em telegrama de felicitações.

Alarmados, vieram a Sobral, onde constataram que existiam dois batistérios de José. Um nascido em 1870, que era seu irmão mais velho, que morreu com um ano e o outro nascido em 6 de agosto de 1871. Portanto, ele tinha 64 anos e não 65 anos. Foi preciso uma emenda de redação reduzindo a idade para aposentadoria compulsória para 64 anos. Triste episódio de uma Assembléia que perdeu o próprio respeito⁵⁵³.

Tal episódio ocorreu durante o governo de Menezes Pimentel do PSD, eleito indiretamente pela Assembleia Legislativa do Estado em 1935. A estratégia utilizada pelo governo de Menezes Pimentel, segundo Pompeu, pretendia de certa forma esvaziar o prestígio e a influência política exercida por Dr. José Sabóia que nos cargo de Juiz tinha grande apelo em Sobral e em toda Região Norte do Estado. Percebemos assim que desnaturalizando o que haviam declarado Craveiro Filho e Monsenhor Vicente em suas biografias, a aposentadoria compulsória do magistrado deveu-se a um “golpe político” que pretendia conter a força política do mesmo, o que de fato não ocorreu da forma como pretendeu o governo de Menezes Pimentel.

Ramos termina o seu discurso fazendo referência ao Dr. José Sabóia acadêmico, sócio fundador da ASEL e uma de suas figuras mais prestigiadas. Conta-nos como se deu o ingresso do magistrado naquela associação de letrados da seguinte forma:

Quando, em 1943, saudoso Mons. Vicente Martins, tomou a iniciativa de fundar uma associação cultural em nossa cidade, tive ensejo de acompanhar o velho e querido sacerdote à casa do Dr. José Sabóia, a fim de convidá-lo a formar ao nosso lado, dando com isso maior força à idéia. Aceitou o convite de bom grado mas não sem deixar de dizer algumas frases de espírito sobre a iniciativa, que qualificou de corajosa. Compareceu a tôdas as reuniões iniciais, sem faltar a nenhuma. Jamais faltou a uma sessão. Era sempre o primeiro a chegar e quase sempre o último a sair. Por ocasião das eleições para renovação da diretoria, fazia questão de que Mons. Martins fosse

⁵⁵³ POMPEU, Plínio. *Discurso*. In: José Saboya de Albuquerque. Em memória de seu nascimento. *Op. Cit.* p. 27.

reeleito para a presidência, cargo que iria ocupar, por escolha unânime de todos nós acadêmicos, após a morte daquele venerando e santo sacerdote⁵⁵⁴.

Assim, a estratégia para fortalecer a associação foi convidar expoentes da cidade de Sobral para compô-la. Nesse sentido temos o convite e a participação do Dr. José Sabóia. De fato, ter em suas fileiras a figura considerada do magistrado era granjear para a Academia o prestígio de que ela necessitava para ser reconhecida dentro da cidade e também pelos intelectuais que ainda não faziam parte da mesma. Pelas análises que fizemos até agora, reconhecemos que depois de Dom José, primeiro bispo da cidade, Dr. José Sabóia era a pessoa mais conhecida e reconhecida em Sobral, eis porque a ASEL convidou os dois para comporem a Academia, apesar dos dois nunca terem se encontrado no interior da mesma.

Ramos idealiza em sua fala a entrega do magistrado à Academia, comparecendo “a tôdas as reuniões iniciais, sem faltar a nenhuma”, sendo “o primeiro a chegar e quase sempre o último a sair”, num claro exagero que apenas nos indica o privilégio que representava ter o magistrado como membro da ASEL, como veremos na sequencia, numa longa assertiva:

Guindado à presidência do nosso Silogeu, o acadêmico José Sabóia nela permaneceu até o dia de sua morte, já que todos nós fazíamos questão de reelejê-lo, uma vez que ele honrava o posto, dignificando-o com o seu caráter, enobrecendo-o com o seu talento e engrandecendo-o com os primores do seu espírito. Austero e digno, foi sempre um devotado amigo desta Casa que lhe deve muito. Sincero amigo de todos os acadêmicos a acolher a todos nós como irmãos, já que aqui dentro esquecia tudo, deixando lá fora, à porta, as divergências políticas, para ser apenas o acadêmico, o colega de Academia, o puro homem de sociedade e de pensamento. Ele queria bem à Academia, e estimando os companheiros de ideal, sentiamo-lo feliz à sombra desta Casa. Perfeitamente feliz. Amena e sempre chistosa que era a sua palestra, já que a pontilhava da mais pura alegria, sem deixar, entanto, de tratar de assuntos sérios e da mais alta relevância, quando necessário, todos nós lhe buscávamos o convívio. Para um homem de muitos trabalhos e de muitas responsabilidades, e que sofria aqui e ali profundos dissabores, as horas aqui passadas eram momentos de paz, de tranqüilidade, de fraternidade, de viva satisfação. Lá uma outra vez que por ventura deixava de comparecer às nossas reuniões jamais deixou de me fazer um bilhete pedindo par justificar a sua ausência, dando, com isso, uma prova de amor ao nosso Silogeu, de respeito aos colegas da diretoria e de estima aos colegas acadêmicos. Um perfeito homem de sociedade. Um cavalheiro. Grande em tudo, pela inteligência, pelo espírito e pelo

⁵⁵⁴ RAMOS, Ribeiro. *Discurso. Op. Cit.* p.17.

coração. Eis, senhores, o acadêmico José Sabóia de Albuquerque⁵⁵⁵.
(Grifos nosso)

Quem lê o discurso de Ramos tem a impressão de que tudo o que ele falou, em nosso caso, tudo o que foi escrito, só foi escrito para confirmar o que de fato ele queria dizer: ou seja, reforçar o lugar de Dr. José Sabóia na Academia Sobralense de Estudos e Letras, e ao mesmo tempo o lugar da Academia na vida do magistrado e na cidade, porque o que de fato interessava ao Dr. Ribeiro Ramos era considerar o acadêmico, e se outros aspectos de sua vida surgiram ao longo do discurso, como a vida ativamente partidária que viveu, isso só acontece para esclarecer para todos os que o ouviam no momento de elocução do discurso, de que o “verdadeiro Dr. José Sabóia” era o acadêmico, e não o industrial; era o intelectual e não o polemista; era o “legítimo representante das gloriosas tradições desta terra”, como salienta, e não o cristão contraditoriamente anticlerical...

Dr. José Sabóia, portanto, para esse discurso de exaltação e apologia, era a realização plena do “homem de sociedade e de pensamento”, no interior da Academia. Todos os embates em que foi protagonista, as campanhas políticas vigorosas em que participou, venceu e perdeu, são detalhes, significam algo, mas não significam tudo, porque o homem pleno, é o homem acadêmico. Talvez encontremos nessa perspectiva um esboço do mito do *Homo Academicus*, de longa tradição na história do Ocidente e que repercute no Brasil com mais ênfase com o movimento academicista surgido no Rio de Janeiro no final do século XIX em que se procurou aliar uma estética a certa realização ligada a escrita literária numa perspectiva mais “profissionalizante”, digamos assim, já que o que estava em jogo não era apenas escrever e escrever bem, mas fazer da literatura uma forma de identificar o país e os próprios escritores. Claro que é possível encontrar nos séculos XVII e XVIII movimentos academicistas que repercutiram no século XIX, junto aos fundadores da Academia Brasileira de Letras, “sobretudo naquilo que se refere ao ideário encomiástico que movia seus pares, às estratégias de preservação de seus membros, ao retoricismo estilístico e lingüístico, ao sentido gregário”⁵⁵⁶, de modo que tínhamos ainda um “profundo sentimento de aristocracia cultural que presidia a instituição academicista”. Assim, temos na construção da história da cidade de Sobral também algo muito próximo desse “sentimento de aristocracia

⁵⁵⁵ RAMOS, Ribeiro. *Discurso*. Op. Cit. p. 17-18.

⁵⁵⁶ SILVA, Marcus. *Tradição acadêmica no Brasil e formação do homo academicus: o caso da Academia Brasileira de Letras*. In: Estudos Ibero-Americanos. Versão impressa. PUUC-RS, v. XXXIV, n. 2, p. 188-203, dezembro 2008. p. 189 .

cultural”, que em nosso caso presidia não apenas a instituição acadêmica, ou seja, a ASEL, mas praticamente todos os discursos nascidos da pena dos intelectuais locais, especialmente em seus discursos sobre a história da cidade que naquele momento estava sendo representada na figura do magistrado.

O último discurso de homenagem foi feito pelo então presidente da Academia Sobralense de Estudos e Letras, Monsenhor José Gerardo Ferreira Gomes, que em discurso rápido, mas que apesar de menos alentado que os dois discursos anteriores, nos diz muito mais sobre a idealização do intelectual membro da ASEL do que aqueles, visto que procura ligar o magistrado com mais ênfase às supostas tradições intelectuais e distintas da cidade de Sobral.

Monsenhor José Gerardo é chamado para encerrar as comemorações relativas Centenário de José Sabóia de Albuquerque, e é do alto da tribuna, do posto de presidente da ASEL que profere suas palavras. E suas palavras são bastante enfáticas:

A Academia Sobralense de Estudos e Letras promove esta Sessão extraordinária para prestar ao seu *eminente sócio fundador, vulto incomparável de nossa história*, a homenagem mais expressiva de sua admiração, o preito de sua veneração. (...) José Sabóia emprestou o fulgor de seu talento, publicando conferências e discursos de fino labor literário, num estilo que revela sua personalidade de escol (...) ⁵⁵⁷.
(Grifos nosso)

O tom encomiástico do discurso é claro que não é novo. Sobre o que é dito a respeito de que o magistrado publicou suas conferências e discursos, temos que dizer que desconhecemos qualquer obra que tenha sido publicado pela ASEL ou mesmo pelo juiz com seus discursos ou conferências exclusivamente. O que temos são alguns discursos e algumas conferências publicados em livros e obras esparsas referendando alguns de seus discursos. Mesmo o opúsculo que estamos analisando em homenagem a Dr. José Sabóia, nos traz apenas dois discursos do mesmo.

Gomes continua sua fala e faz notar o magistrado e o político, ambos efetivos na construção da história de Sobral, na visão do autor, conforme segue:

Seu espírito remonta aos templos do direito, onde as preces são sábias lições dos mestres, dignos deste nome, porque é ali que se preparam os sacerdotes da justiça e os propagadores da fé jurídica, e dali é que saem os seus divulgadores. Incontestavelmente sua vida centralizou-se

⁵⁵⁷GOMES, Monsenhor José Gerardo. *Discurso. Op. Cit.* p. 33.

nessa missão augusta, que não olhava amigos ou adversários no julgamento.

Pelo fascínio de sua personalidade granítica, tornou-se ele o chefe da maior prestígio na Política do Norte do Estado. Nenhum patriota, nenhum homem consciente, deixará de ser político, mas só os homens superiores se apercebem que a política é a sábia arte de governar, é, na expressão de Rui Barbosa, o exercício normal das forças de uma nação consciente e senhora de si. Neste sentido, José Sabóia foi o maior político sobralense de todos os tempos, sem explorar o benefício de interesse pessoal, sem aceitar para si a representação na Câmara Federal, ou no Senado (e com que brilho o teria feito) (...).⁵⁵⁸

O que nos chama atenção na passagem acima, não são as supostas qualidades do magistrado e também do político, e sim o fato de o presidente da ASEL falar dessa forma da atividade política do magistrado, já que nós sabemos que o mesmo disputou eleições com candidatos escolhidos pela LEC - Liga Eleitoral Católica, no caso específico, apontados por Dom José Tupinambá da Frota. O que chama nossa atenção é o fato de que Dr. José Sabóia é praticamente transformado num “sacerdote do direito”, portanto, num “santo da lei”, capaz de fazer o bem e de fazer justiça, sem olhar para “amigos ou adversários no julgamento”. De personalidade granítica, como diz Gomes, a imagem do magistrado é também esculpida pela “devoção” do presidente da ASEL que enfatiza que o mesmo dignifica a política como “coisa de grego”, assim, como uma “atividade superior”, pois Dr. José Sabóia encarnaria o homem superior que encararia a política como a “sábia arte de governar”. Assim, estava sendo elaborado o “mito do Dr. Sabóia”, no sentido em “que o mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito, uma ideia: ele é um modo de significação, uma forma”⁵⁵⁹. Estava sendo dito naquela ocasião de homenagem que Dr. José Sabóia era um lastro de tradição aonde a cidade poderia ser mirar e buscar suas supostas origens mais nobres e intelectuais.

Na continuidade do discurso Gomes é ainda mais enfático, e aponta uma aproximação em nada surpreendente entre dois conceitos, um deles fundamentais para a as nossas reflexões, conforme segue:

*Em José Sabóia, o Brasil teve um desses homens representativos de sua raça, de sua história. Nenhum vejo eu, que, como êle representasse melhor aquilo que nós podemos chamar **brasilidade**, nenhum que forjasse com tanto empenho a liderança de Sobral, que*

⁵⁵⁸ GOMES, Monsenhor Gerardo Ferreira Gomes. *Discurso*. In: José Sabóia de Albuquerque. Em memória do centenário de nascimento. Sobral: Gráfica Correio da Semana, 1971. p. 33-34.

⁵⁵⁹ BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 1993. p. 131.

Parsifal Barroso em seu livro “O Cearense” chama “Sobralização”, conceituando-se assim: “Sobral, conseguiu manter sua liderança, valorizando constantemente tudo quanto integra o potencial de sua capacidade. A tal ponto se extremou essa disposição sobralense de criar uma tradição progressista e civilizadora que os reflexos dessa contínua valorização geraram uma expressão autárquica para hegemonia sobralense, cujo exemplo começou a ser seguido por alguns municípios, embora sem o sentido tradicionalista que a Princesa do Norte tem sabido preservar, na melhor essência⁵⁶⁰. (Grifos nosso)

Dr. José Sabóia, na opinião do presidente da ASEL é muito importante não só para Sobral, mas significa para o Brasil um homem representativo de sua raça e de sua história. Mas a que raça e a que história estaria se referindo Monsenhor Gerardo Ferreira Gomes? Certamente a visão de raça a que se refere Gomes se liga a uma visão novecentista em que raça é sinônimo de “pureza” e de “legitimidade”, de “seleção”, desse modo. É o pertencimento a essa raça que faz do magistrado um representante da *brasilidade* como uma qualidade excepcional. Talvez possamos dizer que a preocupação de Gomes ainda seja a construção da nacionalidade, que arregimentada durante o Romantismo, em meados do século XIX, ainda inspirava naquele contexto as explicações relativas à busca da “alma nacional”.

Com relação a representação da história pelo magistrado, o discurso de Gomes se enquadra na perspectiva de história que a ASEL propõe para si e para os seus membros, ligada a concepção da história como *mestra da vida*, como lição de originalidade, digamos assim, significando essa originalidade, o jeito de ser na “essência” *brasileiro* e, naquele caso, ser *sobralense*. Essa visão de história, que Gomes na verdade não explicita, mas que pelo movimento da Academia, nós analisamos nesse sentido, estava difundida em outros espaços da intelectualidade sobralense, por isso encontramos a seguinte definição:

É a história o termômetro em que se marca o progresso da civilização, o disco em que se grava a boa e a má voz da consciência humana através de seu desenvolvimento ora moroso e pacífico, ora vivo, irradiante e comunicativo⁵⁶¹.

Para E. L. Medeiros, escrevendo nas páginas da revista Betânia, publicação do Seminário São José de Sobral, a história estaria ligada a uma questão de consciência, e enquanto tal, poderia ser boa ou má, porquanto está inserida num contexto de

⁵⁶⁰ GOMES, Monsenhor Gerardo Ferreira Gomes. *Discurso. Op. Cit.* p. 34.

⁵⁶¹ MEDEIROS, E. L. *A aplicação da história. Op. Cit.* p. 10.

moralização da sociedade. Quanto a ideia de progresso e civilização, consideramos, na perspectiva de Koselleck, dois horizontes de expectativas. Conceitos habilmente manejados pela elite letrada brasileira, ambos serviram à construção de determinadas necessidades, entre elas a própria constituição de inventários históricos capazes de garantir o passado da nação como espaço de civilização. Aqui fica muito claro para nós que “o conceito de civilização pensado e utilizado pelos letrados brasileiros corresponde à civilização surgida na Europa ocidental (...) baseando-se (...) na pretensa superioridade de alguns povos”⁵⁶².

Gomes termina o seu discurso louvando o lugar do magistrado no cenário da cidade e ao mesmo tempo o lugar da cidade em sua vida, reiterando mais uma vez a entrega do juiz à cidade:

(...) êle não quis nunca sair de sua terra berço, por uma fatalidade, foi dormir o último sono em Guanabara, o Coração do Brasil, e só mais tarde, vieram trasladadas as suas cinzas com as merecidas honras (...). Bem haja, nas cerimônias religiosas e cívicas, a que assistimos, a consagração daquele que, no perpassar de longos anos, adorou Sobral instintivamente, orgânicamente, como a raiz adora a terra⁵⁶³.

Assim, temos mais uma biografia que, ainda que considere possíveis lacunas, sem hesitar na certeza de se estar divisando uma vida por inteiro, os biógrafos escreveram uma vida e ao mesmo tempo procuraram inscrevê-la no contexto supostamente distinto da cidade. Homens como Dom José Tupinambá da Frota, Dr. Ribeiro Ramos, Monsenhor Vicente Martins e Dr. José Sabóia, foram sempre citados por discursos acadêmicos, como “legítimos representantes da intelectualidade sobralense”, de modo que acabaram por se transformar em caixas de ressonância da ASEL, porque consideramos que “as elites de mediação cultural poderiam ser, com efeito, entendidas como dotadas de uma certa capacidade de ressonância e de amplificação, noutros termos, de um poder de influência”⁵⁶⁴. Por isso, falar de qualquer um deles, era ao mesmo tempo, por consequência, falar da ASEL e da cidade.

O que essas biografias fabricadas no âmbito da ASEL representam para marcar a invenção da cidade letrada? Acreditamos que esses “nomes-símbolos” procuraram constituir uma dada memória e uma possibilidade de identidade que procurava apascentar qualquer dúvida sobre o que seria a prodigalidade de uma cidade, a

⁵⁶² OLIVEIRA, Raimunda Ivoney Rodrigues. *Gustavo Barroso: A tragédia sertaneja*. Op. Cit. p. 99.

⁵⁶³ GOMES, Monsenhor Gerardo Ferreira Gomes. *Discurso*. Op. Cit. p. 34.

⁵⁶⁴ SIRINELLI, Jean-François. *As elites culturais*. Op. Cit. p. 261.

monumentalização de um passado possível de ser demarcado a partir da vida daqueles que seriam os seus “homens de projeção”, que ao inventarem a si próprios acabam também por reinventar a história de Sobral e da Academia, numa tentativa de constituição “de uma cultura oficial cujos códigos sociais de conduta, recepção e retroalimentação se pautaram numa sociabilidade com características consideradas refinadas”⁵⁶⁵. Aqui, talvez possamos pensar o arquivo da cidade letrada, se afirmaria pela contundência da “prova”, da declaração, do documento, de modo que ficasse entendido que a vida biografada de cada intelectual corresponderia ao “documento da cultura” da cidade letrada e sua prova substancial, admitindo, desse modo, uma única interpretação.

Consideramos que todos os discursos analisados procuraram construir e inventar aquele “modo de ser sobralense”, alicerçado numa suposta tradição distinta e enobrecida. Quando consideramos essa tradição como uma suposição, estamos considerando o poderoso investimento levado a efeito por esses discursos e as invenções inerentes a fabulação sobre o passado da cidade de Sobral. Por outro lado consideramos esses discursos como um “investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira – noutros termos, uma “modalidade” da afirmação e não o seu conteúdo”.⁵⁶⁶ (Grifos do autor) Os discursos são importantes para nós como uma modalidade da afirmação e não propriamente por seu conteúdo, posto que o seu conteúdo anuncie repetidamente as reentrâncias das contradições à distinção da cidade. Por isso mesmo, praticamente todos os discursos considerados procuram afirmar reafirmando a tradição distinta e nobre da cidade, a se espriar por camadas “finas” da sociedade letrada, buscando lugar no seio da elite local. Nessa perspectiva consideramos em acordo com Foucault “que não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem (...) fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam”⁵⁶⁷. Nesse sentido, o próximo capítulo tratará de algumas outras questões que dentro da Academia foram ritualizados e conservados como elementos de construção e invenção da cidade letrada, tais como suas sessões ordinárias e extraordinárias. Veremos como foi formada a biblioteca da Academia, bem

⁵⁶⁵ BORRALHO, José Henrique de Paula. *Athenas equinocial*. Op. Cit. p. 123.

⁵⁶⁶ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Op. Cit. p. 278.

⁵⁶⁷ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Op. Cit. p. 21-22.

como, num determinado contexto, alguns intelectuais começaram a repensar e a tentar dar sentido ao futuro da cidade ou a cidade do futuro.

4º CAPÍTULO

1 – “*EXEGI MONUMENTUM AERE PERENIUS*” – “Erigi monumento mais duradouro que o bronze”⁵⁶⁸

“A memória é uma paisagem contemplada de um comboio em movimento”.

José Eduardo Agualusa, O vendedor de passados.

No quarto capítulo deste trabalho, analisaremos algumas questões relativas as sociabilidades literárias dos intelectuais da ASEL, ou seja, discutiremos alguns dos eventos construídos no interior da Academia, entre 1943 e 1953, e entre 1967 e 1973, suas comemorações e reuniões extraordinárias, ocasiões em que se prestavam homenagens a um intelectual em caráter nacional, regional ou local, bem como alguns discursos acadêmicos e um relatório, o único existente, relacionado ao primeiro mandato como presidente do Monsenhor Vicente Martins, e o único que conhecemos sobre as atividades acadêmicas. Nos ocuparemos também do Boletim da ASEL de 1944, primeira publicação coletiva da instituição, que depois mudaria de nome para Revista, de modo que analisaremos também uma publicação de 1946. E ainda discutiremos como em um dado momento da história da ASEL, os seus membros começaram a repensar a história da cidade de Sobral no futuro, por ocasião das comemorações do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral em 1973, nos dando a impressão de que o passado já estava sacramentado e que dessa forma era necessário pensar o futuro.

A citação que dá título a este capítulo, retirada de um dos versos do poeta latino **Horácio**, mais precisamente da Ode 39, é a expressão que orna o brasão da Academia,

⁵⁶⁸ Horácio, liv. III, Ode 39, v. 1. Frase que orna o brasão da ASEL, sendo o seu lema.

visto logo abaixo, portanto, é o lema da ASEL: estava idealizado dessa maneira que a intenção seria fazer da Academia um monumento mais duradouro que o bronze, ou como sugere Dr. Ribeiro Ramos, o “encanto das coisas do espírito, beleza das coisas imperecíveis, beleza e encanto das coisas perenes”⁵⁶⁹. Desse modo, precisamos pensar na tentativa da construção da ASEL como *monumento-documento*.



Academia Sobralense de Estudos e Letras - ASEL

Figura 6 - Brasão da ASEL - Arquivo do autor

O brasão em forma circular visto acima tem em seu centro um losango resguardando um livro aberto em duas páginas marcadas por uma fita vermelha, em que se lê o lema que utilizamos como título deste capítulo, tendo uma pena sobre o centro das páginas. O losango é protegido por dois ramos de louro, um de cada lado. Entendemos a escolha do lema da Academia em dois sentidos. Primeiro, demonstra claramente a erudição dos idealizadores da ASEL, pois a citação de Horácio, certamente lido no original, mostra a preferência e as representações de um *valor literário* especialmente para os acadêmicos pertencentes ao clero, de onde partiu a ideia do lema, imaginamos. E segundo, o lema deseja estabelecer a importância da Academia no contexto do que seriam os valores intelectuais da cidade, à medida em que pretendia se estabelecer enquanto *monumento* da história e da cultura sobralense, e mais do que isso, pretendia ser o lugar da lembrança, da memória sobre a cidade letrada, conforme entendemos que quanto ao monumento:

⁵⁶⁹ RAMOS, Ribeiro. *O Silogeu sobralense. Op. Cit.* p. 304.

Não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido, primeiro chamar-se-á **monumento** tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. (...) de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de certa forma, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade. (...) ⁵⁷⁰ (Grifo do autor)

A ASEL luta para manter o que estamos chamando de *memória afortunada*, para efeito de uma rememoração capaz de resguardar acontecimentos que seriam dignos de serem lembrados como marcos de fundação de determinada tradição. A ASEL, assim, se apresenta como um monumento edificado por uma comunidade de intelectuais que pactuam em nome do passado, que escolhem “lembrar para viver”. A Academia constrói e atua sobre uma memória homogênea, na verdade seleciona determinadas memórias e maneja o sentido das mesmas na intrincada trama das tradições relativas a história da cidade, pois “Se as memórias que têm do passado da sociedade divergem, os seus membros não podem partilhar experiências ou opiniões”⁵⁷¹. Portanto, elas são reinventadas como lugar de fundação da origem comum de uma dada tradição letrada. Assim, parafraseando Ítalo Calvino, podemos dizer que essa história é redundante, que se repete para fixar sua memória na mente, que repete os símbolos para que essa história passe a existir.

O lema ou slogan da Academia nos aponta ainda para uma questão importante e que se relaciona com o poder que esse lema tem de vincular propostas, buscar adesão e reciprocidade, de modo que:

A profunda significação social de um slogan, de um gesto expressivo ou de uma obra de arte está no fato de que não apenas os absolvemos como dados objetivos, mas também como veículos de tendências formativas e atitudes integradoras fundamentais, identificando-os assim como um conjunto de esforços coletivos⁵⁷².

O passado é lançado para a vanguarda da Academia, porque o passado invocado deveria “vibrar como se fosse o presente”, e se transforma num postulado integrador e

⁵⁷⁰ CHOAY, Françoise. *A Alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2006. p. 18.

⁵⁷¹ CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1999. P. 3.

⁵⁷² MANNHEIM Apud. BEGA, Maria Tarcisa Silva. *No centro e na periferia: a obra histórica de Rocha Pombo*. In: LOPES, Marcos Antonio. (org.) *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 482.

identificador daquela sociedade letrada. Esses “senhores da memória”, alicerçados numa história local escrita principalmente, como já sabemos, por padres historiadores, também por memorialistas, todos eles em sua maioria considerados intelectuais da Academia, alcançavam uma espécie de “*êxtase rememorante*”, para citarmos Aristóteles em sua Retórica. Talvez a melhor expressão para o trabalho de fabulação sobre as origens enobrecidas e intelectuais de Sobral, seja realmente “*êxtase rememorante*” Há de fato um êxtase nas formas de ser, de narrar e de lembrar a história e considerar suas causas e efeitos, por isso estava sendo idealizado constantemente que:

Nós, sobralenses, inspirados em frases tão significativas, aprendemos a amar o Brasil em seu todo, e em particular a Sobral, a terra em que nascemos, sendo-nos sobremodo honroso este ensejo, cheios de natural emoção que nos domina, celebrarmos o transcurso do bicentenário de fundação desta cidade, procurando apontar, neste modesto relato, *alguns dos motivos substanciais que tornaram e tornam Sobral grande no passado, magnífica no presente e muito maior ainda no futuro.*⁵⁷³ (Grifos nosso)

As frases significativas a que se refere o autor foram retiradas por ele de uma conhecida poesia ufanista do poeta Olavo Bilac em que dizia: “Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste, Criança! Nunca verás país algum como este!”. Para ambos, é preciso aprender a amar o Brasil, mas para Aragão, é preciso, amar o Brasil no que ele tem de particular, em seu caso, a cidade de Sobral. A ocasião do Bicentenário da cidade, comemorado em 1973 era desse modo motivo de orgulho e emoção principalmente porque tinha oportunidade de apontar os motivos que fizeram Sobral ser supostamente grande. Por isso, um nome que é reiteradamente citado, como é fácil perceber, é o de Antonio Rodrigues Magalhães, dono da Fazenda Caiçara, origem da vila. Em alguns casos ele chega a ser elevado a condição de sujeito irradiador da desejada grandeza futura da cidade, transformado no principal antecedente dos nomes tradicionais da história de Sobral, conforme segue:

Antonio Rodrigues Magalhães e seus descendentes, D. Jerônimo, Primaz, o Padre Ibiapina, Apóstolo, o Barão de Sobral, o Visconde de Sabóya, Viriato de Medeiros, Domingos Olímpio e Luzia Homem, Cordeiro de Andrade, escritor, Craveiro Filho, jornalista e jornalistas Vicente Loiola e Deolindo Barreto, Oriano Mendes, pioneiro, José Sabóya de Albuquerque, Magistrado, D. Expedito Lopes, Mártir, D.

⁵⁷³ ARAGÃO, Paulo. *Duzentos anos de esplendor. Op. Cit.* p. 407.

José Tupynambá da Frota, grande Príncipe da Igreja, todos, lá do alto, vos mandam uma mensagem de Paz, e, com essa mensagem. (...) ⁵⁷⁴.

Vemos assim que Antonio Rodrigues Magalhães transforma-se no “pai simbólico” daqueles que seriam os intelectuais mais representativos da cidade, de modo que todos são encarados por Ramos como seus *descendentes*, que, considerado o primeiro fundador de Sobral, assume um lugar supostamente originário da grandeza de todos, e está sempre pronto a “dar as boas vindas à sua Fazenda – a próspera Caiçara de outras épocas”. Para Ramos, pela positividade do proprietário da fazenda, “a velha Caiçara com suas vacas ruminantes” é próspera e berço também próspero da cidade, divergindo, portanto, de alguns que desconfiavam dessa relação digamos assim, menos civilizada e nobre da fazenda, entre eles Clodoveu de Arruda Coelho Neto, como já vimos.

Vale destacar aqui que essa perspectiva de entendimento da história local a partir da citação exaustiva de nomes considerados representativos da história e das tradições da cidade encontrou de algum modo uma resistência esporádica, mas significativa, por parte de um articulista do Jornal Correio da Semana, no caso Luís Jucá que no dia 7 de julho de 1948 escreveu artigo questionando a mudança dos nomes de algumas ruas da cidade. De fato, a Câmara Municipal de Sobral, através da Resolução nº 5 de 23 de junho de 1948, aprovou a mudança de nome de 32 ruas da cidade, substituindo antigas e conhecidas denominações por alguns dos nomes citados por Ramos. Ruas como a dos *Noivos*, da *Viração*, do *Feijão*, do *Celeiro*, da *Aurora*, dos *Ourives*, do *Oriente*, da *Palha*, do *Apolo* e muitas outras, ganharam o nome de pessoas consideradas ilustres na cidade, tais como Dom José Tupinambá da Frota, Monsenhor Linhares, Coronel Joaquim Ribeiro, José Xerez Furna Uchoa, Capitão-Mor da Vila, Domingos Olímpio, Oriano Mendes, Tabelião Antonio Almeida, Viriato de Medeiros, entre outros. Alguns dos nomes populares, como a rua do Celeiro, era uma referência a um fabricante de celas que morava no lugar, ligação da cidade com a realidade pacata dos animais utilizados como meios de transporte e de trabalho; assim como a rua dos Ourives fazia referência aos praticantes dessa profissão na cidade. A rua dos Noivos era assim chamada porque era a principal rua de acesso à Igreja Matriz onde eram realizados todos os casamentos da cidade. Portanto, a referência do que seria “o” passado da

⁵⁷⁴ RAMOS, Ribeiro. *Discurso saudando os jornalistas, ao ensejo da instalação da VII Congresso de Jornalistas do Interior em comemoração ao II Centenário da Vila Distinta e Real de Sobral*. In: RAMOS, Ribeiro (org.) *Álbum do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral*, 1973. P. 169.

cidade, para Luís Jucá estaria em suas denominações populares, e não no sentido dos nomes dos sobralenses considerados ilustres ou no que seriam as tradições enobrecidas e distintas da cidade. Procurou-se com as mudanças de nomes das ruas desse modo indicar “que os nomes das ruas já não pertencem a simples deslocamentos metonímicos, mas manifestam uma vontade, geralmente honorífica, de recordar acontecimentos ou pessoas eminentes”⁵⁷⁵.

Para nós, desse modo, interessa-nos, sobremaneira, como sugere Pierre Nora entender “o que fica do passado no vivido dos grupos”, mas principalmente o que esses “grupos fazem do passado”. A que argamassa se submete tal passado que é reiteradamente plasmado por mãos habilidosas? Estamos seguindo esse itinerário, descobrindo como o discurso acadêmico forja um vaso fino e frágil, posto que belo, porque conforme procura dar estabilidade a certo passado, ou o que supostamente ficou desse passado – aquele que procuramos discutir e que nasce junto com a Vila em 1773 – , o passado em si já não existe, apenas se submete aos ditames do presente. Portanto, o passado é resultado de uma elaboração bem articulada e que na medida em que é legitimado legitima o presente de quem o produz. Desse modo essa “narração também funda uma temporalidade que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar”⁵⁷⁶. Por isso o professor Antonio Ferreira Porto, nosso conhecido, escreve um soneto chamado *Sobral (1773-1973)*, com a intenção de buscar no passado a atualização e legitimação para o presente da cidade, ao mesmo tempo em que também se legitima enquanto um autor em conexão, ou seja, em sintonia com amplas simbologias ligadas a cidade:

A tradição nos diz que um simples casario,
Sem mármore no chão – ao tempo cousa rara –
Jazia, displicente, e abeirando o rio,
Sob o nome ancestral de Vila Caiçara.

Mais tarde, este rincão feliz, tomando brio,
Foi crescendo, crescendo, assim como a seara
Nas mãos do agricultor que a amanhã de cotio,

⁵⁷⁵ RAMA, Angel. *A cidade das letras. Op. Cit.* p. 51.

⁵⁷⁶ SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva.* Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 25.

Sem calos rechar e nem temer juçara.

E agora, já duzentos anos decorridos,
O velho burgo audaz, de tugúrios pendidos,
Agrupados, a esmo, em torno de um curral,

Se transformou, depressa e como por magia,
Numa bela cidade, onde reina a alegria

- A majestosa, culta e mítica Sobral. (Grifo do autor)

Percebemos no soneto acima o esforço do autor em marcar o lugar da cidade na história. O esforço do professor Porto, articulista e poeta, em escolher bem as palavras, em colocar as sentenças no lugar, o fez produzir um soneto que à primeira vista não tem nenhuma beleza ou valor literário, mas o que importava certamente naquela data do Bicentenário arregimentada pela Academia, e o que importava ao poeta, era louvar a cidade – que só era cidade porque foi vila –, de modo que não houvesse qualquer dúvida sobre o seu presente. Por outro lado reconhecemos no soneto a referência a “Vila Caiçara” como “um simples casario” que “jazia, displicente, e abeirando o rio”, usando praticamente a mesma figura utilizada no hino da cidade e que causou certo estranhamento, por fazer da Fazenda Caiçara, “em torno de um curral”, berço da vila e da cidade, um lugar exatamente “displicente” no sentido de que não caberia mais no que seria a cidade intelectual. Mas assim como ocorreu com a poesia de Dinorah Tomaz Ramos, o contexto da data e também o prestígio do professor, conduziram os seus versos para outro sentido. No soneto encontramos mais um espaço de monumentalização da história da cidade, que intenta arquitetar uma crença em sua história e em sua suposta gente distinta.

Assim como podemos compreender a ASEL como um monumento que se lança para o dever de lembrar, temos em várias de suas sessões ordinárias e extraordinárias ocasiões para o exercício de algumas memórias ligadas a personagens da história do Brasil, do Ceará e de Sobral. As reuniões e sessões, especialmente as extraordinárias, transformaram-se assim em importantes espaços de fermentação dos deveres e ofícios da Academia, enquanto comemoravam, ritualizavam e faziam daquele sodalício, o

ponto de convergência entre passado, presente e futuro, procurando cumprir o que determinava seus Estatutos. Assim, constituiu-se uma espécie de *liturgia* em torno de símbolos nacionais e locais, fundamentando “ritos (como as sessões solenes, os discursos inaugurais), em múltiplas expressões iconográficas, em fortes investimentos comemorativos”⁵⁷⁷, de modo que a Academia apontasse para os investimentos em torno dos sentidos do passado para a cidade. Entendemos assim que

as comemorações, em particular as cerimônias de “culto aos aniversários”, têm peso ainda considerável (...) como vetores de integração social e legitimação. A comemoração paradoxalmente dispensa a recordação, já que a imanência do comemorado se abriga nos veículos que o suportam, favorecendo a *partilha* da memória alheia⁵⁷⁸. (Grifos do autor)

As sessões da Academia Sobralense de Estudos e Letras se transformaram em espaço importante de construção e manutenção de determinadas memórias que ao serem ritualizadas no interior da Academia, pretendiam muito mais do que lembrar o celebrado, procuravam insistir no lugar estratégico do celebrante em meio ao cenário da cidade. Em outras palavras, a ASEL ao celebrar a memória de Rui Barbosa, por exemplo, procurava em realidade, marcar o lugar intelectual de seus membros em Sobral. Podemos pensar esse universo acadêmico de comemorações e ritualizações a partir do diálogo com a obra *Como as sociedades recordam*, de Paul Connerton. Paul Connerton procura discutir “como se transmite e se conserva a memória dos grupos?”, procurando compreender de que forma o “controle da memória de uma sociedade condiciona largamente a hierarquia do poder” e, segundo entendemos, como a memória condiciona o que lembrar e o que esquecer, hierarquizando também a distinção entre o que seria legítimo e o que não seria legítimo recordar. Quando Connerton reflete sobre “a dificuldade de extrair o nosso passado do nosso presente: não só porque os factores presentes tendem a influenciar – alguns diriam mesmo distorcer – as nossas recordações do passado”, observando que “os factores passados tendem a influenciar, ou a distorcer, a nossa vivência do presente”⁵⁷⁹, encontramos ressonância com relação ao desejo de muitos intelectuais da ASEL, que tinham dificuldade, até certo ponto, de extrair o passado do presente, pois o presente, distorcendo e desviando as memórias do passado, alimentaria desacordos e desencontros.

⁵⁷⁷ CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito*. Op. Cit. p. 28.

⁵⁷⁸ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A crise da memória, história e documento: reflexões pra um tempo de transformações*. In: SILVA, Zélia Lopes da. Arquivos, patrimônio e memória. Trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 17.

⁵⁷⁹ CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Op. Cit. p. 2.

Assim, temos “que as imagens do passado e o conhecimento dele recolhido são (...) transmitidos e conservados através de performances (mais ou menos rituais)”⁵⁸⁰, representadas, em nosso caso, pelas sessões ordinárias, extraordinárias ou solenes da Academia, ocasiões nas quais uma dada memória celebrada é ritualizada e *essencializada*, ou seja, é transformada naquilo que seria um sentimento *originário* de pertencimento. Por isso a efusão dessas sessões, uma vez que os ritos se repetem e a repetição aponta, como sugere Connerton, para a continuidade com o passado. Nesse sentido, a origem torna-se também um rito. O autor argumenta que desde o período moderno constitui-se uma necessidade de ser inventar rituais que reclamam certa continuidade com um passado histórico adequado, organizando desse modo cerimônias, paradas, reuniões de massas e construindo espaços rituais de atuação.⁵⁸¹ Aqui, repensamos no diálogo com Agualusa, quando Felix Ventura procurava assegurar um passado melhor a quem o procurava, e não podemos deixar de entender o seu trabalho também como uma espécie de *ritual*, uma vez que a escolha, a procura, a seleção propriamente dita, a genealogia por trás dos novos nomes, tudo isso implicava a ritualização do próprio tempo, encarado por ele como possível de ser mudado a partir de um ritual escriturário. Assim, vale a pena citar Certeau para quem

Colecionar, durante muito tempo, é fabricar objetos: copiar ou imprimir, reunir, classificar... E com os produtos que multiplica, o colecionador se torna um ator na cadeia de uma *história por fazer* (ou por refazer), de acordo com novas pertinências intelectuais e sociais. Desta maneira, a coleção, produzindo uma transformação dos instrumentos de trabalho, redistribui as coisas, redefine unidades de saber, instaura um lugar de recomeço (...) ⁵⁸² (Grifos do autor)

O ritual pode ser considerado uma forma de *coleccionismo*, porque fabrica certos objetos de veneração, e sendo uma invenção, “podendo os pormenores da sua articulação desenvolver-se ou variar em conteúdo e importância”⁵⁸³, ele pode ser reinventado inúmeras vezes, se adaptando aos novos tempos ou a necessidade dos grupos. O ritual, inventando e consagrado pela memória, se constitui enquanto uma *história por refazer*, porque entende que as bases de sua invenção são sempre novas, que é sempre possível recomeçar, mas sob o mesmo princípio. Não seria esse um dos principais “objetos” de trabalho dos intelectuais da ASEL, garantir o recomeço do passado?

⁵⁸⁰ CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Op. Cit. p. 4.

⁵⁸¹ *Ibidem*. P. 59.

⁵⁸² CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Op. Cit. P. 82.

⁵⁸³ CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Op. Cit. P. 65.

Os intelectuais da ASEL, ao ritualizarem suas sessões, estabelecem uma linguagem performativa e ao mesmo tempo formalizada, de modo que “Ao pronunciarem o “nós”, os participantes reúnem-se não só num espaço exteriormente definível, mas também numa espécie de espaço ideal determinado pelos seus actos discursivos”, um “local onde a liturgia vai ser celebrada”⁵⁸⁴. Por isso essas sessões podem ser entendidas “como uma estrutura de recorrências exemplares”, em que se coloca em prática “*uma retórica da reencenação*”⁵⁸⁵. Nesse sentido,

(...) ao procurar ler nos rituais de consagração – que fazem parte do dia a dia da instituição – mecanismos eficazes, que asseguravam que o passado se revestia de continuidade e dava a seus membros a até então impensada imortalidade. São os rituais que unificam e tornam tudo “memorável”⁵⁸⁶.

Procurando ser o lugar do memorável, da reencenação comemorativa, lugar da *imortalidade*, a Academia se reveste de uma representação simbólica que a transforma numa espécie de *templo*, de um templo da memória...

2 – SESSÕES DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS: ENTRE O ORDINÁRIO E O EXTRAORDINÁRIO DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA

Se ainda estivessem por se definir, as academias poderiam dizer-se templos da memória (...), pois que a imortalidade, disse outro filósofo-poeta, Maeterlinck, é somente a eterna lembrança.

Afrânio Peixoto.

Afrânio Peixoto reconhece, na citação acima, que as academias literárias já estavam definidas na sua suposta essência: eram centros de rememoração, espaços de difusão e manutenção das memórias, ou como ele mesmo diz, “templos da memória”. E sendo templos, pairava sobre elas certa conotação *sacralizada* que envolvia os

⁵⁸⁴ CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Op. Cit. p. 68

⁵⁸⁵ *Ibidem*. p. 75.

⁵⁸⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Prefácio à obra de Alessandra El Far, A encenação da imortalidade.

conhecimentos e discursos produzidos em seu interior, que ao mesmo tempo fundamentavam *essência* também de seus membros: *sacrários da memória*. Evidentemente que a reflexão de Peixoto tem uma conotação muito específica, qual seja fazer da literatura uma ação em prol da efetivação de uma literatura nacional ancorada numa perspectiva que buscava construir seu “lugar na história” e, dessa forma, relendo e reescrevendo os fatos e as interpretações do calendário cívico de um país”⁵⁸⁷, procurando assim os caminhos da nação pelos caminhos da profissionalização e da efetivação de uma escritura nacional capaz de ser monumentalizada, tudo isso sob a égide da Academia Brasileira de Letras.

Desse modo, numa referência direta a Paul Ricoeur, podemos dizer que a memória “permanece, em última instância, a única guardiã de algo que “efetivamente ocorreu no tempo”. Assegurando a continuidade temporal, a memória, fragmentada e pluralizada, se aproxima da história pela sua “ambição de veracidade”⁵⁸⁸, o que de certo modo aproxima a ASEL da tentativa de fazer história pela rememoração daquilo que *efetivamente* de valor teria ocorrido na história da cidade. Isso equivale a pensar, ainda com Ricoeur, naquilo que ele chama de “mundo dos predecessores”⁵⁸⁹, e que nós, em nossa análise, identificamos com as tentativas recorrentes de se buscar no passado de alguns nomes os fundamentos para o presente dos intelectuais da Academia. Dito de outra forma, as sessões da ASEL, especialmente as extraordinárias, pretendem objetivar-se

em discursos, inscrições em monumentos (...), em frequentes citações religiosas (retiradas de seu contexto e utilizadas nas mais diversas sessões públicas), na veneração de heróis cívicos e nos paradigmas de suas vidas, no culto sacrificial da Pátria(...)⁵⁹⁰

A ASEL realizou a partir das atas que dispomos, entre 1943 e 1953, pouco mais de 24 sessões solenes e algo em torno de 62 sessões ordinárias, algumas em comemoração as duas principais datas cívicas do país – o dia 7 de setembro, data da independência, e o dia 15 de novembro, data da proclamação da República – fundamentais também para a Academia, pois representavam respectivamente a data de fundação e de instalação da ASEL; e outras em comemoração aos chamados vultos da

⁵⁸⁷ GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. Op. Cit. p. 22.

⁵⁸⁸ RICOEUR, Paul Apud. SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002. p. 426

⁵⁸⁹ RICOEUR, Paul Apud. SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. Op. Cit. p. 429.

⁵⁹⁰ CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito*. Op. Cit. p. 28.

história pátria, como Rui Barbosa, Princesa Isabel, Castro Alves; e “vultos municipais”, como Monsenhor Vicente Martins da Costa, Dr. José Sabóia de Albuquerque e Domingos Olímpio. Todos esses eventos foram registrados de maneira bastante sucinta nas atas da Academia. Essas sessões eram, possivelmente, os mais visíveis espaços de sociabilidades letradas dos intelectuais da ASEL, nesse sentido, por sociabilidades entendemos o

delineamento de uma rede de relações que materializa intercâmbios sociais durante certo período e segundo várias formas. Os “lugares” de sociabilidades de uma geração – escolas, associações intelectuais, revistas, salões etc. – podem ser indicadores valiosos para a análise de movimentos de produção e circulação de ideias. Quais são esses lugares? Como se formam e com base em que elementos e projetos se estruturam?⁵⁹¹

Portanto, nosso intento é analisar os lugares de sociabilidades dos intelectuais da ASEL, em nosso caso, principalmente algumas sessões solenes ou extraordinárias, bem como o espaço de seu Boletim de número 1 e de sua Revista de número 6, únicas publicações coletivas mais densas da Academia de que dispomos. A partir das sessões solenes ou extraordinárias, os acadêmicos constituíram uma rede de relações que procurava de forma efetiva alcançar os mais variados espaços de poder da cidade, como a administração pública, a magistratura e a estrutura burocrática da Igreja Católica na cidade, trazendo dividendos para a Academia.

A “sessão solene de caráter cívico” em comemoração ao “1º Centenário de Nascimento da Princesa Izabel”, foi uma das mais concorridas da Academia, com a presença de praticamente todos os seus membros, tendo sido realizada como de praxe no *Palace Club*, no dia 29 de julho de 1946, e que contou com o seguinte programa:

- a) Discurso pelo acadêmico João Ribeiro Ramos, idem pelo acadêmico Raimundo Aristides Ribeiro, idem pelo acadêmico Antonio Ferreira Porto;
- b) Declamação de poesias pela senhorita Joselina Ferreira da Ponte, pelo acadêmico Arsênio da Cruz Flexa, pelos estudantes Nemilde Flexa e Edgar Nunes Flexa⁵⁹².

A princesa Isabel, como “heroína nacional”, gozava de muito prestígio entre os “historiadores” da ASEL, o que fica claro pela exposição do programa do evento na ata

⁵⁹¹ GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores. Op. Cit.* p. 41.

⁵⁹² ATA DA SESSÃO SOLENE DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS, DO DIA 29 DE JULHO DE 1946, EM COMEMORAÇÃO AO 1º CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DA PRINCESA IZABEL.

supracitada, e também pela participação de grande número de acadêmicos, ocasião em que:

As palavras dos oradores exprimiram com sinceridade e reconhecimento, as virtudes excelsas da Grande Princesa, as quais foram até exaltadas não só pela eloquência e beleza de aprimorados estilos, como também pelo encanto e harmonias de excelentes versos. (...) o Reverendíssimo Monsenhor Olavo (...) aludiu a significação daquele acontecimento em homenagem aquela cuja memória estava bem viva no coração dos brasileiros⁵⁹³.

A “Grande Princesa” era considerada a libertadora dos escravos, grande apelo numa cidade que tinha também a sua “heroína da liberdade”, Maria Tomásia, chamada pela historiografia local de “a libertadora”⁵⁹⁴. Vale ressaltar que a ideia de comemorar o primeiro centenário de nascimento da Princesa Isabel, foi ventilada pelo acadêmico Francisco Ferreira Costa, na sessão ordinária da ASEL do dia 28 de julho de 1946, portanto um dia antes da sessão solene realizada no *Palace Club*.

A sessão extraordinária dedicada ao primeiro centenário de Rui Barbosa, realizada no mesmo local, no dia 5 de novembro de 1949, de acordo com a ata, também foi bastante concorrida, diante de “seleto auditório composto de excelentíssimas famílias e distintos cavalheiros, ressaltando a presença de Monsenhor José Aloísio Pinto, representante de sua Excia. Bispo-Diocesano; do Sr. Prefeito Municipal (...)”, ocasião em que foi proferida “uma conferência sobre a – Evolução Religiosa de Rui – foi pronunciada pelo Padre Gerardo Gomes, o qual, pelo primor de seu estilo (...) trouxe presa a assistência”⁵⁹⁵. Não temos o programa do evento detalhado na ata, mas sabemos que foram proferidos discursos pelos acadêmicos Antonio Ferreira Porto, padre José Gerardo Ferreira Gomes, Dr. João Ribeiro Ramos, Tancredo Alcântara e por Francisco das Chagas Albuquerque, aluno do Colégio Sobralense, escola diocesana para homens.

A Academia realizou uma importante Sessão Extraordinária em comemoração ao fim da II Guerra Mundial, no dia 10 de maio de 1945. Essa sessão foi planejada em outra sessão da ASEL, essa também extraordinária, no dia 08 de maio de 1945, quando

⁵⁹³ ATA DA SESSÃO SOLENE DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS, DO DIA 29 DE JULHO DE 1946, EM COMEMORAÇÃO AO 1º CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DA PRINCESA IZABEL.

⁵⁹⁴ Maria Tomásia Figueira de Lima nasceu em Sobral em 1826, tendo falecido em 1902. Foi abolicionista, tendo em 1882 participado da fundação da Sociedade das Cearenses Libertadoras, cujo objetivo era lutar pela abolição da escravatura no Ceará, tendo presidido a sociedade por certo período.

⁵⁹⁵ ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS DO DIA 5 DE NOVEMBRO DE 1949.

foi organizado o programa para o evento, distribuído da seguinte forma: Pela manhã, às 07h30min seria celebrada uma missa de ação de graças pelo Monsenhor Vicente Martins da Costa, na Igreja do Patrocínio. Às 19h30min, teria lugar uma sessão cívica, no Teatro Glória, na qual discursariam os acadêmicos Pedro Mendes Carneiro e Arsênio Flexa, Dr. João Ribeiro Ramos, Manoel Pinto Filho, Antonio Ferreira Porto, Raimundo Aristides Ribeiro, Arnault Ferreira Baltar e Monsenhor Vicente Martins. Declamação de poesias pela senhorita Ceci Regino Holanda, Nenilde Flexa e Laís Rodrigues de Sousa. A sessão seria finalizada com o Hino Nacional. Foram expedidos convites especiais “às autoridades, e de modo geral, ao povo sobralense – a fim de serem impressos e distribuídos devidamente”⁵⁹⁶.

A Sessão Extraordinária aconteceu no dia aprazado, levando a efeito todo o programa anteriormente planejado. Segundo o professor Maurício Mamede, autor das atas da Academia,

Os oradores penetrados do mais acendrado patriotismo e animados do mais vibrante entusiasmo, aureolaram de glórias imorredoiras os feitos dos heróis. E, sob a luz de uma análise inteligente e judiciosa, fizeram um relevo os acontecimentos funestos, forjados pela ambição insopitável de déspotas caricatos, que desarticularam a paz⁵⁹⁷.

Essa sessão foi importante para Academia, por dois motivos: Primeiro, porque inseria perspectivas sociais e políticas mais abrangentes como sendo também uma causa da ASEL, que aproveitava a ocasião para envolver “numa verdadeira consagração os nomes dos grandes chefes democráticos da atualidade, em que sublinhou a evocação de Franklin Delano Roosevelt”, em que foi guardado “de pé, um minuto de silêncio, em memória do grande americano e do grande amigo do Brasil”⁵⁹⁸. Segundo, porque a Academia, ao realizar essa sessão de certa forma queria apaziguar os ânimos na cidade, uma vez que em março de 1944 alguns incidentes ocorridos em Sobral, um deles envolvendo a figura do acadêmico Dr. José Sabóia foram bastante impactantes naquele contexto, narrados do seguinte modo, conforme as palavras de Frota:

Em seguida, em **24 DE MARÇO DE 1944**, instala-se no prédio dos Correios e Telégrafos o sistema duplex Morse. Nesta mesma época o Brasil declarou guerra à Alemanha, nós fizemos uma passeata por

⁵⁹⁶ ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO DIA 8 DE MAIO DE 1945, DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS.

⁵⁹⁷ ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO DIA 10 DE MAIO DE 1945, DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS.

⁵⁹⁸ ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO DIA 10 DE MAIO DE 1945, DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS.

todas as ruas com discursos em todas elas, e aproveitamos para passar em frente às casas de pessoas importantes que representavam a cidade. Tinha muitas pessoas entusiasmadas que discursavam várias vezes, como Luis Fonteles, professor Pinto Filho e outros⁵⁹⁹. (Grifos do autor)

Vemos acima o entusiasmo patriótico que tomou conta especialmente dos jovens da cidade, que saíram pelas ruas em passeata, fazendo discursos diante das casas das “pessoas importantes que representavam a cidade”, talvez com o intuito de receber apoio, mas não foi bem isso que ocorreu, quando a passeata chegou à frente da casa do acadêmico Dr. José Sabóia:

O importante que sabíamos é que o Dr. José Sabóia de Albuquerque tinha um genro alemão e o mesmo era hóspede dele e sabíamos que o genro, no momento, estava em casa. Resolvemos ir a casa do Dr. José Sabóia, pois só assim saberíamos a sua posição. Lá chegando, o Dr. José Sabóia saiu à sacada e fez um discurso, com uma disposição, uma demonstração de herói, até mesmo lamentando não ser jovem para ir à frente de batalha e pedia para os jovens que ali se encontravam que se tivessem a oportunidade de ir à frente de batalha, que trouxessem de presente para ele, que trouxessem um rosário de dentes de alemão. Isto deu muita força à passeata. Noutro dia houve o saque das Lojas Pernambucanas, em desagravo à declaração de guerra. No momento do saque, aqueles homens de responsabilidade procuraram evitar, porque, pelo que se via, não será somente um desagravo e sim, um assalto, uma roubalheira⁶⁰⁰.

Frota vai narrando o que teria acontecido quando a passeata chegou à casa do juiz, que segundo o memorialista, tinha um genro alemão. Enfatiza o discurso empolgante de Dr. José Sabóia que, estrategicamente, falou tudo aquilo que a multidão queria ouvir naquele momento, chegando inclusive a incentivar a participação dos jovens, se fosse possível, na guerra, pois ele, se fosse jovem, assim o faria. Menciona ainda o saque às Lojas Pernambucanas, situada no centro da cidade, “em desagravo à declaração de guerra”. Frota narra o acontecimento da seguinte forma:

O Dr. José Sabóia foi um dos cidadãos que, enfrentando aquele movimento de saque, saiu do seu escritório, que ficava perto da Pernambucana, e passou a tomar peças de tecido de muitos que saíam. Eu vi até mesmo pessoas de família boa que estavam fazendo parte. Tinha um cidadão que era funcionário da prefeitura local e passou montado em uma burra coberta de tecidos; o Dr. José Sabóia pegou nos freios da burra, parando-a e mandou que o referido senhor soltasse aquelas peças no chão e assim foi feito e como diversos outros,

⁵⁹⁹ FROTA, Raimundo Monte. *Sobral, minha família, minha vida. Sobral: edição do autor, 1992.* p. 114

⁶⁰⁰ *Ibidem.* p.115

chegaram a amontoar uma boa quantidade de tecidos. Naturalmente, estes tecidos tomados foram entregues às autoridades⁶⁰¹.

O saque às Lojas Pernambucanas representava em tese, um desagravo à origem da loja, que foi fundada no começo do século XX por Herman Theodor Lundgren, imigrante sueco de descendência alemã que tendo chegado primeiro em Recife, depois de bem sucedido trabalhando no porto e fundando uma indústria de explosivos, funda em seguida as Casas Paulistas, pois inaugurada na cidade de Paulista, próximo a Recife. Depois, por questões políticas, as lojas foram chamadas de Pernambucanas. Em Sobral a Pernambucana foi fundada em 1910, e a princípio tinha produtos voltados para as classes populares. Para Frota, o saque da loja, muito mais do que um protesto contra as tradições alemãs de seu fundador, foi uma oportunidade para, inclusive “pessoas de família boa” roubassem tecidos. O memorialista cita a presença decidida do Dr. José Sabóia na contenção dos saqueadores, o que de certo modo se coadunava com a posição anterior do juiz, que em discurso à frente de sua casa, louvava aqueles que lutavam contra os alemães.

Frota narra ainda a sua convocação para a Guerra em 1944. Faz referência a apreensão de sua família, especialmente de sua mãe. Foi para Fortaleza, para o quartel do 23 BC – Batalhão de Caçadores, “tendo como transporte um caminhão de propriedade do Sr. Gervásio Alves e como motorista o Sr. Flor” . E continua sua narrativa, mostrando o clima da cidade quando da saída dos convocados:

Juntou muita gente a nossa saída, até mesmo houve discurso, cada qual queria ser mais patriota e como o carro tinha uma gaita como buzina, que parecia mais uma sanfona, saiu cantarolando rua a fora; nós parecíamos uns verdadeiros guerreiros, mas quando a noite foi chegando, fomos caindo na realidade e a coisa mudou tanto, caiu o silêncio, uns dormindo e os que estavam acordados passaram a ver as coisas de outra maneira⁶⁰².

Menciona o memorialista o ardor patriótico que tomou conta da cidade com a convocação dele e de alguns jovens para o exército naquele contexto da II Guerra. Cita o clima de euforia que animou a todos, mas também menciona com certo pesar o abatimento que tomou conta dos convocados depois que a noite caiu e de certo modo iluminou a situação para aqueles jovens. Faz referência a longa viagem até Fortaleza, com quase 10 horas de duração, comentando as dificuldades, inclusive o fato de um de

⁶⁰¹ FROTA, Raimundo Monte. *Sobral, minha família, minha vida. Op. Cit.* p. 115.

⁶⁰² *Ibidem.* p. 116

seus amigos não querer pagar a “dormida” na pensão, pois o mesmo havia dormido no chão. Ao chegarem a Fortaleza ficaram hospedados também numa pensão, próximo à Praça da Estação, esperando a hora de se apresentarem para os exames iniciais para engajamento. Frota não foi aprovado, pois tinha problemas de visão, retornando depois para Sobral.

No dia 1º de setembro de 1945 a cidade de Sobral prestou homenagem aos expedicionários, na pessoa do tenente José Leôncio Pessoa de Andrade, também do sargento Benjamim Martins e do pracinha Francisco Paulino do Nascimento, recém-chegados da Itália, homenagem ocorrida no palco do Teatro São João. Sobre a participação de sobralenses no campo de batalha, assim se expressou Dr. Ribeiro Ramos no Álbum do Bicentenário:

Assim, é que Sobral não poderia estar ausente, na última Grande Guerra, da mesma maneira que não esteve na de 1914-1918, bem como na Guerra do Paraguai. Jamais fizemos ouvidos surdos ao clamor da Pátria em perigo, e quando os clarins da alvorada convocam brasileiros de todos os recantos para sua defesa e para lutar em prol da liberdade, do Direito, da Razão e da Justiça⁶⁰³.

As palavras acima de certo modo querem explicitar outra característica do que seriam as tradições da cidade: a luta em prol da liberdade. E também a força beligerante dessa tradição, pelo menos na perspectiva idealista de Dr. Ramos.

Já a sessão extraordinária em homenagem ao primeiro centenário de nascimento do escritor Domingos Olímpio Braga Cavalcante, realizada no *Palace Club*, no dia 17 de setembro de 1950, teve início de forma muito particular, com uma missa celebrada na Capela do Menino Deus, “em sufrágio da alma do eminente morto”. Essa Igreja está situada na mesma praça em que foi construído o Teatro São João, que tem como um de seus idealizadores exatamente o escritor. O que nos chama atenção é que “houve, às dez horas no Palace Club, uma sessão literária, a que, *não obstante divulgação antecipada e convite insistente*, compareceu reduzido número de pessoas”⁶⁰⁴ (Grifos nosso), ou seja, está dito que apesar da divulgação feita com antecedência, do “convite insistente”, o número de pessoas que compareceu ao evento em homenagem ao “notável sobralense” foi bastante reduzido. Domingos Olímpio, como sabemos, era considerado um dos mais

⁶⁰³ RAMOS, João Ribeiro. *Sobral na Guerra conta o Eixo*. In: Álbum do Bicentenário da Vila Distinta e real de Sobral. Obra mimeografada, 1973. p. 453.

⁶⁰⁴ ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS DO DIA 17 DE SETEMBRO DE 1950 EM HOMENAGEM AO 1º CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE DOMINGOS OLÍMPIO BRAGA CAVALCANTE.

representativos valores da tradição intelectual da cidade de Sobral no âmbito da ASEL. As sessões dedicadas a Princesa Isabel e a Rui Barbosa tiveram ampla participação dos acadêmicos e da “sociedade grada” da cidade, mas a sessão extraordinária dedicada a Domingos Olímpio teve participação tímida de acadêmicos e da sociedade sobralense. Por quê? Por que justamente a sessão dedicada a Domingos Olímpio, construído pelos intelectuais como o “semióforo sobralense” teve tão pouca audiência? A primeira resposta que vem à reflexão nos diz que Domingos Olímpio não passava possivelmente de um mero desconhecido fora das lides acadêmicas, e que mesmo no interior da Academia possivelmente eram poucos os que consideravam o escritor tão importante como queria fazer crer certo discurso nascido no interior da ASEL, entre alguns de seus membros, ou mesmo talvez a maioria dos membros não conhecesse a obra do romancista. O que parece contraditório é que para a tradição da Academia, Domingos Olímpio deveria ter mais importância do que a Princesa Isabel e do que Rui Barbosa, mas não é bem isso que se percebe a partir do que nos informam as atas relativas a cada uma das solenidades. Outra observação diz respeito a divulgação antecipada e ao convite insistente, isso porque em nenhuma outra sessão solene ou extraordinária, encontramos esse tipo de preocupação. Imaginamos que isso confirmaria o que estamos levantando como hipótese, ou seja, que o escritor Domingos Olímpio não gozava de tanto prestígio, que seu nome escapava ao domínio da cidade e da maioria dos acadêmicos ou, quem sabe, que por sua importância para a Academia, o convite tenha sido insistente, ou ainda, que a ata, escrita posteriormente ao evento, quis isentar a Academia daquele aparente fracasso. Isso nos faz pensar que talvez a Academia não fosse tão importante para o “povo”, como Domingos Olímpio era importante para a Academia?

A sessão extraordinária da ASEL naquela data foi marcada por uma sessão literária em homenagem a Domingos Olímpio. Como não temos o programa da sessão, não sabemos ao certo o que os acadêmicos – quem sabe apenas o autor das atas, professor Maurício Mamede Moreira, – chamam de sessão literária, de modo que não seria estranho que muitos acadêmicos não tenham participado exatamente por falta de dotes literários, o que também à primeira vista parece ainda mais contraditório. Ainda assim, os acadêmicos que participaram como oradores no evento, entre eles Maurício Mamede Moreira e Antonio Ferreira Porto, se esforçaram para dignificar o nome do escritor, de modo que:

Sobre a personalidade, a cultura, a projeção do notável sobralense na vida política do país, do seu amor à terra onde nasceu, e pelo que se lhe inspirou o motivo real de sua obra-prima – Luzia Homem – falou demoradamente o acadêmico Maurício Moreira⁶⁰⁵.

Assim é que o escritor consagrado parecia que não tinha “vida” mais ou menos plena no interior da Academia, e nada mais do que isso fora dela, por isso, talvez, constatemos a dificuldade da ASEL em manter o seu nome em sintonia com a pretensa tradição intelectual da cidade das letras, pelo menos de maneira pública.

Por outro lado, a sessão da Academia em memória do Dr. José Sabóia, realizada em agosto de 1951, tendo como oradores os acadêmicos Manuel Pinto Filho e Dr. João Ribeiro Ramos, foi diferente, já que realizada

com a presença de várias famílias e outras pessoas de destaque, realizou a Academia Sobralense de Estudos e Letras uma sessão solene, em memória de seu saudoso vice-presidente, o acadêmico Dr. José Sabóia de Albuquerque⁶⁰⁶.

O Dr. José Sabóia mereceu por parte da Academia muitas homenagens, como já vimos, e o fato da sessão em sua memória atrair “várias famílias e outras pessoas de destaque” se deveu, sem dúvida nenhuma, a sua importância social, política e econômica na cidade, prestígio que a ASEL procurou carrear para o seu interior, ou quem sabe, ao desejo do autor das atas, querendo com isso demonstrar que a Academia foi importante porque teve entre os seus imortais, o juiz...

A sessão fúnebre em homenagem ao Monsenhor Vicente Martins da Costa, realizada no dia 28 de abril de 1948, segundo consta na ata, contou com grande audiência, em face da importância do Monsenhor para a Academia e evidentemente pelo sentido da sessão. Temos assim que:

Às dezenove horas e trinta minutos, perante grande número de famílias, pessoas gradas e estudantes de diversos estabelecimentos de educação, o Presidente em exercício, acadêmico Dr. José Saboia de Albuquerque, dirigiu-se, acompanhado dos membros da Diretoria, à Mesa, adrede preparada, em torno da qual, tomando assento e, após declarar aberta a sessão, convidou, para presidir a mesma, ao Revmo.

⁶⁰⁵ ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS DO DIA 17 DE SETEMBRO DE 1950 EM HOMENAGEM AO 1º CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE DOMINGOS OLÍMPIO BRAGA CAVALCANTE.

⁶⁰⁶ ATA DA SESSÃO EM MEMÓRIA DO ACADÊMICO DR. JOSÉ SABOIA DE ALBUQUERQUE, EM 6 DE AGOSTO DE 1951.

Monsenhor Olavo Passos, representante de S. Excia. Revmo. D. José Tupinambá da Frota e de Monsenhor Fortunato Linhares.⁶⁰⁷

Chama-nos atenção na passagem acima muito mais a presença do Monsenhor Olavo Passos representando Dom José na sessão da ASEL, pela raridade do acontecimento, do que o grande número de famílias e pessoas consideradas gradas pelo autor da ata. Acreditamos que pelo teor da sessão fúnebre e pela importância e prestígio que Monsenhor Vicente Martins gozava na Igreja e na cidade, Dom José tenha se feito representar naquela ocasião.

Assim é que em Sobral, apesar de muitas das ações da ASEL confluírem na direção do civismo, a intenção literária dos acadêmicos era produzir uma identificação com a história local a princípio, e depois com a história nacional. Não por outra razão, o memorialista Lustosa da Costa vai repetir em tom de pilhéria: “Não sou universal, sou apenas municipal”⁶⁰⁸. São esses *homens municipais*, intelectuais da ASEL que buscam em suas sessões ou reuniões, principalmente extraordinárias, cantar a sua aldeia, louvar a sua terra de nascimento, ou sua terra de adoção, apesar das dificuldades, como vimos pela sessão em homenagem a Domingos Olímpio.

O que se procurava no passado era um “esforço de sentimentos de *comunhão* e de *identificação*, de modo que os indivíduos possam constituir-se como sociedade, ou talvez melhor, como comunidade”⁶⁰⁹ (Grifos do autor). O que se procura, portanto, é construir sentimentos de comunhão e de identificação com o passado, que desse modo, se efetivaria enquanto instância de esperança, de expectativa com relação ao presente e ao futuro, para a construção de valores capazes de gerar uma “comunidade de iguais”, ou seja, de “filhos” da mesma municipalidade, intelectuais a serviço principalmente da História. Por isso as sessões e reuniões da ASEL, ordinárias e extraordinárias, representam “um passado imediato que pertence naturalmente ao atual presente”⁶¹⁰, portanto, aquele passado imediato, engatilhado, representava as práticas de vida mais imediatas, legitimando todas aquelas ações. De tal modo o passado da vila se constituía numa necessidade para aqueles intelectuais, que Ataliba Daltro Barreto, prefeito da cidade, enfatizou que:

⁶⁰⁷ ATA DA SESSÃO FÚNEBRE EM HOMENAGEM A MONSENHOR VICENTE MARTINS DA COSTA, NO DIA 28 DE ABRIL DE 1948.

⁶⁰⁸ COSTA, Lustosa da. *Sobral que não esqueço*. Op. Cit. p. 13.

⁶⁰⁹ CATROGA, Fernando. *Nação, mito, e rito*. Op. Cit. p. 9-10.

⁶¹⁰ DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Op. Cit. p. 124.

Em 1947, quando, pela segunda vez assumimos o cargo de prefeito de Sobral, provemos a ereção de um monumento comemorativo da fundação da Vila, no mesmo local, cuja placa tem a seguinte nota: “Aqui neste local foi no dia 5 de julho de 1773 inaugurada a Vila de Sobral, pelo Ouvidor Geral Dr. João da Costa Carneiro e Sá – Administração do prefeito Advogado Ataliba Daltro Barreto – 1947”⁶¹¹.

O monumento, construído à frente da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, catedral da cidade, uma coluna de pedra simbolizando o pelourinho, com a placa cuja inscrição lemos acima, transforma-se desde então em mais um dos símbolos a ligar o presente com o passado, a tentar tocar pela emoção e pela matéria, “uma memória viva” inventada como monumental. Essa necessidade pode ser pensada também na perspectiva de Benedict Anderson, porque pode ser imaginada como uma forma especial de comunidade (...) que somente é apreendida pela linguagem⁶¹², ou seja, por mais que o monumento ao pelourinho fosse pensado como importante para marcar o lugar da Vila na cidade, o que havia por trás dessa ação era muito mais a força performática sugerida pela linguagem, que procurava dar sentido aquele passado.

Consideramos interessante fazer ainda uma rápida diferença entre *sessão* e *reunião*, visto que, como por seus Estatutos, a Academia, para fomentar a vida cultural de seus sócios e do meio em que estava inserida, deveria promover sessões ordinárias e reuniões extraordinárias. *Sessão*, do latim, *Sessione*, “ato de assentar-se”, referindo-se a um espaço de tempo que dura certo acontecimento. Assim, uma sessão ordinária duraria o exato tempo necessário de “sentar-se”, sendo, para nós, a metáfora de um acontecimento rápido que, na visão dos Estatutos da ASEL, tinha “importância menor” visto que não repercutia tanto como um acontecimento a se desdobrar em outros acontecimentos possíveis. *Reunião*, do verbo transitivo direto reunir, do latim *unire*, de reunião, tem sentido de “junção, ligação, adesão”. Assim, as reuniões extraordinárias em que se geralmente se comemorava o nascimento ou a morte de um escritor, poeta, romancista, um “herói” ou “heroína”, servia para juntar, ligar, fazer com que os

⁶¹¹ BARRETO, Ataliba Daltro. *Notas históricas*. Álbum do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral, 1973. P. 27. Na página em que está o seu texto, Dr. Ribeiro Ramos escreveu a seguinte nota: “O advogado Ataliba Daltro Barreto, já com 82 anos de idade, ainda exerce atividade na Prefeitura Municipal. Militou no Foro por muitos tempo, tomou e ainda toma parte nos movimentos políticos, é um assíduo conviva do Beco do Cotovelo e esteve sempre englobando nos muitos e variados modos de agir uma unidade indiscutível – seu amor pela terra sobralense. As notas esparsas mas utilíssimas que aqui se publicam fixam fatos históricos incontestes. É o decano dos advogados do Ceará”. A referência que faz ao Beco do Cotovelo é digna de nota: trata-se de espaço de sociabilidade ainda hoje bastante tradicional na cidade, ao ponto de ter um “prefeito” próprio, que cuida do espaço e estabelece regras de convivência e respeito. Ataliba Daltro foi prefeito em 1935, e exerceu segundo mandato de 1947 a 1948.

⁶¹² Ver: ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011,

acadêmicos aderissem a uma determinada memória e em torno dela construíssem várias representações, ou seja, que essa memória fosse desdobrada em outros acontecimentos, como por exemplo, a ereção do monumento simbolizando o pelourinho. Portanto, as reuniões extraordinárias seriam espaços de confirmação e ritualização dessas memórias nacionais, mas principalmente municipais, fazendo com o homenageado se transformasse, como sugeriu Maeterlinck, em “eterna lembrança”.

Com relação aos trabalhos apresentados nas sessões, temos que de 1943 a 1953, praticamente 5 trabalhos foram apresentados sempre em sessões ordinárias, número relativamente muito baixo. Nas reuniões extraordinárias não tínhamos trabalhos apresentados, mas discursos proferidos. Pelo que entendemos, os discursos que também poderiam versar sobre qualquer um dos temas propostos nos estatutos, ligados à história, filosofia, ciências e moral, na perspectiva do professor Maurício Mamede, autor das atas, não eram um “trabalho”, mas um discurso, portanto, tinham outra conotação. Entendemos que nos discursos que certamente eram lidos, os intelectuais tinham oportunidade de exercitar sua retórica e expor sua “comovida eloquência”, utilizando “termos eloquentes e patriotas”, como sugere o autor das atas, de modo que tais discursos eram encarados, como muito mais do que os poucos trabalhos, como o resultado da intelectualidade dos sócios da Academia.

Na primeira sessão ordinária da ASEL, ocorrida no dia 24 de fevereiro de 1944, o presidente da ASEL, Monsenhor Vicente Martins da Costa, pediu “permissão para ler um trabalho seu sobre *Patriotismo e Nacionalismo*”, no qual deixou destacado, segundo a ata da reunião, “mais um cunho de sua erudição, merecendo de todos os circunstantes, vivos aplausos”. Sobre esse trabalho de Monsenhor Vicente, nada sabemos, e o mesmo não foi publicado no Boletim da ASEL em 1944 ou em qualquer outra revista de que dispomos. Mas temos dois motes do trabalho: *patriotismo* e *nacionalismo*. Não podemos deslocar o trabalho do Monsenhor Vicente do âmbito do Estado Novo, contexto em que os intelectuais, “imbuídos de vocação messiânica, senso de missão ou dever social (...), se auto-elegeram sucessivamente consciência iluminada nacional”⁶¹³. A ASEL naquele contexto refletia sobre a nacionalidade e o patriotismo, na confluência das discussões da época, pois no Estado Novo (1937-1945),

⁶¹³ VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Op. Cit. p. 3.

As elites intelectuais, das mais diversas correntes de pensamento, passam a identificar o Estado com o cerne da nacionalidade brasileira. Se historicamente a construção do nacionalismo vinha se constituindo em uma das preocupações fundamentais dos intelectuais, agora elas passariam a situar sua tarefa nos domínios do Estado⁶¹⁴.

Os intelectuais da ASEL, desse modo, em sua grande maioria, se moviam no tecido adiposo das profissões liberais, como já sabemos, alguns deles orbitavam “nos domínios do Estado”, caso de desembargadores e juízes. De qualquer modo encontramos nos discursos deles a identificação do Estado “com o cerne da nacionalidade brasileira”, de modo que a Nação era uma instância de arregimentação das forças patrióticas, nesse sentido, temos na ata da Sessão solene do dia 7 de setembro de 1947, o seguinte:

Em prosseguimento ao programa comemorativo da solenidade, foi dada a palavra ao orador oficial, acadêmico padre Gerardo Gomes que, pronunciando um trabalho de envergadura, exaltou a liberdade, apanágio da democracia, em que se funda a grandeza do Brasil.

O tom patriótico é que marca o discurso do padre Gerardo Ferreira Gomes, naquele contexto de fim da II Grande Guerra em que se propugnava que a “democracia havia saído vencedora”, contribuindo para isso a participação brasileira em terras da Itália. Dessa forma se fortalecia a virtual grandeza da nação que naquela sessão solene do dia 7 de setembro estava sendo louvada. Mas, defendemos que a busca pela *municipalidade* era a chave de ação dos intelectuais da Academia, de modo que a dita atividade literária corria assim paralelo à atividade cívico-municipal. Escrever, ler, publicar, ouvir, eram ações eminentemente públicas. De qualquer modo, no interior da Academia, no recanto reconfortante da ASEL, os intelectuais chamavam ao fluxo ideias relativas a municipalidade, a nacionalidade, a pátria e ao catolicismo, numa construção monumental sobre a história nacional, sem no entanto tergiversar com relação ao que estamos chamando aqui de uma história municipal, de modo que preferencialmente as revistas da ASL e da ASEL geralmente abriam espaços para a publicação de textos sobre a história local, para depois, explicitados as questões consideradas pertinentes dessa história, no sentido de apresentar suas origens, seus discursos fundadores, seus personagens considerados mais ilustres, proceder as reflexões sobre a história nacional. De modo que tínhamos uma visão de história construída a partir de uma ótica local, para depois atingir o nacional.

⁶¹⁴ VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Op. Cit. p. 3-4.

Por conseguinte pela ata da segunda sessão ordinária da ASEL do dia 30 de março de 1944, sabemos que “o Exmo Snr. Presidente (...), Monsenhor Vicente Martins da Costa, usando da palavra, continuou a leitura do seu precioso trabalho – *Nacionalismo e Patriotismo*, merecendo os aplausos de todos os presentes”. Assim, uma sessão não foi suficiente para que o trabalho apresentado fosse lido integralmente, trabalho que, diga-se de passagem, foi efusivamente aplaudido nas duas sessões, conforme idealizam as atas. Queremos pensar um pouco nos dias das sessões – o dia 24 de fevereiro e o dia 30 de março de 1944, dias em que Monsenhor Vicente Martins leu o seu trabalho. A sessão do dia 24 de fevereiro contou com a participação de 7 sócios da ASEL, enquanto a sessão do dia 30 de março contou com a participação de 6 membros, portanto, temos o total, nas duas sessões, de 13 intelectuais, o que não deve causar estranheza, pois como já sabemos, poucos acadêmicos frequentavam as sessões ordinárias da ASEL. Assim, imaginamos Monsenhor Vicente Martins lendo seu trabalho para 7 sócios e depois para 6. Não recuperamos mais as pausas, a entonação e gestos do corpo que certamente acompanhavam a leitura do texto. Essa perda de certa forma nos coloca diante de uma incapacidade que marca de certo modo nosso trabalho com relação ao passado dos discursos lidos e depois publicados, mas por outro lado, nos ajuda a entender que os caminhos tortuosos da pesquisa são exatamente os caminhos aplainados também pela imaginação, pela invenção e pelo desejo.

Na ata da nona sessão ordinária do dia 26 de novembro de 1944, não há nenhuma referência a qualquer trabalho apresentado, mas temos um dos 7 membros daquela sessão lançando a ideia

de um convite oficial ao Dr. José Valdo Ribeiro Ramos, em Fortaleza, no sentido de vir aquele intelectual realizar, em nosso meio, uma conferência, ficando, no entanto, o assunto a sua escolha. Também se obtivesse, para melhor efeito desse tentame, a cooperação do Snr. Prefeito, uma vez que este é nosso consócio.

O prefeito citado, consócio da Academia, é o Dr. João Alencar Melo, acadêmico que mantinha relação bastante próxima com aquela instituição. Foi sugerido nome do Dr. José Valdo Ribeiro Ramos, escritor, irmão do Dr. Ribeiro Ramos, para realizar uma conferência. Temos, assim, não a apresentação de um trabalho, mas a proposta para que outro intelectual residente em Fortaleza, mas provavelmente de passagem por Sobral, apresentasse conferência, com assunto a sua escolha, o que acabou não acontecendo. Comprendemos que havia por parte dos acadêmicos, principalmente entre aqueles que

frequentavam as sessões ordinárias, a necessidade de fazer daquele sodalício, um lugar de reflexões intelectuais, de abrigo da inteligência. No entanto, sentimos o pouco investimento dos próprios acadêmicos com relação a apresentação de trabalhos em qualquer uma das modalidades apresentadas nos Estatutos. Acreditamos que os sócios da Academia de maneira geral, apesar dos títulos que ostentavam em sua maioria, não estavam preparados para dissertar sobre temas tão complexos, por isso os discursos nas reuniões extraordinárias eram mais acessíveis, conforme serviam muito mais para estabelecer a “retórica da identidade”, na expressão de Peter Burke, efetuando assim “o argumento de prestígio, sobretudo o de autoridade” que pertencia a “prática comum da retórica”⁶¹⁵, de modo que lançando mão de figuras de linguagem como metáforas, metonímias, discursando em tom gongórico e efusivo, esses intelectuais brilhavam muito mais pela força da retórica, pelo “poder cintilante da palavra” do que propriamente por seus conhecimentos, pelo conteúdo de seu discurso.

Temos outro exemplo de sugestão para apresentação de trabalhos, o que demonstra claramente a escassez desse tipo de atividade, no dia 26 de agosto de 1945, quando:

O acadêmico Dr. José Sabóia de Albuquerque sugeriu que se realizassem sessões, em que os acadêmicos tivessem oportunidade de apresentar trabalhos e poesias de autores clássicos, brasileiros, ou uma como espécie de tertúlias, afim de que, dando um cunho mais original às reuniões, viesse isso incentivar mais a vida da Academia. A idéia sugestiva do nobre acadêmico, foi acolhida com grande simpatia de todos os presentes.

A citação acima, pelo que analisamos, apesar da proposta ter sido acolhida com simpatia pelos acadêmicos, em número de 10 nessa sessão ordinária, nada daquilo que sugeriu o acadêmico ocorreu de fato. Mas algumas questões chamam atenção na proposta do Dr. José Sabóia e que consideramos importante analisar. Primeiro, o fato de propor que se realizassem “sessões em que os acadêmicos tivessem oportunidade de apresentar trabalhos e poesias”. O interessante é que exatamente as sessões ordinárias tinham como objetivo oportunizar aos acadêmicos apresentar trabalhos. Sugerir sessões para esse fim demonstra que as sessões não estavam sendo utilizadas com este intento. Sugeriu o acadêmico que fosse realizada uma “espécie de tertúlia”, ou seja, reuniões culturais, “afim de que, dando um cunho mais original às reuniões, viesse isso a

⁶¹⁵ CARVALHO, José Murilo de. *História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura*. Op. Cit. p. 142.

incentivar mais a vida da Academia”. Compreendemos que as sessões ordinárias eram consideradas modorrentas, arrastadas, sem nenhuma originalidade, o que fica claro inclusive pelo número de sócios frequentadores. Uma sessão ordinária com a presença de 10 acadêmicos, como aquela, era algo raro.

Na sessão solene do dia 7 de setembro de 1949, data cívica que festejava também a fundação da ASEL, realizada mais uma vez no *Palace Club*, assim “as sessões solenes e de recepção realizavam-se também em locais de empréstimo, de preferência espaçosos e refinados”⁶¹⁶, que foi repetidas vezes tomado pela ASEL em suas reuniões solenes ou extraordinárias, temos alguns acadêmicos apresentando trabalhos, especialmente sobre Rui Barbosa, conforme segue:

Uma conferência sobre a – Evolução Religiosa de Rui – foi pronunciada pelo Presidente, Padre Gerardo Gomes, o qual, pelo *primor de seu estilo*, e apreciação inteligente e segura dos fatos, que traduzem a estrutura moral do homem, trouxe a assistência, durante o tempo que ocupou a tribuna.

Com a palavra o acadêmico João Ribeiro Ramos, *numa peça de fino lavor literário*, discorreu sobre múltiplos aspectos do insigne Brasileiro. Também o acadêmico Tancredo Alcântara, *em acentos de profundo entusiasmo*, falou sobre Rui e o Direito. (Grifos nosso)

Estamos considerando, com algum favor, as falas do Dr. Ribeiro Ramos e do Dr. Tancredo Alcântara Halley como trabalhos apresentados, isso porque pelo que nos diz a ata da sessão, a conferência foi apresentada pelo Padre Gerardo Ferreira Gomes, de modo que a conferência não deixa de ser um trabalho do acadêmico. Posteriormente tomaram a palavra Dr. Ramos e Dr. Tancredo, que discorreram também sobre Rui Barbosa, já que naquela sessão solene do dia 7 de setembro, a Academia aniversariava e Rui Barbosa era homenageado⁶¹⁷.

Cuidaremos a partir de agora com mais detalhes da primeira Sessão Solene realizada pela Academia. O que se procurava, fundando e instalando a Academia em datas tão significativas para a República, como o 7 de setembro, era afinar o passo com a instituição republicana, procurando com isso seguir os passos da Academia Brasileira de Letras que, tendo “a sagacidade de inaugurar a “elevada instituição” no dia 15 de novembro (...) acentuaria o cunho oficial, unindo seus membros ao regime.”⁶¹⁸ A

⁶¹⁶ EL FAR. *A encenação da imortalidade. Op. Cit.* p. 79.

⁶¹⁷ O terceiro número da Revista da Academia fez uma homenagem especial a Rui Barbosa. Essa revista não foi localizada.

⁶¹⁸ EL FAR. *A encenação da imortalidade. Op. Cit.* P. 28.

ASEL, mesmo tendo simbolicamente um “caráter republicano”, não deixaria, no entanto, de cortejar, como estamos analisando ao longo desse trabalho, com suas heranças supostamente monárquicas e heráldicas.

Temos no dia 7 de setembro de 1944 a primeira Sessão Solene depois da criação da ASEL, realizada no *Palace Club*, a partir das 15h30m. A solenidade comemorou o primeiro aniversário da ASEL, deu posse a Diretoria reeleita, tendo à frente o Monsenhor Vicente Martins como presidente, ao mesmo tempo em que homenageava “a data nacional e recepção aos novos acadêmicos snrs. Arsênio da Cruz Flexa, Edson Moura e Paulo Viana”. A reunião serviu também para que o seu presidente lesse “relatório sobre a gestão passada, no qual falou das dificuldades com que se antolhou e das realizações que obteve nessa primeira fase da existência da Academia”. A sessão contou com um orador, o professor Raimundo Aristides Ribeiro que, segundo a idealização do autor da ata, “numa peça de fino labor literário, falou sobre a glória efeméride de nossa Independência nacional e do aniversário da sociedade literária, tendo ressaltado a ação inteligente e fecunda do (...) Mons. Vicente Martins da Costa à frente de seus destinos”. Coube ao Dr. Ribeiro Ramos recepcionar os neoacadêmicos. Finalizando, o Mons. Vicente Martins da Costa agradeceu “a missão que lhe foi novamente confiada como Presidente reeleito usando de termos eloquentes e patrióticos”. Essa sessão solene pelas assinaturas que constam na ata, contou com a presença de 33 sócios, praticamente todos os membros da ASEL.

O ritual de recepção aos neoacadêmicos procurou marcar a solenidade com toda a simbologia que organizava de forma indelével as academias literárias, conforme a ata daquela data, de modo que:

(...) o Monsenhor Vicente Martins da Costa, abrindo a sessão, disse da finalidade do momento e convidou uma comissão composta dos snrs. Acadêmicos Pedro Mendes Carneiro, José Modesto Ferreira Gomes e Manoel Pinto Filho, a fim de introduzir ao recinto os neoacadêmicos que ali penetraram sob estrepitosa salva de palmas.

Sabemos que, “copiando a Academia Francesa, a Brasileira instituiu entre as suas principais atividades, ou se quiserem, festividades, as cerimônias de posse dos novos imortais”⁶¹⁹, o que vislumbramos, ainda que timidamente, na solenidade da ASEL, diante dos neoacadêmicos sendo conduzidos ao recinto da sessão acompanhados

⁶¹⁹ RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras. Op. Cit.* p. 87.

de 3 imortais. O discurso de recepção também marca esse ritual, na medida em que servia para justificar, na verdade para ratificar a presença daqueles intelectuais no rol dos imortais da ASEL e da intelectualidade local.

De todas as sessões solenes em comemoração a Independência a cada 7 de setembro, a sessão do dia 7 de setembro de 1944 é a de que temos mais conhecimento, pois o relatório lido pelo presidente Monsenhor Vicente Martins sobre as atividades da Academia em 1943 foi publicado no Boletim da ASEL, do mesmo modo o discurso do professor Raimundo Aristides Ribeiro, principal orador da sessão, bem como o discurso de recepção aos novos acadêmicos, pronunciado pelo Dr. Ribeiro Ramos. O relatório e os discursos trazem novas informações importantes sobre a ASEL, bem como sobre o teor dos discursos especialmente os pronunciados nas sessões solenes, ao mesmo tempo em que detalham como eram essas sessões. O relatório do presidente Monsenhor Vicente Martins da Costa procura situar as atividades da presidência realizadas ao longo do ano de 1943. A análise do Boletim da ASEL é uma importante tarefa para o entendimento da Academia, sua relação com a cultura letrada, bem como com o espaço público e com relação às possíveis intervenções acadêmicas na cidade.

BOLETIM
— DA —
ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS
REGISTRADO NO DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA
060.951.571 106-1307
ANO I — SOBRAL (CEARÁ) SETEMBRO 1944 — NUM. 1

SUMARIO

	Pag.
Surgindo	6
O Visconde de Saboia e o Ensino Médico no Brasil—	11
J. Saboia de Albuquerque	13
A Nossa Academia—Maurício Mamigão de Almeida	14
Alguns Estudos de Literaturas Estrangeiras—	15
Mons. Vicente Martins	16
Considerações—Antonio Almeida	18
Um centenário—R. R.	21
Laus Vitae—Paulo Aragão	22
O poeta e os passaros—Dinorá Tomás Ramos	28
Os renôvos—Paulo Aragão	30
As estrelas novas—R. Aristides Ribeiro	38
A Crise do Mundo Moderno—Mons. Vicente Martins	36
Um belizidor—Maurício M. Moreira	48
Pirapóia—Edson Moura	49
O ensino religioso como fator educativo na Escola Primária	51
Padre Gerardo Gomes	54
Um Sobralense Notável—João Ribeiro Ramos	
Apontamentos para a História e Geografia do Município e	
Cidade de Sobral—Mons. Fortunato Alves Linhares	
Dura Realidade—J. Gurgel do Amaral	
Academia Sobralense de Estudos e Letras	
Ata da Sessão inaugural da Academia Sobralense	
Relatório apresentado por Mons. Vicente Martins da Costa,	
presidente da Academia Sobralense de Estudos e	
Letras em sessão solene de 7 de Setembro de 1944	49
Discurso proferido pelo Acadêmico Prof. Raimundo Aristides	
Ribeiro por ocasião da sessão magna com que a	
Academia Sobralense de Estudos e Letras comemorou	
o Dia da Pátria e o 10.º aniversário de sua fundação	51
Discurso proferido pelo Acadêmico Dr. João Ribeiro Ramos	
na sessão solene de 7 de Setembro de 1944.	54

Figura 7 - Boletim da ASEL, 1943 - Arquivo do autor

Vemos acima a capa do Boletim da ASEL, como já frisamos, primeira publicação coletiva da Academia, que analisaremos a partir de agora. O Boletim, bem como a Revista da ASEL, essa publicada em 1946, de número 05, pertencem ao acervo da Academia Cearense de Letras, compondo a sua biblioteca. O Boletim teve esse nome apenas no primeiro número. O segundo número da publicação já se chamava revista, seguindo, na verdade, uma tendência nacional. Essa questão foi assim tratada na ata do dia 27 de maio de 1945: “O acadêmico Pe. Gonçalo Eufrásio propôs que (...) o Sr. Presidente se informasse sobre se era possível a mudança do nome do Boletim da Academia pelo de Revista; e fazer a publicação de anúncios, etc.”. Foi também numa ata, essa da oitava sessão ordinária da Academia, no dia 29 de outubro de 1944 que o presidente da ASEL apresentou o Boletim:

O Sr. Presidente fez, em seguida, a apresentação do primeiro Boletim da Academia, contando cinquenta e seis páginas, o qual foi impresso em Fortaleza, na “Tipografia Brasil”, de propriedade do Sr. Pedro Brito. Não sabendo ainda quanto importava a impressão do mesmo, Sua Excelência deixou para dizê-lo em outra oportunidade, em que tivesse recebido a nota de despesa respectiva.

Percebemos acima um dado importante e que se relacionava com o valor de impressão do Boletim, que naquele momento não foi possível especificar, por falta da nota comercial. Sabemos que todos os indícios apontam para o fato de que o Boletim foi publicado às expensas dos membros da Academia, isso talvez justifique o fato de que a publicação não tivesse um único anunciante, em consequência, nesse sentido a solicitação do padre Gonçalo Eufrásio para que fossem publicados. Não há também nenhuma imagem. São apenas textos. Isso certamente se devia ao fato de que uma impressão sem imagens teria menos custos.

A publicação do Boletim da Academia precisa ser entendida numa perspectiva macro, ou seja, dentro do contexto nacional das primeiras décadas do século XX, por outro lado, não podemos descartar que no Ceará, mais precisamente na região norte do estado, capitaneada por Sobral, criou-se uma rede de comunicação tendo nos jornais os seus agentes por excelência, ou seja, temos uma região apta a constituir espaços de leitura e produção de materiais escritos. Sabemos que os jornais em Sobral representaram práticas sociais muito importantes para a invenção e manutenção do arquivo da cidade letrada. Essa constatação, já visualizada por Antonio Bezerra em sua obra *Notas de viagem*, já analisada em parte por nós, acena para uma situação, como ele escreve, em que vislumbrava “um sertão que lê, um sertão dos livros, dos jornais, da

escrita e da leitura”. Essa constatação nos faz pensar em “como se constituiu um circuito de matérias de escrita e de leitura naqueles espaços distantes”⁶²⁰? Precisamos pensar também nos leitores, ou seja, quem lia no sertão naquele contexto do final do século XIX e começo do século XX? Mas para nós, especificamente, nos interessa saber quem, na década de 1940, lia jornais e revistas na cidade, e nesse sentido sabemos que os intelectuais da ASEL, profissionais liberais, políticos, comerciantes, médicos, professores, sujeitos que compunham a Academia e produziam práticas escritas e práticas simbólicas no cenário da cidade eram leitores. Por outro lado, essas questões nos levam a refletir também sobre espaços de alfabetização, a possível existência de bibliotecas e grupos de leituras como Gabinetes de Leituras ou como, em nosso caso, a Academia Sobralense de Estudos e Letras⁶²¹.

Esse contexto, ainda que explanado superficialmente por nós, acena para uma condição que relativiza uma visão de certa forma consagrada que faz dos sertões distantes, espaços tão somente de analfabetismo, ou seja,

A configuração desse circuito leva à consideração de que nos sertões do norte do Ceará e na região da Serra da Ibiapaba, especialmente no final do século XIX, não havia uma população rude, incivilizada e distante do progresso, características difundidas no período⁶²².

Essas considerações são importantes porque apontam indícios de práticas letradas que se difundiam pouco a pouco em meio aos sertões e que, se não justificam a princípio, uma tradição intelectual consolidada, indicam um “talvez” – a respeito do homem que preza a leitura e a escrita⁶²³. Nesse sentido é que consideramos importante refletir que “Em meio a peles, couros e algodão, rastreiam-se papéis, cartilhas, folhas”, assim é que “Chegava à cidade de Sobral (...) uma gama de revistas de caráter nacional, como *O Malho e Tico-Tico, Ilustração Brasileira e Revista da Semana*, que grassavam como produtos desvendados nos papéis do comércio”⁶²⁴. (Grifos dos autores) Na região norte do Estado a firma comercial *Ignacio Xavier & Cia.*, sediada na cidade de Granja, era responsável pelas transações comerciais para praticamente toda região.

⁶²⁰ BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. LIMA, Jorge Luiz Ferreira. *História, imprensa e redes de comunicação*. In: História e Perspectivas, Uberlândia (39): 37-57, jul.dez. 2008. p. 39.

⁶²¹ Entre as últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX, foram criados Gabinetes de Leitura nas seguintes cidades da região norte do Ceará e região da Serra da Ibiapaba: Granja, Viçosa do Ceará, Ipu e Sobral.

⁶²² BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. LIMA, Jorge Luiz Ferreira. *História, imprensa e redes de comunicação*. *Op. Cit.* p. 45.

⁶²³ *Ibidem.* P. 45.

⁶²⁴ *Ibidem.* p. 50.

Portanto, temos que a classe letrada da cidade de Sobral conhecia revistas publicadas nacionalmente, de modo que, pensando no “talvez”, possamos apontar para essa experiência de leitura como sendo importante para a idealização futura da Revista da ASL e do Boletim da ASEL, ainda mais porque reconhecemos na imagem do Boletim vista em página anterior, que sua capa é praticamente toda tomada pelo sumário, uma característica, diga-se de passagem, da *Revista Brasileira* (1895-1899), quando teve à frente José Veríssimo. Essa revista não consta, pelo menos a priori, entre as revistas lidas em Sobral, mas isso não descarta a possibilidade da mesma ter sido conhecida por alguns dos acadêmicos, ou mesmo que outra revista lida na cidade, influenciada pela *Revista Brasileira*, tenha produzido uma capa sóbria sem muitos detalhes, como aquela.

O Boletim da ASEL tinha como diretor Monsenhor Vicente Martins da Costa e formavam a comissão de redação os acadêmicos Pe. José Gerardo Ferreira Gomes, Tancredo Halley Alcântara e Raimundo Aristides Ribeiro, e sua redação se localizava na rua Menino Deus, nº 132, provável residência do padre Gerardo Ferreira Gomes. Foi publicada em setembro de 1944. Destacaremos na sequência o nome dos artigos, poesias e notas publicadas no Boletim e seus respectivos autores:

Surgindo (Apresentação do Boletim)	Monsenhor Vicente Martins da Costa
Visconde de Sabóia e o Ensino Médico no Brasil	J. Sabóia de Albuquerque
A nossa Academia	Maurício Mamede Moreira
Alguns Estudos de Literaturas	Monsenhor Vicente Martins
Considerações	Antonio Almeida
Um Centenário	Raimundo Ribeiro
Laus Vitae (Poesia)	Paulo Aragão
O Poeta e os Pássaros	Dinorá Tomás Ramos
Os renôvos	Paulo Aragão
As estrelas “Novas”	Raimundo Aristides Ribeiro
A crise do Mundo Moderno	Monsenhor Vicente Martins
Um beija-flor (Poesia)	Maurício Mamede Moreira
Pirapora (Poesia)	Edson Moura
O Ensino Religioso como fator educativo na Escola	Pe. Gerardo Gomes

Primária. Maneira prática de ministrá-lo	
Um sobralense notável	João Ribeiro Ramos
APONTAMENTOS para a História e Corografia do Município e Cidade de Sobral	Monsenhor Fortunato Alves Linhares
Dura realidade (Poesia)	J. Gurgel do Amaral
Academia Sobralense de Estudos e Letras	Ata de fundação
Ata da Sessão Inaugural da Academia Sobralense de Estudos e Letras em 15 de novembro de 1944	
Relatório	Monsenhor Vicente Martins
Discurso	Prof. Raimundo Aristides Ribeiro
Discurso	Dr. João Ribeiro Ramos

Quadro 8 - Artigos e poesias publicadas no Boletim da ASEL

Pelo exposto acima, percebemos a diversidade de assuntos e de temáticas presentes no Boletim, por isso esse tipo de publicação, ao contrário do livro, que tem geralmente apenas um autor, é construída por grupos de autores, “que se reúnem a partir de um programa ou de uma linha de pensamento que ela se propõe”⁶²⁵, constituindo assim um importante espaço de interlocução entre os intelectuais e a sociedade mais geral, isso porque “a existência de uma sociabilidade, segundo Michel Trebitsch, é condição para a elaboração do próprio intelectual”⁶²⁶, assim, mais do que a publicização das ideias dos intelectuais da ASEL, a publicação do Boletim apontava para a construção de mais um espaço de sociabilidade na cidade. O programa defendido pelo Boletim, expresso no item *Surgindo*, texto de apresentação da publicação, aponta que o seu objetivo é manter “uma civilização que nos é própria, transmitida na serie ininterrupta dos tempos, pelos nossos antepassados, eterna na sua beleza e esplendor”⁶²⁷. Portanto, o programa do Boletim pretendia resguardar uma dada civilização supostamente vivida de forma ininterrupta no presente, mas construída por aqueles que seriam os antepassados dos “sobralenses”. A vontade era editar o Boletim no dia 7 de setembro, pois a ideia era marcar a “data gloriosa em que alvoreceu a

⁶²⁵ MONTEIRO, Evelyn Morgan. *A Revista: modernismo e identidade fluminense (1919-1923)*. Op. Cit. p. 29.

⁶²⁶ TRIBITSCH, Michel Apud. MONTEIRO, Evelyn Morgan. *A Revista: modernismo e identidade fluminense (1919-1923)*. Op. Cit. p. 32.

⁶²⁷ *Surgindo: Boletim da Academia Sobralense de Estudos e Letras*. ANO I Sobral (Ceará) – SETEMBRO, 1944, Nº 1, p. 1.

Independência da Pátria”, mas isso não aconteceu, pois o material foi apresentado finalizado apenas no dia 28 de outubro, apesar de manter em sua capa o mês de setembro. Em outra passagem da apresentação, é dito que o

Boletim, na sua modéstia, pretende ser uma legítima contribuição à obra de nossa cultura, entendida esta como um conjunto de idéias vivas, juízos e conceitos, tradições religiosas e morais, que nos orientam a vida de povo civilizado⁶²⁸.

O Boletim pretendia ser espaço de confirmação de que o “sobralense” era um povo civilizado, construtor de um conjunto básico de condições civilizadas, como a religião, no caso a Religião Católica e valores morais ligados ao patriotismo, por isso a invenção da data de 7 de setembro como sendo o dia de publicação da obra.

Outras questões importantes que devemos levantar são: como circulava, a quem se destinava e que relações mantinha com o mercado?⁶²⁹ Ao ser financiado pelos próprios acadêmicos, isso nos indica que o mesmo não foi comercializado, mas distribuído entre os sócios, portanto os membros da ASEL foram os maiores consumidores da obra. O Boletim não indica a tiragem, mas acreditamos que não tenha atingido 500 cópias, dada a dificuldade que temos em encontrar o material mesmo entre os acervos do Dr. Ribeiro Ramos e do Padre João Mendes Lira. Também não temos indicação do envio do Boletim para outras entidades literárias, apesar da Academia manter relação muito próxima com associações literárias localizadas no Rio Grande do Norte, especialmente em Mossoró, de quem a ASEL recebia regularmente materiais. Também não temos como avaliar o lugar que o Boletim ocupou na história longa da imprensa em Sobral. Acreditamos que o Boletim, fora do restrito círculo dos acadêmicos, não teve muita repercussão, uma vez que mesmo o Correio da Semana, veículo constantemente utilizado pelos membros da ASEL, não fez nenhuma menção a publicação do mesmo. O fato da biblioteca da Academia Cearense de Letras guardar uma cópia do Boletim e outra da Revista dá-se em decorrência de Dr. Ramos ter feito parte daquela Academia tendo certamente doado para sua biblioteca exemplares das mesmas.

⁶²⁸ Surgindo: Boletim da Academia Sobralense de Estudos e Letras. ANO I Sobral (Ceará) – SETEMBRO, 1944, Nº 1, p. 2.

⁶²⁹ Ver: LUCA, Tania Regina de. *Leitura, projetos e (RE)VISTA(S) do Brasil (1916-1944)* São Paulo: Editora UNESP, 2011. p. 2.

O Boletim tem em sua capa uma informação, logo abaixo do título, muito importante e que diz: Registrado no Departamento de Imprensa e Propaganda. Trata-se do DIP, que tinha como tarefa massificar a imagem do Estado Novo, combatendo qualquer pensamento contrário, ao mesmo tempo em que também procurava massificar a figura de Getúlio Vargas⁶³⁰. Essa informação certamente significa que o Boletim passou pelo crivo da censura antes de sua publicação. Mas diferentemente do Álbum do Centenário da cidade publicado em 1941, o Boletim não traz nenhuma referência direta a Getúlio Vargas. De qualquer modo, ao ter o Boletim atravessado pelo DIP, de algum modo estavam sendo filtrados os assuntos, postas as conveniências em prática e estabelecido os devidos limites sobre o que escrever naquele espaço.

Os títulos dos materiais publicados, “explicitam intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito dos projetos compartilhados pelos propugnadores”⁶³¹, nesse sentido alguns autores eram mais importantes do que outros, ou seja, encontramos ainda que sutilmente, uma hierarquia dentro do Boletim. Quem abre o Boletim é o Dr. José Sabóia de Albuquerque que em seu texto, presta uma homenagem a “glória de um parente ilustre”, como escreve, no caso o médico Vicente Candido Figueira de Saboia, o Visconde de Sabóia. Dr. José Sabóia era a figura mais conhecida da cidade junto com o bispo Dom José e acreditamos que, a exemplo do que havia feito com a Escola a qual levou o nome de seu pai, e eram quem pagava os professores de seu próprio bolso, sua participação financeira tenha sido muito importante para a publicação do Boletim.

O Monsenhor Vicente Martins publicou dois trabalhos, um sobre estudos de literaturas, em que trata na verdade de comentários sobre uma obra publicada pela editora Vozes, que tinha como título *Alguns Estudos de Literaturas Estrangeiras*, de autoria de Mesquita Pimentel, em que passa em revista autores díspares como São Boaventura, Taine, Stendhal, Stuart Mill, Spencer, entre outros. O outro texto do Monsenhor, também são comentários sobre outra obra, essa de autoria do Padre Leonel França, que tinha como título *A Crise do Mundo Moderno*, em que o autor, segundo o Monsenhor, “indica, explana, analisa com lógica irresistível, as causas, os efeitos, os males, os agentes da grande degenerescência mundial”. O Dr. João Ribeiro Ramos também tem dois trabalhos publicados, sendo um deles uma homenagem ao Monsenhor

⁶³⁰ Ver: GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. VELLOSO, Mônica Pimentel. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.

⁶³¹ LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (RE)VISTA(S) do Brasil (1916-1944)*. *Op. Cit.* p. 2.

Fortunato Alves Linhares e o outro, um discurso de recepção a novos acadêmicos em setembro de 1944, discurso que analisaremos mais adiante. Outro texto importante foi publicado pelo Monsenhor Fortunato Alves Linhares, intitulado *Apontamentos para a História e Corografia do Município e Cidade de Sobral*, sendo o texto mais alentado da revista, e que servirá de base para a publicação de seu livro sobre História de Sobral, em 1945. A intenção dessa publicação, que abarcava outros assuntos, como astronomia, o ensino religioso na escola primária, biografias, era abrigar “ensaios sobre temas variados”, mas não apenas isso, tinha como “intuito discutir os grandes problemas nacionais e apontar caminhos para solucioná-los”⁶³².

O Boletim da ASEL publicado dentro de um espectro complexo e de certo modo envolvente pretendia apresentar à cidade a Academia, procurava ao mesmo tempo entrar em sintonia com os grandes problemas do período, propondo, compondo ideias, apontando caminhos para reflexão e estabelecendo ao mesmo tempo o teor programático da Academia, que oscilava entre o respeito aos princípios católicos de moralidade, procurar por mesclar os valores da nacionalidade e da municipalidade. E é exatamente em suas páginas que encontramos o único relatório sobre as atividades acadêmicas até pelo menos a década de 1960.

O relatório lido por Monsenhor Vicente Martins na sessão do dia 7 de setembro de 1944 e transcrito integralmente no Boletim da ASEL publicado no mesmo ano, procurava dar conta do que havia ocorrido na Academia a partir mesmo do que os Estatutos procuraram estabelecer para aquele sodalício. O objetivo do Monsenhor, portanto, foi mostrar até onde a sua presidência cumpriu com o que estabeleciam os Estatutos. O documento é o único existente sobre as atividades da Academia durante uma gestão daquela associação de letrados durante seus primeiros anos de existência, de modo que estamos diante de um documento, apesar de vago, muito importante para o entendimento, na perspectiva do Monsenhor, da existência da Academia dentro daquilo que seriam as tradições letradas de Sobral, reforçando as estratégias que foram utilizadas para criar a ASEL, as exclusões ocorridas e os novos membros, questões que já foram tratadas por nós; portanto, esse relatório foi muito significativo naquela sessão, pois apontava os rumos da Academia naquele momento.

⁶³² LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (RE)VISTA(S) do Brasil (1916-1944)*. Op. Cit. p. 4.

A escolha do lema de sua gestão – *União e Trabalho* –, que não aparece em nenhuma das atas de que dispomos, de certa forma quer se condensar com a frase de sua autoria que utilizamos quando analisamos a sua biografia: “Prefiro morrer nos braços da Academia, a vê-la morrer em meus braços”. Durante todos os anos em que ficou à frente da presidência da ASEL, Monsenhor Vicente Martins se dedicou e procurou unir e trabalhar em prol daquele sodalício, pelo menos assim quer fazer crer.

É possível compreender nas ações do Monsenhor com relação a Academia que até certo ponto ele acreditava na escrita, na “literatura [como] uma maneira de ser da Pátria”⁶³³. Mesmo que precisemos relativizar, como já estamos fazendo, que a ASEL muito mais do que lugar da prática literária, seria o lugar da prática da história, de uma história como instância pedagógica da nacionalidade, já que:

De acordo com Bann (...) o “surgimento mítico de uma preocupação histórica” que funciona como uma “nebulosa” e “penetrante presença da história” e se infiltrou através de um “número quase infinito de instituições e representações nos dias de hoje (...)”. O surgimento mítico de uma preocupação histórica ocorre desde a construção do Estado Nacional e se estende às primeiras décadas da República (...)⁶³⁴

Por certo podemos considerar a produção histórica da Academia na perspectiva realmente do “surgimento mítico de uma preocupação histórica”, enquanto essa produção volta-se impreterivelmente para as origens, para a sua fundação, para a busca legitimada do que era considerado o “marco inicial” do que seria a civilização sobralense. A partir de então a “penetrante presença da história” pairava como uma nebulosa sobre as atividades intelectuais da Academia, pois nesse sentido “estava em pauta o passado exemplar, a ser usado pelo presente como fonte de inspiração”⁶³⁵. Certo passado, como uma “idade do ouro” era utilizado pelos intelectuais da Academia não simplesmente para negar o presente, mas para justificar principalmente todas as possibilidades de distinção daquela sociedade de letrados.

Em seu discurso Monsenhor Vicente Martins considera a sua reeleição para mais um ano à frente dos destinos da ASEL:

⁶³³ MAGALHÃES, Valentim. Apud. RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras*. *Op. Cit.* P. 87.

⁶³⁴ FERREIRA, Antonio Celso. *Heróis e vanguardistas, romance e história: os intelectuais modernistas de São Paulo e a construção de uma identidade regional*. IN: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Escrita, linguagem, objetos. Leituras de história cultural*. São Paulo: EDUSC, 2004. p. 82.

⁶³⁵ RAMOS, Francisco Regis Lopes. *Passado sedutor: a história do Ceará entre o fato e a fábula*. IN: FILHO, João Ernani Furtado. RIOS, Kênia Sousa. (Orgs) *Em tempo. História, memória, educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária.UFC, 2008. p. 281.

Reeleito por mais um ano, com surpresa minha, para presidir os destinos desta sociedade de cultura, agradeço muito de coração a alta distinção que me é confiada, somente justificada pela encendrada benevolência dos Srs. Academicos, pois me sinto falto de predicados e quasi desfalecido para as responsabilidades de tão elevada investidura⁶³⁶.

A estratégia retórica é a mesma e acompanha todo o seu discurso: reconhecer sua incompetência, sua falta de predicados, ou em outras palavras, ao reconhecer sua inaptidão para o cargo, ele utiliza um vocabulário que ao mesmo tempo o coloca numa posição de se reconhecer como portador de tão “elevada investidura”, de modo que seu objetivo é o *persuadere* e o *bene dicere*, é persuadir, é bem dizer, carreando para o seu discurso todas as expectativas da Academia que, segundo ele, teriam sido cumpridas. Monsenhor menciona a criação da revista da ASEL, engano seu, pois foi criado a princípio o Boletim, mas não menciona o fato de que o Boletim foi publicado sem o nome de um dos componentes da Comissão de Redação, no caso o professor Antonio Ferreira Porto, o que gerou um mal estar entre os acadêmicos, já que Monsenhor Vicente Martins era o principal responsável por essa comissão⁶³⁷. Menciona ainda a criação também da Biblioteca. E em seguida finaliza o seu discurso do seguinte modo:

A todos os nossos consócios, a todos que aspiram uma vida longa de realidades e benefícios, de operosidade, de desenvolvimento e progresso, a esta corporação de letras, nossas congratulações. E continue a ser para todos nós, para nós que convivemos, *para nós que laboramos no ambiente de luz desta casa de estudos e letras*, o nosso único dilema, a nossa divisa perene – Unio et Labor – União e Trabalho – para pelo intercambio das idéias, pela confraternização de nossos esforços em prol do nosso interesse social, que é a vida longa, palpitante, dinâmica, progressiva da Academia; e *possamos no dizer do poeta latino, erigir um monumento mais resistente que o mármore, um monumento que passe a geração vindoura. – Exegi monumentum aere perennius.*⁶³⁸ (Grifos nosso)

O relatório do Monsenhor, bastante sucinto, tenta afinar ainda mais o movimento de reconhecimento de Sobral como possível ambiente de luz, como um lugar de estudos e letras. Assim, a cidade letrada procura a sintonia com tradições letradas que o autor

⁶³⁶ COSTA, Monsenhor Vicente Martins da. *Relatório da Academia Sobralense de Estudos e Letras (1943)*. Op. Cit. p. 51.

⁶³⁷ Essa falha na impressão do Boletim, com a ausência do nome do professor Antonio Ferreira Porto motivou uma reunião da Academia no dia 24 de junho de 1945, em que o professor Raimundo Aristides Ribeiro propôs novas diretrizes para a Comissão de Redação do Boletim, como por exemplo, “Que os artigos, de modo geral, não excedam de cinco a seis páginas, salvo juízo da Comissão de Redação, com casos particulares”, estabelecendo de maneira mais clara, segundo ele, do seguinte modo: “a) obter dos acadêmicos as suas colaborações; b) fazer a revisão; c) angariar anúncios; d) distribuir a Revista”.

⁶³⁸ COSTA, Monsenhor Vicente Martins da. *Relatório da Academia Sobralense de Estudos e Letras (1943)*. Op. Cit. p. 52.

enxerga como parte constitutiva do ambiente da Academia, que ele não esclarece, compondo a idealização de sua suposta perenidade, não por outra razão, o lema da ASEL, como já vimos, retirado de uma Ode de Horácio – “*Exegi monumentum aere perennius*” –, procura celebrar a sua própria operosidade, o seu trabalho de construção da cidade letrada como “um monumento mais resistente que o mármore”. Nesse sentido podemos compreender também a data de 7 de setembro como “um monumento mais resistente que o mármore”, a repercutir em uníssono com o lema da ASEL, fazendo com que o discurso efetivado fosse redistribuído “por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório”⁶³⁹. Esses procedimentos abarcam discursos, escritas, rituais, que se configuram em sessões e reuniões da Academia, em discursos de recepção de novos sócios e homenagens a personagens da história.

Mas o procedimento mais efetivo é aquele que procura fazer da história local um acúmulo de saber que justificaria a existência da própria Academia, num movimento cíclico de desvendamento da história da ASEL como sendo a história de Sobral. Aqui, o discurso sobre a história da cidade precisa ser entendido numa perspectiva do modo como “é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído”.⁶⁴⁰ Os caminhos são quase sempre tortuosos e o império da letra funda o “mito de origem”, conduz o passado da cidade à página insistente da sua própria infalibilidade. Os intelectuais atribuem ao passado o lugar valorizado que precisa ser distribuído e repartido. Por isso não temos dúvidas de que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”⁶⁴¹. Como está sendo compreendido até aqui, tudo o que é dito, é dito sempre de novo, de modo que o que é novo realmente não é o que está sendo dito, mas *naturalmente* o que há de novo no acontecimento que retorna. E o que retorna é a virtualidade do núcleo civilizador da Ribeira do Acaraú. O que retorna é o princípio de que a cidade letrada se alcança no acontecimento que volta, ou melhor, no acontecimento que se volta sobre si mesmo: é a Vila Distinta e Real que retorna e retoma constantemente o seu caminho do passado para o presente e do presente para o futuro, procurando consagrar assim a cidade culta. Por isso reconhecemos que:

o que está em jogo é a relação do presente com o passado, uma interrogação que busca redefinir o sentido das experiências passadas

⁶³⁹ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. *Op. Cit.* p. 9.

⁶⁴⁰ *Ibidem.* p. 17.

⁶⁴¹ *Ibidem.* p. 26.

para os homens do presente; uma questão cujos desdobramentos são fundamentais para constituir um campo de investigação (...)⁶⁴²

Naquela sessão solene do dia 7 de setembro, além do relatório do Monsenhor Vicente Martins, dois outros acadêmicos discursaram: o primeiro orador foi o professor Raimundo Aristides Ribeiro, que tratou da “data magna” da Independência e do aniversário da ASEL, que analisaremos na sequência. O segundo orador foi o Dr. Ribeiro Ramos, que fez discurso de recepção aos neoacadêmicos, como também veremos. Analisar tais discursos é uma forma privilegiada de entendimento da forma como essas reuniões ocorriam e ao mesmo tempo, um modo de entendimento daqueles discursos como sendo os mecanismos de tentativa de interação entre passado e presente, e entre os acadêmicos propriamente e o público presente nas sessões. Mas o que entendemos por discurso no âmbito das práticas acadêmicas? Assim, a princípio precisamos pensar que:

Fazer aparecer, em sua pureza, o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-los em um isolamento que nada poderia superar: não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever, nele e fora dele, jogos de relações⁶⁴³.

Nossa tarefa será, ao analisar os discursos dos acadêmicos, compreendê-los em sua relação com outros discursos intelectuais e dentro das expectativas e aspirações do Estado Novo, mas também tentar acenar para especificidades desses discursos quando inseridos inserido nas construções e invenções da cidade letrada, nesse sentido, não poderemos fugir da redundância, ou seja, da repetição, e nesse caso, “A repetição aparece, pois, como uma diferença”⁶⁴⁴, quer dizer, quanto mais se repete o discurso que inventa a cidade letrada e seus agentes, mais ele procura construir a história de uma cidade diferente, distinta, que quer ser pioneira em várias frentes, entre elas, a de ser uma cidade intelectual. Pensa-se aqui no acaso do discurso que joga em nome de uma identidade que teria como forma a repetição do mesmo⁶⁴⁵. Essa identidade, ou essa tentativa de se construir uma identidade homogênea e virtual, a partir das mesmas bases, de modo a “fornecer um quadro de referências e de postos de referência”, sendo capaz de produzir um “enquadramento”, quer dizer, referências construídas ou inventadas em

⁶⁴² GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Reinventando a tradição*. Op. Cit. p. 51.

⁶⁴³ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Op. Cit. p. 35.

⁶⁴⁴ DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Op. Cit. p. 38.

⁶⁴⁵ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Op. Cit. p. 29.

perspectivas históricas.⁶⁴⁶ Assim, possuir uma determinada identidade é fazer parte de uma dada história. Os discursos tratados nesse item apontam para um “enquadramento” em torno da história local, de suas memórias, acontecimentos, de modo a constituir “sentimentos de filiação e de origem”⁶⁴⁷, como veremos na sequência.

3 – A INDEPENDÊNCIA NACIONAL E O ANIVERSÁRIO DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS

Trataremos a partir de agora do discurso do acadêmico e professor Raimundo Aristides Ribeiro, texto também impresso no Boletim da ASEL de 1944.

A estratégia retórica utilizada pelo professor é a mesma concebida por Monsenhor Vicente Martins quando faz menção a escolha de seu nome para a presidência da ASEL: a retórica da humildade. Por isso é bastante enfático no começo de sua fala:

Alguém já disse que dentre as glórias da coletividade cabe, no mais das vezes, ao mais fraco contribuinte de seus êxitos e vitórias, a incumbência de manifestar os elevados sentimentos de seus companheiros de ideais. É bem esta mais uma das muitas repetições desse capricho do destino, a que me transforma em orador improvisado desta efeméride, cuja comemoração cala profundo na alma nacional, e tem para nós da Academia Sobralense de Estudos e Letras uma outra significação, e esta também muito nossa, qual a de celebrarmos o 1º aniversário de fundação da nossa sociedade literária e cultural⁶⁴⁸.

É assim, como o mais humilde dos intelectuais que o professor Raimundo Aristides Ribeiro inicia o seu discurso e ao mesmo tempo confirma o seu lugar como intelectual da Academia, enquanto se vê como responsável também pelos “êxitos e vitórias” da ASEL. Diz que por capricho do destino foi transformado em “orador improvisado desta efeméride, cuja comemoração cala profundamente na alma nacional”, o que causa estranheza em nós, pelo fato de que os oradores de uma sessão

⁶⁴⁶ POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 9.

⁶⁴⁷ POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. Op. Cit. p. 10.

⁶⁴⁸ RIBEIRO, Raimundo Aristides. *Discurso por ocasião da sessão magna com que a Academia Sobralense de Estudos e Letras comemorou o Dia da Pátria e o 1º aniversário de sua fundação*. In: Boletim da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Ano I – Sobral (Ceará)- Setembro 1944 – NUM. 1. p. 51.

ou reunião eram sempre escolhidos na sessão anterior. Nós não temos nenhuma ata que aponta essa escolha, pois a ata anterior à sessão solene do dia 7 de setembro trata da segunda convocação dos acadêmicos para a eleição da Diretoria da ASEL para o ano de 1944 a 1945, realizada no dia 27 de agosto de 1944. A data estabelece uma comemoração especial, pois nesse sentido “comemorar significa (...) reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade”.⁶⁴⁹ Por outro lado, reconhecemos também que o professor Mauricio Mamede Moreira, secretário da Academia e autor das atas, certamente, como suspeitamos, escrevia as atas *a posteriori*, o que justificaria a naturalidade com que o nome do professor Raimundo Ribeiro constava na ata daquele dia. Ou seja, ao escrever a ata depois do evento, o evento em si mesmo foi naturalizado, uma vez que da forma como está escrito poderíamos ser levados a pensar que tudo ocorreu como já havia sido planejado. O professor Raimundo Ribeiro reforça ainda a importância da data para a própria Academia, pelo fato da mesma ter sido fundada no dia 7 de setembro. Ao continuar seu discurso, o professor segue o mesmo ritmo e a mesma retórica:

É dupla, portanto, meus Srs., a missão do pobre artífice da palavra que ousa aparecer-vos pela frente, e desta tribuna tenta safar-se da incumbência que lhe for imposta, a qual, na verdade, significando um gesto de comovedora bondade de meus ilustres confrades, trouxe-me, eu vo-lo confesso, com o atordoamento de uma surpresa, o conforto de um estímulo.⁶⁵⁰

Vemos assim que o professor mesmo tentando escapar ao desafio do discurso naquela solenidade, continua a marcar seu lugar de intelectual, e dessa forma essa qualidade ele não quer esconder nem abandona, pois se reconhece como um “artífice da palavra”, ainda que pobre. Esse artífice da palavra é que galvaniza o seu discurso insinuando que não sabe sabendo muito bem o que estava dizendo. E o que estava dizendo era que aos intelectuais cabia ser o lume, ser “os representantes das novas idéias de acordo com o espírito da época, a indicar o único caminho seguro para a sobrevivência e o futuro do país”⁶⁵¹, de modo que ainda que o professor começasse o seu discurso despretensiosamente, ele sabia muito claramente para onde o seu discurso deveria convergir, quais objetivos atingir e, acima de tudo isso, ele sabia para quem

⁶⁴⁹ SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”- comemoração: as utilizações sociais da memória. *Op. Cit.* P. 432.

⁶⁵⁰ RIBEIRO, Raimundo Aristides. *Discurso.* *Op. Cit.* P. 52.

⁶⁵¹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão.* *Op. Cit.* p. 82.

estava falando naquele dia e naquele lugar. Cada sessão solene da Academia, era uma performance, um ato de encenação pública, ou para citarmos Alessandra El Far, era uma “encenação da Imortalidade”.

Mas a Academia não deixou de realizar, no entanto, sessões solenes principalmente em homenagem a sócios falecidos, pois “evocar a imortalidade de seus integrantes” era, em nossa análise, garantir um de seus papéis principais no cultivo das letras, ou das *belas letras*, como era entendida essa prática, mas principalmente a garantia de que o acadêmico da ASEL era revestido de um bem simbólico que o fazia antes de ser patriota, ser sobralense, antes de ser universal, ser municipal. Sobre a aposição de placas em homenagem a sobralenses considerados ilustres, temos que:

A aposição de placas em residências de sobralenses ilustres já falecidos, representados por D. José Tupynambá da Frota. Local: rua Domingos Olímpio, 235. Presentes as autoridades locais, representantes do povo na Câmara Federal, na Assembleia do Estado e na Câmara Municipal, familiares do grande 1º Bispo da Diocese, e numerosos convidados. A oração oficial, proferida pelo Dr. José Gerardo Frota Parente, sobrinho do ilustre morto foi uma peça oratória de finíssimo lavor. Rápido e lindo o discurso da jovem professora, Sra. Terezinha Frota Lopes, externando os sentimentos da família. (...) A placa, coberta pela Bandeira do Município de Sobral, foi descerrada, entre aplausos, pelos Srs. Prefeito José Parente Prado, Deputado Federal Parsifal Barroso e Manuel Rodrigues e Dr. José Gerardo Frota Parente, e contem os seguintes dizeres gravados no bronze: “Nesta casa nasceu a 10-09-1882 D. José Tupynambá da Frota, 1º Bispo desta Diocese. Sobral, 2 de julho de 1973. Ano do Bicentenário de Vila (...)”⁶⁵².

Quem caminhar pelas ruas mais centrais da cidade de Sobral pode ficar surpreendido com o número de placas presentes em vários imóveis. A referência a placa em homenagem a Dom José acima, apenas anuncia uma prática que teve vida longa entre as atividades da ASEL. Encontramos desse modo, placas em homenagem a Domingos Olímpio, Dr. Clodoveu de Arruda Coelho, Dom Tomé Silva, arcebispo primaz do Brasil, Dr. José Sabóia, inclusive uma placa em homenagem ao nascimento do jornalista Deolindo Barreto. O que fica dito aqui é que a ASEL procurou produzir no espaço urbano, os seus “lugares de memória”, querendo assim representar mais uma narrativa biográfica e monumental em forma de placas sobre aqueles que ela considerava importantes para contar a história intelectual da própria Academia e da cidade.

⁶⁵² Álbum do Bi-Centenário da Vila Distinta e Real de Sobral. Caderno 7, 1973. p. 471.

O professor continua seu discurso e trata logo de considerar uma questão vital para ele como acadêmico, e que marca a própria vida daqueles intelectuais, a partir da proposta da Academia como lugar de memória, conforme segue:

Senhores, *o culto da tradição* é um elemento dos mais fecundos para a vida das nacionalidades. Honram-se os povos que se inclinam reverentes perante *as suas memórias mais gloriosas e os seus feitos mais insignes*, e deles colhem *alentos e brios* para suas lutas mais trabalhosas, e para suas mais acerbas provocações⁶⁵³. (Grifos nosso)

Sem dúvida que a ASEL se coloca como lugar de memória não apenas de uma pretensa nacionalidade, de uma possível e reverente Pátria, mas quer se elevar também à condição de guardião da memória da *municipalidade*, e é exatamente essa posição que faz com que a história da cidade seja colocada sempre como um “horizonte de expectativas”, como um “passado que pressente um futuro”. Apesar de o professor Raimundo Ribeiro convocar seus pares para “o culto da tradição” como um dos elementos “mais fecundos para a vida das nacionalidades”, o que de fato estava sendo dito naquela tarde do dia 7 de setembro, era que a tradição deveria começar “em casa”, ou seja, que se deveria tratar das tradições locais porque eram elas que determinavam aquele momento, aquela solenidade, aquela encenação, por isso deveria voltar-se para “as suas memórias mais gloriosas e os seus feitos mais insignes”, por isso era preciso pensar numa repetição, numa “saturação de significados”, como o efeito de busca de uma reafirmação, da ideia de certa plenitude que revolvida do passado, assumiria no presente um legado considerado imprescindível e inequívoco. Por legado podemos compreender uma combinação de temporalidades, que implicaria a construção e atualização no presente daquilo que representaria certo conteúdo relativo ao passado, bem como a necessidade de se afirmar esse legado em sua perspectiva de futuro⁶⁵⁴.

Entendemos também essa constante reafirmação como a afirmação de uma *mitologia*, entendida por nós na perspectiva de Barthes, como uma sentença repetida e recolocada que se presentifica em demasia⁶⁵⁵. Com relação a tradição, pedra de toque do discurso do professor Raimundo Ribeiro, entendemos que:

Tradição não se confunde com pura conservação ou continuidade de valores imutáveis; deve antes se conceber como movimento de

⁶⁵³ RIBEIRO, Raimundo Aristides. *Discurso. Op. Cit.* p. 52.

⁶⁵⁴ HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo. A construção do legado de Darcy Ribeiro. Op. Cit.* p. 88.

⁶⁵⁵ Ver: BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993.

reatualização constante, como sucessão de atos de ressignificação que garantem a atualidade dos bens culturais recebidos passados⁶⁵⁶.

A tradição é que liga passado e presente, mas nos perguntamos sobre o que os acadêmicos entendiam como “bens culturais recebidos passados”? O que se recebe é uma pretensa tradição pelo menos simbolicamente cristalizada e presente nas ações desses intelectuais da cidade. Por isso não estamos tratando aqui do sentido de tradição exposta por Homi Bhabha, quando enfatiza que “o reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição”, e conclui dizendo que “esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição “recebida”⁶⁵⁷. Isso porque para os intelectuais da ASEL a tradição ressignificada e reatualizada não era uma forma parcial de identificação, mas antes, uma forma total de identidade, porque ser “sobralense”, nesse sentido, era ser possuidor de uma “identidade original”, considerada basicamente única.

O discurso do professor continua noutra passagem a fazer referência a outra tradição, e como exemplo cita “essa França, a civilizadora do mundo moderno, a pátria do gosto, a mãe espiritual do orbe latino, hoje tão humilhada, tão espoliada”, que para ele, como podemos constatar, sofre por abandonar suas tradições civilizadoras, “aquele complexo de virtudes cívicas, que sempre constituiu o apanágio da grande nação gaulesa”, assumindo aqui como natural também a mitologia fundadora do povo francês. Não podemos nos esquecer de que em Sobral “a imitação do modelo francês é muito evidente. Os sobralenses ergueram um arco, cópia acanhada do Arco do Triunfo de Paris, para celebrar sua devoção por Nossa Senhora”, além de atribuir “às suas avenidas mais largas o tratamento de *boulevard* e dão aos seus filhos nomes de personagens famosos da história francesa”⁶⁵⁸, desse modo o discurso enfatiza que:

São, portanto, as tradições enaltecidas pela honra e pelo valor, a escola austera que, revigorando o espírito das nacionalidades, as encaminha e ampara, quando sobre sua frente abatida se desdobram a sombra da decadência ou as escurezas da adversidade. E é por esta razão, Srs. para trazermos o preito de nossa vassalagem cívica à ara sacrossanta da História Pátria, que aqui nos encontramos, por entre as aleluias da

⁶⁵⁶ LACERDA, Sonia. KIRSCHNER, Tereza Cristina. *Tradição intelectual e espaço historiográfico ou porque dar atenção aos textos clássicos*. IN: LOPES, Marcos Antonio (Org.) *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. P. 34.

⁶⁵⁷ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. *Op. Cit.* p. 21.

⁶⁵⁸ COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e cultura das elites sobralenses*. *Op. Cit.* p. 11.

nossa maior data nacional, evocando do passado, para bendizermos, os nomes dos grandes pioneiros das nossas conquistas imorredouras⁶⁵⁹.

Está dito acima que as tradições são a marca da história de modo que a nação inventada é pensada como elemento fundamental de base para a existência da própria tradição. Tradição aparece assim como o sentimento e significado máximo da pátria, que do contrário, não existiria. Por isso a vassalagem cívica à interjeição sacrossanta da História Pátria, que é pensada assim numa condição de sacralidade, portanto, a priori, indiscutível e inviolável. Pátria seria sinônimo de *santidade*, por isso ser patriota equivaleria a ser uma espécie de “santo secular”. Mas precisamos pensar ainda o discurso do professor Raimundo Ribeiro e praticamente todos os discursos que encorpam a vida intelectual da ASEL nas perspectivas abertas pelo Estado Novo que se tornou artífice de uma dada forma de pensar historicamente a nação, pois:

A formulação de uma identidade pelo Estado exigiu que se pensasse o país historicamente e conduziu à proposição de uma “cultura histórica” como elemento fundamental de comunicação e coesão da sociedade (...). O “lugar da história” e, especialmente, da história do Brasil em nossa sociedade não mais seria o mesmo após o Estado Novo (...), orientando a produção de compêndios e propondo/impondo um “modelo” do que era a história e do que era ser historiador, o Estado Novo deixou marcas ainda reconhecíveis⁶⁶⁰.

Mesmo pensando a nação numa conjugação de sacralidade e tradição, o curioso é que apesar do discurso do professor literalmente professar essa espécie de “santidade”, só encontramos os “fundamentos religiosos” dessa sacralidade na história de Sobral e não na história nacional. Reconhecemos ainda no sentido da citação acima, que os intelectuais da ASEL devem ser tratados como “integrantes de um sistema de posições, que foram “oferecidas” por certa configuração do campo intelectual de uma época, campo que se “autonomiza”, mas que mantém sempre relações com o poder”⁶⁶¹, de modo que em Sobral os ideais do Estado Novo, apesar da oposição que foi travada pelo Dr. José Sabóia, como já vimos, de certo modo se fortaleciam e se revigoravam na seara da Academia, pelo menos na perspectiva de construção de uma cultura histórica que reverberava em todas as produções da ASEL, mesmo que tenhamos bastante dificuldade “para especificar o que constitui a contribuição historiográfica acumulada até inícios dos anos 40 (...) já que as distinções disciplinares não eram claras, sendo elas produto

⁶⁵⁹ RIBEIRO, Raimundo Aristides. *Discurso. Op. Cit.* p. 52.

⁶⁶⁰ GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores. Op. Cit.* p. 208.

⁶⁶¹ *Ibidem.* p. 42.

quer de intercessões, quer da busca do estabelecimento de fronteiras”⁶⁶². Não por outra razão os temas tratados tanto no Boletim (1944) quanto na Revista (1946) eram bastante diversos, como já vimos. Quando enfatizamos que os intelectuais da ASEL gravitavam num campo de força produzido pelo Estado Novo, estamos querendo evidenciar a força da “orientação de um regime que investe em projeto cultural ambicioso e requintado e cujo modelo de intelectual é do homem engajado com as lutas de seu tempo”⁶⁶³, por isso muitos intelectuais da Academia também escreviam em jornais locais, como já vimos, especialmente no jornal diocesano, o Correio da Semana, com colunas que discutiam o cotidiano da cidade, os acontecimentos mais gerais e também os acontecimentos internacionais mais sugestivos.

Retornando ao discurso do professor, em sua segunda parte ele abre espaço para referendar a Academia que estava aniversariando também naquela data. Por isso nos diz de forma até contundente sobre os objetivos da instituição naquele contexto:

(...) eu quero repetir o que já disse alhures no tocante à fundação desta sociedade, *ainda quase desconhecida em nosso meio social*. É mister que se diga àqueles que nos honram com sua presença, que a *fundação desta sociedade de estudos e letras não tem a pretensão de indigitar seus membros como paladinos da ciência, nem como defensores das fontes do gênio ático nas letras, na poesia e nas artes; assim como escapa-nos o fito de atrair sobre nós as atenções do mundo literário*.

É bem mais modesta a nossa finalidade! *Visamos apenas um congrassamento de ideais, a criação de uma atmosfera espiritual mais elevada, acima do terra-terra das nossas ocupações habituais, afim de que, numa época como esta, que prima por um utilitarismo egoísta e calculado, transformemos este sodalício literário e cultural numa fuga às canseiras da vida cotidiana, e, onde possamos, em fim, repetir como o cantor da Eneida: Paulo maiora canamus*⁶⁶⁴. (Grifos nosso)

As passagens destacadas na citação acima apontam para algumas questões muito interessantes e curiosas. O professor Raimundo Ribeiro confessa sobre a ASEL, que a mesma é praticamente “ainda quase desconhecida em nosso meio social”, e essa sua constatação a princípio poderia se chocar com o discurso que geralmente a Academia tinha de si mesma. A questão é que naquela solenidade cívica, com um número considerável de pessoas, foi dito para quem quisesse ouvir, que a ASEL era praticamente desconhecida na cidade, que a sociedade que frequentava comumente

⁶⁶²GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Op. Cit. p. 75.

⁶⁶³GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Op. Cit. p. 77.

⁶⁶⁴RIBEIRO, Raimundo Aristides. *Discurso*. Op. Cit. p. 53.

aquele tipo de reunião, de fato tinha pouco conhecimento sobre a mesma. Então por que participava das sessões? Talvez porque as sessões eram muito mais eventos sociais do que culturais. Isso parece contraditório, mas se pararmos um pouco e analisarmos um pouco mais a situação chegaremos a conclusão que possivelmente a participação do público naquelas sessões, ocorria também devido a tradição do local – o *Palace Club* –, que rotineiramente reunia a elite sobralense para algum tipo de festa ou comemoração. Essa hipótese à primeira vista simplista, na verdade aponta para o principal espaço de lazer da cidade, para o clube mais elegante da região norte do Ceará, que “durante cinquenta anos (...) movimentou a sociedade sobralense com requintadas festas, apresentações de cantores líricos, recitais, *shows* e festivais”⁶⁶⁵, e não por outra razão, foi no *Palace Club* que o Vice-Consul americano Mrs. Godfrey foi recepcionado quando de sua visita à cidade em 1952 com a presença de muitos acadêmicos.

A dúvida que surge é se esse discurso do professor Raimundo Ribeiro corresponderia ao discurso daquele sodalício, ou melhor, da diretoria da Academia, uma vez que os Estatutos da mesma estabeleciam como objetivo incentivar as atividades culturais em todos os aspectos na conjuntura da cidade. Para o professor a finalidade da ASEL seria outra, ou seja, era bem mais humilde, pois segundo ele, “Visamos apenas um congrassamento de ideais, a criação de uma atmosfera espiritual mais elevada, acima do terra-terra das nossas ocupações habituais”, o que para ele correspondia a transformar a ASEL numa espécie de “fuga às canseiras da vida cotidiana (...)”

Portanto, seu discurso aponta para uma Academia que não teria como tarefa produzir conhecimento, saber, poesia e muito menos atrair as atenções do mundo literário, mas sim servir de entretenimento, descanso. Aqui, talvez reconheçamos a distância que se levanta entre aquilo que prescreviam os Estatutos, e o terra-terra da Academia. Por outro lado, percebemos que na fala do professor a literatura e a própria atividade literária da instituição, é uma tarefa que se coloca como fuga ao cotidiano, como evasão. Outro dado da passagem acima prende-se a perspectiva de literatura entendida por ele como um atividade para as horas vagas, para fugir “as canseiras da vida cotidiana”, sendo uma forma diletante de se relacionar com a vida. O objetivo principal da Academia em sua ótica seria, portanto, juntar os ideais, criar uma atmosfera espiritual mais elevada. Aqui vale refletir também sobre o que não está dito nas palavras

⁶⁶⁵GIRÃO, Glória Giovana S. Mont’Alverne; SOARES, Maria Norma Maia. *Sobral história e vida*. Op. Cit. p. 87.

do professor, uma vez que entendemos que essa passagem de seu discurso estabelece claramente o lugar – ainda que seja um lugar praticamente desconhecido em sua ótica – da Academia no contexto da cidade, representado pela intelectualidade dos membros da ASEL a se distanciarem da “perplexidade do iletrado”. O cotidiano é visto por ele como algo negativo, como um espaço de repetição que não combinaria com “uma atmosfera espiritual mais elevada”. Assim é que o professor, seguindo a “tradição de distinção” da cidade, recoloca a história de Sobral no centro da Academia:

Meus senhores! Não se pode dizer que os sobralenses vivem mergulhados numa *penumbra intelectual*. Não lhe faltam, por certo, *dotes de espírito, e de quando em quando se manifesta o seu bom gosto pelas belas letras*. Aliás, *Sobral tem um passado que fala bem mais alto do que esta minha afirmativa*. Faltava-nos aqui principalmente o estímulo, Srs., o estímulo vivificador, a emulação – fermento de heróis, no sentir do poeta grego. E foi o que procurávamos e encontramos neste convívio, e é o que precisamos cultivar com afã, afim de *podermos garantir a estabilidade de uma sociedade*, exposta como esta, a tantas causas de desânimo, de dispersão e de indiferentismo. De maneira que *a fundação da Academia Sobralense de Estudos e Letras foi uma lacuna que se preencheu*, mais uma vitória do domínio da inteligência, e um complemento para Sobral, que possui foros de *cidade culta*. (Grifos nosso)⁶⁶⁶

Nos perguntamos qual o vazio que a Academia veio preencher e cogitamos que o discurso do professor na verdade colocava em ação uma retórica que, ao enfatizar que a Academia preenchia uma lacuna, ao mesmo tempo afirmava o valor intelectual da cidade e também a *missão* da ASEL, que seria “um complemento para Sobral, que possui foros de cidade culta”. Assim, a Academia vislumbraria no cenário da cidade uma falta, uma lacuna que poderia ser preenchida por suas atividades. O passado seria lugar de estabilidade para Sobral, é o que reforça o professor. Chama-nos atenção ainda na citação o fato do professor salientar que em Sobral “de quando em quando se manifesta o seu bom gosto pelas belas letras”, ou seja, gostar das “belas letras” era resultado de situações que ocorriam não rotineiramente, mas “de quando em quando”, pois a rotina, como deixou claro, seria negativa e improdutiva, por isso as letras eram uma prática excepcional e rara em sua perspectiva.

O professor cita de maneira específica a sociedade, que nós entendemos como a sociedade de intelectuais sobralenses, que estaria exposta “a tantas causas de desânimo,

⁶⁶⁶ RIBEIRO, Raimundo Aristides. *Discurso. Op. Cit.* p. 53.

de dispersão e de indiferentismo”, constatação que se repete como a exigir daqueles intelectuais uma “solução”. Cogitamos que todos os discursos pronunciados com essa perspectiva de desânimo, indiferença, crise, falta de reconhecimento, apontam sempre para a Academia como uma possibilidade de mudança, de recomeço, de restauração cultural e intelectual.

O professor Raimundo Ribeiro finaliza o seu discurso reforçando a importância da data para a ASEL e chamando atenção também para o valor do Monsenhor Vicente para a mesma:

E esta magna conquista conseguiu positivar-se, depois de outras tentativas menos felizes, a 7 de setembro de 1943, encontrando de início apoio irrestrito de espíritos vontadosos, e a mais completa dedicação por parte deste trabalhador infatigável, o seu operoso presidente, que é também uma alma boníssima – Monsenhor Vicente Martins, o cerne, o cérebro, a alma da sociedade. Srs. a Academia muito deve ao labor inteligente de seu presidente, e eu me permito fazer ressaltar aqui a inspirada e feliz lembrança de Mons. Vicente, escolhendo, como data de fundação da Academia, a efeméride de hoje, que resume todas as aspirações de um povo livre, alentando-nos para a continuidade de um passado glorioso, e apontando-nos o destino que nos caberá ao sol do porvir⁶⁶⁷.

Para o professor Raimundo Ribeiro a escolha do Monsenhor e da data para a fundação da Academia foi original, ou seja, foi inspirada e feliz, não querendo avaliar que aquela escolha por parte do mesmo se devia a tentativa de imitar a Academia Brasileira de Letras. O mérito assim cabe todo ao Monsenhor Vicente Martins, que inspiradamente filiava a ASEL ao corpo da história pátria. Inclusive esse é um dos sentidos que inspiraram o Dr. Ribeiro Ramos a construir o seu discurso de recepção aos novos acadêmicos Edson Moura, Arsenio Flexa e Paulo Viana naquela mesma data, como sugere o discurso que será visto em seguida.

⁶⁶⁷ RIBEIRO, Raimundo Aristides. *Discurso. Op. Cit.* p. 53.

4 – A ENCENAÇÃO DO DISCURSO DE RECEPÇÃO AOS NOVOS ACADÊMICOS NA ASEL

Naquela sessão solene de 7 de setembro de 1944 o Dr. Ribeiro Ramos foi o escolhido para recepcionar os neoacadêmicos Edson Moura, Arsenio Flexa e Paulo Viana, diga-se de passagem, os primeiros novos acadêmicos a entrarem depois da criação da ASEL.

Ribeiro Ramos, como sabemos, era farmacêutico, mas atuava na cidade praticamente como médico, consultando, diagnosticando e prescrevendo medicamentos em sua farmácia, nesse sentido ele pode ser enquadrado dentro da classe médica, mas não só por isso, principalmente porque se a oratória era instrumento indispensável para ação dos advogados, “O mesmo acontecia com os médicos, frequentadores mais treinados nas artes literárias do que na anatomia ou na fisiologia humanas”⁶⁶⁸. Sobre essa questão, Gilberto Freyre faz uma interessante consideração sobre a Faculdade de Medicina da Bahia no final do século XIX:

a Medicina científica propriamente dita, por vezes, em situação de estudo ou de culto quase ancilar do da Literatura clássica; do da Oratória; do da Retórica; do da elegância de dizer; do da correção do escrever, do da pureza do falar, do da graça no debater questões às vezes mais de Gramática que de Fisiologia⁶⁶⁹.

As palavras de Gilberto Freyre apontando sobre algumas características do corpo médico brasileiro naquele final do século XIX e começo do século XX, cabem claramente nas ações e vida do Dr. Ribeiro Ramos, um “médico” muito mais versado nas lides literárias e retóricas, com uma oratória bem treinada e ativa, que discutia com mais empenho questões gramaticais e cânones literários do que qualquer saber médico mais específico.

O início do discurso do Dr. Ribeiro Ramos é mais otimista do que o discurso pronunciado pelo professor Raimundo Ribeiro, que como vimos, colocou em dúvida o próprio conhecimento da sociedade sobralense com relação a existência da Academia:

A magna sessão de hoje desta já vitoriosa sociedade de homens de letras de Sobral tem uma tríplice festiva finalidade: comemorar

⁶⁶⁸ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Op. Cit. p. 55.

⁶⁶⁹ FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. APUD. RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Op. Cit. p. 56;

condignamente o nosso primeiro aniversário de fundação, *festejar o Maximo dia de nossa Pátria e receber três novos e ilustres membros* que entram para a Academia como sócios efetivos – Edson Moura, Arsenio Flexa e Paulo Viana. (Grifos nossos)⁶⁷⁰

Para Dr. Ribeiro Ramos a Academia já era vitoriosa e talvez tenha tido razão para se pronunciar dessa forma naquela sessão magna, já que aquelas sessões eram espaços de maior visibilidade da ASEL e também lugar de exercício da retórica de seus intelectuais. Aquela sessão era importante por três motivos nomeados pelo Dr. Ramos: festejar o aniversário de fundação da Academia, também “o máximo dia da Pátria e receber três novos e ilustres membros”. Não temos dúvidas que Dr. Ramos ao lado do Monsenhor Vicente Martins foram os principais incentivadores das atividades da ASEL, nesse sentido sua opinião de que a Academia era “já vitoriosa sociedade de homens de letras de Sobral”, tem muito a ver com sua intensiva participação na vida da mesma. Ao continuar seu discurso Dr. Ramos, seguindo o mesmo mote dos oradores anteriores, afirma a sua “pequenez” diante da missão que lhe foi entregue, de modo que se via “qual outro Prometeu mitológico acorrentado ao Cáucaso da ignorância, sentindo-me pequeno demais para a grandeza da missão que me foi confiada”. Assim nos diz que

Felizmente para evitar o fracasso desta missão tenho apenas que seguir a esteira luminosa deixada após a passagem destes três ilustres intelectuais compatrióticos, em sua peregrinação pela terra abeberando-me nas fontes da vida intelectual de cada um deles, e que tentarei condensar aqui a rápidos traços, numa linguagem sem as pompas acadêmicas, pobre de retórica mas rica de sentimentos ditados pelo coração⁶⁷¹.

Dr. Ramos sabe muito bem sobre o que falar e como falar em sessões solenes da Academia, pois foi ao longo de sua história um de seus principais oradores. Por isso mesmo conduz o seu texto para o contexto em primeiro lugar dos neoacadêmicos, de modo que dessa forma não teria como fracassar em sua empreitada, pois da forma como expõe seu pensamento, a vida intelectual daqueles era por si só sinal de que os rumos de seu discurso já estavam dados, bastava apenas “seguir a esteira luminosa deixada” por eles. E ao se reportar ao primeiro intelectual, constrói a seguinte assertiva:

Toda Sobral que lê conhece e de há muito a Arsenio da Cruz Flexa, o esplendido cronista que semanalmente delicia os leitores do “Correio da Semana” com as suas **ÀS SEXTAS**, onde se evidenciam as belas

⁶⁷⁰ RAMOS, Dr. João Ribeiro. *Discurso por ocasião da sessão solene de 7 de setembro de 1944*. In: Boletim da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Ano I – Sobral (Ceará)- Setembro 1944 – NUM. 1. p. 54.

⁶⁷¹ RAMOS, Dr. João Ribeiro. *Discurso. Op. Cit.* p. 54.

qualidades de escritor que possui: poder de síntese, clareza de idéas, facilidade de esplanção dos assuntos abordados, riqueza de adjetivação⁶⁷². (Grifo do autor)

Ao apresentar as credenciais de Arsenio Cruz Flexa, Dr. Ramos o localiza digamos assim, num dos principais espaços de sociabilidades e de afirmação intelectual na cidade: o jornal. Arsenio Flexa era jornalista e assinava uma coluna semanal – ÀS SEXTAS –, no Correio da Semana, portanto, era companheiro de jornal de Dr. Ramos, que como já vimos, também assinava uma crônica semanal no mesmo hebdomadário. Cita ainda o orador as suas principais qualidades: síntese, clareza, facilidade de explanação e riqueza de adjetivação. Informa-nos também que o mesmo “iniciou-se na imprensa colaborando na “A RUA”, do Rio em 1919, e na revista carioca “A MUNDIAL”, em 1919 e 1920”, ou seja, que era ativo nas lides jornalísticas. E acrescenta que:

Foi redator da revista “Jornal da Moda” de Fortaleza em 1921; redator do “Unitario”, sob a direção de Luiz Brígido; foi também redator, sob pseudônimo de Batista Fernandes, do “Jornal do Comercio quando na direção do Dr. José Acioli”. Colaborador “Revista da Fazenda” em 1937 é atualmente colaborador efetivo da “Gazeta de Noticias” de Fortaleza.⁶⁷³

Portanto, tratava-se de um jornalista bastante experiente, com um longo trabalho à frente de importantes jornais e revistas de Fortaleza e Rio de Janeiro. Segundo o Dr. Ramos, “Arsenio Flexa que sempre prefere o artigo político ou a crônica, há produzindo muito, e essa produção se fosse recolhida daria vários volumes”. Já frisamos que a atividade jornalística na cidade de Sobral era bastante ativa, com um grande número de jornais em circulação, nesse sentido a participação de Arsenio Flexa com uma coluna no Correio da Semana o credenciava ao posto de sócio efetivo da ASEL e aos louros da imortalidade, mas não só por isso, pois em Sobral a imprensa de maneira geral

(...) teve um duplo papel. Ela constituía um importante instrumento à disposição das elites, servindo aos mais diversos propósitos. De início, o privilégio era dado à exposição de conflitos entre as frações dos grupos da elite, com a finalidade de reunir adesões para suas causas. Ela era utilizada também como um espaço de exibição, de ostentação dos membros da elite. As colunas relatando a vida privada dos notáveis e a existência de jornais destinados unicamente a essa função são um exemplo disso. Por outro lado, a imprensa representava um canal de penetração das idéias políticas, das tendências da moda, dos

⁶⁷². RAMOS, Dr. João Ribeiro. *Discurso. Op. Cit.* p. 54.

⁶⁷³ *Ibidem.* p.54.

movimentos sociais, enfim, do modelo cultural adotado pelas principais metrópoles do país.⁶⁷⁴

Não temos dúvidas de que a quantidade de jornais estabelecidos na cidade é um forte indício de uma elite de certo modo bastante “esclarecida”, a converter seu poder e sua persuasão em atividade jornalística. Esses jornais eram verdadeiras tribunas em que especialmente os partidos políticos da cidade se manifestavam e estabeleciam suas ações e reações frente a seus adversários. Portanto, os jornais representavam certamente a labuta de uma elite que se dizia intelectualizada e que convertia suas participações nesses veículos de comunicação em dividendos políticos mas também culturais. Sabemos que:

A partir de 1824, os primeiros jornais começam a circular no Ceará. A capital, Fortaleza, é pioneira nessa nova atividade. A informação não constituía o maior interesse da imprensa. Nessa fase inicial, os periódicos tinham um caráter estritamente político. Eles existiam em função dos partidos, ou seja, eles representavam as facções políticas locais dos partidos nacionais⁶⁷⁵.

Em Sobral temos que o jornal *A Lucta* de Deolindo Barreto, sobre quem já falamos um pouco, representa um momento novo na imprensa local, pois desde 1915 uma nova etapa é inaugurada na imprensa cearense, pois “as informações e a publicidade são, a partir daí, os principais objetivos”⁶⁷⁶, de modo que em Sobral, pouco tempo depois dessa data, *A Lucta* inaugura essa nova forma de fazer jornalismo na cidade.

Quando nos referimos ao fato do Dr. Ramos nomear todas as atividades jornalísticas de Arsenio Flexa, insinuamos que somente essas atividades não seriam, a principio, fundamentais para a sua entrada na ASEL, especialmente naquele momento em que os acadêmicos procuravam a consolidação da Academia, que fazia um ano de existência, desse modo a “teoria do expoente” teria que fundamentar essa escolha também, não por outra razão, Dr. Ramos esclarece ainda mais sobre a vida profissional do jornalista:

Diretor da Despesa do Tezouro do Ceará, Arsenio Flexa, exerce, em comissão, as elevadas funções de Administrador da Mesa de Renda local, cargo que honra com seu nome, que abrilhanta com sua

⁶⁷⁴ COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e cultura das elites sobralenses*. Op. Cit. p. 84.

⁶⁷⁵ NOBRE, Geraldo. Apud. COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e cultura das elites sobralenses*. Op. Cit. p. 56.

⁶⁷⁶ NOBRE, Geraldo. *Introdução à história do jornalismo*. Fortaleza: Imprensa Universitária Cearense, 1979. p. 132.

inteligência e que dignifica com a sua reconhecida honestidade. Orador fluente de palavra fácil e cativante a Arsenio Flexa ainda sobra tempo para as lides pesadíssimas do professorado, ocupando a cadeira de Contabilidade Industrial, Geografia Humana e Historia Econômica, da Academia de Comercio D. José, onde, igualmente, já ensinou Legislação Fiscal⁶⁷⁷.

Dr. Ramos fala sobre o segundo postulante à imortalidade, no caso o poeta Edson Moura, enfatizando que “falar sobre um poeta, para quem como eu nunca fez versos, é mistér muito difícil, pois para compreender esses seres que vivem num mundo à parte é preciso ser poeta também”. Pelo que compreendemos Edson Moura não ocupava as mesmas posições estratégicas de Arsenio Flexa, por isso Dr. Ramos se limita a tentar compreender o que não consegue entender, no caso a poesia. E nos diz:

E é por esta poderosa razão que me sinto em extrema dificuldade para dizer algo sobre Edson Moura e a sua poesia, outro intelectual patricio que entra hoje para o nosso convívio acadêmico, trazendo consigo mancheias de pepitas de oiro – os seus versos delicados como pétalas de rosas – que nos serão oferecidas como um régio presente de um eleito das Musas. “Lírico de intensa emotividade, como disse Filgueiras Limas, Edson Moura é um poeta que pode ter como legenda o próprio coração, desfeito em ritmos, espedaçado em sons”⁶⁷⁸.

Era sempre mais difícil realmente falar de alguém que não estava bem localizado no intrincado mundo dos cargos e das profissões liberais na cidade, imaginamos. Sobre Edson Moura sabemos apenas de suas qualidades de poeta, muito mais pelo que disse dele Filgueiras Lima, do que o próprio Dr. Ramos. O poeta publicou um livro de poesias chamado “Flocos de Espumas”, que o orador não sabe bem a data de lançamento, nos dizendo que foi “por volta de 1937, livro que mereceu por parte dos críticos e da imprensa ótima acolhida”, segundo ele. Edson Moura publicou um soneto no Boletim da ASEL, desse modo temos como avaliar de certo modo a lavra do poeta, e talvez compreendamos que esse soneto publicado tenha sido uma mostra para justificar a sua escolha como novo imortal. Vejamos um soneto que ele dedica a seu pai, cujo título é Pirapóra, que trata de uma antiga morada dos seus avós, representando uma clara intenção de relembrar o seu tempo de infância, o tempo em que fala do espaço abandonado no presente:

Este velho solar de Pirapóra,
que foi, dos meus Avós, morada nobre,

⁶⁷⁷ RAMOS, Dr. João Ribeiro. *Discurso. Op. Cit.* p. 54.

⁶⁷⁸ *Ibidem.* p. 55.

(que tristêsa, meu pai!) não passa agóra,
de antiga casa abandonada e pobre.

Neste terraço que hoje a herva cobre
quanto esplendor e quanta festa outrora!
Olhai-o então: somente o mato aflora...
Da antiga pompa nada se descobre.

Pelos longos e escuros corredores,
erram dois vultos, ouvem-se rumores,
nas noites encantadas de luar.

São meu Avós que passam, braços dados
meigos, unidos, juntos, enlaçados,
sob a alpendrada larga do solar.

Quando se refere ao último neoacadêmico, Dr. Ramos é mais enfático e também mais detalhista. Talvez tenha mais facilidade para falar de mais um colega de atividade jornalística que como ele, escrevia nas horas vagas, mas efetivamente ganhava a vida como um próspero comerciante local, por isso mesmo fala com mais propriedade:

Conheci Paulo Viana através de artigos publicados na imprensa, muitos anos antes de conhecê-lo em pessoa. Comerciante, Paulo Viana, lida tão bem com os números como com as letras, que ele cultua e domina com proficiência. Da boca do meu dileto e ilustrado amigo Prof. Mariano Rocha ouvi, certa vez um grande elogio, aliás merecido, ao valor intelectual de Paulo Viana (...). *Como a maioria dos nossos intelectuais é através do jornal que Paulo Viana tem dado vasa ás idéas que lhe tumultuam no cérebro* e dali brotam em catadupas de luz. Alguém já afirmou que o estilo é a própria pessoa. Sobejada razão tinha quem tal verdade proclamou. O estilo de Paulo Viana é de uma suavidade encantadora. Não tem arestas, não tem asperesas. Ressuma em tudo o que ele escreve esta tranqüilidade que dimana de sua própria pessoa. (Grifos nosso)

Paulo Viana seria assim mais um companheiro de empreitada jornalística de Dr. Ramos, certamente estaria apto a compor o seletto painel de imortais da ASEL naquele momento. Mesmo não ocupando cargos importantes na cidade, a exemplo de Arsênio

Flexa, sua posição como próspero comerciante lhe granjeava sem dúvida certo destaque, ainda mais porque o fato de escrever para o Correio da Semana gerava em torno de seu nome certa “fama intelectual” que casava muito bem com os desejos da Academia de ter em sua fileiras “pessoas de posição social privilegiada” na cidade, que facilmente teriam os seus nomes associados a certa erudição, mesmo que saibamos que o que havia de fato entre a maioria dos intelectuais da Academia era uma habilidade retórica capaz de forjar um discurso de identidade, de filiação, pois entre os objetivos dos fundadores da ASEL “cumpria, portanto, ampliar o conceito de homens de letras, elegendo para a Academia personalidades de todos os segmentos representativos da sociedade”⁶⁷⁹. Por isso a presença desses homens que nas horas vagas escreviam em jornais e assim eram convocados a alimentar a invenção da cidade letrada.

A importância desses homens ligados as práticas jornalísticas deve ser muito bem avaliada, isso porque escrever nas páginas dos jornais nesse período fazia com que esses homens fossem, de certo modo, considerados portadores da modernidade, do desenvolvimento e do progresso, em que aliando *a mão à máquina*, vão deixando os *rastros da técnica*, expressões de Flora Sussekind, pelos meandros da cidade, por isso esses homens eram importantes naquele momento, e eram mais importantes ainda para a cidade, pela atividade que exerciam, do que para a Academia, por isso a escolha dos mesmos para compor aquele sodalício, além do mais,

a identificação de sua crescente articulação com as experiências sociais que constituem a [cidade] parecia propor que a expansão/redefinição da cultura impressa, concretizada principalmente pela difusão da imprensa periódica, constituía-se como dimensão importante daquela experiência social. A partir da última década do século XIX, seja através da incorporação das novas formas de produção e representação, seja através da construção de temáticas e formas de contar, o povo e a cidade intrometem-se nas páginas da imprensa⁶⁸⁰.

Assim, a experiência social estabelecida pelas lides jornalísticas foi um importante aliado na construção e manutenção da imagem das cidades modernas e na implementação do espaço urbano como lugar por excelência de atuação da imprensa periódica. O jornal, na cidade, *fazia* a cidade, e ao mesmo tempo, o jornal era resultado da carpintaria urbana e de suas múltiplas faces.

⁶⁷⁹ EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade*. Op. Cit. p. 83.

⁶⁸⁰ CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta*. Op. Cit. p. 19.

Dr. Ramos se dirige aos neoacadêmicos desejando “as boas vindas da Academia Sobralense de Estudos e Letras”, enfatizando que:

Os que aqui se encontram dominados pelo mesmo ardente ideal de bem servir à causa das belas letras, neste recanto do Brasil que viu nascer Domingos Olímpio, recebem-vos de braços abertos, certos de que estamos de que vindes formar ao nosso lado e combater com as armas fecundas e imaleáveis da inteligência, pelo soerguimento do nível intelectual desta heráldica Sobral de solo portentoso e tão rijo como o caráter de sua gente.

O acadêmico conjuga num mesmo discurso, procura atribuir o mesmo sentido “à causa das belas letras”, do Brasil, da Academia e de Domingos Olímpio, apresentado aqui novamente como credencial necessária para o suporte da tradição intelectual de Sobral. O convite é feito aos novos sócios para que lutem o “bom combate”, para que, utilizando “as armas fecundas e imaleáveis da inteligência”, pudessem soerguer o “nível intelectual dessa heráldica Sobral”, de modo que os novos acadêmicos se filiassem não apenas a Academia, mas a lista enfática dos nomes citados e repetidos, como Monsenhor Vicente Martins, Dr. José Sabóia, Dr. Guarany Mont’Alverne, Pe. Gerardo Ferreira Gomes, Monsenhor Fortunato Linhares. Chama nossa atenção o fato de que Dr. Ramos faz questão de citar os três primeiros presidentes da ASEL: Monsenhor Vicente Martins, Dr. José Sabóia e padre Gerardo Ferreira Gomes. Mas não deixa de destacar que entre os que “dominam as Letras e as Ciências, como verdadeiros mestres, excluindo-me a mim que nada sei e nada sou”, ele não tem nenhuma importância em tal “cadeia de tradição”, ou seja, estava sendo idealizado em seu discurso mais uma vez aquela imagem do “sábio homem bom”, que sua família utilizaria de várias formas.

Dr. Ramos abre espaço em seu discurso para contestar “o eco das críticas que nos fazem *aqui e lá fora* por causa da nossa “imortalidade”” (Grifos nosso), conforme segue:

Não andam bem avizados aqueles que nos julgam tão superficialmente, pois, o nosso fito, ao fundarmos a Academia Sobralense de Estudos e Letras, que neste momento celebra solenemente o seu primeiro aniversário, não foi ir em busca de uma pueril e fictícia “imortalidade”, mas tão somente o soerguimento do nível cultural de nossa terra, visando elevar Sobral tão alto no campo da inteligência quanto a nossa bela cidade tem-se elevado no progresso material. E qual o ridículo de uma tal iniciativa? Creio que só elogios devíamos merecer por esta atitude no meio deste “deserto de homens e de idéias” da atualidade, em que toda gente só pensa no estomago e somente ele trabalha, esquecendo lamentavelmente que o cérebro, sede da inteligência, é que deve dirigir o corpo, e que o

domínio deve ser do espírito sobre a matéria, e ainda que o ritmo maravilhoso da sístole e da diástole deve abafar os movimentos peristálticos do intestino⁶⁸¹.

Quando se refere as críticas que a Academia sofria, esclarece que elas eram produzidas “aqui e lá fora”, ou seja, pelo que entendemos, estranhamente a crítica era interna a instituição. Ou a referência ao “aqui”, era relativo à cidade de Sobral? Ficamos sem entender de fato o sentido da intenção de Dr. Ramos, uma vez que não sabemos ao certo se o *aqui* é uma referência ao interior da própria Academia, ou se tem relação com a solenidade daquele dia, sendo o *aqui* o interior de parte da sociedade sobralense presente na reunião ou da cidade considerada de forma mais genérica. Mas isso não seria uma contradição? Mas a contradição não seria maior se a crítica partisse do interior da ASEL? O fato é que o tempo nos distancia daquele evento em que o discurso foi lido. Não sabemos mais as reações que ele teria provocado. Talvez a leitura do mesmo não tenha suscitado, a exemplo do que acontece hoje, nenhuma ambiguidade. Talvez Dr. Ramos estivesse falando de uma instituição que na verdade não tinha uma unidade? Não sabemos, ainda mais porque as atas não esclarecem nenhuma tensão mais séria ao longo do recorte temporal de 1943-1973. Nenhuma outra documentação da ASEL aponta, mesmo que indiretamente para problemas sérios de convivência entre os imortais. Assim, talvez seja mais razoável pensarmos que o *aqui* estivesse ligado a uma visão geral da cidade com relação a existência da ASEL, questão tocada pelo professor Raimundo Ribeiro, no discurso anterior, o que viria a corroborar com a opinião do professor, que Dr. Ramos de certo modo não aceita, mas reconhece de forma tangencial como verdadeira.

Esclarece ainda Dr. Ramos que a intenção da Academia não era buscar “uma pueril e fictícia imortalidade”, razão da crítica, mas fundamentalmente “o soerguimento do nível cultural de nossa terra, visando elevar Sobral tão no campo da inteligência”. Já vimos que de maneira geral, quando se fala da ASEL, ela é apontada como uma instância capaz de elevar o nível cultural da cidade, o que fica subentendido nesse tipo de discurso, que a intenção da Academia era buscar garantir a legitimidade da cidade das letras. Por isso a instituição deveria funcionar em meio ao “deserto de homens e ideias” como uma espécie de oásis, sendo capaz de fazer com que prevalecesse o fato de que a história da cidade e o que seria a sua tradição culta fossem mantidas pela ASEL. E continua Dr. Ramos, enfatizando ainda que “Outra finalidade da criação desta

⁶⁸¹ RAMOS, Dr. João Ribeiro. *Discurso. Op. Cit.* p.56.

sociedade, foi o culto da Pátria, através de comemorações condignas das grandes datas nacionais”⁶⁸², de modo que a relação entre literatura e pátria fosse celebrada, “porque sem pátria, sem a nação, não há o escritor (...)”, pois “a pátria e a religião são em certo sentido cativos irredimíveis para a imaginação, condição do *fiat* do intelectual”⁶⁸³. A fórmula que ligaria a Academia à feição da pátria, cara a construção dos desígnios da ABL, é recorrente e por certo refletiria o contexto que procurava a afirmação do lugar da pátria entre os letrados e dos letrados como cultivadores e construtores da nação. Por isso mesmo Dr. Ramos vai finalizando seu discurso justificando que:

No dia de hoje todos nós brasileiros voltamos um olhar retrospectivo para o nosso passado, tão rico de feitos gloriosos e dos quais se orgulhariam os grandes homens da História Universal e que tivessem abertos os olhos à luz do sol do Brasil e sentimos reacender bem viva dentro de nossos corações aquela mesma fulgurante centelha que chamejou intensamente na alma daqueles que fizeram a nossa independência, alguns dos quais pagaram com a vida o sonho de um Brasil redimido⁶⁸⁴.

Olhar o passado equivaleria para Dr. Ramos a cultivar o sentimento de apego a nação, de modo que ser intelectual significaria ser patriota, sendo a pátria, nesse sentido, “filha das belas letras”, instância discursiva de escrituração de certa identidade, de modo que esses “discursos eram a parte mais importante da cerimônia porque reafirmavam a linhagem dos acadêmicos, estabelecendo uma ligação ente o passado e o presente”⁶⁸⁵. O olhar retrospectivo para o passado considerado glorioso da pátria celebrava assim a confirmação de que o presente era fundamental como lugar de confirmação daquele passado. E Dr. Ramos finaliza o seu discurso da seguinte maneira:

O sangue desses que heróis acha-se espalhado por todos os recantos da terra brasileira, e palpita e estua dentro do coração de cada um de nós cantando hinos à Liberdade, ao Direito, à Razão e à Justiça, para que não se apague jamais em nossa alma o amor pela Pátria. E este rastro de sangue rubro como o sol da Liberdade, é uma esteira de luz ligando aquele passado glorioso e distante ao Presente que vivemos tão cheio de esperanças e tão cheio de realizações e conquistas admiráveis em todos os ramos das nossas atividades, e será também um caminho iluminado que nos levará para o Futuro, que se abre diante de nós – Nação nova que se coloca na vanguarda das grandes nações que lideram o mundo – referto de esperanças encantadoras, fadando-nos a grandes destinos.

⁶⁸² RAMOS, Dr. João Ribeiro. *Discurso*. Op. Cit. p. 56.

⁶⁸³ NABUCO, Joaquim. Apud. RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras*. Op. Cit. p. 76.

⁶⁸⁴ RAMOS, Dr. João Ribeiro. *Discurso*. Op. Cit. p. 56.

⁶⁸⁵ EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade*. Op. Cit. p. 99.

Senhores! Viva o Brasil⁶⁸⁶.

Assim, o discurso de recepção de Dr. Ramos aos novos acadêmicos naquele dia, acaba por se tornar também, pelo ensejo da data, um discurso de recepção à pátria brasileira, entendida por ele naquele contexto como sendo livre, racional e justa. Dr. Ramos aponta o suposto passado heroico da nação, entendido por ele como sendo o passado em que a nação conquistou sua independência. Vemos no discurso como o autor transita de maneira “natural” entre os “heróis locais”, os “espíritos superiores”, acadêmicos da ASEL, e os “heróis da independência”, que não são nomeados no discurso, mas que pagaram com a vida, segundo ele, “o sonho de um Brasil redimido”, o que nos faz pensar em primeiro lugar em Tiradentes, como um dos “heróis da independência”. Tiradentes, que ganhou um discurso por parte de um dos membros da ASEL, publicado agora na Revista nº 5 da Academia Sobralense de Estudos e Letras, em 1946, como veremos.

5 – “TIRADENTES, SOLDADO, CONSPIRADOR E MARTYR”⁶⁸⁷

O discurso em homenagem a Tiradentes, pronunciado pelo Dr. José Sabóia no dia 22 de maio de 1946 é importante para nós em virtude de apontar mais indícios das intermediações intelectuais travadas no interior da Academia com os valores do Estado Novo, ainda recentes naquele contexto nacional, isso porque no período, “a busca da brasilidade vai desembocar na consagração da tradição, dos símbolos nacionais. Temos, então, a história dos grandes vultos, das grandes efemérides, do Brasil “impávido colosso””, nesse sentido, “As personalidades de Caixas e Tiradentes são apontadas como exemplos luminosos, onde o país deve buscar inspiração e força”⁶⁸⁸(Grifos do autor).

O discurso estava marcado para acontecer na Sessão de 21 de abril, quando ocorreria uma Tertúlia em homenagem a Tiradentes, mas o evento não aconteceu na data estabelecida, já que o orador principal, o Dr. José Sabóia ficou impossibilitado de

⁶⁸⁶ RAMOS, Dr. João Ribeiro. *Discurso. Op. Cit.* p. 56.

⁶⁸⁷ ALBUQUERQUE, José Sabóia de. *Discurso*. In: Revista da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Ano III. Sobral-Ce. Setembro de 1946. N. 5. p. 3.

⁶⁸⁸ VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo*. Op. Cit. p. 69.

comparecer, sendo realizada apenas no dia 22 de maio de 1946. O curioso é que não temos notícias da sessão do dia 22 de maio. As atas registram uma Tertúlia no dia 12 de maio, mas sem a homenagem a Tiradentes, novamente sem a presença do Dr. José Sabóia, mas contando com a presença dos oradores indicados para a sessão do dia 21, os acadêmicos Dr. João Ribeiro Ramos, Arsênio Cruz Flexa e o professor Gerardo Rodrigues de Albuquerque, este último recém eleito para a Academia. Supomos que a ausência do Dr. José Sabóia tenha motivado os membros da ASEL a não realizar a homenagem a Tiradentes naquela data.

A sessão que seria realizada em homenagem a Tiradentes, tinha o desejo de fermentar no imaginário perspectivas heroicas sobre os principais agentes da chamada independência da nação, questão que se desdobrará para além do Estado Novo, já que a “Lei de 1965 declarou Tiradentes patrono cívico da nação brasileira e mandou colocar retratos seus em todas as repartições públicas”⁶⁸⁹, portanto já durante a vigência da ditadura Civil-Militar no país. Mas durante o Estado Novo

foram representadas peças de teatro, com apoio oficial, exaltando a figura do herói. Foi também dessa época (1940) a primeira tentativa de modificar a representação tradicional, estilo nazareno. José Walsht Rodrigues, especialista em uniformes militares, colaborador do integralista Gustavo Barroso, pintou Tiradentes como alferes da 6ª Companhia de Regimento dos Dragões. O herói cívico é aí um herói militar de carreira⁶⁹⁰.

A figura de Tiradentes assim transita da ditadura Vargas na década de 1940, para a ditadura civil-militar na década de 1960. A necessidade de construção de um herói capaz de condensar os sonhos, desejos e aspirações da população, ao mesmo tempo em que era capaz de *fazer tudo por todos*, fez com que Tiradentes fosse detalhadamente trabalhado para representar e atender as demandas de um e de outro regime no sentido da construção de uma identidade e de uma afinidade com a nação.

O discurso bastante alentado do Dr. José Sabóia foi publicado na Revista da ASEL de nº 5, de setembro de 1946. A publicação mantém as mesmas características do Boletim, o que mudou de fato além do título, foi a inserção de um novo item chamado *Livros e Revistas*, presente desde o terceiro número da mesma, e que trata das aquisições e recebimento de livros e revistas por parte de outras instituições literárias e

⁶⁸⁹ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 71.

⁶⁹⁰ *Ibidem*. p. 71.

do Ministério da Educação. Por outro lado, continuaram contribuindo com a revista os acadêmicos Dr. José de Albuquerque, com seu discurso em homenagem a Tiradentes, Monsenhor Vicente Martins, com dois artigos, um comentário sobre o livro *A Reconstrução do Mundo* que trata das mensagens do papa Pio XII, de autoria de Guido Gonella, e um outro comentário sobre a obra *Sociologia Educacional* de autoria de Delgado Carvalho, e Dr. João Ribeiro Ramos com seu discurso de recepção aos neoacadêmicos Dr. Djalma Soares e professor Gerardo Rodrigues, e Maurício Mamede Moreira, que publicou uma poesia. Temos novos intelectuais não acadêmicos, como Paulo Jacarandá e Carlyle Martins participando da publicação, bem como os acadêmicos Gurgel do Amaral e Dr. Djalma Soares. A revista é um pouco menos alentada do que o Boletim, mas em compensação os textos publicados são mais densos.

A capa, como vemos abaixo, é semelhante ao Boletim, como já frisamos, não houve nenhuma mudança estética, inclusive, a revista continua sem anúncios e sem imagens, o que denota a continuidade da participação financeira dos acadêmicos na publicação da mesma.



Figura 8 - Revista da ASEL - Arquivo do autor

Depois de uma intrincada “disputa” com outros “heróis” da República, tais como Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant e Floriano Peixoto, em que estava em jogo certa política da memória, Tiradentes condensou os ingredientes necessários para ser inventado como herói nacional, já que algumas acomodações e direcionamentos foram construídos, de modo que:

A interpretação da Inconfidência como movimento abolicionista, além de libertador e republicano, ligava Tiradentes às três principais transformações por que passara o país: Independência, Abolição, República. (...) Tiradentes era o único a poder resumir e representar os três momentos⁶⁹¹.

Portanto, por um bem montado e qualificado jogo de interpretações e intermediações, a Inconfidência Mineira se transformou numa síntese dos desejos e projetos que teriam sido responsáveis supostamente pela efetivação da República. Por isso o apelo que tinha Tiradentes entre os intelectuais de academias literárias e institutos históricos espalhados pelo Brasil. Em Sobral, a figura do “soldado, conspirador e martyr, cuja memória esteve no olvido”, segundo Dr. José Sabóia, veio à baila partir da ASEL, como veremos pelo discurso do magistrado.

Dr. José Sabóia fez um longo discurso, preocupado primeiro em situar Tiradentes dentro do contexto da história colonial, por isso faz referências as Minas Gerais, “terra do ouro e dos diamantes”, que foi capaz de “açular a cobiça do governo da metrópole que então tinha sede em Portugal”. Faz referências aos tributos lançados pela Coroa, menciona também o fato de que “Era proibido o exercício de qualquer indústria” na colônia, aludindo que “Ninguém podia exercer qualquer profissão de artífice”. Trata a questão da Coroa controlar a entrada de livros, mas cita o fato de que alguns livros entravam clandestinamente na colônia, “onde apareciam palavras estranhas como fossem, liberdade, igualdade, direitos do homem e outros, que iam enchendo de espanto e esperança a todos quantos d’ela se abeberavam”. Enfim, Dr. José Sabóia mostra erudição e o seu discurso provavelmente, pelas informações que continha, tenha impressionado os seus ouvintes e leitores.

O discurso, em seu início, aponta algumas características que foram cultivadas em torno da figura de Tiradentes, de modo que suas ações com relação ao movimento fossem encaradas como um sacrifício em nome da pátria. Dr. José Sabóia aproveita

⁶⁹¹ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas. Op. Cit.* p. 70.

também para fazer da Academia uma espécie de cenáculo, ou seja, sua intenção é sacralizar aquele espaço, entendido por ele, naquele momento, de forma mais ou menos indireta, como lugar em que se repartia o pão, mas o pão sacrificial em nome da nação, por isso Tiradentes era mártir. Sendo mártir, sua vida não poderia ter sido senão um sacrifício para a efetivação da “independência de sua Pátria”. Dr. José Sabóia, para impressionar seus ouvintes e ao mesmo tempo dar o teor da “missão” de Tiradentes, faz a seguinte consideração:

Por ahi se pode avaliar quanto, ao lado da miséria do povo, era grande o fausto dos soberanos portugueses, que consumiam em baixelas de ouro, ornamentos de palácios, guarnições de igrejas e mosteiros e contribuições à Cúria, tudo quanto a miséria do povo lhe podia dar sob o rigor das ameaças⁶⁹².

Ao estabelecer um contraste entre a vida faustosa dos portugueses colonizadores e o povo da colônia vivendo miseravelmente, sua intenção é muito clara no sentido de estabelecer o lugar do “feito” de Tiradentes, ou seja, acabar com o fausto português, sendo esse fausto sinal da exploração que o povo sofria. Tiradentes, desse modo, pode ser visto como um “fomento da coesão, através de símbolos e ritos compartilhados”⁶⁹³ da nação, seu povo e sua luta. Para Dr. José Sabóia, Tiradentes foi a figura principal da “conjuração mineira”, mas ressalta que ele assumiu esse lugar, “não porque fosse o mais ilustre, mas porque tendo alma de apóstolo, era o mais destemoroso”⁶⁹⁴. Essa assertiva do magistrado se coaduna com as reflexões de Carvalho sobre Tiradentes que estamos vendo, especialmente quando discute a transformação do inconfidente no “Cristo da multidão”, como escreveu Castro Alves, isso porque em sua invenção imagética, Tiradentes passa a ser representado com “Barba e cabelos longos, ar sereno, olhar no infinito, era a própria imagem de Cristo.”⁶⁹⁵

Em todo o discurso o único autor que o magistrado cita é Rocha Pombo⁶⁹⁶, o que nos leva a situar o seu discurso no contexto das perspectivas históricas arregimentadas por aquele autor, que via a história como formadora da nacionalidade e elemento

⁶⁹² ALBUQUERQUE, José Sabóia de. *Discurso*. *Op. Cit.* p. 5.

⁶⁹³ CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito*. *Op. Cit.* p. 75.

⁶⁹⁴ ALBUQUERQUE, José Sabóia de. *Discurso*. *Op. Cit.* p. 5.

⁶⁹⁵ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. *Op. Cit.* p. 65.

⁶⁹⁶ Rocha Pombo foi jornalista, professor, poeta e historiador. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Nasceu no Paraná em 1857. A partir de 1899 começou a escrever obras sobre a história do Brasil, quando escreveu *Compêndio de História da América*. É autor ainda das seguintes obras: *O Paraná no Centenário e o Compêndio de História da América*, *História do Brasil*, em 10 volumes, *Nossa Pátria*. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1933, mas morreu antes de assumir.

primordial de educação infanto-juvenil, e nesse sentido o magistrado se expressa do seguinte modo: “Era Tiradentes, no dizer de Rocha Pombo, um tipo singular de criatura, que vem ao mundo numa grande ancia de tomar o seu papel”⁶⁹⁷.

Não temos certeza que obra Dr. José Sabóia leu de Rocha Pombo, mas acreditamos que tenha sido *Nossa História: Narração dos factos da História do Brasil*, entre outros motivos por ter sido a obra mais reeditada e a mais conhecida do autor, com mais de 80 reedições, tendo sido adotada como obra oficial em São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Maranhão, Paraná, Bahia e Rio Grande Norte. A obra procura dar conta, segundo o autor, da evolução da história brasileira, desde a “descoberta” até 1922. Acreditamos que o magistrado tenha lido essa obra e tenha pautado sua reflexão sobre Tiradentes a partir dos postulados de Rocha Pombo presentes na obra.

Somos levados a pensar que talvez Dr. José Sabóia não tenha se identificado, digamos assim, apenas com os postulados históricos apontados por Rocha Pombo, mas que tenha visto no mesmo um aliado capitalista importante posto que se alinhava aos empresários do mate no Paraná, pensando numa economia capitalista exportadora, procurando garantir recursos para a educação, imaginando que trabalhadores mais qualificados poderiam produzir mais. Sabemos que Dr. José Sabóia era um capitalista investindo em sua fábrica de tecidos, culminando com a exportação de fardos de tecidos para a Argentina na década de 1940, região explorada também pelos plantadores de mate do Paraná.

O magistrado segue o seu arrazoado na esteira da perspectiva de Rocha Pombo, que acreditava na predestinação de Tiradentes para cumprir o papel de libertador, por isso Dr. José Sabóia nos diz que antes do mesmo ter descoberto o seu “destino”, tentou o “Comércio, onde seus insucessos o levaram a abandonar a profissão. Foi dentista, “em que era habilíssimo”, procurando em seguida “a profissão militar, onde suas desilusões foram inúmeras”, em seguida “fez tentativas em torno da lavoura e da mineração, mas isto sem melhoras, parecendo que seu espírito já ansiava por um meio de dar termo a tantas misérias que em suas peripetivas vira”. Está dito, entendemos assim, que Tiradentes tentou de todas as formas “ser normal”, ou seja, seguir uma profissão comum, mas o seu espírito ansiava outras perspectivas de mundo que não cabiam na trivialidade do cotidiano ou de uma profissão comum. Dr. José Sabóia constrói o seu

⁶⁹⁷ ALBUQUERQUE, José Sabóia de. *Discurso. Op. Cit.* p. 6.

discurso por contrastes, procurando comparar e justificar as ações e atitudes de Tiradentes. Nesse sentido, o magistrado não poderia deixar de pensar numa dicotomia entre o que seria a “santidade” e a “maldade”, por isso enfatiza que:

Entretanto... *sciebat autem* Judas e o delator Joaquim Silverio dos Reis, os denunciou a Barbacena, que mandou chamar a sua presença obrigando-o ali mesmo redigir a denuncia (...) no Palácio tremulo e abatido, dizendo estar ali para cumprir seu dever de lialdade e não porque seu intento fosse ver a ruína de pessoa alguma⁶⁹⁸.

Joaquim Silvério dos Reis, considerado partidário de Judas, *pois ele sabia*, como sugere a citação acima, e que por isso assume o lugar maldito na história, enquanto Tiradentes é a vítima, o mártir, o homem que se sacrificou em nome da nação. E como se não bastasse, “Silvério foi assistido por dois Judas suplementares, o Cel. Basílio de Ponte Malheiro e o mestre de campo Inácio Correia Pamplona”, portanto, Joaquim Silvério dos Reis era triplamente traidor, e ao ser comparado a Judas, assume assim a pecha do maior dos traidores, pelo menos na perspectiva cristã do Dr. José Sabóia.

Segundo o magistrado, foram presos “todos aqueles que tinham tido relações com aquele homem fatídico”, sendo “os chefes Gonzaga, Claudio, Manuel e muitos outros”. Mas diante do arrefecimento de todos os presos, “Um único peito se destacou d’aquela insânia geral e foi nobre; o do mesmo Tiradentes, o único que não se desdisse, e sobre quem desabou a anima (...) coletiva”⁶⁹⁹. Dr. José Sabóia, portanto, deflagra o seu discurso na mesma perspectiva de construção do mito, da transformação do inconfidente num mártir, num fervoroso defensor dos valores da nação, valores esses que se confundiam com valores católicos, por isso, não é de se estranhar que a vida de Tiradentes narrada pelo regime, por historiadores e intelectuais⁷⁰⁰, tenha literalmente se convertido em *hagiografia*.

Para o magistrado, todos os outros acusados, “recorreram a todos os meios para se livrarem do suplício, se delataram uns aos outros quebrantando-se-lhes a alma forte de que tinham dado provas” e, motivo a mais da grandeza de Tiradentes, ele “nada pediu e nada obteve (...), ele que era o mais desprendido (...), tendo entrado na

⁶⁹⁸ ALBUQUERQUE, José Sabóia de. *Discurso. Op. Cit.* p. 7.

⁶⁹⁹ *Ibidem.* p. 8.

⁷⁰⁰ Caso interessante citado por José Murilo de Carvalho foi a publicação do livro História da Conjuração Mineira, de Joaquim Norberto de Souza Silva, em que declarou-se contrário a construção de um monumento dedicado a Tiradentes em 1872 pelos republicanos, porque considerava Tiradentes uma figura secundária. O fato é que essa obra tornou-se muito importante, pelos documentos consultados e perspectiva do autor, para a análise da problemática em torno de Tiradentes como mito.

revolução por simples ardor patriótico (...), sendo o único que subiu a força”⁷⁰¹. Está dito que Tiradentes reconhecia em seu destino – a força – como sendo um destino já predeterminado, ou seja, o que aconteceu só aconteceu porque tinha de se cumprir a “profecia” de sua vida, de seu imenso ardor patriótico, questão que o aproximava ainda mais do sacrifício de Cristo. Tiradentes seria um santo sacrificado no altar da pátria, por isso, “Foi, porém, o mais feliz de todos, pois morrendo, não assistio em vida a própria degradação”. Dr. José Sabóia vai conduzindo seu discurso compondo a imagem do mártir: “Algemado, tendo entre as mãos a imagem do Christo, marchava Tiradentes, repetindo com o padre que o assistia, o símbolo de S. Atanásio”. Finaliza com ênfase, recompondo no ultimo parágrafo praticamente todas as imagens consideradas e imaginadas:

Brasileiros, proclamemos todos a nossa gratidão para o excelso martyr, cujo sacrifício foi o primeiro marco da era da redenção do Brasil; paguemos lealmente a nossa dívida para com o precursor que, sem esperança de recompensa, nem temor do castigo, encarna o verdadeiro redentor a cujo exemplo as almas Brasileiras se inclinam nos momentos em que a liberdade periclitava; honremos em nossas corações o herói cujo corpo esquartejado e vilipendiado, hoje aparece aureolado, n’um claro nimbo de luz, no centro do qual flameja o seu coração, que apenas pulsava pela idéia da redenção da Patria, e mais do que nenhum outro sofreu e pereceu por esta causa sublime, verdade das verdades⁷⁰².

Todos os discursos pronunciados naquela Sessão do dia 7 de setembro de 1944 podem ser entendidos como *textos demonstrativos*, de modo que procuravam de todo modo “mostrar, fazer aparecer, ser capaz de criar, através de artifícios retóricos, cenas, quadros, um conjunto de imagens que materializasse, tornasse visível, palpável, o que havia ocorrido”⁷⁰³, reinventando assim duplamente aquela sessão, primeiro porque a ritualização da Academia era espaço de materialização das tradições intelectuais da cidade, e isso equivalia a ler nos discursos, no salão preparado para o evento de recepção aos neoacadêmicos, no público presente, na composição da mesa diretora, etc., os apanágios de uma cidade letrada, cuidadosamente arranjados naquele contexto; segundo, aquela sessão era espaço também de efetivação da perspectiva cívica da Academia e, conseqüentemente, da própria cidade. Sendo assim, os artifícios retóricos criavam a força da cena, o conjunto de imagens a inventar o que confluiria os efeitos do que seria uma cidade letrada. Nesse sentido, não podemos entender a cidade letrada sem

⁷⁰¹ ALBUQUERQUE, José Sabóia de. *Discurso. Op. Cit.* p. 9.

⁷⁰² *Ibidem.* p. 11.

⁷⁰³ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A dimensão retórica da historiografia. Op. Cit.* p. 227.

a presença de livros, portanto, sem a presença de bibliotecas, por isso, a princípio nos perguntamos com Chartier: “(...) o que é ler? Como reconstituir as leituras (...)”? É o que tentaremos discutir nas próximas páginas.

6 – ENTRE LIVROS E HOMENS: A BIBLIOTECA DA ASEL

O Ministro está a escrever um livro, *A Vida Verdadeira de Um Combatente*, denso volume de memórias, que pretende lançar antes do Natal. Para ser mais preciso, a mão que escreve é alugada – chama-se Félix Ventura. (Grifos do autor)

José Eduardo Agualusa, *O vendedor de passados*.

Qual a importância de um livro? Por que o ministro decidiu “alugar” a mão de Felix Ventura para escrever sobre sua vida, reinventando-a dentro de um contexto de heroísmo e entrega à legalidade do país? Mas por que ao invés de pedir uma nova identidade, ou tão somente uma genealogia, o ministro escolheu um livro de memórias? Talvez porque o livro ainda guarde uma aura de perenidade, um sentido em que a *escrita* e a *leitura* tecem a possível “verdade” de uma história, o memorável de uma vida condicionada por escrito entre as páginas de uma obra. Esse trabalho de Felix Ventura também se aproxima ao de um escritor, na perspectiva apresentada por Ivette Sanchez, que “procura pensar uma *poética do colecionismo*, em que ler e escrever constituem formas de colecionar, e o escritor assemelha-se a um colecionador”⁷⁰⁴ (Grifos do autor). Assim, Felix Ventura, ao escrever um livro sobre a vida do ministro, está produzindo o que chamaríamos aqui de uma *coleção de memórias*. Ler, nesse sentido, é colecionar, é arquivar, e o arquivo aqui pode ser entendido na perspectiva de Foucault, com sendo, a princípio, “a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”⁷⁰⁵. O arquivo, portanto, anuncia acontecimentos, procura garantir a lei de sua anunciação. Não temos dúvidas de

⁷⁰⁴ SÁNCHEZ, Ivette. *Coleccionismo y literatura*. APUD MARQUES, Reinaldo. SOUZA, Eneida Maria de. (Orgs.) *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009. P. 329.

⁷⁰⁵ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Op. Cit. p. 158.

que a criação da biblioteca da ASEL procurava, dentro do contexto da cidade, fundar um acontecimento, ou seja, apontar para o que seriam as tradições letradas da cidade.

Por que começamos esse item assim? Qual a relação do livro de memórias sobre a vida do ministro com a biblioteca da ASEL? A princípio porque queremos entender a biblioteca da ASEL, o seu acervo, como um “livro de memórias”, ou melhor, uma “coleção de memórias” dos acadêmicos, ou seja, “considerando-se a biblioteca como lugar topográfico onde a memória é utilizada de várias formas”⁷⁰⁶, por isso a importância de se *ler* o seu acervo. Através dos livros podemos traçar os caminhos de leitura dos acadêmicos, de modo que nos seja possível apontar os principais interesses intelectuais dos mesmos. Mas essa é uma tarefa que não será muito fácil.

A criação de uma Biblioteca estava prevista no quarto parágrafo do Capítulo Primeiro dos Estatutos da ASEL, que determinava “A organização de uma Biblioteca”. O Artigo 23º determinava as competências do Bibliotecário, estabelecidas da seguinte forma:

- 1º - Ter sob sua guarda todos os livros da Biblioteca;
- 2º - Organizar o catálogo dos livros;
- 3º - Ter um livro de visitas;
- 4º - Fornecer nas sessões mensais o movimento de empréstimos de livros aos sócios e de visitas à Biblioteca.

E em parágrafo único postulava que “A Academia designará uma comissão para elaborar o Regimento interno da Biblioteca”.

O Artigo 23º que determinava as competências do Bibliotecário nunca foi cumprido totalmente, isso porque os bibliotecários da ASEL nunca assumiram a contento os seus cargos, isso até hoje, em 2013. Quando lemos as atas da Academia sobre a composição da Diretoria provisória da Academia e depois a Diretoria efetiva, o cargo de bibliotecário não se mostra preenchido, de modo que somos levados a pensar que o próprio presidente tenha tomado para si essa tarefa. Do mesmo modo, se o

⁷⁰⁶ SILVA, Sílvia Cortez. *Tempos de Casa-Grande (1930-1940)*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010. p. XXVI.

catálogo de livros foi organizado juntamente com o livro de visitas, nós não temos notícias dos mesmos, o que para nós significa uma grande perda, pois

a maioria de nós concorda que um catálogo de uma biblioteca particular pode servir como um perfil do leitor, ainda que não tenhamos lido todos os livros que nos pertencem e tenhamos lido muitos livros que nunca adquirimos [...]. E o estudo das bibliotecas particulares tem a vantagem de unir o “o quê” com o “quem” da leitura⁷⁰⁷.

A partir do catálogo poderíamos mapear os rumos das leituras levadas a efeito pelos acadêmicos da ASEL, traçando assim suas preferências, gostos, modos e formas de leitura. Mas no caso da Academia isso não poderá acontecer, pelo menos a partir da organização da própria ASEL. Desse modo ficamos sem saber se, em existindo o catálogo de livros, se o mesmo foi organizado por assunto e que assuntos eram mais comuns naquela biblioteca. Claro que hoje podemos avaliar essas questões uma vez que a catalogação de todo o acervo de certo modo já foi realizada, isso recentemente, em 2011, mas essa catalogação traz apenas o nome do livro, editora, ano e autor, sem mencionar assunto. Esse será nosso trabalho, ou seja, nossa tarefa será juntar “o quê” com o “quem” da leitura.

Uma biblioteca, para Jorge Luis Borges é interminável, chegando aquele autor a imaginá-la como se fosse um paraíso. Alberto Manguel em sua obra *A Biblioteca à Noite* (2006) escreve que a biblioteca tem uma lógica labiríntica, imagem já utilizada por Umberto Eco em seu livro *O nome da Rosa*. Já faz tempo que as bibliotecas de certa forma extasiam os homens, caso paradigmático da fabulosa, no sentido pleno da palavra, biblioteca de Alexandria. Por que tantas imagens e sentidos criados em torno de tantas bibliotecas? Talvez porque elas fossem depositários fiéis dos livros, esses objetos candentes, reveladores, usinas de conhecimento. Ou seja, a biblioteca como uma ampla reunião de livros, de muitos livros, só faz sentido quando relacionada com o seu conteúdo, ou seja, com os seus livros. Refletindo que “O *livro* é um lugar adequado para revolver estas camadas de tempo onde se fundem e se articulam o passado e o presente”⁷⁰⁸ (Grifos do autor), talvez possamos entender que o livro em si, enquanto objeto já manuseável, era considerado portador de conhecimentos, de sabedoria, lugar da palavra escrita que de certo modo se opunha a palavra oral, essa alada e fluída, e de

⁷⁰⁷ DARTON, Robert. *História da leitura*. In: BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 208.

⁷⁰⁸ ROLAND, Ana Maria. *Fronteiras da palavra. Fronteiras da história*. Brasília. DF.: Editora da Universidade de Brasília, 1997. p. 51.

certo modo, por isso, era lugar em que o tempo poderia ser melhor aproveitado no sentido de se buscar compreender as relações travadas entre o presente, o passado e o futuro. Assim,

O livro torna-se, com o aparecimento da biblioteca, a ponte que liga o passado ao presente, e ambos a outras temporalidades, futuras e distintas. Parte-se do princípio de que o patrimônio humano pode ser acomodado num espaço-biblioteca, de que o humano é traduzível numa referência livresca⁷⁰⁹.

As atas são bastante reticentes com relação a existência e movimentação em torno da biblioteca da ASEL, que foi inaugurada na Sessão Solene do dia 15 de novembro de 1944, ocasião em que “falou o acadêmico Pe. Gerardo Gomes sobre a inauguração da Biblioteca, com sabedoria e eloquência, ressaltando com entusiasmo a atuação brilhante do Mons. Martins.” A referência ao Monsenhor Vicente Martins mais uma vez indica que ele possivelmente seria o responsável pela biblioteca, como as atas sugerem, de modo que seu nome foi exaltado na sua inauguração, mas ironicamente, a biblioteca será chamada num futuro próximo de Biblioteca Pe. Gerardo Ferreira Gomes. Mas antes de sua inauguração, no dia 30 de abril de 1944, “S. Excia. o Snr. Presidente, lembrou o alvitre de serem dirigidas aos sócios e outras pessoas circulares solicitando livros para a Biblioteca da Academia”, o que reforça ainda mais a posição do presidente com relação ao funcionamento da biblioteca. No entanto, o Monsenhor Fortunato Alves Linhares, em sua obra *Notas Históricas da Cidade de Sobral*, já analisada por nós, supre essa lacuna e indica o nome do bibliotecário: o professor Raimundo Aristides Ribeiro, que permaneceu à frente do cargo até 1947, por isso temos que na ata do dia 25 de maio de 1947, foi convidado o acadêmico Expedito Vasconcelos para ocupar a vaga, mas o mesmo não aceitou. Somente em agosto de 1947 a Academia conheceria o seu novo bibliotecário, o padre Gerardo Gomes, que ocupou o cargo por praticamente um ano, sendo substituído em 1948 por Júlio Álvaro Coelho, que permaneceu um pouco mais à frente da Biblioteca, chegando até a década de 1980.

O professor Maurício Mamede Moreira, primeiro secretário da ASEL e autor das atas, estranhamente não pronuncia uma única vez o nome do professor Raimundo Aristides Ribeiro, mencionando de forma vaga as atividades do bibliotecário, como na ata do dia 26 de novembro de 1944, quando escreve: “O Snr. Bibliotecário propôs que

⁷⁰⁹ PINTO, Júlio Pimentel. *Lugares e memórias dos livros: Bibliotecas reais e imaginárias*. In: Projeto História, São Paulo, (26), jun. 2003. p. 119.

se fizesse a aquisição de uma estante para a Biblioteca”. As referências, quando existem, são sempre assim, bastante vagas e distantes. Com relação ao nome de Expedito Vasconcelos ele é pronunciado apenas na ata do dia 25 de maio de 1947, como lemos acima e nunca mais. Mas ainda que a Biblioteca tenha o seu bibliotecário, o presidente é quem efetivamente tomava nas mãos a sua organização, ou tentava fazer isso, pelo menos na perspectiva do professor Maurício Mamede Moreira, pois de acordo com a ata do dia 27 de julho de 1947, conforme segue:

(...) que, do Instituto Nacional do Livro, recebeu quatro volumes, ou sejam, pacotes de livros da doação, que continua a fazer aquela Instituição; que, a Biblioteca da Academia ressentia-se da falta de mais uma estante para guardar mais de cem livros, em poder dele, Presidente.

Entre 1943 e 1953, anos que a princípio cobrem a produção de atas da Academia, a biblioteca teve três bibliotecários, sendo que os dois primeiros ficaram bem pouco tempo nessa função, ao passo que Júlio Álvaro Coelho ficou mais tempo à frente do cargo, pelo menos até meados da década de 1980. Cogitamos que esse cargo era apenas formal, que na verdade o presidente procurava assumir as atividades em torno da biblioteca. Isso fica claro quando constatamos que, pelo menos os índices apontam para isso, a biblioteca nunca teve um catálogo ou um relatório de suas atividades, o que demonstra que todos os bibliotecários de fato nunca assumiram as suas competências, como já frisamos. Outro dado aponta também para a falta de produção do bibliotecário e dos acadêmicos, já que constatamos que pelo menos os livros da década de 1940 e 1950 não foram estudados e analisados nas páginas das publicações da ASEL que dispomos. E ainda mais, a constatação de que não existe uma única revista datada daquele período entre as obras de seu acervo.

A Revista da Academia de número 05, datada de 1946, como já frisamos, publicou um item chamado *Livros e Revistas*, em que expõe a lista de livros e revistas publicados entre 1945 e 1946, num total razoável de 30 obras, enviadas por outras instituições a ASEL. Acreditamos que a lista publicada na Revista de 1946 é de certa forma muito mais significativa para que possamos entender e juntar “o quê” e o “quem” da Academia, muito mais do que o acervo que atualmente compõe a sua biblioteca, como veremos em seguida. Mas primeiro segue a lista dos livros e revistas conforme publicada na Revista:

- Obras completas de Barbosa Lima. Volume XVIII. Tomo I. Discursos Parlamentares – Jornalismo – do Ministério da Educação e Saúde – Rio de Janeiro, 1945;
- Rio Branco (O Barão do Rio Branco) de Mario Lins – Coleção Documentos Brasileiros. Primeiro e segundo volumes, da Livraria José Olímpio, 1944;
- Os Vencedores da Fome, de Raul de Kruf. Edição Livraria Globo, Porto Alegre;
- A Conquista da Guerra, de Wilkelm Treune – Coleção Tapete Mágico,. Edição Livraria do Globo, 1945;
- Decadencia e Grandeza da Democracia, de Darcy Azambuja. Edição Livraria do Globo, 1945;
- Trutis e Carteis, suas influências na Economia Mundial. Edição Livraria do Globo, 1945;
- Adolfe, romance de Benjamin Constant. Colecion La France. America Edit.
- A Casa da Sobrinha do Sonanbulo. Edição Livraria do Globo, 1945;
- Konak out, de Gaper. Livraria do Globo, 1943;
- Neosa do Olho de Vidro, de Erle Stambey Gardosor. Edição Livraria do Globo, 1945;
- Poesias completas de Emiliano Perneta, 2 volumes. Lelio Valverde Livraria Editora;
- Gomes. Coleção de Clássicos. Vol. 1 Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa, 1945;
- Decada de João de Barro. Coleção de Clássicos. Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa - Cartas de José da Senha Brochiado. Coleção Clássicos. Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa, 1945;
- História da Companhia de Jesus, de Serafim Leite. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945;
- Obras Completas de Rui Barbosa. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1946;
- Fronteira Agreste, de Ivam Pedro de Martins. Coleção de Autores Brasileiros. Editora Livraria do Globo, 1945;
- Eu e outras poesia, de Augusto dos Anjos. Edição de Bedeschi, Rio de Janeiro, 1945;
- Poetas do Brasil. Jaime de Barcos (org.) Livraria José Olímpio Editora, 1944;
- A Morte no Nilo, de Agatha Christie. Coleção Amarela. Livraria do Globo, 1944;
- Poesia completas de Laurindo Rabelo. Coleção Grandes Poetas do Brasil. Editora Zelio Valverde, Rio de Janeiro;
- O Índio Afonso, de Bernardo Guimarães. Coleção Azul. Editora Aurora;
- A Província de São Pedro. Revista Trimestral. Edição da Livraria do Globo, 1945;
- Fabíola, de Wiseman. Editora Ocidental Limitada. Rio de Janeiro, 1945;

- Os Martírios dos Fórforos Queimados, de Elley Zucen. Edição da Livraria do Globo, 1945;
- Gotas de Riso e Sangue, de José Gurgel do Amaral. Publicado em Fortaleza;
- A Propósito, crônicas de L. Lavenoro. Maceio, 1945;
- Betânia, Revista do Seminário São José de Sobral. Ano VII e números II e IV;
- Revista da Academia de Letras. Rio de Janeiro, 1945; e
- A Defesa. Órgão da Ação Católica da Congregação Mariana de Propriá, Sergipe. Número 1 e 2, Ano XV.

Como vemos acima, a lista de livros e assuntos é bastante variada, abrangendo temas como o jornalismo, guerra, economia, cartas, poesias, história religiosa, romance, ação católica, entre outras temáticas. Mas imediatamente o que nos chama atenção é o grande número de livros publicados pela Editora Globo. Mas o que nos impressiona é que não detectamos, a partir da lista em questão, possíveis vestígios da leitura desses materiais nos discursos dos acadêmicos. Mesmo um autor consagrado como Rui Barbosa, a quem a Academia haveria de dedicar uma Sessão Solene no dia 7 de setembro de 1949, não transparece na escrita e discursos dos acadêmicos de que dispomos. Mesmo que em tese os interesses da ASEL devessem ser amplos, como propõem os seus Estatutos, não nos parece que de maneira geral os livros, pelo menos os listados na Revista, fossem lidos. Com algumas exceções, entre elas Dr. José Sabóia, Monsenhor Vicente Martins da Costa, padre Gerardo Ferreira Gomes, Dr. Ribeiros Ramos e Monsenhor Linhares, que liam e escreviam sobre o que liam nas Revistas da Academia ou no Correio da Semana, a grande maioria dos intelectuais da ASEL ou não liam ou não publicavam suas impressões. Sobre essa questão temos que:

A aquisição da cultura formal através da leitura não parece ser a motivação maior das elites sobralenses, o que nos leva a concluir que mesmo essas práticas se inscrevem na busca por uma nova identidade, na qual a sofisticação, o refinamento, a distinção atribuída às elites europeias, protagonísticas das práticas artísticas e intelectuais, seriam as características almejadas⁷¹⁰.

Encontramos na lista, duas obras compostas em Sobral, o que poderia nos levar a pensar que a elite intelectual da cidade lia com voracidade, mas os indícios, pelo menos no período desse trabalho, apontam que não, mas mesmo assim buscavam o refinamento e a distinção dos gestos e atitudes, certamente. Uma delas, um livro de poesias chamado *Gotas de riso e sangue*, de autoria de José Gurgel do Amaral que

⁷¹⁰ COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e cultura das elites sobralenses*. Op. Cit. p. 242.

apesar de ter sido publicado em Fortaleza, foi escrito pelo autor em Sobral. Encontramos também os números II e IV da *Revista Betânia*, que como sabemos, era a publicação do Seminário São José de Sobral. O livro do Gurgel do Amaral não faz mais parte do acervo atual da biblioteca. Os dois números da Revista Betânia também não.

O acervo atual da Biblioteca Padre José Gerardo Ferreira Gomes conta com 1.186 obras, entre livros e revistas, abrangendo os seguintes assuntos: Literatura, História, Memórias, Política, Religião, Crítica Literária, Direito, Filosofia, Genealogia, Ciência, Economia, Geografia, Estatística, Maçonaria, Educação, Discursos e Cultura. Temos, por ordem, os assuntos que mais ocupam lugar na biblioteca: Literatura, com 17,1% do total, abrangendo assuntos como poesias, romances, crônicas, contos, revistas literárias; em seguida História, com 10,2%, somando-se nesse item as Revistas do Instituto do Ceará, outras revistas de história, história geral, Subsídios para a história de algumas cidades do Ceará e Mossoró, especialmente, a história de vida de personalidades “ilustres”, entre outros assuntos; Memórias, com 0,57%, geralmente com obras dedicadas as memórias de algum “vulto” mais conhecido em pequenas cidades ou sobre a existências dessas cidades, como a obra *Memórias (1897-1978)*, de Sezefredo Garcia de Rezende, publicado em 1981; escritos sobre Política, com 0,50%. Nos chama atenção o fato da biblioteca dispor de poucas obras que tratem de Religião, perfazendo o total de apenas 0,26%, e como exemplo podemos citar a obra *O Clero no Parlamento Brasileiro*, publicado pela Câmara dos Deputados em 1979. Outros assuntos ocupam espaço menor dentro da biblioteca, tais como o Direito, com 0,12%, Discursos, com 0,14%.

A maior quantidade de obras literárias, a primeira vista pode parecer que esse montante tenha influenciado de maneira efetiva as reflexões dos intelectuais, mas não é isso que acontece. Por outro lado, a grande quantidade de obras relativas a História, a partir dos pressupostos que estamos adotando neste trabalho, no sentido de entendimento da ASEL como lugar de se *fazer história*, nos engana visto que essas obras de maneira geral também não aparecem nas reflexões acadêmicas. Outros autores, não presentes no acervo da biblioteca, pelo menos hoje em dia, como Emerson ou Carlyle, que influenciaram alguns pressupostos de escritos acadêmicos, talvez tenham feito parte da biblioteca particular de algum acadêmico. Fica dito que talvez o acervo atual da Academia tenha sofrido ao longo dos anos grandes perdas, hipótese que nos

leva a pensar que as obras consideradas mais representativas tenham sido deslocadas da Academia para algum acervo particular.

Por consequência uma característica dessa biblioteca nos deixou um pouco desanimados: a publicação recente da grande maioria dos livros, editados principalmente entre os anos de 1980 e 1990. A biblioteca praticamente não dispõe de obras publicadas entre 1940 e 1950. Temos o número insignificante de 14 obras publicadas nesse intervalo de tempo, distribuídos da seguinte forma:

Romances:

- *Os Filhos do Capitão Grant*, sem editora, de 1887, de autoria de Julio Verne;
- *Casa e Vapor*, da Editora Lisboa, de Julio Verne, publicado em 1888;
- *A Jangada*, David Carazzi Editor, publicado em 1888, de Julio Verne;
- *Cassacos*, Andersen Editores, publicado em 1934, de Cordeiro de Andrade;
- *Anjo Negro*, da livraria José Olímpio, publicado em 1946, de Cordeiro de Andrade;
- *Tonio Borja*, da Companhia Carioca de Artes Gráficas, de 1940, de Cordeiro de Andrade;
- *Um Mundo Só*, Companhia Editora Nacional, de 1943, de autoria de Wendell L. Willkie;
- *Luzia-Homem*, da Livraria Castilho, publicado em 1929, de Domingos Olímpio

Política:

- *Dia da Pátria*, da Imprensa Nacional, publicado em 1934, de autoria de Getúlio Vargas;
- *A Nova Política do Brasil*, Editora José Olímpio, de 1943, de autoria de Getúlio Vargas;
- *Fundamentos do Poder Soviético*, da Companhia Editora Nacional, de 1946, de autoria de Edgar Snow.

História:

- Museu Histórico Nacional, sem editora, publicado em 1931, de autoria de Fabio Frexeiro.

Crítica Literária:

- *O mundo social de Quincas Borba*, da Editora Movimento, publicado em 1944, de autoria de Flávio Loureiro Chaves.

Religião:

- *O Milagre da Montanha*, sem editora, de 1946, de autoria de Álvaro Franco e Maria Ramos de Franco.

Da lista acima, algumas questões são importantes tratar. Primeiro, mantendo a característica da Academia, temos o maior número de obras literárias, no caso romances, incluindo três obras de Cordeiro de Andrade. Nesse sentido, quando a Academia entre as décadas de 1940 e meados da década de 1960 silenciou sobre a obra desse autor, marginalizando-o de certa forma, como já analisamos, ao mesmo tempo os intelectuais da ASEL “conviviam” com algumas obras desse autor, entre elas *Cassacos*. Vemos também *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio, em edição rara de 1929. Esse autor que mereceu, como sabemos, por parte da Academia uma Sessão extraordinária realizada no dia 17 de setembro de 1950, em homenagem ao 1º Centenário de seu nascimento. Segundo, um dos únicos romancistas de importância universal com títulos a contar na biblioteca era Júlio Verne. Os indícios apontam que de maneira geral o autor francês era presença constante também nas bibliotecas particulares da elite da cidade, uma vez que, como já vimos, o próprio Domingos Olímpio, em sua mocidade, leu uma obra desse autor numa biblioteca particular de Sobral. E terceiro, chama bastante atenção o fato de que o livro de Monsenhor Fortunato Alves Linhares, *Notas Históricas da cidade de Sobral*, não consta na lista de livros da biblioteca, assim como a obra de Dom José, *História de Sobral*.

Outra questão digna de nota é o fato de que, não há nenhuma referência, análise ou resenha sobre qualquer um dos livros elencados acima na primeira publicação da ASEL, por outro lado, os livros referidos no Boletim, caso particular da obra *A crise do Mundo Moderno*, apresentada por Monsenhor Vicente Martins nas páginas do Boletim, não consta atualmente na biblioteca da Academia, o que nos leva a formular mais uma vez algumas hipóteses semelhantes, como apontar para a possibilidade da obra referida

pertencer a biblioteca particular do Monsenhor, ou que a mesma tenha sido subtraída do acervo da Academia. Com relação a lista de livros publicados na Revista da ASEL, apenas as obras completas de Rui Barbosa ainda estão disponíveis no acervo da biblioteca.

O autor com mais obras presentes na biblioteca é Vingt-Rosado, autor mossoroense, com 37 obras⁷¹¹. São obras que tratam dos mais variados assuntos, que vão desde a história, como a obra *A formação de Cacimbas, sua pequena história e Outras*, até obras biográficas, como *Aurélio Primeiro e Mossoró*. A presença marcante desse autor entre as obras presentes na biblioteca, todas publicadas durante a década de 1980, demonstra os indícios da relação próxima que a ASEL manteve com a Academia de Letras da cidade de Mossoró, mas que hoje a Academia não dispõe de documentos, como correspondências, que poderiam nos aproximar ainda mais dessa relação. Por certo, a Academia Sobralense de Estudos e Letras também enviava para sua congênera suas publicações. Outro autor comum na biblioteca é o pernambucano Joaquim Inojosa⁷¹², com 8 obras publicadas em sua maioria na década de 1970, caso do livro sobre o Modernismo de 1922, *Andrades e Outros aspectos do Modernismo*, publicado pelo MEC em 1975. Entre os autores locais, temos o padre Francisco Sadoc de Araújo, com 7 obras publicadas entre as décadas de 1970 e 1980, como por exemplo a importante obra já citada por nós, *Cronologia Sobralense*, em seis volumes, publicado pela Imprensa Universitária em Sobral, em 1983. Autores como Cordeiro de Andrade, como já vimos, têm na biblioteca seus principais romances. Dr. João Ribeiro Ramos tem 04 obras no acervo da biblioteca.

A partir do acervo disponível hoje na biblioteca da ASEL, não temos como avaliar a contento o “peso” de seus livros na vida dos acadêmicos, isso porque não conseguimos rastrear influências dessas leituras naquilo que alguns intelectuais produziram ao longo de suas participações nas lides acadêmicas, como já frisamos. É evidente que sabemos que “em uma biblioteca, onde todos os livros não podem ser

⁷¹¹ Jerônimo Vingt-Rosado Maia, nasceu em Mossoró, no dia 1º de março de 1918. Filho de uma família tradicional na região, tendo sido vereador durante várias legislaturas e Deputado Federal. Foi industrial, pecuarista, contador e farmacêutico. Polígrafo, escreveu sobre variados assuntos, entre eles história, memória, saúde pública, agricultura e pecuária.

⁷¹² Joaquim Inojosa nasceu em 27 de março de 1901. Bacharel em direito e jornalista. “Deixou uma obra importante para o estudo do movimento modernista no caso específico de Pernambuco, explorando e reunindo uma farta documentação composta de artigos de jornais e revistas, fotos, correspondências, registrando as polêmicas e transcrevendo trechos das obras de autores modernistas”. REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos. Op. Cit.* p. 167.

lidos”, algo é lido, avaliado, já que de qualquer modo “são necessárias seleções, por meio de diversos discursos, dos textos considerados os mais importantes”⁷¹³, mas a dificuldade é saber o que foi lido do acervo presente na biblioteca, especialmente as obras, em pequeno número, publicadas entre 1940 e 1950. Juntar “o quê” com o “quem” é uma tarefa das mais difíceis. No entanto, suspeitamos que talvez a referência a um livro tenha sido bastante utilizada por alguns dos intelectuais da ASEL ou tenha sido pelo menos conhecido, mesmo que não tenha sido lido: *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio. Por que cogitamos isso? Porque é muito comum encontrar em discursos e textos, a indicação sobre o que seria a formosa cidade intelectual”, de forma literal, como escreveu aquele escritor, sendo uma referência direta a invenção da cidade culta e intelectual presente na obra de Domingos Olímpio.

Nós não temos notícias de como acontecia o movimento interno da biblioteca, ou seja, *quem, quais e quantos* livros eram lidos, emprestados, devolvidos. Esse circuito, fundamental para o entendimento da biblioteca como espaço de intermediação cultural, nós não conhecemos. Sabemos que muitos dos livros chegavam pelo trem, vindos de cidades como o Rio de Janeiro, Recife e Fortaleza. Não conhecemos uma vez que não temos documento algum que nos aponte ainda que seja o menor indício dessa movimentação. Por tudo isso somos levados a refletir

que as elites reservavam um fraco interesse pela prática da leitura. A ausência de bibliotecas públicas, as lacunas sobre o assunto na historiografia local, a desordem e mesmo a negligência na constituição das coleções e do acervo, marcado pela predominância de jornais e revistas, e a ínfima quantidade de obras raras constituem alguns indícios dessa hipótese⁷¹⁴.

O franco interesse das elites da cidade pela leitura nesse período, por certo estabelece uma descontinuidade naquilo que seria o *talvez* da linearidade de uma tradição letrada para a cidade de Sobral. A biblioteca da ASEL é um exemplo muito claro de como a desorganização, a desordem e a negligência atuaram em desfavor de um espaço que se apresenta hoje para nós de forma sensivelmente lacunar. Não sabemos praticamente nada da biblioteca criada em 1944, ainda mais porque a grande maioria dos livros do período não existe mais, pelo menos no acervo da biblioteca. Por outro lado sabemos que algumas coleções particulares foram doadas na década de 1970 para a

⁷¹³ CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001. p. 27.

⁷¹⁴ COSTA, Elza Marinho da. *Sociabilidades e cultura das elites sobralenses*. Op. Cit. p. 240-241.

Biblioteca da Fundação Universidade Vale do Acaraú, atual Universidade Estadual Vale do Acaraú, mas essas doações não acusam a origem, nem a data, os nomes, as famílias. Não temos nada, ou melhor, o que temos é uma diversidade enorme de assuntos que apenas vagamente indicam os interesses dos leitores a que pertenciam os livros.

Por outro lado, a professora Anahid de Paula Pessoa de Andrade, tem uma perspectiva mais conciliadora com relação aos livros e a leitura, especialmente cultivada entre a elite da cidade, da qual ela também fazia parte, de certo modo contribuindo com alguns dados sobre o assunto para a historiografia local, enfatizando com certo idealismo que no final do século XIX e primeiras décadas do século XX,

Por essa época numa cidade do interior cearense eram lidos jornais e revistas francesas, além da imprensa nacional. Ainda vi na biblioteca do meu avô Dr. Francisco de Paula Pessoa Filho aludidas coleções que o inclemente cupim destruiu. Entre o pessoal abastado havia grandes e valiosas bibliotecas com famosas obras de autores célebres. Nas reuniões noturnas feitas nas rodas de calçada ou salões aristocráticos eram discutidos assuntos literários, verdadeiros ateneus onde os participantes versavam sobre os autores brasileiros e de além mar e os assuntos palpitantes da época. Homens e mulheres liam e sabiam latim e francês além do nosso vernáculo. Em consequência do cultivo da arte literária, salientaram-se nas letras por todo o Brasil, muitos sobralenses, em todos os ramos da literatura⁷¹⁵.

Anahid de Andrade, pelo que nos conta, cresceu em meio à biblioteca de seu avô, o Dr. Francisco de Paula Pessoa Filho, membro, de uma das famílias mais ricas da cidade, os Paula Pessoa, fazendeiros, advogados e políticos influentes. Todos os indícios apontam para essa família como sendo a família com mais livros em suas bibliotecas particulares. Vimos que outros membros da mesma família tinham biblioteca em casa, caso do jurista Vicente de Paula Pessoa, que também tinha em seu acervo livros franceses. A professora cita as rodas de conversas nas calçadas, hábito comum entre os sobralenses de todas as classes sociais pelo menos até a década de 1980. Quando cita que homens e mulheres liam e sabiam latim, estava se referindo a um grupo seleto de homens e de mulheres que podiam frequentar as boas escolas ou mesmo ter os mais reconhecidos professores particulares em suas casas. Ela dedica um item de seu texto para falar dos escritores de Sobral, aqueles que segundo ela “salientaram-se nas letras por todo o Brasil”, e cita em primeiro lugar Domingos Olímpio, dedicando ao mesmo a maior parte desse item.

⁷¹⁵ ANDRADE, Anahid de Paula Pessoa de. *A arte em Sobral*. In: *Álbum do Bicentenário da Vila Real e Distinta de Sobral*. p. 283.

Mas em outra passagem Anahid de Andrade lamenta que “Depois as atividades literárias foram decrescendo”, isso na década de 1920. Ela não explica as causas, mas essa sua informação à primeira vista nos surpreende porque a década de 20 foi pródiga em movimentos literários em todo o Brasil, com reflexos em Sobral, sendo inclusive o período em que foi criada, como já vimos, a Academia Sobralense de Letras. E foi também nesse período que foi inaugurada, mais especificamente em 1922, a biblioteca do Clube dos Democratas. Que era, segundo ela, “um ponto de reunião da mocidade que lia. Usavam as moças fazer uma “Miscelânea”, artístico caderno no qual moças e rapazes escreviam seu verso e prosa, de sua autoria ou não”.⁷¹⁶

Para nós, entretanto, não é uma tarefa simples apontar os livros presentes na Academia, e saber até onde os mesmos, depois de lidos, influenciaram seus leitores, isso porque o livro enquanto objeto cultural, enquanto espaço de inscrição, não é um instrumento simples de ser analisado e contextualizado, já que:

as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: Nó em uma rede⁷¹⁷.

Tarefa árdua desmanchar o nó das remissões, dos textos, das frases que se acumulam e que se transformam nas margens dos livros. Mas outro “nó” se apresenta diante de nós quando refletimos sobre a ASEL, e algumas questões relativas ao passado, ao presente e, principalmente, ao futuro.

⁷¹⁶ ANDRADE, Anahid de Paula Pessoa de. *A arte em Sobral. Op. Cit.* p. 283.

⁷¹⁷ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber. Op. Cit.* p. 28.

7 - PARA A ASEL, “NO PASSADO O FUTURO ERA MELHOR”?⁷¹⁸

O Mundo avança e Sobral também.

Anônimo.

A frase acima, de autor anônimo, circulava, segundo tradição oral, entre os intelectuais da cidade, fazendo referência ao fim da Segunda Guerra, final da década de 1940 e o início dos anos de 1950. O mundo, recém-saído da Guerra, procurava acertar o passo com o futuro, com aquilo que seria o desenvolvimento, após longos anos de embates, e nesse sentido, a Sobral idealizada também procurava avançar.

Sobral passou por grandes mudanças na década de 1950, no que se refere a organização de espaços de sociabilidade e lazer, mas também passou por um grave problema de saúde, o que por certo contribuiu para que a vida em torno da ASEL sofresse certa descontinuidade.

Nos primeiros anos da década de 1950 a cidade de Sobral, a Zona Norte do Ceará e a região da Serra da Ibiapaba, foram intensamente atingidas por uma grave doença que acometia crianças e adultos jovens, chamada *Calazar*, mas que tinha o nome científico de *leishamanoose tegumentar americana*. Ocorreram vários óbitos de crianças em Sobral, que chegavam ao único Posto de Puericultura da cidade com febre alta e contínua, anemia acentuada, às vezes diarreia, mas todas elas apresentavam grande aumento do baço, fato que intrigava o médico-chefe do posto, o Dr. Tomaz Aragão, este membro da ASEL. A doença, apesar de já diagnosticada desde 1903 na Inglaterra, era praticamente desconhecida em Sobral e no Brasil, de modo que o grande número de casos chamou atenção das autoridades médicas do país, isso depois de muitos óbitos e quando 11 crianças em 1953 foram internadas ao mesmo tempo no posto, o temor tomou conta da cidade. O total de pessoas internadas naquele ano chegou a 173, configurando-se assim numa epidemia. De fato, entre os anos de 1955 e 1965 o calazar

⁷¹⁸ Mia Couto nasceu em Moçambique em 1955. Considerado um dos principais escritores africanos da atualidade, sendo comparado a escritores como Gabriel Garcia Marques e Guimarães Rosa. É autor entre outras obras de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), *Terra sonâmbula* (2007), *O último voo do flamingo* (2005).

atingiu várias regiões do Brasil, mas principalmente do Nordeste. Por não ser muito conhecido, o calazar acabou sendo bastante estudado em Sobral pelo Dr. Tomaz Correa Aragão, sendo o primeiro médico no Brasil a diagnosticar uma epidemia da doença. Essa situação abalou o ritmo da cidade e como não poderia deixar de ser, as reuniões da ASEL tornaram-se mais escassas. Portanto, estaremos falando a partir de agora de descontinuidade, quebrando um pouco os discursos, especialmente aqueles construídos pelo Dr. Ribeiro Ramos, sobre a continuidade das atividades letradas da Academia ao longo do tempo de sua existência.

No mesmo período Sobral viveu novas dificuldades com relação ao fornecimento de energia. Desde 1926 que Sobral estava sendo iluminada por lâmpadas elétricas, apesar da precariedade do sistema diante das demandas da cidade. Em 1950 a Fábrica de Tecidos de propriedade do Dr. José Sabóia importou da Inglaterra duas caldeiras com capacidade para 10 toneladas de vapor por hora cada uma, e duas turbinas da Suécia, com capacidade de gerar 960 KWA e 1.500 KWA, superior as suas necessidades. A direção da fábrica, na pessoa do Dr. José Maria Mont'Alverne ofereceu o excedente para iluminar partes centrais da cidade, mas o prefeito de Sobral, Antonio Frota e o senhor Oriano Mendes, que detinham a concessão para explorar a eletricidade na cidade, por incompatibilidade política, recusaram a oferta. O resultado disso foi uma passeata de parte da população exigindo luz elétrica de qualidade e durante 24 horas, até que no dia 05 de abril de 1952, houve um grande tumulto da cidade, que resultou em postes arrancados, fios cortados, e um conflito que se armou entre aqueles que seriam *conservadores* e os chamados *defensores* da propalada modernidade, esses liderados pelos estudantes das escolas da cidade. Diante da situação, o diretor da Fábrica de Tecidos, o Dr. Francisco José A. Silveira, e o bispo criaram uma nova entidade denominada *Companhia Industrial Luz e Força de Sobral* que começou a produzir energia durante 24 horas para praticamente todo o entorno do centro da cidade, no dia 19 de junho de 1952⁷¹⁹

Assim, tivemos o arrefecimento em torno das reuniões da ASEL, especialmente devido as preocupações causadas pela epidemia de calazar na cidade que ocupou de maneira substancial as autoridades locais. Por outro lado, a Academia sofreu de certo modo a concorrência de outros espaços de sociabilidade como A Associação Atlética

⁷¹⁹ Ver: GIRÃO, Glória Giovana S. Mont'Alverne. SOARES, Maria Norma. *Sobral, história e vida*. Op. Cit. p. 106-112.

Banco do Brasil (AABB), que teve a sua sede campestre inaugurada em 1958, com ampla participação da sociedade sobralense, especialmente dos profissionais liberais da cidade. Isso porque como o número de funcionários do Banco do Brasil era pequeno, foi dado permissão para que não-bancários frequentassem o clube, desde que assinassem o Livro de Ouro da instituição, se comprometendo a seguir as normas estabelecidas pela associação.

A criação do *Tabajara Tênis Clube* em 1949, depois de uma divergência entre os membros do *Grêmio Recreativo Sobralense* que funcionava no *Palace Club*, e sua diretoria, fez com que Falb Rangel, conhecido investidor local, se afastasse do mesmo e fundasse logo em seguida o referido clube que chegou a ter 300 sócios, número considerado relevante, o que também diversificou ainda mais os espaços de sociabilidades na cidade. O Tabajara passou a oferecer para seus sócios, durante toda a semana, jogos de xadrez, gamão, damas e pingue-pongue, proporcionando a elite mais uma referência de entretenimento diário. Ocorriam tertúlias eventuais durante a semana e aos domingos aconteciam matinais concorridas, além dos bailes oficiais sempre bastante frequentados. O Tabajara Tênis Clube também foi responsável por shows que na década de 1950 trouxe para Sobral artistas nacionais como Lúcio Alves, Luíz Gonzaga, Nora Ney, entre outros. Além disso, o clube encetou campanha para arrecadação de fundos para a construção da Igreja de São Francisco, o que movimentou a cidade de maneira intensa⁷²⁰ e popularizou ainda mais o clube em Sobral.

Algum tempo depois, no final da década de 1950, foi criado o *Music-Hall*, iniciativa do funcionário do Banco do Brasil, João Barbosa de Paula Pessoa, em sua própria residência. O *Music-Hall* era um espaço para dança, sendo aberto aos sábados. Suas festas eram animadas pelo “*Music-Hall Conjunto*” com ampla participação do que seria a elite da sociedade sobralense.

Assim, o que temos na década de 1950 é a criação de clubes e espaços de lazer que acabaram concorrendo com a Academia, que viu suas atividades arrefecerem, como já frisamos. E se por um lado a cidade se viu às voltas com o calazar que ameaçava a todos, por outro lado, a criação de novos espaços de lazer e entretenimento, fomentava novos espaços de diversão e mundanidade na cidade.

⁷²⁰ Ver: ANDRADE, Plácido Marinho de. *Sobral, humor e prosa*. Sobral: Edição do autor, 1995. p. 156-161.

Apenas na metade da década de 1960, a Academia começou a voltar às suas atividades “normais”, inclusive voltando a registrar suas ações dessa vez no *Álbum do Bicentenário da Vila*. Ainda que pontuais, essas iniciativas deram novo impulso a Academia na cidade. Foi assim que em 1966 a ASEL empreendeu esforço para trazer de Fortaleza para Sobral o busto do consagrado poeta Padre Antonio Tomaz. O busto do padre havia sido erigido em 1930 por iniciativa de um grupo de estudantes do Liceu do Ceará, tendo à frente alguns moços que algum tempo depois seriam considerados intelectuais respeitados no Ceará, caso de Otacílio Colares e Marijeso Benevides. Os jovens estudantes conseguiram fundos, o busto foi confeccionado e colocado na Praça Fernandes Vieira, à frente do Liceu, simbolizando a força poética e telúrica da cidade e dos próprios estudantes. A questão é que em 1966 o busto do poeta foi retirado da praça para no seu lugar se colocar um busto em homenagem a Gustavo Barroso. O busto do padre Antonio Tomaz foi assim abandonado em um depósito da prefeitura de Fortaleza. A notícia do abandono do busto chegou aos ouvidos dos acadêmicos da ASEL, através de um estudante sobralense que estudava no Liceu, especificamente aos do Dr. Ribeiro Ramos, que de certo modo era parente do poeta, e iniciou dessa forma uma campanha para trazer o busto de Fortaleza para Sobral. O então prefeito de Sobral, Cesário Barreto Lima enviou ofício para o prefeito de Fortaleza, General Murilo Borges, solicitando a cessão do busto abandonado à cidade de Sobral. Assim, “o busto do Príncipe foi trazido para cá, e solenemente inaugurado, perante incontável multidão, à Praça Senador Figueira, em frente ao recém-aberto Hotel Municipal”. Segundo Dr. Ribeiro Ramos, “houve uma semana inteira de comemorações promovidas pela Academia, e quando a vida e a obra do imortal sonetista foi estudada, debatida e recordada com inexcedível carinho toda Sobral que pensa, num preito à Arte e à Poesia”⁷²¹.

A campanha para trazer de Fortaleza para Sobral o busto do Padre Antonio Tomaz deu novamente visibilidade a Academia que até então estava de certo modo silenciada na cidade. As palavras de Dr. Ribeiro Ramos sobre a inauguração do busto à Praça Senador Figueira, não podem ser consideradas senão como desejo e exagero, quando o mesmo se refere a “incontável multidão” que teria acompanhado o evento. De todo modo a figura do padre era bastante respeitada no Ceará em meio à sua intelectualidade, de modo que essa iniciativa carregou para Academia o prestígio que há tempos ela não conhecia. Vale ressaltar que esse busto se encontra até hoje na praça de

⁷²¹ RAMOS, Ribeiro. *O Silogeu Sobralense. Op. Cit.* p. 311.

mesmo nome, no centro da cidade, mas ironia das ironias, o busto se encontra abandonado. Ele não “desceu” de seu pedestal, não foi colocado em nenhum depósito da prefeitura, mas sua existência é praticamente nula, mesmo para a ASEL hoje.

No ano de 1967 a Academia realizou o que os acadêmicos chamaram de Semana da Cultura, contando com a presença de três dos mais respeitados intelectuais do Ceará naquele momento, caso do historiador Raimundo Girão, então Secretário de Cultura do Estado, e os acadêmicos da Academia Cearense de Letras, Artur Eduardo Benevides e Mozart Soriano Aderaldo. Segundo Dr. Ribeiro Ramos o programa do evento contou com discussões sobre Arte, Poesia e Literatura. Não tivemos acesso ao programa oficial do evento, mas não temos dúvidas de que a presença dos três intelectuais na cidade naquele ano causou certo impacto em favor da ASEL.

Nesse mesmo período, reverberando ainda a instalação do busto do Padre Antonio Tomaz, a Academia celebrou o primeiro centenário de nascimento do padre poeta, e também do Monsenhor Fortunato Alves Linhares, isso em 1968. Dois anos depois, em 1971, no mês de agosto, a Academia comemorou o centenário de nascimento do acadêmico Dr. José Sabóia de Albuquerque, “grande vulto da magistratura do Ceará e um dos maiores filhos de Sobral, e cujo ponto alto foi a magna sessão da noite do dia 6, quando vários oradores analisaram a figura e os feitos do eminente sobralense⁷²². Para esse evento foi confeccionado pela Academia um opúsculo intitulado *José Sabóia de Albuquerque – Em memória do centenário de seu nascimento*, que nós já analisamos em parte em outro momento deste trabalho.

Esses eventos esporádicos recolocaram a Academia mais uma vez na rota das supostas tradições letradas da cidade. Mas a grande oportunidade para a Academia reinventar o seu lugar no cenário intelectual da cidade ocorreria em 1973, ano em que seria comemorado o Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral. Toda a programação do evento foi organizada e idealizada pela Academia, que entre outras projeções, pretendeu publicar o *Álbum do Bicentenário*, tarefa que não foi concretizada, ou seja, o álbum ficou pronto – 6 cadernos datilografados, com textos e fotografias, somando mais de 300 páginas –, mas a prefeitura municipal não cumpriu com sua parte e o material não foi publicado. Muitos dos discursos que compõem o seu material veem sendo analisado por nós ao longo deste trabalho.

⁷²² RAMOS, Ribeiro. *O Silogeu Sobralense. Op. Cit.* p. 311.

Nesse contexto, uma mudança sensível, ainda que passageira, foi percebida por nós com relação as comemorações do Bicentenário da Vila, e essa mudança se refere ao fato de que muitos acadêmicos ou intelectuais convidados a participarem do álbum, começaram a refletir sobre a história da cidade, pensando a mesma numa perspectiva de futuro e não mais de passado, como foi comum até pelo menos o começo da década de 1950. As comemorações se iniciaram no dia 1º de julho e se prolongaram até o dia 08 daquele mês no ano de 1973. A Comissão de Honra do evento foi assim constituída: Presidente: Emilio Garrastazu Médici; Governador: César Calls de Oliveira Filho; Bispo: Dom Valfrido Teixeira Vieira; e o Deputado Manoel Rodrigues dos Santos. Mas como, simbolicamente, a Academia transitou do passado para o futuro? E ainda: qual era o sentido do futuro nas lides acadêmicas nesse período?

Agualusa numa determinada passagem do seu romance, reflete sobre o passado, nos dizendo que o mesmo “costuma ser estável, está sempre lá, belo ou terrível, e lá ficará para sempre”⁷²³. No entanto, nada mais enganoso, mas também nada mais doloroso: saber que o passado não é estável, firme e sólido como o sonho que a ASEL sempre projetou em seus desejos. Essa constatação apenas anuncia que o passado não dura para sempre, que mesmo sendo passado, ele passará, mas ao mesmo tempo permanecerá. Isso não é dedução, hipótese, fabulação. O passado consiste, para nós, na estabilidade e na mudança. O que muda no passado não é o que passou, força inapreensível, tênue condição do tempo, mas aquilo que o passado representa para determinada sociedade, ou aquilo que do passado é transformado em história e em memória. Por isso “O passado é bastante singular: já passou e, no entanto, ainda está presente”⁷²⁴. Ao mesmo tempo refletimos que Felix Ventura, bem armado com seu arsenal de sentidos, ainda que trabalhe com a possibilidade de reconstrução e invenção de um dado passado, para ele o passado estava, literalmente, em suas estantes, em seus arquivos, em seus documentos, ao alcance de suas mãos, sendo, portanto, estável, apesar de sua beleza e caráter de certo modo aterradores.

Sabemos, no entanto, que “O passado é sempre conflituoso (...). Além de toda decisão pública ou privada, além da justiça e da responsabilidade, há algo inabordável

⁷²³ AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Op. Cit. p. 59.

⁷²⁴ RÜSEN, Jörn. *Pode se melhorar o ontem? Sobre a transformação do passado em história*. In: SALOMON, Marlon (org.) *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011. p. 259.

no passado”⁷²⁵, algo que sempre nos escapa e que também se distancia muitas vezes dos sentidos produzidos pelo presente. Para lembrar e parafrasear Allan Poe em seu conto *O homem da multidão*, há algo no passado que não se pode ler, que não pode fiar a linha aguda da significação; ainda que o trabalho intelectual da Academia busque a garantia de que “o passado se faz presente”⁷²⁶. O passado, todavia deve ser entendido por nós como espaço simbólico de disputas, de conflitos, o que significa que se arma um jogo em que múltiplas jogadas são possíveis e em que as regras estabelecidas não seguem um nexos objetivo, claro e singular. As regras são invariavelmente modificadas ao sabor das improvisações e acasos, mas também de acordo com a imaginação de seus jogadores.

O passado, para os intelectuais da ASEL, contudo, “está sempre lá”, quer dizer, no próprio passado, “e lá ficará para sempre”, sendo parte da construção simbólica da cidade desejada, da tradição letrada, filtro em que esses intelectuais se miram para tentar possuir os destinos da cidade, esperando, entre outras coisas, que no passado o futuro fosse melhor.

Temos, desse modo, a organização de um *arquivo* em que os seus organizadores são de tal modo absorvidos por ele, que não sabem mais como interrogá-lo⁷²⁷, por isso a naturalização da história e da tradição, a ideia de que os acontecimentos históricos se repetem, de modo que “Se a História se Repete procure conhecê-la para entender o Hoje e prever o Amanhã”⁷²⁸ (Grifos do autor). Não conhecer a história seria um erro, mas seria um erro porque desse modo não se teria como aprender com sua incidência. A repetição ocorre porque a história é exemplar, ela ensina, aponta os caminhos morais para os atos humanos. Entendemos assim que:

A história interessa portanto, em segundo lugar, àquele que tem o gosto pela conservação e pela veneração, àquele que se volta com amor e fidelidade para o mundo de onde veio e no qual foi formado; com este ato de piedade, ele de algum modo agradece por sua existência. Cultivando cuidadosamente o que sempre foi, quer conservar para aqueles que nascerão depois dele as condições nas quais ele próprio nasceu – e é assim que presta um serviço à vida⁷²⁹.

Nietzsche nos aponta com muita propriedade o sentido de história e de passado que os acadêmicos da ASEL cultivam e projetam em seus escritos: uma história

⁷²⁵ SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Op. Cit.* p. 9.

⁷²⁶ *Ibidem.* p. 10.

⁷²⁷ FARGE, Arlete. *O sabor do arquivo. Op. Cit.* p. 71.

⁷²⁸ LIRA, João Mendes. *Nossa história.* Sobral: Edição do autor, 1971. p. 48.

⁷²⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre a história.* Rio/São Paulo: PUC/Edições Loyola, 2005. p. 91.

venerada e conservada naquilo que do passado poderia ser restaurado como lição para o presente e para o futuro. Interessa, pois a fidelidade ao passado de onde supostamente os intelectuais da Academia descenderiam. O desejo é garantir que o passado se repita, se faça presente na vida daqueles que virão depois. Ou seja, o objetivo da história, entendida por eles como *o passado*, é “conservar (...) as condições nas quais ele próprio nasceu”. Nesse sentido, refletiremos sobre algumas questões relativas a *cidade letrada* a partir das perspectivas abertas por Angel Rama em sua obra *A cidade das letras* (1984), com a qual dialogaremos a partir de agora de forma mais particular. Ainda que Rama discuta com maestria sobre os símbolos e signos que vão constituindo as cidades coloniais latino-americanas, colocando em debate a organização da cidade ordenada, letrada, escrituraria, modernizada, politizada e revolucionada, suas reflexões densas e perspicazes nos ajudarão a pensar as tentativas de ordenamentos produzidos pelos intelectuais da ASEL com relação a Sobral.

Consideramos que os membros da ASEL tinham um presente até certo ponto estável e de certo modo um passado assegurado, mas lhes faltava um bom futuro. Esse por exemplo, foi um dos desafios apontado pelo discurso do padre Sadoc de Araújo, que analisaremos mais à frente. E esse futuro que será então buscado em sua estabilidade, eles construirão a partir de suas relações com a história da cidade de Sobral, e para isso precisaram conhecer, escrever e prescrever fatos considerados por eles relevantes sobre a história local. Mas antes de qualquer coisa, precisaram ordenar a cidade, de modo que fosse organizada “dentro de uma repetida paisagem urbana, pois também requeria que fossem moldados com destino a um futuro, do mesmo modo sonhado”⁷³⁰. Ordenar a cidade na confluência da produção dos intelectuais da ASEL seria, estabelecer uma perspectiva de exclusão, ou seja, determinar quem participaria e quem não participaria das tradições da cidade letrada, por isso a insistência beirando a neurose com relação a lista com os a princípio, nomes dos intelectuais de Sobral. Por outro lado, o homem comum, o iletrado, não poderia nem deveria fazer parte dessas tradições. Houve, nesse sentido, um “esforço de clarificação (...) e sistematização” do que seria a cidade letrada.

Essa cidade ordenada, pronta a ser explicada pelos letrados, precisa ser condizente com suas tradições letradas e civilizadas, por isso não haveria lugar para nada que desviasse a cidade do futuro, mas ao mesmo tempo era necessário silenciar

⁷³⁰ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Op. Cit. p. 23.

sobre os problemas da *cidade real* e inventar arroubos para a *cidade ideal*, por isso não se fazia referência por exemplo ao

Botador d'água

Chiqueirador na mão, o dia todo entre as inesgotáveis cacimbas do rio e as jarras e potes insaciáveis, enfiando, sem pedir licença, casas adentro, era ele o requisitado “homem das águas”. À frente, viam-se jumentos conduzindo, no meio dos quatro cheios e gotejantes canecos de madeira, cuia e grande funil de flandres⁷³¹.

A imagem do *botador* vendendo água com seus jumentos carregados de fato não combinava com a idealização de uma cidade que teria um passado distinto e uma sociedade civilizada no presente. Mas essa imagem trazida pelo memorialista⁷³², já reclamada na década de 1940, como já vimos, foi bastante comum na cidade de Sobral pelo menos até a década de 1980, quando o sistema de distribuição de água alcançou a periferia da cidade que até então era servida por chafarizes públicos. Antes disso, em 1961 foi criado na cidade o SAAE – Sistema Autônomo de Água e Esgoto, que distribuía ainda que de maneira deficiente, água apenas no centro de Sobral. Assim, os intelectuais da ASEL não mencionavam essa situação nada confortável de ver tropas de jumentos diariamente cruzando as ruas da cidade abastecendo as casas. Sobre essa questão, Cordeiro de Andrade faz uma referência em *Cassacos* e que, ainda que seja relativa ao período de estiagem na cidade, nos dá uma indicação da prática comum de venda de água em Sobral, mostrando que a água vendida na cidade era retirada do leito do Rio Acaraú a partir de poços cavados muitas vezes em seu leito seco, como segue:

Os brancos do aluguel dele só querem beber agora das Caieiras, que a água daqui anda dando doença no povo (...) Pois não é que este mundo anda mesmo errado!... Branco não pôde beber água do poço, porque faz mal, uma água limpinha chega a gente vê até as piabas no fundo (...)⁷³³

Essas questões nos levam a pensar que “Uma cidade, previamente à sua aparição na realidade, devia existir numa representação simbólica que obviamente só podia

⁷³¹ GOMES, Adail Ferreira. *Sem choro nem vela, muito menos fita amarela*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1984. P. 23. Nessa obra Adail Ferreira Gomes narra suas memórias vividas em sua infância e adolescência em Sobral, entre os anos de 1934 a 1943. Diferentemente de outros memorialistas da cidade, como Lustosa da Costa, o autor procura dar visibilidade a uma cidade mais periférica, um pouco afastada do centro da cidade, região marcada pela presença da estrada de ferro que até hoje separa o centro da cidade dos bairros periféricos.

⁷³² Os memorialistas citados a partir de agora, com exceção de Lustosa da Costa, não pertenceram a Academia Sobralense de Estudos e Letras, portanto, não tinham a “obrigação” de louvar a cidade no que seriam suas tradições letradas.

⁷³³ ANDRADE, Cordeiro. *Cassacos*. Op. Cit. p. 80-81.

assegurar os signos: as palavras, que traduziam a vontade de edificá-la”⁷³⁴. Fez-se assim, e a cidade e sua história foram constantemente edificadas pelos discursos que traduziam a vontade de inventar um espaço de distinção intelectual e histórica. O vendedor de água produziria *desordem* em meio a tentativa de se ordenar a cidade letrada, por isso contava-se o problema, mas não era mencionada a solução, ou seja, os botadores de água e suas alimárias. Desse modo, essa imagem poderia representar, contraditoriamente, uma ameaça não para o passado da cidade, mas para o futuro, visto que talvez não fosse possível acreditar no futuro de uma cidade cuja água era servida cotidianamente por animais de carga. Nesse sentido, o memorialista Lustosa da Costa, com muita ironia e bom humor, dessa vez em um romance, relativiza os arroubos e idealismos, característica nem sempre comum em sua obra, a respeito da cidade considerada distinta, quando escreve o seguinte:

Somos uma cidade civilizada. Quem duvida? Temos bondes, teatros, casas de diversão, clubes dançantes, sociedades artísticas e beneficentes, centros esportivos, bibliotecas, quatro bandas de músicas, cinco jornais periódicos, oito igrejas, verdadeiro primor de arquitetura, um asilo de mendicidade (em construção), cinco escolas públicas e um grupo escolar (futuro), encanamento d’água para abastecimento público (em planos), iluminação elétrica (em projeto), estradas de automóveis (em estudos) e estradas de ferro, sobretudo a locomotiva que, resfolegando, vem despejar na nossa cidade carradas de civilização, as últimas novidades da moda e da política, da ciência (...), os últimos figurinos, os desastres da Central do Brasil, os progressos da aviação, os crimes impressionantes de São Paulo, as greves operárias (...)⁷³⁵

Outro memorialista local também narra em sua obra, com mais detalhes, a problemática com relação ao abastecimento de água na cidade entre as décadas de 1930 e 1940, na segunda parte de seu livro intitulado, *No meu tempo*, em um item que ele chama *Dificuldades*, em que narra as memórias de sua infância:

Antenor Ferreira Gomes era um cidadão de pouca cultura, era fazendeiro honesto e trabalhador, e de boa vontade de acertar. Lembro-me que na época não tínhamos água encanada em Sobral, o fornecimento de água era vindo do rio Acaraú, em canecos de madeira, em jumentos, com quatro canecos cada. Existia a profissão de “botador de água”, e os que não tinham condições de comprar, botavam, água sozinhos com potes de barro e latas, levando na cabeça. Como as cacimbas no rio não eram zeladas, o prefeito mandou abrir diversas cacimbas com caixões de madeira, cercou e passou a zelar, deixando vigias, mesmo à noite, para evitar que pessoas fossem

⁷³⁴ RAMA, Angel. *A cidade das letras. Op. Cit.* p. 29.

⁷³⁵ COSTA, Lustosa da. *Vida, paixão e morte de Etelvina Soares.* Fortaleza: Gráfica Editorial, 1997. p. 45.

se banhar nas cacimbas. Para as despesas de asseios e vigias, o prefeito passou a cobrar dos usuários um certo imposto, só que houve revolta. Exigia uma placa em cada cangalha dos jumentos, e tinha como cobrador o Augusto Madeiro, vulgo Augusto Maxixe⁷³⁶.

O autor, Raimundo Monte Frota, tinha em 1930 sete anos de idade. Sua narrativa deixa ainda mais clara as dificuldades com relação ao abastecimento de água na cidade nas décadas seguintes. Corrobora em suas palavras com as informações de Adail Ferreira Gomes, memorialista citado anteriormente, quando menciona a presença do botador de água transitando pela cidade com suas alimárias. Não menciona o valor dos canecos de madeira, mas explicita claramente que muitas pessoas não tinham como comprar água, botando elas mesmas em potes de lata e barro. Por outro lado, suas memórias também apontam que a água vinha dos poços ou cacimbas cavadas no leito do rio Acaraú. Menciona ainda a tentativa frustrada do prefeito Antenor Ferreira Gomes com relação a cobrança de um imposto que seria utilizado para cobrir as despesas com as “melhorias” realizadas junto as cacimbas.

Para Rama, o ordenamento da cidade letrada era garantido pela criação e participação do que chama de um *script*, que seria para ele “um escrivão, um escrevente ou até um escritor”, com a tarefa de “redigir uma *escritura*”. O projeto em torno desse escrivão era executar uma missão, que seria “*dar fé*, uma fé que só podia proceder da palavra escrita”⁷³⁷. Em Sobral, como estamos vendo os seus “escrivães”, os seus escritores procuraram ordenar o passado da cidade, fiando esse passado a partir da palavra escrita, uma *escritura* que ao lavrar o passado, justificava o presente dos acadêmicos, procurando dar fé a esse processo de entendimento do presente pelo passado, questão que não é nova, mas que com relação a ASEL, se torna preponderante, e não uma forma entre outras de entendimento e explicação da história. Não podemos deixar de pensar também, na mesma perspectiva de Rama, que esse “*sonho de uma ordem* servia para perpetuar o poder e conservar a estrutura sócio-econômica e cultural que esse poder garantia”⁷³⁸ (Grifos do autor). Rama fala dos *opositores* desse poder, como sendo portadores do “*sonho de outra ordem*”. Evidente que os botadores de água não ameaçavam o lugar dos que comandavam os poderes constituídos e os poderes simbólicos na cidade, mas por certo ameaçavam as representações que se queriam reais

⁷³⁶ FROTA, Raimundo Monte. *Sobral, minha família, minha vida. Op. Cit.* p. 23.

⁷³⁷ *Ibidem.* p. 29.

⁷³⁸ *Ibidem.* p. 32.

sobre a cidade, tais como modernidade, desenvolvimento, progresso, intelectualidade e civilidade.

Essa ânsia pelo futuro, que não assume a mesma força e dimensão da ansiedade que liga os intelectuais da ASEL as representações do passado, torna-se também constante nos discursos posteriores, assim temos que:

Sobral, meus senhores, não é apenas passado. Longe disso, se o pretérito constitui motivo de honra e alto estímulo, seu presente a engrandece e seu futuro se antevê brilhante e próspero. Com sua intensa vida econômica (...) e principalmente com a excepcional qualidade de sua gente, esta terra assegura seu principado e a continuidade de suas glórias⁷³⁹.

Pensar sobre o futuro da cidade, esse é o mote que passa a mover os intelectuais da Academia naquele contexto de comemoração. Se o passado era estável, capaz de assegurar a sua validade sobre o presente, pensar sobre o futuro era mais um dos desafios propostos porque, entendemos assim, que pensar a cidade do futuro era ao mesmo tempo projetar a cidade do passado. O que temos assim, mais do que nunca, é o *futuro do passado* arregimentando os postulados dos intelectuais da ASEL. Aqui, precisamos pensar com Koselleck, que a intenção era prever o futuro, de modo que talvez não fosse mais tão necessário “esperar conselho a partir do passado, mas sim apenas de um futuro que está por se constituir”⁷⁴⁰.

Era preciso agora ordenar o futuro, mas o sonho da ordem demandava estratégias, cuidados, arremedos que transformassem a cidade ordenada em cidade futura, “para facilitar a hierarquização e concentração de poder, para cumprir sua missão civilizadora”, e para isso foi necessário que se “dispusessem de um grupo social especializado”, sendo necessário “que esse grupo estivesse imbuído da consciência de exercer um alto ministério que o equiparava a uma classe sacerdotal”⁷⁴¹ de maneira que esse grupo tivesse legitimidade para projetar a cidade do futuro, fazendo com que suas ações e propósitos fossem vistos e entendidos como “obra do Espírito”, ou seja, que essas ações fossem naturalizadas como *futuro reflexo* de suas competências, pois estava claro que:

No centro de toda cidade, conforme diversos graus que alcançavam sua plenitude (...) houve uma *cidade letrada* que compunha o anel

⁷³⁹ CÂMARA, José Bonifácio. *Elogio de Sobral*. Op. Cit. p. 18-19.

⁷⁴⁰ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Op. Cit. p. 58.

⁷⁴¹ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Op. Cit. p. 41.

protetor do poder e o executor de suas ordens: uma plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores, múltiplos servidores intelectuais⁷⁴².

Já vimos como em Sobral, orbitando em torno da ASEL, um grupo de religiosos, administradores, educadores, profissionais e muitos servidores intelectuais que ao mesmo tempo em que operavam a máquina simbólica da ASEL, compunham a burocracia municipal. Vimos como um número considerável especialmente de advogados era visto como sinal do desenvolvimento, civilização e progresso da cidade, apesar da crítica esporádica que já analisamos. Sobral era uma cidade em que algumas profissões consideradas distintas, como médicos, maestros, juízes, formavam “o anel protetor do poder e o executor das ordens”, mas aquilo que a primeira vista poderia parecer como a normalidade das coisas, ou seja, a presença dessas profissões distintas e elitistas, como representantes mais significativas das profissões na cidade, correspondia, apesar de sua presença significativa, apenas uma parte dos trabalhadores. Outras profissões, bem menos reconhecidas, mas ainda assim fundamentais para a existência da cidade, eram comuns e numerosas. A cidade letrada não era composta apenas por essas profissões escolarizadas, rentes as tradições educacionais da cidade, com seus mestres do latim. Nesse sentido, entre as décadas de 1930 e 1940,

Naquela época estas profissões davam um bom campo de trabalho, era muito comum. Alguns ficavam famosos na sua profissão, elogiados pela sua capacidade (...). Por exemplo os ALFAIATES, como o José Frota, que tinha sua oficina na Praça da Boa Vista. Havia ainda o Sherlock, bom alfaiate, bom eletricitista, muito habilidoso, inteligente, tinha muita criatividade. Praticamente sabia fazer tudo. Sua oficina ficava na esquina da Rua Domingos Olímpio (...). Outra profissão (...) foi a dos FLANDEIROS. Antes se via flandreiro em quase todas as ruas. Eu conheci diversos, fazendo canecos de flandres, latas para leite, caçarolas, panelas, funil e muitas outras coisas que hoje se compram feitas (...). Quanto aos SAPATEIROS (...) quase em toda esquina tinha um sapateiro, botando meia sola em sapatos, fabricando o próprio sapato e remendando etc. FERREIROS, por sua vez, eu conheci diversos, por sinal, verdadeiros artistas. Tinha um ferreiro na Praça da Sé de nome Loreto. Ele trabalhava sempre para Dom José Tupinambá da Frota. Ele fez todas as grades que existem na Igreja da Sé, tudo obra manual, muito bem feito. Ele era um verdadeiro mestre do ferro, não existia solda elétrica (...). Existia outro ferreiro de nome Mestre Chagas, que um especialista em fabricação de foices. Sempre o homem do campo dava preferência às foices do Mestre Chagas, devido a garantia que ele oferecia de que nunca quebrava a sua foice. Falando de CARPINTEIROS, também existiam muitas carpintarias, todas manuais e que faziam móveis que eram uma verdadeira arte,

⁷⁴²RAMA, Angel. *A cidade das letras. Op. Cit.* p. 43.

com esculturas em alto e baixo relevo, feitos quase com as unhas⁷⁴³.
(Grifos do autor)

Como lemos acima, a cidade letrada não existia apenas em função de sua plêiade de religiosos, administradores, educadores, profissionais, escritores e intelectuais, ou sua “safra de doutores”. Diante do reduzido número de alfabetizados, as profissões mais populares, descritas acima, tinham uma importância fundamental para o funcionamento do dia-a-dia da cidade real. Esses profissionais, como lemos, tinham suas oficinas localizadas no centro da cidade, o que significa dizer que o lugar privilegiado das mesmas se coadunava com a posição estratégica que esses saberes e fazeres ocupavam no cenário de Sobral. Frota destaca um conhecido ferreiro da cidade, que tinha sua oficina na Praça da Sé, nas imediações da Catedral, chamado Loreto, que segundo o memorialista, “fez todas as grades que existem na Igreja da Sé”. Sabemos que Dom José empreendeu uma ampla reforma na Catedral, que começou em 16 de maio de 1938 e terminou em 22 de maio de 1941. Nessa reforma, entre outras modificações, a igreja foi toda cercada por um muro de alvenaria de um metro e meio de altura e sobre esse muro foram colocadas grades de ferro maciço que se elevam a mais de 2 metros, todas pintadas de alumínio. São essas grades que segundo Frota foram todas confeccionadas pelo ferreiro.

O memorialista cita ainda outras profissões ligadas a outras atividades, como os “Profissionais do Algodão”, como ele chama, trabalhadores que labutavam nas inúmeras usinas de beneficiamento de algodão presentes na cidade⁷⁴⁴. Menciona também os trabalhadores simples de “Tecido e Miudeza” que atendiam em pequenas lojas localizadas no centro da cidade. Todos esses profissionais presentes na cidade conviviam com os profissionais mais graduados e certamente, o que imaginamos é que esses profissionais precisavam mais daqueles, do que aqueles destes. Era muito mais fácil um advogado precisar do trabalho de um ferreiro ou de um sapateiro, do que um ferreiro ou sapateiro precisar do trabalho de um advogado.

Adail Ferreira Gomes, memorialista já citado por nós, elenca outras profissões populares comuns na cidade, como os carroceiros, “reunidos nas esquinas ou movimentando, lentamente, suas carroças ruas afora, integra, naturalmente, o rol do

⁷⁴³ FROTA, Raimundo Monte. *Sobral, minha família, minha vida*. Op. Cit. p. 105-106

⁷⁴⁴ Foram muitas as usinas existentes na cidade: Usina Santo Antônio, de Antônio Salustiano de Aguiar, na Rua Menino Deus; Usina Pery Frota, na Avenida Senador Paulo, hoje Avenida Dom José; Usina João Alfredo, no bairro Beira do Rio; Usina João Nogueira Adeodato, no bairro Beira Rio; Usina Gerardo Atibones, na Avenida Dom José.

pitoresco (...) ⁷⁴⁵. Menciona ainda os lixeiros a serviço da prefeitura, em seu “Carroção vagaroso da Limpeza Pública (...), arrastando-se em busca da “mochinga” (...), puxado por burro velho e sofrido, através das ruas descalças e acidentadas de então” ⁷⁴⁶, e também os leiteiros, “cedo da manhã, às portas das residências, montando entre os vasilhames do leite recém-colhido, entregando-os com certa pressa, aos litros” ⁷⁴⁷, sem contar outras atividades mais domésticas, digamos assim, como as engomadeiras, com seus ferros a carvão fumegando na janela, com imenso cesto de roupas alheias. E também menciona uma profissão muito importante para o cotidiano da cidade, que era formada pelos vendedores de lenha, num período em que as casas não dispunham comumente de fogão a gás, esses trabalhadores, com seus “Animais com pesadas cargas de lenha, no mormaço do meio dia, percorrendo, cansados, cabisbaixos e lentos, as ruas tortuosas e ermas da cidade” ⁷⁴⁸. Essas profissões aparentemente nada distintas, fora completamente do rol de profissões que poderiam levar seus praticantes às cadeiras da ASEL, indicam também a presença de uma cidade mais provinciana, simples e ainda muito ligada às coisas do campo. Temos que o Censo Demográfico do Estado do Ceará para a década de 1940, aponta em seu item *População de fato, por sexo e ramo de atividade principal exercida, segundo os municípios*, os seguintes números para Sobral: Para a *Administração pública*, abrangendo ainda a *justiça e o ensino público*, temos o seguinte: Homens, com o total de 141, e para as Mulheres, o total de 44. Para as *Profissões liberais*, abrangendo segundo o Censo, *culto*, ou seja, o *sacerdócio, ensino particular e administração privada*, temos: Homens, com o total de 103 e Mulheres, 68. Para o item *Atividades domésticas e atividades escolares*, temos os seguintes números: Homens, com o total de 1.082, e Mulheres com o total de 11.995 ⁷⁴⁹. Lembrando que esses números se situam dentro da perspectiva da população total de 56, 067 habitantes.

Pelos dados do censo expostos acima, vemos que as profissões elencadas pelos memorialistas da cidade não constam nos dados daquele censo, ou seja, aquelas profissões, apesar da importância das mesmas para a vida da cidade, não contavam entre as rubricas apresentadas pelo censo. Vemos que as atividades domésticas eram as mais abrangentes, mas não conseguimos inferir com detalhes do que tratavam essas atividades. As engomadeiras fazem parte dessas atividades? O que o censo chama de

⁷⁴⁵ GOMES, Adail Ferreira. *Sem choro nem vela, muito menos fita amarela*. Op. Cit. p. 20.

⁷⁴⁶ *Ibidem*. p. 21.

⁷⁴⁷ GOMES, Adail Ferreira. *Sem choro nem vela, muito menos fita amarela*. Op. Cit. p. 21.

⁷⁴⁸ *Ibidem*. p. 24.

⁷⁴⁹ Censo Demográfico – Sobral Recenseamento Geral do Brasil. Setembro de 1940. Série Regional – Parte VI – Ceará – Tomo 1

atividades domésticas era tudo aquilo que a “dona de casa” realizava em seu dia-a-dia? Se assim for, em meio a mais de 56 mil habitantes tínhamos na cidade apenas 11.995 mulheres casadas, isso porque supomos que de maneira geral as atividades domésticas eram realizadas por senhoras casadas? O total de 1.082 homens listados trabalhava em atividades escolares? E que atividades eram essas? Ou o censo estava se referindo a homens que tinham oficinas em suas próprias casas? Seriam professores? Parece-nos que não, pois do contrário eles estariam contabilizados no item Administração pública que colocava entre os seus trabalhadores aqueles que exerciam o ensino público. Seriam possivelmente funcionários da burocracia escolar? Acreditamos que sim. De qualquer modo o censo não esclarece com precisão as profissões listadas, de modo que fica mais simples para nós avaliarmos a presença sutil de alguns trabalhadores sem status social presentes nos textos dos memorialistas, do que a presença oficial de profissões contidas no Censo.

A cidade letrada, arregimentada por seus intelectuais, bem situados nas malhas da burocracia e do poder, lançando mão de “recursos de que dispuseram, que a proeminência que alcançaram e que as funções sociais que cumpriram”, tiveram capacidade estratégica “para se institucionalizar a partir de suas funções específicas (donos da letra) (...), dentro das instituições de poder a que pertenceram: Audiências, Capítulos, Seminários, Colégios, Universidades”⁷⁵⁰. A cidade que se queria ordenada, a Sobral pensada como ordenada pelo passado, que vai se abrindo para o futuro, é uma cidade em que a Academia institucionaliza sua história, publicando livros, ensaios, textos esparsos, biografias e genealogias, colocando em prática assim “o forçoso princípio institucionalizador que caracteriza qualquer poder”⁷⁵¹.

O poder das letras praticado para “a obtenção ou conservação dos bens, utilizando modos linguísticos canônicos que se mantinham invariáveis”⁷⁵², e a busca pelo que seria o futuro de Sobral é mais um elemento da força dos modos de linguagem canônica que se mantinham invariáveis, enquanto só era possível pensar no futuro tendo como referência um dado passado. Fora do passado não poderia haver futuro. Por isso era dito que “quando o passado não fala mais, o presente é vivido sem entusiasmo e o

⁷⁵⁰ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Op. Cit. p. 47.

⁷⁵¹ *Ibidem*. p. 47.

⁷⁵² *Ibidem*, p. 55.

futuro será por demais incerto”⁷⁵³. (Grifos nosso) A incerteza do futuro é resultado dos silêncios sobre o passado, portanto, o futuro nasce do passado, por isso o discurso canônico se mantém de certa forma quase invariável. Por consequência é dito que “Uma cidade, uma nação, um estado que desconheça seu passado, jamais poderá ter um futuro dinâmico”⁷⁵⁴. O desejo dos acadêmicos é que a história do futuro seja a história da Academia. E o futuro, para Lira, é medido pelo progresso⁷⁵⁵, uma vez que “Sobral começou sua marcha para o desenvolvimento muito cedo. Atualmente é uma exigência *natural* do seu passado”⁷⁵⁶. (Grifos nosso) O desenvolvimento pensado por Lira é entendido por ele como algo natural, nós podemos chamar de progresso. Assim, devemos entender o progresso não só como uma forma ideológica de se enxergar e alcançar o futuro. Progresso seria uma nova experiência diante de novas fontes como a técnica, o crescimento populacional e o desenvolvimento social e político⁷⁵⁷. Para Lira,

⁷⁵³ LIRA, Padre João Mendes. *Nossa história. Op. Cit.* p. 4 O padre João Mendes Lira é possivelmente o acadêmico que mais apostou na “Sobral do futuro”. Suas reflexões, no entanto, estão centradas no que seria o passado da Vila Distinta e Real de Sobral. Sua obsessão pelo passado da Vila é a tônica de sua obra. Há, inclusive, em sua produção historiográfica, o que chamaríamos de ressentimento com relação a todos “aqueles” que descuram desse passado e que por isso, segundo ele, não acreditam no futuro da cidade.

⁷⁵⁴ LIRA, João Mendes. *Nossa história. Sobral. Op. Cit.* p. 5

⁷⁵⁵ No Álbum do Bicentenário, Ribeiro Ramos elenca o que seriam as principais características do progresso da cidade na década de 1970, período em que a Academia começa a pensar a cidade do futuro. Um dos itens tratados é relativo às linhas de ônibus diários até a capital Fortaleza, Teresina, São Luiz e Parnaíba: Empresa Expresso de Luxo: Fortaleza-Teresina – Fortaleza- São Luiz; Empresa Viação Horizonte: Fortaleza-Parnaíba. Cita ainda as linhas de ônibus intermunicipais: Expresso de Luxo: Fortaleza-Sobral; Empresa Cajazeira: Fortaleza-São Benedito; Empresa Rápido Cratêus: Cratêus-Sobral; entre outras. Menciona os Monumentos Históricos, entre eles, a herma do Coronel Joaquim Ribeiro, Estátua de Dom José, herma de Dom Expedito Lopes; Coluna comemorativa da fundação da Vila (Pelourinho), Monumento do Cristo Redentor, Arco do Triunfo, herma do Padre Antonio Tomaz, herma de Antonio Rodrigues Magalhães, entre outros. E ainda o Hotel Municipal, recentemente construído. Cita espaços de lazer como o Cine-Teatro Alvorada, o Cine-Teatro Rangel e o Teatro São João, em reforma no período. Cita os jornais do período entre eles o Correio da Semana. Os clubes de serviço, como o Lions Clube. Emissoras de rádio. Estabelecimentos bancários: Banco do Brasil, Banco do Nordeste do Brasil, Banco Real, Bradesco, Banco do Ceará, Banco da Bahia. Cita as associações de classe, como a Associação Comercial de Sobral e a Associação dos Empregados do Comércio de Sobral. Menciona lojas comerciais. Menciona o ensino superior, com a Fundação Universidade Vale do Acaraú, depois encapado pelo estado. Cita as escolas da cidade. Dedicar algumas páginas ao item Bases econômicas: enfatiza que a base econômica do município é a pecuária. E a específica: Rebanho bovino: 66.500; Rebanho suíno: 16.000; Rebanho eqüino: 8.000; Rebanho ovino: 36.000; Rebanho caprino: 38.000. Para o setor industrial, cita: Fabrica de Tecidos Ernesto Deocleciano, Companhia Industrial de algodão – CIDA, Casa Quirino Rodrigues S/A – Indústria, comércio e agricultura, Companhia Cearense de Cimento Portland, Indústria sobralense de castanha – INCASSA, Laticínios sobralense S/A, Companhia sobralense de material de construção – COSMAC, Fábrica de refrigerantes DELRIO, União industrial do Nordeste, Fábrica Randal, Fábrica Alcides Andrade, Usina São José, Indústria de chapéus 3 irmãos, Arruda Carneiro & Cia., Chapéus artesanato de palha – CAPASA. Cita o setor de móveis, com a Movelaria funcional. O setor comercial. Menciona o Serviço de abastecimento de água e esgoto – SAAE. A Agência da Receita Federal. Farmácias e Drogarias. Enfim, além desses dados, muitos outros são mencionados por Ribeiro Ramos, que acredita assim está diagnosticando o progresso e o desenvolvimento da cidade no período.

⁷⁵⁶ LIRA, Padre João Mendes. *Nossa história. Op. Cit.* p. 7

⁷⁵⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro do passado. Op. Cit.* p. 81.

naquela década de 1970, “Um surto de progresso toma conta de nossa população. Isto significa que o passado ainda está bem vivo em nossas veias”⁷⁵⁸. Parece, à primeira vista, que estamos apenas diante de uma visão ingênua da história, em que um dado passado confere uma garantia que seria natural para o presente e para o futuro. Não se trata apenas disso.

Não se trata apenas de uma visão ingênua, porque estamos lidando com discursos intelectuais que procuram fazer do relato “uma função de autorização ou, mais exatamente, de *fundação*.”⁷⁵⁹ (Grifos do autor) Por esse motivo essa visão não é ingênua, visto que em um fundamento, uma intenção, uma clara definição política de memória. O passado aqui, não é “uma espécie de fantasma a ser enfrentado”⁷⁶⁰. O passado é fonte para o presente e agora para o futuro. Ele não deve ser enfrentado, deve ser buscado, “resgatado” do esquecimento. Ele é em primeiro lugar a fonte da *municipalidade*. Estamos tratando aqui de um passado que se quer apresentar “como “mestre” do presente e do futuro”⁷⁶¹. O presente é visto como problema quando não reflete o passado e não anuncia o futuro. Por isso aposta-se que:

Na Sobral do presente que aí aparece liderando as cidades do interior cearense, assim como é líder incontestado da Zona Norte, *pode-se antever a Sobral do futuro* – forte, bela, vitoriosa, pujante, vibrátil, progressista, rica, poderosa e economicamente respeitada. Uma Sobral como jamais sequer sonharam aqueles que a viram nascer há dois séculos – pequenina e modesta – apenas Caiçara⁷⁶² (Grifos nosso)

Pensar no que seria a cidade do futuro é uma tarefa que a Academia se propõe naquele período. Esse é o mote que rege a construção do Álbum do Bicentenário, “tarefa, que a Academia de Estudos e Letras de Sobral, pediu e recebeu para si, dentre as demais distribuídas pela Comissão dos Festejos (...), é das mais sérias e pesadas”⁷⁶³, por isso praticamente todos os que escrevem para o álbum, acadêmicos ou não, precisam pensar a cidade do futuro. Assim, acreditamos nós, a Academia também “teria futuro”, pois seria a medida do próprio futuro, pensada e solicitada a se projetar como um receptáculo dos acontecimentos. A Academia guardaria o tempo e sua fruição, passaria do passado para o presente, e do presente para o futuro. Talvez fosse nisso que

⁷⁵⁸ LIRA, Padre João Mendes. *Nossa história*. Op. Cit. p. 13.

⁷⁵⁹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Op. Cit. p. 209.

⁷⁶⁰ GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Op. Cit. p. 142.

⁷⁶¹ *Ibidem*. p. 142.

⁷⁶² RAMOS, Ribeiro. Apresentação ao Álbum do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral. Op. Cit. p. 2-3.

⁷⁶³ *Ibidem*. p. 2.

os acadêmicos, especialmente Dr. Ribeiro Ramos, acreditassem. O que o Álbum do Bicentenário organizado pela Academia pretendia estabelecer, entre outras possibilidades, era uma identidade de grupo, ou seja, pretendia-se estabelecer, no futuro, o lugar dos intelectuais. Era preciso salvar o futuro, pois “Caminhando sempre para frente, Sobral teve a felicidade de se renovar, crescendo sempre para o alto, e com a sua gente varonil e indormida, trabalhando incansavelmente pela grandeza de seu futuro”⁷⁶⁴. Nesse ponto é que a identidade de grupo procura se fundamentar, pois essa “gente varonil e indormida”, apontada assim de maneira genérica, não escapa à tentativa de se construir uma identidade intelectual circunscrita à Academia.

Quando Rama aponta que “A construção da cidade futura não foi menos obra do desejo e da imaginação”⁷⁶⁵, poderíamos argumentar, ainda com Rama, que nesse sentido “não sobra lugar para a *cidade real*”⁷⁶⁶ (Grifos do autor), porque o império da letra se propõe “a construir, desvinculada da realidade, a que Bolívar estigmatizou como uma “república aérea”⁷⁶⁷, estabelecendo assim um desencontro entre a cidade imaginada e a cidade real. Por isso a distância entre a cidade ideal dos intelectuais que gravitavam em torno da ASEL, de modo que:

Não há como negar que Sobral nasceu com a predestinação de ser grande, tenaz, valorosa e forte, sempre fiel ao espírito imemorial dos seus fundadores, audazmente convictos de sua missão histórico-temporal, exercida com tenaz determinação, na terra adusta que serve de berço à sua admirável gente⁷⁶⁸.

É possível, na citação acima, rastrear a “Sobral aérea”, sonho e vontade dos intelectuais? Certamente que sim, pois sua perspectiva de existência é sempre naturalizada, fronteira da virtualidade, espaço de consignação entre o que se deseja e o que se escreve, por isso, “a língua é companheira do Império”⁷⁶⁹, em nosso caso o império da letra que celebra um *dialeto municipal*, arma e manejo da construção de uma cidade ideal. Mas o idealismo dos intelectuais encontra bifurcações, descaminhos, desordens, e a cidade considerada distinta e opulenta, é quase sempre relativizada, conforme a imagem da *cidade real* retorna em sua força, conforme segue:

⁷⁶⁴ RAMOS, Ribeiro. Apresentação ao Álbum do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral. *Op. Cit.* p. 4.

⁷⁶⁵ RAMA, Angel. *A cidade das letras. Op. Cit.* p. 99.

⁷⁶⁶ *Ibidem.* p. 101.

⁷⁶⁷ *Ibidem.* p. 67.

⁷⁶⁸ BARROSO, Parsifal. *Sombras que falam. Álbum do Bicentenário. Op. Cit.* p. 81.

⁷⁶⁹ RAMA, Angel. *A cidade das letras. Op. Cit.* p.60.

O trânsito maior era de animais de carga: carroças, comboios, cavalos de cela, comboeiros botando águas em canecos de madeira em jumentos, carroças com aquelas rodas grandes de ferro, transportando cargas da estação para o comércio. Também tinha um bonde puxado a burros correndo em cima dos trilhos, a linha vinha da estação ferroviária até a Cidade, transportando cargas como também tinha um bonde que transportava passageiros, o condutor de um dos bondes era o Antônio Chorão, este condutor chegou a ser processado por atropelar uma pessoa que chegou a morrer, o proprietário da empresa era o Coronel Adeodato⁷⁷⁰.

A imagem acima, saída das memórias de Frota, anuncia o que seria a cidade real, simples e nada opulenta, com suas alimárias pelas ruas, seus bondes puxados a burro, mas ao mesmo tempo aponta para a “modernidade” do trânsito na forma de um atropelamento e de um processo. Mas aquilo que poderia ser sinal de um tempo veloz nos indica o contrário, ou seja, o lado pacato de uma cidade de bondes lentos, ao ponto de se andar sem muita preocupação por cima de seus trilhos, como imaginamos. Uma cidade que, pensada no futuro, na década de 1970, conjuga quase sempre a imagem da cidade das décadas de 1930 e 1940, ao mesmo tempo em que abre espaço para a desilusão durante as festas do Bicentenário, quando se constata que “Uma fisionomia (...) parece séria, preocupada, incrédula, desconsolada. Sabeis de quem é essa figura tão desolada? Pasmem, conterrâneos! É a figura da Princesa, a figura de nossa homenageada”, assim é que “com a cabeça pendida sobre o peito ela parece-me repetir as palavras que a Liturgia católica põe nos lábios de Cristo, em momento de grande dor: “*Popule meus, quod fecit tibi?*”⁷⁷¹ Por que Ibiapina pensa na Princesa, numa referência a Sobral, também cognominada de “Princesa do Norte”, como estando séria, preocupada, incrédula e desconsolada? De que Sobral ele estaria falando naquele contexto de festa e euforia? Por que levantar uma voz que “destoa da multidão”? Ibiapina dar voz a Princesa, que vive sua *paixão*, ao considerar algumas questões que no mínimo causaram certo desconforto no ato de seu discurso, que primeiro foi dirigido às crianças e aos jovens da cidade, para depois se dirigir as outras parcelas da população, e que apresentamos em parte:

Adultos, meus filhos! Que vos fiz para que junteis lixo de vossas casas e atireis na face de minhas ruas, no coração de minhas praças? Que vos fiz, meus filhos?! Povo meu! Por que ainda crias animais em meu

⁷⁷⁰ FROTA, Raimundo Monte. *Sobral, minha família, minha vida. Op. Cit.* p. 37.

⁷⁷¹ IBIAPINA, J.D. *Discurso de inauguração da praça “Mons. Linhares”*. In: *Álbum do Bicentenário da Vila Distinta e Real*. p. 503. Esse discurso foi lido no dia 03 de julho de 1973, à noite, durante a inauguração da praça, localizada no centro da cidade. Ibiapina faz com que a “Princesa” pergunte ao povo o porquê de sua tristeza, insistindo em querer saber por que isso acontece justamente com ela.

perímetro urbano, aumentando-me a insalubridade, ameaçando o meu aspecto?! Que te fiz, meu povo?! Professores meus! Por que não procurais conscientizar os vossos alunos a uma educação cívica voltada para mim? Que vos fiz, meus mestres meus?! Proprietários, que enriquecesteis graças à minha generosidade! Por que deixais, displicentemente, terrenos centrais sem terem ao menos um muro que evite o acúmulo de lixos ali depositados por outros ingratos filhos? Que vos fiz, minha gente?! Vereadores meus! Por que ainda perdeis tempo com discussões estéreis, porque vos preocupeis ainda com politicagem de campanário, em detrimento da coisa pública? Que vos fiz, meus filhos?! Políticos meus! Por que vos obstinais em turbar o meu progresso? Por quê? Por quê? Por quê?!! Que mal vos fiz, meus filhos?! Prefeito meu! Por que não fazes valer as leis de um Código de Posturas que meus vereadores elaboraram, punindo com firmeza, sem perseguição mas sem impunidade esses ingratos, esses maus filhos? Que te fiz, meu filho?!⁷⁷²

A “Princesa”, quer dizer, Sobral, faz um amplo discurso dirigido a várias parcelas da população, lamentando sua situação, como terrenos com lixo e animais pastando no perímetro urbano. Faz lamentações aos professores que não ensinam, segundo ela, o civismo aos estudantes, ou seja, a sua história. Proprietários, vereadores e até mesmo o prefeito, ouvem os lamentos da “Princesa” que, pelo que o texto insinua, dizia que a cidade não seria tão progressiva assim, como queria fazer crer os idealizadores do Álbum do Bicentenário. Para Ibiapiana, que fala em nome da “Princesa”, em discurso dedicado a Monsenhor Linhares, pois estava sendo inaugurada uma praça central com o nome do religioso, que seria para ele, “o sobralense que mais amou esta terra”, a data deveria ser relativizada, e a festa deveria ser motivo para reflexão, pois deveria ser entendida “a dor da velha Princesa descrente de seus súditos, é a decepção da velha mãe desconfiada de seus filhos”, a Princesa que na década de 1970 ainda sofria praticamente os mesmos problemas da década de 1940, como a falta de água, o lixo pelas ruas e a desorganização espacial, por exemplo.

De todos os discursos presentes no Álbum do Bicentenário, o discurso de José Dias Ibiapiana, é o único que destoa do conjunto dos discursos e textos da obra. Ibiapiana pensa Sobral do futuro, na perspectiva de um “futuro que ainda não existe, que é apenas sonho da razão”⁷⁷³. Por isso os lamentos de uma cidade desordenada e desconsolada. A ocasião talvez não fosse propícia para os lamentos, mas ao dar voz à cidade, o que se ouviu foi a “realidade dos fatos” superar a invenção dos fastos. Por isso, solicita:

⁷⁷² IBIAPIANA, J.D. *Discurso de inauguração da praça “Mons. Linhares”*. *Op. Cit.* p. 503.

⁷⁷³ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. *Op. Cit.* p.27.

Meus conterrâneos! Consolemos a nossa velha Princesa! E neste dia solene e histórico, juremos-lhe um comportamento mais civilizado. Que cada um de nós, ajoelhados aos pés de nossa velha mãe, prometamos-lhe neste dia festivo: “Sobral, minha velha cidade! Sobral, minha augusta Princesa! Sobral, minha querida mãe! Adorada terra de meus Pais e que meus filhos já começam a querer bem, consola-te. Nesta festa dos teus duzentos anos, eu te prometo tudo fazer que mim for possível, para o teu progresso. Eu, pouco posso fazer de muito por ti, mas muito posso fazer para que, em pouco, sejas limpa e brilhante. Não serás tão cedo uma grande cidade do Brasil, mas, se depender de mim, serás, a partir de hoje, a mais limpa cidade do mundo⁷⁷⁴”.

A velha Princesa estava sofrendo nas mãos de seus súditos, que agiam de forma não civilizada, por exemplo, sujando as suas ruas. Esse parece ser o mais grave problema detectado por Ibiapina, mas outros problemas são apontados, problemas que ainda farão parte do futuro da cidade e que ele destaca da seguinte forma, ao enfatizar a tristeza da Princesa que com relação a praça inaugurada naquele momento, “experimentará ver a lâmpada quebrada, o primeiro banco destruído, a primeira árvore arrancada, a primeira vaca a comer-lhe as folhagens, o primeiro monte de lixo afeitando-lhe o aspecto”⁷⁷⁵. Para além dos lamentos da “Princesa”, o discurso de Ibiapina nos faz enxergar uma cidade acanhada, com animais pastando nas ruas, como já havia destacado Frota, e a destruição de logradouros públicos.

Por mais que muitos intelectuais da Academia procurassem a cidade ideal, vislumbrada pela idealização e pela imaginação, havia quase sempre um lamento que fazia referência as críticas que atingiam a cidade ou mesma a Academia, especialmente a “imortalidade” dos acadêmicos, como já vimos. Nesse sentido, Lira se esforça bastante para contra-argumentar com relação a todos os que questionavam a cidade ideal, e para isso escreve:

É muito comum ouvir-se comentários desfavoráveis sobre a cidade de Sobral e sobre os sobralenses. O turista pouco esclarecido, o viajante sem conhecer as raízes históricas da Vila Distinta e Real de Sobral ou da Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú, transformadas na atual Princesa do Norte do Ceará, facilmente é levado a distorcer os acontecimentos e interpretar mal a história desta terra que deu tantos filhos ilustres para o Ceará (...)⁷⁷⁶

⁷⁷⁴ IBIAPINA, J.D. *Discurso de inauguração da praça “Mons. Linhares”*. Op. Cit. p.504.

⁷⁷⁵ *Ibidem*. p. 504.

⁷⁷⁶ LIRA, Padre João Mendes Lira. *Sobral na história do Ceará e a personalidade do padre Ibiapina*. Sobral-Ceará, 1976. p. 5.

Mais uma vez, no afã de se propugnar o que seria a legitimidade das tradições da cidade, alguns dos nomes relativos ao passado da cidade são citados, explicitados, colocados como contraponto a qualquer críticas a história da mesma, crítica vazia, para Lira, que denota a falta de conhecimento das raízes históricas de Sobral. Para Lira somente o conhecimento da história poderia gerar o respeito pela cidade e pelo “homem sobralense”, como ele coloca. Só seria possível “entender o modo de agir de uma coletividade”, quem “estudou sua historia e soube interpretá-la impassivelmente”⁷⁷⁷. A história, para Lira, é uma espécie de juiz ávido por sentenciar, absolver, julgar ou condenar, de maneira impassível, distante, mas efetiva. E de antemão ele condena todos aqueles que não conhecem a história sobralense. Essa fórmula é sempre retomada e se torna ingrediente necessário para lidar com toda e qualquer crítica feita a Sobral, em seus escritos. Seguindo essa mesma perspectiva, mas acreditando no futuro, e com bem menos cesura, o então prefeito municipal de Sobral escreveu uma mensagem para o Álbum do Bicentenário, conforme segue em parte:

O culto do passado de par com a vigorosa afirmação da vontade de construção do futuro, são características polarizantes do povo sobralense. Conservadores e tradicionalistas, jamais nos insurgimos contra as tendências progressistas do moderno e do avançado, forjando dest'arte, uma comunidade sempre em harmonia com as bonanças e as dificuldades dos tempos. Hoje, mais uma vez, cultuando os nossos heróis e cantando os nossos fastos, sentimos a poderosa energia do povo sobralense firmar-se na dura experiência do passado para afirmar-se na valorosa luta pelo desenvolvimento e progresso de Sobral⁷⁷⁸.

A construção do futuro, portanto, é a chave que move muitos dos discursos acadêmicos nesse momento. Mas por que o futuro se torna importante agora? Talvez porque o passado não tenha garantido outra coisa senão a rememoração do que seriam os fastos e tradições da cidade? Talvez porque “Sobral, considerada antigamente a cidade culta e intelectual, teve o seu período áureo no fim do século XIX e começo do século XX”⁷⁷⁹, e que por isso, por ter sido o que já não seria mais, é que se torna importante apostar agora no futuro, isso porque o futuro ainda está por se constituir, de modo que a sua construção ou invenção poderia ser trabalhada no presente e não mais no passado. Talvez aqui possamos pensar com Koselleck, para quem não foi somente o

⁷⁷⁷ LIRA, Padre João Mendes Lira. *Sobral na história do Ceará e a personalidade do padre Ibiapina*. Op. Cit. p. 6.

⁷⁷⁸ PRADO, José Parente. *Para o Álbum de Sobral*. In: Álbum do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral.p. 45.

⁷⁷⁹ ANDRADE, Anahid de Paula Pessoa de. *A arte em Sobral*. In: Álbum do Bicentenário. Op. Cit. p. 283.

olhar lançado sobre o passado que precisou, com o passar do tempo, produzir novos conhecimentos sobre a história como um todo. Para ele, a enorme diferença entre o presente e o futuro, entre aquilo que fazia parte da experiência vivida e as expectativas sobre o que viria, é que transformou a noção de história⁷⁸⁰. A cidade do futuro, inventada por intelectuais da Academia, fez o duplo esforço de se voltar para o passado, para aprender cada vez mais com a história, e ao mesmo tempo de certa forma se insurgir contra o presente, apostando na cidade do futuro. Por isso, era preciso considerar e inventar que o “espírito imemorial de sobralismo e sobralidade, que (...) tornam cada vez mais fiel à sua natureza de lutas e prélios crescentes, para serem respondidos os desafios do presente com a certeza de vitórias que preservem o futuro de Sobral”⁷⁸¹.

O ponto crucial da questão é que “O passado longínquo pode então se tornar promessa de futuro e, às vezes, desafio lançando à ordem estabelecida”⁷⁸², em nosso caso, o passado é a ordem que procura estabelecer o futuro da cidade, mas uma cidade idealizada, como idealizada ela foi quanto ao seu passado.

Ainda nesse período, durante as comemorações do Bicentenário da Vila, o padre Sadoc de Araújo, proferiu longo discurso em que, apesar de procurar ancoradouro básico no passado da vila, por mais que tenha reforçado mitos de origem do lugar, seu discurso procura repercutir a ânsia pelo futuro da cidade, como veremos a seguir.

8 – A ACADEMIA SOBRALENSE DE LETRAS E O FUTURO NO PRESENTE

“Dói-me na alma um excesso de passado e de vazio”.

José Eduardo Agualusa, *O vendedor de passados*.

Debruçar-se sobre documentos relativos a Academia Sobralense de Estudos e Letras é experimentar o peso muitas vezes excessivo do passado. O passado pesa, como

⁷⁸⁰ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. *Op. Cit.* p. 288.

⁷⁸¹ BARROSO, Parsifal. *Sombras que falam*. *Op. Cit.* p. 82.

⁷⁸² POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Op. Cit.* p. 11.

estamos constatando até agora. E, contraditoriamente, quanto mais pesa, parece que mais *vazio* fica. Dói em nós, que atravessamos essa documentação, esse excesso de passado e de *vazio*, mas por outro lado, o passado representado na documentação é um dos caminhos que temos para ocupar algumas pistas e lacunas deixadas pelos intelectuais da instituição. Portanto, apesar de seu excesso e às vezes, de seu *vazio*, o passado, de certo modo, ainda preenche muitos espaços opacos de nosso presente.

Ainda sobre as comemorações do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral, ocorridas em julho de 1973, podemos considerar com Ricoeur, citando Benveniste que a “referência de todos os acontecimentos a um acontecimento fundador [é] que define o eixo do tempo⁷⁸³” É na perspectiva exatamente de um *discurso fundador* que a tradição letrada da cidade instituiu essa comemoração. Esse discurso fundador quer estabelecer uma referência que necessita ser sempre atualizada, de tal forma que gera o que o Rogério Haesbaert chama de “Sobral: esquizofrenia da exceção⁷⁸⁴”. Por certo, como sabemos, muitos e graves discursos, partindo da ASEL, de seus membros, de memorialistas e jornalistas locais, de historiadores mais tradicionais ligados a seara da Igreja Católica⁷⁸⁵, estabeleceram um discurso fundador objetivando constituir uma identidade para Sobral que fosse facilmente associada ao extremo da diferença e da exceção, estabelecendo assim uma inflexão no eixo do tempo, opondo Sobral as outras cidades do Ceará, primando por repetir intensamente e esquizofrenicamente as suas qualidades de “lugar de exceção”.

O discurso do então padre Sadoc de Araújo, na época reitor da Fundação da Universidade Vale do Acaraú, publicado no Correio da Semana no dia 05 de julho de 1973 e reproduzido literalmente no Álbum do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral, carrega as insígnias de um texto que se compromete com a simbologia da data, pois não nos esqueçamos de que a Vila Distinta e Real de Sobral foi solenemente instalada a 05 de julho de 1773. Mas naquele feriado de 05 de julho o jornal Correio da Semana, deve ter sido sobejamente devorado por aqueles que certamente ouviram-no no

⁷⁸³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora UNICAMP, 2007. P. 163.

⁷⁸⁴ HAESBAERT, Rogério. *Sobral: esquizofrenia da exceção*. In: FREITAS, Nilson Almino. HOLANDA, Virginia Célia Cavalcante de. JUNIOR, Martha Maria (orgs). *Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e Região em foco*. Fortaleza: Editora da UECE, 2010. p. 213-216.

⁷⁸⁵ Para JUNIOR, *Op. Cit.* p. 166, “há uma preocupação constante na escrita dos religiosos em evidenciar uma linhagem nobre aos povoadores da ribeira, como também ressaltar a religiosidade destes enquanto fator determinante ao tipo de povoamento e fundação de algumas localidades, apontando os proprietários das fazendas que construíram capelas e igrejas como fundadores.”

dia 1º de julho, lido pelo padre, naquela data de abertura das festividades do Bicentenário da Vila.

Não nos será mais possível ouvi-lo lendo o texto, perceber as pausas, a entonação, o vigor dado a determinadas palavras e conceitos, e isso de certo modo é um perda irreparável. Portanto, outro é o texto que estaremos discutindo a partir de agora, pois ele está lá, impresso em letra de forma, arranjado na página do jornal, previamente manipulado pelo editor e posteriormente avaliado pelo leitor, que mesmo tendo supostamente ouvido, certamente estará experimentando outra relação com aquele discurso e com aquele suporte de escrita, já que entre outras questões, “o jornal já é lido mais na vertical do que na horizontal”, para citarmos Walter Benjamin.

Sobre o texto ele praticamente ocupa toda a primeira página do jornal, dividido em três colunas, o que já nos indica a princípio, concretamente a sua importância e o seu sentido para a cidade naquele feriado de 05 de julho. O título, *Discurso de abertura dos Festejos do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral – 1º de Julho de 1973*, conforme escrevemos, não está escrito em caixa alta, mas chama bastante atenção logo na primeira página. O nome do autor, Pe. Francisco Sadoc de Araújo, colocado à esquerda do texto, sem nenhum destaque e quase invisível, nos indica quem sabe, que o autor, apesar de sua posição de destaque intelectual na cidade, de sua importância como clérigo, como reitor da universidade e como historiador profícuo, era bem menor do que a data em favor da vila? Devemos considerar que naquele momento de ritualização de um determinado passado da cidade, os homens seriam sempre menores diante de uma história impávida, retumbante e dita única? Mas vamos ao texto, enfrentar sua tessitura, sua escritura, sua rede, seus nós...

Araújo começa seu texto fazendo referência a “Comissão organizadora dos Festejos comemorativos do bicentenário da criação da Vila Distinta e Real de Sobral, para, representando esta *heráldica cidade*, proferir o discurso oficial”⁷⁸⁶ de abertura dos festejos do evento. Diz que realiza a tarefa, vista por ele como uma missão, de forma atenta e honrada. Enfatiza que foi alvo de distinção, por ter sido escolhido para tal empreitada. Diz que quis “a Comissão que a minha voz fosse a voz de minha cidade e

⁷⁸⁶ A comissão organizadora do evento era assim constituída: Comissão de honra; Presidente: Emilio Garrastazu Médiçi; Governador: Cesar Cals de Oliveira Filho; Deputado: Manoel Rodrigues dos Santos. Comissão local: Prefeito: José Parente Prado; Presidente da Câmara: Paulo de Tarso Pierre; Presidente da comissão: Acadêmico Padre José Linhares Pontes. As comemorações ocorreram de 1 a 8 de junho de 1973.

minhas palavras a expressão das emoções cívicas que fazem vibrar as entranhas mais profundas do meu povo e de minha gente”. Araújo assume também a “voz da cidade”, intensifica a sua distinção pela distinção de quem fala em seu nome. Ao considerar sua tarefa como *missão*, reconhecemos nessa expressão latina – *missione*, “função ou poder que se confere a alguém para fazer algo; encargo”, a legitimidade de quem estava falando naquele momento, ou seja, Araújo se distingue porque recebeu tão importante encargo. Nesse sentido, sua voz só poderia ser realmente a voz da cidade e de seu “povo”. Ao representar a “heráldica cidade”, assume o autor também a sua aura distinta.

Continua dizendo que “o fato parece simples: o bicentenário de criação de uma vila no interior cearense”, mas que só aparentemente é simples, para o autor, já que “tem ele, no entanto, repercussões profundas no mais íntimo da alma cívica, social e política do Estado do Ceará.” Araújo associa os destinos da cidade ao destino do próprio Ceará. Seu texto, apesar de ter uma entonação coloquial, carrega o peso de representar o passado, por isso mesmo faz questão de tornar “os começos solenes” e lhe “impõe formas ritualizadas”⁷⁸⁷. Desse modo, ao assumir que foi distinguido entre tantos para abrir os festejos do bicentenário, está, movendo-se num “círculo de atenção e silêncio”, tornando o começo solene, à medida em que não é “qualquer um” que levantará a voz em nome da cidade. Reforçando ainda mais, podemos dizer que o seu discurso, apesar de um pouco despretensioso, “está na ordem das leis”, ou seja, na ordem do direito. E não poderia ser diferente, avaliamos, para fazer falar uma cidade inventada como excepcional, somente a excepcionalidade da condição de quem fala. Mas o autor aqui deve ser entendido “como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência.”⁷⁸⁸ O autor, assim, não é um agente individual e isolado do discurso, mas é o atravessamento de vários sentidos e significados, signos e representações, sendo, em realidade, um “sujeito coletivo”. É basicamente o “passado” que fala, que se expressa e que ocupa solenemente o seu lugar naquele instante.

Araújo estabelece como condição de entendimento do que considera tão “excepcional acontecimento”, “pedir à História que nos leve com sua mão, aos tempos iniciais”, de modo que consideramos que “se a origem remete, então, a um passado, isso

⁷⁸⁷ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. P. 7 .

⁷⁸⁸ Idem. p. 26.

se dá sempre através da mediação do lembrar ou da leitura dos signos e dos textos”⁷⁸⁹, por isso mesmo fala da pretensa origem da História de Sobral que tem início para ele, somente na primeira década do século XVIII. Ao tomar as mãos da História, Araújo está, certamente, enfatizando a legitimidade de seu discurso, pois a História deveria ser entendida aqui como a “verdade” sobre o passado da cidade, e também como guia. Cita o Rio Acaraú, rio que corta a cidade e a divide em duas, e que Araújo considera o “primeiro sobralense”, enfatizando que durante o tempo chuvoso se transforma em estrada para inúmeras embarcações. Sobre o rio nos diz ainda: “Eis aí uma espécie de espinha dorsal natural em torno da qual tomará corpo a civilização sobralense”. Chamamos atenção o fato de que para Araújo, existe uma “civilização sobralense”. A princípio essa expressão movediça poderia passar rapidamente despercebida na imensidão do texto, no entanto, apontar Sobral como centro de irradiação de uma civilização equivale certamente a transformá-la num centro difusor de civilidade, no lugar de formação de um saber próprio, de um espírito seu, ativo e ativo. Podemos considerar aqui que “a noção de “civilização” apontada pelo autor, “coloca a ênfase naquilo que sensibilidade daqueles que se servem dela, é comum a todos os homens ou ao menos *deveria sê-lo*”⁷⁹⁰. (grifo do autor)

Ao caracterizar a região, diz “que há verdura apenas nas terras marginais do rio e vegetação seca e árida por toda a área do sertão adjacente. O aspecto geral é de um semideserto.” Mesmo assim, reconhece que nesse lugar tão inóspito, o clima foi capaz de “temperar uma raça que paulatinamente se formará através dos mais variados cruzamentos sanguíneos, *de origem nobre* a par das exigências de um esforço heroico e constante de adaptação à terra adversa.”⁷⁹¹ (Grifos nosso) A civilização sobralense teria a sua própria raça, nada mais justo para ele. Ao fazer referência aos “mais variados cruzamentos sanguíneos”, no entanto, que são *nobres*, que não são brancos quaisquer. Quando faz referência a presença de tribos indígenas na região, fala de “indígenas nativos, em completo nomadismo, sobrevivendo a duras penas” e sobre os quais só tem vagas notícias. Nesse sentido é bastante assertivo: “temos vagas notícias dos índios tapuias, arerius, tabajaras e tremembés, em excursões esporádicas por estas paragens

⁷⁸⁹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. Op. Cit. P. 14

⁷⁹⁰ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista. Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. São Paulo/Campinas: Cortez Editora/ Editora da UNICAMP, 1990. p. 46.

⁷⁹¹ Em uma de suas obras, *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú*, Araújo discute essa questão da ocupação do Vale do Acaraú, e estabelece que a região foi ocupada por brancos de origem nobre, e fala inclusive de um branco português considerado por ele como o “Adão do Vale do Acaraú”, como já observamos.

desertas de civilização”. Eram selvagens que deixaram vagas notícias de suas presenças, e que pelo que inferimos do que está sendo dito, os indígenas não representam civilização alguma, sendo apenas nômades, não tendo lugar, acabam por não ter também uma identidade civilizacional, sendo quase invisíveis. Eram apenas “tribos inimigas”. Para o autor, “tudo era propício para temperar a raça na batalha agressiva pela sobrevivência.” Assim, fica claro para ele que a “raça sobralense”, temperada na luta, se distinguia do *outro*, do nativo, do indígena, entre outras coisas, por lutar pela sobrevivência. Certamente os indígenas não lutavam também pela sobrevivência, mas contra a vida dos brancos considerados nobres e civilizadores.

E Araújo continua seu discurso falando da paisagem produzida pela Meruoca, que “dava um colorido especial ao panorama, desolado de gente e luxuriante de beleza rústica”. O discurso é muito enfático e faz da Meruoca uma tabula rasa, como praticamente todo o vale. Sobre o seu povoamento, entendido por ele como uma ação sobre uma terra vazia, sem vida organizada, sendo nesse sentido portador da civilização, esclarece que foi “dentro de um critério de seleção de sesmeiros, *gente de boa linhagem*, predominando entre as famílias primeiras, sentimentos de elevadas virtudes morais e *tendência para o aprimoramento cultural*”. (grifos nosso) Sublinhamos algumas sentenças porque exatamente encontramos um dos lastros do desejo de construção e manutenção da “heráldica cidade”, a certeza que a boa linhagem culminaria *naturalmente* para a “tendência para o aprimoramento cultural”. Nessa suposta origem estaria então um povo civilizado, capaz de semear os germes de uma civilização de gente com “elevadas virtudes morais”, subentendemos que essa mesma gente haveria de ser “essencialmente Cristã”. Vale a pena citar na íntegra a passagem relativa aos chamados colonizadores:

Heróis da civilização e da fé simultaneamente, foram estes nossos primeiros colonizadores. Ainda hoje sentimos os efeitos salutareos desta biforme estruturação civilizadora que lhes devemos e a que, até hoje, o povo da Ribeira do Acaraú não tem sido infiel. Verdadeiros heróis, homens de fibra e de vocação bandeirante, desbravadores dos nossos sertões, esteio seguro e forte de uma raça que se constituía, paulatinamente, temperada de valentia e abnegação ao sofrimento. Forte alicerce, digno de um bravo povo e de uma brava gente. Base inabalável de uma grande civilização sertaneja que se organizava e que sempre teve a indomável vocação de crescer.

Estamos lidando, segundo Araújo, com uma raça de heróis, heróis da civilização e da fé, características que ainda “hoje”, ou seja, duzentos anos depois, “o povo da

Ribeira não tem sido infiel”, sendo por esse discurso, atemporal. Terra de gente brava, decidida, com “vocação bandeirante”, desbravadores dos sertões, portadores da “indomável voca o de crescer”. Chama-nos aten o na passagem a positiva o do sertão como lugar possível de eleva o de uma civiliza o. Contrariando, por exemplo, a produ o ficcional do cearense Gustavo Barroso, que estabelece “a tragicidade inscrita na trajetória do personagem sertanejo”⁷⁹², apesar de fili -lo a uma vertente medievalista que de certo modo e com ressalvas, o dignifica em sua tragicidade. Outro dado importante   que a natureza positivada também não   mais vista como causa do atraso brasileiro.⁷⁹³ Evidentemente que há distância muito grande entre o sertão e o sertanejo, no entanto, o que queremos ressaltar   que a Ribeira do Acaraú, nas palavras de Araújo, não   lugar de “sertanejos”, mas de brancos civilizadores, como por exemplo, vemos abaixo, o “branco” fundador de Sobral numa ritualiza o de inaugura o sendo homenageado pela ASEL com um busto naquele ano do bicentenário, tendo a placa descerrada pelo presidente da comissão dos festejos, o acadêmico padre José Linhares.



Figura 9 - Inaugura o do “Monumento ao fundador da cidade Antonio Rodrigues Magalhães”, em 1973, por iniciativa da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Arquivo Pe. José Mendes Lira – Museu Dom José.

⁷⁹² OLIVEIRA, Raimunda Ivoney Rodrigues. Gustavo Barroso: *A tragédia sertaneja*. Op. Cit. p. 51. Nesta obra Oliveira analisa praticamente toda a produ o ficcional de Gustavo Barroso que entre outras atividades, foi fundador e diretor do Museu Histórico Nacional.

⁷⁹³ Sobre essa questão da rela o entre natureza e atraso brasileiro, alguns escritores foram peça chave. Podemos citar Canaã (1902) de Graça Aranha.

E segue nosso autor, considerando que “Sobral parece ter nascido de um esforço conjugado e simultâneo de todo o Nordeste”. Isso porque Antonio Rodrigues Magalhães, considerado o “fundador de Sobral”, dono da Fazenda Caiçara, berço da vila, era do Rio Grande do Norte, enquanto seu pai havia nascido em Sergipe. Quitéria Marques de Jesus, esposa de Antonio Rodrigues era do Ceará. Manoel Vaz Carrasco, pai das Sete Irmãs que uma tradição da historiografia local coloca como as mulheres que deram origem aos primeiros *sobralenses*, era “ligado ao sangue da nobreza espanhola e holandesa”, mas que havia vindo de Ipojuca, em Pernambuco. O Capitão Antonio Pereira da Silva procedia do Piauí. E finaliza o parágrafo da seguinte maneira: “E como que, para confirmar e aplaudir oficialmente este esforço de todo o Nordeste por parte da Metrópole, Felix da Cunha Linhares e João Pinto de Mesquita chegavam diretamente do Reino”. O que pensar? Que o Nordeste articulado com o “melhor de sua gente” se concentrou para fundar Sobral? Coube a Metrópole reconhecer tão grande empreitada e aplaudir? Todos os sujeitos citados representam assim os tios, os avôs, os parentes ilustres dos *sobralenses* civilizadores. E segue nos dizendo: “Tudo isso fez possível a implantação, em um verdadeiro semideserto, de *uma grande cidade, com refinamentos sociais que ainda hoje surpreendem aos visitantes*” (Grifos nosso). Uma grande cidade, refinada que continua sua trajetória de distinção, pois ainda hoje surpreende os visitantes, como Araújo faz questão de inventar. Sobre isso, assim se referiu também Antonio Bezerra:

Os sons do piano por toda parte, o rumor e actividade nos estabelecimentos comerciais, certa correcção nos trajes, um pouco mais que asseio no arranjo interno das habitações, freqüência dos transeuntes, agitação, vozeria, gritos dos vendedores de doces em taboleiros, tudo annuncia que se chega a uma terra laboriosa e civilisada.⁷⁹⁴

As impressões de Antonio Bezerra sobre a cidade são dignas de nota e contribuíram também para construir a distinção da cidade. E sobre isso assim nos diz Craveiro Filho: “cerca de 9 horas da manhã de 24 de Dezembro de 1884 Antonio Bezerra chega à periphéria da cidade de Sobral”. E Bezerra vai nos conduzindo: “Com

⁷⁹⁴ BEZERRA, Antonio. *Notas de Viagem* (1884) Apud. FILHO, Craveiro. *O Centenário. Op. Cit.* P. 120. O jornalista Antonio Bezerra “foi um grande estudioso das ciências naturais e investigador da História. Foi designado pelo Presidente da província, Antonio Caio da Silva Prado, para uma viagem pelo interior da província para fins científicos. Essa viagem teve início em 1884, sendo suas notícias publicadas em folhetins no Jornal “Constituição”, entre os anos de 1884 e 1885”.

pouco assomou no meio da planície a brancura da casaria, da cidade e à sua esquerda, em linha azul, o perfil da Serra da Meruoca”. E, “O sol banhava, numa chuva de ouro aquella circunferência scintillante pela irradiação da vidraçaria das janellas dos sobrados e claraboias das igrejas”. Não temos dúvidas sobre a beleza de seu texto e o quanto ele remexeu no “baú de ourivesarias” da cidade, confirmando discursos, armando símbolos, projetando sentidos recolhidos pelo olhar do viajante que ao informar sobre o que via, conduzia seu discurso para a crença sobre o que se narrava. E adiante: “Eu tinha ansiedade de ver a cidade por isso saímos logo a percorre-la por todos os lados. Dominava-me agradável impressão, pois que, à excepção de Campinas, em São Paulo, não tinha visto outra cidade central que se equiparasse a esta, em edificação, em tamanho, em asseio”. Constatação que surpreende pela ousadia. Ele vai descrevendo a cidade buscando a minúcia do detalhe, certo de que a “verdade” haveria de se esconder nos pequenos fatos, nas pequenas coisas que a olho nu precisariam de observação minuciosa. Faz uma citação que na história local será pródiga e encontrará ressonância, como não poderia deixar de ser, no discurso de Araújo, e em outros que analisamos: *“Um sobralense é bairrista como ninguém; exagera as vantagens de sua cidade e tem entusiasmo de suppor que nem a capital a vence em adiantamento e beleza”* (Grifos nosso). O bairrismo do sobralense, constatado por Bezerra, também terá vida longa na invenção de uma tradição da cidade, que estará desde sempre no paladar dos intelectuais da ASEL, no pronunciamento de políticos, no saber de memorialistas e de vários profissionais da comunicação, especialmente em jornais e emissoras de rádio.

A impressão que o discurso sobre essa história inventada nos causa é de uma constante fabulação, de uma “necessidade obsessiva de falar de si mesmo”⁷⁹⁵, de se projetar, de se buscar no passado para perpetrar possibilidades para o futuro, certos de que tal discurso é fundamentado e materializado na ação de alguns intelectuais considerados por esse discurso, importantes. Não é à toa que Araújo enfatiza: “Com estas duas energias, uma humana e outra divina, ativaram a centelha do dinamismo irreversível da civilização sobralense”. Duas energias, portanto, duas forças, irreversíveis, uma humana, gente considerada de origem nobre; outra divina, a Igreja Católica, representada na fala do autor pelo fato de que em 1742 ter sido escolhida

⁷⁹⁵ DECCA, Edgar Salvadori de. *Tal Pai, qual filho? Narrativas da identidade nacional*. In: BRESCIANI, Maria Stella. CHIAPPINI, Ligia (org) *Literatura e cultura no Brasil. Identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora, 2002. p. 15-28.

como sede do Curato de Nossa Senhora da Conceição da Ribeira do Acaraú, a Fazenda Caiçara, berço da Vila.

Assim, “ponto de convergente e polo de atração, a Caiçara pode concentrar em si todas as potencialidades nascentes da civilização e da cultura que começava a ser implantada em todo o Vale do Acaraú.” Interessante Araújo manejar dois conceitos poderosos que na História do Ocidente constituíram determinadas tradições e estabeleceram diferenças⁷⁹⁶, mas que em seu texto, perspectivam uma coisa só, por isso podemos desafiar essa proposição, perguntando com Orlandi se “o discurso da singularidade é o discurso da cultura (dominado pelo da “civilização”) que a-historiciza”?⁷⁹⁷ Ou seja, quanto mais esse discurso estabelece a diferença, objetiva a singularidade, mais ele se aproxima da negação de si mesmo?

Em seu discurso Araújo de certo modo tenta materializar, numa longa assertiva, a idealização da *cidade intelectual*, lançando mão de uma estratégia esquizofrênica e recorrente de nomeação, quando nos faz ver e quer nos fazer crer que,

Foi isto que fez possível a imaginação de *Domingos Olímpio* imortalizando Luzia-Homem, o ardor apostólico do *Padre Ibiapiana* enchendo de educação todo o Nordeste, a inteligência de *Visconde de Sabóia* dominando a medicina e ativando a cirurgia, o arrebato patriótico do *Padre Mororó* pregando os ideais da liberdade, o entusiasmo de *Maria Tomásia* rompendo os grilhões da escravidão, o pioneirismo de *João Thomé* forçando os céus e tentando provocar as primeiras chuvas artificiais, a ciência jurídica de *Luis Miranda* defendendo a força do Direito, a gravidade eclesiástica de *Dom Jerônimo* ocupando o sólio episcopal como primeiro Arcebispo primaz do Brasil, a fé de *Dom Lourenço* inaugurando a primeira Diocese no longínquo Amazonas, o governo do *Barão de Sobral* estruturando a administração da Província do R.G. do Sul, a valentia militar de *Joaquim Ribeiro* enfrentando a fúria dos balaios, a influência de *José Sabóia* traçando os destinos políticos do Estado, o ímpeto lutador de *José Mariano* forçando a rendição de revoltosos, a liderança inata de *Francisco Monte* decidindo as eleições estaduais, a precoce vocação literária de *Cordeiro de Andrade* identificando o valor sociológico dos “Cassacos”, o pendor político de *Moreira da Rocha* moralizando a administração do Ceará, a engenharia de *Trajano de Medeiros*, criando indústrias e implantando ferrovias, os

⁷⁹⁶ “(...) é interessante observar que junto a noção de civilização há outra, a de “cultura” e que distingue nações do Ocidente. (...) se nota a diferença entre o uso que fazem a noção de civilização, de um lado, os franceses e ingleses e, de outro, os alemães. Nos primeiros, essa noção resume “orgulho da nação, progresso do Ocidente e da humanidade geral”, mas para os alemães, civilização designa algo útil porém de importância secundária. Para exprimir o orgulho de suas civilizações e de sua própria natureza, eles empregam a palavra “cultura”. Ver: Orlandi, Eni Pulcinelli. *Terra à Vista... Op. Cit.* p. 45. Orlandi nessa passagem faz referência as reflexões de ELIAS, Norbert. em *O processo civilizador*.

⁷⁹⁷ ORLANDI, Eni pulcinelli. *Terra à vista. Op. Cit.* p. 48.

dotes pedagógicos de *Newton Craveiro* respondendo magistralmente as dúvidas do “João Pergunta”, a carreira política de *Rodrigues Júnior* galgando as mais altas posições na Corte do Império, as publicações do *Senador Vicente de Paula* honrando a magistratura, a eloquência do *Senador Figueira* defendendo Dom Vital no Supremo Tribunal da Corte, o espírito dinâmico de *Dom José* construindo perenemente as grandes obras da cidade. (Grifos nosso)

A lista é intensa, repetida, sempre enfadonha e redimensiona alguns discursos “que, indefinidamente, para além de sua formulação, são *ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer”⁷⁹⁸ (Grifos do autor). Ao citar intelectuais, estabelece ao mesmo tempo o lugar de Sobral no cenário nacional, inventa toda a importância do passado da ribeira, do presente dos seus fatos passados, de sua “raça de heróis” como os fundamentos da existência de tantos “sobralenses extraordinários”. Sem a presença dos colonizadores brancos, para ele, a terra inóspita não poderia ter sido colonizada e conquistada, de modo que seu discurso é o discurso de quem enxerga no ato de colonizar o mesmo ato de civilizar.

Araújo termina o arrazoado anterior expondo ainda mais a condição da cidade como berço de intelectuais e *feitos* considerados por ele diferenciados:

Mãe fecunda de tão numerosos filhos, nascidos de seu ventre prolífero de glórias e criados em seu seio nutritivo de cultura, Sobral mostrou a todos os rincões da Pátria o valor desse pedaço de chão onde foi acendido o fogo ardente de ativar civismo e onde foi plantada a semente viva de gerar talentos.

Sobral, cidade-mãe, úbere em civilização e cultura, por isso mesmo, com tantos rebentos profícuos, pois “engordados” no caldo de uma cultura, para Araújo, vigorosa e fértil. Os seus filhos entoam loas não apenas para a cidade, seu rincão, mas dignificam todo o Brasil, afinal de contas, Sobral como lugar de civismo não poderia ter outro destino que não “ativar o civismo”, o que acontece mediante o patriotismo e o talento. Por isso Domingos Olímpio é um “luminar do Brasil” e não apenas um sobralense ilustre. Eis porque “Luzia-Homem é uma escola a seguir, é um voo ousado que consagrará eternamente o condor que o desferira”⁷⁹⁹. Por isso “as publicações do Senador Vicente de Paula honrando a magistratura” nacional. Sua tradição letrada, da mesma forma, seria úbere, fecunda, a verter em prol da nação todos os louros da inteligência e da cultura. Araújo considera que a riqueza da terra sobralense não estaria depositada no solo, na geografia, em seus bens naturais, mas unicamente “no potencial

⁷⁹⁸ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*, Op. Cit. p. 22.

⁷⁹⁹ IMPERIAL, Mario. Apud. LIRA, João Mendes. *Luzia-Homem, ontem e hoje*. Op. Cit. p. 59.

evolutivo de sua gente. Cada sobralense, por predisposição atávica, é um homem inquieto, impaciente, ativo, sempre em busca do mais e do melhor para sua terra”. O “Sobralense”, miragem idealizada, “sofre”, segundo o autor, daquilo que chamaremos de *atavismo da competência*. Por causa de seus ancestrais, o “Sobralense” de hoje, está apto para o progresso, para buscar o melhor para a sua terra, mas está preparado, principalmente, para fazer de seus descendentes, sobralenses melhores. Aqui cabe refletir que o discurso de Araújo, arregimenta “o argumento de prestígio, sobretudo o de autoridade, pertence à prática comum da retórica”⁸⁰⁰. Não resta dúvida de que todo o discurso de Araújo se movimenta às vezes freneticamente em torno do argumento de prestígio e de autoridade, citando e nomeando retoricamente, para ele, na confluência da tradição da cidade, os “grandes homens”, agentes “perfeitos” da continuidade e legitimidade de uma dada tradição intelectual.

Cabe ao discurso de Araújo em seu vigor, eloquência e às vezes dramaticidade, recolocar, segundo ele, a história da cidade em seu devido lugar, ou seja, no passado, para depois reconhecer que “há uma sujeição natural a esta tarefa de que cada sobralense se sente um operário”, e continua, “até aqui, a lição do nosso passado, a pedagogia de nosso bicentenário. Agora, é chegado o momento de pensar no futuro”, tarefa que encontrará eco naquele contexto comemoração. Já que para ele, “o desenvolvimento está em nossas mãos. Nossos antepassados confiaram a nós este trabalho”. Assim, a história deverá a partir de agora pensar o futuro, deverá apostar em sua possibilidade de leitura do porvir, ou seja, deveria “colonizar o futuro”, na expressão de Octavio Paz. O cenário já havia sido praticamente todo preparado no passado, para garantir o futuro, por isso a *história era mestra da vida*, chão exemplar e ao mesmo tempo experimental das atividades intelectuais da cidade. Experimental no sentido de aquilo que seria a *história verdadeira*, saboreada constantemente nas narrativas oficiais sobre a Sobral, estaria à disposição de todos os intelectuais para a medida de sua própria ação. Aqui devemos considerar que:

Nesse horizonte, não espanta a vocação pedagógica (e cívica) da nova literatura historiográfica: ela contava com o que já foi dito, com o fito de lembrar, à luz dos ritmos cíclicos, ou da repetição do que é

⁸⁰⁰ CARVALHO, José Murilo de. *História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura*. Op. Cit. p. 123-152.

característicos da natureza humana, o que poderá vir a acontecer (...)⁸⁰¹

A vocação pedagógica da História era na verdade a vocação pedagógica de um povo idealmente sujeito ao itinerário traçado no passado, mas considerado bastante vivo no presente e a exigir ações em prol de sua realização a contento. Compreendemos que com relação ao discurso analisado até aqui, o nosso desafio é compreender como “a dimensão temporal do passado entra em relação de reciprocidade com a dimensão do futuro”⁸⁰², e muito mais do que isso, como a dimensão temporal do presente se articula com a dimensão temporal do passado, para que, movidos por esse passado, o presente possa celebrar essa filiação e garantir o seu futuro. Araújo e outros intelectuais da Academia pensam no futuro da cidade porque estão certos de que o seu passado já estaria bem resolvido, sólido. Para ele torna-se necessário enfatizar que “a única descoberta digna do nosso esforço é a de encontrar como construir o nosso futuro. Depois de termos reconhecido o valor de nosso passado, cabe-nos procurar o caminho do nosso porvir”, enfatiza. Diferentemente dos “clientes” de Felix Ventura, os “clientes” de Araújo tinham um passado garantido, por isso a ânsia na construção de um dado futuro.

Nas últimas partes de seu discurso, faz entender “por força do nosso poder de previsão, que o progresso de nossa cidade estará racionalmente assegurado”, e assevera em tom enfático que “os duzentos anos de nossa emancipação política, tão cheia de glórias e vitórias, serão frustrados, se não forem prolongados para o futuro” e finaliza seu discurso reforçando: “Sobralenses, parabéns pelos nossos duzentos anos. Sempre alerta pelos séculos de nosso futuro”. Araújo acredita no poder da História como *Mestra da Vida*, por isso é capaz de fazer previsão. Reconhece que há um poder de previsão que poderá ser colocado em prática pelos usos das exemplaridades da História. O passado considerado glorioso será sempre o vértice temporal a ligar os tempos. Consideramos que a ASEL encampará esse desafio de ligar os tempos, de abordar “a relação entre um determinado passado e um determinado futuro”⁸⁰³. Araújo não deixa de entender o seu tempo como “novo tempo”, por isso “o futuro lhe parecia cada vez mais desafiador.”⁸⁰⁴.

⁸⁰¹ CATROGA, Fernando. *Ainda será a História Mestra da Vida?* In: FILHO, João Ernani Furtado & RIOS, Kênia Sousa (org) *Em tempo. História, Memória, Educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008. p. 9-38.

⁸⁰² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro do passado. Op. Cit.* p.1.

⁸⁰³ *Ibidem.* p.15.

⁸⁰⁴ *Ibidem.* p. 16.

O desafio do futuro equivale ao desafio que foi *colonizar* e civilizar a Ribeira. Apesar do tempo sentido por ele como novo, as soluções poderiam ser construídas voltando-se para o passado. Nesse sentido, Araújo certamente pensa que “a história pode conduzir ao relativo aperfeiçoamento moral ou intelectual de seus contemporâneos e de seus pósteros, mas somente se e enquanto os pressupostos para tal forem basicamente os mesmos”⁸⁰⁵. Não é outro o desejo subjacente a todo discurso que analisamos até aqui, se não fazer crer que se os exemplos forem seguidos, no caso do heroísmo, dos atos nobres, das lutas ditas civilizacionais, das ações cristãs, do respeito pela tradição, a Sobral do presente poderia ser aperfeiçoada intelectualmente e moralmente. Por certo, sobre a História, seu desejo é testemunhar a necessidade de “se reconhecer que os seus efeitos se objectivam na produção e no reforço de sentidos de *comunhão* e de *identificação*”.⁸⁰⁶ (Grifos do autor). A ASEL, como lugar para se parar o tempo para permitir ao passado retornar, seria assim espaço de construção de sentidos, de comunhão e de identificação relativos agora ao futuro.

Desse modo, como pensar o arquivo da cidade letrada? Como pensar o passado no viés do presente e alcançar as franjas do futuro presente em alguns discursos dos intelectuais da ASEL? De certo modo podemos pensar, na perspectiva de José Matoso, para quem o arquivo organizado por intelectuais da Academia, estava “dotado de todos os ingredientes necessários para se tornar um instrumento privilegiado da construção social do passado”⁸⁰⁷, de modo que, em nosso caso, se transformasse no elemento capaz de justificar o papel de Sobral no cenário do estado e até mesmo do Brasil, como uma cidade distinta e com tradições intelectuais sólidas e atemporais. Nesse sentido, o arquivo da cidade letrada não seria simplesmente o centro desencadeador da construção do passado, “mas a marca do próprio passado, na sua inteireza e objectividade”⁸⁰⁸.

O que o arquivo da cidade letrada procura garantir no ambiente de sua virtualidade, é uma quantidade de fatos reais ou imaginários transformados em memória e, nesse sentido, construtores de certa consciência do passado⁸⁰⁹. Por isso, a importância dada a escrita genealógica para a conformação da história da cidade, enquanto a genealogia era a garantia de “um passado melhor”. Por isso também a invenção de um

⁸⁰⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro do passado*. Op. Cit. p. 43.

⁸⁰⁶ CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito. Religião civil e comemoracionismo*. Op. Cit. p. 9.

⁸⁰⁷ MATOSO, José. *O arquivo e a construção social do passado*. In: Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1988. p. 122.

⁸⁰⁸ *Ibidem*. p. 122.

⁸⁰⁹ *Ibidem*. p. 123.

passado fidalgo, e quando esse passado não era encontrado, o que era mais comum, ele era inventado, por isso os critérios de seleção do arquivo da cidade letrada sempre variou de acordo com o passado que se pretendia construir⁸¹⁰.

Entendemos que sobre a construção do arquivo da cidade letrada, aquele construído às vezes mais sutilmente, no caso de Dr. Ribeiro Ramos; às vezes mais efusivamente, caso do Padre João Mendes Lira, o que se está considerando é o *testemunho*, ou seja, ambos se colocam como testemunhas do que seria a “verdadeira” história sobralense, e nesse sentido, “A testemunha confiável é aquela que pode manter seu testemunho no tempo. Essa manutenção aproxima o testemunho da promessa, mais precisamente da promessa anterior a todas as promessas, a de manter sua promessa”⁸¹¹, portanto, esse arquivo pretende manter a promessa, porque mantém o seu testemunho no tempo, ou seja, a ilusão de ambos é que seria possível manter o arquivo inalterado, longe de qualquer mudança possível, testemunho infalível de um tempo que não passa. Por isso a força e importância da ASEL para a salvaguarda desse arquivo, já que “O que faz a instituição é inicialmente a estabilidade do testemunho pronto a ser reiterado”⁸¹², questão facilmente observada nas produções acadêmicas quando verificamos a ênfase no passado da Vila e na lista dos chamados “homens e vultos de Sobral”.

Ao longo desta pesquisa, uma inquietação, em diálogo com Ricoeur e explicitada nos seguintes termos: “Como posso saber o que vou dizer-lhes?”, esteve sempre presente, fazendo com que os passos da pesquisa fossem muitas vezes trôpegos, no entanto, sabendo que “O momento do arquivo é o momento do ingresso na escrita da operação historiográfica”, e que “Nos arquivos, o historiador profissional é um leitor”⁸¹³, tentamos atravessar a documentação, procurando *curtir* as suas principais interrogações. Nesse sentido pensamos na imagem que o escritor José Saramago estabelece em seu romance *Todos os Nomes* (2003), entre “os veios da madeira”, presentes na porta da Conservatória Geral do Registro Civil, arquivo em que se guardavam registros de nascimento e de óbito, que “à vista, lembram uma pele estriada”, pode ser feita também com relação ao arquivamento produzido por intelectuais da ASEL sobre a cidade letrada: uma pele estriada, a descascar-se, com veias à mostra e um cheiro se não agradável, pelo menos “saudável” para o historiador,

⁸¹⁰ MATOSO, José. *O arquivo e a construção social do passado*. Op. Cit. p. 128.

⁸¹¹ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Op. Cit. p. 174.

⁸¹² *Ibidem*. p. 174.

⁸¹³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Op. Cit. p. 176.

de seus velhos papéis, livros, cadernos, recortes de jornais, livros de atas, revistas. O acervo é uma “pele estriada”, cheia de marcas, rugas, isso em duplo sentido. Primeiro, porque entendemos essa “pele estriada” como uma metáfora a nos sinalizar que todo documento é necessariamente construído de muitos canais, de múltiplas forças que se alojam em determinados lugares sociais e de lá, pelo trabalho do historiador, emitem seus *conceitos*, *valores* e *sinais* sobre a sociedade de seu tempo. Em segundo lugar porque essas estrias, esses riscos e rasuras, são parte do próprio documento. Apontam para os seus descaminhos, suas lacunas, seus testemunhos involuntários, enfim, para o seu campo de força.

Entendemos assim, que “o arquivo não é apenas um lugar físico, espacial, é também um lugar social”⁸¹⁴, e enquanto tal, é lugar simbólico, metafórico, espaço de lutas e conflitos, discursos e silêncios... Assim, precisamos refletir na perspectiva dos discursos sobre o futuro, que o arquivo também funciona como uma garantia, e desse modo o arquivo “sempre foi um *penhor* e, como todo penhor, um penhor para o futuro. Mais trivialmente: não se vive mais da mesma maneira aquilo que não se arquivava da mesma maneira”⁸¹⁵. A maneira com que Dr. Ramos e o padre João Mendes Lira arquivaram os seus documentos permitiu a ambos viver de uma determinada forma a história da cidade e suas supostas tradições letradas, sendo que Dr. Ramos viveu com mais intensidade a ASEL, inventando seus arquivos, forjando suas tradições; enquanto Lira escolheu viver intensamente a história da cidade, não deixando também de inventar o seu passado sem nunca descurar da ideia de que o passado era a única forma disponível para se forjar o futuro.

⁸¹⁴RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Op. Cit. p. 177.

⁸¹⁵DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Op. Cit. p. 31.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um grupo, sabe-se, não pode exprimir o que tem diante de si – o que ainda falta – senão por uma redistribuição do seu passado. Também a história é sempre ambivalente: o lugar que ela destina ao passado é igualmente um modo de *dar lugar a um futuro*.

Michel de Certeau.

O que significou para nós pesquisar sobre os intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras? Construir problemáticas em torno da construção e invenção das tradições letradas, heráldicas e intelectuais de Sobral? Significou, a princípio, experimentar uma documentação inédita, fazer perguntas a partir de fontes que nunca tinham sido utilizadas. Significou também, abrir um novo canteiro para o trabalho do historiador com relação a história de Sobral, a história local, que até então não havia se preocupado com as práticas discursivas nascidas no âmago das elites intelectuais que, diga-se de passagem, sempre estiveram bem localizadas nas tramas do poder burocrático, em profissões liberais, em cargos de grande visibilidade, como o de juiz, e também nas malhas da administração pública.

Quando nos debruçávamos sobre a documentação, na solidão de nossa mesa de trabalho, o nosso primeiro pensamento não foi com relação a interpretação da documentação, a sua crítica, a busca por romper a sua “casca”. O que pensávamos, em primeiro lugar, era sobre as formas como essa documentação chegou até nós. Assim, era em silêncio que ficávamos, contemplando os papéis, livros, atas, discursos, revistas, notas de jornais. O nosso primeiro gesto, nossa primeira ação foi de admiração. Isso porque os documentos relativos a Academia Sobralense de Estudos e Letras eram escassos. A Academia não guarda praticamente nada, salvo alguns livros remanescentes de sua fundação em 1943, o livro de atas datado de 1943 a 1953 que, diga-se de passagem, não pertencia ao acervo da ASEL, mas ao acervo do padre João Mendes Lira. Praticamente nenhum presidente daquela instituição, com exceção do Dr. Ribeiro Ramos, teve esse tipo de preocupação. Mesmo assim, o seu acervo, depois de sua morte, sofreu vários desfalques. A tarefa foi árdua, mas compensadora, porque apontamos, a

partir desse trabalho, outra perspectiva de entendimento para a construção da História de Sobral a partir do discurso intelectual nascido no âmago de uma Academia de letras.

Sabemos da força ambivalente da história, como sugere Certeau na citação supra citada. Sabemos do esforço que travamos para ler certa história da cidade pela ótica dos intelectuais da ASEL. Ótica também ambivalente, visto que, apesar dos intelectuais lutarem para garantir o lugar do passado no presente da Academia, o passado era uma espécie de modelo que se ressentia do futuro, ou seja, ao mesmo tempo em que se apostava que o lugar do passado era o presente, o presente ansiava pelo futuro. A enorme força depositada no passado da Vila Real e Distinta de Sobral por parte dos acadêmicos, à primeira vista nos surpreendeu. O excesso de passado, como nos apresenta Agualusa em seu romance *O vendedor de passados*, muitas vezes foi sentindo em nosso texto, assim como a repetição, a compulsão que os intelectuais alimentavam com relação a essa matéria.

Muito mais do que um lugar físico, racional, conceitual e geometrizar, Sobral e sua história são para nós um “lugar fictício”, ou seja, uma invenção da razão e do coração; a imagem da *chama*, como sugere Ítalo Calvino *Em Seis Propostas para o Próximo Milênio*, conforme convivemos e procuramos analisar constantemente um passado reinventado da cidade em que nascemos e em que vivemos, e porque experimentamos uma cidade inconstante, evanescente, ao mesmo tempo fabuladora e proliferante, uma cidade que se insurgia em nós, nos apavorava, nos seduzia, nos estilhaçava e nos refazia constantemente... A pensamos sempre no plural, de um jeito sentimental e ao mesmo tempo triste, de uma melancolia que se impregna em parte de suas ruínas, em suas ruas cinzentas e cinzeladas pelo tempo, em seus becos, vielas abarrotadas e em seu próprio centro, de ruas estreitas e cinzentas, em meio as casarões construídos no auge do Ciclo do Couro na cidade. Pensamos nessa cidade a partir de uma Academia literária, desfiando assim os fios de certo “surto intelectual”, de uma suposta tradição letrada a fazer de Sobral uma cidade das letras. A cidade de Sobral vivia na década de 40 do século passado um clima de grande euforia em face especialmente das comemorações relativas ao aniversário da cidade, ocorrido em 1941 e festejado de maneira exaltada nas páginas do jornal local *Correio da Semana* e, principalmente, nas páginas do Álbum *O Centenário* (1941), publicado especialmente na ocasião e que homenageava a cidade e pretendia ser espaço estratégico de escrita de sua história econômica, política, social e intelectual. Nesse sentido, se o conhecimento

do passado é tributário do mundo no qual existimos, como sugere Chesneaux, pensamos a fundação da Academia Sobralense de Estudos e Letras no influxo desse contexto de euforia e ufania que marcava aqueles anos. Encontramos uma cidade ciosa de seu passado, apostando em seu presente e projetando o seu futuro. Nesse sentido a ASEL foi importante, como vimos, ainda mais porque, conjugando os poderes locais da Igreja Católica, da Prefeitura Municipal, de intelectuais sobralenses, profissionais liberais, magistrados, advogados, poetas, professores, jornalistas, comerciantes e políticos, se transformaria na instância privilegiada de afirmação da história de Sobral.

O que os intelectuais procuraram construir foi a naturalização da história, ou seja, procuraram assegurar que a história era o passado, que o passado era a história. Que o passado era a memória. Ao longo deste trabalho, portanto, encontramos inúmeros discursos, textos para revistas e álbuns que procuravam alcançar a virtualidade do passado. Acreditamos que o que estava por trás dessa obsessão pelo passado, entre outros postulados, era a ideia de que o presente é que deveria durar, quando entendemos essa questão na perspectiva de Henri Bergson. Assim, o passado servia como mote para a garantia de que o presente dos acadêmicos, sua mortalidade, prestígio, durariam “para sempre”. Procuramos falar assim, de um investimento no presente daqueles intelectuais, mais do que no passado, apesar de sua força, de seu excesso que acabou por resvalar em perspectivas também para o futuro.

Quando se chega ao fim do texto (mas não da pesquisa, ou seja, das questões relativas a temática, que podem e devem ser renovadas), muitas perguntas permanecem, dúvidas ressurgem e se mostram muitas vezes impiedosas. O que fazer? Resta-nos entender que as nossas escolhas foram algumas entre algumas possíveis dezenas de outras. O “pequeno mundo intelectual” representado em Sobral pelas atividades de suas duas academias, especialmente da ASEL, mostrou-se para nós como um campo complexo e fecundo. E quando associamos os discursos intelectuais com a produção memorialística da cidade, essa em grande quantidade, ou mesmo com a vasta produção genealógica, entendíamos que estávamos diante de um profundo e complexo sentido de construção e invenção das tradições de uma cidade. Em alguns casos, parecia necessário que o acadêmico produzisse memórias para que seu lugar de intelectual da Academia estivesse justificado e garantido.

Procuramos vencer ao longo deste trabalho, aquilo que Jacques Le Goff chama de “a superstição da causa única”. Isso nos levou a analisar que as supostas origens intelectuais e heráldicas da cidade não estavam no fato dos primeiros colonizadores da Ribeira do Acaraú terem supostamente “ares de nobreza” como aponta a historiografia oficial da cidade, mas que essa origem estava de fato nos discursos intelectuais, fazendo parte de uma engenhosa construção da memória. Aqui, também podemos considerar, com Marc Bloch, “o ídolo das origens”, por isso a consideração de que “para a maioria das realidades históricas, a própria noção desse ponto inicial permanece singularmente fugaz”⁸¹⁶, o que nos fez pensar, como refletimos anteriormente com relação ao passado, sobre a virtualidade também dessa origem.

O lugar institucional que os intelectuais ocupavam no contexto da cidade que entre as décadas de 1940 até o começo da década de 1970, passou por grandes mudanças, como vimos, contraditoriamente era um lugar sem lugar (pois não tinham uma sede própria como até hoje), enquanto representava uma “ilha de letrados”, um rasgo no texto de uma cidade que era constantemente idealizada, especialmente quando essa cidade servia de moldura para as narrativas biográficas desses mesmos intelectuais.

Estamos cientes de que um caminho foi aberto para que a história da cidade de Sobral fosse contada a partir de suas duas academias literárias. Estamos cientes também de que a história nos prega peças, de que aquilo que muitas vezes planejamos como horizonte teórico e metodológico, que as problemáticas pensadas e ensaiadas, muitas vezes nos escaparam, foram substituídas por outras, que os descaminhos aconteceram, que muitas vezes as respostas não foram encontradas, que outras perguntas talvez continuem a nos desafiar, mesmo quando imaginamos que já havíamos respondido a todas...

⁸¹⁶ BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 56.

FONTES

IMPRESSAS

CAVALCANTE, Domingos Olímpio. *Luzia Homem*.

ANDRADE, Cordeiro de. *Cassacos*. Rio de Janeiro: Andersen Editores, 1934.

ANDRADE, Cordeiro de. *Brejo*. Rio de Janeiro: Athena Editora, 193.

Arquivo do Núcleo de Estudos e Documentação Histórica - NEDHIS - Universidade Estadual Vale do Acaraú - Curso de História

Fundo: Padre João Mendes Lira

Arquivo pessoal do Dr. João Ribeiro Ramos

Outros:

ATAS DA ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS - ASEL (1943-1953)

Álbum O Centenário de Sobral - 1941

Álbum do Bicentenário da Vila Real e Distinta de Sobral, 1973

Revista Betânia – órgão do Seminário São José de Sobral. Setembro de 1946

Revista do Instituto do Ceará. ANNO XL – 1926

Revista do Instituto do Ceará. 2ª parte. Anno LV – 1941

Revista do Instituto do Ceará. Anno LVII- 1943

Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza. Vol. 105, ano CV. 1991.

Revista da Academia Sobralense de Letras. Vol. 1. Anno 1. Número 1. Ceará-Sobral, 1922

BOLETIM da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Ano I, Sobral-Ce, setembro de 1944, N° 1

Revista da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Ano III. Sobral-Ce. Setembro de 1946. N. 5.

Livro da Caixa da Câmara de Vereadores de Sobral de 1876 – Nedhis – Núcleo de Estudos e Documentação Histórica

Censo Demográfico – Sobral. Recenseamento Geral do Brasil. Setembro de 1940. Série Regional – Parte VI – Ceará – Tomo 1

Panfleto por ocasião do Centenário de Nascimento de Dr. João Ribeiro Ramos em 2006

Jornais - números avulsos de:

Correio da Semana, 3 de junho de 1922

Correio da Semana, 10 de junho de 1922

Correio da Semana, 8 de outubro de 1922

Jornal Correio da Semana, 1973

Jornal Correio da Semana, 30 de abril de 1974

Correio da Semana, 19 de novembro de 1943.

Jornal Correio da Semana, de 17 de setembro de 1943

Jornal Correio da Semana, de 8 de outubro de 1947

Jornal Correio da Semana, de 1º de julho de 1947.

Jornal Correio da Semana, 20 de set. de 1940

Jornal Correio da Semana, 18 de abr. de 1941

Jornal Correio da Semana, 6 de agosto. de 1943

Jornal Correio da Semana, de 24 de jan. de 1941

O Sobralense de 4 de outubro de 1875

Jornal O Povo, Fortaleza, 1973

Jornal O Debate, 19 de fevereiro de 1931

O Debate, 19 de fevereiro de 1932.

O Debate, 26 de fevereiro de 1931.

O Sobralense, Sobral, 18 de fevereiro de 1877

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal. Memória, história e estratégia de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: LAPA/Rocco, 1996.

ACHUGAR, Hugo. *Culpas e memórias nas modernidades locais. Divagações a respeito de “O Flâneur” de Walter Benjamin*. In: MARQUES, Reinaldo. SOUZA, Eneida Maria de. (Orgs.) *Modernidades alternativas na America Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2007.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *História, a arte de inventar o passado*. Bauru-SP, 2007.

_____. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

_____. *Nos destinos de fronteira. História, espaços e identidade regional*. Recife: Edições Bagaço, 2008.

_____. *De Amadores e Desapaixonados*. In: Trajetos. Revista de História UFC. Dossiê: Intelectuais e cultura letrada. Vol. 3.Nº 6. 2005. PP. 43-66.

_____. *Discursos e pronunciamentos. A dimensão retórica da historiografia*. In: LUCA, T. R. & PINSKY, C. B. (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

ALBUQUERQUE, José Saboya de. *Em memória de seu nascimento*. 06 de agosto de 1871. Sobral: Editora Correio da Semana, 1971.

ALTAMIRO, Carlos. *Para um programa de história intelectual*. Buenos Aires: Siglo XX.

ANDRADE, Débora El –Jacik. *Escrita da história e política no século XIX: Thomas Carlyle e o culto dos heróis*. In: *História e Perspectivas*, Uberlândia (35):211-246, jul.Dez. 2006.

ANDRADE, Plácido Marinho de. *Sobral, humor e prosa*. Sobral: Edição do autor, 1995.

ARAGÃO, Paulo. *Duzentos anos de esplendor*. RAMOS, Ribeiro. (org) *Álbum do Bicentenário da Vila Distinta e Real de Sobral*. Vol. 6. Obra mimeografada. 1973.

ARAÚJO, Pe. Francisco Sadoc de. *Raízes portuguesas do Vale do Acaráu*. Sobral: Gráfica Editora Cearense, 19912007.

_____. *Origem da cultura sobralense*. Sobral: Edições UVA, 2005.

_____de. *Cronologia sobralense*. Volume V – 1911-1950. Sobral: Imprensa Universitária – UVA, 1990.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. RAMOS, João Ribeiro. *Discurso de saudação*. In: *Discursos*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.

ARFUCH, Leonor. *A Auto\Biografia como (Mal de) arquivo*. In: MARQUES, Reinaldo. SOUZA, Eneida Maria de. *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Entre a barbárie e a civilização: o lugar do sertão na literatura*. In: SOUZA, Simone de (org) *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. LIMA, Jorge Luiz Ferreira. *História, imprensa e redes de comunicação*. In: *História e Perspectivas*, Uberlândia (39): 37-57, jul.dez. 2008.

BENEDETTI, Thais Lima. BOVO, Cláudia Regina. *As vozes literárias na construção da Idade Média*. *Revista Brathair*, 2 (2), 2002.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história. Especialidades e abordagens*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1940.

BARROSO, Parsifal. *O Cearense*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1953.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 1993.

BEZERRA, Antonio. *Notas de viagem*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BIRMAN, Joel. *Arquivo e Mal de arquivo: uma leitura de Derrida sobre Freud*. *Natureza humana* 10(1):105-128, jan-jun. 2008.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BOBBIO, Norberto. *Intelectuais e vida política na Itália*. IN: BASTOS, E. R. & RÊGO, W. D. L. (Orgs.). *Intelectuais e política: a moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho d'água, 1995.

_____. *Os intelectuais e o poder. Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: UNESP, 1996.

BOMENY, Helena Maria Bousquet. COSTA, Vanda Maria Ribeiro. CHHWARTZMAN, Simon (Orgs.) *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: EDUSP/PAZ E TERRA, 1985.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação. s/d.

BORBA, Eric Lacerf Siomara. KOHAN, Walter. (Orgs.) *Imagens da Imanência. Escritos em memória de H. Bergson*. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

BORGES, Vavy Pacheco. *Grandezas e misérias da biografia*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BORRALHO, José Henrique de Paula. *Uma Atenas Equinocial. A literatura e a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro*. São Luis: Edfunc, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. AMADO, J. FERREIRA, M.M. (orgs) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2010.

BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CARDOSO, Gleudson Passos. “*Bardos da Canalha, Quaresma de Desalentos*”. *Produção literária de Trabalhadores em Fortaleza na Primeira República*. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da UFF, em 2009.

_____. *Padaria Espiritual, biscoito fino e travoso*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado, 2006.

_____. *Literatura, imprensa e política (1873-1904)*. In: NEVES, Frederico de Castro. SOUSA, Simone de. *Intelectuais*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs) *A história contada. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

CÂMARA, José Bonifácio. *Elogio a Sobral*. In: Revista da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Janeiro de 1979.

CARVALHO, José Murilo de. *História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura*. In: Topoi, Rio de Janeiro, nº 1. PP. 123-152.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2006.

CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito. Religião civil e comemoracionismo*. NUDOC-UFC. Museu do Ceará. Secult-Ce, 2005.

_____. *Ainda será a História Mestra da Vida?* In: FILHO, João Ernani Furtado & RIOS, Kênia Sousa (org) *Em tempo. História, Memória, Educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

CASTELO BRANCO, Uyguciara Veloso. *A construção do mito do “Meu Filho Doutor”*. *Fundamentos históricos do acesso ao Ensino Superior no Brasil*. Paraíba-João Pessoa: Editora da UFPB, 2005.

CARVALHO, Vilmar Antonio. *Letrados e ufanos: O Club Litterario de Palmares (1882-1910)*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, 2008.

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1999.

COSTA, Lustosa da. *Sobral, cidade das cenas fortes*. Rio-São Paulo-Fortaleza: Editora ABC, 2003.

_____. *Sobral que não esqueço*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010.

_____. *Clero, Nobreza e povo de Sobral*. Fortaleza: ABC, 1997.

_____. *Vida, paixão e morte de Etelvina Soares*. Fortaleza: Gráfica Editorial, 1997.

COSTA, Elza Marinho Lustosa da. *Sociabilidades e cultura das elites sobralenses. 1880-1930*. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado, 2011.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta. Periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.

DECCA, Edgar Salvadori de. *Tal Pai, qual filho? Narrativas da identidade nacional*. In: BRESCIANI, Maria Stella. CHIAPPINI, Ligia (org) *Literatura e cultura no Brasil. Identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2000

_____. *Conversações*. São Paulo: Editora 34. 2001

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica. Memória, identidade e representação*. Bauru.SP. EDUSC, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo. Uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DOSSE, François. *O desafio biográfico. Escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.

EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade*. Rio de Janeiro: FGV Editora/FAPESP, 1999

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009.

FARIAS, Airton. *História da sociedade cearense*. Fortaleza: Edições Ao Livro Técnico, 2004.

FREITAS, Nilson Almino de. *Sobral, Opulência e Tradição*. Sobral: Edições UVA, 2000.

_____. *Astúcias da memória*. Rio de Janeiro: Editora Torre, 2012.

FREITAS, Nilson Almino. HOLANDA, Virginia Célia Cavalcante de. JUNIOR, Martha Maria (orgs). *Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e Região em foco*. Fortaleza: Editora da UECE, 2010.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Bergson hoje: *virtualidade, corpo, memória*. In: *Imagens da Imanência. Escritos em memória de H. Bergson*. São Paulo: Atênica, 2007.

FERREIRA, Luciana de Moura. *Memória social, imaginário e representação no Álbum do Centenário de Sobral – 1941*. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, 2010.

FILHO, João Ernani Furtado. RIOS, Kenia Sousa. (Orgs) *Em tempo. História, memória, educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária -UFC, 2008.

FRENTESS, James. *Memória social: Novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Ed. Teorema, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995. P. 15.

FROTA, D. José Tupinambá da. *História de Sobral*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará - IOCE, 1995.

FROTA, Raimundo Monte. *Sobral, minha família, minha vida. Sobral: edição do autor, 1992*.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GIRÃO, Glória Giovana S. Mont'Alverne Girão. SOARES, Maria Norma Maia. *Sobral, história e vida*. Sobral: Edições UVA, 1997.

_____. *As transformações socioculturais em Sobral (1870-1920)*. 2001. Dissertação Mestrado em História apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco-Recife.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. *História Local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância*. IN: GASPARETO, A.M. MAGALHÃES, M.S. MONTEIRO, A.M. Ensino de História. Sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Editora Mauad- FAPERJ, 2007.

GOMES, José Euclides Ferreira. *Discurso de saudação na Sessão Solene da Academia Sobralense de Estudos e Letras*. In: RAMOS, João Ribeiro (org) *Álbum do Bicentenário da Vila Distinta e real de Sobral*. Sobral. Vol. 7. Obra mimeografada. 1973.

GOMES, Monsenhor Gerardo Ferreira Gomes. *Discurso*. In: José Sabóya de Albuquerque. Em memória do centenário de nascimento. Sobral: Gráfica Correio da Semana, 1971.

GOMES, Adail Ferreira. *Sem choro nem vela, muito menos fita amarela*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1984.

GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

_____. *Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso de Festa*. IN: Revista Luso-Brazilian Review, 41:1, 2004, of the University of Wisconsin System.

_____. *Nas malhas do feitiço: o Historiador e os encantos dos arquivos privados*. Estudos Históricos. 1998. 21.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Reinventando a tradição: antiquariado e escrita da história*. In: FILHO, João Ernani Furtado. RIOS, Kênia Sousa (orgs.) *Em tempo. História, memória, educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária-UFC, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HOBBSAW, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo. A construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

JUNIOR, Agenor Soares Silva e. *“Cidades sagradas”: A Igreja Católica e as transformações urbanas no Ceará (1870-1920)*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense em 2009.

JÚNIOR, José Luiz Foureaux de Souza. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo: notas acerca de um (certo) parricídio*. in: ASSIS, Angelo Adriano Faria de. PEREIRA, Mabel Salgado (Orgs.) *Religião e religiosidade. Entre a tradição e a modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2006.

LACERDA, Sonia. KIRSCHNER, Tereza Cristina. *Tradição intelectual ou espaço historiográfico ou porque dar atenção aos textos clássicos*. In: LOPES, Marcos Antonio (org). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

LAHUERTA, Milton. *Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização*. IN: COSTA, Wilma Peres da. LORENZO, Helena Carvalho de. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: UNESP, 1998.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades – Conversação com Jean Lebrun*. São Paulo: UNESP, 1988.

_____. *História e memória*. Campinas SP: Editora da Unicamp, 1996.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LINHARES, Monsenhor Fortunato Alves. *Notas históricas da cidade de Sobral. 1712-1922*. Março/1945.

LOPES, Marcos Antonio (Org.) *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Digressões acerca de um género controverso: a história intelectual entre afirmações e incertezas*. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, nº 16. PP. 213-216.

LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: AMADO, J. FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2010.

LIRA, José Luís. *Academia Sobralense e a Cadeira de nº 24*. Sobral, edição do autor, 2007.

LIRA, João Mendes. *Luzia-Homem, ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1983.

_____. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota, Primeiro Bispo de Sobral*. 1882-1982. Centenário de seu nascimento. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1982.

_____. *Nossa história*. Sobral, 1971.

_____. *Sobral na história do Ceará e a personalidade do padre Ibiapina*. Sobral-Ceará, 1976.

LORIGA, Sabina. *A biografia como problema*. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MANNHEIM Apud. BEGA, Maria Tarcisa Silva. *No centro e na periferia: a obra histórica de Rocha Pombo*. In: LOPES, Marcos Antonio. (org.) *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARTINS, F. Magalhães. *Ídolos, heróis & amigos*. In: Abdias Lima e sua irresistível vocação literária. Rio de Janeiro: Fundo Editorial AAFBB, 1982.

MARTINS, Monsenhor Vicente. *Homens e Vultos de Sobral*. 2ª Edição. Fortaleza: Edições UFC/Stylus, 1989.

_____. *Don José Tupynanbá. 1º Bispo de Sobral*. Revista do Instituto do Ceará. ANNO XL – 1926.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. São Paulo: EDUSP/Fapesp. Imprensa Oficial do Estado, 2001

MATOSO, José. *O arquivo e a construção social do passado*. In: Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1988.

MEDEIROS, E. L. *A aplicação da história*. In: Revista Betânia – órgão do Seminário São José de Sobral. Setembro de 1946.

MENEZES, Marco Antonio de. *Baudelaire: o poeta da cidade moderna*. I Seminário Arte e Cidade. Salvador, maio de 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A crise da memória, história e documento: reflexões pra um tempo de transformações*. In: SILVA, Zélia Lopes da. Arquivos, patrimônio e memória. Trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL, 1979.

_____. *A Elite Eclesiástica Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MONT'ALVERNE, José Ronaldo. *Antonio Guarany Mont'Alverne – 1912-1978 – O homem e sua época*. Fortaleza, 2012.

MONTEIRO, Evelyn Morgan. *A Revista: modernismo e identidade fluminense (1919-1923)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da PUC-Rio, 2000.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *Rachar as palavras. Ou uma história a contrapelo*. In: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXII, n. 1, Junho, 2006.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*. São Paulo: Editora 34, 2008.

NEVES, Frederico de Castro. SOUZA, Simone (orgs). *Intelectuais*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre a história*. Rio/São Paulo: PUC/Edições Loyola, 2005.

NOBRE, Geraldo. *Introdução à história do jornalismo*. Fortaleza: Imprensa Universitária Cearense, 1979.

OLIVEIRA, Almir de Leal. *Universo letrado em Fortaleza na década de 1870*. In:

OLIVEIRA, Francisco de Assis Santos de. *A Revista Phenix: "Letras que vivem no trabalho e do trabalho"*. In: FILHO, João Ernani Furtado. RIOS, Kênia Sousa. (Orgs.) *Em tempo. História, memória, educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária-UFC, 2008

OLIVEIRA, Claudia Freitas de. *As ideias científicas do século XIX no discurso do club literário*. In: NEVES, Frederico de Castro. SOUZA, Simone de. (Orgs) *Intelectuais*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002

OLIVEIRA, Raimunda Ivoney Rodrigues. *Gustavo Barroso: a tragédia sertaneja. A criação do personagem popular – 1912-1959*. Coleção Nossa Cultura. Fortaleza: Secult, 1998

PAMUK, Ohran. *O livro negro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PONTE, Sebatião Rogério. *Fortaleza belle époque*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigral Ed. Ltda. 1993.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista. Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. São Paulo/Campinas: Cortez Editora/ Editora da UNICAMP, 1990.

PARENTE, Josênio C. *A fé a razão na política. Conservadorismo e modernidade das elites cearenses*. Fortaleza/Sobral: Edições UFC/Edições UVA, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Escrita, linguagem, objetos. Leituras de história cultural*. São Paulo: EDUSC, 2004.

PINTO, Júlio Pimentel. *Lugares e memórias dos livros: Bibliotecas reais e imaginárias*. In: Projeto História, São Paulo, (26), jun. 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

POMIAN, Krzysztof. *História cultural, história dos semióforos*. IN: *As elites culturais*. IN: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editora Estampa, 1998.

POMPEU, Plínio. *Discurso*. In: *José Saboya de Albuquerque. Em memória de seu nascimento*. 06 de agosto de 1871. Sobral: Editora Correio da Semana, 1971.

PORTO, Antonio Ferreira. In: COSTA, Gizela Nunes da. (Org.) *Artigos de Antonio Ferreira Porto*. Sobral: Academia Sobralense de Estudos e Letras, 1988.

RAMA, Angel. *Cidade das Letras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

RAMOS, Regis Lopes. *Passado sedutor: a história do Ceará entre o fato e a fábula*. In: RAMOS, Ribeiro. *Sobral, Imprensa e Jornalismo. Álbum do Bicenténário da Vila Distinta e Real de Sobral*. Obra mimeografada, 1973.

_____. *O Jubileu de Ouro da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Breve comentário.* In: Revista da Academia Sobralense de Estudos e Letras. Número especial comemorativo do Cinquentenário de Fundação. 7 de Setembro (1943-1993). Nº 10. Sobral-Ce. 1994.

_____. *Sobral e sua primeira Academia.* IN: Álbum do Bi-Centenário da Vila Distinta e Real de Sobral. Obra mimeografada, 1973.

_____. *O Museu D. José.* Álbum do Bicentenário de Sobral. Sobral, s/d, 1973.

_____. *Discurso de posse.* Discursos. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.

_____. *Discurso.* In: José Sabóia de Albuquerque. Em memória do centenário de seu nascimento. 06 de agosto de 1871. Sobral: Editora Correio da Semana, 1971.

_____. *Sobral na Guerra conta o Eixo.* In: Álbum do Bicentenário da Vila Distinta e real de Sobral. Obra mimeografada, 1973.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita.* Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos. Histórias da cidade do Recife na década de vinte.* Recife. Secretaria da Cultura-FUNDARPE, 1997.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento.* Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Sousa. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913).* Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

ROLAND, Ana Maria. *Fronteiras da palavra. Fronteiras da história*. Brasília. DF.: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

RÜSEN, Jörn. *Pode se melhorar o ontem? Sobre a transformação do passado em história*. In: SALOMON, Marlon (org.) *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

SÁNCHEZ, Ivette. *Coleccionismo y literatura*. APUD MARQUES, Reinaldo. SOUZA, Eneida Maria de. (Orgs.) *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo. Globalização e meio técnico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “*Rememoração*”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002.

_____. *Fragmentos da história intelectual. Entre questionamentos e perspectivas*. São Paulo: Papyrus, 2002.

SILVA, Silvia Cortez. *Tempos de Casa-Grande (1930-1940)*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Sobre as (f)utilidades de uma história oficial*. In: FILHO, João Ernani Furtado & RIOS, Kênia Sousa (org) *Em tempo. História, memória, educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária-UFC, 2008.

SILVA, José Borzacchiello da. *A cidade contemporânea no Ceará*. In: SOUZA, Simone. (Org). Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002.

SILVA, Marcus. *Tradição acadêmica no Brasil e formação do homo academicus: o caso da Academia Brasileira de Letras*. In: Estudos Ibero-Americanos. Versão impressa. PUUC-RS, v. XXXIV, n. 2, p. 188-203, dezembro 2008.

SIRINELLI, Jean-François. *As elites culturais*. IN: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. Para uma história cultural. Lisboa: Editora Estampa, 1998.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

STUDART, Dr. Guilherme. *Notas para a História do Ceará* (segunda metade do século XVIII). Lisboa: TYPOGRAPHIA DO “RECREIO”, 1892.

SOUZA, Maria Salete de. *Uma análise da estrutura urbana*. Fortaleza, 3º Encontro Nacional de Geógrafos – AGB. 1978.

VELLOSO, Mônica Pimentel. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Fundação Getúlio Vargas-CPDOC. Rio de Janeiro, 1987.

VEYNE Paul. *Como se escreve a história e Foucault revolucionou a história*. Brasília: Editora UNB, 1982.

VIEIRA, Walfrido Teixeira. *Duzentos Anos...* In: Album do Bi-Centenário da Vila Distinta e Real de Sobral. Obra mimeografada, 1973.